J. MARQUESI

J. Marquesi

Sinopse

Uma família separada pelo ódio...

Criado pelo avô, renegado pelo pai, odiado pelos irmãos, Theodoros Karamanlis recebeu o cargo de CEO da empresa da família. Sua principal meta é provar a todos que é mais competente do que o homem que sempre o renegou, seu pai. Para isso acontecer, falta apenas comprar o imóvel onde funciona um pequeno pub na Vila Madalena e assim fechar uma conta aberta há mais de dez anos.

Uma família mantida pelas lembranças...

Maria Eduarda Hill sempre teve o sonho de ser uma renomada chef de cozinha, mas, por circunstâncias do destino, acabou assumindo o antigo boteco de seu pai na Vila Madalena. Ela trabalha duro para manter o negócio e preservar a memória de sua família e luta bravamente contra o assédio de uma empresa

que quer comprar e demolir o lugar.

Uma noite, um bar, e uma química explosiva...

Depois de cair em uma armadilha e conhecer a irritante cozinheira que o impede de fechar o maior negócio de sua empresa, Theo se vê dividido entre essa forte atração, conquistar o que seu pai não foi capaz e uma promessa feita ao avô. Por mais que resista, o grego não consegue ficar longe de Maria Eduarda, então começa uma implacável sedução para tê-la em sua cama.

Theo e Duda têm tudo para se odiarem. No entanto, mal sabem eles que a paixão não se conduz pelo óbvio!

A todas as Jujubas do meu potinho cheio de amor!

PRÓLOGO

Theo

— Parabéns, doutor Karamanlis! — Rômulo, meu assistente, soa exultante ao me cumprimentar. — Falta pouco agora para o senhor conseguir fechar essa conta! — Olha sua agenda. — O senhor tem uma reunião com o doutor Villazza daqui a...

Não dou muita atenção à falação dele, muito menos aos elogios animados. Sei bem que, embora tenha dado um passo gigante, ainda não conquistei minha vitória, não enquanto não tiver cumprido todas as metas que tracei para minha gestão à frente do negócio da família.

Olho para a parede esquerda do meu escritório, diretamente para o mapa emoldurado cujo círculo abrange a única propriedade que falta ser comprada para termos a total posse do quarteirão que mais tem se valorizado na área da Vila Madalena.

Foi exatamente por causa dessa bendita área que meu pai, o poderoso Nikolaous Karamanlis, perdeu seu reinado por aqui e foi substituído por seu

renegado filho mais velho. Tenho consciência de que Rômulo tem razão quando me parabeniza pelo trabalho à frente da empresa. Millos, meu primo, e eu temos feito uma gestão muito produtiva, mas ainda não consigo estar satisfeito, não enquanto não conseguir comprar o último pedaço de terra daquele lugar.

Millos tem tentado me convencer a não me cobrar tanto sobre essa questão, afinal nem temos um cliente para instalar nessa área, perdido há muito tempo, quando meu pai prometeu o lugar e não conseguiu cumprir a promessa. O que ele não entende é que há muito tempo isso deixou de ser apenas um negócio, é uma questão de honra conseguir aquilo que meu progenitor não alcançou.

Balanço a cabeça ao pensar no meu pai e na nossa conturbada convivência. Não, não é hora de pensar em todas as merdas que aconteceram na nossa família!

Levanto-me e sirvo uma dose do meu puro malte favorito para relaxar um pouco, querendo já estar em casa.

Casa... Essa palavra me faz pensar em meu país, a Grécia e me desperta outra lembrança dolorosa: meu avô e a promessa que fiz a ele. Geórgios Karamanlis está prestes a completar 90 anos, mas, como diz o ditado por aí, vaso ruim não quebra facilmente. O homem que me criou, que me ensinou tudo sobre os negócios agora exige de mim uma família.

Uma família! Rio debochado a esse pensamento, a essa palavra tão sem sentido na minha vida e na dos meus irmãos. Família não significa nada mais do que pessoas que compartilham a mesma linhagem, pois os Karamanlis não são conhecidos por laços além dos de sangue. Somos todos fodidos de alguma forma, cada um com suas merdas para carregar, seus fantasmas e esqueletos no armário.

Somos ótimos trabalhando juntos, mas é só.

Não sei da vida particular de nenhum dos meus irmãos mais do que sei da de qualquer outro funcionário da empresa. Muito menos me importo com isso! Todos são adultos e, se querem continuar agindo como crianças chorosas e traumatizadas, o problema não é meu.

Rômulo volta à minha sala cheio de pastas com arquivos e me avisa que o carro já me aguarda para me levar até o Villazza SP, onde, além de conversar com Frank, vou aproveitar para almoçar no Vincenzo com ele como companhia, pois detesto comer sozinho.

Enquanto meu assistente se instala à sua mesa, passo na antessala e me despeço da Luíza, secretária da diretoria, deixando meu celular corporativo para trás, pois não quero ser incomodado na hora do meu almoço.

— Estou indo para a reunião com o CEO da rede Villazza; qualquer assunto, anote o recado. — Aponto para o celular. — Volto daqui umas duas ou

três horas, pois vou almoçar por lá.

— Certo, doutor Karamanlis.

Despeço-me dela e sigo para a garagem subterrânea do prédio onde fica a nossa empresa, fundada no Brasil há décadas, instalada bem no coração da cidade de São Paulo, a Avenida Paulista. Tenho orgulho de ser o diretor executivo daqui; orgulho do nome e do respeito que conquistamos ao longo dos anos.

O setor imobiliário no Brasil passa por algumas crises, como acontece também no mundo inteiro, mas não para de avançar. Há sempre pessoas querendo moradia, empresas atrás de locais para seus negócios, então nós nunca ficamos sem fechar bons acordos rentáveis.

Meus pensamentos são levados para os Yannes, uma rede de resorts de aventura que tem unidades instaladas nos locais mais incríveis do mundo. Essa tem sido uma conta difícil, por causa de todos os entraves legais desse tipo de empreendimento, mas que, pelas últimas notícias que tive, isso irá ser solucionado em breve.

Sorrio largo ao pensar na Malu Ruschel, uma das minhas melhores gerentes e, com certeza, futura diretora da Karamanlis. A mulher é uma máquina de trabalhar, tanto que tive que a obrigar a tirar férias, mas a danada até descansando é atenta e descobriu o local que tanto procurávamos para o resort.

Malu, além de competente, é linda demais! Confesso que sempre tive uma enorme curiosidade de saber como é ter toda aquela tensão, toda aquela organização e meticulosidade debaixo do meu corpo, gemendo de prazer. Balanço a cabeça, afastando esse pensamento.

Mesmo me sentindo muito atraído por ela, nunca iria tentar qualquer coisa. Não por medo ou insegurança, pois acho que nos daríamos muito bem na cama, pois ela aparenta ser uma mulher segura de si, madura e que sabe separar o prazer do coração. *Definitivamente, Malu não é daquelas que se apaixonam!*

O que me impede de buscar um entendimento íntimo com ela é puramente ético. Eu não como funcionárias; por mais tesão e vontade, não faço isso. Ao contrário do meu irmão, Kostas, eu as enxergo como iguais e detestaria ter algum machista questionando a capacidade de uma delas apenas por estar trepando com o chefe. E, infelizmente, isso acontece muito nas empresas por aí. Quando um homem recebe uma promoção, é porque mereceu, mas, se é a mulher quem recebe, não foi por merecimento, mas porque ela tem uma boceta! É simplesmente ridículo e, por isso mesmo, prefiro não me envolver. Se há algum diretor ou gerente fazendo isso, é pelas minhas costas – porque todos sabem que não aprovo – e é discreto demais, pois isso não chegou aos meus ouvidos.

A regra geral na empresa é: evitem relacionamentos dentro do ambiente de trabalho, porque isso só causa problemas. Agora, se isso acontecer e as duas partes concordarem, acabarem se acertando, eu não as demito ou proíbo. Não sou babá de marmanjo! Há casais na Karamanlis, a maioria formada lá dentro mesmo. Eu seria hipócrita se fingisse que não há. Não me sinto à vontade para manter um caso com qualquer uma das minhas funcionárias, mas não sou arbitrário a ponto de, se acontecer com outros, demitir um ou mesmo os dois envolvidos.

Minha consciência diz que isso é só mais um dos traumas que carrego, mas a ignoro, mandando-a se foder.

Chego ao Villazza e sou recepcionado rapidamente pela assistente do Frank, Alice.

— Bom dia, doutor Karamanlis. Desculpa tê-lo feito vir para o hotel, mas é que estamos com uma pequena reforma na sala da diretoria no prédio administrativo, então viemos para cá.

— Sem problema, Alice! — Sorrio. — Eu vou aproveitar para almoçar com o carcamano no Vincenzo.

Ela faz careta.

— O senhor Villazza tem outra reunião na hora do almoço e vai sair daqui direto para ela.

Dou de ombros, resignado.

A parte administrativa do Villazza SP fica toda no térreo, mas Frank optou por usar uma das suítes preparadas como *home offices*, duplex com um escritório completo embaixo e quarto no mezanino.

— Espero que não esteja usando este lugar apenas como desculpa para comer fora do casamento... — falo assim que o vejo, concentrado em sua mesa. — Se Isabella te largar, juro que me caso com ela.

— *Dovrai prima uccidermi, maledetto!*[1]

— Não me tente, Frank Villazza! — Aperto sua mão. — Estou sendo pressionado.

O carcamano ri à minha custa.

— Seu *pappoús*[2] ainda está querendo vê-lo casado? — Faço careta e assinto. — Você deveria levá-lo em consideração.

— É incrível como Isabella te domou! — Cruzo os braços e me sento em uma confortável poltrona. — Eu ainda me lembro de seus discursos anticasamento. — Rio. — Lembra como você se apresentou a mim naquele bar?

Frank sorri, embalado pelas lembranças de um tempo em que ainda ostentava o título de playboy. Nós dois aprontamos muitas coisas juntos, principalmente na época de Harvard, onde nos conhecemos. Promovemos

algumas orgias, dividimos a mesma parceira, fumávamos baseados juntos e frequentávamos clubes de sadomasoquismo.

Nossa última aventura foi meses antes de ele conhecer sua esposa. Frank estava de férias na Itália, e, assim que eu soube que ele estava em Roma, chamei-o para me visitar em Atenas. Naquela semana em que ficou hospedado no meu apartamento, ele tentou de todas as formas me convencer a participar de um congresso na Suíça que ocorreria meses depois, mas para o qual era preciso garantir vaga. Nossos outros companheiros de Harvard já haviam feito reserva, mas eu declinei do convite, pois já estava me preparando para ir morar no Brasil e assumir a Karamanlis.

Viajamos de iate pelas ilhas naquela semana e, numa das mais belas do mar Jônico, fomos a uma boate muito louca, bebemos todas, e eu tive a trepada mais memorável da minha história.

Eu ainda me lembro dela! Era linda, corpo sarado, com uma barriga plana e de cintura fina de fora. Usava uma blusinha curta e minissaia de couro. Nos pés, botas altas, salto agulha, destacando suas pernas deliciosas. A mulher era um espetáculo para os olhos e me atraiu como ninguém.

Os cabelos, longos e pintados de rosa, balançavam ao ritmo da música. Ela estava acompanhada com mais cinco amigas, todas bem bonitas, sendo que duas delas desapareceram com Frank ao final da noite.

— *Cazzo!* — Frank xingava excitado ao vê-las dançando e nos oferecendo brindes com seus copos. — São muito novinhas!

— Foda-se! — eu disse sem conseguir tirar os olhos da mulher de cabelos rosa. Eu esperava apenas um movimento dela, apenas um sinal de que estava disposta, e, quando ele veio, olhei para meu amigo com um sorriso vitorioso. — A do cabelo rosa é minha!

Fomos até o grupo, dividimos suas bebidas – elas estavam bem abastecidas —, e, mesmo sem nenhuma apresentação, comecei a dançar com a beldade de cabelos coloridos. Frank ainda me dizia que eram garotas muito novas, ressaltando que deviam ter a idade de sua irmã caçula. Ele estava sempre tentando não trepar com moças jovens e inexperientes, mesmo que já tivesse sido surpreendido algumas vezes por elas, mas sempre acabava cedendo, como de fato ocorreu.

O dia estava amanhecendo quando duas se penduraram nele ao mesmo tempo, e o filho da puta parecia o rei do prazer. As duas se esfregavam nele, que as fazia tocarem uma à outra também, divertindo-se como um sultão. Sinceramente não senti nenhuma inveja; a mulher que estava comigo me deixava louco com sua dança, com nossos amassos e seus beijos etílicos. Eu queria sair dali, levá-la para algum hotel e passar o resto do dia a fodendo em desespero.

Ela dançava como se o mundo lhe pertencesse, movimentando seu corpo ao som das melodias, os músculos pulsando a cada batida, olhos brilhantes em minha direção e um sorriso safado no rosto. Tudo o que eu podia fazer além de tentar não enlouquecer de tesão era acompanhá-la, resvalar em sua pele acetinada quando colidíamos um no outro durante a dança e sentir nesse pequeno contato como se a mais viciante droga estivesse entrando em meu sistema.

— Preciso ir ao banheiro. — Parou, rindo, e apontou para um corredor do outro lado da pista. — Devo estar toda borrada e despenteada...

— Besteira! — respondi.

Seu inglês perfeito tinha um leve sotaque, mas, como as suas companheiras falavam em francês entre si, presumi que fosse por causa disso. A boate já estava vazia. Acompanhei-a até a porta do banheiro feminino e fiquei esperando do lado de fora.

Quer dizer, a intenção era essa!

Fui tomado de assalto quando ela apareceu e, sem dizer nada, simplesmente me arrastou para dentro do banheiro. O pequeno cômodo com várias repartições, espelhos e pias estava vazio. Excitado como um touro, não titubeei ao levá-la até um dos cubículos com vasos sanitários.

Esmaguei-a contra a parede de mármore, levantando-a no colo com suas pernas encaixadas nos meus quadris. Eu conseguia sentir a maciez de suas coxas, e ela, pelo jeito que gemia, sentia meu pau duro contra sua boceta ainda protegida pela calcinha. Estávamos bêbados demais para pensar, excitados demais para esperar, só queríamos provar o corpo um do outro e gozar juntos o prazer que tinha sido anunciado a noite toda.

Os gemidos dela me enlouqueciam. Eu sentia minha calça ficando úmida e, quando toquei sua calcinha, rosnei como um cão ao descobri-la completamente encharcada. Eu queria chupar aquela mulher, ouvi-la gritar de prazer, provar seu sabor até estar ainda mais bêbado e inebriado por ela.

Porém, ela tinha pressa!

Gargalhando como quem está numa grande aventura, abriu o botão da minha bermuda e puxou meu pau para fora da cueca, agarrando-o com força, fazendo-o doer, arrancando-me um gemido de antecipação. Ela se sentou no vaso e o engoliu com sua boca pintada de vermelho.

Fechei os olhos e deixei que ela fizesse o que quisesse, usasse sua língua, lábios e dentes. A sensação daquela boca quente e molhada sugando meu pau ainda mexe comigo, mesmo sendo apenas uma lembrança. E não é à toa, afinal quase gozei em sua garganta quando ela mordeu meu pau, encarando-me perversamente.

Puxei-a até a colocar de pé, virei-a de costas para mim, busquei uma

camisinha no bolso de trás da bermuda embolada no chão e invadi sua boceta apertada, socando com força, levantando-a a cada vez que estocava, vendo seu rabo redondo e empinadinho se abrindo contra meus quadris.

Foi uma loucura sem tamanho, dentro de um banheiro público, numa boate praticamente vazia, ao nascer do dia, depois de passar a noite inteira dançando com ela.

— Goza para mim, safada! — eu dizia em seu ouvido, gemendo, mordiscando o lóbulo de sua orelha. — Goza sem se importar se estão ouvindo ou não! Foda-se!

Levei uma de minhas mãos para o meio de suas coxas, achei seu clitóris – o acesso facilitado por causa da depilação total que ela adotava – e o massageei até que ela se contorcesse.

— Grita! — ordenei, e ela obedeceu. — Porra, gostosa, encharca meu pau!

Não aguentei muito mais e tive que dar murros contra a parede de mármore do cubículo, tamanha a intensidade do prazer que senti.

Puxei meu pau de dentro dela, encarando-a completamente embevecido com sua beleza, com seu jeito safado, sorriso malicioso e olhos brilhantes. Joguei a camisinha no lixo e a puxei para fora daquele banheiro, pensando em levá-la para uma volta no iate.

— Ei! — uma das amigas, das que não tinham acompanhado Frank mais cedo, chamou-a. — Temos que resgatar a Allly e a Èlene, senão vamos perder o voo!

— Voo? — inquiri assustado.

— Temos que voltar para Paris — ela disse.

— Agora? — Ela assentiu. — Não!

A gostosa que acabara de gozar no meu pau e me dera um orgasmo fenomenal se aproximou, depositou um selinho na minha boca e se afastou.

— Foi uma noite deliciosa!

Bufei, resignado, não satisfeito, porque ainda queria comer mais aquela mulher, experimentar todo o seu corpo jovem, pele macia, músculos duros e tenros. No entanto... tinha valido a trepada no banheiro. Eu não ia sair correndo atrás dela implorando por mais.

— Boa viagem! — despedi-me.

Ela apenas piscou, sua maquiagem pesada, cílios longos e pintados da mesma cor que os cabelos. Desapareceu para sempre, sem nem mesmo me dizer como se chamava.

— Ei, *stronzo*, para de sonhar! — Frank ri, e eu volto a prestar atenção ao que ele fala. — A área que eu quero não é muito grande, apenas o suficiente para...

— Do que você está falando?

— *Porca miseria*, Theo! A casa de praia que quero construir para minha família, *cazzo!* O motivo pelo qual te chamei aqui! Está com a cabeça onde, porra?!

— A do meu pau? Enfiada naquela garota dos cabelos rosa naquela boate. Mal lembro do rosto dela, mas as sensações...

— *Coglione!* Está precisando de uma mulher pra foder, porra?!

— Não! — Lembro-me da que deixei essa manhã na cama. — Foi só uma lembrança. — Aprumo-me. — Vamos falar de negócios!

01

Theo

São Paulo, meses depois.

— A mulher anda irredutível! — Millos conversa comigo enquanto tomamos café. — Há anos tenho ido pessoalmente tentar negociar a compra, mas ela se recusa e tem conseguido manter suas contas em dia.

Desvio meus olhos do computador.

— Ela já sabe que temos a promissória?

— Não, simplesmente me expulsou de lá a pontapés quando fui tentar negociar! — Ri. — Você sabe que eu não curto uma mandona, mas ela me deixou levemente excitado.

— Porra, Millos, não fode o assunto! — Meu primo ri e deixa sua xícara vazia sobre o pires. — Já temos a dívida do pai dela; o que estamos esperando para executá-la? Isso a deixará sem alternativa a não ser vender o maldito bar para quitá-la!

— Theo, é uma promissória assinada há quase dez anos! Vamos ter que

cobrar e...

— É para isso que aquele desgraçado do Kostas está aqui! — grito sem paciência. — Eu não aguento mais esses irlandeses no meu caminho!

— Ela é brasileira, Theo, o pai é que era...

— Foda-se! — Bato na mesa. — Tenho um diretor que não queria ter porque a porra da Malu Ruschel desertou para ficar embrenhada no mato com um peão e, ainda assim, não consigo fechar essa maldita conta!

— Ele conseguiu comprar a dívida do agiota e...

— Você está se escutando?! — Passo as mãos pelos cabelos. — Um diretor nosso negociou – sabe-se lá como – com um agiota! Esse mesmo cara está por aí, lidando com nosso dinheiro, comprando e vendendo imóveis em nosso nome! Não confio uma vírgula nele!

Millos se levanta e desenrola as mangas da camisa para esconder suas tatuagens. Eu não entendo por que ele cisma em manter essa pose conservadora aqui dentro da empresa, mas, como bem sei, cada um dos Karamanlis é fodido de algum jeito. Apesar da barba cheia e grande e do brinco que nunca tira, ele anda pelos corredores vestido de terno e gravata, sapatos de couro e uma pose de empresário burguês que só convence quem não o conhece.

— Eu preciso daquele quarteirão, Millos!

— Nós nem temos um cliente para ele...

— Foda-se! Quero a merda do quarteirão! — Ele concorda. — Vire-se para conseguir!

— Vou conversar com Kostas sobre a execução da promissória.

— Faça isso! Meu irmão pode ser um babaca filho da puta, mas é bom no que faz.

— Engraçado é que ele diz o mesmo de você!

O taciturno, mas incrivelmente inteligente grego sai da sala sacudindo a cabeça, sem entender como é que conseguimos trabalhar juntos sem nos matar. A verdade é que trabalhamos muito bem! Temos todos os mesmos propósitos, deixar nosso nome marcado na história desta empresa.

Nenhum Karamanlis da minha geração saiu ileso à maldição familiar. Todos temos fantasmas e esqueletos escondidos em nossos armários, traumas da infância, da adolescência ou apenas somos fodidos de nascimento. A amizade que tenho com Millos é algo que fugiu à regra, pois nutrimos sentimentos verdadeiros entre nós que vão além dos laços sanguíneos que nos unem.

O restante... bem, eu não conheço o restante o suficiente para julgar ou sentir qualquer coisa por eles. Nós nos suportamos por causa da empresa, do dever para com nosso nome e, claro, do respeito ao *pappoús*.

Kostas, alguns anos mais novo que eu, é um advogado competente, também

um babaca arrogante que fala com qualquer pessoa se achando o rei de todo conhecimento e inteligência. Por vezes tenho que lidar com as merdas dele aqui dentro da empresa, principalmente quando sua falta de tato extrapola os limites de sua diretoria e acaba afetando outras.

Alex, um dos caçulas, é engenheiro, criativo, tem bons relacionamentos com todos na empresa, menos com a própria família. É o único que não faz nenhuma questão de agradar qualquer que seja dos Karamanlis, chegando por vezes até a renegar o nome em alguns trabalhos, quando assina apenas o sobrenome de sua mãe.

Kyra, a única menina e a mais nova de todos os filhos de Nikkós, é a única que não tem qualquer relação com os negócios da família. Montou sua empresa, não usou nossa grana, não tem qualquer contato – a não ser quando contratamos seus serviços em eventos – conosco. Suspiro ao pensar nela, principalmente porque ela não dirige a palavra a mim há mais de duas décadas.

O ponto de equilíbrio, o conciliador, a nossa Suíça, para explicar melhor, é o Millos. Meu primo tem relacionamento com todos os irmãos, escuta e aconselha a todos e, ainda assim, consegue permanecer neutro dentro da confusão que é essa família nada ortodoxa. Todos o conhecem por sua serenidade, sensatez e capacidade de pensar com racionalidade mesmo em meio ao caos. No entanto, eu sei a verdade! Por baixo de toda a placidez aparente, Millos esconde um lado seu que chega a me arrepiar os pelos.

A verdade é que nem mesmo o Karamanlis mais sensato é são!

Ando pelo escritório, noto cada detalhe da decoração, trazendo à mente o significado e o momento em que cada peça aqui disposta foi comprada. Algumas delas são remanescentes de um relacionamento que tive há alguns anos com uma decoradora de interiores; entre uma foda e outra, avaliávamos os objetos juntos e os comprávamos. Poucas aqui vieram de casa, na Grécia: uma deusa Atena esculpida em Carrara, um relicário da minha avó e um tinteiro do vovô.

Um fato sobre mim que me deixa orgulhoso é que sempre gostei de arte. Mesmo não tendo nenhum tipo de aptidão para pintura e escultura, gosto de apreciá-las, de viver cercado pelo belo, diferente e único. É claro que valorizo muito os clássicos, as obras e artistas já consolidados, mas meu faro empresarial também sabe reconhecer um iniciante com potencial, por isso tenho muitos investimentos na área.

Para estar por dentro de tudo o que acontece, preciso viver constantemente ligado a esse mundo, e isso, no momento, tem gerado alguns problemas. Fora compromissos e reuniões de trabalho, meu lazer é praticamente frequentar exposições, vernissages, festivais e até concursos. Por conta disso, só tenho me envolvido com mulheres do meio – o que para mim é maravilhoso, afinal, além

do sexo, tenho o plus da conversa –, e a maioria delas não se encaixa no perfil da futura senhora Theodoros Karamanlis.

Pode parecer machismo, talvez seja, mas vocês hão de convir que, por mim, *nunca* haveria uma senhora Theo Karamanlis. Contudo, não posso deixar de atender a um pedido do meu avô. Imagina se o velho Geórgios, ateniense tradicional, aceitaria ver o neto mais velho se casando com uma artista alternativa, cheirando a incenso e tintas?

Esse é um dos motivos pelo qual comecei a frequentar as galerias mais chiques e tradicionais, com o pessoal da alta-roda paulistana e deixei de lado esse meu lado *indie* de aquarelas e carvão. Não entendam mal, não desgosto de estar nesse meio mais rebuscado, claro que não, arte é arte, e eu a aprecio de qualquer forma, mas é fato que as mulheres são bem diferentes. As descoladas são sempre mais divertidas.

Já que tenho que me casar, não quero um mero compromisso de conveniência. Por isso estou procurando, conhecendo, abrindo-me a encontrar uma pessoa com a qual eu me veja acordando de manhã e me deitando ao lado à noite. Se a encontrei? Não! Mais uma vez peço a vocês que não me entendam de forma errada. Eu não procuro por amor, essa porra já provou a mim que só serve para deixar o homem idiota e burro, então nem está sendo considerada. O que eu preciso é de uma parceira, uma mulher que eu consiga ver ao meu lado como amiga, além de ser a mãe dos meus filhos. Esse é o problema! Eu não as vejo assim, pelo menos nenhuma que tenha conhecido até agora.

Confiro as horas no Omega que uso no pulso esquerdo e balanço a cabeça. O tempo não para! Vovô não está ficando mais novo; eu não estou ficando mais jovem, e as chances de eu confiar o suficiente em uma mulher a ponto de pedi-la em casamento e gerar uma criança são quase nulas!

— Doutor Karamanlis? — Rômulo me chama, interrompendo meus pensamentos preocupados. — A reunião sobre o terreno para a rede de shoppings começa em 10 minutos...

— Obrigado, estarei lá. — Caminho até minha mesa para pegar umas anotações. — A equipe da senhorita Reinol já está posicionada?

Meu assistente apenas assente, ainda parado à porta, um tanto tenso, mais do que o normal.

— Algum problema? — inquiro diretamente, esperando a reposta positiva, pois é óbvia.

— Eu não me sinto à vontade para contar isso, mas...

— Pare de dar voltas e diga de uma vez! — A impaciência toma conta de mim, e de novo questiono minha sanidade ao manter o Rômulo como meu assistente. Ele é competente, sim! Organizado? Muito! Entretanto, tem umas

manias que me tiram do sério, e, infelizmente, a falta de objetividade é uma delas. — Rômulo!

Ele pula assustado com o tom da minha voz e fecha os olhos, torcendo as mãos. *Dá-me paciência!*

— Aconteceu uma pequena desavença há pouco lá na sala de reuniões e... — bufo, arrependido, pois odeio fofoca — a Kika abandonou a apresentação e disse que o Leonardo é quem vai falar com o cliente.

Arregalo os olhos, surpreso.

Wilka Reinol, a Wilka a quem ele se referiu, é nossa gerente de *hunter*, ou seja, é a responsável pela equipe que pesquisa os imóveis de acordo com a necessidade dos clientes. Assim que a Malu Ruschel nos deixou para bancar Maria Chiquinha no meio do mato, foi natural que Kika assumisse a gerência, pois se mostrou pronta para a responsabilidade durante o período de férias da antiga gerente. Ela é um pouco mais solta que a Malu – que era um tanto obcecada pelo trabalho –, mas tão responsável e obstinada quanto a outra.

Kika, sob meu ponto de vista, tem tudo o que a Malu tinha e mais a humanidade necessária para o serviço. Ela sabe liderar a equipe, é carismática, todos os funcionários do prédio a conhecem, gostam dela e fazem de tudo para ajudá-la. Alex, meu irmão, brinca que, se a presidência da Karamanlis fosse por voto popular, ela ganharia fácil, e é bem provável.

Por isso mesmo, saber que alguém conseguiu irritá-la a ponto de fazer com que ela abandone uma apresentação na qual se empenhou... Respiro fundo, já sabendo o que aconteceu.

— Kostas?

Rômulo parece que vai desmaiar.

— É... Ele estava conversando com ela antes de... — Faz um gesto nervoso com as mãos. — Eu não sei o que houve, mas o pessoal ficou todo tenso e pediu para eu vir buscá-lo.

Não! De novo, não!

Há alguns meses, eu tive que apartar uma briga feia dos dois, quando Kostas decidiu interferir no trabalho da Malu no afã de fechar a conta do Grupo Yannes. A ex-gerente ainda estava no Pantanal, e Kika era quem gerenciava em seu lugar, e a pequena morena colocou o dedo bem no meio da cara do meu irmão, de mais de 1,90m, sem titubear nenhuma só vez.

Secretamente eu torci por ela, querendo vê-la dando uns bons tapas naquela cara anglo-grega e deixando o nariz dele, já quebrado sabe Deus lá como, ainda mais torto. Nunca tive tanta vontade de incitar a guerra, mas me lembrei do motivo para o qual tinha sido chamado e tentei conciliar os dois.

Kika, ainda bufando, mandou-nos à merda e saiu da sala batendo a porta.

Kostas ria, mas eu pude perceber que havia um brilho de admiração nos olhos dele. Nós não estávamos – e nem estamos – acostumados a defender alguém com unhas e dentes como ela fez com a Malu. Foi realmente admirável e providencial, porque logo depois tudo se revolveu, e o próprio Kostas admitiu que as duas estavam certas ao não apresentarem a fazenda pantaneira ao cliente.

Depois desse episódio, no entanto, os dois passaram a se evitar, e a paz voltou a reinar na Karamanlis, o que me faz voltar a pensar no que aconteceu dessa vez para que a trégua tenha tido fim.

— Você vai atrás da Kika. — Rômulo fica branco. — Vou ter uma palavrinha com o meu irmão.

— Mas ela... — o assistente tenta argumentar, tremendo de medo.

— Coragem, Rômulo! — Passo por ele, segurando o riso por vê-lo apavorado por ter de falar com a Kika. — Ela não vai te arrancar pedaços... — Sorrio para ele. — Pelo menos, não muito grandes!

Escuto-o gemer e não resisto mais. Gargalho.

02

Theo

Andar pela Karamanlis sempre foi algo complicado. Não por causa das dimensões do prédio, que também não é pequeno, mas porque sempre cruzo com um ou mais gerentes ou diretores, e eles sempre têm algo a comentar comigo. *Sempre!*

A empresa ocupa do décimo ao vigésimo andar do enorme prédio comercial na Paulista. Os andares inferiores estão divididos para duas subsidiárias: a K-Eng, empresa que concentra todos os serviços de engenharia – em seus vários nichos – e que é dirigida pelo meu irmão caçula; e a K-Decor, empresa de arquitetura e design de interiores, também sob o comando do Alex, mas com acompanhamento do Millos.

Somos uma holding, atendemos o Brasil inteiro não só na compra e venda de imóveis, como também no gerenciamento, na construção desde o projeto, planejamento, decoração e design. Nossa cartela de clientes é formada, em sua esmagadora maioria, por empresas, mas às vezes temos alguns prédios

residenciais sendo atendidos de alguma forma pela Karamanlis.

Nossa estrutura é completa, temos, para exemplificar, um andar inteiro dedicado ao pessoal de TI, que coordena todas as nossas redes, tão necessário para o pessoal que trabalha com georreferenciamento de imagens, satélite e sobreposição de manchas para marcarmos as propriedades. Temos utilizado muito essas ferramentas para regularização de fazendas, áreas enormes para as quais, se o serviço fosse feito em campo, levaríamos o triplo do tempo e gastaríamos o dobro de funcionários.

A divisão jurídica, comandada pelo Kostas, ocupa quase um andar inteiro, deixando apenas três salas para a gerência de hunter, que eu não sei por que ainda mantenho lá, mas que nunca me incomodou tanto quanto agora.

Definitivamente, os hunters precisam sair do andar antes que a Kika e o Kostas se matem!

Abro a porta que dá acesso ao enorme salão onde ficam os advogados, cada um trabalhando atentamente à sua mesa ao estilo baia, e sigo para a sala toda de vidro ao fundo.

Kostas me vê antes mesmo que eu bata à porta e faz sinal para que eu entre.

— Seu assistente já fofocou com você. — Ele ri, deixando seu charuto de lado.

Olho carrancudo para o fumo, algo que ele sabe que eu desaprovo dentro do local de trabalho, mas que ele sempre alega que é só para relaxar, coisa de seu sangue inglês. *Porco arrogante!*

— Rômulo já me *informou* da situação que ocorreu — corrijo-o. Sim, eu acho meu assistente fofoqueiro, mas só quem pode falar essa porra sou eu, por isso, defendo-o. — Eu pensei que já houvesse se estabelecido um tipo de trégua entre vocês aqui na *Faixa de Gaza*.

Kostas dá uma risada escrota quando eu falo do apelido do andar.

— Aquela mulher é muito petulante! — Dá de ombros. — Se eu fosse o CEO dessa “bagaça”, já teria mostrado a ela a porta da rua.

— Ainda bem que você não é! — corto-o. — Eu não demito funcionários porque eles falam umas verdades a um bundão como você. Kika é extremamente competente, e eu não tenho motivo algum para me desfazer dela.

— O bundão aqui é você! Ela enche meu saco, *feministazinha do sovaco cabeludo*, e ainda tem a coragem de querer ditar regras!

Balanço a cabeça, perdendo a paciência.

— *Você* enche meu saco, e, se eu pudesse, te colocaria para fora daqui agora mesmo...

— Só que você não pode! — Ri, arrogante, pegando seu charuto de volta. — Sou dono dessa merda tanto quanto você! Então me engula!

— Você está certo, e que isso fique bem claro, Kostas. — Caminho para perto dele. — Só aturo suas merdas porque não posso te pôr para fora, não porque eu goste de trabalhar com você. Não interessa se é um puta advogado, foda-se! Eu demito sem nenhuma dor na consciência funcionários que tenham metade da sua arrogância. — Soco a mesa, e ele fica sério, deixando de lado o sorriso debochado. — Agora, não me tente! Aposto com você que todos já estão de saco cheio de suas piadinhas preconceituosas, de seu jeito de se achar melhor que todos e, principalmente, de todas as confusões que você arruma aqui dentro! Duvido que os integrantes do conselho estejam dispostos a pôr o rabo na reta para te defender.

Vejo que atingi o ponto fraco dele, pois o filho da puta sabe que não tem apoio de ninguém aqui dentro. Nem mesmo Millos – o único a conseguir conviver com essa criatura – o defenderia diante do conselho.

Kostas por fim apaga o charuto, caminha pela sala e abre a porta de vidro.

— Sai.

Rio e constato que tudo o que falei, apesar de feri-lo, não o mudará jamais.

— Para de se meter no trabalho dos hunters — aviso-lhe antes de sair. — Eu não vou segurar essa porra e nem ficar igual a uma maldita galinha pisando em ovos com meus funcionários por sua causa! Tá frustrado e entediado? Vá trepar ou qualquer outra coisa que o deixe menos imbecil do que é.

— Sim, chefe — debocha.

— É bom lembrar disso, Konstantinos Karamanlis. Eu sou o seu chefe!

Saio daqui notando as expressões assustadas dos advogados, sem me importar o mínimo, afinal todos sabem que os irmãos Karamanlis não se dão. Ando sem olhar para trás, confiante, ainda que tenha consciência de que, se pudesse, meu irmão enfiaria uma faca em minhas costas sem dó nem piedade.

Tenho absoluta certeza de que só estou no comando porque passo certa segurança ao conselho administrativo da empresa. Se não fosse assim, aposto que nenhum Karamanlis estaria na diretoria executiva. Meu pai foi um desastre, era bom gestor, mas esteve envolvido em um escândalo após outro e, por fim, começou a fazer péssimas escolhas nos negócios, o que custou sua cabeça.

Kostas tem a agressividade de Nikkós. É o filho que mais se assemelha a ele, não só na aparência, mas também no gênio intratável. Detesto me comparar ao meu pai, mas não posso negar que a inconstância dele na vida pessoal, embora de um jeito completamente diferente, faça parte de quem sou. E, já em Alex, vejo uma impulsividade enorme, também herdada do maldito que nos gerou.

Quanto a Kyra... Bem, nunca pude formar opinião sobre ela. Tudo o que sei de minha irmã veio através de informações trazidas pelos outros. Não temos

nenhum tipo de contato. Ainda tenho a imagem da menininha alegre que se pendurava nos meus ombros, mas isso foi há tanto tempo que não consigo mais ligar a imagem da mulher à da criança.

Sinto culpa por ter criado essa barreira entre nós. Reconheço meu erro, porém, já não somos mais imaturos, poderíamos ter lidado com isso se Kyra quisesse. Ela só não consegue me perdoar.

Encontro-me com Rômulo à espera do elevador. Ele se encolhe um pouco quando me vê, e eu dou um tapinha em seu ombro.

— Acalmou a fera? — brinco.

— Ela já retornou à sala de reuniões. — Sorrio, orgulhoso dele. — Mas xingou nossa espécie de todas as formas possíveis. — Rio, imaginando a cena. — Alguns que eu nem sabia que existia! Sabia que ela chama seu irmão de Bostas Karamanlis?

Gargalho, fazendo-o pular de susto.

— Ótimo apelido! — Ainda estou rindo ao entrar no elevador. — Por essas e outras é que ela tem meu total respeito! — Mal acabamos de entrar, vemos Kostas vindo em nossa direção. Com um sorriso malvado no rosto, aperto o botão para fechar portas, deixando-o para trás.

— Ele ia subir... — Rômulo argumenta.

— Não queremos o elevador fedendo, não é? — zombo, rindo de novo. — Bostas! Por que nunca pensei nisso antes?!

Meu assistente me olha como se eu tivesse enlouquecido, com suas grossas sobrancelhas escuras quase encostando em seus cabelos e a testa lotada de gomos de expressão. Minha gargalhada não cessa, imaginando a cara de Millos quando eu contar como o "todo poderoso" Kostas Karamanlis é chamado pelos funcionários da empresa.

Entro na sala de reuniões e dou de cara com a Kika, com seu jeito simpático e elétrico, distribuindo instruções, rindo com os colegas e averiguando sua apresentação. Nosso cliente ainda não chegou, mas não deve tardar muito; é senso comum que nós não gostamos de atrasos.

Cumprimento a equipe rapidamente com um leve inclinar de cabeça, desabotoo o último botão do meu paletó e me sento no lugar que sempre ocupo quando estamos nesta sala. O material em cima da mesa, com todas as informações sobre o imóvel escolhido pelos *hunters* chama minha atenção e,

mesmo sabendo que isso os deixa apreensivos – admito que sinto certa perversidade de minha parte ao gostar de deixá-los assim –, pego a pasta e começo a folhear página por página lentamente.

Confiro as horas no meu relógio e encaro a Kika com as sobrancelhas franzidas.

— Senhorita Reinol? — chamo-a e bato de leve o dedo indicador sobre o relógio. — Alguma notícia?

Imediatamente ela chama uma mulher de sua equipe, que sai apressada da sala com um telefone celular na mão. Faço um gesto para que Kika se aproxime, e ela vem andando, sem nem mesmo demonstrar um pingo de apreensão, em minha direção. Admirável!

— Pois não, doutor?

— Você confirmou com o cliente a reunião hoje?

— Certamente! — Ela levanta o queixo. — Isso é a primeira coisa que fazemos, antes mesmo de disparar o memorando para a Diretoria Executiva informando o horário. Meu departamento é extremamente competente, doutor.

— Eles não costumam atrasar — observo. — Rômulo! — chamo meu assistente. — Traga aqueles relatórios que eu tinha separado para assinar enquanto espero. Odeio perder tempo!

Ele sai apressado, e eu escuto o bufo impaciente de Kika Reinol.

— Eu conversei com o Kostas — disparo ao voltar a ler a última página do material, sem olhá-la. — Sinceramente estou ficando cansado dessas rusgas entre vocês. A partir de amanhã, vou solicitar ao Millos que seu setor seja realojado.

— O quê?! — sua voz, um pouco mais alta que o normal, ecoa pela sala, causando um silêncio sepulcral e atraindo minha atenção. Ergo a sobrancelha direita para ela e cruzo os braços sobre o peito, deixando a pasta com os arquivos da apresentação sobre a mesa.

— Não faz mais sentido manter vocês dois tão próximos. — Abaixo meu tom de voz: — Não vou ficar bancando a mamãezinha e separando a briga de vocês como dois fedelhos. Se não sabem se comportar como adultos e profissionais, então não podem conviver no mesmo espaço.

— Isso é muito injusto, doutor! — sua voz, embora baixa, soa completamente irritada. — Eu nunca me meto no trabalho do doutor Konstantinos, embora a recíproca não seja verdadeira!

— Eu sei, Kika — chamo-a pelo apelido para demonstrar que não a culpo. — No entanto, a situação está saindo do controle, e eu não estou disposto a mandar você embora e, embora queira fazer isso com ele, não tenho esse poder.

Kika respira fundo e assente.

— Desculpe-me por estar causando tantos transtornos, doutor Theodoros. — Ela sorri. — Eu não sou uma pessoa difícil de lidar, mas ele...

— Eu sei, não se preocupe com isso.

— Eu espero que... — ela se interrompe de repente, e eu olho para a direção em que está olhando. Vejo a funcionária que saiu há pouco da sala fazendo muitos gestos para sua chefe, mesmo tentando disfarçar quando percebe que a estou observando também.

— Venha até aqui! — chamo-a.

A moça, provavelmente uma estagiária, pois é muito nova, fica vermelha e começa a torcer as mãos ao se aproximar.

— O que houve, Laura? — Kika pergunta.

— Liguei para nosso cliente e... bem... — A menina intercala olhares entre mim e Kika. — Ele disse que ligaram mais cedo cancelando a reunião.

— O quê?! — mais uma vez a voz da gerente ecoa pela sala, e eu fecho os olhos, prevendo mais confusão, pois é óbvio que não foi ela quem mandou desmarcar.

Kostas, seu filho da puta!

03

Theo

— O dia foi uma sucessão de merdas! — xingo ao entrar no carro, notando a expressão debochada de Dionísio.

Afrouxo a gravata e abro o botão torturador da gola da camisa, liberando assim meu pescoço do enforcamento diário. *Eu preciso de um uísque!* Abro o compartimento no meio do banco de couro da parte de trás do carro, onde estou, pego a garrafa da única marca de uísque que bebo, The Macallan, sirvo uma pequena dose no copo de cristal e respiro fundo antes de degustar a bebida escocesa.

Pela garganta, sinto a leve queimação. Notas de café e mel se misturam e logo se vão, deixando ao final um amargo sabor amadeirado, típico do *single malt* envelhecido em barris de xerez. A dor de cabeça que ameaça despontar some, e meu pescoço vai amolecendo, a cabeça pousa no encosto do banco e, finalmente, depois de um dia de cão, eu me sinto relaxar.

Ah, o milagre feito por uma dose de uísque de uma garrafa de pouco mais

de dois mil reais!

Levanto um brinde imaginário ao meu dia fodido, querendo que ele se vá e que eu consiga livrar todas as tensões e preocupações de minha mente para que possa ter uma noite decente, ao menos.

O riso de Dionísio é de quem entendeu meu ritual, e eu esboço um leve repuxar de lábios, ainda muito rabugento para sorrir de verdade, e tomo mais um gole imaginando chegar a casa, tomar um banho e me submeter às competentes e pesadas mãos de Lavínia antes de trepar a noite inteira de novo.

— O doutor vai direto para seu apartamento?

Abro os olhos para olhar Dionísio pelo retrovisor e confirmo.

— Se o trânsito permitir, espero estar lá em breve. — Tiro o paletó e pego o celular, abrindo minha playlist favorita. — Dio, ligue o aparelho de som.

Em seguida ouço o jazz da incomparável Ella Fitzgerald e solto um suspiro de prazer, o primeiro neste dia desgraçado. Tento não pensar no Kostas, muito menos na enorme vontade de dar umas porradas naquela cara debochada, para não perder o pouco da paz que ouvir Ella e Armstrong cantando *Isn't this a lovely day*? me traz.

Ah, como eu amo jazz! Não é à toa que mantenho um enorme piano de cauda no meio da sala principal do meu apartamento, além de ter centenas de discos – sim, são *long players* – cuidadosamente guardados na sala de som que fiz, com o toca-discos reinando absoluto. Chamem-me de retrô, sinceramente estou me fodendo para o que pensem disso. Prefiro, sim, o som da agulha sobre o vinil, o som encorpado e os ruídos que só um LP podem me proporcionar.

Não sou avesso à tecnologia, não quando sou cercado dela, mas há coisas de que não abro mão, como uma bela comida caseira com ingredientes frescos como comia em Atenas; meus discos, como vocês já souberam; e dirigir meu Aston Martin de câmbio manual.

Ah – sorrio olhando meu copo de *scotch* –, prefiro *single malt* a *blend* em matéria de uísque. Bem conservador para a maioria dos bebedores de hoje.

O trânsito agarra em alguns pontos do caminho da Paulista até o Vila Nova Conceição, onde moro, porém, Dio consegue me deixar na garagem do meu prédio exatamente 30 minutos depois de termos saído da Karamanlis.

Saio do carro levando comigo o paletó e a insuportável – e conservadora – pasta de couro com alguns documentos. Espero o elevador para me levar até o 36.º andar, para a cobertura duplex que comprei há três anos. Como detesto perder tempo, enquanto espero, mando mensagem para a Lavínia, uma deliciosa morena com quem tenho saído há algumas semanas, marcando um encontro com ela aqui em casa.

A resposta chega quando estou dentro do elevador com uma vizinha, e

tenho de refrear a língua para não assustar a pobre senhora que me faz companhia neste pequeno cubículo. A safada me mandou uma foto – sem cabeça, como sempre – da sua indumentária de hoje à noite, um conjunto de lingerie sexy e quente que já me deixa completamente duro e ansioso.

Remexo-me desconfortável, porque conheço bem as calças desses ternos modernos, mais apertadas e de tecido mais fino, e escondo a evidência da minha excitação – ou seja, meu pau duro – colocando a pasta e o casaco na frente.

A senhora – cujo nome não sei, pois não conheço a maioria dos meus vizinhos, apenas os cumprimento quando nos esbarramos pelos corredores –, desce no 19.º andar, e eu sigo – livre e excitado – para a cobertura, embora tente me acalmar para não assustar a Vanda, governanta e cão de guarda do meu *apê*.

— Bem-vindo, doutor — ela me saúda assim que as portas do elevador se abrem no *living*, e se apressa a pegar minha pasta, deixando-me, como sempre, constrangido por ela ficar carregando peso enquanto eu sigo confortável como um inútil.

— Eu levo a pasta, Vanda, obrigado. — Evito que ela a pegue, mas ainda assim recebo um olhar feroz. — Tudo o que preciso é tomar um banho e daquele seu jantar.

Ela dá risadinhas.

— Já está quase pronto — diz orgulhosa da sua eficiência. — A Sandra ligou confirmando o horário de amanhã, e seu primo virá também.

Assinto, deixando-a para trás enquanto sigo para o quarto. Sandra é minha *personal trainer,* e nós treinamos juntos três vezes na semana e, às vezes, Millos, que também é seu aluno, adianta seu horário para vir malhar conosco.

Eu gosto de exercícios, sempre gostei. Sou magro naturalmente, e os treinos me ajudam a fortalecer os músculos e a manter um peso proporcional ao meu tamanho. Millos já faz a linha bombado, e isso combina com ele e sua personalidade.

Tenho apenas uma tatuagem, que fiz bêbado demais para lembrar, enquanto meu primo parece um gibi, todo desenhado. Gosto de malhar com ele porque sou competitivo até a raiz do cabelo, e ele não fica atrás, então ficamos medindo forças e levando um ao outro ao limite da resistência.

Minha suíte é enorme e confortável, toda em tons de cinza e azul-marinho, com paredes *off-white*, concebidas com carinho por uma de minhas parceiras de cama. Tenho sorte de ter conhecido mulheres que, além de ótimas de cama, eram profissionais competentes.

Caminho até o closet e deixo meu terno no local reservado para que Vanda o leve até a lavanderia, uma espécie de *bag*. Abro a gaveta de gravatas, enrolo a que usei hoje e a coloco no lugar, em seguida fazendo o mesmo com as

abotoaduras. Verifico se meus sapatos estão precisando de limpeza e, como estão limpos, pois mal saí da empresa hoje, coloco-os na sapateira e jogo as meias e a cueca no cesto de roupa suja.

Eu sou organizado em casa também. Gosto de ser assim.

Programo o chuveiro, abrindo as duas duchas em direções diferentes, em jatos fortes e frios – está um calor do cão! – e gemo de prazer ao senti-los na pele.

Dia fodido!

Fico um tempo debaixo da ducha principal, avaliando cada momento da confusão que foi o final da tarde no escritório. Primeiro, a tensão entre a Kika e o Kostas, minha discussão com ele e, por último, o pedido de demissão dela.

Merda!

Pelo que posso julgar da personalidade dela, não será fácil convencê-la a voltar, e eu não posso perder outra gerente desse nível na empresa, não mesmo! Penso na discussão com o Kostas, nas palavras duras e verdadeiras que trocamos um com o outro e tento entender por que somos desse jeito. Que maldição é essa que nos mantém separados quando temos tudo para sermos unidos?

Balanço a cabeça, impedindo que me perca nestes pensamentos que nunca levam a lugar algum. Não há o que fazer para consertar anos de muros levantados em torno de cada um de nós. É impossível transpor as barreiras que o tempo e nossa situação ergueram. Não há nada a fazer!

Agora, preciso me concentrar nos negócios e no maldito pedido do *pappoús*! Tenho que trazer Kika de volta, comprar a porra daquele boteco na Vila Madalena e achar uma mulher que esteja à altura de ser a mãe do bisneto de Geórgios Karamanlis.

Escuto um barulho na porta do banheiro e abro um sorriso ao ver Lavínia parada na entrada. Ela se encosta ao batente, olha meu corpo inteiro com fome brilhando nos olhos e morde o lábio inferior. É o que basta para meu corpo, mesmo sob os jatos frios, reagir.

— Vem aqui! — chamo-a, mas ela nega.

— Finja que não estou aqui... — sussurra. — Deixe-me ver como você toca uma pensando em mim.

Sinceramente tenho vontade de revirar os olhos para ela, mas, para não quebrar o clima, faço o que me pede. Seguro meu pau bem forte e, lentamente, vou deslizando a mão para baixo e para cima, sem nunca tirar os olhos dos dela. O tesão vai aumentando, e eu fecho as pálpebras, evocando as imagens que me fazem gozar rapidamente. Som abafado, cheiro de fumaça, um perfume floral, cabelos cor-de-rosa e uma boceta quente e apertada... *Merda!*

Abro os olhos e encaro a mulher que me espera, apenas de calcinha e sutiã,

roçando contra o batente da porta e gemendo.

— Vem aqui agora, Lavínia! — Abro a porta do boxe.

Ela arregala os olhos por causa do meu tom de voz impaciente e sorri, safada. Mal chega perto de mim, e já a viro contra a parede, seguro firme sua cintura, levantando-a e esfrego meu pau em sua calcinha molhada. Preciso foder essa mulher com urgência! Estico uma das mãos até o nicho onde uma caixa de acrílico guarda alguns envelopes de camisinha – eu adoro foder debaixo d'água, então sou prevenido – e rapidamente encapo meu pau e o afundo dentro dela.

As malditas sensações daquela noite ainda estão em minha mente, rondando-me como fantasmas. Enrolo os cabelos cacheados e negros no meu punho, mas, no ápice do prazer, vejo-os levemente rosados. *Porra!* Fodo-a com ainda mais força, ouvindo seus gemidos altos e descontrolados, pois sei o quanto ela gosta de trepar sem limites.

Quando a escuto falar que vai gozar, em desespero, aumento as estocadas para me deixar ir junto com ela e aliviar em parte essa fome que nunca cessa.

Foda-se, desconhecida!

Alguma coisa pinica meu nariz, e passo a mão, mudando de posição sobre os travesseiros. Estou em Atenas, com a família de minha mãe, vendendo peixe e tentando ser homem o suficiente para manter minha promessa. Não importa que eu não esteja preparado, não importa se tive de desistir de tudo, o amor é mais forte que tudo e por isso vou conseguir... vou...

Espirro.

Sento-me na cama, piscando os olhos, perdido no tempo e no espaço. Estava apenas sonhado de novo! Malditos pesadelos que, vira e mexe, estão retornando. Bufo. A vantagem desse é que não chegou ao apogeu do drama, porque alguma coisa... Uma risada abafada me faz olhar para o lado e encontrar um homem de quase 2m de altura, forte como um armário, cheio de tatuagens, com uma maldita pluma na mão.

— Porra, Millos!

O desgraçado cai na gargalhada, e eu me levanto da cama sem nenhum constrangimento diante da minha nudez e sigo para o banheiro.

— Não programou o despertador? — ele pergunta ainda no quarto.

— Programei. — Termino de mijar e dou descarga. — Você me incomodou com sua presença dez minutos antes. — Começo a escovar os dentes, e ele fica à

espera. — Lavínia saiu daqui às 4h da manhã.

— Se elas não dormem aqui, não seria mais fácil comê-las em algum local neutro?

Saio do banheiro ainda secando o rosto, pego uma cueca no closet e a visto, voltando para o quarto.

— Não tenho problema algum com minha cama, pelo contrário! Prefiro meu espaço a qualquer outro. — Dou de ombros. — Você que tem essa mania de nunca trepar no seu apartamento.

Ele ri.

— Você sabe muito bem que eu não trepo! — Um sorriso descarado se forma em sua expressão. — Eu as conduzo ao prazer... É diferente!

Reviro os olhos.

— É claro que você trepa, porém, tem a mente mais fodida que a boceta de uma puta, por isso tem essas manias estranhas!

— Não fale do que você não sabe, Theodoros — adverte-me. — Cada um tem seu jeito de obter prazer; o meu é esse.

Concordo com ele, mesmo achando alguns de seus gostos um tanto estranhos demais para mim. Chame-me de conservador nisso também, mas tenho alguns limites bem definidos em relação às minhas fodas.

Millos me espera no quarto enquanto visto a roupa do treino, falando sobre um novo modelo da Ducati que está pensando em importar. O homem é completamente viciado em motos, faz parte de motoclubes e, nas férias, sai cortando estrada com esse pessoal. Já percorreu grande parte da América do Sul sobre duas rodas, fez a Route 66 nos Estados Unidos e percorreu toda a BR 101 aqui no Brasil.

Além disso, é obcecado por cerveja e fez vários cursos nessa área no mundo todo, produzindo sua própria bebida, buscando o sabor perfeito que seu paladar exigente ainda não encontrou em nenhuma marca já disponível. O desgraçado entende tanto do assunto que é convidado para festivais e fez parte do júri de vários campeonatos de mestre cervejeiro.

Millos mora em um *loft*, um antigo galpão que ele reformou todo. Na parte debaixo guarda suas motos e tem uma pequena oficina; na de cima, sem nenhuma divisória, ele tem uma confortável sala, uma cozinha industrial com os tonéis de cobre para a fermentação de sua cerveja e o quarto, onde nunca leva uma mulher parar trepar.

Ah, esqueci... ele não trepa!

Tomamos juntos um suplemento de carboidratos pré-treino enquanto Vanda escuta alegremente as conversas de Millos sobre sua última experiência culinária – carne de rã marinada com cerveja – fazendo careta a cada vez que ele descreve

o anfíbio sendo tostado na grelha.

Quando Sandra chega, já estamos os dois no segundo andar da cobertura, onde apenas uma enorme parede de vidro separa a academia da área de lazer com piscina, *jacuzzi* e área com churrasqueira gourmet.

— Bom dia, meninos! — Millos ri do cumprimento, porque a *personal* deve ser uns bons anos mais nova que nós dois, porém, sempre nos cumprimenta assim. — Prontos para suarem a camisa?

Um olha para o outro sem saber o que responder, pois *nenhum* usa camisa.

— Figura de linguagem, rapazes! — Rola os olhos. — Vocês, gregos, são muito literais!

Ela liga o som; uma música calma enche todo o ambiente.

— *Bora* alongar!

Bufo impaciente, mesmo sabendo da importância de preparar os músculos para os exercícios intensos, querendo dar uma surra no Millos hoje.

Vamos ver quem vai pedir arrego, meu primo!

04

Theo

Depois que terminamos o treino, tomamos nosso café da manhã antes de sair para o trabalho.

Millos sempre se veste aqui quando vem treinar comigo, então há sempre alguma roupa dele no quarto de hóspedes. Em poucos minutos o homem tatuado, debochado e um tanto sombrio desaparece, e ele assume seu papel de executivo calmo, frio e competente. A camiseta manchada, os jeans rasgados e os coturnos – roupa com que veio aqui antes de vestir a de malhar – dão lugar ao terno italiano, sapatos de couro, camisa de algodão egípcio e gravata de seda. Os cabelos revoltos estão no lugar, penteados para trás com algum tipo de pomada que os deixa fixos, a barba foi penteada e o brinco de argola dá lugar a um pequeno ponto na orelha, quase imperceptível.

Sinceramente não sei se ele adotou esse personagem para trabalhar com o pai, meu tio, ou se é algo que ele prefere fazer para não chocar ou causar descrença em nossos clientes. Realmente nunca entendi, e ele também nunca

quis explicar, então não sei o que se passa na cabeça *desse* Millos Karamanlis executivo. O que me importa é que ele é meu braço direito, aquele em quem confio de olhos fechados nos negócios, porque, mesmo sendo tão diverso de sua personalidade, a frieza do executivo Millos é o que nos ajuda a controlar alguns *incêndios* dentro da Karamanlis.

— Soube da merda do Kostas dessa vez? — indago assim que entramos no carro, com Dionísio a dirigir.

— Como não saberia? A história correu pelos corredores da empresa no final da tarde de ontem. — Ele puxa mais a manga de sua camisa a fim de esconder as tatuagens do pulso. — A senhorita Reinol pediu mesmo demissão?

— Pediu! — Rio. — Foi uma saída de rainha no meio da discussão e com direito a água gelada na cara! — Gargalho. — Confesso que, se fosse café quente, eu teria sentido um pouco mais de prazer, mas nem tudo é perfeito.

— Porra, Theo, o Kostas está incontrolável, e eu não entendo o motivo. — Eu o encaro franzindo a testa, porque nunca falamos do meu irmão sem ser em termos profissionais, mesmo sabendo que Millos é quase um confidente de ambos. — Ele mudou muito nesses dias, parece... sei lá, encurralado.

— O Kostas encurralado? — debocho. — Aquele filho da puta é mais frio que uma pedra de gelo! O que poderia mexer com ele a ponto de deixá-lo assim?

Millos respira fundo e dá de ombros, fechando-se em copas novamente, como sempre faz quando o assunto é a vida pessoal dos meus irmãos. Esse jeito dele, essa lealdade toda me conforta e me frustra ao mesmo tempo. Sei que ele não comenta com os outros as coisas que lhe conto, mas gostaria de saber mais do que se passa com meus irmãos mais novos, principalmente Alex e Kyra.

Independentemente do que eu queira, sei que, por ele, nunca vou ficar sabendo de nada, e uma aproximação entre mim e meus irmãos é coisa muito improvável, então finjo não ligar para isso, mas sinto a culpa apertar meu peito a cada vez que algumas lembranças voltam.

— Seu assistente já confirmou sua presença no baile dos Villazzas no Ano Novo? — Assinto. — Não sei se vou. No último a que fui, eles ainda estavam em Curitiba!

— Muitos anos, já! Não tenho como não ir, sou amigo do Frank e quero ajudar a instituição do Bernardo Novak, que é uma das eleitas deste ano para receber parte das doações.

— Ah, sim, isso eu também quero fazer. A empresa da Kyra é quem está organizando, você sabe? — Balanço a cabeça positivamente. — Foi por isso que ela não pegou a festa da Karamanlis este ano...

— Foi a desculpa que ela deu, na verdade — corto-o. — A empresa dela já está crescendo sozinha, ela já pode se dar ao luxo de dispensar um contrato

conosco e, assim, manter-se cada vez mais distante.

— Que seja... — Ranjo os dentes de raiva por ele não comentar nada. — Estou pensando em fazer um recesso entre o Ano Novo e a segunda semana de janeiro. — Millos estica as pernas, gemendo lentamente, e um sorriso de vitória me escapa. *Está dolorido, desgraçado?* — Ainda não sei se vou até Frankfurt conversar com um mestre cervejeiro de lá ou se faço alguma viagem longa de moto, mas estou querendo ficar fora dos negócios por um tempo.

Sinto uma pontada de inveja dele, pois costumo tirar no máximo uma semana de descanso entre as festas – Natal e Ano Novo –, e a única viagem que consigo fazer é ir até a Grécia para visitar o vovô, e nesse ano, como irei viajar em fevereiro no ano que vem para o aniversário dele, não vou tirar sequer essa semana de recesso.

— Eu não vejo problemas. Esse período é o mais devagar na empresa. — Ficamos um tempo mudos, apenas ouvindo o som do aparelho do carro tocando alguma estação de rádio. — Eu vou fazer aquele filho da puta ir atrás da Kika!

Millos me encara, olhos arregalados, e não por causa da fala inesperada depois do silêncio que fizemos.

— Eu acho que isso vai dar mais merda do que já deu.

Sorrio.

— Não, ele vai ter que pedir desculpas e prometer se comportar. — Encaro Millos, olhos brilhando, pensando em como obrigar o meu irmão arrogante a fazer minha vontade. — Preciso da sua ajuda!

Meu humor melhorou drasticamente depois da conversa com o Millos no carro e o plano que arquitetamos para fazer aquele idiota prepotente consertar a merda que fez aqui na empresa. Fazer Kostas ir até a Kika para implorar que volte será bom para mim por dois aspectos: terei minha gerente de volta e ainda colocarei meu irmão no seu lugar, abaixando um pouco sua crista de galo de briga.

Rômulo está irritantemente quieto hoje, e desvio o olhar a toda hora para sua mesinha apenas para conferir se o tagarela está bem e respirando. Hoje a empresa está um pouco sombria. Os funcionários estão falando mais baixo, há menos pessoas nos corredores, e os setores estão funcionando bem, mas sem o ritmo frenético a qual todos estamos acostumados.

Uma apatia geral tomou conta do lugar, e o clima aqui dentro está tão

opressivo que me sinto sufocando algumas vezes. É como estar de luto, e isso é uma coisa incrível, pois bastou uma funcionária querida pedir demissão para parecer que o sol se pôs dentro deste prédio.

Preciso dessa mulher de volta!

Se o babaca do meu irmão não conseguir o feito de reintegrá-la à equipe, vou ter que jogar sujo e recorrer a Malu Ruschel lá no meio daquele mato onde vive. Espero conversar com ela para que convença sua amiga a voltar para nós.

Levanto-me, sentindo a tensão sobre meus ombros e meu pescoço duro. Ponho a culpa na tensão, nunca admitindo que a disputa ferrenha com Millos no treino de hoje de manhã me causou isso. Tenho 41 anos, não sou um garotão, mas sempre me consolo dizendo que pratico exercícios há muitos anos, então meu corpo está acostumado.

A verdade é que os anos estão realmente passando, e talvez eu esteja sentindo os efeitos do deus Cronos no corpo. Noitadas de sexo, balada e exposições têm me deixado cada vez mais cansado, além disso, comecei a notar que tenho necessitado de mais horas de sono do que precisava antes. Talvez tenha que ir a algum médico fazer um check-up ou buscar um geriatra.

Dou uma risadinha baixa, achando graça do meu humor negro. Fui contagiado pelo clima de enterro da Karamanlis, e esse silêncio todo me faz divagar. Gosto e estou acostumado à correria, a Rômulo transitando em volta de mim como mosca de padaria, sempre prestativo, falante e, na maioria das vezes, incômodo.

Porra, estou sentindo falta até da inconveniência dele!

Caminho até a vidraça da sala, olho a Paulista movimentada de carros lá embaixo e volto a refletir sobre a vida, principalmente a profissional. Já faz anos que assumi o cargo de CEO da empresa, anos que vim morar no Brasil, e, apesar de tudo isso, algumas coisas continuam como antes: o trabalho intenso, a desarmonia entre os irmãos Karamanlis, meus hábitos noturnos, hobbies e, claro, a maldita conta da Vila Madalena. A confusão de ontem desviou um pouco minha atenção desse objetivo, mas não posso perder o foco, não quando estou cada vez mais perto de conseguir comprar o maldito boteco!

— Rômulo — chamo-o sem olhar em sua direção. — Peça ao Millos para que venha até aqui, por favor.

— Ele estava em reunião com o doutor Kostas... — Viro-me para encará-lo, e o homem franzino e de óculos fundo de garrafa arregala os olhos. — Eu vou ver se ele já retornou.

Meu assistente sai todo atabalhoado do escritório, deixando alguns *post-it* caídos no chão marcando seu caminho como na história de João e Maria. Respiro fundo para não me irritar com ele, pois, apesar de um tanto fofoqueiro e

atrapalhado, ele é muito eficiente, não posso negar. Apesar de todos os incômodos, eu não o trocaria por nenhum outro.

Volto a pensar na Vila Madalena e que Millos ficou de levantar as condições para executarmos a promissória assinada pelo falecido proprietário do bar. Preciso saber em que pé estamos para traçar novas estratégias de ataque, afinal, quero começar o próximo ano já com essa conta fechada e, assim, ter menos uma coisa a torturar minha cabeça.

Escuto passos apressados, típicos do meu assistente, e a porta se fechando.

— Ele já vem, doutor — diz resfolegando, o que demonstra que foi correndo até a sala do meu primo. *Quanta falta de sutileza!*

Balanço a cabeça, segurando o riso debochado ao imaginar a cena, e lhe agradeço:

— Obrigado.

Enquanto espero, decido tomar o... (não lembro quantos já foram hoje) café do dia. Sigo até a máquina de café expresso que fica no aparador de bebidas e coloco uma cápsula de um *blend* de cafés no modo *ristretto* enquanto aguardo meu primo. O cheiro agradável enche o ambiente do escritório, deixando-o menos opressor e mais acolhedor. Aspiro a fragrância lentamente, apoiado no aparador, olhos fechados e absorvendo o prazer que essa bebida me proporciona. *Sim, sou viciado em café!*

— Theo? — Millos bate à porta, tirando-me do transe gourmet. — O que houve?

Faço um gesto para que ele entre e aponto para a máquina, que está passando dois do néctar de café que mais gostamos. Um *ristretto* só é possível quando a máquina tem a pressurização correta e os grãos são de qualidade. O pó sai praticamente seco, tamanha a velocidade que a água fervente passa por ele, extraindo o melhor do grão.

Nunca me acostumei ao jeito brasileiro de tomar café longo ou mesmo o famoso carioquinha, acrescentando água para diluir a bebida. Preciso sentir o sabor do grão, as notas intermediárias dele e as que ficam depois na boca. No caso desse *blend* que fiz, há um leve frutado que diminui a acidez e depois resta na boca um sabor mais forte, tal qual chocolate amargo.

Pego a xícara de Millos e a entrego para ele.

— Como foi com o Kostas?

Millos relaxa, sentando-se numa das cadeiras em frente à minha mesa e se encostando nela, desfrutando do cheiro do café.

— Acho que mordeu a isca. Só espero que ele saiba convencê-la. — Dá de ombros. — O que mais você quer?

— Vamos beber o café primeiro. — Pego a outra xícara e tomo um gole. —

Quero notícias sobre a promissória da família Hill.

— Ah... — Ele sorve lentamente a bebida quente, deixando-me em suspenso com sua resposta. — Encorpado e naturalmente doce, perfeito! — elogia o café.

— A máquina faz tudo! Para de enrolar e fala logo.

O desgraçado ri, tomando mais um gole.

— Kostas estava analisando, mas, com essa confusão toda... — Eu xingo, e ele sorri mais uma vez. — Estou pensando em fazer uma visitinha a Duda Hill de novo. Vamos?

— Eu não tenho nada a tratar com ela. Quero executar a porra da promissória e expulsá-la de lá! — Deixo o café de lado, contrariado demais para apreciar seu sabor. — Já estou esperando por isso há muito tempo, Millos. Estou começando a perder a paciência.

— Eu acho que você deveria tentar conversar com ela. — Franzo o cenho, sem entender. — Dizer que temos a promissória e que vamos executá-la, mas oferecer a ela a chance de comprar antes de irmos à justiça.

— Por que eu faria isso?

Realmente não entendo o que Millos quer com essa sugestão. Oferecer a promissória para ela pagar? Como se ela tivesse condições de arcar com o valor exorbitante sem vender o maldito bar! Se a pressionarmos demais, ela pode acabar vendendo para outra pessoa, e aí teríamos que começar as negociações do zero. *Isso nunca!*

— Por que você quer tanto aquele quarteirão? — indaga-me, fazendo com que eu o olhe surpreso.

Ficamos um tempo assim, encarando um ao outro, apenas o som da digitação do Rômulo a pairar sobre nós. Tento procurar um motivo mais forte para comprar o lugar, mas não consigo achar nenhum convincente o suficiente para desviar a atenção dele da verdade. Não quero nada ali, nem tenho sequer ideia do que fazer e para quem oferecer, mas é uma conta deixada pela gestão do meu pai, o que me impulsiona a querer comprar apenas para esfregar em sua cara que eu consegui, que o derrotei.

— Consiga comprar a merda do bar — digo entredentes, a voz baixa e sem desviar meus olhos dos dele. — Meus motivos não interessam, é uma conta aberta que prejudica a reputação da empresa, e, como CEO, não posso deixar isso acontecer.

— Justo! — Ele se levanta. — Vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para satisfazer a *sua vontade* e não prejudicar a reputação da empresa no mercado.

Aquiesço, porém, não satisfeito, reconhecendo certo sarcasmo em sua voz.

— Millos. — Ele me encara. — Eu preciso fazer isso.

Meu primo bufa.

— Eu sei, Theo. — Caminha até onde estou e toca em meu ombro, falando baixo para que apenas eu o ouça: — Eu queria mesmo que você não precisasse, assim como não achasse que deve ao *pappoús* até a sua alma! — Faço careta e abro a boca para defender nosso avô, mas ele continua: — Eu sei que você precisa disso e vou ajudar no que puder.

Agradeço mesmo não emitindo nenhuma palavra. Conhecemo-nos há tantos anos, já passamos por tantas coisas juntos que não é necessário que sempre haja palavras entre nós.

Millos sai da sala, deixando-me sob os olhares curiosos de Rômulo, que provavelmente ouviu os sussurros e ficou de antena ligada atrás de uma notícia quente.

— Volte ao trabalho, Rômulo! — admoesto-o.

Ele fica vermelho e abaixa a cabeça para volta a digitar no computador.

Preciso arranjar uma sala isolada para esse língua de trapo! Ah, se não fosse competente!

Sento-me à mesa e olho para a tela do computador, onde um contrato já ratificado pelo jurídico está à espera da minha assinatura eletrônica. Esse dia não está sendo fácil, embora o trabalho continue normalmente como em todos os outros. Não compreendo o motivo, talvez por ter conseguido a maldita promissória, mas a vontade de conseguir comprar o boteco e o colocar no chão tem estado constantemente em minha cabeça. Muito mais do que o normal!

05

Duda

Os cheiros se misturam aos sons em um caos perfeito, quase sistêmico, se for possível considerar que alguma confusão possa ter um padrão implícito. Há um ritmo a ser seguido, um conjunto de ações e reações em cadeia que faz com que todo o nosso processo ande em harmonia.

É assim a minha cozinha!

Respiro fundo mais uma vez, espantando o cansaço e buscando energia para continuar. Estou empreendida neste ritmo desde às 2h da tarde, quase 12 horas direto, mas envolvida em todos os passos da organização e funcionamento desde às 8h da manhã, quando acordei.

Ser chef de cozinha não é só glamour, quer dizer, nunca foi! O que as pessoas veem na televisão, os grandes cozinheiros que aparecem na mídia com seus restaurantes renomados, a maioria agora é só empresário, cozinha vez ou outra, mas todos já ralaram muito para conseguir algum nome.

Quando decidi ser chef, eu tinha oito anos de idade, estava na cozinha da

minha avó materna no interior e fiz meu primeiro bolinho de chuva regado a açúcar e canela. Abro o sorriso por causa da força das recordações. As lembranças olfativas e gustativas, na minha opinião, são as estrelas do cérebro. Quem nunca pensou num prato e na lembrança pôde sentir seu cheiro e o sabor? Quem nunca foi transportado a uma lembrança afetiva ao comer? Eu sempre acreditei nesse poder e, a partir daquele dia, na casa da minha avó, percebi que queria deixar essa marca na vida das pessoas.

Foi o último ano com minha mãe. Ela já estava doente, câncer de mama, e o clima em casa não estava dos melhores. Papai andava deprimido, o bar não estava indo bem o suficiente para arcar sozinho com as despesas depois que ela teve que parar de trabalhar na cozinha, e meu irmão – com 14 anos na época – andava estranho e pelos cantos.

Estávamos em férias escolares, e vovô foi nos buscar para passar umas semanas com eles. Imagino o quanto estava sendo duro ver a filha definhando aos poucos, perdendo a luta contra essa doença tão dura. Diagnóstico atrasado, demora no acesso ao tratamento, tudo isso contribuiu para que ela vivesse seis meses depois da descoberta do câncer.

Metástase, a palavra que mais me dói ouvir até hoje.

Meu maior medo também.

A tristeza e o desânimo tomaram conta da família assim que o médico contou ao papai que o estágio era terminal. A mastectomia, o esvaziamento total das duas mamas, não foi suficiente para ela, pois as células cancerígenas já haviam se espalhado pelo abdômen. Tudo o que podíamos fazer era tentar dar a melhor qualidade de vida possível aos poucos meses que lhe restavam.

Minha mãe, Maria Aparecida Braga Hill, era a pessoa mais forte e alegre que eu conheci. Era a luz da nossa casa, a razão da vida do meu pai, quem eu queria ser quando crescesse. Sua doença não diminuiu suas características e, naquelas férias, ela pegou meu primeiro feito culinário – um tanto cru por dentro e tostado por fora –, colocou-o na boca e revirou os olhos de prazer.

— Hummm, Duda, tem o sabor da minha infância! — Sorriu.

— Ficou um pouco queimado... — tentei argumentar, desculpando-me.

— Isso é questão de prática, princesa! — Ela se abaixou para ficar da minha altura, seu corpo bem magro, olhos fundos e com olheiras, o lenço na cabeça. — O importante não é só a aparência da comida; são as sensações que ela nos traz, o que ela nos faz sentir. — Pegou mais um dos meus tristes bolinhos. — O seu bolinho de chuva me fez voltar a ser criança, encheu meu peito de alegria, e é isso que importa.

Abracei-a, orgulhosa, sentindo-me quase uma heroína por ter feito tudo isso por ela com apenas farinha, água, ovos, açúcar e sal. Minha cabeça infantil

imaginou como ela se sentiria se eu lhe fizesse um prato como aqueles que via em suas revistas de culinária. Mamãe ficaria tão feliz!

Foi a partir desse dia que passei a me interessar pela comida, pelos ingredientes, pela mágica que a mistura dos sabores proporcionava.

Muito tempo depois que ela nos deixou, suas palavras, a felicidade em seu rosto e o carinho do seu abraço ficaram marcados em mim. Eu queria essa sensação novamente, eu precisava sentir que algo que fazia era capaz de tornar a vida de alguém mais feliz.

Aos 13 anos insisti com o papai para trabalhar no bar. O Hill era um boteco mesmo, no sentido mais estrito da palavra. Os frequentadores eram pinguços que se encostavam ao balcão do bar quando papai abria e só iam embora expulsos quando ele decidia fechar. Tudo o que servíamos era torresmo, ovo colorido e alguns caldos que fazíamos em dias programados. Segunda e quarta era dia de mocotó; terça e quinta era bucho, e o final de semana era inteiro da rainha do Hill: a feijoada.

Um cozinheiro muito louco, mas com o tempero mais incrível que eu já provei, era quem comandava a cozinha quase doméstica do bar. Ele foi meu primeiro carrasco e logo me colocou na limpeza, frustrando meus planos de ser a estrela do Hill. Assim, ficava horas depois do colégio a lavar a louça – que não era pouca, porque o homem era bagunceiro – e limpar o chão.

Ainda lembro que a primeira coisa que ele me pediu para fazer – que envolvesse o preparo de alimentos – foi picar temperos. Chorei descascando cebolas igual a quando assisti ao filme *Titanic* na TV e cortei o dedo algumas vezes. O filho da mãe ria toda vez que eu gemia ou xingava, mas não desisti.

Em pouco tempo ele estava me ensinando as poucas técnicas que sabia, obtidas com a experiência de trabalhar em cozinhas desde seu primeiro emprego. Meu carrasco virou meu anjo da guarda, e, toda vez que papai ameaçava me proibir de ir para o bar trabalhar, ele me defendia dizendo que precisava da minha ajuda.

Foi por causa dele que pude estudar fora. Quando fiz 15 anos, papai queria fazer uma festa para comemorar, mas Dalto – o cozinheiro anjo da guarda – conversou comigo sobre cursos de gastronomia e citou a França como referência. Meu presente foi o curso de francês, segundo ele, necessário para me abrir as portas.

Aos 18 anos comecei a cursar a graduação em gastronomia, um orgulho para meu pai, que, àquela altura, já acreditava que eu conseguiria ser uma grande chef. O curso durou quatro semestres, e, aos 21 anos, já trabalhando como ajudante de cozinha em um restaurante de uma rede internacional de hotéis, consegui um feito incrível, uma bolsa para estudar na mais famosa escola de

Paris.

Eu tinha tudo o que sempre sonhara, consegui passar num processo seletivo muito criterioso, esforcei-me durante anos para aprender a língua, ganhei a bolsa, mas não tinha grana para viajar e me manter por lá. Nessa época papai tinha um carro seminovo, e não pensou duas vezes antes de vender o veículo e me entregar todo o dinheiro para que eu pudesse passar os meses do curso sem apertos.

Fiz contato com outra moça brasileira que já morava em Paris e consegui alugar uma vaga em seu apartamento, perto do instituto. Foram os melhores meses da minha vida! Dediquei-me de corpo e alma àquilo, ignorei tudo. E a recompensa veio!

Um mês antes de concluir o curso, fui convidada a integrar a equipe de um grande restaurante na capital francesa. Cargo pequeno, salário baixo, mas o primeiro degrau para a realização de todos os meus sonhos de menina.

— Duda! — Manola, meu braço direito aqui na cozinha agitada desse pub que já foi um boteco, me grita, tirando-me do flashback no qual estava. — A cozinha fecha em meia hora, e estamos cheias de pedidos ainda. Não estou achando o molho extra que você tinha preparado mais cedo.

Seco minhas mãos no avental e vou até a pequena câmara fria que instalei aqui há pouco mais de um ano. O investimento foi caro, mas valeu cada centavo, pois consegui armazenar mais ingredientes e de uma forma muito mais segura do que no freezer.

Entrego o molho que preparei mais cedo para Anabele, uma das assistentes de cozinha, e volto a olhar a costelinha de porco no forno, a última da noite.

Estou cansada mais do que o normal, pois tive mais uma noite insone. Tem sido difícil dormir em casa, e, mesmo quando tudo está calmo, pego-me sem nenhuma vontade de fechar os olhos. Nós temos estado em um ritmo alucinante desde que o Hill caiu nas graças do pessoal aqui na Vila Madalena e chamou a atenção da imprensa especializada. Saímos em algumas revistas, ganhamos destaque, mas ainda assim sinto como se andasse no fio da navalha todos os dias.

Não trabalho tanto para enriquecer, apenas preciso manter um teto sobre minha cabeça, o mínimo de estrutura para minha tia Do Carmo e para Tessa e conseguir saldar todas as dívidas deixadas pelo meu irmão e pelo papai.

Uma dor enorme me invade toda vez que penso nos dois. Minha família se desintegrou por completo! Primeiro, mamãe, levada pelo câncer, depois meu irmão, que nunca se recuperou da perda dela e se afundou nas drogas, morrendo de overdose e, por fim, papai, há alguns anos, devido a problemas cardíacos.

Meus avós maternos se foram ainda na minha adolescência, restando a mim apenas a tia Do Carmo e a Tessa. A sorte é que conto com todos aqui como se

fossem da família.

Manola é, além de meu braço direito, uma grande amiga. Tenho muito orgulho dela, principalmente por nossas histórias serem tão parecidas em alguns pontos. Ela é filha do Dalto, o “carrasco” que me ajudou a ser a chef que sou hoje. O pai dela vive ainda em São Paulo, mas está aposentado, e, uma vez no mês, fazemos um almoço aqui no Hill, e é ele quem cozinha, deliciando-nos com seu tempero único.

O Arnaldo é nosso faz-tudo, aquele que nos mata de rir com suas piadas bem contadas, que faz as melhores carnes do mundo e que vive sendo consolado por todos por seu infortúnio no amor. Sua grande paixão foi o Marlon, um segurança que trabalha aqui no Hill algumas vezes na semana, mas o homem nunca lhe deu chances. Sofríamos com aquele amor platônico todo, essa é a verdade!

Além desses dois, que são cozinheiros incríveis, temos duas técnicas em gastronomia que sonham em se tornar um dia chefs de grandes restaurantes: a Cláudia, responsável pelas sobremesas da casa, e a Anabele, mestre dos molhos.

Aqui no Hill nós não temos cardápio de restaurante, é de bar mesmo! Bolinhos variados, anéis de cebola empanados, batatas feitas de várias formas e, claro, nossas porções de carne. O carro-chefe são as asas de frango com molhos, uma receita que aprendi com um americano e que caiu no gosto da nossa clientela.

Claro que, com um cardápio tão “tradicional” assim, nós nunca teríamos nos destacado se não fosse a constante variação que fazemos nas receitas. Inventamos *onions rings* recheadas com vários sabores; batatas com muitos tipos de coberturas, e nossas carnes sempre têm algum molho ou tempero especial.

Além disso tudo, eu conto com o Kiko, o mestre em drinques que encontrei há alguns anos servindo numa barraca de festa, fazendo freelance. Notei o talentoso *bartender* que ele era e não me arrependo nada disso. O homem é demais, além de ser um grande amigo.

No bar, ele trabalha com mais três ajudantes, que se encarregam de toda a bebida do pub e do controle do estoque. Kiko é um ótimo gerente, dei esse posto a ele por puro merecimento, demonstrando minha admiração. Ele sabe trabalhar em equipe, é muito organizado, sabe contornar conflitos e ter pulso firme com o time de vinte garçons e garçonetes que temos na casa.

O pequeno boteco ao estilo “pé sujo” hoje é uma empresa que gera renda e mantém dezenas de famílias.

Esse é mais um dos motivos pelos quais não posso fraquejar e deixar que as dívidas deixadas pelo papai e pelo meu irmão me façam perder tudo. Principalmente para os Karamanlis!

Respiro fundo só de pensar naquele bando de engravatado abutre rondando o pub como se ele fosse um animal agonizante prestes a perecer. Eu vendo o bar para qualquer um que quiser continuar o negócio, não importa que não seja meu – embora isso me doa –, mas nunca para eles.

Falta pouco para eu quitar a dívida do meu irmão. Papai começou a pagar ainda vivo, e eu continuei os pagamentos depois da morte dele. Devo a um traficante! Esse não é o tipo de pessoa a quem alguém quer dever, então os pagamentos precisam ser feitos religiosamente.

Mais um mês, e isso acaba!, penso aliviada.

Leonan – meu credor – me garantiu que, depois da dívida quitada, não haveria mais o nome da família Hill nos cadernos dele, e eu acredito que mantenha sua palavra. Para qualquer pessoa, essa minha fé em um traficante, quando meu irmão morreu de overdose, pode parecer contraditória, mas tem explicação. Quando João Pedro chegou ao fundo do poço e ficou fora de casa por mais de um mês, papai se desesperou e foi atrás do Leonan. Ele não fornecia mais nada ao meu irmão, mesmo porque JP já usava crack, droga com que ele não "trabalha", porém, o homem conhecia todo tipo de "fornecedor" e a galera que se amontoava na cracolândia.

Acharam meu irmão lá, e meu pai, mesmo sem nenhuma condição financeira, levou-o para uma clínica de reabilitação. Pasmem, mas quem emprestou o dinheiro para financiar a recuperação foi o Leonan, e é por isso que eu lhe pago até hoje, mesmo porque ele se arriscou muito emprestando esse dinheiro, uma vez que é apenas um dos "gerentes" da boca.

Nós tentamos, mas JP não conseguiu se reerguer.

Quando voltei de Paris, ele já estava de novo vivendo nas ruas. Papai estava desesperado, doente, e eu, mesmo frustrada por ter dado tudo errado no meu sonho de viver na Cidade Luz e ser uma chef reconhecida, fiz a promessa de fazer qualquer coisa por eles. Cheguei precisando de apoio e consolo, e, mesmo em meio a toda essa situação – que ignorava até voltar para casa –, meu pai me recebeu de braços abertos.

Meu irmão foi encontrado morto na rua, um choque e, ao mesmo tempo, um alívio para nós. Ele estava irreconhecível, doente, parecendo ter o dobro da idade que tinha e sofrendo muito. O vício é uma doença, e o crack é quase uma sentença de morte. Pouquíssimas pessoas conseguem se livrar dele, e é por isso que, quem consegue, merece receber todo apoio e consideração, porque é uma luta enorme, uma superação.

Papai estava medicado, tocava o bar, e eu voltei a trabalhar na cozinha e comecei a mexer nos cardápios. No princípio ele não gostou muito, mas depois foi aceitando a ideia de modernizar as coisas. O dinheiro começou a entrar,

porém, sempre que eu tocava no assunto reforma, ele desconversava.

Só descobri que ele era viciado em jogo logo depois do funeral, mas apenas soube o tamanho do problema há dois anos, quando recebi a “visita” de um dos agiotas que emprestou dinheiro a ele. Ele devia muito!

Tentei ir pagando ao longo desse tempo, no entanto, os juros que ele praticava só tornaram tudo uma grande bola de neve. Eu estava enxugando gelo e totalmente sem saída. Se vendesse o Hill, conseguiria quitar a dívida, mas como iria continuar mantendo as pessoas que dependem de mim e que necessitam desse trabalho? Além disso, esse é o único legado da família que me restou, pois a casa do meu pai, onde moro hoje, fica no andar de cima e faz parte da propriedade.

Eu tinha esperança de conseguir quitar a débito e fiz um investimento futuro que poderia me render um dinheiro suficiente para amortizar todos os juros e depois eu tentaria renegociar a dívida, mas algo aconteceu.

Fui tentar pagá-la há alguns meses, e, simplesmente, o agiota não me atende. Sempre entrei em contato pelo único número que ele me deixou. Entretanto, é como se nunca tivesse existido.

Um frio percorre minha espinha ao imaginar os prováveis motivos para que o homem não me atenda mais, e eu temo pelo que possa me acontecer.

06

Theo

A noite começou com correria. É sempre assim quando vou à abertura de um vernissage ao qual estou patrocinando. Dessa vez não será pintura, mas sim um jovem escultor descoberto em Paraisópolis que faz seu trabalho com argila, sucata ou qualquer outro material que possa transformar em arte.

Antes ele vendia suas esculturas como artesanato em uma feira de rua, e um dos meus contatos no mundo das artes me ligou assim que viu o material dele. Claro que o rapaz, de apenas 21 anos, tinha muito a se refinar ainda, mas era claro como o dia o talento que tinha para transformar em realidade tridimensional qualquer coisa que viesse à sua imaginação.

Assim que conversamos, propus que ele fosse estudar com um amigo meu, um megaescultor brasileiro cujas peças estão no mundo todo, e assim comecei a organizar seu caminho até o dia de hoje. Viviane, meu braço direito nos negócios com artes, levou-o a várias exposições, workshops, festas e qualquer outro evento que o ajudasse a fazer networking. Enquanto isso, ele estudava, e eu

bancava suas despesas e o local onde trabalhava.

Dez meses depois ele já tinha uma quantidade absurda de material de qualidade surpreendente para ser apresentado, e Viviane começou, então, a organizar a exposição, a espalhar uma coisinha aqui e outra ali sobre ele, a mostrar – mesmo que de relance – algumas das melhores peças dele a colecionadores a fim de deixá-los curiosos.

Claro que exatamente essas peças são as que eu já separei para minha coleção particular, que já serão mostradas como vendidas nesta noite, causando assim alvoroço e incitando os outros compradores a adquirirem mais esculturas.

É assim que esse mercado funciona. Geralmente quem é colecionador é também um competidor nato e, ao saber da compra de um item que gostou, começa a sentir medo de ficar sem uma peça daquele artista e, mais tarde, ele se revelar o novo Michelangelo. É por isso que eu sou louco por essa área, por esse jogo pensante e cheio de estratégias como o de um tabuleiro de xadrez. Primeiro, preciso enxergar o potencial artístico de uma pessoa, depois é só começar a jogar e colocar cada peça em seu devido lugar até vencer o jogo.

Ah, não pensem que faço isso por caridade, claro que não! Eu sou um investidor, então tudo o que faço pelo artista está em contrato, e depois sou ressarcido de acordo com o sucesso obtido. Todavia, em algumas situações ocorrem contratempos que impedem o acordo de seguir em frente, nesse caso fico no prejuízo, e o artista volta a se virar sozinho. Meus prejuízos até hoje foram ínfimos diante do que já lucrei nesse negócio, por isso gosto cada vez mais de jogar esse jogo.

O único problema é conciliar meu trabalho burocrático na Karamanlis com a agenda que tenho que seguir, afinal, não “apadrinho” apenas um artista, geralmente tenho umas dezenas em vários estágios de preparação e sucesso. Por isso não dispenso a Viviane, pois ela coordena toda a agenda desse pessoal – excêntrico o suficiente, vale ressaltar – tão heterogêneo.

É uma empresa paralela que nem leva meu nome, porque há um impedimento no estatuto da Karamanlis de o CEO pertencer à diretoria, conselho ou ser sócio de qualquer outra empresa. Então, para todos os efeitos, Viviane Lamour é a dona, e eu, apenas um admirador, além de seu amante, como todos comentam.

Rio ao pensar nisso, dando o nó na gravata-borboleta de frente para o espelho. Conheci Viviane numa festa dada por um pintor muito louco, e ela, obviamente, chamou-me a atenção por seu belo porte, cabelos cortados bem curtos e com a franja alongada, completamente platinados a ponto de serem brancos, destacando sua pele morena. Por si só, ela já é uma obra de arte, de bom gosto, apenas para apreciação de pessoas com senso refinado e olhar crítico.

Saímos algumas vezes, fodemos na maioria delas, mas depois nos tornamos amigos, e o tesão passou. Hoje fico até incomodado com o jeito como ela me trata, como se eu fosse seu confidente, uma espécie de mulher ou amigo gay a quem ela conta detalhes íntimos (excitantes ou asquerosos). Nós nos divertimos juntos, já saímos com a mesma mulher ao mesmo tempo, e eu já a dividi com outro cara, mas tudo na base da amizade e sem nenhum tipo de amarra, e há muito tempo não temos mais esse contato, apenas o profissional e amistoso.

Além de Millos, ela é a única que sabe da vontade do *pappoús* e tem me auxiliado na busca de uma mulher que preencha o requisito da velha raposa grega – e os meus também, óbvio!

Viviane é mais do que minha sócia, ela é meu faro, o olhar de lince que preciso, além de ser uma ótima companhia, inteligente, divertida, moderna e muito agradável.

Meu celular toca, e vejo o nome dela aparecendo na tela, como se eu a tivesse evocado.

— Theo, meu lindo, você vai chegar a tempo?

Olho-me no espelho antes de responder. Traje de gala, smoking tradicional, preto, com camisa branca, gravata-borboleta de seda também preta e sapatos italianos de couro. Meus cabelos estão penteados para trás com uma pomada que os mantêm fixos, mas sem aquele aspecto molhado tão *démodé*, minha barba está bem aparada, do jeito que gosto, tudo no lugar.

— Vou, sim! — respondo abrindo a gaveta com relógios da Rolex.

Fico em dúvida por um instante, mas acabo optando pelo clássico *day-date* de platina, luneta lisa, pulseira presidente e mostrador de ouro branco 18 quilates, de fundo preto com listras. Clássico e moderno ao mesmo tempo!

Confiro o horário no convite e, em seguida, as horas no relógio já no meu pulso. Não gosto de joias, pulseiras, cordões e etc. O único acessório – que, nesse caso, é como uma joia, por ser feito de metal precioso – é meu relógio. Venho os comprando e colecionando há muitos anos e, quando mandei fazer o closet, incluí no projeto gavetas-cofre, todas com combinação para abrir, onde eles ficam aguardando para serem usados.

Tenho peças de várias marcas e muitos modelos de cada uma delas, com valores também variáveis, desde o de um carro popular ao de um apartamento. Minha paixão por relógios é a mesma que Millos tem por motos, por exemplo, ou a que o vovô tem por selos. Acho que todo Karamanlis gosta de acumular algo; não sei se ou o que meus irmãos gostam de colecionar apenas porque não os conheço bem.

Passo perfume antes de sair e, já na sala de estar, encontro-me com a Vanda a esperar, torcendo as mãos e parecendo ansiosa.

— Algum problema?

— Infelizmente, sim. — Ela dá um suspiro. — Minha filha acabou de me ligar... perdeu o bebê.

Caminho até ela e coloco a mão sobre seu ombro, consolando-a.

Vanda trabalha comigo há tantos anos que é como se eu conhecesse toda sua família. Ela tem dois filhos adultos – uma mulher de trinta e poucos anos e um rapaz ainda na casa dos vinte. Os dois moram longe, estudaram, foram trabalhar e formaram família. O rapaz – cujo nome nunca lembro – mora nos Estados Unidos e trabalha numa empresa de tecnologia lá. Já a mulher, Aurora – esse é um nome que nunca esqueço –, mora no Rio de Janeiro com o marido, com quem é casada há muito tempo.

Ainda me lembro da felicidade de Vanda ao me comunicar que finalmente seria avó. Por isso, entendo sua tristeza.

— Se precisar de uns dias para ficar com ela... — Ela concorda. — Vou pedir ao Rômulo que providencie as passagens de avião. — Pego o celular. — Ele tenta algo para hoje ainda?

Ela soluça, e isso me corta o coração. Nunca tive contato com minha mãe, e ela cuida de mim como se eu fosse seu filho. Claro que temos uma relação profissional, mas reconheço o trabalho e o afeto dela por mim.

— Eu gostaria de ir o mais rápido possível...

Rômulo atende no segundo toque, todo esbaforido como sempre, como se estivesse fazendo algum tipo de exercício que o deixasse sem fôlego.

— Rômulo, boa noite! Preciso que compre passagens para o Rio de Janeiro se possível ainda para hoje à noite.

— O doutor vai viajar? Não vi nada na agenda que...

— Rômulo... as passagens, estou esperando na linha — corto-o.

Ele demora alguns minutos, mas ainda posso ouvir sua respiração ofegante. *Será que o filha da puta tem asma e nunca me contou?*

— Tem um voo para às 22h20 com previsão para chegar lá no Galeão às 23h25, posso comprar?

Confiro as horas de novo; pouco mais de duas horas para a partida do voo.

— Compre e já faça o check-in online. É para a Vanda, têm todas as informações sobre ela na minha pasta pessoal.

Ele confirma, pergunta sobre a volta, e eu peço para reservar para daqui uma semana, mas com possibilidade de mudança.

Vanda vai correndo até seu quarto, entendendo o pouco tempo que tem até chegar a Guarulhos, e eu aproveito para ligar para o Dionísio, que já está na garagem do prédio me esperando.

— Dio, você vai levar a Vanda para o aeroporto o mais rápido possível. Ela

tem que estar lá em uma hora para poder embarcar para o Rio. Vá rápido, mas com segurança. — Mal desligo e ligo de volta para o Rômulo. — Conseguiu?

— Já mandei o voucher para o celular dela, chefe! — diz todo animado, e eu reviro os olhos.

— Preciso que entre em contato com aquela empresa na qual alugamos carro e motorista quando me hospedei lá.

— Já fiz isso também, chefe! — sua voz agora está animada e orgulhosa.

— Muito bem! Bom trabalho, Rômulo! Boa noite!

Juro que posso ouvir um suspiro quando desligo o celular. Rio, balançando a cabeça, achando o jeito dele muito engraçado, mesmo que me irrite na maioria do tempo. *Esse Rômulo!*

Uma mensagem da Viviane chega, pois agora estou oficialmente atrasado, e retorno apenas para acalmá-la:

Problemas domésticos, chego em 30 minutos.

Sento-me no banco do piano, brincando com as teclas enquanto Vanda termina de arrumar sua bagagem, pensando em como as coisas mudam de uma hora para a outra dentro de uma família. Eu já senti essa reviravolta uma vez, embora na época tenha reconhecido que foi para melhor, mas ainda assim as lembranças dela causam a dor da sensação de não saber como teria sido.

Bufo de raiva por deixar isso voltar, mesmo depois de tantos anos. Tudo o que eu queria era uma noite de sucesso para meu investimento e, talvez, um sexo casual depois do evento.

Dedilho um blues aleatório ao piano para animar meu espírito antes de sair de casa.

Odeio essas noites corridas!

— Porra, achei que você não vinha mais! — Viviane me cumprimenta assim que eu piso na galeria. — Samuel Dias é o maior sucesso! — cochicha em

meu ouvido enquanto finge um abraço. — Parabéns!

Retribuo o cochicho:

— Para nós dois!

Ela gargalha, e isso chama a atenção de algumas pessoas que estão tomando champanhe e conversando em um canto. Cumprimento-os com a cabeça, pois conheço a maioria deles, mas uma loirinha me atrai com seu sorriso contido e olhos esfomeados.

— Seus olhos não são bons só em detectar talentos... — Vivi sussurra. — Valentina de Sá e Campos, filha do deputado Cristóvão Campos e neta do diplomata Augusto de Sá.

— É um bom currículo! — debocho. — O que mais você sabe?

Viviane sorri lentamente, uma expressão que eu já conheço e que significa que ela sabe tudo o que eu quiser ter de informação sobre a garota.

— Tem 27 anos, formada em Direito, faz balé desde criança e toca piano muitíssimo bem. — Faço um gesto com a cabeça, admirado. — Pelo que eu sei, trabalha no escritório com a mãe, mas está estudando para ingressar na diplomacia como o avô.

— Uma mulher de carreira, então?

Vivi me olha como se eu tivesse duas cabeças, e ergo as mãos em rendição.

— Mulher de carreira! Que mente retrógrada! O que você quer, afinal? Uma dondoquinha que fique em casa sem fazer nada o dia todo?

— Uma mulher que cuide de meu filho e que não o abandone por causa da profissão.

Ela volta a me fuzilar com os olhos.

— Isso é revoltante, Theo! Há ótimas mães que também são ótimas profissionais, uma coisa não exclui a outra, pelo amor de Dadá! — ela sempre me arranca um sorriso quando diz essa expressão. — Você quer mesmo fazer isso? Começar a sair com alguém para se comprometer? Porque, a cada vez que encontra uma possibilidade, você arranja mais requisitos! Tá foda!

— Vamos cumprimentar o artista primeiro, depois você continua me contando a vida da menina. — Sorrio para ela. — Anota aí que eu também a achei muito nova.

— Puta que pariu, desisto de te ajudar! Aquela última tinha 35 anos, e você achou que ela já podia estar entrando na menopausa e que por isso ia ser difícil emprenhar. — Rola os olhos. — Cagão!

Gargalho, aceitando um copo de uísque que o garçom veio me servir.

— Macallan? — pergunto, sentindo o cheiro.

— Óbvio, trouxe exclusivamente para você. — Ela acena, e vejo Samuel Dias. — Elogie o rapaz, diga que eu contei como ele tem se saído bem nesta

noite e se desculpe pela demora. Finja ser sensível!

— Mas eu sou, não preciso fingir! — respondo rindo, bebericando o uísque.

— O que há de errado? — Ela provavelmente percebeu que não estou bebendo de verdade, apenas fazendo cena.

— Estou dirigindo. Tive que pedir a Dionísio que me fizesse outro favor.

— Justo hoje? — mesmo com o sorriso congelado em sua face, sua voz não disfarça a irritação. — O que havia de tão importante?

— Nada para você se preocupar. — Cumprimento o artista da noite: — Parabéns, eu ouvi falar que tudo tem sido um sucesso!

— Obrigado, Theo! Nada disso seria possível sem...

— Não, nada disso! Vamos celebrar a sua conquista hoje! — corto seu discurso de gratidão. Ele não precisa disso, não lhe estou fazendo um favor. — Viviane, procure um garçom para servir algo ao rapaz! O serviço poderia estar melhor...

— Vá se foder, Theo — diz baixinho entredentes, mas faz o que peço.

Assim que ela se afasta, cumprimento Samuel como sinto que devo, sem Viviane a estar no meu ouvido dizendo o que e como devo falar com ele.

— Estou muito orgulhoso de você. Sabia que seu talento seria reconhecido. — Ele agradece. — Só se lembre daquilo que conversamos no primeiro dia em que nos encontramos.

— Claro! — Sorri. — Nunca abandonar minhas raízes e minhas essência, porque são elas que impulsionam meu talento.

— Exato!

Viviane volta com duas taças de champanhe.

— Podemos brindar? — pergunta animada.

Levanto o copo de uísque enquanto eles tocam de leve as taças. Novamente busco a garota loira com os olhos e tenho a grata surpresa de pegá-la me observando. Sorrio, aceno com a cabeça, e ela faz o mesmo.

Então vamos ver no que dá!

07

Theo

Acordei de ressaca hoje, e não foi por causa da quantidade de bebida que ingeri no vernissage; aquela quantidade, eu nem consideraria como beber. Viviane ficou puta por ter encarecido o orçamento com garrafas do meu uísque preferido e eu não estar bebendo, por isso, depois do evento, reuni todas as que sobraram e trouxe para meu apartamento.

Pensei que ia passar uma noite solitária, acompanhado apenas de um *single malte* e discos de jazz, mas, no meio da minha encenação de lobo solitário, Millos ligou me convidando para ir até seu *loft*. Neguei várias vezes, mas a porra do homem estava tão excitado com a cerveja que havia feito que não parava de insistir.

Resultado? A bebida realmente estava um espetáculo! Enchemos a cara, mesmo sob meus protestos, pois nunca curti muito beber cerveja, e comemos uns tira-gostos tão saborosos que teci elogios a sua habilidade na cozinha.

— Ah, não fui eu quem preparou, não! — Riu. — Encomendei no Hill.

Quase cuspi aquela porra para longe e o fuzilei com os olhos.

— Porra, eu querendo que aquela merda feche e você comprando lá? Está do lado de quem afinal?

— Do meu estômago! — respondeu comendo mais um dos bolinhos. — Estava com vontade de ter um acompanhamento, mas sem nenhum saco para preparar. Me lembrei do dia em que fomos lá e quis conferir se ainda continuavam tão gostosos!

— Ainda não te perdoo por aquela arapuca! — acusei.

Há uns dois anos, Millos me convidou para comemorar seu aniversário, coisa que vez ou outra fazemos quando ele está em clima de festa. Eu lhe disse que o encontraria no local, mas ele insistiu em me buscar em casa, e, quando chegamos e percebi que era no Hill, fiquei bem puto, mas a curiosidade de saber o motivo pelo qual o boteco estava se tornando um sucesso me impulsionou a entrar.

O que eu não contava era que, além de a mim, o filho da puta tinha convidado meus irmãos. Ficamos lá os quatro como se fôssemos bons amigos, compartilhando da armadilha de Millos. Aposto que Kostas e Alex detestaram cada momento, mas sorrimos, bebemos e experimentamos os quitutes da tal da Duda Hill.

Mesmo não gostando de admitir, era fato que a mulher sabia o que estava fazendo na cozinha. Os bolinhos tão tradicionais de um boteco tinham um requinte diferente, embora mantivessem a essência. Era como se ela conseguisse melhorar o que já era perfeito, e isso, tenho que admitir, é um dom.

Confessei isso ao meu primo? Nem sob tortura! Repreendi-o por ter comprado lá, aleguei que ela podia ter mandado envenenar os quitutes – fazendo um drama desnecessário, culpa da bebida –, mas não parei de comer.

— Ah, pedi a Sami para comprar para mim — respondeu.

— Você ainda está saindo com ela? — questionei surpreso, pois havia muito tempo não via a motoqueira que, de vez em quando, orbitava em volta dele.

— Não! Somos amigos, já disse isso, mas parece que você só enxerga a boceta de uma mulher, come até suas “amigas” — fez referência a Viviane.

— Por que você não gosta dela? — Provoquei: — Porque ela é independente, dona de si mesma e diz o que pensa?

— Não! Eu não curto mulher assim para comer, mas não tem nada a ver com o fato de eu achá-la fria e calculista, e nunca escondi isso de você. Aquela mulher gela meu sangue!

Ri do seu exagero, afinal, a Vivi não tem nada de fria. Millos implica com ela pelo simples fato de a mulher ter personalidade e não se deixar comandar por

ninguém. No primeiro momento ele se sentiu atraído, Vivi é um espetáculo aos olhos, e ela também não disfarçou o interesse. No entanto, bastaram alguns minutos de conversa para que se odiassem.

— Hoje ela conseguiu algo incrível — comentei. — Valentina de Sá e Campos, já ouviu falar?

Ele riu.

— Dela não, mas conheço os sobrenomes. Família paulistana tradicional, bom currículo. — Cruzou os braços e me olhou debochado. — A futura senhora Theodoros Karamanlis?

— Talvez — fui sincero. — Conversei um pouco com ela nesta noite, achei-a divertida, inteligente e sedutora. A princípio achei que era muito nova, mas é madura e independente, cheia de opinião. Gosto do tipo.

— Eu sei. — Ele se levantou e foi pegar mais cerveja. — Foi Viviane quem te apresentou a ela? — Assenti. — Não sei se gosto disso, mas boa sorte.

Gargalhei pela implicância dele com a Vivi e resolvi desviar o assunto. Falamos da Karamanlis, de música, de motos e, por fim, já muito bêbado e com sono, caí sobre o sofá dele e acordei há pouco, com torcicolo e com uma puta dor de cabeça.

— Ei! — Millos me saúda estendendo uma xícara de café. — Você está destruído!

O desgraçado ri, mas nem posso mandá-lo tomar no cu, porque minha cabeça trepida parecendo que há uma britadeira no meu cérebro. Maldita cerveja! Malditos bolinhos envenenados da Duda Hill!

— Cara, você é fraco para minha cerveja! — Millos ri. — Ficou boa, não é? — Apenas assinto, ainda tomando o café para melhorar meu ânimo. — O que está programado para fazer nesse final de semana?

— Vou trabalhar. Como saí um pouco mais cedo ontem por causa do vernissage, Rômulo separou umas pastas para que eu lesse nesse final de semana. Coisa chata, principalmente da pauta da reunião do conselho.

— Por falar no conselho... — Ele se senta ao meu lado no sofá e apoia os pés descalços sobre a mesinha de centro. — Ontem tive notícia do Kostas. — Ri. — Parece que tomou um toco feio da Kika e está cuspindo marimbondos.

Gargalho, esquecendo a dor.

— Como queria ter visto esse embate!

— Eu também.

Bufo, mesmo divertido, lembrando que o meu problema continua.

— Preciso trazê-la de volta para a empresa com urgência. Há vários projetos dos *hunters* parados, e o Rômulo não está dando conta de organizá-los.

Millos rola de rir no sofá.

— Esse seu assistente é muito estranho. Sinceramente não entendo como você ainda o mantém trabalhando contigo!

— Gosto de ele ser metódico. — Dou de ombros. — É organizado, embora meio desastrado, nunca perde um prazo e faz tudo o que eu peço.

— Seu próprio espelho, não é? Nunca conheci ninguém mais chato que você para organização.

Ergo uma sobrancelha para ele e olho em volta para seu *loft* cheio de espaço, mas sem nenhuma lógica ou senso de estilo. Millos gosta de coisas rústicas, e respeito isso, acho legal, mas é tão bagunceiro que seus móveis caros de design parecem ser cacarecos de alguma casa demolida.

Os únicos locais arrumados são: a cozinha, o “laboratório” de cerveja (como ele mesmo se refere ao local) e onde dorme. O resto... tem peças de motos para todos os lados, mesmo a oficina ficando na parte de baixo do galpão que ele chama de *loft*, tem barris com os ingredientes que compra para a fabricação de cerveja, roupas, discos e óculos (nunca vi tantos para uma só pessoa) espalhados por todos os lados.

O homem é um caos completo em casa, mas, se alguém entrar na sala dele na empresa, vai acreditar que é o epítome da organização. Não entendo como consegue!

— Bem, sobre a Kika, eu posso te adiantar que não precisa se preocupar — Millos continua. — Falei com ela ontem, e vai voltar.

Expiro o ar, aliviado.

— Porra, Millos, porque não me contou antes? É um alívio do cacete não ter que lidar com mais esse problema e...

— Mas ela não quer ser mudada de andar.

— O quê? Ela está fazendo exigências?

Millos penteia a barba com os dedos, enervando-me com sua calma.

— Demonstramos desespero ao mandar o Kostas pedir arrego. — Concordo com ele nesse ponto. — Ela quer aumento, continuar no andar e... — Tenta conter o sorriso, e prevejo que vem bomba, mas ele vai dar um doce do cacete para falar.

Perco a paciência e esbravejo:

— O que mais ela quer?!

— Carta branca para mandar seu irmão se foder à vontade.

— Porra!

Ponho as mãos na cabeça, sentindo a dor de cabeça voltar com tudo e ouvindo a risada debochada do Millos.

Eles querem me enlouquecer, só pode!

A dor de cabeça me acompanhou ao longo de todo o final de semana. Tomei analgésico, antiácido e – seguindo os conselhos do meu primo – mais um pouco de cerveja. No entanto, não consegui me livrar do incômodo insistente.

Trabalhei o sábado inteiro, recebendo ligações do Rômulo quase de hora em hora, a ponto de ficar puto com ele e mandá-lo caçar algo para se divertir e me deixar em paz. Compreendo que ele queira me ajudar, mas, às vezes, sua dedicação exacerbada me estressa.

Recebi um convite para jantar de uma antiga amante que vinha a São Paulo de tempos em tempos, mas neguei. Queria apenas relaxar um pouco em casa depois de ter trabalhado em páginas e mais páginas de relatórios com uma dor de cabeça chata a me distrair.

Pedi comida em um restaurante de comida vegana, achando que pudesse ser a gordura dos bolinhos do Hill – velha e rançosa, com certeza – que me deu essa indisposição e resolvi assistir a alguns filmes antigos. Sou fã de "O poderoso chefão", então comecei a assistir a cada um deles de novo.

Novamente dormi em um sofá, mas acordei melhor e resolvi correr um pouco. Passei umas duas horas no Ibirapuera e, na volta, encomendei o almoço de domingo, sentindo-me um pouco órfão sem a Vanda em casa.

Liguei para Millos a fim de fazermos algum programa à tarde, mas ele estava com alguma mulher em algum clube ou lugar que só Deus sabia, então voltei aos relatórios, e isso consumiu o resto do dia.

Debaixo do chuveiro, rememorando este final de semana de merda, ouço meu telefone tocar, mas o ignoro. Coloquei os jatos no mais forte possível para tentar aliviar um pouco a tensão que venho acumulando nesses dias. A verdade é que preciso trepar um pouco, divertir-me, talvez fazer uma viagem ou passar um final de semana com alguém sem pensar no trabalho.

A imagem da Valentina vem à minha mente, sua conversa gostosa, seu sorriso bonito. Contudo, ainda não me sinto completamente certo de que devo me envolver com ela, principalmente por uma questão: não senti muita atração.

Sei que isso é de momento e que pode mudar, principalmente se a convivência for boa. Nem sempre sentimos atração pela pessoa no primeiro encontro, e já vivi anos demais para saber que até um primeiro encontro explosivo pode depois esfriar e o tesão ser extinto, então, não me baseio apenas nessas primeiras impressões.

Fecho os olhos e penso na garota da boate há alguns anos. Ela vem

preenchendo minhas fantasias há muito tempo, talvez por ter sido gostoso daquela vez e não ter tido mais notícia dela.

Mal lembro do seu rosto, de tão bêbado que estava, sempre quando fantasio vejo os cabelos e me lembro da loucura que foi nossa transa naquele banheiro.

O telefone volta a tocar, e desligo o chuveiro, saindo do boxe para ver quem é o chato. Rio ao ver o nome do Millos. Na mosca!

— Já terminou sua maluquice sexual com a “submissa” da vez? — provoco.

— Vá se foder e não se meta nos meus assuntos — rosna. — Liguei para saber se amanhã pode ir comigo a um restaurante que um amigo inaugurou nos Jardins.

— Boa comida ou é boteco?

— Não, seu fresco, é coisa fina! Vanda ainda não estará de volta, não é?

Suspiro, resignado.

— Não, ela ainda vai ficar um tempo no Rio de Janeiro. Está certo, amanhã combinamos isso melhor no escritório.

— Okay! — diz animado. — Vai almoçar no refeitório junto aos funcionários?

— Sempre há uma primeira vez, não é? — Deixo a toalha no suporte e sigo para o closet. — Além do mais, confio que servimos algo de qualidade aos funcionários.

Millos ri.

— Essa eu quero ver! Nos encontramos no almoço, então! Boa noite, Theo.

— Boa noite!

Desligo o telefone e me olho no espelho, lembrando-me do tempo em que comia qualquer coisa e em qualquer lugar, na maioria das vezes sujo e fedendo a peixe, sentindo-me feliz e livre.

— Quem é você, Theodoros Karamanlis?

08

Theo

O dia nem bem amanheceu, e eu já estava suando na academia com a Sandra. Hoje, sem Millos, o treino foi mais tranquilo, seguindo o ritmo normal dos exercícios. Tomei meu café sozinho na cozinha – café puro mesmo – sentindo imensamente a falta da Vanda, de sua conversa matutina animada e seus cuidados. Posso não admitir sempre, mas gosto de ser cuidado, de sentir esse afeto, coisa tão rara na minha vida.

Limpei os pensamentos e saí para trabalhar.

— Bom dia, Dionísio! — cumprimentei o motorista como em todos os dias, já pegando meu jornal para me inteirar sobre as principais notícias do dia. — Hoje vou almoçar na empresa, mas, à noite, vou sair do escritório direto para jantar com Millos.

— Levo o doutor ou trago o carro?

— Traz o carro, vou dirigindo.

Ele assentiu, e seguimos viagem em silêncio, ele concentrado no trânsito, e

eu, nas notícias de economia do país e do mundo.

Cheguei à empresa já apagando incêndios. Um dos projetos de um cliente foi reprovado por uma comissão municipal, então Kostas teve que intervir mandando seus advogados e acompanhando todo o processo. Eu, como CEO, fiquei aguentando a aporrinhação do gerente responsável pela implantação da empresa multinacional aqui no Brasil.

Nem vi a hora passar, mal tomei meus cafés tão tradicionais ao longo da manhã, irritado com esse problema, com o Rômulo borboleteando ao meu redor me enchendo de perguntas: “quer café?”, “ligo para o doutor Konstantinos?”, “quer um calmante?”. Eu quase explodi de raiva, sentindo meu estômago fritar e a cabeça estourar.

Desci para o refeitório faltavam alguns minutos para o meio-dia e, para meu espanto, ainda não tinha nenhuma refeição pronta. Conferi as horas no Omega, um dos relógios mais precisos do mundo, e estranhei a demora. Rômulo apareceu e, quando lhe questionei o atraso, fiquei sabendo que o almoço era servido a partir da 1h da tarde.

Voltei para o escritório sob a insistência de Rômulo para me encomendar o almoço em algum restaurante.

— Não! Hoje vou comer no refeitório — insisti.

Millos me lançou um desafio por eu nunca ter comido na empresa desde que foi inaugurado o refeitório para os funcionários. Pensamos no restaurante para facilitar a vida de todos e, como tínhamos espaço, decidimos montar a estrutura. Estive presente no primeiro dia, na inauguração, há alguns anos, mas depois disso não botei mais os pés no local.

Exatamente às 13h desci novamente pensando em usufruir de um almoço tranquilo e nutritivo, porém, o que encontrei me deixou sem ação. Primeiro, os funcionários ficaram estarrecidos ao me ver ali; percebi em seguida que apenas o baixo escalão da empresa – de coordenadores para baixo – estava comendo ali. Não havia nenhum gerente ou diretor no meio dos mais de 100 funcionários da companhia.

Contudo, o que mais me surpreendeu foi a comida. Não, não era ruim, pelo contrário, era bem preparada, mas sem nenhuma opção para substituição.

— E quem não pode comer carne vermelha? — questionei ao Rômulo, e ele apenas corou, fingindo não ouvir. — Há cardápios diferentes ao longo da semana?

Rômulo continuava a montar seu prato sem emitir qualquer resposta, o que não é nada típico dele, e isso me irritou. Quando não era para falar, o homem tagarelava, mas, quando eu precisava de respostas, ficava mudo!

— Rômulo! — chamei-o de modo mais enérgico. — Eu estou tentando

entender o que...

— Não, não há! — escuto a voz do Alex e me viro para encará-lo. — E seu querido assistente não sabe informar porque não come aqui também. — Meu irmão pegou um prato e se serviu naturalmente. — A questão do restaurante entrou em pauta numa reunião de diretoria, mas o senhor todo-poderoso do Olimpo achou que não era uma questão relevante para a economia da empresa e pulou o assunto.

Olhei de esguelha para Rômulo buscando confirmar a informação, e ele atestou. Xinguei mentalmente.

— Uma empresa é feita de mais do que números, Theodoros Karamanlis — seu desprezo pelo sobrenome era evidente. — E, quando fiz a proposta do restaurante, era para que, além de economizar o tempo dos funcionários e agilizar o serviço, também tivéssemos convívio com eles, porém, adivinha quem foi o primeiro a pular do barco e a incentivar o "alto escalão" a ir junto?

Bufei de raiva.

— Quem é o responsável pela gestão do restaurante? — ignorei o discurso do meu irmão idealista e perguntei ao Rômulo.

— É terceirizada, a mesma empresa do pessoal da manutenção.

Merda!

— Marque uma reunião com ela e peça ao Kostas para avaliar o contrato. — Rômulo mais do que depressa escreveu em seu tablet inseparável. — Dispare um memorando para todos os diretores e gerentes, lembrando da existência do restaurante e informando que, a quem for almoçar fora, será necessário cumprir o horário, ou seja, uma hora e nenhum minuto a mais.

Rômulo arregalou os olhos e assentiu.

— Eu pouco vejo você e percebo que nem é preciso! Você não mudou nada, o mesmo prepotente de sempre. — Alex passou por mim, ainda se servindo no bufê, rindo de deboche, e percebi olhares curiosos em nossa direção.

— Eu preciso lembrar que você também faz parte da diretoria e tem acesso irrestrito ao conselho? — Cheguei perto para falar baixo: — Se fosse meu projeto, nunca deixaria chegar aonde chegou só porque não sou o CEO. Isso demonstra que está mais preocupado em ir contra a direção do que lutando pelo bem-estar dos funcionários. Não é minha função tomar conta de tudo, não sou absolutista, eu delego e confio naqueles a quem passo esse poder. — Ele fechou a cara, perdendo o ar de superioridade. — Não tenho intenção alguma de prejudicar os que trabalham comigo, pelo contrário. Mas assumo meu erro em não ter frequentado o local para dar exemplo.

— Mas o doutor também não tem horário certo para almoçar, por isso...

Balancei a cabeça em negativa, freando a defesa de Rômulo. Não tinha

desculpas, o exemplo era meu, e eu tinha falhado. Terminei de fazer meu prato, sentei-me a uma mesa com Rômulo e almocei mesmo sentindo um nó na garganta por ter mostrado falha e ter sido repreendido pelo Alex na frente de todo mundo.

Merda!

Ao longo do dia, a repercussão do almoço do CEO no restaurante da empresa, bem como o efeito do memorando para os diretores e gerentes agitaram a tarde na Karamanlis. Percebi todo mundo mais atento, mesmo na correria de sempre.

Tive uma resposta positiva da equipe de Kostas com relação ao projeto vetado e pude passar a boa notícia ao nosso cliente. Recebi vários relatórios dos setores e subsidiárias ao longo do dia, inclusive da K-Eng, dirigida pelo Alex.

Meu irmão é um sonhador idealista, defensor dos fracos e oprimidos, um rebelde que só trabalha conosco para contrariar a família. Cospe sobre nosso sobrenome, mas faz questão de ostentá-lo para afrontar o *pappoús*. Sempre achamos que ele tentaria afundar a empresa em represália ao tratamento que teve na infância, mas não, ele não só assumiu uma empresa praticamente independente como a fez crescer. Todavia, ainda sinto que há algo por trás disso.

Estaciono o carro na vaga do restaurante, afastando as lembranças do dia e conferindo o endereço que Millos me enviou por mensagem. Estar sem o Dionísio nesta noite é bom, porque vou moderar a bebida, afinal é segunda-feira, e prefiro tomar um copo de uísque quando estiver no meu apartamento.

Tenho expectativa de o jantar ser bom; já o almoço foi complicado e indigesto com a discussão com o Alex e a demonstração de que deixei as coisas correrem soltas demais. Claro que não sou arrogante a ponto de achar que meu irmão não estava com a razão sobre as coisas que me disse, afinal, ele convive mais com os funcionários que eu, mas não gostei de ser contrariado na frente de todos.

Entro no restaurante, e a primeira coisa que percebo é a arquitetura do lugar e a decoração de bom gosto. Isso realmente não diz muita coisa acerca da qualidade gastronômica deles, mas já conta pontos em matéria de conforto. Uma recepcionista, bem-vestida e muito bonita, cumprimenta-me, e lhe dou o nome de Millos, que foi quem fez a reserva.

— Ah, doutor Karamanlis, ele ainda não chegou, mas o senhor pode esperá-lo no bar, tudo bem?

Respiro fundo, conferindo as horas e calculando que ele – se viesse de moto, como sempre – já deveria estar aqui. Olho contrariado para o bar, logo na entrada do restaurante, e meus olhos são imediatamente atraídos para uma mulher vestida de preto, com os cabelos longos, castanhos e lisos, tomando uma

taça de vinho.

Não consigo ver todo o seu rosto, apenas o perfil, e isso é suficiente para que eu queira vê-la toda.

— Tudo bem — concordo com a recepcionista, que me aponta o bar.

Caminho para lá e me sento na poltrona alta ao lado da bela mulher. Não a olho, prestando atenção ao *bartender* que vem pegar meu pedido.

— Scotch, por favor. — Ele pergunta a marca. — The Macallan.

Sorrio satisfeito ao vê-lo pegar exatamente a garrafa que costumo beber e, então, de esguelha, olho para a mulher ao meu lado, procurando algum indício de indisponibilidade – ou problema –, como uma aliança em seu dedo.

Ela não usa nem mesmo anéis. No entanto, o que chama minha atenção são as unhas curtas, bem cuidadas, mas sem esmalte. Hoje em dia o que as mulheres mais fazem é colorir as unhas! Como eu gosto de arte, logo sou atraído pela variedade de cores e a combinação com as mãos e os formatos. Porém, não com ela; suas mãos são lindas, dedos longos, sem precisar de nenhum tipo de enfeite.

Subo o olhar e a encontro me olhando também.

— Boa noite! — cumprimento-a sorrindo assim que o *bartender* deixa meu copo no balcão.

— Boa noite! — ela responde. Sua voz me causa uma sensação de frenesi, e fico imediatamente excitado. Ela é linda em todos os sentidos da palavra. Seu rosto é delicado, proporcional, olhos expressivos, nariz fino e uma boca generosa. Fico imaginando como será seu sorriso aberto, não apenas esse polido e educado que me dá agora.

Paro de encará-la para não a constranger e tomo um gole do uísque, questionando se devo ou não puxar conversa com ela.

Não sou inseguro, nunca fui, mas às vezes uma mulher só quer estar quieta bebendo sem alguém para importuná-la, por isso sempre espero ver algum indício de que quer papo antes de abordar.

Dou outra olhada de soslaio.

Vamos lá! Quero saber quem você é!

09

— É a primeira vez que venho aqui — é ela quem faz o movimento, e gosto disso, uma mulher decidida. — Estou surpresa pelo requinte sem a frieza esperada desses restaurantes com esse nível. O pessoal é simpático e organizado.

Rio.

— Você é da área — constato e me viro para ela, girando a poltrona em sua direção.

— Sou. — Sorri finalmente, e me sinto extasiado com a perfeição do gesto. Os olhos ficam levemente puxadinhos, e sua face inteira se ilumina. A mulher fica absurdamente linda quando sorri. Meu interesse é real agora. — Mas hoje vim como cliente.

— Eu só venho como cliente — brinco. — Não sei fritar um ovo!

Ela ri de novo e toma um gole de seu vinho.

— O que seria dos restaurantes se todos soubessem ou gostassem de cozinhar? — Levanta sua taça em minha direção. — Aos que são apenas clientes

e podem desfrutar de uma deliciosa refeição sem ficar avaliando cada nuance do prato.

— Justo! — Brindo com ela. — Qual sua formação?

— Cozinha francesa. *Diplôme de cuisini e pâtisserie.*

Uau!

Meu corpo inteiro vibra e meu pau reage ao som do seu perfeito sotaque francês. Acompanho sua boca em volta da borda da taça de vinho, o leve ondular de sua garganta sorvendo a bebida e sua língua resgatando os resquícios da bebida em seus lábios.

Abaixo a cabeça e bebo um longo gole do uísque, tentando não parecer um tarado assediador, mas louco para perguntar se ela prefere na minha casa ou na dela.

— Pelo francês perfeito presumo que tenha estudado na França... — Ela concorda com um sorriso. — Le Cordón Bleu*?*

— *Naturellement.* Estudar gastronomia na França sem ser em Le Cordón Bleu é como ir a Roma e não ver o Papa!

Gargalho com sua comparação e a saúdo com minha bebida.

— É como ir até a Escócia e não provar um verdadeiro uísque.

Levo o copo até a boca e acompanho o olhar dela em mim.

— Sua escolha de bebida me surpreendeu — ela comenta, e franzo o cenho, olhando meu bom e velho *single malte* e me perguntando qual é o problema com ele. — É uma bebida conservadora, nada sofisticada, ao meu entender, não combinou muito. — Aponta para mim.

Finjo-me de ofendido, embora segure a risada, e cruzo os braços.

— E você é uma entendida em bebidas também? — provoco-a.

A risada dela é tão melodiosa que parece música, seus olhos se iluminam e as bochechas ficam levemente rosadas. Perfeita!

— Nem queira saber! — Beberica um pouco do seu vinho. — Praticamente cresci cercada delas.

— Hum... — Sorrio. — O que combinaria mais comigo, então?

Sou submetido a um olhar avaliador, passando pela minha roupa, sapatos e rosto. Sinto tão intensamente sua atenção sobre mim que é como se ela pudesse olhar além das minhas roupas. Estou exposto, nu, cada músculo aquecendo à medida que seus olhos percorrem meu corpo, concentrando ainda mais desejo em minha virilha. *Porra, que delícia!*

— Pelo estilo de roupas e o Omega que usa no pulso — ergo a sobrancelha, surpreso pelo bom olho que ela tem —, um Dry Martini.

Gargalho sem me conter, e ela me segue, ambos divertidos pela comparação que ela faz. *James Bond?* Sim, eu sei que o mais famoso espião dos cinemas só

usa relógios da Omega, mas não me vejo com uma taça de Dry Martini na mão, exigindo do *bartender*: "batido e não mexido". Gosto de pensar que sou mais rústico que isso. A prova é meu *single malte* caubói.

— A sofisticação é só uma casca, pode acreditar. Estou longe de ser tão refinado quanto o Bond, ou tão habilidoso. — Ela levanta uma sobrancelha questionadora, demonstrando que não acredita nessa minha "humildade". — A propósito... — respiro fundo, indo devagar — meu nome é Theo.

Mais uma vez seu sorriso faz meu pau reagir, ficando dolorosamente duro e pulsando na cueca. *Que porra de atração é essa? O que essa mulher tem?* É divertida, a conversa está fluindo bem, além de ser linda, mas essa atração... não é assim que acontece, ainda mais em um ambiente tão frio quanto o em que estamos.

— Maria Eduarda. — Ela estende a mão, e eu a seguro.

Tudo em volta parece vibrar, e noto que ela também sente isso. Meu sorriso se expande. Não tiro os olhos dos seus. A energia gerada pelo toque esquenta meu corpo e aumenta minha percepção do dela.

Maria Eduarda tem um belo pescoço, e o cheiro suave de um bom perfume parece advir exatamente do ponto onde eu gostaria de passar minha língua. Os ombros são delicados, os braços longos e sem nenhum contorno muscular demonstram que ela não mantém regularidade de exercícios, sendo magra ao natural. Os peitos no decote do vestido são pequenos, porém, redondos e firmes.

O vestido, embora justo, tem um tamanho comportado, por isso não posso ver suas coxas – o que é uma pena –, tão somente as panturrilhas e uns pés lindos – esses, sim, com as unhas pintadas de vermelho – em sandálias de cor clara.

Apesar de ser uma mulher atraente e bonita, não é uma beleza exótica. Sem o sorriso, ela passaria a ser apenas mais uma mulher bonita como muitas outras que existem por aí, porém, não para mim. Algo nela chamou minha atenção desde o primeiro momento. Mesmo com ela de costas, sem nem ao menos ver seu rosto direito, senti-me atraído.

Agora ela me deixa em chamas, tentado a ser direto e lhe propor uma noite de pura sacanagem. Eu o faria se o local fosse mais descontraído e tivesse mais abertura da parte dela, não só a confirmação de que se sente atraída por mim. Em uma boate, por exemplo, eu seria mais efusivo.

— É um prazer enorme encontrá-la aqui — mesmo sendo sutil, quero deixar claro que ela chamou minha atenção. — Salvou minha noite, pode ter certeza.

Ela sorri e solta minha mão.

— Quase não vim — confessa e dá de ombros. — Assunto chato,

companhia chata.

Gosto da sua sinceridade.

— Negócios? — Ela assente, e eu adoro a notícia. — Geralmente os meus jantares têm o mesmo motivo.

— Então veio para uma reunião também?

Nego com a cabeça antes de responder:

— Não, hoje só vim comer. Meu primo é amigo do dono daqui e me recomendou o restaurante.

— Isso é bom, espero que esteja à altura da sua expectativa.

— Ainda que não esteja, Maria Eduarda — cruzo os braços e a encaro —, no momento estou ligando o foda-se para a comida ou o restaurante.

Ela fica séria, mas não desvia os olhos.

— É mesmo?

Não respondo de imediato, curtindo esse jogo entre nós. Aposto que ela sabe o motivo pelo qual não tenho mais nenhum interesse na gastronomia do local. Ela quer que eu diga! Quer que eu dê o passo adiante, que demonstre o interesse claramente, o que é um ótimo sinal.

Deixo o silêncio e o ar vibrar entre nós por mais alguns momentos, sem tirar meus olhos de suas belíssimas íris castanhas.

— Porque minha fome é outra desde que encontrei você aqui. — Ela segura o fôlego. — Porque nossa conversa está cada vez mais interessante. — Abaixo o tom de voz: — Porque olhar você e sentir seu cheiro acordaram meus sentidos mais do que qualquer nuance de um prato é capaz de fazer.

Minhas mãos coçam de vontade de tocá-la, de sentir novamente aquela energia sexual percorrendo meu corpo, emanando dela. Não o faço porque ainda não vi sinais suficientes para avançar a esse ponto, e eu sempre espero a permissão de uma mulher para tocá-la.

— Você nem me conhece — ela responde um pouco ofegante.

— Estou louco para conhecer. — Encosto-me melhor à poltrona e me afasto um pouco dela para demonstrar que não a estou pressionando. — Não tenho pressa, Maria Eduarda, só preciso que saiba que você me atrai e que, embora esteja sentado aqui, estou louco para segurar sua nuca e provar o sabor desse vinho que bebe, diretamente nos seus lábios.

Ela suspira e desvia o olhar.

Esse é o momento quando ou eu tomo um fora, ou venço o jogo. Porém, podem dizer que é arrogância, eu sou um homem vivido e, se cheguei até aqui, se me expus dessa forma, é porque estou apostando minhas fichas em que o tesão é recíproco.

— E se eu for casada ou comprometida?

Bingo!

Pela entonação da pergunta, sei que ela não é.

— Eu me desculparei, mesmo ainda sentindo esse desejo maluco de te beijar, e me levantarei, indo para a mesa que meu primo reservou. Não trepo com comprometidas.

Ela levanta as sobrancelhas e assume uma expressão provocadora.

— Não trepa? — Ri, cínica. — Você é muito confiante achando que basta jogar meia dúzia de palavras em cima de uma mulher sozinha em um bar para garantir uma trepada.

— Eu sou confiante. — Aproximo-me a fim de lhe demonstrar de onde vem minha confiança. — Mas não são as “meia dúzias de palavras” que vão fazer você ter vontade de trepar comigo. — Seguro sua mão e com a outra deslizo meu dedo indicador do seu punho até o cotovelo, vendo todos seus pelos se arrepiarem com o leve contato. — É isso!

Maria Eduarda fica um tempo olhando o trajeto do meu dedo sobre sua pele, assistindo, como eu, à deliciosa reação causada por meu toque. Não falamos nada, apenas acompanhamos o leve vai e vem que eu faço no seu antebraço, apreciando o contato. É nítido para mim que ela está avaliando todas as possibilidades e talvez tentando entender como isso é possível.

Já não escuto mais nada, os sons das conversas, a música clássica baixa que toca, a correria do *bartender* limpando copos, organizando garrafas ou preparando aperitivos. Tudo ao redor some, e só sinto a potência do tesão que ela despertou em mim, esperando que sinta o mesmo e que admita isso.

Ela sorri, mas puxa a mão, rompendo o contato.

— Como já disse, a gente nem se conhece.

— Sou paciente, Maria Eduarda. — Recebo um sorriso tímido. — Vou adorar cada momento até te conhecer. — Afasto-me dela novamente e peço mais uma dose de uísque. — Aceita mais uma taça?

Aponto, mas ela nega, olhando para a entrada do restaurante.

— Infelizmente, não. — Respira fundo. — Meu compromisso chato acaba de chegar.

Viro-me para ver quem é o sortudo que vai jantar com ela, mas só vejo o Millos entrando com uma cara debochada e um sorriso contido. Olho para Maria Eduarda novamente e confirmo que ela não só se levantou à espera do Millos, como parece muito contrariada com a presença dele.

Por que Millos iria marcar para jantar com uma mulher e comigo ao mesmo tempo? As palavras “jantar de negócios” me causam um alerta, mas me recuso a enveredar pelo rumo que meus pensamentos querem ir.

— Ah, desculpem o atraso! — Millos exclama, indo cumprimentá-la. —

Que bom que já se conheceram. — Maria Eduarda franze a testa e me encara. — Theo, eu acho que chegou a hora de conversarmos pessoalmente com a Duda.

Porra!

Levanto-me como se tivesse sentado em um formigueiro, estarrecido demais para articular qualquer palavra educada que não seja um palavrão bem cabeludo.

Duda? Olho-a de cima a baixo sem poder acreditar que a mulher que me atraiu como se tivesse um ímã é a infernal dona do boteco que tem feito minha vida um suplício por causa de sua teimosia.

— Theodoros Karamanlis? — ela parece tão chocada quanto eu e já não há nada além de desprezo em sua voz ao falar meu nome.

Desvio um olhar mortal para meu primo, que, além de parecer surpreso, está também muito interessado nessa interação entre nós.

Eu vou te matar, seu filho da puta!

10

— Aceita mais uma taça?

Minha vontade é de aceitar e pagar para ver Theo jogando todo seu charme para mim, usando armas pesadas para conseguir provar que temos realmente toda essa química que ele demonstrou com um simples roçar de dedos em meu braço.

E temos, sim! Não sou hipócrita a ponto de me enganar dizendo que não senti nada por ele. Assim que se sentou ao meu lado aqui, a esse balcão, meus olhos foram imediatamente atraídos para ele. Quando me cumprimentou, sua voz fez meu corpo inteiro reagir de uma forma estranha, e tive a nítida sensação de que o conhecia de algum lugar.

Porém, foi só quando se virou em minha direção, depois de eu ter puxado assunto descaradamente, que fiquei sem fôlego. Seus olhos são de um azul que eu nunca poderia esquecer caso já os tivesse visto. No entanto, a sensação de reconhecimento persiste. Ele é muito bonito, além de ter um sorriso de arrancar a

calcinha de qualquer mulher.

Se Manola estivesse aqui comigo, com certeza iria dizer que ficou emocionada e que molhou a calcinha. Entretanto, aprendi com o tempo e com as responsabilidades a ser mais comedida e a não me deixar levar sem pensar. Um rosto e um corpo bonitos não querem dizer muita coisa sobre o caráter de alguém.

Estou para aceitar a proposta de mais uma taça e alongar o papo, mas minha visão periférica capta um movimento na entrada do restaurante, e me sinto murchar ao ver Millos Karamanlis adentrando. Esse homem não se cansa de tentar comprar o Hill, é um saco!

Quando me ligou, eu estava pronta para dizer um sonoro NÃO a ele, mas insistiu que era importante, que tinha uma situação que me interessava e por isso achava melhor conversarmos para tentar um acordo. Isso me deixou intrigada e temerosa, por isso estou aqui, neste momento, tendo que recusar a companhia agradável e intrigante do Theo.

— Infelizmente, não — respiro fundo, respondendo ao delicioso oferecimento desse deus com cuja companhia o destino me presenteou enquanto eu esperava pelo diabo. — Meu compromisso chato acaba de chegar.

Levanto-me, resignada, para receber o homem barbudo e muito estiloso, devo confessar, mas que é uma pedra no meu sapato.

Millos abre um sorriso e se aproxima para me saudar como sempre faz, com um beijo na bochecha e um curto aperto de mãos. Tenho verdadeiro trauma dele, de estar sempre rodeando minha vida à espera de um fracasso que o deixe comprar o bar da minha família, minha casa, o legado do meu pai. Contudo, tenho de admitir que, embora pondo pressão, ele sempre me tratou muito bem e com muita simpatia.

— Ah, desculpem o atraso! — Ele olha para o Theo e depois para mim. — Que bom que já se conheceram. — *O quê? Como assim? Eles se conhecem?!* — Theo, eu acho que chegou a hora de conversarmos pessoalmente com a Duda.

Millos Karamanlis conhece o Theo!

Meu sensual companheiro de bar se levanta e me encara de um jeito completamente alarmado. O olhar sedutor sumiu, bem como seu sorriso franco e relaxado. Agora apenas incredulidade está estampada em seu rosto bonito.

Oh, meu Deus, não pode ser!

Claro que eu acharia que o conhecia, afinal, já vi fotos suas em revistas da alta sociedade e em jornais, embora creia que nenhuma delas lhe tenha feito jus. O homem ao meu lado não é simplesmente “Theo”, é o diretor da porcaria da empresa que comprou toda a quadra onde fica o Hill e que vem tentando de todas as formas me tirar do meu lugar!

— Theodoros Karamanlis? — minha voz soa tão incrédula como me sinto.

Como não percebi quem era esse homem? Como pude me sentir atraída por ele a tal ponto de fantasiar uma noite ao seu lado? Eu o quis como havia muito tempo não me lembrava de ter querido alguém, uma atração que não sentia desde a época em que ainda pensava que tinha o mundo aos meus pés e que conquistaria tudo o que sonhasse ter.

Millos fica um tempo com a sobrancelha erguida, olhando de um para o outro, até que resolve quebrar o gelo.

— Podemos ir para a mesa?

Eu o olho ainda sem entender que tipo de palhaçada é essa. Eles fizeram de propósito? Será que Theo veio primeiro para tentar me seduzir, afinal, nós nunca fomos apresentados, ou foi só uma coincidência ele ter chegado antes e aí resolveu brincar comigo?

Não é possível que ele não soubesse que eu sou a Duda Hill!

— Millos, o que você pretende, afinal? — Theo questiona com a voz demonstrando toda sua irritação.

— Eu não acho que temos algo para conversar. — Pego minha bolsa, que estava pendurada na poltrona giratória. — Não vou mudar de opinião, não pretendo vender o Hill.

— Por que não? — Theo questiona de repente, e eu o olho. — O que uma chef formada por Le Cordón Bleu pode querer com um boteco? — Fecho minhas mãos com força na alça da bolsa. — Ou esse papinho de Paris e seus diplomas é só um sonho fantasioso de uma dona de bar?

Millos emite um palavrão baixo, prevendo que o tempo irá fechar. Ele me conhece bem, já me irritou várias vezes e saiu do Hill com uma resposta à altura.

— O que eu quero ou não só diz respeito a mim, *doutor* Theodoros Karamanlis — tento falar o mais baixo possível, mas meus olhos brilham de indignação, e espero que ele entenda a mensagem. — O *boteco* é meu, faço com ele o que eu quiser, e de uma coisa você pode ter certeza: Não. Vou. Vender. Para. Vocês! Ficou claro agora, ou preciso desenhar? — Olho para o Millos.

— Ei! Vamos nos sentar à mesa e conversar com calma! — ele tenta apaziguar o clima tenso entre mim e Theodoros. — Theo... — pede sua colaboração, mas o homem parece estar soltando fogo pelas ventas e não lhe dá atenção. — Vocês estão chamando a atenção dos outros clientes e...

— Foda-se! — falo em uníssono a Theodoros, e Millos ri, mesmo ainda nervoso.

O *maître* aparece para nos conduzir até a mesa reservada, e Millos faz um gesto para que o sigamos até lá. Encaro Theodoros Karamanlis por um tempo, ambos medindo forças para ver quem cede primeiro.

— Vamos? — Theodoros pergunta, e eu assinto, passando por ele sem nem ao menos emitir uma palavra. A mesa que Millos reservou é discreta, no fundo do salão, sem nenhuma outra por perto. Sento-me com as costas eretas, sem tirar a alça da bolsa do ombro, mostrando a eles a minha contrariedade por estar ali.

— Vamos fazer um pedido?

— Não, Millos, não pretendo ficar para comer — sou direta. — Preciso apenas que me fale sobre o assunto que não quis adiantar pelo telefone. O que vocês têm a ponto de me fazer querer fechar um acordo?

Theodoros olha para ele parecendo muito mais irritado e bufa de raiva. Millos balança a cabeça e começa a explicar:

— Duda, há alguns meses estamos de posse de uma...

— Enorme quantia de dinheiro — Theodoros o interrompe. — A proposta de compra aumentou, e seria interessante a senhorita reconsiderá-la, afinal, pode abrir um pequeno bistrô para exercer o que *aprendeu* em Paris.

— O quê? — Millos o encara, confuso. — Olha, eu desisto! — Chama um garçom e pede uma cerveja. — Eu realmente acho que podemos chegar a um acordo, mas vocês dois são teimosos como mulas!

— Não quero nenhum acordo com vocês! — declaro. — Tudo o que quero é que parem de ficar rondando minha propriedade como dois abutres!

— Boa definição, senhorita Hill. — Theodoros se inclina por sobre a mesa para ficar mais próximo a mim. — Seu negócio está agonizante e em breve perecerá, e, quando isso acontecer, irá lamentar não ter abaixado um pouco sua crista e ter aceitado minha oferta, porque só sobrará carcaça aos abutres!

— Theo! — Millos o repreende, mas depois começa a rir. — Que conversa de doido, viu? Não esperava por isso! — Bebe sua cerveja. — Confesso que está um pouco divertido.

— Vá se foder, Millos! — mal fala isso e volta a me olhar. — Não irei repetir a oferta, Duda Hill. A aconselho a aceitar o mais rápido possível.

Meus olhos faíscam de raiva, mas meu corpo traidor se arrepia inteiro ante a expressão dele. O homem é sexy demais, insuportavelmente arrogante, mas ainda assim, muito sexy!

— Não estou interessada — uso o mesmo tom de voz que ele. — Vendo para qualquer um, menos para vocês. — Ponho-me de pé. — Espero que desfrutem do jantar sem minha companhia. Eu não conseguiria comer aqui com vocês sem ter uma enorme indigestão.

Theodoros se põe de pé também, e Millos, com um sorriso debochado, cruza os braços e fica só esperando o próximo passo do seu chefe.

— Não diga depois que não a avisei, Duda Hill.

Rio, passando perto dele para sair do salão.

— Não tenho medo de suas ameaças, Theodoros Karamanlis. — Aproximo-me para falar bem perto do seu ouvido: — Cão que ladra não morde!

Ele segura meu braço e abre um sorriso – *puta merda!* – cheio de malícia.

— Eu morderei, Maria Eduarda, e o farei tão gostoso que você pedirá mais!

Olho para sua mão em meu braço, e ele me solta. Respiro fundo para controlar o formigamento em meu corpo e a tremedeira em minhas pernas e saio do restaurante o mais rápido possível.

— Deseja que traga seu carro, senhorita? — o manobrista me aborda na porta do restaurante.

— Po-por favor! — *Merda!* Respiro fundo mais uma vez. — Sim, obrigada.

Não é possível que esse homem ainda continue mexendo com minha libido desse jeito! Durante todo o tempo em que estávamos lá medindo forças, essa tensão sexual nunca deixou de pairar entre nós. Acho até que o Millos percebeu isso!

Droga! É o Theodoros Karamanlis, Duda! Inimigo, o diabo em pessoa, que quer fazer de tudo para destruir tudo o que você tem, tudo pelo qual você lutou para manter depois que seu pai se foi!

Claro que seria muito fácil aceitar uma oferta melhor, pagar as dívidas e abrir um "bistrô", como ele mesmo aconselhou, mas só eu sei o quanto meus pais amavam aquele pedacinho no meio da Vila Madalena, o quanto se orgulhavam de tê-lo comprado juntos, com muita luta e esforço.

Não vou deixar que um homem arrogante ponha tudo ao chão e destrua todas as lembranças que tenho daquele lugar. Não só do Hill, mas da casa onde mamãe e papai passaram seus últimos momentos antes de me deixarem. Não! De jeito algum eu irei permitir isso! Se precisar vender, o farei para alguém que se comprometa a manter o imóvel, e não para uma empresa que quer demolir tudo para erguer ali algum prédio ou shopping!

Entro no carro e dirijo para casa, ainda sentindo o toque dele reverberando pelo meu corpo, sua voz arrepiando os pelos da minha nuca e seu olhar... Há algo naquele olhar que me desperta lembranças, talvez pela tonalidade – a mesma do mediterrâneo –, ou o jeito de me olhar como se estivesse realmente faminto.

Chego a casa e encontro tia Do Carmo jantando sozinha na sala e assistindo à novela.

— Ué, não ia jantar fora? — questiona quando ataco suas panelas.

— Ia, mas o lugar estava tóxico demais para meu estômago. — Ela franze a testa, sem entender, e eu rio. — A companhia era desagradável.

— Ah, sim.

— Cadê a Tessa? — pergunto enquanto me sirvo de deliciosas costelinhas

de porco e angu, sentindo meu estômago roncar e minha boca salivar. Adoro a comida dela!

— Chegou da escola, fez dever, tomou banho, jantou e dormiu. — Rio do relatório completo. — Aquela menina é um anjo!

— Sim, ela é! — concordo, cheia de orgulho.

— Descobriu, pelo menos, o que aquele pessoal da Karamanlis queria?

Sento-me ao seu lado no sofá com o prato na mão.

— Aumentaram a proposta! — Dou de ombros. — E acabei conhecendo o CEO, Theodoros Karamanlis.

— Hum, já vi fotos dele naquela revista que assino. — Rolo os olhos, pois sempre achei um desperdício de dinheiro comprar uma revista que fica cobrindo a vida de artistas e da alta sociedade paulistana. — O homem é um pedaço de mau caminho.

Acompanho-a em suas risadinhas, achando uma graça que minha tia, solteirona e virgem, fale isso de um homem. Eu nunca soube o motivo pelo qual ela nunca quis se casar, nem mesmo namorar. Perguntei a ela se algum dia teve pretensão de ser religiosa, mas negou, dizendo que não tinha o dom.

Tia Do Carmo é uma caixinha de segredos bem guardados, essa é a verdade. Do mesmo jeito que ela adora acompanhar a vida alheia nas revistas e nos programas de fofocas, não abre a boca para falar da sua, nem mesmo para mim.

Ela é como uma mãe para mim e cuida de Tessa com tanto amor e dedicação que eu não poderia pensar em uma avó melhor para minha menina, mas não quer saber de arrumar alguém, nem mesmo para se distrair um pouco.

Há uns dois anos veio trabalhar conosco um senhor muito bem-apessoado, Joaquim, que ficava na recepção. O homem arrastou um bonde pela minha tia – que é uma linda senhora de 55 anos –, mas ela nem ao menos lhe deu um segundo olhar.

Enfim, eu aprendi a aceitar que ela é feliz assim, mesmo porque não estou indo para um caminho diferente, pois mal tenho tempo para namorar alguém. Além do meu namorado francês, tive mais uns dois já aqui no Brasil. Claro que já tive algumas transas avulsas, sem nenhum compromisso, mas já faz tanto tempo que nem isso acontece que, se hímen se regenerasse, o meu certamente já estaria completo de novo.

— Ele é bonito, sim, mas muito arrogante! — informo, tentando não demonstrar o quanto fiquei interessada no Theo. — De qualquer forma, recusei mais uma vez a proposta.

— Você tem certeza disso, minha filha? O sumiço do agiota tem tirado meu sono. Você sabe como essas pessoas são, por mais que sejam conhecidos. Além

do mais, te vejo trabalhar como louca e entregar o dinheiro todo para custear essas dívidas. — Ela aponta para a casa, cheia dos mesmos móveis da época do casamento dos meus pais. — Duda, a gente mal tem se aguentado em pé!

— Não nos falta nada, tia!

— Não, Duda, não estou me queixando. Realmente não nos falta nada, temos comida, um teto, e Tessa pode estudar em uma boa escola, mas vale a pena se sacrificar do jeito que está fazendo? Você não tem tempo nem para namorar!

Gargalho.

— Essa é uma das minhas menores preocupações, tia.

— Eu sei, filha, e é isso que me preocupa. — Passa a mão no meu rosto, e fecho os olhos, gostando do carinho. — Há muitos anos você só cuida das pessoas, Duda. Assume responsabilidades demais e esquece de cuidar de si mesma.

— Estou bem! — afirmo, mas meu coração entende e concorda com ela. — Assim que terminar de pagar tudo o que devemos, vou poder cuidar de mim também, não se preocupe.

Ela suspira, resignada, pois me conhece bem e sabe que sou muito teimosa. Decidi lutar até o fim para manter a única coisa que me resta e não vou descansar até conseguir estar em paz com isso, mesmo que um certo CEO muito gostoso me encha de ameaças.

Inclusive uma que pareceu mais uma promessa...

11

Theo

Maria Eduarda passa por mim deixando para trás o rastro delicioso do seu perfume, agitando meu corpo. Tenho vontade de segurá-la por mais tempo, de sair com ela para algum lugar onde possamos dar vazão à atração que sentimos um pelo outro desde que nos encontramos no bar do restaurante.

Todavia, não dá para simplesmente ignorar quem somos!

Fico um tempo de pé, mesmo depois de ela já ter saído do restaurante, raciocinando quais seriam as consequências se Millos simplesmente não tivesse aparecido. Olho para meu primo, tranquilo, tomando sua cerveja e provavelmente a enchendo de defeitos.

— Isso foi a pior merda que você já aprontou! — digo, atraindo a sua atenção. — E olha que você tem um longo currículo de merdas!

— Vá se foder, Theo! — Fica sério. — Eu só estava tentando um acordo entre nós.

Rio, seco, não achando nenhuma graça e não comprando nem um pouco

essa conversa mole de “acordo”. Millos nunca dá ponto sem nó e me conhece bem para saber que Duda seria extremamente atraente para mim. O desgraçado fez de caso pensado, só nunca irá admitir.

Pego o celular, que deixei em cima da mesa, e, sem nenhuma palavra ou mesmo um olhar, afasto-me de Millos, indo em direção à saída do restaurante.

Ouço-o me chamar, mas não me segue, e ando decidido até a calçada, encontro o manobrista e peço meu carro. Não tenho mais clima para jantar, muito menos para olhar aquela cara debochada. Bufo, frustrado demais, com fome e com o desejo sexual insatisfeito.

Porra!

Já no carro, não dirijo diretamente para casa, mas a esmo, pensando na loucura que foi o começo da noite. O conhecimento de quem era a mulher ao meu lado deveria ter sido suficiente para aplacar minha vontade de devorá-la toda, mas nem mesmo a diminuiu.

É uma das raras atrações fortes que já me aconteceram. Geralmente não é assim, é mais um jogo de disponibilidade e vontade, uma mulher gostosa e interessante e pronto! Raramente sou atraído a alguma como aconteceu com Maria Eduarda hoje. Eu olhei para ela e a quis.

É primitivo demais até para mim, mas aconteceu. Quem ela era, o que fazia ou mesmo sua disponibilidade – embora, se fosse casada, não rolaria – não importaram para mim naquele momento. Depois, a conversa, o sorriso, o jeito como o corpo dela reagiu ao meu, tudo isso só potencializou o que foi sentido ao primeiro olhar.

Duda Hill!

Paro o carro em frente ao boteco antigo na Vila Madalena, olhando sua fachada recentemente reformada, o sobrenome da família dela na entrada e algo que nunca me chamou atenção antes, um segundo andar com janelas grandes de vidro, seguindo a mesma arquitetura do bar, tijolos à mostra e cimento queimado.

Franzo o cenho ao me lembrar do dia em que estive no local, pois não vi nenhum mezanino ou mesmo escada de acesso. Há uma porta ao lado da fachada principal, pintada com outra cor, mas que não pertence ao prédio vizinho, já de propriedade da Karamanlis.

Ela mora em cima do bar? Novamente olho para o alto e, no exato momento, uma luz se acende em um dos cômodos, iluminando a janela com cortinas claras. *Um apartamento!*

Como eu nunca soube disso? Para mim, o imóvel era puramente comercial, como todos os outros do entorno, nunca sequer desconfiei que a irritante mulher pudesse morar no local.

Uma sombra passa pela janela, e meu pau pulsa na calça só pela possibilidade de ser Maria Eduarda se preparando para dormir. Fecho os olhos, aproveitando a total falta de movimentação na rua – ao que parece ninguém funciona às segundas-feiras – e imagino como ela seria apenas vestindo uma calcinha ou até uma camisola sexy.

Toco-me sobre a calça, sentindo como já estou em completa ereção, então abro os olhos e xingo, voltando a pôr o carro em movimento e saindo daqui o mais rápido possível. Eu pareço um maldito *stalker* tarado, parado em frente ao que suponho ser o apartamento dela e fantasiando.

Caralho!

Termino de assinar o último documento e o entrego para Rômulo, que sai apressado a fim de entregá-lo para o jurídico. Temos um maldito setor de correspondência e vários boys para esse trabalho, mas meu assistente é tão controlador com suas responsabilidades que ele mesmo gosta de entregar os documentos e de pegar a assinatura de quem os recebeu no caderno de protocolo antes de os colocar no sistema.

Eu sei que é motivo de piadinha aqui seu jeito burocrático, mas é exatamente por isso que confio nele para lidar com minhas coisas na empresa. Rômulo é responsável, organizado e sua “burocracia” nada mais é do que uma forma de nos garantir, proteger nosso trabalho e a companhia.

Gemo, colocando a mão na têmpora, amaldiçoando-me por ter consumido uma garrafa inteira de uísque ontem, depois que cheguei a casa, frustrado demais sexualmente e puto comigo mesmo por estar me sentindo assim pela Duda Hill.

Troquei mensagens com Millos, ameaçando sua integridade física por conta da palhaçada de ontem. Claro que ele fingiu não ter feito de propósito, mas se esqueceu de que o conheço bem. Eu só não sei o que ele pretende ainda. Contudo, não há dúvidas de que está tramando algo.

Uma notificação de mensagem chega ao meu celular. Pego-o, lendo a mensagem deixada pela Viviane acerca de um concerto musical e uma exposição de gravuras que irá acontecer esta semana. Dispenso, sem nenhuma vontade de comparecer, mas ela insiste.

“Valentina estará presente, Theo. Acabei de saber! É uma ótima oportunidade para vocês se conhecerem melhor, não acha?”

Sim, ela tem razão!

Preciso estar focado no que realmente é importante para mim nesse momento. Uma atração como aconteceu entre mim e Maria Eduarda ontem é garantia de uma foda inesquecível, mas só isso, não resolve meu problema, e o tempo está se encurtando cada vez mais. Preciso de uma esposa e de um filho!

"Confirme!"

Envio a mensagem para ela e me recosto na cadeira, olhos fechados e dedos nas têmporas, querendo a porra de um analgésico para poder trabalhar sem que pareça que está ocorrendo alguma demolição na minha cabeça. Não devia ter bebido tanto sem ter comido nada!

Cheguei a casa já arrancando a roupa e entrando no banho. Demorei por lá, esperando que os jatos fortes de água fria abaixassem a temperatura do meu corpo e trouxessem minha racionalidade de volta. Não costumo me impressionar tanto assim por uma mulher; poucas foram as que mexeram comigo dessa forma.

Olhei para baixo, e lá estava a evidência de que nem mesmo a água iria resolver o problema. Encostei a testa na parede fria e toquei meu pau, gemendo com a sensação, pronto para gozar apenas com os estímulos da noite.

Eu gosto muito de trepar, adoro ser masturbado por mãos femininas – às vezes, pés também –, mas nunca fui um punheteiro. Nunca! O prazer de me tocar nunca se comparou ao de ser tocado, por isso, quase não me masturbo. Porém, ontem, não teve jeito! O cheiro do perfume dela estava impregnado em minhas narinas, a sensação de sua pele se arrepiando sob meu toque, o sorriso, os olhares... Em poucos minutos gozei como um louco, sujando a parede do boxe, gemendo dolorosamente de vontade de senti-la.

Pela primeira vez em muito tempo, os cabelos cor-de-rosa não apareceram durante meu gozo, e amaldiçoei essa percepção. A verdade é que troquei o objeto da minha fantasia. No entanto, diferentemente da garota de anos atrás, agora eu tenho um rosto, um nome e sei onde mora.

— Estou fodido! — falo em voz alta, achando que estou sozinho no escritório.

— Vou pegar um comprimido, chefe! — a voz de Rômulo faz com que eu me aprume, arregalando os olhos em sua direção.

— Mas que porra, Rômulo! Como você consegue ser tão silencioso às vezes? — digo emputecido por estar fantasiando com a mulher de novo em pleno horário de trabalho e sob as vistas do meu assistente.

— Eu percebi que o doutor está com dores de cabeça. — Ele vasculha sua bolsa. — E... Ah! Achei! — Sorri como se tivesse inventado a fórmula da água. — Paracetamol!

Ele vai até o aparador onde ficam as bebidas a fim de pegar um copo d´água para eu tomar com o comprimido, porém, peço que me traga café.

— Tem certeza? — titubeia.
— Vai acelerar a absolvição e fará efeito mais rápido.
— Chefe, isso é perigoso!
— Anda logo, porra, tem uma britadeira no meu cérebro!
Ele fica nervoso, suas mãos tremem, fazendo o café respingar sobre o móvel, e eu bufo de impaciência. Rômulo é prestativo, um ótimo funcionário, mas me questiona muito, além de ser um tanto desastrado.
Mal engulo o comprimido, e o traidor, quer dizer, Millos entra no escritório.
— Tive uma ideia e vim dividi-la com você. — Olha a xícara na minha mão. — Cheguei em boa hora! Eu gostaria de um café também! — pede ao Rômulo, e eu fecho a cara.
— Esse não é o trabalho dele — corto-o. — Rômulo, vá até o jurídico e veja se Kostas já conseguiu adiantar a papelada que faltava.
— Sim, doutor! — O assistente sai correndo da sala.
— Quer a porra do café? Pegue você mesmo! Não dê ordens ao meu assistente!
Millos levanta as mãos pedindo calma e vai até a máquina, escolhendo um sabor e um tipo de preparação antes de voltar para próximo de mim.
A dor de cabeça aumentou um pouco, mas espero que, com o remédio do Santo Rômulo, eu melhore em breve. Além disso, não quero dar bandeira de que enchi a cara na noite passada e suportar as provocações de Millos.
— Qual foi a magnífica ideia que o fez levantar a bunda de sua cadeira e vir até aqui encher meu saco?
Millos ri.
— Estamos de bom humor hoje, hein? — Pega o café e se senta. — Você quer tirar a Duda Hill do imóvel, não é? — Franzo o cenho para ele, achando desnecessário responder, esperando que tenha sido uma pergunta retórica, para o bem de sua inteligência. — Já reparou que o único pub daquela quadra é o dela?
— Você comeu merda no café da manhã? — pergunto, e ele ri. — Claro que ele é o único, os outros imóveis já estão todos vazios porque compramos todos!
— Do outro lado da rua têm duas casas de show, uma boate de strip de luxo, dois restaurantes de comida japonesa e uma pizzaria famosa. — Ele cruza os braços. — Esse foi um dos motivos de o pub ter ficado tão movimentado, a diversidade de empreendimentos próximos. É uma área à qual os jovens vão para se divertir, e ela conseguiu agregar boa comida e boa música em um só local.
Faz sentido, claro. Ela aproveitou o movimento já existente e ofereceu um diferencial, um lugar para dançar, curtir com os amigos, arranjar companhia e

ainda comer seus bolinhos famosos e premiados. Sorrio de leve, sentindo-me levemente excitado por ela ter tanto tino. Gosto de mulheres inteligentes!

— Você a isolou no momento em que comprou todos os imóveis e mandou os estabelecimentos fecharem. Ela é a única opção da área...

Ele se interrompe ao ouvir uma batida à porta.

— Pode entrar — autorizo, sabendo que não é o Rômulo.

Kostas aparece, seu tamanho e largura preenchendo a entrada da sala, o olhar azul e arrogante, o sorriso debochado e os cabelos negros penteados para trás com uma espécie de pomada de brilho molhado. Meu irmão é a cópia do nosso pai, e isso chega a me causar arrepios.

— Bom dia! — cumprimenta Millos e se senta ao seu lado. — Theodoros, tenho uma notícia boa e uma ruim, qual quer primeiro? — Dá risadas debochadas, e Millos o segue.

Isso é sério? Levanto uma sobrancelha, olhando-o carrancudo.

— Fala logo, Kostas! — ordeno.

— Bem, já que você não tem nenhum senso de humor. — Pisca para Millos. — Nós já sabíamos disso, mas não custava tentar! — Meu primo assente, e eu bufo de raiva. — Vou começar pela boa. Já ingressamos com o pedido de execução da nota promissória.

— Já não era sem tempo! Preciso comemorar por você ter conseguido fazer seu trabalho?

O desgraçado ri.

— A ruim, no entanto, também é sobre isso. — Ele me estende umas folhas. — Duda Hill deu entrada no inventário judicial após a morte do pai.

Leio os papéis, mas pouco entendo de legislações e procedimentos legais, então espero que ele pare de fazer cu doce e prossiga com suas explicações.

— Que merda! — Millos exclama, e isso é o suficiente para me deixar tenso.

— O que isso significa, porra?

Kostas se levanta, anda até o aparador e se serve de água.

— Você poderia ter *bourbon* aqui — comenta como se estivesse aqui para uma visita social. Xingo-o. — O processo não cumpriu nem metade de seu caminho natural, caro irmão. Já está aberto há quase quatro anos e pouco avançou, e isso porque tem apenas um imóvel a ser herdado por uma única herdeira. — Ele ri. — Adivinha qual?

O Hill! Merda!

— O que isso significa em nossos planos de adquirir aquela pocilga? — Irrito-me.

— Bem, assim que for declarado o débito por causa da confissão de dívida

– a promissória –, nós vamos ser credores do espólio. — Bufo pelo uso dos termos técnicos desnecessários.

É Millos quem vem ao meu resgate.

— O homem está morto, Theo, não temos como cobrar dele, apenas dos bens que ele deixou, entendeu? Isso obriga a Duda a vender ou entregar o Hill em troca da dívida. — Sorrio, achando a notícia ótima. — Mas somente quando o inventário fechar, o que pode levar anos ainda.

— O quê?! — Levanto-me, esquecendo por completo a dor de cabeça.

— É isso, caro irmão! — Kostas dá de ombros. — Seja bem-vindo à realidade da justiça brasileira, em que inventários simples duram, em média, de oito a dez anos!

— Não há outra forma de recebermos?

— Não. — Kostas ri, satisfeito. — A dívida está no nome do pai dela, então só alcança bens deixados por ele.

— A vantagem é que ela não pode vender para outro também, não é? — Millos questiona.

— Teoricamente, não, mas se o comprador não se importar em não ter a escritura, ela consegue vender, sim. Tem muita gente que faz isso. Não é legal, mas faz.

— Puta que pariu! — explodo, virando-me em direção à vidraça.

— O jeito é tentar comprar, Theo, e alegar que somos credores e que, por isso mesmo, ela só pode vender para nós — Millos fala, e Kostas concorda.

— Ela não vai vender, disse ontem!

Sou um homem muito teimoso, sempre fui, e reconheço um igual de longe! Quando Duda Hill disse ontem que não ia vender para a Karamanlis, vi a teimosia brilhando em seus olhos.

— Além do mais, pelo que soube, os negócios vão bem — Kostas complementa, deixando-me ainda mais raivoso. — Ela não precisa vender.

Olho para Millos, e ele arregala os olhos ao ver a determinação nos meus.

— Fale de sua ideia!

12

Duda

O despertador me acorda pela segunda vez no dia. Tenho vontade de esconder a cabeça debaixo do travesseiro e fingir que não estou ouvindo, deixar que entre em modo “soneca” e que, com isso, eu ganhe mais alguns minutos na cama.

Suspiro, abro os olhos lentamente e pego o maldito telefone para cancelar o despertador. Ganhar minutos na cama significa perder minutos do dia, e isso definitivamente é uma coisa à qual não posso me dar ao luxo. Tenho que trabalhar, organizar minha cozinha e ser a primeira a estar nela quando os demais chegarem.

Espalho-me na antiga cama de casal dos meus pais, abrindo os braços em forma de cruz e esticando todo o meu corpo. Carreguei tanto peso hoje que, nessas horas, sinto falta de não ter um homem fortão trabalhando comigo nesse negócio pesado que é transportar as compras. Tento relaxar meus músculos, fecho os olhos e deixo a mente vagar por um segundo.

Em meio aos pensamentos de paz, natureza e tranquilidade, lindos olhos azuis aparecem, sedutores, emoldurados por cílios longos e escuros que fizeram sombra em seu rosto quando ele olhou minha pele se arrepiando ao seu contato. No mesmo momento sinto um gelo na barriga – desses que sentimos quando descemos uma ladeira inesperadamente de carro –, e um tremor perpassa pelo meu corpo, desde as pontas dos dedos até a raiz dos cabelos.

Emito um grunhido de irritação por, mais uma vez, Theodoros Karamanlis se infiltrar nos momentos em que busco relaxamento e pensamentos positivos para enfrentar o dia. Tem sido assim desde aquele maldito jantar, há quase uma semana!

Sento-me, notando o quanto estou suada, pois há alguns meses meu ar-condicionado do quarto teve uma pane elétrica, e não tive nem tempo, nem dinheiro para chamar a assistência técnica. O verão chegou com tudo este ano, e as temperaturas estão ameaçando bater recordes desde o final da primavera. Vou precisar arrumar o ar ou então ir dormir no quarto da tia Do Carmo.

Confiro as horas, meio-dia e alguns minutos, e sigo rápido para tomar a terceira chuveirada do dia!

O expediente no Hill durou até às 2h35 da manhã, quando gentilmente convidamos nosso último cliente a sair. Passei a encerrar mais cedo em dias de semana, pois sábado e domingo vamos até às 4h da manhã. Fechei a cozinha para pedidos exatamente à 1h para que desse tempo de todos os quitutes ficarem prontos e nossos clientes irem embora até às 2h30. Entretanto, sempre fica um agarrado a uma cerveja num canto, sempre!

A música ao vivo, de terça a domingo – menos quando temos campeonatos de futebol, pois aí na quarta-feira transmitimos os jogos – anima o pessoal e por isso mesmo precisa ser encerrada uma hora depois do fechamento da cozinha. Há toda uma preparação para que os clientes entendam que a hora de “dar tchau” chegou.

Hoje, sábado, é o dia mais desgastante para mim, pois a cozinha irá funcionar a todo vapor até às 3h30 da manhã, aceitando pedidos até uma hora antes disso, e o bar só será fechado às 4h. E adivinhem quem fecha o bar? Exatamente, eu!

Ou seja, terei 14 horas de trabalho incessante pela frente, a partir das 2h da tarde, sendo que noite passada não aguentei ficar acordada para ir até o CEAGESP, dormi às 3h e acordei às 4h, correndo para poder pegar um pouco do pescado bom, pois a venda para o atacado começa na madrugada e vai até às 6h da manhã. Descarreguei tudo no restaurante e voltei para a cama às 9h, por isso, sim, estou acordando ao meio-dia!

Saio do banho e já coloco a calça preta – uniforme do Hill –, uma camiseta

branca por causa do calor e calço chinelos. Separo o uniforme, que minha tia já deixa passado, a dolma, o avental e meus turbantes. Deixarei os cabelos secarem para depois fazer um coque alto, bem firme, para que nenhum fio possa se desprender.

— Boa tarde! — tia Do Carmo me cumprimenta assim que apareço na sala. — Vai almoçar agora?

— Vou. — Suspiro, sentando-me. — E a Tessa?

— Acabou de ir para o inglês com a Marcela e a Diana. — Assinto, lamentando não ter me encontrado com ela aqui, mesmo que depois dê uma xeretada na minha cozinha.

Mal tenho tempo para ela! Sinto-me mal por isso, tento compensar, mas queria ser mais presente e sei que Tessa sente essa necessidade tanto quanto eu. Porém, minha menina já é tão madura que entende que essa rotina louca na qual vivo não é por minha escolha.

Tia Do Carmo me serve de sua comida simples, bem temperada e absurdamente viciante, e eu não penso em mais nada a não ser apreciar a iguaria. Ao longe, enquanto como, ouço o barulho da máquina de costuras dela, em seu quarto, trabalhando sem parar. Ela é teimosa e está sempre aceitando encomendas de reparos ou confecção de roupas, principalmente para o pessoal da igreja que frequenta.

Somos farinha do mesmo saco, teimosas ao extremo, e ela me culpa por eu recriminá-la por querer ajudar. Não é só por teimosia ou orgulho que peço tanto a ela para que se poupe, pois se aposentou há alguns anos por invalidez exatamente por passar horas e horas costurando desde menina e com isso ter ganhado algumas hérnias de disco ao longo de sua coluna.

A verdade é que, se não fosse pelas dívidas, eu poderia dar uma vida bem melhor a elas. O Hill vai muito bem, cada vez mais conhecido, atraindo clientes para essa área que nem é tão famosa por ter bares. Contudo, o boca a boca tem se espalhado pela cidade e trazido com ele nossos clientes.

Termino de comer, lavo a louça e termino de me arrumar para descer e só voltar no meio da madrugada. Faço uma oração curta antes de descer e grito para tia Do Carmo:

— Tia, estou no Hill se precisar de algo!

— Vai com Deus, minha filha! — grita de volta, cessando a costura. — Tente descansar em alguns momentos!

Apenas rio, porque a cozinha é uma correria aos finais de semana, e é impossível me sentar por uns minutos sem que alguma coisa desande, já que atendemos em média 400 clientes por sábado e uns 350 no domingo. O volume de comida que processamos é tão grande que fazemos compras nas madrugadas

de terça, quinta e sábado.

Poderia até ir ao CEAGESP menos vezes, mas prefiro trabalhar com os ingredientes o mais frescos possível e, graças à câmara fria que instalamos, já me dei ao luxo de parar de ir todas as madrugadas. Vou sempre às terças e sábados e deixo Manola se virar na quinta-feira. A mulher adora ir para lá e demora o dobro do tempo que eu levo, sempre conversando com os comerciantes, pechinchando horrores e fazendo amizades. Como ela é sozinha, está sempre com o caderninho de telefone preenchido para quando quer companhia, e como trabalha como louca aqui, seu lugar de fazer contatos é lá na central de abastecimento.

Confesso que me divirto muito com suas histórias, assim como todo o resto de nós da cozinha.

Abro a entrada principal do bar, pois, infelizmente, quando papai montou o local, não pensou em saída de emergência, mesmo porque na sua época era todo aberto, então, quando transformei o boteco em um pub, tivemos que sacrificar a porta usada para carga e descarga e transformá-la para que estivéssemos em dia com a legislação dos bombeiros e da própria prefeitura.

Sempre que entro, já deixo a porta de aço aberta e tranco somente a de vidro, deixando um pouco de sol entrar através das paredes de vidro temperado.

Sigo diretamente para a cozinha, mas anotando mentalmente tudo o que precisará ser limpo com mais afinco, resultado da noite anterior. No bar, sempre tenho a satisfação de passar e ver o asseio do Kiko, seus utensílios todos nos lugares, limpos e secos, as chopeiras sem nenhum traço de respingo de chope, o chão brilhando.

Abro a cozinha, e o cheiro dos produtos de limpeza que usamos há algumas horas, assim que encerramos as atividades, recepciona-me. Faço meu coque, como sempre, ponho o turbante, lavo as mãos e começo a trabalhar, colocando alguns alimentos de molho, descongelando outros e conferindo as receitas, bem como o funcionamento de todos os equipamentos.

Ouço o barulho da porta, e uma risada preenche o lugar, indicando que Manola chegou junto ao seu fiel escudeiro, Arnaldo.

— Boa tarde, chef! — ela me cumprimenta, indo para o banheiro dos funcionários. — Hoje o Naldo está impossível!

— Você é que não aguenta ouvir umas verdades, Manola. — Arnaldo vem até onde estou e me dá um beijo na testa. — Carinha de cansada hoje, boneca!

— Dia de compras... — Aponto para a caixa de camarão no gelo que tirei da câmara para ele limpar. — Divirta-se!

— Ai, minha santa protetora dos dedos furados! — geme.

— Use luvas! — Manola grita, vindo do banheiro trajando o uniforme, seus

cabelos ruivos presos em uma trança e seu turbante cheio de beijos já na cabeça. — No dia em que você perder um dedo, ainda processa a Duda!

— Deus me livre, Manola! — Bato na bancada de inox, e ela ri.

— É na madeira, querida! — Joga um beijo para mim e as luvas de fio de aço para o Arnaldo. — Não vai te proteger contra o camarão, mas quando for limpar as carnes, faça o favor de usá-las!

— *Oui, chef!* — ele debocha.

— Abusado! — diz, pegando as panelas guardadas e já as colocando no fogão. — Vou adiantar os molhos enquanto a Ana não chega. Ela ia levar o filho ao dentista hoje.

— Eu sei — concordo ainda lavando as folhas e temperos. — Cláudia também vem mais tarde hoje, mas adiantou muito suas sobremesas ontem. Trabalhou dobrado!

— Estou louca por aquela torta de duas mousses que fez! — Geme e estala a língua. — Adoro maracujá com chocolate, e a danada não me deixou pegar nem uma provinha!

— Diabetes te diz algo? — Arnaldo alfineta.

— Tenho pré, idiota! — Ressalta: —Pré-diabetes!

Rolo os olhos, já antevendo uma discussão sobre a quantidade de açúcar que ela não deve ingerir.

Minhas tardes são sempre assim, entre o trabalho na preparação para a noite e as conversas, discussões ou músicas dos meus colegas de trabalho. É bom, faz o tempo passar depressa e não deixa o serviço tedioso.

— Terminou aquela receita nova que estava escrevendo? — Arnaldo me pergunta um tempo depois.

— Ainda faltam uns ajustes, mas estou sem tempo para testar. — Dou de ombros. — Final de ano, né?

— Por falar nisso... — Manola se aproxima. — Como andam as encomendas? O pessoal gostou do menu deste ano?

— A Hana me entregou ontem uma pequena lista de encomendas. Ao que parece, o menu foi bem aceito, sim.

Manola bate palmas, e eu sorrio aliviada.

Todo ano abrimos o Hill e servimos pequenas ceias para o pessoal que não quer ter trabalho, mas percebemos que seria mais interessante, para nós e para nossos clientes, se houvesse um menu prévio e as encomendas entregues em casa.

Como começamos o *delivery* este ano, programei um menu com três tipos de proteínas – peru, bacalhau e presunto – e vários tipos de acompanhamento. As variações vão desde a mais simples e barata até as sofisticadas, dignas de um

chef de cuisine, mais caras.

Por incrível que possa parecer, o menu luxo tem vendido mais do que o comum, e isso, além de me dar muito orgulho de ver minhas receitas tão bem aceitas, ainda me concede maior lucro.

Por conta desse menu especial, não abriremos o Hill para o público na véspera do Natal, daqui a alguns dias, e nem no dia, retomando as atividades somente no dia 26 de dezembro. Teremos que trabalhar muito para atender aos pedidos, mas tenho certeza de que daremos conta e que em pouco tempo encomendar a ceia no Hill será uma tradição.

É preciso manter a fé depois de tudo o que já passei na minha vida; sem ela, eu esmoreço. Não digo propriamente uma fé religiosa, mas a de desejar boas coisas, pensar positivo, manter a chama da esperança acesa de que tudo vai dar certo.

— Boa tarde! — a voz de Tessa faz meu sorriso se agigantar, e paro o que estou fazendo para ir abraçar minha pequena menina. — Ei, mãe, não!

Ela tenta correr ao ver minhas mãos molhadas, mas, quando a alcanço, explode em gargalhadas e me abraça apertado.

— Estava com saudades! Como foi a aula?

— Legal! — Faz um joia com a mão. — Ei, tia Manola!

— Tia uma ova! — Manola repreende, mas ri. — Sou no máximo sua irmã mais velha, pirralha!

Tessa gargalha de novo e faz gesto de que Manola é maluca, rodando o indicador ao lado da cabeça, e Arnaldo libera sua estridente gargalhada ao concordar com a menina.

— Quer alguma coisa especial daqui hoje? — pergunto, mas sem muita esperança.

— Não, tia Do Carmo disse que vai fazer lasanha à noite, e você não faz lasanha aqui!

— Não faço! — Cutuco suas bochechas com os indicadores bem onde elas formam covinhas quando Tessa sorri. — Cláudia fez uma torta especial. Vou levar para você mais tarde.

— Tem chocolate? — indaga animada.

— Tem, sim, pirralha! — é Manola quem responde. — E se ela tiver direito a um pedaço, eu, como irmã mais velha, também tenho!

Tessa mostra a língua para ela, Arnaldo ri, e eu balanço a cabeça, pois as duas parecem realmente irmãs, brigam e implicam uma com a outra, mas se adoram. Minha pequena se despede, e a acompanho até a entrada do bar, só voltando para a cozinha ao vê-la fechar a porta do acesso ao nosso apartamento.

Deus do Céu, como é bom ver minha menina feliz!

A segurança e a felicidade de Tessa são minhas prioridades, e vê-la crescendo tendo essas duas coisas me dá ânimo para aguentar mais um dia de trabalho e não pensar em coisas ruins. Nem mesmo nos Karamanlis, ainda que um deles tenha mexido comigo de tal forma que volta e meia está nos meus pensamentos – e não pelo motivo pelo qual deveria estar!

13

Theo

— *Me and Mrs. Mrs. Jones, Mrs. Jones, Mrs. Jones, Mrs. Jones, we've got a thing going on.* — Dedilho o arranjo ao piano, sentindo o peso dessa canção sobre mim e volto a cantar: — *We both know that it's wrong, but it's much too strong to let it go now.*[3]

Há anos não toco essa música tão famosa na voz do Billy Paul, mas algo me impulsionou a fazê-lo esta noite. Nada específico, creio eu. Contudo, meu interior está conturbado como há muito tempo não o sinto.

O paletó do terno que vesti hoje está em cima de uma das cadeiras da sala de jantar, a gravata precariamente pendurada sobre a borda do piano, enquanto estou aqui, camisa social semiaberta, mangas arregaçadas, uma garrafa de uísque em cima do instrumento e meu copo já quase vazio. Não parei de tocar desde que cheguei do concerto musical e apresentação de novos artistas de gravuras que ocorreu em uma galeria de artes aqui perto.

A verdade é que, desde quando Viviane me mandou o convite, não tive

nenhum interesse em ir, embora fosse algo que geralmente chamaria minha atenção. Tive uma semana fodida demais, e não havia nenhum clima para entretenimentos. Tudo o que eu queria era uma massagem gostosa e uma trepada de alívio.

Termino a música e recosto a cabeça nas teclas do piano, quase não me reconhecendo. Não estou normal! Talvez essa época do ano, próxima demais do Natal, mexa comigo, evoque sentimentos que há muito tempo pensei ter perdido.

Sinto falta da Vanda nesta casa! Olho em volta e bebo o restante da dose de uísque. Tudo está tão vazio, tão silencioso, tão... estéril. Não tenho mais ninguém me esperando quando chego do trabalho, nenhum cheiro de tempero quando entro na cozinha – ou mesmo de café, porque o dela é incrível –, não há conversas amenas.

Não há nada!

Balanço a cabeça, irritado com o rumo dos pensamentos, com a energia negativa deles dentro de mim. *Maldita semana!*

O desastre começou na segunda-feira com aquele encontro deliciosamente desastroso com Duda Hill; depois aumentou com a notícia que o filho da mãe do Kostas nos deu sobre o imóvel onde funciona o Hill Wings.

A proposta de Millos ressoa em meus ouvidos, e, por mais que eu não ache muito sentido no que me propõe, penso se não é um caminho a seguir. Nunca fui um homem de indecisões. No entanto, entendo que, nesse assunto em particular, não posso me mover por impulso.

Volto a escutar a voz de meu primo como se estivesse aqui e o ouço apresentar todos os motivos para embasar sua ideia.

— Nosso erro foi deixá-la sozinha naquela rua, sem nenhuma concorrência! — argumentou.

— Quando fechamos a compra do último imóvel, aquilo lá ainda era só um pé-sujo com meia dúzia de clientes bêbados — justifiquei em contrapartida. — Não tínhamos com o que nos preocupar!

— Esse foi o erro do coelho naquela fábula — Kostas ironizou. — A arrogância do "já está no papo!".

— Você falando de arrogância? — Ri, e Millos disfarçou seu riso também. — Não tem se olhado no espelho, não?

Kostas apoiou seu indicador logo abaixo da sobrancelha, ao lado do olho e me deu um meio sorriso e um olhar de desprezo. Ergui minha sobrancelha e balancei a cabeça, enfrentando-o. Se o bostinha achava que iria me intimidar como faz com seus advogados, estava muito enganado!

— Já terminaram de testar a testosterona de ambos? — Millos reclamou. — Minha ideia faz todo sentido! Se alugarmos algumas lojas próximas ao

estabelecimento dela, damos a concorrência necessária para que recue um pouco no crescimento que vem tendo!

— Sabe o que não entendo? — Kostas interferiu. — Se ela vem fazendo tanto sucesso quanto vocês gostam de afirmar, por que não quitou a maldita promissória?

— Talvez não tivesse tido o suficiente ainda, pois, como o “agiota” mesmo informou, ela andava pagando os “juros” para que ele continuasse paciente — respondi. — Ademais, ela não poderia pegar um empréstimo para quitar uma dívida como essa.

— A verdade é que o pilantra nunca iria liberá-la da dívida. — Concordei com o ponto apresentado pelo Millos. — Gastamos quase o dobro do que a promissória realmente vale, e ele já tinha recebido anos de juros da Duda. O homem é um espertalhão!

— Então você acha que, colocando mais alguns bares naquela rua, teremos mais chances de quebrá-la? — inquiri. Millos assentiu, mas vi um leve sorriso no rosto de Kostas e, sinceramente, não gostei dele. — Como controlaríamos isso?

— Kostas! — Millos aponta. — Podemos amarrar bem o contrato de aluguel, especificando a atividade que o locador deve exercer.

— Isso é legal? — perguntei.

— Não posso dizer no contrato o que ele deve vender, mas posso amarrá-lo à atividade que já exerce, ou seja, se trocar de ramo, deixa o imóvel. — Olha para o Millos. — O pessoal da corretagem, que por sinal é subordinado ao nosso querido e esperto primo, é quem deve ter em mente quais são os tipos de locadores que devem aceitar.

Concordei, mas ainda não estava completamente convencido.

— Pense na questão. — Millos se pôs de pé. — Tempo é o que não falta, pelo que Kostas disse.

Meu irmão o acompanhou, o sorriso estranho ainda em seu rosto, como se estivesse acontecendo algo que só eu não soubesse.

Dali em diante, tudo pareceu ainda pior! Os dias se arrastaram até esta sexta-feira, vários setores da empresa dando problemas justamente nesta época em que o pessoal já parece estar entrando em ritmo de festas e esquecendo um pouco a nossa tão famosa correria paulistana.

Só soube que Valentina seria minha acompanhante nos eventos artísticos no meio do expediente, quando Viviane me ligou para perguntar se eu tinha o endereço do apartamento da moça.

— Você me disse que ela estaria lá, não que iria comigo! — resmunguei. — Nós mal trocamos algumas palavras naquele vernissage!

— Theo, meu querido, você quer ou não quer uma maldita esposa?! — minha sócia perdeu a paciência.

— Porra, mas não assim! Não precisava agir tão descaradamente como se eu estivesse desesperado, merda!

— Ela é a melhor candidata com que você já esbarrou por aí! É amante das artes como você, vem de uma família tradicional e rica como a sua, é linda, jovem e tem todos os infindáveis requisitos que você listou para a futura senhora Karamanlis! Dê uma chance a ela!

Resisti a esbravejar de volta e respirei fundo, clamando por paciência. Eu nunca quis que fosse assim, porra! Se quisesse a merda de um casamento arranjado, tinha posto um anúncio no Estadão ou na Folha! A ideia era conhecer alguém que despertasse meu interesse e ver se essa pessoa continha os requisitos do *pappoús*, não o contrário!

Bom, a porra do encontro já estava agendada e confirmada, então não me restou outra saída a não ser ir até a moça.

Não serei hipócrita ao não reconhecer o quanto Valentina estava linda. Um vestido preto, fino, de tecido parecendo seda, colava-se ao seu corpo de tal maneira que eu tive certeza de que não usava calcinha. O modelo era na altura dos joelhos, sem muito decote, porém o suficiente para mostrar seus atributos a um bom observador. Os cabelos claros estavam soltos, penteados para trás, caindo sobre suas costas delgadas.

Ela entrou no carro e se sentou ao meu lado no banco traseiro enquanto Dionísio fechava a porta.

— Boa noite, Theodoros! — cumprimentou-me de forma educada e sutil, seus olhos azuis destacados por uma maquiagem bem feita. — Espero não o ter feito esperar muito.

— Boa noite! — Sorri. — Valeu a pena cada minuto. — Beijei sua mão. — Você está deslumbrante!

Ela apertou sua mão sobre a minha, e eu a puxei para um beijo.

Nada!

Encho o copo de uísque novamente, pensando em como pode uma mulher linda daquelas, com um corpo perfeito, um rosto e sorriso incríveis, isso sem contar em todos os outros atributos intelectuais, que ela tem bastante também, não conseguir sequer uma reação mínima do meu corpo?

Como é possível?!

Volto a pensar em como ela mesma reagiu, com um sorriso polido como se aquilo não passasse de um protocolo. Gelo tomou conta de todas as minhas veias e se concentrou diretamente no meu pau.

Pedi ao Dionísio que fosse até o endereço da galeria, fiquei a noite inteira

com ela pendurada em meu braço enquanto comentava – com enorme conhecimento da área – sobre cada gravura ali exposta. Relaxei com a presença dela, com a afinidade que tínhamos com as artes e também com seu humor perspicaz e agradável.

Sem dúvidas, Valentina é uma ótima companhia, por isso mesmo a convidei para ir comigo ao baile de Ano Novo dos Villazzas.

No final da noite, voltei a tentar uma aproximação, e ela a recebeu com a mesma resignação de antes, porém, sem nenhuma paixão, assim como eu. Porra, ela era perfeita, mas onde estava a química entre nós? Onde estava o arrepio na pele ao meu toque? A reação do meu corpo a um simples sorriso dela?

Não tinha nada ali! Nenhuma chama, nem mesmo uma faísca.

Rio, voltando a tocar o piano, afastando a frustração que senti há algumas horas. A mulher certa com a reação errada, enquanto tive todas as reações certas com a última mulher com quem deveria ter tido!

O nome dela, dessa mulher tão exasperante que consegue criar uma revolução nos meus hormônios sexuais, flutua em minha cabeça como se fosse música: *Maria Eduarda Hill.*

Ao mesmo tempo em que decido tocar algo para cessar o mantra nominal, faço uma autoprovocação escolhendo uma música romântica e divertida na versão do ícone Frank Sinatra:

— *My funny valentine! Sweet, comic valentine! You make me smile with my heart. Your looks are laughable, unphotographable, yet you're my favorite work of art.* [4]

É, penso quando paro de cantar e fico somente tocando, *a noite vai ser longa. Ainda bem que tenho garrafas de uísque e repertórios musicais suficientes!*

O som está uma merda, a bebida, quente, e a decoração, cafona demais! Procuro Rômulo no meio dos funcionários da Karamanlis, todos reunidos no refeitório para o almoço de final de ano em plena véspera de Natal.

Neste ano resolvemos não mais fazer duas festas separadas – para os funcionários e para os cargos acima de gerência da Karamanlis – e reunimos todos aqui mesmo no prédio da empresa. Abrimos apenas as portas do refeitório, que dão em uma espécie de terraço, onde o bufê colocou um toldo e umas cadeiras.

Não foi minha irmã caçula quem organizou a festa, infelizmente, senão não estava essa cafonice estranha.

Avisto Rômulo e faço sinal para que venha até mim, e ele o faz imediatamente, parando de conversar com alguns funcionários da TI – eu sei porque a maioria com cara de nerd aqui da empresa trabalha lá – e vem aos tropeços, “catando cavaco”, como diria Aluísio Azevedo[5] se ainda estivesse entre nós, até se postar ao meu lado.

— Sim, doutor?

Tento conter uma risada e apenas balanço a cabeça, esperando que ele resgate o ar que perdeu no percurso para que eu lhe pergunte de quem foi a idiota ideia de contratar esse péssimo serviço!

— Rômulo, sobre a empresa que está organizando essa confraternização. — Ele arruma os óculos. — Nós pagamos por isso? — Aponto o dedo para todas as coisas penduradas na parede, inclusive os balões infláveis com os números formando 2019 em dourado.

— Claro que sim! — Sorri. — Não posso precisar o valor, porque isso é com o pessoal do doutor Millos, mas tenho certeza de que uma empresa como a Karamanlis não dá calote em ninguém.

Enche o peito de orgulho, o que me faz revirar os olhos, e abre um enorme sorriso.

— Volte lá a se divertir com o pessoal da TI! — Abano a mão na direção dos rapazes com óculos ao estilo Harry Potter.

Meu assistente insiste em me ajudar com algo mais, mesmo eu já o tendo dispensado, e somente quando o olho é que parece conceber a mensagem. Volta do mesmo modo que veio, mas dessa vez já não acho graça de seu jeito espalhafatoso de andar apressado.

Ando entre as pessoas, cumprimentando alguns que já conheço e atraindo a atenção dos demais, em busca de Millos. Está tudo tão mal organizado que não consigo ver entre uma mesa e outra por causa dos malditos balões dourados.

— Ei, *irmãozinho!* — Alex me para. — Aproveitando a festa?

Ele parece animado com um copo de cerveja na mão.

— Espero que não tenha vindo de moto! — repreendo-o.

— Preocupado com minha integridade física, *oh, poderoso Theo*!? — Ri, já visivelmente bêbado. — Vê só como seu nome já lembra a divindade que você é! *Théos*[6]*!*

Millos chega por trás dele, capturando meu olhar entediado, e o abraça pelos ombros.

— Alex, que festança, não? — comenta. — Eu nunca vi nosso pessoal tão à vontade e tão satisfeito com uma festa de final de ano!

— Você só pode estar brincando! — indigno-me ao ouvir isso. — Essa confraternização não chega aos pés da do ano passado!

Alex gargalha.

— Na do ano passado, o pessoal quase dormiu nas cadeiras com aquele sonzinho de jazz que foi colocado para agradar a um certo CEO! — Ele fica sério. — Você não conhece seus funcionários, não sabe do que eles gostam e...

— Chega, Alex! — Millos o chama sério.

— Foi ele quem organizou isso aqui? — pergunto ao Millos, apontando para a fuça do meu irmão caçula.

— Foi! — o petulante me enfrenta. — Olhe além do seu mundinho privilegiado, *Théos!* — Abre os braços, esbarrando em Millos, para demonstrar seu ponto. — A festa está no fim, todos foram dispensados a ir mais cedo para casa, mas... — cruza os braços — você está vendo alguém ir?

Sou obrigado a concordar com ele. Ninguém ficou na festa, no ano passado, depois da distribuição dos prêmios, e, neste ano, mesmo depois de termos feito os sorteios, todos continuam aqui, comendo, bebendo e – arregalo os olhos ao ver Rômulo e seus amigos se agitando – dançando!

Sim, a festa não está do meu gosto, mas, afinal, não foi feita para mim. Millos sorri, olhando para Alex, quando percebe que notei o sucesso que está sendo o evento. Foi meu irmão! O moleque realmente entende os funcionários como nenhum outro Karamanlis no poder o fez!

Sinto uma pontinha de orgulho, mas logo a deixo de lado, abandonada na escuridão de uma parte de mim que contém todos os sentimentos acerca de minha família.

— Bom trabalho! — elogio-o, e o garoto fica sério. — O pessoal parece realmente estar gostando!

— Vá se...

— Nós agradecemos! — Millos o interrompe no exato momento em que iria me mandar ter prazer comigo mesmo. — Foi um trabalho em equipe! Somos um só time dentro desta empresa.

Millos mal termina de falar e arrasta Alex para longe de mim, falando algo durante o trajeto.

Lembro-me de Alex ainda garoto, sobre meus ombros na piscina do condomínio onde moravam. Ele me seguia por toda parte, até mesmo quando eu não o queria por perto. Seus olhos brilhavam a cada coisa que eu fazia ou falava, eu era seu herói.

Ele estava muito errado!

14

Theo

A véspera de Natal foi uma tortura solitária!

Millos se enfiou em algum lugar para fazer sabe-se lá o quê e eu fiquei sozinho na cobertura, ouvindo meus discos, comendo uma ceia encomendada anteriormente por Vanda e vendo as sacadas dos outros apartamentos com pessoas comemorando, luzes piscando, músicas de Natal.

Nunca tivemos isso!

Millos e eu fomos criados com *pappoús*, e nossa família nunca comemorou o Natal por não achar a data importante, apenas uns dias a menos para se fazer dinheiro. Nossa *giagiá*[7] era quem ainda queria manter a tradição da festa do nascimento do Menino Jesus, porém, a tivemos tão pouco antes de sua morte que quase nem me lembro mais dos ritos e da comemoração.

Quanto aos outros, mal sei! Kostas foi criado com a família de sua mãe, na Inglaterra, até a adolescência, então provavelmente é católico ou anglicano, e as duas religiões comemoram a data. Quanto a Alex e Kyra, os dois tiveram Natais

completos, pois eu ainda me lembro da árvore montada na sala principal do apartamento, pelo menos estava lá na última vez em que estive no imóvel; depois, não tenho notícia.

Não era de se esperar que, numa família tão complicada como a nossa, houvesse comemorações natalinas – ou quaisquer outras que envolvam união e fraternidade. Somos solitários como se fôssemos filhos únicos, e eu, infelizmente, divido essa culpa com Nikkós.

Recebi convites para cear com alguns amigos, inclusive Valentina me pediu para acompanhá-la na comemoração de sua família, porém, não quis. Natal não é uma época fácil para mim, e eu não queria que as outras pessoas se dessem conta disso e questionassem os motivos. Era melhor ficar sozinho mesmo!

O som triste e a voz melodiosa de Nat King Cole cantando *Please take me back to toyland*[8] me fizeram rir ironicamente, pois eu nem sabia que tinha essa música naquele disco, afinal, era uma canção de Natal! Fui até o toca-discos e mudei a faixa, mas pouco ajudou, pois começou *Unforgettable*[9].

Suspirei resignado e deixei a música tocar, sentando-me no sofá e deitando minha cabeça sobre o encosto, seguindo a música com os lábios, mas sem cantar.

Foi realmente a chamada "noite da fossa", eu ali, sozinho, ouvindo canções que tocam fundo em qualquer pessoa, tomando meu uísque, enquanto o peru esfriava intacto sobre a mesa de jantar.

No dia seguinte, todo meu ar de frieza e invulnerabilidade já estava de volta, segui para a empresa – sim, em pleno feriado! – e adiantei muito os relatórios do final do ano para o conselho. Li todos os e-mails que Rômulo já havia classificado como importantes, respondi alguns, fiz anotações para pesquisar respostas para os outros. Fiquei um bom tempo olhando a Paulista, vazia como uma rua fantasma, e rindo de mim mesmo por estar ali perdendo tempo.

Recebi mais convites naquela noite, agora para noitadas pós-Natal, mas ainda não estava no clima. Exercitei-me sozinho na academia do apartamento, saindo de lá exausto, fiquei um tempo na sauna depois e, quase à 1h da manhã, estava nadando.

Dormi feito uma pedra!

Hoje acordei com uma ligação de Vanda, avisando que estaria de volta na primeira semana de janeiro, o que já animou minha manhã. Segui meu ritual para me preparar para o trabalho, troquei mensagens com algumas mulheres com quem já havia saído, inclusive com Valentina e, agora, já no carro, recebo uma ligação da Viviane.

— Como foi seu Natal? — pergunta.

— Não comemoro! Você sabe que acho besteira. — Ri. — E você?

— Muito bom e em ótima companhia! — Suspira. — Ah, encontrei Valentina ontem na festa da Alicinha. Ela me falou bastante de você.

Ergo a sobrancelha.

— É mesmo? Coisas boas ou ruins?

— Boas, claro! Por que ela diria coisas ruins a seu respeito?!

— Não sei, ela parecia tensa, distante... — Ouço Viviane respirar fundo. — Não sei, Vivi. Ela tem tudo o que meu avô aprovaria, mas...

— Vocês só saíram uma vez! Dê tempo ao tempo!

— Pode ser... — encerro o assunto, pois não estou certo de investir em uma relação com Valentina. — Vamos falar de negócios! Vi seu e-mail ontem com a repercussão do escultor! Meus parabéns!

— Ah, Theo, você sabe que eu nunca me engano com as artes! — Ri. — Quem dera fosse assim com as pessoas!

Respiro fundo, concordando, embora me ache um bom julgador de caráter. Terei pela frente poucos dias para finalizar todas as pendências e organizar planos de ação para o próximo ano. O conselho irá se reunir na sexta-feira, e, sempre depois dessa reunião de prestação de contas, acabo acumulando algum trabalho para fazer até a véspera de Ano Novo.

— Ela me disse que você a convidou para o Baile Branco e Preto dos Villazzas — Viviane volta a falar.

— Quem? — indago confuso.

— Valentina, Theo! — Ri. — Não me diga que convidou mais alguém!

Faço careta ao me lembrar do convite, levemente arrependido de tê-lo feito, pois poderia muito bem ir sozinho e conhecer alguém que despertasse mais tesão em mim do que a amiga de Viviane.

“Dê tempo ao tempo...” foi o que ela acabou de me falar. No entanto, acho que, em relação ao desejo, ou ele acontece ou simplesmente não existe. Tesão não é igual amizade, que se constrói com o tempo, ele é imediato! É certo que pode estar camuflado em algum outro tipo de sentimento, como a exasperação, a implicância, arrogância, mas está lá, ainda que negado.

— Não, não convidei mais ninguém, Vivi. — Respiro fundo. — Mas acho que fui apressado no convite. Valentina é perfeita, mas um tanto fria, e isso...

— Talvez ela só esteja tímida — justifica a amiga, e vejo lógica nisso. Devem ser tão estranhos e desconfortáveis para ela quanto são para mim, esses encontros arranjados. É antinatural demais, como se estivéssemos sendo empurrados um para o outro.

— Sim, é normal que ela esteja sem jeito, por isso não queria fazer dessa forma — friso mais uma vez meu incômodo com essa situação. — De qualquer maneira, já fiz o convite e seria uma babaquice sem tamanho retirá-lo.

— É um baile e tanto! Imagino que você tenha se dado folga na véspera do Ano Novo. — Faço careta ao pensar em mais um dia de trabalho perdido. — Soube que sua irmã é quem está organizando.

— Sim, é ela — sou curto ao confirmar, sem entrar em detalhe algum, mesmo porque eu nada sei sobre a Kyra. — Vivi, preciso desligar, estou chegando ao prédio e tenho uma apresentação para fazer depois de amanhã...

— Está certo! — Ri, sabendo que a estou dispensando. — Se não o vir mais, espero que tenha um feliz Ano Novo.

— Para você também!

Desligo o telefone e abro o app de agenda que uso para os meus compromissos, marcando o domingo como um dia de trabalho.

Minutos depois, já no elevador, recebo mensagem do Rômulo perguntando sobre essa anotação.

Estou chegando em dois minutos, mas já adianto que vamos ter que trabalhar nesse final de semana.

Cumprimento uns funcionários que entram no elevador, pronto para guardar o celular no bolso, quando ele treme em minha mão. Rômulo, em vez de esperar que eu chegue à sala, manda-me uma mensagem:

Oba! Ansioso!

Gargalho no elevador, chamando a atenção das pessoas dentro dele. Sinceramente, não sei se Rômulo é puxa-saco demais ou se é só maluco!

— Ah, você está aí! — Millos me assusta entrando na sala de supetão, ainda mais por hoje ser domingo. Eu e Rômulo trabalhamos todo este fim de semana.

— Onde mais estaria, já que parte de amanhã e o feriado serão perdidos? — Aponto para a porta. — Usa-se bater antes de invadir.

Meu primo dá de ombros.

— Vim me despedir — informa e vai até o Rômulo. — Qualquer coisa que precisar, entre em contato com a Sâmela, ok?

— Sim, doutor Millos! — O assistente se levanta, seca a mão – não sei por que diabos ele sempre faz isso! – na lateral da calça e a estende ao meu primo. — Boas férias!

— Obrigado, Rômulo! — cumprimenta-o de volta. — Feliz Ano Novo! Espero que, ano que vem, seu chefe esteja mais suportável!

— Ah, doutor, meu chefe é ótimo! — ele sorri ao falar isso e me olha de esguelha.

— Você é um santo, Rômulo! Ou um louco!

Gargalho com a cara confusa do meu assistente e chamo o ingrato do meu primo para um abraço de despedida.

— Para onde vai? — inquiro.

— Te respondo no almoço.

Franzo a testa.

— Que almoço? — Olho para Rômulo, que dá de ombros, indicando que não há nada na agenda.

— Nosso almoço, agora, no restaurante onde você me abandonou naquela noite depois do encontro com a Duda Hill.

Cruzo os braços, sem focar muito nas lembranças daquela noite, ainda que sinta um leve tremor ao pensar na mulher conversando comigo ao balcão do bar.

— Millos, amanhã é véspera de Ano Novo, eu ainda tenho...

— Sem desculpas, Theo, hoje é domingo, e vocês dois nem deveriam estar aqui. E, conhecendo o seu assistente como conheço, tenho certeza de que o trabalho está bem adiantado!

— Pode ter certeza, doutor! — Rômulo confirma, orgulhoso.

Ainda tento negar por mais algum tempo, porém, meu primo está totalmente inflexível.

— Está certo, mas, ao invés daquele restaurante, vamos ao Vincenzo's. — proponho, e ele aceita.

Vincenzo's é o restaurante italiano de um chef amigo nosso, que fica no terraço do Villazza SP. Millos e Vince – apelido do dono – são amigos e

companheiros de viagens de motos, assim como Frank, CEO da rede de hotéis Villazza.

Gosto muito de ir lá, mas, como não tenho tido tempo ultimamente, pouco tenho conseguido degustar do menu italiano de Vincenzo. Somos amigos desde que ele abriu o restaurante no Villazza SP, vindo com Frank de Curitiba para cá, pois antes comandava a cozinha de um restaurante do hotel de lá.

O homem, um chef competentíssimo, ganhou fama e notoriedade ao participar como jurado de um *reality show* de gastronomia na televisão. Espero que Millos tenha feito reserva, senão teremos que comer no mezanino sem cobertura, com uma bela vista de São Paulo, mas sem ar-refrigerado.

— 15 dias? — confirmo o tempo das férias com meu primo enquanto ele dirige.

— No máximo! — diz animado. — Tracei minha rota, já reservei hotéis ao longo do caminho. Se nada sair do programado, em 12 dias estou de volta e em 15, já na minha mesa.

— Bom, muito bom! — A notícia me satisfaz, principalmente por eu mesmo estar viajando em fevereiro. — Não vai ao aniversário do *pappoús?*

— Ano que vem, não, já até me desculpei com ele. Vou visitá-lo em julho. Terei que ir até Atenas para resolver umas coisas com meu pai, então aproveito e mato os dois coelhos de uma vez.

— Que horror essa comparação! — Rio. — Tudo bem com tio Vasilis?

Dá de ombros, sem saber o que responder, afinal, assim como eu, não fala com o pai há anos. Millos lamenta ser filho único exatamente por não ter para quem jogar o fardo de lidar com o pai, o que entendo bem, pois eu detestaria ver Nikkós, mesmo que por mera formalidade.

Chegamos ao Villazza, e, enquanto subimos para o terraço, mando mensagem para o Frank, porém, o carcamano está em reunião, ajustando os últimos detalhes do baile de amanhã.

Ah, sim, o bendito baile!

Valentina já me bombardeou de mensagens sobre o evento, dizendo o quanto está empolgada, detalhando sua roupa e me perguntando como eu preferia que ela usasse os cabelos, soltos ou presos. Achei um tanto absurdo demais tudo isso, principalmente sobre minha opinião, afinal, encontramo-nos uma vez e trocamos dois beijos bem insossos.

Munido de uma paciência hercúlea, respondi todas as suas mensagens e ressaltei o quanto meu dia estava corrido exatamente por conta desse evento na véspera do Ano Novo, dia em que normalmente trabalho e que perderei por sair mais cedo. Pelo visto, ela entendeu o recado e parou com suas mensagens ao estilo metralhadora.

Chegamos ao terraço e avistamos Vincenzo, com um enorme sorriso, já na porta a nos esperar. Estranho isso, não por ele estar nos aguardando, mas sorrindo desse jeito tão deslumbrado.

— *Benvenuto!* — saúda-nos. — Porra, eu estou suando frio aqui! — confessa.

— Diarreia? — Millos sacaneia.

— Não, *coglione*! — Rio ao ouvir o xingamento preferido do Frank. — Vocês vão ter o prazer de dividir o mezanino...

— Ah, caralho, o mezanino não! — resmungo tirando o paletó.

— Estamos com climatizadores lá fora e *ombrelones*, seu fresco! — todo o charme e sotaque italiano some quando ele me dá esse esporro, voltando às origens do Bixiga, bairro paulistano onde foi criado.

— Está certo, esquece o Theo! Quem está no mezanino? Alguma gostosa lá da sua emissora?

— Melhor que isso! — O chef parece bem empolgado. — Thierry Angelot!

Millos franze o cenho, e eu começo a gargalhar.

— Porra, Vince, é sério? Toda essa excitação por causa de um macho?

— Cala a boca, seu herege! — repreende-me. — *Angelot*, Millos!

Meu primo arregala os olhos.

— Do restaurante? O que ganhou a terceira estrela Michelin no guia deste ano?

— *Voilà!* — Vincenzo confirma. — O próprio!

Gosto muito de comer, mas, como não cozinho nada, nunca fui muito ligado a nomes de chefs ou restaurantes. Simplesmente, quando quero algo e estou fora do país, consulto o *concierge* do hotel ou vou pela indicação de amigos. No entanto, agora, sabendo se tratar do Angelot, o restaurante francês cujo jantar desfrutei há alguns anos, entendo a empolgação do Vince.

— O que ele faz aqui? — Millos inquire.

— Vai cozinhar amanhã — respondo, e Vincenzo confirma. — Frank comentou comigo que um chef internacional havia aceitado o convite para fazer o jantar do baile.

— Ah, porra, isso é sério?! — Millos gargalha. — Justamente este ano, que decidi não participar!

Caminhamos em direção ao mezanino, uma varanda um pouco mais elevada que o restaurante, com proteção de vidro na beirada do hotel e uma vista deslumbrante. Entro já olhando as mesas – são três delas – à procura do misterioso homem, pois nunca consegui cumprimentá-lo quando estive em seu restaurante. Avisto-o conversando animadamente em francês e quase tropeço ao ver a mulher que almoça – e ri muito, por sinal – em sua companhia.

— Duda Hill! — Millos sussurra.

— Vocês a conhecem? — Vincenzo nos encaminha até nossa mesa, no canto oposto onde o casal se encontra. — Ele chegou aqui com esse mulherão traduzindo tudo o que dizia, e eu, mesmo sabendo o idioma, me fingi de ignorante só para ouvi-la falar.

A lembrança do sotaque francês dela, da forma como seus lábios se movimentaram a cada palavra, trazem de volta a sensação luxuriante que senti, tendo a exata noção do que Vincenzo está falando. Crispo as mãos, respiro fundo e me sento bem de frente para a mesa dos dois.

Millos e Vince conversam baixinho, porém, não presto a mínima atenção a eles, tentando ouvir o que o baixinho – sim, porque o homem deve ter no máximo 1,60m de altura – diz a ponto de arrancar tantas risadas dela.

Infelizmente não consigo ver o rosto da Duda, tendo visão de suas costas mal cobertas pelo vestido estampado em verde, de alças muito finas que destacam seus ombros e nuca, uma vez que os cabelos estão presos em um coque no topo da cabeça.

— ...eles pediram à la carte e agora estão dividindo um tiramisù — ouço Vincenzo informar ao Millos.

— Dividindo? — questiono. — Denota certa intimidade dividir a sobremesa com alguém. — Millos ergue uma sobrancelha e dá um sorriso irônico. Não lhe faço caso, fingindo que não notei sua expressão. — Então, ao que parece, a dona do boteco realmente é uma *chef de cuisine* diplomada na França.

— Claro que é! — Millos me encara. — Achou que ela estava mentindo?

Dou de ombros, e Vincenzo pede licença para se retirar e voltar para a cozinha.

— Não faz sentido! O que está fazendo fritando batatas e asas de frango em um lugar como aquele se tem diploma e conhecimento de pessoas que poderiam empregá-la? — Faço sinal com a cabeça indicando o baixinho.

Millos se inclina sobre a mesa.

— O que o herdeiro mais velho de uma empresa internacional estava fazendo vendendo peixes? — Imediatamente fico sério, puto por ele estar mexendo nessa história tão antiga, porém que ainda sangra e incomoda. — Não dá para julgar a motivação de alguém sem conhecer sua história.

Antes que eu o mande ao caralho, um garçom aparece para anotar nossos pedidos, e concluímos pelo menu degustação em quatro tempos, inspirado no mar. Millos pede sua cerveja, como sempre, enquanto eu solicito ao sommelier que harmonize algum vinho com a comida pedida.

— E então... — volto a puxar o assunto das férias de Millos para não

demonstrar interesse na outra mesa, mesmo que desvie meus olhos para lá a todo momento — para onde você vai ano que vem?

— Resolvi fazer uma rota aqui por perto mesmo, mas vou parando em algumas cidades para fazer turismo. — Acho interessante. — A ideia é seguir todas as rotas da Estrada Real.

— O que seria isso? — pergunto, pois já ouvi falar do assunto, mas nunca me fixei em nada sobre ele.

— São rotas comerciais criadas na época do Brasil Império. Pretendo seguir as quatro, saindo do Rio de Janeiro em direção a Minas, até Diamantina, depois voltar, passar por Ouro Preto e descer para o Sul de Minas, visitar umas cidades do interior e, por fim, chegar em Paraty, seguir pelo litoral até Santos e retornar para cá.

— Por que começar pelo Rio e não por aqui?

— Quero aproveitar um pouco o litoral norte. Isso não faz parte da Estrada Real, é por minha conta. Amanhã vou para o Rio pela Presidente Dutra e aproveito a queima de fogos em Copacabana.

— Vai ficar no Palace? — Millos confirma. — Já passei um Ano Novo lá, em...

Interrompo-me quando vejo o francês baixinho indo para dentro do salão. Olho na direção da mesa deles e vejo a Duda de pé, sozinha e de costas, contemplando a vista da cidade.

Sem falar nada com Millos, sigo até ela, munido com a vontade de provocá-la um pouco e também de sentir seu perfume.

— Me dê a boa notícia de que aceitou o emprego e vai vender o boteco para mim! — falo às suas costas, fazendo-a se virar para mim.

— *Merde*! — Põe a mão sobre o coração. — O que você... — Vê Millos sentado na outra ponta do mezanino. — Ah, merda! — resmunga para si mesma, voltando a olhar para a cidade lá embaixo. — Isso só pode ser alguma brincadeira do destino!

Rio e me encosto ao guarda-corpo de vidro, ao seu lado.

— Do destino? — debocho. — Não acredito nessas bobagens!

Ela me encara.

— Eu não me interesso pelo que você acredita ou não! — Aponta para minha mesa. — Sua comida começou a ser servida.

Levanto uma sobrancelha, meu olhar preso ao dela, e aquela mesma maldita tensão vibrando entre nós.

— Novamente... — olho-a intensamente — a comida não é o meu interesse no momento.

Ela segura o fôlego e desvia os olhos sem jeito ou talvez não querendo

mostrar o quanto está mexida com minha presença, assim como fiquei e ainda estou com a dela. Um sorriso vitorioso se insinua em minha face. Ainda não entendo como é possível que eu sinta toda essa vontade, todo esse tesão apenas por estar perto dela. Não era para ser assim, principalmente por quem ela é e o que me impede de conseguir com sua teimosia.

Contudo, o mesmo magnetismo que me puxou até ela na primeira vez ainda continua exercendo seu poder, independentemente do que diz minha lógica.

— Então conhece o chef do Angelot? — volto a puxar assunto, resistente a me afastar.

— Sim! — sua voz soa um tanto exasperada. — Olha só, Theodoros Karamanlis, vamos encurtar o papo, ok? Não, eu não aceitei nenhum emprego e nunca — sorri malvadamente —, nunca vou vender o Hill para vocês. — Cruza os braços. — Seu primo já está comendo. Bom apetite!

Ah, Maria Eduarda Hill, você não tem ideia de com quem está lidando! Não vai se livrar de mim tão fácil assim.

— Se não é emprego... — rio — é um encontro? — minha voz sai tão debochada, tão incrédula, que ela enruga a testa por um momento antes de dar um enorme sorriso, muito teatral e falso por sinal.

— Não é da sua conta! — responde-me sem desfazer o sorriso, mas não volta a me dispensar.

— Interessante, Maria Eduarda — ouvir-me a chamando por seu nome completo apaga o sorrisinho de seu rosto, e me aproximo um pouco mais dela. — Uma cozinheira que conhece um chef do porte de Angelot, mas que prefere fritar bolinhos...

— Um homem que poderia estar degustando sua comida deliciosa — interrompe-me ironicamente —, mas que prefere ficar enchendo a paciência de uma mulher...

— ...mais deliciosa ainda! — completo sua frase e a vejo arregalar os olhos, pega de surpresa com o que eu disse.

Confesso que eu também estou. Realmente gosto de provocá-la, ver seus olhos castanhos brilharem de fúria e irritação. Gosto de saber que consigo fazê-la reagir sexualmente a mim, mesmo não querendo, da mesma forma como acontece comigo. No entanto, não tinha a intenção de deixar as coisas tão claras e nem ser tão direto quanto fui. O tesão falou mais alto, a vontade de senti-la, de tê-la é mais forte do que qualquer pensamento racional que ocupe minha mente.

Eu quero essa mulher!

Ficamos nos olhando do mesmo jeito que fizemos no restaurante naquela noite, a respiração pesada de ambos, a química forte atraindo meu corpo para o dela. Não sei como, mas, quando percebo, minha mão já está subindo pelo seu

braço, contornando seu ombro, até que meus dedos roçam de leve sua bochecha.

Maria Eduarda fecha os olhos, e eu me aproximo mais, praticamente colando meu corpo ao seu, talvez o suficiente para que ela sinta como estou, como me deixa só com sua presença. Momentaneamente, esqueço onde estamos e, principalmente, quem somos. Só sinto o desejo pulsar nas pontas dos meus dedos, a sua pele queimando a minha, concentrando todo o tesão em minha virilha e fazendo com que meu pau fique pressionado nas calças de forma dolorosa.

Preciso beijá-la! É loucura, será um desastre, mas foda-se! Só preciso sentir o sabor, a textura, o calor dos seus lábios sob os meus e...

— Duda, *tout est prêt, on peut commander le café ...*[10] — o baixinho interrompe nosso momento, e ela pula para trás, afastando-se de mim,

— *Maláka*[11]*!* — solto um palavrão em minha língua nativa, amaldiçoando o péssimo timer do filhote de cruz-credo francês.

O homem nos olha desconfiado a princípio, até me dirigir um olhar raivoso.

— *Y a-t-il un problème*?[12]

— *Non, mon ami. C'est bien*![13] — Duda responde. — *Je ne veux pas de café. On peut y aller*?[14]

— *Oui!* — o homenzinho responde, mas sem tirar os olhos de mim.

Vejo-a pegar a bolsa, passar por mim sem sequer um olhar e então aceitar o braço do francês. Por mais ridícula que seja minha reação, não gosto de assistir a outro homem a tocando.

— Maria Eduarda — chamo-a, e ela finalmente me olha. — Eu não desisto do que quero. — Ela suspira, e abro um sorriso. — De nada do que eu quero!

15

Duda

O Natal trouxe mais do que o sucesso do nosso menu de ceia para encomendas, trouxe também a oportunidade de rever um grande amigo!

Eu estava fisicamente esgotada depois de horas cozinhando sem parar, inclusive com a ajuda da tia Do Carmo e de Tessa, para pode dar conta de todas as encomendas que tivemos. Diversas famílias pediram o menu completo – desde a entrada até a sobremesa –, pelo que comemoramos muito, mesmo com a trabalheira que deu.

Demos conta e, ao final da noite, ceamos todos juntos no Hill, como a família que somos. Foi maravilhoso poder estar com quem eu amo, admiro e trabalho, pessoas que estão sempre ao meu lado não importa o que aconteça e que, a cada dia, me inspiram a continuar a lutar para não perder o bar e tudo o que conseguimos durante esses anos.

Um pouco depois da meia-noite, recebi a visita surpresa de Lara com seu marido, cunhada e sua enteada. O quarteto estava indo para a casa de um grande

amigo de Cadu, Luti, pois no dia seguinte iriam para o interior almoçar com a família e não queriam deixar o outro roqueiro sozinho.

Arnaldo a bombardeou de perguntas sobre Marlon, porém, ela mal sabia informar, pois, após se formar, o antigo segurança do bar se mudou para o Rio de Janeiro. Lara relembrou os tempos de *bartender* e preparou drinques para todos, inclusive para nossas meninas, sem álcool, a fim de acompanharem o Cadu.

Foi uma reunião deliciosa, cheia de histórias de um ano corrido, durante o qual mal tivemos tempo de conversar, mas que não aplacou a força da nossa amizade.

No final da noite, já quase amanhecendo, dormi no quarto de minha filha, curtindo seu abraço gostoso e o frescor do ar-condicionado, satisfeita pelo sucesso do empreendimento de Natal, pela comemoração após e, claro, por poder ter minha família – mesmo tão pequena – ao meu lado.

Como já havia anunciado, não abri o bar no dia 25 de dezembro, aproveitei a ocasião dessa folga e fui passear com Tessa e tia Do Carmo. Fomos ao parque Ibirapuera e depois ao Villa-Lobos, onde minha filha se cansou de tanto andar na bicicleta que lhe demos – titia e eu – de presente.

À noitinha nos reunimos na frente da televisão, escolhemos – não sem uma boa briga – um filme na Netflix e comemos o que restou da ceia da noite anterior. Foi muito bom! Livrei-me das compras na terça-feira e ainda ganhei um tempo livre com as pessoas que amo. Não podia ter havido melhor presente de Natal para mim!

Contudo, houve um outro tão bom quanto!

Na sexta-feira, eu estava na preparação dos alimentos para mais uma noitada de final de ano no Hill quando recebemos um telefonema internacional. Sim, ligaram para o nosso telefone comercial! Fiquei nervosa, achando que pudesse ser notícia do agiota, mas então reconheci o sotaque de Thierry tentando – sem sucesso – falar em português.

Minha reação, logo após o susto, foi rir. Havia muitos anos não nos falávamos, mas seria impossível esquecer sua voz grave e máscula, que faz qualquer pessoa o imaginar como um homão de quase 2m de altura.

— Thierry, *mon ami*! — Estava tão surpresa e emocionada com aquela ligação que sentia a garganta apertada, mas continuei em francês: — Que enorme surpresa!

— Não seria se você tivesse deixado um telefone pessoal para contato! — respondeu em sua língua natal. — Duda, *ma chérie!* Estou tentando falar com você há algum tempo.

— Sinto muito, Thierry, eu mudei o número do telefone alguma vezes e acabei não o repassando aos amigos — justifiquei sem jeito. — Como vão as

coisas? Tenho acompanhado o sucesso do Angelot e não estou nada surpresa! Nós sabíamos que seria um dos melhores da França! *Trois étoiles, mon Dieu!*[15]

Meu amigo riu, encantado com sua façanha.

— A tensão agora é manter! — confessou. — Mas não liguei para falar das *Michelins*, e sim para te fazer um convite.

— Convite?!

— *Oui!* Finalmente vou viajar para o Brasil! — abri um sorriso ao ouvir a novidade. — Fui convidado a assinar o jantar de uma festa no Ano Novo, em São Paulo.

— Aqui?! — Fiquei ainda mais surpresa. — Onde?

— Villazza SP! É um baile beneficente. Todo o dinheiro será doado, então abri mão do pagamento também.

— Ah, Thierry! — Fiquei muito orgulhosa e feliz por ele não ter mudado mesmo depois do sucesso. — É um gesto muito nobre.

— Sim, sim... mas tenho um problema.

— Qual? Se eu puder ajudar...

— Pode, sim! — Riu. — É por isso que fiquei tão desesperado atrás de seu contato. Minha *souschef* ficará responsável pela cozinha do Angelot durante minha ausência. — Fiquei surpresa por ele ser tão desprendido quanto a entregar sua cozinha para outra pessoa. Decerto confia muito na profissional que ela é. — A equipe de cozinheiros do hotel é muito boa, mas gostaria de ter você lá comigo.

— Eu?! — Tomei um susto. — Thierry, eu não entro em uma cozinha de alto nível há anos!

— Bobagem! Vamos nos encontrar assim que chegar à sua cidade.

— Quando? — Meu coração batia forte, de medo e ansiedade ao mesmo tempo.

— Depois de amanhã, estou arrumando as malas. Conhecerei a equipe na parte da manhã, então poderíamos almoçar. Você ouve minha proposta e, se aceitar, participa do treinamento à tarde.

Minhas mãos estavam frias e tensas, enquanto minha mente era povoada pelas lembranças de Paris, da euforia da cozinha, o medo de não agradar e todo o apoio de Thierry, que, na época, era *chef de partie*[16] do restaurante onde trabalhávamos.

Ele foi meu maior incentivador e o que ficou mais abalado com minha decisão repentina de voltar ao Brasil, abandonando tudo. Era um grande amigo, mantivemos contato por um tempo depois do meu retorno, mas então papai morreu, e as coisas ficaram confusas demais.

Voltar a cozinhar, depois de tantos anos, ao lado dele não é apenas uma

chance, é um privilégio!

— Onde nos encontramos? — perguntei, decidida a me dar essa oportunidade.

Agora, entrando pela primeira vez no suntuoso hotel dessa rede internacional, sinto minhas pernas tremendo como gelatina enquanto absorvo atentamente todos os detalhes da decoração. O saguão é lindo e imponente, o que me anima, pois espero que a cozinha seja um espetáculo.

Identifico-me a um dos recepcionistas, que me indica o elevador para o terraço assim que colhe meus dados, fazendo um pequeno cadastro por ser minha primeira vez no hotel.

Quando as portas do elevador se abrem, já no terraço, a primeira pessoa que vejo é Thierry. Recebo um abraço apertado e beijos na bochecha, uma saudação tão calorosa que nem parece que não nos falamos há anos. A amizade está intacta para ele também, assim como para mim.

— Você está linda! — elogia-me em francês. — Como pode todos esses anos se passarem e você ficar ainda mais bela?

Rio do exagero dele, tão característico, pois é um galanteador conhecido por suas maneiras lisonjeiras de tratar uma mulher.

— Você mudou pouco também, meu amigo!

— Infelizmente! — Ri de si mesmo. — Aumentei minha conta bancária e meu prestígio, mas continuo feio e baixinho.

— Isso nunca foi problema para você, mesmo quando não tinha dinheiro. — Ele estufa o peito, sabendo que é verdade. — As mulheres sempre ficavam deslumbradas com você.

— Minha linda, se a natureza não foi generosa te dando o rosto e o porte do Jason Statham, você tem que se aperfeiçoar com o que tem de melhor e tirar proveito disso.

Gargalho e o beijo, adorando saber que ele ainda é fã do famoso ator de filmes de ação. Seguimos de braços dados até o restaurante onde ele fez reserva, elogiando toda a estrutura existente no terraço do hotel.

Além do Vincenzo's, há um bistrô de comida francesa no outro extremo do lugar, dando vista ao outro lado da cidade, e várias lojas de marcas internacionais, de vestuário, acessórios e joias, cabeleireiros e um SPA. No meio disso, vários jardins e locais para sentar, conversar ou mesmo aguardar enquanto alguém faz compras.

Eu nunca poderia imaginar que em cima do hotel houvesse tanta coisa!, penso deslumbrada. Já ia comentar com Thierry sobre a surpresa ao descobrir este espaço aqui, quando vejo quem nos espera na porta do restaurante.

Vincenzo Giacontti!

Desde que ele me convidou para almoçar no Villazza SP, eu já sabia que iríamos ao restaurante do Vincenzo, mas não esperava ser recebida pelo chef pessoalmente. O homem é uma estrela aqui no Brasil. Reconhecido como um dos maiores chefs de cozinha italiana do mundo, ele ainda tem um jeitão todo despojado e é muito bonito!

— *Benvenuto!* — cumprimenta-nos, claramente satisfeito ao ter Thierry no seu estabelecimento.

— *J'avais hâte de rencontrer le célèbre chef cusinier et ami Frank!* — Thierry o cumprimenta, porém, ele não diz nada.

Talvez o chef Giacontti não saiba o idioma!

— Ele estava ansioso por conhecer o famoso chef do Frank Villazza. — Sorrio. — Ao que parece, o amigo dele fez recomendações sobre você, chef.

Vincenzo me encara por alguns momentos antes de abrir um enorme sorriso que o deixa muito charmoso, ainda mais com o aparecimento de algumas ruguinhas.

— O prazer é todo meu em receber aqui um chef com o talento e prestígio de Angelot.

— *Il a déclaré que c'est un plaisir de recevoir un chef cuisinier aussi talentueux et prestigieux que vous.*[17]

— Obrigado! — Thierry arrisca o português e depois se supera: — *Grazie!*

Giacontti sorri, retribuindo o cumprimento e nos acompanha até um mezanino onde se tem uma impressionante vista da cidade de São Paulo, inclusive das copas das árvores do Ibirapuera ao longe.

Sentamo-nos protegidos do sol pelo *ombrelone* e refrescados por climatizadores, potentes ventiladores que soltam nuvens de umidade para amenizar a sensação de calor. Thierry me pergunta se quero provar o menu degustação ou se quero pedir à la carte. Prefiro pedir separadamente os pratos, apenas uma entrada e um prato principal, e ele me acompanha no pedido. Deixo-o escolher o vinho, apreciando seu bom gosto e perícia para harmonizar a bebida com todos os ingredientes dos pratos.

— Quero, antes de falar do trabalho, saber como estão as coisas — Thierry fala assim que o sommelier se afasta.

— Trabalho duro no bar do papai. — Sorrio quando ele faz careta. — Eu sei o que você pensa sobre minha decisão de voltar, mas...

— Duda, *ma chérie*, a questão não é o que eu penso, mas o que você fez! — Thierry continua incisivo como sempre foi. — Você simplesmente desistiu de uma carreira brilhante!

— Não sabemos disso, eu estava só começando!

— *Oh, lala*, como não? Eu fiquei louco com seu talento e sua técnica

quando te conheci, sabia que iria longe! — Tento não pensar muito nisso, não olhar para trás, mesmo que as palavras dele calem fundo dentro de mim. — No mínimo, você seria minha *souschef* hoje, Duda!

— Já seria uma enorme honra!

— Bobagem! — Ele faz um gesto com a mão. — Você tem talento para ter seu próprio restaurante, ganhar três estrelas e ainda fazer pouco caso delas!

Rio com a forma como ele me vê. Sim, eu era dedicada e talentosa, mas havia muitos como eu; isso não significa que eu iria longe.

— Você sabe que eu não pude...

Ele suspira, balançando a cabeça.

— *Ah, l'amour, l'amour, l'amour!* — gargalho com a dramaticidade que emprega nas palavras. — O que não fazemos por amor, não é assim? — Rola os olhos. — *Pure merde!*

— Thierry... — Balanço a cabeça. — O que passou, passou, não posso mudar as escolhas que fiz. Quer saber mais? Faria tudo igual!

Ele bufa. Ficamos mudos enquanto um garçom serve nosso vinho e água.

— Encontrei Jean-Luc um tempo atrás em Nice — ele comenta. Levanto a sobrancelha. — Senti vontade de cortar as bolas dele e jogar para os peixes do mar! — Gargalho. — Não o fiz, claro, ia matar toda a vida marinha!

Pego sua mão.

— Eu senti demais sua falta!

— Eu também, Duda! — Thierry segura firme minha mão por cima da mesa. — Juro que não entendo o que aconteceu! Vocês pareciam tão apaixonados, tão perfeitos um para o outro, então ele simplesmente a abandonou no momento em que você mais precisava!

Bebo um gole do vinho.

— Há pessoas que não estão prontas para lidar com responsabilidades! — Dou de ombros. — Respeito a escolha dele, assim como respeitou a minha.

— Mas foi um canalha indo embora sem deixar destino e sem, ao menos, falar com você!

— Sim, ele foi covarde. Mas não precisei dele... dei um jeito.

— Abrindo mão dos seus sonhos! — exclama indignado.

— Não, Thierry, reformulando os meus sonhos.

— E como está Tessa?

Sorrio ao pensar na minha menina, meu peito se enchendo de orgulho pela criança maravilhosa que ela é. Eu faria e faço qualquer coisa pela sua felicidade, reformulo sonhos, desisto de projetos, qualquer coisa pela minha filha.

— Crescendo! — Abro o celular e lhe mostro uma foto.

— *Mon Dieu!* Linda como a mãe. — Encara-me emocionado. — Que os

corações dos jovens dessa cidade sejam protegidos!

Gargalho, dando um tapinha em sua mão.

A entrada é servida, então começamos a discutir os detalhes do jantar de amanhã à noite. Thierry me explica a dinâmica, elogiando a equipe e o chef do restaurante do hotel. Contaremos com uma brigada de 50 cozinheiros, sendo que o chef passará a exercer a função de chef de partida, controlando a execução dos demais cozinheiros. Thierry e eu seremos os únicos fora da equipe, e, quando demonstro receio sobre a questão do ego do chef executivo do hotel, ele me acalma dizendo que já estão acostumados a auxiliar um chef convidado para bailes e outros eventos.

Fico surpresa, imaginando que o chef deva ganhar muito bem para que não se revolte contra isso, pois sei como são possessivos com suas cozinhas. Dificilmente um chef cede espaço a outro, e inclusive há muitos relatos de brigas feias entre chef e *souschef* exatamente por medo de perder o posto.

Acabamos nos lembrando de algumas histórias sobre nossa época no L'Amande e passamos toda a refeição, até a chegada do delicioso tiramisù, rindo das loucuras, nossas e dos outros, do tempo em que trabalhávamos como loucos dentro da cozinha de um restaurante uma estrela.

Na época, Thierry tinha acabado de ser promovido a *souschef*, pois ameaçou ir embora para o concorrente direto caso não preenchesse a vaga deixada por uma amiga nossa que decidiu abrir seu próprio negócio, uma padaria.

Trabalhamos quase dois anos juntos, desde meu estágio até o momento em que voltei para o Brasil, e sempre acalentamos o sonho de abrir um pequeno bistrô na Rue Saint-Honoré, oferecer alta gastronomia com preço justo e muita qualidade.

Enquanto dividimos o doce, ele me atualiza de algumas novidades sobre conhecidos em comum, sempre com seu jeito debochado e espalhafatoso, arrancando-me muitas gargalhadas.

— Preciso ir ao banheiro um minuto. — Thierry se levanta. — Não fuja com aquele chef grandão na minha ausência. — Ri. — Aposto que o homem sabe falar francês e ficou quieto só para ouvir sua voz sexy!

— Thierry! — repreendo, sem jeito.

Enquanto ele entra no restaurante, vou até o guarda-corpo para olhar a movimentação na entrada do hotel. Sinto um frio na barriga, e um arrepio cruza meu corpo, surpreendendo-me, pois nunca senti medo de altura.

— Me dê a boa notícia de que aceitou o emprego e vai vender o boteco para mim!

— *Merde*! — Ponho a mão sobre o coração, virando-me para ter certeza de

que não estou em uma espécie de sonho acordada e que, realmente, Theodoros Karamanlis acabou de falar comigo. É mesmo ele! — O que você... — Olho para a outra mesa, buscando sua companhia e vejo Millos olhando para nós dois e parecendo muito interessado. — Ah, merda! — murmuro e dou as costas para ele, tentando acalmar as batidas do meu coração e o tremor nas minhas pernas. Estive fantasiando com esse homem durante toda a semana, e agora ele está aqui! Fecho os olhos, e o cheiro de seu perfume chega até minhas narinas, parecendo me tentar. — Isso só pode ser alguma brincadeira do destino! — lamento, e ele ri, postando-se ao meu lado.

— Do destino? — sua voz é irônica, e isso me irrita. — Não acredito nessas bobagens!

Olho para ele, as mãos segurando firme sobre a proteção de vidro, sentindo meu sangue ferver por ele estar aqui para atrapalhar um encontro tão tranquilo e gostoso com um velho amigo.

Nas minhas fantasias, Theo não é um Karamanlis, mas sim apenas aquele homem lindo de morrer, charmoso como o diabo, que eu conheci no bar de um restaurante. Ele não tem esse tom de deboche e nem me provoca com sua arrogância.

Decido ser dura com ele e deixar claro que não é bem-vindo ao meu lado.

— Eu não me interesso pelo que você acredita ou não! — respondo no momento em que vejo os garçons servindo o primeiro prato deles. Aponto para a mesa. — Sua comida começou a ser servida.

Ele não se move, nem mesmo olha para trás, encarando-me do mesmo jeito que fez no bar. Meu corpo traidor se aquece, e as imagens de todas as fantasias, de todas as maneiras que o imaginei me tocando, provocam arrepios de prazer pelo meu corpo.

— Novamente... a comida não é o meu interesse no momento.

Preciso reter o fôlego para não ofegar. Minha vagina se aperta e meus mamilos ficam duros contra o tecido do vestido. O desgraçado sabe mesmo seduzir, mesmo sendo direto como é. A autoconfiança dele é demais, faz parte de seu charme, demonstra a segurança de um homem que sabe o que precisa fazer para enlouquecer uma mulher.

A mesma sensação que tive com seu toque volta a me assolar, e tento com muito empenho não demonstrar o quanto ele mexe comigo.

— Então conhece o chef do Angelot? — pergunta como se não tivesse interesse, mas não consegue me enganar. Só não sei se o interesse é sobre o tipo de conhecimento que temos ou se espera que isso seja um almoço de negócios e que eu venda o Hill para me mudar para Paris a fim de trabalhar com Thierry.

— Sim. — Decido ser tão direta quanto ele. — Olha só, Theodoros

Karamanlis, vamos encurtar o papo, ok? Não, eu não aceitei nenhum emprego e nunca — sorrio, dando-lhe um pouco do seu próprio veneno sedutor —, nunca vou vender o Hill para vocês. — Cruzo os braços e indico sua mesa com o olhar, querendo que ele me deixe em paz. — Seu primo já está comendo. Bom apetite!

— Se não é emprego... — ele continua, e tenho vontade de deixá-lo falando sozinho — é um encontro? — seu tom de deboche não me passa despercebido.

Ele acha estranho eu ter um encontro com Thierry? Abro um enorme sorriso, desejando que meu amigo estivesse por perto para poder beijá-lo e arrancar a prepotência da cara desse grego.

— Não é da sua conta!

— Interessante, Maria Eduarda — fico séria ao ouvi-lo me chamar assim, do mesmo jeito que fez quando nos conhecemos, lembrando-me de como me senti e percebendo que ele ainda exerce o mesmo poder sobre meus sentidos. — Uma cozinheira que conhece um chef do porte de Angelot, mas que prefere fritar bolinhos...

Ah, que imbecil!

Ignoro o clima sexual, a atração, o desejo e todas as merdas de fantasias que tive e que tenho com ele. Que homem soberbo! O que ele sabe sobre as escolhas que temos que fazer na vida? O que um homem que nasceu em berço de ouro sabe sobre sacrifícios e amor?

Perco a paciência e resmungo, lamentosa:

— Um homem que poderia estar degustando sua comida deliciosa, mas que prefere ficar enchendo a paciência de uma mulher...

— ...mais deliciosa ainda!

Puta que pariu!

Que voz é essa?!

Que olhar é esse?!

Vejo naquelas duas grandes safiras a verdade de suas palavras. Seu desejo, seu tesão por mim fica tão claro como o dia de hoje, evidente, impossível ignorar ou fingir que não vi. É como um reflexo do meu próprio, e fico confusa com isso. Nós nem ao menos gostamos um do outro, como é que sentimos essa atração tão poderosa assim?

Quando a ponta de seus dedos começa a deslizar pela minha pele, sinto meu corpo inteiro tremer. Tenho vontade de gemer de prazer com o toque, seus dedos deixando um rastro quente por onde passam, até chegar ao meu rosto.

O carinho é tão inesperado e tão fora do contexto de nossa conversa que me desarma. Fico aqui, passiva, apenas desfrutando das sensações, imaginando esses mesmos dedos sobre meu sexo, tocando meu clitóris, sentindo a umidade que já está presente.

Fecho os olhos e o sinto se aproximar de mim, o calor do seu corpo emanando até o meu, ultrapassando o tecido do vestido e impactando minha pele. Sinto o hálito quente de sua respiração sobre meu rosto e o pulsar de sua ereção em minha barriga.

Ah, meu Deus!

Não há mais dúvidas de que isso não é uma brincadeira. Theodoros Karamanlis me quer do mesmo jeito que eu o quero! Como é possível que duas pessoas que se detestam possam sentir tamanha luxúria? Eu quero me agarrar a ele, tocar seu pênis para sentir o calor. Quero suas mãos nos meus seios, sua boca na minha...

— Duda, *tout est prêt, on peut commander le café ...*

A voz de Thierry me arranca do transe sexual no qual estava. Pulo para trás, para longe do demônio que me confunde como ninguém e o escuto falar em outra língua.

— *Maláka!*

Pela entonação e o olhar gélido de Thierry, Theodoros soltou um palavrão bem cabeludo. Meu amigo me olha, questionador e preocupado.

— *Y a-t-il un problème*?

Pela reação de Theo, ele entende muito bem o francês.

— *Non, mon ami. C'est bien*! — respondo, querendo me afastar daqui o mais breve possível. — *Je ne veux pas de café. On peut y aller*?

— *Oui!*

Thierry não deixa de encarar Theo, e eu, temendo que um possa falar besteira para o outro, pego minha bolsa e vou até meu amigo, tomando-lhe o braço que me oferece. Saio sem me despedir do demônio, mas, claro, ele não pode ser ignorado, tem que dar a última palavra:

— Maria Eduarda. — Não consigo fingir que não ouvi, principalmente por ele ter usado meu nome inteiro. — Eu não desisto do que quero. — Suspiro, entendendo o que ele quer dizer. — De nada do que eu quero!

Thierry me puxa de leve para frente, e caminho consigo para dentro do salão, passando pelo Millos sem o cumprimentar. Tremo bastante, não de medo ou de nervosismo, mas de antecipação, de vontade, porque sei que ele não vai desistir.

Sim, Theodoros Karamanlis não quer somente tomar posse do que é meu.

Ele me quer!

16

Theo

Estou há meia hora esperando dentro do carro em frente ao prédio de Valentina, e nem sinal dela. Confiro as horas mais uma vez e respiro fundo, chateado por estar atrasado. Claro, a culpa não é totalmente dela, pois demorei a sair da empresa, mas mandei mensagem quando saí de casa, e ela afirmou que estava quase pronta.

Quando a porta é aberta pelo Dionísio, suspiro aliviado, vendo-a, deslumbrante, entrar no carro e se sentar ao meu lado.

— Boa noite, Theo, desculpe pelo atraso. — Sorri e se aproxima.

Seguro seu rosto e, cheio de esperança, beijo-a.

Dessa vez ela corresponde à altura do meu ímpeto, o que me impele a aprofundar a carícia, trazendo-a para mais perto de mim a fim de sentir seu corpo contra o meu. Sua pele é deliciosamente macia, cheirosa, o beijo, muito bom, e meu pau reage... porém, não o suficiente.

Separo-me dela assim que sinto o carro andar, e imediatamente Valentina

pega um espelho em sua carteira, conferindo a maquiagem, sem falar nada ou mesmo trocar um olhar provocador comigo.

Porra!

Olho pela janela, as ruas passando, pensando se conseguirei viver com ela. Meu avô vai fazer 90 anos daqui pouco mais de um mês, e o tempo tem sido meu inimigo. Não posso decepcioná-lo, não quando já o fiz tantas vezes, e ele me perdoou e acolheu sem nunca me culpar ou me julgar por minhas escolhas.

Valentina é a mulher ideal, a brasileira que ele aceitaria.

Nunca pensei em me casar com uma grega, essa é a verdade. Moro há tantos anos aqui e só me relaciono com mulheres do país. A última vez em que tive uma relação com uma estrangeira, nem mesmo era grega, mas sim uma francesinha com cabelos coloridos, safada e faceira.

Um leve sorriso aparece no meu rosto ao pensar na mulher dos cabelos rosa. Ela anda um tanto sumida das minhas fantasias, talvez por agora estar interessado na dona do botequim.

Penso em Maria Eduarda e questiono se ela se agarraria a mim dentro deste carro, se se importaria com sua maquiagem ou se se entregaria ao beijo. Se teria pudores se eu a puxasse para meu colo, mesmo com Dio ao volante, ou rebolaria gostoso contra meu pau, gemendo na minha boca, enquanto eu sugasse sua língua como gostaria de fazer em sua boceta.

Interrompo os pensamentos, colocando as mãos sobre o colo, escondendo a ereção completa que os pensamentos me causaram, comparando ao estado “meia bomba” que o beijo de minha acompanhante me deixou.

Porra!

Já estou começando a chamar minhas ereções fora de hora de “efeito Duda Hill”. É pensar ou estar com a mulher que meu pênis se levanta a toda potência, pronto para servir, não importa onde seja: dentro do carro com outra mulher ao lado; no mezanino de um restaurante, tendo o observador Millos como expectador; ou mesmo no escritório, enquanto tento fazer meu trabalho, mas divago pensando no cheiro dela.

Caralho, a mulher virou uma obsessão!

O carro para na porta do Villazza SP, e uma horda de repórteres, a maioria de sites e revistas de fofoca, já nos aguarda sair. Dionísio sai ao mesmo tempo em que eu, dando a volta pela frente, enquanto eu o faço por trás do veículo, abrindo a porta do lado onde está Valentina.

Estendo minha mão para ela, auxiliando-a sair, enquanto chuvas de flashes nos alcançam.

— Odeio a imprensa — confessa baixinho.

— Somos dois! — Sorrio e a acompanho para dentro do hotel.

A suntuosa escada, réplica da existente no primeiro hotel Villazza na Itália, é o caminho que fazemos até o salão nobre, onde a decoração primorosa da minha irmã já nos saúda na recepção organizada, imitando a bilheteria antiga de um circo de luxo. Trocamos nossos convites por máscaras – a de Valentina é preta, e a minha, branca – e recebemos pulseiras com códigos de barras para que possamos entrar e sair do salão.

Valentina pede ajuda a uma das recepcionistas para fixar a pulseira em seu pulso, e eu a aguardo, conferindo no relógio o quanto estamos atrasados. O baile começou há mais de uma hora, e eu queria ter visto o discurso do Frank, ou mesmo do doutor Andreas Villazza, que neste ano sei que está aqui.

Uma mulher chama minha atenção. Ela está de costas para mim, pegando seus acessórios para entrar no salão, e seu vestido branco é todo bordado com cristais que refletem outras cores. Sua pele morena, cabelos negros presos em um coque e um corpo curvilíneo ressaltado pelo modelo do vestido me fazem pensar em uma sereia.

Ela se vira para entrar, e eu a reconheço. É uma das funcionárias da Kyra que trabalhou no evento de fim de ano da Karamanlis no ano passado. No entanto, não me recordo do nome.

Cumprimento-a com a cabeça, ela faz o mesmo e depois segue para o baile, enquanto eu ainda espero minha acompanhante.

— Pronto! — Valentina ri ao me mostrar a pulseira. — Achei que nunca ia prender. — Ri e alisa seu vestido branco. — Aquilo ali é burlar as regras, não? — Indica o vestido da sereia. — O fundo é branco, mas os cristais colorem o vestido!

— Eu gostei — respondo com sinceridade. — E, se burla as regras, o fez de forma inteligente.

Ela apenas assente, ficando muda até nossa entrada.

Puta merda, minha irmã se superou!, penso orgulhoso.

A decoração foi toda projetada de modo a dar a sensação de que estamos entrando em um circo antigo, com pesadas cortinas de veludo carmim e tecidos de brocado indo até o teto do grande salão, imitando o formato de uma tenda. Logo na entrada, dois malabares, com máscaras de bronze enormes – uma do sol e o outro da lua – nos saúdam, enquanto há trapezistas penduradas em argolas e tecidos no teto.

A luz baixa combinada com as velas em enormes castiçais e os enormes arranjos florais dão um tom especial à fantasia de se estar em um circo antigo, embora muito sofisticado. Um garçom – vestido de Pierrô, com sua tradicional tristeza de palhaço – nos oferece champanhe. Eu declino, e Valentina pega uma taça.

— Uau! — Ela parece tão deslumbrada quanto eu. — Isto aqui está incrível! Nem parece o salão nobre do hotel, e olha que já vim a muitas festas aqui!

— Eu também — confesso admirado.

— Olha o chão! — Ela aponta para algum tipo de tapete que cobriu toda a madeira do piso do salão e o transformou em um azul profundo cheio de estrelas brancas, como as antigas lonas de circo. — Quando muda a luz, elas brilham!

Fico olhando e confirmo que, em algum momento, luzes negras são acesas e as estrelas do chão parecem brilhar. Olho em volta para ver se identifico Kyra em algum canto – buscando uma bela mulher sem máscara e provavelmente vestida de preto –, mas não consigo ver muita coisa com a quantidade de pessoas transitando à nossa volta.

— Precisamos achar nossa mesa! — Valentina diz empolgada. — Sabe com quem estamos sentados?

— Provavelmente com minha família. — Dou de ombros. — Millos não veio, mas Alex e Kostas devem estar por aqui.

— Ah, vou adorar conhecê-los!

Ô, se arrependimento matasse!

Andamos entre as pessoas dançando, mesmo havendo uma pista separada só para isso, até encontramos a mesa com placa de reserva escrita com caligrafia profissional: Karamanlis.

— Eis a mesa! — Valentina comemora. — Eu amo essa música!

Escuto a canção famosa na voz do Tony Bennett e, como cavalheiro que tento ser, estendo a mão para ela, convidando-a a dançar. Ela abre um enorme sorriso, ajusta sua máscara, e seguimos os dois para a pista de dança.

Abraço-a junto a mim, seguindo o ritmo, mas sem realmente me esforçar para dançar bem, apenas guiando-a em passos simples. Sinto os dedos dela, que deveriam estar em meu ombro, aproximarem-se de meu pescoço, subindo e descendo em carícias. Franzo as sobrancelhas, sem realmente entender essa mulher.

Encaro-a e quase me assusto com o sorriso malicioso e o brilho em seus olhos.

— Eu queria um momento assim, junto com você, sem um motorista a assistir. — Aproxima-se. — Esperei por esse momento a semana toda, Theo.

Seus lábios tocam os meus devagar, olhos abertos, encarando-me sem parar. Aperto mais sua cintura, colando nossos corpos, tomando sua boca em busca finalmente da atração, do arrepio na pele e da reação do pau. Acontece, claro, tenho sangue nas veias, e ela é uma mulher linda, mas, ainda assim...

A música acaba, as luzes são todas acesas e o mestre de cerimônias aparece

no palco, vestido com um smoking listrado de vermelho e branco, calças e sapatos pretos, uma bengala e uma enorme cartola preta na cabeça.

— Senhoras e senhores! — diz após os aplausos. — Respeitável público! Bem-vindos ao 10.º Baile Branco e Preto promovido pela Rede Villazza de Hotéis! Vocês já foram agraciados com a mensagem de abertura do Presidente Geral, doutor Andreas Villazza, e agora, antes de darmos início ao jantar, peço que recebam com aplausos o responsável pela Rede na América do Sul, doutor Francesco Villazza!

Frank sobe ao palco ao lado de Isabella, com aquele seu sorriso torto de sempre, adorando ser a estrela da festa. Conheço muito bem esse carcamano para saber que adora estar sob os holofotes!

— *Buona notte!* — saúda a todos. — É um enorme prazer tê-los aqui nesta noite especial. Como meu pai já nos abrilhantou contando a história dos primeiros Bailes *Bianco e Nero* nas nossas unidades italianas, não vou tomar o tempo de vocês falando de ano após ano dessa mesma tradição aqui no país. — Ele faz careta, e uma risada geral é ouvida. — Vou falar da importância desse baile! Como sabem, não o realizamos todos os anos, na verdade, é o segundo que a cidade de São Paulo recebe, pois os oito anteriores foram feitos em Curitiba. O intuito desta festa é muito maior do que apenas o entretenimento. Embora tenhamos o maior cuidado em oferecer o que existe de melhor para sua noite, essa não é a prioridade do baile. Minha avó foi uma médica incrível! Uma mulher à frente de seu tempo que, mesmo casada com um homem de família nobre, se dispôs a aplicar seus conhecimentos para ajudar o próximo, e nós continuamos seguindo seus preceitos. — Há uma chuva de aplausos quando a imagem de uma senhora muito distinta, vestida de branco, aparece no telão. — Este ano o conselho da Fundação Maria Eugenia Andretti escolheu instituições que trabalhem com crianças, seja na área de educação, esporte, lazer ou mesmo do social. — Logomarcas de três instituições aparecem.

Isabella é quem vai até o microfone com uma pasta na mão.

— A AcordSons é uma fundação familiar de músicos que levam a arte em forma de oficinas, cursos e patrocínio para músicos clássicos em comunidades onde há altos índices de violência praticada por ou contra crianças e adolescentes. — Imagens do local passam no telão. — A Brinquelândia é uma ONG que assegura o direito da criança de brincar, tão importante nos dias de hoje! Além de exercerem vigilância constante às denúncias de trabalho infantil, eles têm oficinas de artesanato, aulas de teatro e música, sempre com o foco na brincadeira e no lúdico. — Ouço umas palavras de ordem e aplausos de um grupo reunido em uma mesa à nossa esquerda. — E, por fim, a WaveAccess, criada há quase dois anos e que promove acessibilidade ao surf, provendo

cursos, materiais e treinamento para crianças, jovens e adultos com necessidades especiais, sendo seu principal público o infantil.

Vejo as fotos do surfista Bernardo Novak aparecendo junto a um outro, mais velho e sem um dos braços, em uma praia lotada de crianças com as mais variadas necessidades especiais, físicas ou intelectuais.

Vejo a família Novak, cujo filho mais velho é casado com a caçula dos Villazzas, numa mesa à minha direita. Dona Cecília, Gilberto, Nicholas e Giovanna aplaudem com orgulho o garoto que, até um tempo atrás, era considerado a ovelha negra da família.

Feitas as apresentações, os anfitriões informam que há mais informações sobre cada instituição no livro do programa de leilão, onde, além de conter todas as peças do inventário a serem leiloadas, há fotos e histórias de cada uma das beneficiadas da noite.

Neste ano não doei nenhuma peça, mas pretendo adquirir algo.

— Eles disseram que toda a arrecadação do baile será destinada 100% para as três instituições, mas e o custo de montar esta estrutura? — Valentina questiona quando nos sentamos à mesa.

— Boa parte é bancada pela Rede, e o resto, por doações. — Ela arregala os olhos e sorri. — Muita gente contribuiu no país todo, pelo que Frank me contou. Já é um baile famoso!

Mal termino de falar e vejo Alex se aproximando com sua acompanhante. Ele franze as sobrancelhas ao ver Valentina, provavelmente questionando quem é a artista da vez, e eu reconheço sua melhor amiga, Samara, de braços dados com ele.

— Theo! — a moça, sempre muito simpática quando nos encontramos em eventos, cumprimenta-me. — Que bom vê-lo esta noite! — Olha para Valentina, esperando que eu as apresente.

— Samara Schneider, essa é Valentina de Sá e Campos. — Alex dá um sorriso debochado em minha direção, como se reconhecesse os sobrenomes dela. — Valentina, essa é a Samara, uma incrível designer de interiores.

— É um prazer, Valentina! — Ela vai até minha acompanhante.

Aproveito que as duas vão engatar em alguma conversa sobre conhecidos em comum e coloco minha atenção em meu irmão.

— Viu só esse trabalho da Kyra? — Aponto para tudo em volta.

— Claro! — Ri da minha pergunta. — Seria impossível não ver, já que estou aqui! — Rolo os olhos, e ele ri. — Já fui até cumprimentá-la, mas está tão ocupada que não consegui nem falar com ela direito.

— Imagino que esteja — concordo, mas ainda me sentindo muito orgulhoso, mesmo que nunca vá dizer isso a ela. — Viu o Kostas?

— Com saudade dos seus irmãos? — Senta-se e responde ao notar que não fiz caso de sua perguntinha ridícula: — Estava com uma loira gostosa lá perto do bar. O *bourbon*, você sabe!

Assinto, também sentindo falta do meu scotch. Como se meus pensamentos fossem ouvidos, uma linda Arlequina aparece com uma bandeja com copos, gelo e belas garrafas do meu segundo uísque preferido. *É pena não ter o meu preferido!*

— Caubói, por favor — solicito quando ela pergunta sobre minha bebida.

— O jantar já foi anunciado — Alex comenta. — Chegou agora?

— Sim, só consegui ouvir o discurso do Frank. Legal a fundação do seu amigo estar sendo beneficiada.

— Bê merece, o cara é um guerreiro! — Alex comenta. — Nick está muito orgulhoso do irmão.

— É, não deve ter sido fácil para ele, mas superou e ainda quis fazer a diferença. Isso é legal de se ver! — comento com ele.

Ficamos conversando um tempo como se não houvesse nenhum problema entre nós, falando sempre de trivialidades, de amigos conhecidos, trabalho e qualquer coisa que não seja nossa vida pessoal.

Ele não me pergunta sobre Valentina, e nem eu sobre Samara, mesmo porque sei que a amizade dos dois é longa, uma vez que o pai dela trabalhou para a Karamanlis durante muito tempo. Ele executou toda a parte de planejados de um dos empreendimentos na gestão do Nikkós. O homem era um design de móveis respeitado e com uma agenda apertada. Hoje, sei que ele não atende mais particulares, apenas empresas, mas teve um momento em que ter um móvel Schneider em casa era sinônimo de bom gosto e exclusividade.

— Família!

Viro-me ao ouvir a voz debochada de Kostas. O homem vem abraçado a uma loira com um vestido branco tão justo e transparente que pouca coisa de sua anatomia perfeita fica à imaginação.

— Bruninha, conheça os Karamanlis! — Ele aponta para Alex e mim. — Claro que você pode deixar seu cartão com eles depois, mas eu sou o mais bonito, não sou?

Ele segura a mulher pela cintura e a gira.

— Já bêbado? — Olho para Alex, que balança a cabeça.

— E mais uma vez com acompanhante paga! — Ele chega mais perto de mim. — Estou achando que nosso querido irmão é do outro time.

Gargalho alto, quase engasgando com meu uísque, o que chama a atenção das duas mulheres, que param de conversar e me olham.

— Perdoem-me, foi irresistível! — Bebo mais um gole. — Bom,

certamente ele é arrogante e orgulhoso demais para “sair do armário”.

— Seria apenas mais um rejeitado pelo seu querido *pappoús!* — Alex diz antes de beber seu champanhe.

Olho para meu irmão sem saber o que dizer para aplacar essa dor que ele traz dentro de si desde criança. Quantas vezes menti a ele dizendo que Geórgios era um homem muito ocupado, mas que pensava nele. Quantas e quantas desculpas inventei ao menino para justificar o fato de nosso avô nunca o ter conhecido ou mesmo reconhecido como neto.

Alex se levanta e chama Samara para dançar. Valentina me olha, provavelmente esperando o mesmo de mim, vendo meus dois irmãos na pista com suas respectivas acompanhantes, mas finjo não entender. Não tenho vontade de dançar agora, não depois que as amargas lembranças voltaram a me atormentar.

Pego mais uma dose de uísque e respiro aliviado quando vejo o jantar começando a ser servido. Confiro o menu em cima da mesa para ver o que está no cardápio do chef Angelot e fico satisfeito com as escolhas dele.

A música muda, ficando mais suave e baixa, as luzes todas são acesas, e vejo um a um retornar à sua mesa para degustar a comida três estrelas do chef francês convidado da noite.

17

Theo

O jantar foi um sucesso total!

Nunca vi tamanho silêncio entre os convidados de um baile, efeito da perfeição de cores, texturas e sabores do chef Thierry Angelot. O tradicional menu em sete etapas consistiu em: aperitivo – camarões salteados com legumes envoltos em nori; entrada – mini tartar de salmão com tomate; prato principal – costelas de cordeiro com guisado de quinoa e espinafre; prato de queijos; um café especial; sobremesa – profiteroles; e, por fim, um digestivo que eu acabei por dispensar. Cada etapa foi harmonizada com um vinho diferente que eu neguei, pois não queria prejudicar o paladar do meu puro malte.

— Valeu cada centavo do convite! — ouvi uma pessoa comentar enquanto eu circulava pelo salão.

Encontrei alguns conhecidos – a maioria já não usava mais as máscaras – e fiquei um bom tempo conversando sobre negócios.

— Você veio, *stronzo!* — Frank me cumprimentou quando nos

encontramos. — Vi seus irmãos na pista de dança, mas essa sua cara tediosa eu não vi.

— Sem ânimo para danças! — Dei de ombros. — Deve ser a idade.

Ele gargalhou, negando, pois é alguns anos mais velho que eu.

— Aposto que está andando por aqui babando no trabalho de sua irmã! — Sorri sem jeito, porque ele me conhece demais, na verdade é o único de fora da família que sabe os motivos que nos levaram a sermos tão fodidos desse jeito.

— Ela se superou! — confessei. — Kyra é melhor que todos nós, os homens Karamanlis. Começou sua empresa sem ajuda, batalhou para conseguir chegar aonde chegou. — Bebi mais um pouco. — Nós já pegamos tudo pronto.

— Nossas irmãs são desertoras, essa é a verdade! Não se abandona o negócio da família, nunca!

Ri dele, pois sei o quanto ainda o chateia sua própria irmã ter saído da Rede para montar sua própria agência de publicidade. Fiquei conversando um pouco mais com Frank, perguntando sobre as crianças – ele já tem três filhos – e sobre os negócios.

Há alguns anos nossa conversa seria sobre mulheres, uísque e negócios. Ele sempre com aquele cigarro na boca, tentando me convencer a comprar uma moto, coisa que nunca fiz e provavelmente nunca farei, pois elas não fazem minha cabeça. Prefiro carros potentes, confortáveis e cheios de segurança.

Em certo momento da noite, Kyra passou por mim, minha bela irmã com seu porte de deusa, cabelos cheios e escuros, olhos verdes e pele morena, vestida em um terninho preto básico, com um tablet na mão e um radiocomunicador na orelha.

Ela parou em seco quando me viu. Tentei sorrir e me aproximar, mas imediatamente ela se virou e saiu de perto como se eu fosse um leproso. Respirei fundo e bebi todo o conteúdo do copo.

Minutos depois, já de volta à mesa, ouvimos o aviso da contagem regressiva, e o salão explodiu em vivas e desejos de Feliz Ano Novo. Valentina se pendurou no meu pescoço e me beijou, desejando que o ano fosse especial para nós dois.

Houve música, comemoração e, por fim, o leilão começou.

Todos nos sentamos a nossas mesas, e os inscritos para os lances – já sabendo o que queriam comprar através do belo catálogo que tinha sido elaborado – receberam placas de identificação.

O leiloeiro apresentava a peça, saudava o doador, que geralmente se punha de pé para receber os aplausos de todos, e começava o jogo a partir de seu lance mínimo. Um dos momentos em que mais me diverti foi quando uma guitarra de blues – antiga e que pertencera a um dos grandes dessa área – foi disputada lance

a lance por Frank e um outro homem. O negócio ficou tão acirrado que o doador, um integrante de uma banda de rock chamado Cadu, precisou mediar a situação.

Outro grande momento foi quando Nicholas Smythe-Fox doou um dos seus famosos potros PSI – Puro Sangue Inglês. Eu até dei um lance por diversão, até Alex participou da brincadeira, mas a coisa ficou feia mesmo entre Kostas e mais uns dois convidados – entre eles uma mulher. Meu irmão ficou a ver navios, e a dama levou o potro, o que, por si só, já me encheu de satisfação por ter vindo.

Acabei arrematando um final de semana em uma ilha particular em Angra dos Reis, uma doação do dono da ilha, um escritor de sobrenome Palmer. Não fazia ideia de quando poderia ir, mas briguei ferrenhamente para conseguir. Adoro o mar e podia me ver lá, na bela casa que apareceu no telão, desfrutando de paz e tranquilidade naquela linda baía de Ilha Grande.

O leilão durou mais de duas horas, mas foi muito divertido. Agora, prontos a voltar à sequência do baile, Valentina se pendura no meu braço e beija minha orelha.

— Eu adoro Angra! — sussurra. — Pensei que iria comprar alguma obra de arte. Fiquei surpresa por querer um final de semana em uma ilha particular. — Sorri. — Alguma ideia malvada?

Vagarosamente abro um sorriso, gostando da brincadeira, apreciando que ela esteja tão mais solta, sem todo aquele “protocolo” estranho de antes.

— Talvez — respondo em provocação, e ela faz um biquinho sexy.

A banda se posiciona para voltar a tocar, mas, antes da primeira nota, Frank aparece no palco.

— Atenção, por favor. — Uma luz se acende sobre ele. — Antes de voltarmos a dançar e a nos divertir, não posso deixar de cumprimentar publicamente o responsável pelo espetacular jantar desta noite, que, além de ter nos proporcionado a honra de provarmos sua comida, ainda doou seu cachê! Chef cuisinier Thierry Angelot, *applaudissements, s'il vous plaît*!

— *C'est moi qui vous remercie de pouvoir participer* — responde e olha para trás, chamando alguém para junto dele. Continua falando em francês: — Quero agradecer à maravilhosa equipe do chef Emílio, responsável pela cozinha do hotel, e à minha querida amiga. — Quase engasgo ao reconhecer a mulher ao lado dele. — Chef Maria Eduarda Hill, que foi minha *souschef* e ajudou a pensar e elaborar cada prato que experimentaram hoje.

Fico um tempo olhando para ela, ainda sem poder acreditar que estava aqui, neste baile, o tempo todo. Era óbvio! O almoço de ontem era por esse motivo, ela o estava ajudando na cozinha!

Maria Eduarda traduz tudo o que o chef falou para o português, e seu

sorriso, mesmo de cima do palco, acerta-me em cheio, fazendo meu corpo estremecer, reavivando aquele momento que passamos ontem, antes de sermos interrompidos pelo chef.

Valentina fala algo em meu ouvido, mas não consigo prestar atenção, não consigo desviar os olhos da mulher sobre o palco, que ri e conversa em francês e em português com o chef e com o Frank.

Olho para Valentina, tentando entender o que porra está acontecendo comigo! Ela é perfeita em todos os sentidos, linda, jovem, bem-educada, de família tradicional, além de ser gostosa e sedutora quando quer. No entanto, não senti nem metade com ela grudada ao meu corpo, com a boca na minha, do que sinto agora, apenas ao olhar Duda Hill.

— Vamos? — ela pergunta.

— Para onde? — questiono, pois não ouvi nada do que ela esteve falando.

— Para meu apartamento. — Desliza as mãos pela lapela do meu smoking. — Estou cansada e querendo ficar um pouco a sós com você.

Novamente olho de soslaio para o palco, mas Duda e o chef já não estão mais por lá. A banda volta a tocar, e eu respiro fundo.

Preciso investir em Valentina, pois ela é mais do que somente uma trepada gostosa, pode ser a mulher com quem eu vá me casar e ter um filho. Duda e eu, apesar da atração, nunca passaríamos de uma aventura, e isso, sinceramente, eu já tive demais.

— Vamos!

Ela sorri com minha resposta e se despede de Samara.

Seguimos para fora do Villazza SP, porém, antes de chegarmos ao saguão, puxo-a para meus braços e a beijo, querendo sentir aquele mesmo tesão que senti há pouco apenas com a visão da cozinheira no palco.

A sua resposta é tão animada que acende um pouco meu desejo, mas ela logo se afasta de mim, puxando-me pela mão como se eu fosse um cachorrinho em seu encalço.

Ligo para o Dionísio, e, em menos de cinco minutos, o carro para na calçada do hotel. Seguimos para o endereço do apartamento de Valentina, com ela, talvez por causa da bebida, já quase em cima de mim, lambendo meu pescoço, falando coisas sujas em meu ouvido, e eu...

Bem, detesto esse clichê, mas devo admitir que isso nunca me aconteceu antes!

Não consigo tirar a porra da Duda Hill da cabeça, pensando que ela ainda está no hotel, sentindo o cheiro de seu perfume, o calor da sua pele, louco por descobrir de uma vez como é o sabor de sua boca.

— Theo? — Valentina me chama, e noto que já chegamos. — Tudo bem?

Você parece um tanto desligado...

Fecho os olhos e respiro fundo.

— Acho que bebi demais. — Ela fica séria. — Estou com uma leve indisposição, então acho melhor deixarmos para nos ver outro dia.

— Tudo bem. — Dá de ombros, visivelmente frustrada. — Tem certeza?

Merda, Theo, o que você está fazendo?!

— Tenho, sim. Boa noite, Valentina! — Beijo sua testa.

Sua testa!

Ela não esconde a decepção e, sem nem mesmo esperar que Dionísio abra a porta do carro, sai, batendo-a ao fechá-la. Espero-a entrar na portaria e deito minha cabeça para trás, no encosto do carro.

— Tudo bem, chefe? — Dionísio pergunta preocupado. — Direto para casa?

Fico mudo, em guerra comigo mesmo, sabendo o que eu deveria ter feito, mas indo na direção contrária. Totalmente irracional!

— Volte para o Villazza o mais rápido que conseguir.

18

Duda

Estar de volta a uma cozinha profissional do nível da do hotel Villazza SP é, ao mesmo tempo, emocionante e horripilante. Estou longe desse mundo há tantos anos que tenho medo de ter desaprendido como tudo funciona, ter perdido o ritmo, sabendo da correria que é, ainda mais em um evento desse porte.

Chegamos cedo à cozinha, dividimos as tarefas por equipe de acordo com o menu que Thierry e eu fechamos ontem, depois do nosso almoço no Vincenzo's.

Um tremor percorre meu corpo ao pensar que Theodoros Karamanlis provavelmente estará presente nesse baile, acompanhado de uma bela mulher, enquanto come o que preparei com tanto afinco. Se pudesse, iria colocar algum tipo de purgante em seu prato e...

Balanço a cabeça a fim de afastar esse pensamento ridículo. O homem mexe comigo, descompassa meu coração, aquece meu corpo, mas isso não é motivo para que eu me sinta tão vingativa por ele se divertir com outra.

Não, claro que não! Que ideia mais absurda!, penso, selando os cortes de

carnes que serão mantidos em banho-maria, cozinhados em temperatura baixíssima, até o momento de serem colocados na grelha e empratados.

O que me move a ter pensamentos tão duros com relação ao CEO da Karamanlis certamente é sua insistência em querer tirar o que é meu, não qualquer outro motivo! Pouco me importa com quem ele sai e se diverte. Não temos e nunca teremos nada um com o outro!

Mentirosa!, acusa-me a consciência, mas não lhe dou ouvidos.

Thierry conta comigo para apresentar o menu mais sofisticado que a sociedade paulistana já provou em um baile, e, mesmo com um trabalho gigante pela frente, não vou ter meu foco desviado por nada, nem mesmo por Theodoros Karamanlis, seu olhar sedutor e toque irresistível.

— Tudo certo? — Thierry pergunta-me. — Preciso te ter atenta para traduzir tudo o que eu digo aos demais.

— *Oui, chef!* — Pisco para ele, enquanto prova o marinado que fiz para o cordeiro. — *C'est bon?*

— *Parfait!*

Não será fácil cuidar dos molhos e ajudá-lo a coordenar a brigada, mas é para isso que estou aqui. Vou até o *pâtissier*[18] e o encontro com seus cozinheiros já bem adiantados na preparação da sobremesa. Mesmo antes do começo da correria louca que será essa cozinha durante o baile, já há a agitação crescente da preparação dos alimentos.

Cada uma das sete etapas precisará ter todos os pratos prontos, com intervalos mínimos entre uma e outra. Olho para o mapa do salão todo preenchido com o número de ocupantes de cada mesa e mais uma vez me pego pensando em onde Theo estará.

Respiro fundo, rememorando a ordem que chef Angelot e eu programamos para que os garçons possam servir. Luan, um dos boqueteiros[19], foi instruído a organizar toda a distribuição dos pratos de acordo com os que liberarmos na boqueta.

— Olá! — uma mulher morena, com olhos de um tom de verde que só vi uma vez na vida, cumprimenta-me. — Você é a chef Hill?

— Sim! Em que posso ajudá-la?

— Sou Kyra Karamanlis, da Αγάπη[20] Produções e Eventos. — Ela estende a mão, e eu, depois de passado o choque causado por seu sobrenome, saúdo-a. — Eu estive há pouco tempo com o chef Angelot, e ele me pediu para procurá-la. — Ela chama duas mulheres. — Essas são Marília e Andréia, trabalham comigo e irão permanecer na cozinha a fim de fazer uma ponte com minha equipe, por causa do cronograma.

— Ah, sim, ficamos sabendo disso ontem. — Sorrio. — Fiquem à vontade!

— Obrigada! — Elas sorriem e me cumprimentam também.

Vejo a Karamanlis conversar com suas funcionárias e, em seguida, sair da cozinha falando sem parar em seu radiocomunicador.

— Foi ela quem organizou tudo isso? — inquiro a uma delas – não sei se Marília ou Andréia –, apontando em direção ao salão.

Passei por lá há pouco tempo, e o que vi me impressionou muito. A suntuosidade, luxo e, principalmente, a riqueza nos detalhes fez com que eu tivesse a sensação de realmente estar entrando em um espetáculo como uma vez assisti no *Cirque Du Soleil*.

— Sim, foi Kyra quem fez todo o projeto de decoração. — Sorri. — Ficou impressionante, não?

— Sim, lindíssimo! — Olho para a minha bancada, ciente de que tenho que continuar o trabalho, porém, deixo a curiosidade falar mais forte. — O sobrenome dela, Karamanlis, tem ligação com a empresa imobiliária?

É a outra mulher quem me responde:

— Sim, ela é a caçula da família e não trabalha com eles, é independente.

Irmã ou prima do Theo?, tenho vontade de perguntar, mas não o faço, voltando para minha estação de serviço, adiantando o molho da entrada, deixando de lado qualquer pensamento ou curiosidade acerca dos Karamanlis.

— Gostaríamos de agradecer o empenho de cada um de vocês — traduzo as palavras de Thierry. — A forma como trabalharam, a perfeição e o cuidado com cada prato, cada elemento, foram dignos da melhor cozinha de um restaurante três estrelas. Agradeço ao Chef Emílio pelo prazer de compartilhar de sua cozinha e a oportunidade de conhecer o trabalho de cada um aqui nesta noite!

Thierry ergue sua taça de champanhe, e todos o seguimos, brindando pelo fim do trabalho executado sem nenhum percalço, seguindo corretamente o cronograma da organização e o do nosso menu.

Estou um bagaço, confesso, mas nunca me senti tão viva desde que deixei o L’Amande em Paris há sete anos. Cozinhar no Hill é uma delícia, meus companheiros de trabalho são únicos, divertidos e amigos de verdade. Contudo, trabalhar de novo em uma cozinha de alta gastronomia relembrou o motivo pelo qual eu estudei e me esforcei tanto.

Aquela agitação, os pratos sofisticados, os ingredientes de qualidade e a apresentação artística de cada prato reacenderam a chama dentro de mim. Amo

cozinhar, mas há anos o venho fazendo apenas como um meio de ganhar meu pão de cada dia. Há anos não arrisco, não deixo a criatividade tomar conta de mim e o simples ofício de juntar ingredientes se tornar a arte de harmonizar sabores.

Ficamos horas cozinhando hoje, preparando prato por prato, etapa por etapa. A verdade é que nunca vi uma boqueta tão movimentada quanto a desta noite. Liberamos mais de 1200 pratos – desde o aperitivo até os queijos –, mais de 300 sobremesas, além do café e do licor.

Relaxamos depois, todos reunidos para cear o Ano Novo – ideia de Thierry – enquanto começava o leilão tão aguardado da noite.

Eu estava limpando minha estação quando Kyra Karamanlis entrou na cozinha mais uma vez e foi diretamente falar com Angelot. Segundo ela, Frank queria agradecer pelo jantar e por ele ter doado o cachê em prol das intuições beneficentes da noite.

Vi-o tirando o avental e vindo em minha direção.

— Duda, *ma petite, j'ai besoin de toi pour m'accompagner.*[21]

Foi assim que, com a dolma manchada, turbante cheio de pimentinhas desenhadas, fui parar em cima do palco, no meio da *granfinada* de São Paulo, mas com a preocupação de ser vista por apenas uma pessoa.

De onde eu estava, não era possível identificar ninguém, pois o salão estava escuro e boa parte dos convidados ainda estava usando as máscaras. No entanto, ainda sem poder vê-lo, sentia seu olhar sobre mim. Minha pele estava arrepiada, e eu sentia pequenos calafrios em minha coluna.

Em algum lugar daquela multidão, estava o homem que eu devia querer o mais longe possível de mim, mas que não deixava meus pensamentos nem por um minuto.

Traduzi o que Thierry falou, agradeci, em meu nome, a oportunidade diretamente para o CEO da rede Villazza – que por sinal não me era estranho; provavelmente já estampou muitas revistas da tia Do Carmo – e voltei para a cozinha a fim de terminar a limpeza e ir para casa.

— Duda! — Emílio, o chef executivo do restaurante do hotel, me chama, e paro de pensar na noite. — Você foi incrível esta noite! Thierry me disse que você mora aqui na cidade. — Assinto, e ele estende um cartão para que eu o pegue. — Tenho uma vaga para você em minha equipe se não estiver à frente de nenhuma cozinha.

Nem preciso dizer que meu coração disparou de felicidade. Olho em volta, adorando cada utensílio, cada estação organizada, pensando em como deve ser incrível trabalhar com ele aqui. Aceito o cartão.

— Eu agradeço, chef, mas no momento tenho meu próprio negócio.

— Ah, é mesmo? Onde? Eu adoraria experimentar um pouco de sua comida.

Sorrio.

— Hill Wings Pub. — Ele não disfarça sua surpresa. — Eu tenho um boteco na Vila Madalena.

— Um pub? Que inusitado!

Rio, achando engraçado que ele tenha ficado tão sem jeito.

— É de família, assumi quando meu pai faleceu. — Dou de ombros. — Não é alta gastronomia, mas me divirto cozinhando.

— Mas seu talento... — Ele respira fundo. — Enfim, você sabe o que é melhor. Se quiser voltar para uma cozinha francesa, tem lugar aqui comigo.

— Seria uma honra, chef — digo com sinceridade. — Obrigada.

Mal terminamos de falar, e uma agitação na entrada da cozinha chama nossa atenção.

— Ah, meu chefe! — ele comenta rindo. — Não fazia ideia de que viria aqui nos cumprimentar.

Frank Villazza vem caminhando até onde estamos, charmoso, com seu sorriso de lado e um porte de modelo, porém, não consigo ficar mais do que alguns segundos o observando. Meus olhos são atraídos para o homem ao seu lado, lindo, em um smoking de corte perfeito, com expressão séria e frios olhos azuis fixos nos meus.

Frank Villazza fala algo sobre vir nos cumprimentar pessoalmente. Vejo Emílio ir até ele, mas não consigo ouvir nada do que diz. O magnetismo de Theodoros Karamanlis me prende, simplesmente não posso parar de olhá-lo e, ao que parece, nem ele a mim.

No meio do discurso do Frank, Theo caminha em minha direção, porém, antes que me alcance, Thierry me chama e pergunta como irei para casa.

— Uber — informo, virando-me de costas para o irresistível grego. — Já ia chamar antes da entrada triunfal de Francesco Villazza.

— Ele já acabou! — Aponta, e eu olho para trás, vendo-o se despedir de Emílio. — Quer que eu a leve?

— Não precisa, Thierry. — Beijo sua bochecha. — Muito obrigada pela noite de hoje.

— Nos veremos amanhã no seu bar.

Sorrio, empolgada.

— Te espero lá!

Despeço-me de todos, pegando minha pequena mala contendo o uniforme, facas e turbantes – sempre levo mais de um por precaução – e saio do restaurante em direção à saída de funcionários do hotel.

Espero chegar à calçada e abro o app para pedir um carro, mas, antes que eu confirme a viagem, um Mercedes preto para bem na minha frente, e o vidro da porta traseira é aberto.

— Aceita uma carona?

Prendo a respiração, seguro forte o aparelho celular para não o derrubar no chão de tanto que estou trêmula e encaro Theodoros Karamanlis.

— Não — recuso. — Posso me virar sozinha. — Chacoalho o telefone para que veja que estou chamando o Uber.

— Não perguntei se sabia se virar sozinha, Maria Eduarda. — Dá um leve sorriso. — Sei que consegue, mas quero levá-la. Aceita?

Merde! Ele não facilita para mim falando desse jeito e com esse sorriso.

— Eu acho melhor não...

— Ei, é um pedido de trégua! — Agora abre o sorriso de forma que seus olhos se iluminam. — Está tarde para andar sozinha com um desconhecido.

Franzo as sobrancelhas.

— Você é um desconhecido.

Theodoros gargalha.

— Não, Duda, eu não sou. — Ele abre a porta do carro. — Entra, prometo que te deixo em casa inteira. — Dá um sorriso safado. — Prometo não morder... a não ser que me peça.

Um arrepio percorre minha coluna. Olho para o telefone em minha mão, com o pedido de confirmação da viagem para o motorista mais próximo vir me buscar, e para o homem me esperando, de porta aberta, sorriso malicioso e a mesma promessa de prazer que senti desde que nos encontramos pela primeira vez.

O que eu faço?

19

Theo

Dionísio fez o mesmo trajeto de mais cedo, quando peguei Valentina para o baile, e, apesar de ter menos movimento de carro do que naquele horário, pareceu levar mais tempo até que chegássemos ao hotel.

A tal da teoria da relatividade!

Eu estava com pressa, desesperado, na verdade, com medo de chegar lá e a irritante cozinheira já ter ido embora e, assim, perder minha oportunidade.

Oportunidade!, pensei quando entrei praticamente correndo no hotel e segui para o salão. Ainda precisava criar a oportunidade de encontrá-la. Não poderia apenas invadir a cozinha, pegá-la pelo braço e sair a arrastando até meu carro para fodê-la como um adolescente no banco de trás.

Bem que eu queria isso, mas não dava por motivos óbvios!

Fiquei surpreso por encontrar o baile ainda cheio e as pessoas animadas, dançando e bebendo, mesmo àquela hora da madrugada. Fui direto à mesa dos Villazzas, mas o filho da mãe do Frank não estava lá.

Xinguei e passei a andar quase empurrando as pessoas, olhando rosto por rosto como um louco, à procura do carcamano.

Encontrei-o no bar, entre seu cunhado, Nicholas, e seu irmão, Tony.

— Theo! — ele me chamou assim que me viu. — Estamos aqui conversando sobre...

— Preciso de um favor — disparei.

— *Madonna Santa*, alguém está morrendo no meu baile?

Tony disfarçou uma risada e puxou Nick para nos deixar a sós, pois percebeu que eu pareci um tanto – na verdade muito – apressado. Fiz uma nota mental para agradecer à percepção e ajuda dele.

— Não, mas preciso de um favor urgente!

Frank sorriu maliciosamente.

— Ah... *una donna!* — Riu. — A última vez em que te vi assim, parecendo um lobo mau faminto, foi naquela boate há... — ele pareceu fazer as contas — nove anos?

— Quase isso — respondi apressado. — Eu preciso entrar na cozinha do hotel.

Frank não disfarçou seu espanto; franziu as sobrancelhas, sem entender.

— Está bêbado? — Riu. — O que você quer na cozinha, *stronzo?*

— Duda Hill.

Frank deixou de rir e arregalou os olhos.

— A *souschef* do Angelot? — Assenti. — Como foi isso? A mulher apareceu por cinco minutos e te deixou assim? — Frank cruzou os braços. — Cadê a futura senhora Karamanlis?

— O quê? Do que você está falando?

— Valentina de Sá e Campos. Millos me disse que...

Eu vou matar meu primo!, pensei.

— Millos não sabe o que diz — interrompi-o. — Vai ou não me pôr dentro da cozinha?

— Sabe que vai ficar me devendo, não sabe?

— *Vaffanculo*, Frank!

O carcamano gargalhou do meu xingamento em italiano.

Seguimos juntos por entre os convidados, passamos por uma porta lateral, e um extenso corredor nos levou até a entrada da cozinha, com sua porta vai e vem dupla com a parte superior toda em vidro.

Antes mesmo de entrar, tive uma visão que não me agradou em nada. Duda estava conversando com Emílio Riccelli, o chef do restaurante do Villazza SP, toda simpática, com um sorriso que nunca dedicou a mim. Quer dizer, apenas uma vez, quando não sabíamos quem erámos, quando a atração se manifestou no

bar daquele restaurante.

Entrei logo atrás do Frank e aproveitei o burburinho que se formou pela entrada dele para encarar, sem nenhum pudor, minha caça.

Ela me viu, retornou meu olhar. Ficamos assim por alguns minutos, então decidi atacar. Nunca fui homem de protelar o que quero fazer, e, nesta noite, eu a quero!

Porém, antes de me aproximar, o francês baixinho interferiu de novo em meus planos, mas dessa vez me deu a opção de reformulá-los a tempo. Ela negou a carona que ele lhe ofereceu e disse que ia de Uber.

Não pensei duas vezes, saí da cozinha sem falar nada com o Frank, mas logo o senti vindo atrás de mim, correndo e rindo.

— Foi ignorado! — debochou. — Lembre-me de marcar esse dia para comemorar todos os anos.

— Ainda não acabou, Frank. — Mandei mensagem para o Dionísio me esperar perto da saída dos funcionários. — Essa mulher vai ser minha!

— *Cazzo*, Theo, nunca te vi assim! — parei ao ouvir isso. — Quem é ela, afinal?

— Sabe o imóvel da Vila Madalena?

Ele assentiu.

— Aquele que seu pai me ofereceu para construir o Villazza SP?

— Esse mesmo! — Recomecei a andar, e Frank me seguiu. — Lembra que tinha um boteco que...

— *Figlio di puttana!* — Gargalhou. — Hill, o sobrenome do pub que fica lá! *Dio Santo*, é assim que você pretende comprar? Comendo a dona?

— Não, porra! — Respirei fundo. — Isso não tem nada a ver com os negócios!

Frank abriu um enorme sorriso e parou de me seguir para fora do hotel.

— Se é assim, boa sorte em sua caçada!

Agradeci-lhe e praticamente corri para fora, enquanto ele retornava para o salão. Entrei no carro, pedi ao Dionísio que esperasse um pouco mais afastado da porta e aguardei.

Assim que Maria Eduarda apareceu, pedi a ele que fosse até ela e me preparei para a sedução. Até agora acho que estou sendo bem-sucedido, embora ela ainda não tenha entrado no maldito carro.

— E então? — pergunto a ela ainda segurando a porta.

— Não quero te desviar do seu caminho e...

— Entra no carro, Maria Eduarda! — Perco a paciência. — Vou te levar! Mesmo que você morasse do outro lado da cidade, você iria comigo.

Ela respira fundo e guarda o celular na pequena valise que segura.

— Uma trégua? — Concordo, já com um sorriso vitorioso. — Eu moro...

— Em cima do seu bar, eu sei. — Chego para o lado, e ela entra.

— Sim. Obrigada pela carona.

Ah, que vontade de a puxar para mim e provar essa boca gostosa!

— Não precisa agradecer, na verdade, sou eu quem agradece. — Ela franze as sobrancelhas, sem entender. — O jantar estava maravilhoso, parabéns!

Ela fica levemente vermelha, e meu pau se contorce na calça.

— Thierry é um gênio na cozinha e...

— Tenho certeza de que você o auxiliou divinamente. — Ofereço água, apontando para o cooler, mas ela nega. — Conheço o trabalho de um *souschef*, sei que o trabalho duro foi executado por você nessa função. — Ela sorri, ficando ainda mais linda. — Não tire seu mérito, apenas agradeça o elogio.

Duda ergue uma de suas sobrancelhas.

— Obrigada, então.

— Isso. — Encaro-a. — Você fica linda com os cabelos assim.

Duda toca seu coque bem no alto da cabeça e confere a faixa de tecido cheia de pimentinhas que tem amarrada acima da testa.

— Saí tão apressada que esqueci de tirar. — Começa a desamarrá-la. — A verdade é que não via a hora de chegar em casa e...

Ela para de falar assim que sente meus dedos entre os seus. Afasto suas mãos e retiro a bandana, colocando-a em seu colo, antes de tentar descobrir como soltar seus cabelos. Seus fios são finos e sedosos, mesmo depois de horas dentro de uma cozinha. Claro que não consigo mais sentir seu perfume gostoso, mas os aromas que se desprendem dela são tão complementares a quem ela é que só fazem aguçar meu tesão.

Sinto algo metálico e puxo os grampos, observando as longas madeixas castanhas caírem sobre seus ombros.

— Linda! — declaro deslizando os dedos pelas mechas. — Você fica linda de qualquer jeito.

— Eu estou cheirando a...

Aproximo-me e a cheiro audivelmente, como um predador cheiraria sua presa, ou um homem faminto, a sua comida.

— Você está deliciosa — falo baixinho.

— Theo, eu não acho que a gente deveria ir por esse caminho — sua voz está rouca e levemente ofegante ao dizer isso.

— Eu discordo. — Ela suspira e fecha os olhos. — Esse é o caminho natural desde a primeira vez em que nos encontramos.

Aproximo-me, porém, infelizmente, sinto o carro parar.

Ela abre os olhos e olha para fora, vendo o enorme nome de seu bar na

fachada e as janelas de seu apartamento. O bar já está fechado, mas uma luz na porta ao lado do estabelecimento se encontra acesa como se esperasse por ela.

— Obrigada pela carona.

Afasta-se rapidamente e pega sua bolsa, saindo do carro sem nem mesmo esperar pelo Dionísio.

Ah, não!

Não penso duas vezes, saio do carro também e a alcanço na calcada.

— Vou acompanhá-la até a porta. Pode ser perigoso a essa hora, aqui é meio deserto.

Duda ri da minha desculpa esfarrapada.

— Faço isso todos os dias. — Procura suas chaves na bolsa. — Até mais tarde em algumas noites.

— Eu imagino. Mas você esqueceu algo lá no carro.

Ela para de procurar as chaves e me encara.

— O quê?

— Me desejar boa noite. — Sorrio sem vergonha. — Apenas agradeceu pela carona.

Ela balança a cabeça, bochechas vermelhas, e tira algo da bolsa.

— Ah, finalmente! — Ergue o chaveiro. — Boa noite, Theodoros!

— Boa noite, Maria Eduarda! — Aproximo-me. — Não mereço um beijo de boa noite também?

Sua sobrancelha se ergue de novo.

— Não está um pouco velho para isso? — provoca-me.

— Você acha que estou? — falo bem perto de seu ouvido. — Garanto que não!

Ela aproveita que estou com o rosto um pouco de lado e dá um beijinho em minha bochecha, mas me viro rapidamente, ficando de frente para ela, rosto a rosto, narizes praticamente se tocando.

— Não vou roubar, Duda — aviso. — Estou louco para te beijar, mas não vou roubar.

— Não precisa... — ela sussurra sem fôlego, e eu não resisto mais.

Seguro-a pela nuca, apertando-a contra mim e devoro sua boca com todo o tesão que está represado dentro de mim desde que nos conhecemos. Ela se agarra em meus ombros, e eu a esmago contra a porta de sua casa, pressionando-me contra ela, gemendo enquanto saboreio seus lábios e chupo sua língua.

Sinto um tremor nos músculos, um formigamento muito prazeroso que percorre meu ventre e se concentra no meu pau, enrijecendo-o de tal forma que chega a doer. Meu corpo esquenta, a sensação de seus lábios sob os meus, meus dedos com seus cabelos sedosos emaranhados entre eles, o contorno de suas

curvas ficando marcado em mim.

O beijo me consome. É algo pelo qual estava esperando, mas, ao mesmo tempo, completamente inesperado. Eu sabia que seria desesperado, desenfreado, mas não poderia prever que me daria vontade de me fundir a ela, esquecendo onde estou e, principalmente, que temos um expectador.

Foda-se!

Minhas mãos vão até seus quadris e apertam forte sua bunda dura, erguendo-a levemente para que possa sentir em sua boceta o quanto me deixa louco. O encaixe é perfeito, e ela abraça meus quadris com suas pernas, gemendo em minha boca quando rebolo devagar, moendo meu corpo contra o seu, desejoso que as roupas sumam em um passe de mágica para que eu possa me enterrar dentro dela, sentindo a quentura e a umidade de seu sexo.

Arrasto meus lábios com força pelo seu queixo, arranhando-a com minha barba, sigo em direção ao seu pescoço, dando mordidas de leve em sua pele, sentindo o perfume ao longe.

— Ai, meu Deus! — Ela fica rija, e eu sei que, infelizmente, abriu os olhos e se lembrou do Dionísio.

Porra!

Tento me acalmar e a solto devagar, sem nunca desviar meus olhos dos seus.

— Isso é loucura! — ela diz totalmente constrangida. — Estamos no meio da rua e...

— Quando você está perto, não importa o lugar... — Aperto-me contra ela devagar para que sinta. — Estou sempre assim. — Maria Eduarda fecha os olhos e geme. Sinto vontade de mandar Dionísio embora e pedir a ela que me deixe subir, mas, antes que eu possa lhe fazer a proposta, ela respira fundo e me empurra de leve.

— Boa noite, Theo. — Enfia a chave na fechadura e a abre. — Obrigada pela carona mais uma vez.

Fico parado na soleira muito tempo depois de ela ter entrado e batido a porta na minha cara, tentando acalmar meu corpo e baixar a temperatura do meu tesão.

Caminho apressado para o carro e bufo, abrindo o cooler à procura do meu uísque.

— Para casa, chefe? — Dionísio me indaga.

— Infelizmente, Dio! — respondo e bebo uma golada – na garrafa mesmo – do meu *scotch* e juro que ouço meu motorista rir baixinho do meu tormento.

20

Theo

Esses primeiros dias do ano estão demorando demais para acabar, embora já seja sexta-feira. A cada vez que olho para o relógio, sinto as horas irem morosas como todos os funcionários da empresa. O ano novo mal começou, e eu, além de ter dormido com as bolas doendo naquela primeira noite, ainda tive que enfrentar esta semana de merda na Karamanlis sem o Millos.

Respiro fundo.

Tudo bem, devo estar exagerando um pouco, afinal, precisava de alguém para conversar e, tirando meu primo, ninguém dentro desta porra é capaz de ter um só pingo da minha confiança, pelo menos não fora dos negócios. Eu me sinto enjaulado, nervoso, ando de um lado para o outro e estou deixando Rômulo mais tenso, fazendo suas mãos suarem mais do que o normal.

Penso na virada do ano, que não tinha altas expectativas para o baile dos Villazzas, não depois de eu ter saído com Valentina e percebido que não havia química entre nós. Achei que seria algo monótono, que iria beber, comer e

desfrutar de uma conversa agradável, nada mais do que isso.

Então ter visto Duda no final daquele leilão foi algo que tirou tudo dos eixos e bagunçou minha ordem. Agi por impulso, feito um adolescente no cio, obrigando Frank a participar dos meus esquemas, encurralando a irascível cozinheira na porta de sua casa, quase trepando em público, esquecendo-me de tudo, menos do poder que ela tem sobre meu corpo.

Mais uma vez chamo a atenção do Rômulo ao respirar fundo.

Há muitos anos uma mulher não tem tamanho poder sobre meu desejo. É empolgante e, ao mesmo tempo, assustador. Maria Eduarda Hill é a dona do meu tesão e, enquanto eu não o satisfizer, continuará sendo. Preciso tirar isso da cabeça, e o único modo é passar uma noite inteira trepando como um louco, gozar com ela até esvaziar as bolas e seguir com meus planos.

Não dá para protelar mais!

Liguei para o *pappoús* em Kifissia, bairro onde fica sua mansão no subúrbio de Atenas, e foi tio Stavros quem atendeu. O caçula dos filhos Karamanlis atualmente mora com Geórgios, depois de passar pelo quarto relacionamento amoroso. São quatro ex-esposas exigindo seu sangue em euros e 10 filhos para suprir, inclusive um bebê de poucos meses.

Apesar de trabalhar na sede da Karamanlis em Atenas, ele nunca se ocupou realmente dos negócios, indo para a empresa para fazer hora, fingir que trabalha e voltar para casa. Tio Stavros foi meu primeiro chefe, quando comecei a aprender o trabalho, antes mesmo de ir para os Estados Unidos fazer o *college*.

Se eu dependesse dele, até hoje não saberia o mínimo sobre finanças e como funciona o mercado financeiro, tão importante para a negociação de imóveis do porte dos com os quais trabalhamos.

Durante o telefonema, conversei com ele o suficiente para saber que meu avô não está tão forte quanto no ano passado. O doutor Pachalakis, seu médico desde que posso me lembrar, tem lhe feito visitas semanais, enquanto o velho vem diminuindo, a cada dia, as idas para a empresa, deixando tudo nas mãos de tio Vasillis.

Era de se esperar que isso fosse ocorrer, afinal, o patriarca dos Karamanlis já está prestes a completar 90 anos de idade. Sempre quisemos que se aposentasse, fosse morar em algum local mais tranquilo do que a capital e descansasse; nunca concordou e ainda nos acusava de tentar tomar seu lugar na empresa.

Ano passado, em seu aniversário de 89 anos, a única coisa que me pediu foi um bisneto, um homem para continuar o legado da família, algo tão importante para ele, mesmo já tendo muitos filhos e netos.

São sete herdeiros ao todo entre homens e mulheres. Nikkós, meu pai, é o

segundo mais velho, pois tio Geórgios II morreu no auge da juventude, aos 20 anos, vítima de uma doença gravíssima que o matou meses depois de seu diagnóstico.

Meu pai nunca teve nem de perto a responsabilidade e o tino para os negócios que meu tio mais velho aparentava ter. Mesmo com pouca idade, vovô já via muito de si mesmo em seu primogênito. Eu nasci exatamente dois anos depois da morte de Geórgios e, segundo meus avós, era muito parecido com meu falecido tio.

Fui moldado desde pequeno para ser parecido com ele. Millos sempre brinca comigo dizendo que sou o substituto de *pappoús*, pois nenhum de seus outros filhos chegaram aos pés da perfeição do primeiro. Houve uma época em que isso me incomodou, essa sombra constante sobre mim. Eu queria ser eu mesmo, queria ser livre como os outros eram.

Só causei mágoa alimentando essa vontade!

Percebi, então, que o caminho certo era o que meu avô me apontava e, por isso, nunca mais discordei de suas decisões sobre meu futuro. Agora, é a hora de dar a ele a única coisa que me pediu. Não posso decepcioná-lo, e essa situação com Maria Eduarda está interferindo demais nos meus planos.

— Rômulo — chamo meu assistente. — Encomende duas dúzias de rosas colombianas vermelhas em algum arranjo elegante e caro.

O homem não disfarça o assombro, mas anota correndo meu pedido.

— Mas alguma coisa? — indaga já com o telefone na mão.

— Não, ela vai saber que fui eu. — Vou até ele e lhe entrego o endereço de Valentina.

Quase próximo ao horário de ir para casa, depois de passar o dia inteiro em uma reunião com uns empresários de fora do país que estão à procura de imóvel para instalação de uma cervejaria espanhola – claro que pensei no Millos, afinal, não entendo nada de cerveja –, pego um recado em minha mesa.

Sorrio ao ler a letra de Rômulo informando que Valentina Campos ligou. Eu sabia que ela iria descobrir o remetente das rosas. Pego o celular e ligo para ela, mas não atende, e volto para minha mesa, terminando de ler um relatório geral enviado da Grécia.

Quase uma hora depois, meu telefone toca. É Viviane.

— Boa noite! — saúda-me. — Ainda no escritório?

— Sempre, né? — Rio. — Novidades?

— Sim! Recebemos uma oferta de exposição do Valente. — Seguro o fôlego ao pensar no artista mais novo com o qual estamos trabalhando. — Theo, as peças dele...

— Você as mostrou a alguém?

— Então... — Ri sem jeito. — Foi quase sem querer! Eu trepei com um mecenas no Ano Novo, e ele acabou vendo umas fotos no meu celular.

— Sério? — A conversa não me convence. — Ele “acabou vendo”?

Viviane dá uma gargalhada um tanto nervosa.

— Estávamos tirando umas fotos, e, quando fui deletar na galeria, ele acabou vendo. — Emito apenas um resmungo. — Theo, ele é incrível, um grande incentivador e colocou o galpão dele à disposição para fazermos a exposição. Lembra que estávamos preocupados com um espaço grande o bastante para acomodar todas as peças?

— Sim. Você já foi até o local?

— Já! Marco nos convidou para um jantar na casa dele amanhã. Topa ir?

Bufo e olho as horas, recriminando-me por ainda estar no escritório, pois me sinto cansado demais até para discutir com ela. Não gosto que decida as coisas sobre o negócio sem falar comigo, muito menos que mostre peças de um artista nosso a um desconhecido com quem teve apenas uma foda esporádica.

— Conversamos amanhã. Esta semana encurtada foi um inferno! Começo de ano agitado e com o pessoal ainda cansado demais das festas.

— Pense no convite. Amanhã é sábado, por que não chama a Valentina para acompanhá-lo?

Franzo a testa.

— Preciso levá-la aonde eu for agora? — questiono, já de mau humor, mas não a deixo responder. — Preciso ir para casa, Vivi, depois falamos.

Desligo o telefone, e a notificação de uma mensagem aparece na tela. Tenho certeza de que é de Valentina, mas, no momento, tudo o que preciso é ir embora, tomar um banho e, quem sabe, curtir uma massagem. Talvez um encontro com Lavínia me ajude a esclarecer as ideias, acalmar esse fogo pela cozinheira e ainda ter uma noite de sono decente.

Desligo tudo no escritório pensando seriamente no assunto, pois, de verdade, preciso foder alguém. Pode ser apenas a falta de sexo regular que esteja causando essa potência de tesão por Maria Eduarda. Saio da sala e, já dentro do elevador, meu telefone vibra novamente. Suspiro, cansado, e olho o display sem nem mesmo abrir o app, mas o teor da mensagem me deixa um tanto alarmado e com a certeza de que não é de Valentina.

— Puta que pariu, mais essa! — exclamo ao ler a mensagem de Vanda,

informando que teve um contratempo, uma entorse no pé direito e que por isso está imobilizado. — Eu só posso estar cagado de urubu!

Mando mensagem de volta para ela, querendo saber seu estado e retardando sua volta para São Paulo, afinal, precisa de cuidados. Vanda, além de me mandar fotos da bota ortopédica, manda também o atestado médico e fotos de seu raio-x.

Tem previsão para voltar?”

Pergunto na mensagem.

Sete dias imobilizada, depois novo raio-x, e aí volto, se Deus quiser. Estou com sau-dades. Como está tudo em casa?

O jeito doce dela sempre me derrete, mas mantenho o tom profissional.

Tudo certo, não se preocupe. Melhoras!

Mais uma semana sozinho, comendo de restaurantes e...

Uma ideia passa pela minha cabeça, mas tento deixá-la de lado, embora seja tentadora como o próprio diabo. É melhor eu ficar na minha, ligar para a Lavínia, descarregar as energias acumuladas e depois agir com calma.

Quais são as probabilidades de eu me encontrar com Duda Hill agora? Nenhuma! Estamos há anos na mesma cidade, inclusive temos algo em comum – o imóvel – e só nos encontramos porque meu primo idiota teve a brilhante ideia de negociar com ela. Então, se eu não a procurar, não nos encontraremos mais e

essa atração tão fora de hora vai embora de uma vez por todas e eu poderei me concentrar no que realmente importa.

Mal termino essa resolução, quando o telefone volta a tocar, e dessa vez é Valentina. Xingo baixinho, arrependido por ter ligado para ela, pois agora preciso atender, mesmo querendo um tempo para pensar com clareza.

— Alô! — atendo tentando não parecer tão mal-humorado quanto estou.

— Obrigada pelas rosas, são lindas! — Ela realmente parece contente. — Estava aqui pensando em fazer algo para retribuir a gentileza. Talvez encomende um jantar para você esta noite, o que acha?

O convite é claro, sensual, mas não me interessa o mínimo, não hoje.

— Que tal irmos jantar amanhã com Viviane e um amigo dela? — faço o convite.

— Ah, que maravilha! — Escuto sua risada. — Vou adorar todos nós juntos! A que horas você me pega?

— Eu te ligo amanhã para informar o horário, ainda não tratei dos detalhes com a Viviane.

— Tudo bem, então! — Ela suspira. — Adorei as rosas, vão me fazer dormir pensando em você.

— Que bom! — Tento visualizá-la nua em uma cama coberta de pétalas vermelhas. Faço careta, achando a imagem muito cafona. — Boa noite, Valentina!

— Boa noite, Theo!

Entro no carro. Hoje vim dirigindo. Ligo o som, e, como se fosse uma perseguição, escuto uma música francesa tocar, lembrando-me da cozinheira e em como ela fica deliciosamente perfeita falando esse idioma.

Apenas a música já me faz querer vê-la mais uma vez, sentir seu perfume, beijar aquela boca macia e safada. Confiro as horas e, correndo o risco de dar mais um grande passo errado em minha vida, mudo a rota, indo em direção à Vila Madalena.

Dirijo mais rápido, o cansaço parece sumir. Tenho um objetivo claro à minha frente: comer aquela mulher até que ela desapareça dos meus pensamentos. Não dá mais para adiar, não adianta ficar me enganando que uma boceta qualquer vai conseguir aplacar minha fome, porque é a maior hipocrisia do mundo.

Eu quero aquela mulher, não importa mais nada; depois, se necessário, lido com as complicações que isso pode, ou não, trazer.

21

— Hoje eu expulso qualquer pessoa que ficar encostada no bar além das 2h da manhã — aviso em tom de brincadeira, embora esteja sentindo sangue nos olhos de tanto cansaço.

— Minha linda, não precisa se preocupar com isso! — Manola grita enquanto termina de montar um pedido. — Fecharemos a cozinha à 1h da manhã em um aviso claro para irem embora, mas, se algum bebum ainda estiver aqui até às 2h, eu mesma vou lá fora munida com uma vassoura e arranco o caboclo à força.

— Conte comigo! — Naldo levanta a mão. — Estamos todos cansados, e Duda ainda terá que ir fazer compras nessa madrugada.

Gemo só de pensar nisso.

— E nossa princesinha, como está? — Anabele me pergunta, colocando um prato com *petit gateau* e sorvete na bancada para ser servido. — Ontem a achei tão abatida ainda.

Dou um sorriso cansado e concordo.

Tessa pegou mais um resfriado esta semana, teve febre. Passei duas noites em claro com ela, mas já está melhor. O pessoal aqui segurou bem as pontas do bar, porque fiquei três noites longe – uma no baile dos Villazzas, e duas com Tessa – o que fez com que todos trabalhassem mais e, consequentemente, estivessem cansados.

Pedi a tia Do Carmo que agendasse uma consulta com o pediatra da minha filha. Acho que ela deve estar precisando de vitaminas, pois é uma criança muito ativa, não é normal ficar resfriada duas vezes em tão pouco tempo. A vantagem é que ela se recupera rápido, ainda mais tendo uma viagem marcada, já que está de férias da escola, para passar uns dias na casa da melhor amiga da minha tia, Consuelo, na praia. As duas – tia Do Carmo e Tessa – vão sair amanhã bem cedo daqui de São Paulo rumo a Taubaté e de lá seguirão de carro com a família de Tia Consuelo – como nós a chamamos – para Trindade, uma vila com praias lindíssimas no litoral de Paraty.

Tessa adora aquele lugar, tem um carinho todo especial pela tia Consuelo e já tem amigos das férias do ano passado esperando por ela. Acho que melhorou tão rápido exatamente para não perder o passeio e os reencontros.

— Ela já está bem, melhorou rápido para não perder as férias.

Manola chega perto de mim, colocando seu pedido – batata gratinada com bacon e três queijos – na bancada e sinalizando para o garçom que veio pegar o pedido.

— Acho que você deveria tirar uns dias também. — Nego, e ela rola os olhos. — Está achando que é a Mulher Maravilha? Você é a única aqui que nunca tira férias, Duda.

— Não posso abandonar vocês...

— Não fala merda! — Cruza os braços. — Já provamos que damos conta, além disso, cadê aquele *turrão* que você contrata quando nós saímos de férias?

Mal consigo ouvir o final da pergunta de tanto gargalhar. Eu adoro quando a Manola tenta falar francês. Sempre saem as coisas mais hilárias do mundo!

— É *tournant* — tento corrigi-la, mas ela mostra a língua.

— O ferista, cacete! Não sei por que temos que falar esses termos se trabalhamos no Brasil! — Eu rio, mas concordo. Ela não é obrigada a saber, mas, ainda assim, foi engraçado. — Ah, e nem vem com aquela vadia das férias do Naldo.

— Amém! — Anabele concorda, rindo muito também.

— A mulher mais enrolava do que trabalhava e ainda ficava tirando uma com nossa cara dizendo que estava fazendo faculdade e que ia ganhar o mundo, entrar no *Masterchef* e ficar famosa. — Manola faz careta. — Só tenho uma

coisa a dizer: aff!

Concordo com ela ao ouvir todas as suas palavras sobre a moça que trabalhou durante as férias do Arnaldo. Ela realmente era muito prepotente. Não por querer ganhar o mundo e todos os sonhos, o que acho tão normal, eu mesma os tive, mas por fazer pouco caso dos outros só porque não estavam dentro de uma universidade. Isso não se faz!

A porta da cozinha é aberta, e vejo Kiko ir até a área de serviço, nos fundos da cozinha, e voltar com produtos de limpeza.

— Algum problema? — questiono.

— Não, um empolgadinho derrubou um dos barris de cachaça que ficam no bar. — Arregalo os olhos. — Não se preocupe, já foi devidamente adicionado à conta dele.

Tento dar uma espiada pelo vidro da porta, mas estou muito longe para isso, daqui só vejo a parte interna do bar, onde Kiko prepara os drinques.

— Está muito animado lá fora?

— Está, sim, o pessoal adora quando o Dani toca, todos dançam!

Concordo com ele, Daniel foi um achado para as noites de sexta! O homem toca guitarra e gaita, enquanto seu companheiro toca percussão. As músicas são animadas, bem a cara de barzinho, e ele faz umas versões muito bacanas de músicas internacionais atuais.

— Quando ele fizer intervalo, avise para parar exatamente à 1h30, ok?

Kiko abre um enorme sorriso.

— Nunca vou me esquecer disso, chefa!

Volto a tomar conta dos tubaréis[22] na fritadeira, concentrada em tirá-los douradinhos, e fico ouvindo a conversa de Manola e Naldo sobre a moça que o substituiu em suas últimas férias, dando risadas com as expressões e imitações de Manola.

Conseguimos encerrar a cozinha no horário pretendido e, pelo silêncio, Dani parou de tocar como combinado. Fico aliviada em saber que terei tempo de subir, tomar um banho e seguir para o CEGESP a fim de comprar peixes. Esse é o pior dia, confesso, o dia de comprar produtos do mar, pois os vendedores só fazem a venda no atacado até às 6h da manhã, então não posso nem mesmo cochilar.

Cláudia já está passando pano no chão da cozinha, enquanto Manola e

Anabele lavam, secam e guardam os utensílios que usamos e Arnaldo limpa as bancadas.

Eu, como sempre, confiro todos os itens de estoque, dou baixa na planilha e ainda vou separando tudo o que sobrou – e que está limpo e sem ser mexido – dentro de algumas marmitex para serem entregues a moradores de rua quando Arnaldo e Anabele forem embora.

Nós temos meia porção na casa, e ela corresponde à metade do valor da inteira exatamente para evitar que a diferença mínima entre preços gere desperdício. No entanto, sempre sobram cortes de frango, carnes, bolinhos e batata frita no final da noite.

Eu me recuso a jogar fora! Acho uma desumanidade jogar alimento no lixo, por isso verificamos os que ainda estão aptos a consumo e distribuímos a quem não tem nada para comer, geralmente com café ou refrigerante. Não dou bebida alcóolica, principalmente depois de ter acompanhado o drama do Cadu pessoalmente.

— Você colocou as lulas na lista? — Arnaldo me pergunta.

— Coloquei. — Mostro-a a ele, que me pede para aumentar a quantidade. — Vai fazer anéis recheados?

— Vou! Estamos protelando isso há mais de um mês. Acho que agora, que se iniciou um novo ano, podemos incluir e ver a aceitação dos clientes.

— Acho uma ótima ideia! — Manola opina. — Podíamos incluir umas iscas de peixe de água doce também, o que acha?

— Vamos ver! — Suspiro, sentindo minhas pernas arderem e meu pescoço tenso. Kiko entra na cozinha de novo, correndo, indo até o estoque de bebidas e voltando com uma garrafa de uísque nas mãos. — Eita, que sorriso é esse?

— Um cliente que entende de uísque! — diz feliz. — Além de ter provado meu *raki*, finalmente.

— Mentira! — Manola corre para a porta a fim de olhar. — Aquela coisa estava há anos aí juntando poeira. Eu disse para Duda te demitir por gastar dinheiro com essa cachaça turca cara que ninguém bebe!

Gargalho com a Manola, pois me lembro bem da implicância dela com a tal bebida. Na verdade, ela estava era doida para experimentar, mas Kiko não quis abrir de jeito algum, pois era especial.

— Puta que pariu! — ouço-a. — Naldo, corre aqui! — grita. — Olha só aquele pedaço de mau caminho da porra! Nossa senhora protetora das vadias!

Arnaldo sai correndo de seu posto, meio patinando no chão molhado que Cláudia – que também abandonou o serviço para olhar pelo vidro – estava limpando.

— Oh, minha Santa Audrey Hepburn! — quase engasgo com minha própria

saliva ao ouvir essa expressão. Naldo é fã do filme *Bonequinha de Luxo*, tanto que, sempre nas paradas gay, ele vai vestido como Holly, com direito a tubinho preto, coroa de brilhantes sobre a peruca bem penteada e piteira nas mãos enluvadas. — Olha esse sorriso! Duda! — chama-me. — Corre aqui!

— Ah, gente... sério? — Abandono minha prancheta com a planilha de alimentos e vou até a aglomeração na porta a fim de ver o tal deus grego sentado ao balcão do Kiko. — Vocês não podem ver um... *merde sainte!*

Todos me encaram quando solto o xingamento em francês, mas meus olhos estão fixos no homem do outro lado da porta – que, por sinal, não para de olhar para cá. Theodoros Karamanlis sozinho, sentado ao balcão, conversando animadamente com Kiko enquanto meu *bartender* lava um liquidificador é surreal demais!

Esfrego as mãos no avental, sentindo-as levemente frias em oposição ao meu rosto, que queima como brasa, e ao meu corpo, que esquenta a cada lembrança do beijo dele.

— Duda? — Manola me chama. — Ei, Duda! — Ela agita a mão na frente do meu rosto, fazendo-me piscar e voltar à realidade. — O que houve?

Respiro fundo para tentar não demonstrar meu interesse.

— É o Theodoros Karamanlis.

Agora é ela quem arregala os olhos, quase grudada contra o vidro da porta – agradeço por ele ser fumê – e solta o palavrão mais cabeludo que sabe.

— Karamanlis não é aquela empresa que...

— Ela mesma! — Manola interrompe o Arnaldo. — Puta que pariu, quem deu autorização para esses vagabundos serem tão gostosos? Filho do demônio, ruim e com essa cara tentadora!

Todo riem do exagero dela, mas eu continuo séria, sem conseguir entender o que ele está fazendo aqui, sem o Millos, sentado no lugar que tenta fechar, comprar e demolir há anos, como se adorasse estar aqui.

— O que será que ele quer? — Anabele questiona.

— O filho da puta deve ter vindo espionar a gente, isso sim!

Não!, penso ao ouvir Arnaldo acusar. Theodoros não faria isso, não assim. Fecho os olhos, lembrando-me do que me disse sobre me querer. Ele veio por isso!

De repente sou empurrada de volta para a boqueta, e todos saem da porta correndo, voltando aos seus lugares como se não tivessem ficado pendurados na porta babando.

Kiko entra na cozinha.

— Duda, tem um cliente querendo cumprimentar a chef da casa.

Merda! Ele fez o movimento para chegar até mim.

— Ele é um Karamanlis, Kiko! — Manola grita acusadora. — O nojentinho aí que bebeu seu *raki* é o cara quer acabar com nosso trabalho!

— É ele? — Kiko franze o cenho. — O cara foi muito simpático com todos a noite toda...

— A noite toda? — questiono surpresa. — Ele está aí há muito tempo?

— Chegou um pouco antes da meia-noite. Eu sei porque a casa estava cheia e o único lugar vago era ao balcão. Ele se sentou lá, pediu um *single malte* e ficou aguardando liberar mesa, mas depois ficou, conversou com uma gostosa que chegou pouco depois. Ele recusou seu convite implícito, e ela foi embora...

— Você é abelhudo mesmo, hein!? — Manola ri dele.

— Eu sou atento — rebate. — Tudo o que acontece no meu balcão, eu sei. Inclusive, se não fosse por ele, teríamos perdido os dois barris de cachaça para o dançarino de dois pés esquerdos que caiu sobre o bar.

— Não consigo me sentir grata, o homem é um babaca! — Manola dá de ombros.

— Então, Duda, vai lá falar com ele?

Respiro fundo e assinto para o Kiko, retirando o avental, conferindo meu uniforme sob os olhares atentos do meu pessoal.

— Vou lá! — Viro-me para eles. — Não fiquem na escotilha, por favor.

Sigo Kiko para fora da cozinha, mas, antes, ainda consigo ouvir a voz da Manola:

— Nunca que eu perco isso!

Theo me vê e abre um daqueles seus sorrisos que parecem incendiar minha pele, causando formigamentos em todo o meu corpo, principalmente em partes que nem deveriam ser mencionadas aqui, no meu local de trabalho.

— Aqui estou! — digo assim que me aproximo. — Posso ajudá-lo em algo?

Ele gira na banqueta, ficando de frente para mim, e noto o terno, sinal de que ele deve ter vindo direto do trabalho para cá.

— Pode — responde baixinho. — Kiko, sirva uma taça de vinho para nossa chef.

Nego quando meu funcionário me olha.

— Água, Kiko, para mim e para o *doutor* Karamanlis. — Sento-me ao seu lado ao balcão. — Espero que tenha gostado da noite.

Ele se aproxima, um sorriso brincando em seus lábios, os olhos brilhando de divertimento.

— Ela ainda pode melhorar. — Respira fundo, como se me cheirasse. — Seu perfume combina bem com o cheiro da cozinha. Eu já estou começando a associar você a comida, principalmente quando estou *faminto*.

Aprumo-me no assento, tentando não contorcer minhas pernas diante da

provocação, porque é óbvio que ele tomou muitas doses de uísque.

— Eu trabalhei a noite inteira na cozinha, seria impossível não cheirar a fritura. — Pego a água e agradeço ao Kiko.

— Eu não estava reclamando, Maria Eduarda. — Vejo-o levantar a mão e estendê-la em minha direção. Preparo-me para sentir seu toque, para resistir ao desejo, mas me surpreendo quando ele apenas segue o bordado na minha dolma com o dedo. — Maria Eduarda Hill. — Lê e depois me encara.

Deus do Céu!

Esses olhos me dizem tanta coisa! Theo não se mexe, nem mesmo emite algum som, só me olha com um sorriso, como se soubesse um segredo, como se tivesse um trunfo, algo que ninguém mais sabe.

Fico sem jeito, mas não desvio os meus olhos dos seus. Meu corpo responde ao dele, meus lábios formigam de vontade de ter contato com os seus novamente, mas nenhum de nós se move.

— O que você quer aqui, Theo? — inquiro, mesmo sabendo a resposta.

— Você. — Fica sério, mas não deixa de me olhar. — Eu só vim aqui hoje porque não consigo não querer você.

A sua sinceridade me desarma. Eu esperava a resposta inicial, mas não podia imaginar ouvindo-o admitir que, mesmo contra sua vontade, ainda assim me quer. É exatamente como me sinto! Não importa se eu o vejo como o inimigo, aquele que quer destruir tudo o que tenho, não deixo de o desejar.

Os últimos ocupantes de uma mesa próxima de onde estamos saem, e vejo os garçons já reunidos em volta da estação de pedidos a fim de fazerem seus balanços e receberem as porcentagens.

— Nós já estamos fechando — aviso-lhe, desfazendo um pouco o clima. — Seu motorista está esperando você?

Theo ri e toma mais um gole de seu uísque.

— Você deveria comprar um 26 anos, é mais saboroso...

Rio.

— Custa mais de 1000 reais uma garrafa. — Cruzo os braços. — Não tenho clientes como você todos os dias.

— Deveria ter. — Coloca seu copo já vazio sobre o balcão. — Deveria ter seu próprio bistrô, Duda Hill.

Fico tensa.

— Não vou vender para vocês.

— Não disse isso para que me venda. — Ergue as mãos em sinal de paz. — Foi um elogio, não sou bom nisso.

— Não mesmo! — Rio. — Obrigada?

Ele se arrasta para a beirada da banqueta e segura minhas mãos. Sinto um

arrepio subindo pela minha coluna, eriçando os cabelos na minha nuca.

— Você é uma chef extraordinária, Maria Eduarda. — Sorrio com o elogio, gostando que ele saiba disso. — Eu realmente acho que deveria ter seu bistrô e ganhar algumas *Michelins*, mas não foi por isso que vim aqui. — Theo me puxa para si e se aproxima do meu ouvido. — Foda-se a Karamanlis, não é o CEO aqui. — Ele esfrega a ponta do nariz na minha orelha. — Eu quero você, e isso não tem nada a ver com os negócios, só com tesão.

Fecho os olhos, adorando o carinho furtivo, sentindo meu coração disparado, o perfume dele, o calor de seu corpo perto do meu e...

Pulo ao ouvir um estrondo. Ele se afasta, e olhamos na direção do barulho. Manola está com uma vassoura na mão e olha perigosamente para o Theo.

— É melhor você ir — falo tentando segurar a gargalhada. — Você é o último cliente.

— Ela costuma ameaçar o último cliente com uma vassoura? — pergunta com a voz mostrando diversão. — Quem pensa que é? Sua mãe?

Gargalho, imaginando que, se Manola ouvisse isso, iria querer matá-lo a vassouradas.

— É minha amiga. — Levanto-me. — Vem, vou te acompanhar até lá fora. Onde seu motorista está...

— Vim dirigindo — responde e deixa umas notas sobre o balcão do bar.

Rolo os olhos e pego meu celular no bolso da calça.

— Vou chamar um táxi para você.

— Não! Eu vim de carro e ainda não estou indo embora. — Puxa-me contra seu corpo. — Me leva para seu apartamento, sei fazer massagem.

Rio, nego e olho em volta, para a plateia de garçons, meus amigos da cozinha e o Kiko.

— Você bebeu demais, não pode dirigir. — Arrasto-o para fora. — Vem!

— Bebi enquanto te esperava sair da cozinha — justifica-se. — E seu uísque não é muito bom, sabia?

Chego à calçada e pego o celular de novo para ligar, mas Theodoros tem outra ideia. Encosta-me contra a parede envidraçada e ataca minha boca com sofreguidão, enlouquecido, e eu quase deixo o aparelho cair ao me agarrar a ele.

Theo não demonstra nenhum pouco de limites nesse beijo. Arranha meus lábios com seus dentes, suas mãos deslizam sobre meu corpo, buscando a barra da minha blusa para então tocar minha pele.

Gememos juntos, ainda atracados, quando suas mãos pressionam minha cintura, fazendo-me colar ao seu corpo. Theo está muito excitado, sinto isso não só na dureza em sua calça, mas na forma como me beija, molhando meus lábios, sorvendo minha língua para dentro de sua boca, apertando meu corpo contra o

seu.

Ele afasta a boca da minha e arrasta os lábios sobre minha garganta, suas mãos subindo pelo meu abdômen, tocando os aros do meu sutiã. Escuto seus gemidos contra minha pele, talvez misturados com os meus, quando ultrapassa a peça íntima e segura meus seios com força.

Que loucura é essa?!

Tento voltar à razão, lembrar-me de que estamos na calçada, contra o vidro da entrada do pub e que a qualquer momento meus funcionários começarão a sair para ir para casa e me encontrarão em um amasso épico com o homem que eu deveria odiar.

— Theo... — chamo-o, mas parece um gemido. Respiro fundo e tento de novo: — Theo!

Ele me olha, e eu engulo em seco ao ver sua expressão completamente luxuriante. O desgraçado estimula meus mamilos com os polegares e me encara sabendo o efeito disso no meu corpo. Fecho os olhos e sinto sua boca na minha novamente.

— Eu quero subir — informa. — Me deixa foder você, te fazer gozar até o dia amanhecer e depois de novo e de novo.

Ele não faz ideia de que moro com outras pessoas, por isso insiste tanto em subir. Eu nunca o levaria para minha casa com minha tia e minha filha lá, é simplesmente impossível!

— Não dá... — sussurro.

— Mas você quer.

Ele se afasta um pouco, retira as mãos do meu corpo e aguarda uma resposta.

— Quero — decido ser sincera. — Mas não moro sozinha, além disso, tenho compromisso daqui a pouco.

— Não mora? — Nego, e ele ergue uma de suas sobrancelhas, ficando ainda mais sexy. — Onde é seu compromisso?

Theo se move, e eu gemo ao sentir seu pênis pulsando contra mim.

— CEAGESP. Vou fazer compras daqui a pouco.

Meus cabelos, presos no coque que sempre uso quando trabalho, são acariciados por ele.

— Então quando, Maria Eduarda?

Suspiro ao entender a pergunta.

— Não sei. Sinceramente...

Um som de conversas e gargalhadas me interrompe, e eu o empurro para longe, tentando me recompor o mínimo, enquanto os garçons vão saindo do Hill acompanhados do Kiko, que me dá um olhar interrogador e um aceno de boa

noite antes de seguir seu caminho até o ponto de ônibus mais próximo.

Olho para o meu celular, desanimada ao ver as horas, e completo a mensagem para o taxista que fica perto daqui e sempre leva um ou outro cliente bêbado.

— Chamei o táxi. — Theo nega. — Sim, você não está em condições de ir sozinho.

— Eu não disse ou fiz nada hoje por causa do álcool — sua voz está séria. — Não vou esquecer o que você me disse, só quero saber quando.

— Eu tenho uma agenda complicada, Theo.

Ele assente.

— Me empresta seu telefone. — Estranho o pedido, mas lhe entrego o aparelho. Vejo-o digitar algo e depois escuto um zumbido, como se outro aparelho estivesse vibrando. — Meu contato.

Devolve-me o celular e passa a mão pelo meu rosto.

— Veja sua agenda e não demore. — Sorrio ante sua prepotência. — Estou louco por você desde nosso primeiro encontro.

Arregalo os olhos com a confissão, mas não tenho tempo de dizer nada, pois o táxi chega e ele entra, dando-lhe seu endereço antes de me desejar boa noite.

22

Theo

Ainda não consegui relaxar nem por um momento desde que cheguei ao meu apartamento. O táxi me deixou na portaria. Fernandes, o porteiro da noite, foi todo solícito me ajudar – aí eu percebi que estava realmente bêbado – e subiu comigo até a cobertura, desejando-me boa noite e melhoras.

Fui arrancando a roupa conforme andava em direção ao quarto e já estava nu quando entrei no banheiro da suíte e me enfiei debaixo de jatos de água gelada para tentar aplacar o fogo – da bebida e do tesão reprimido por aquela cozinheira.

Ainda conseguia sentir o peso e o formato dos peitos dela nas minhas mãos, mesmo sobre a roupa. O sabor de sua boca estava entranhado na minha. A cada vez que eu engolia, era como se estivesse sorvendo um pouco dela. Sem dúvida alguma é um tesão muito louco, forte e incontrolável.

Fui até o bar com a firme convicção de tê-la na minha cama esta noite. Dirigi até a Vila Madalena com imagens sujas de como ia fodê-la, imaginando

minha boca provando seu sabor, chupando, mordendo, lambendo-a até que gritasse de prazer. Tentei visualizar como seriam nossos corpos juntos, sentir seu corpo, contorná-lo com minhas mãos, aprender seus segredos de mulher e explorá-los até a exaustão.

Maria Eduarda me faz querer adorá-la como a uma deusa pagã, pondo-me à sua disposição, tendo-me escravo do seu prazer. Esse desejo é tão desmedido que basta pensar em seus sons, seus gemidos, o modo como gozará comigo que eu quase transbordo sem ao menos me tocar.

Quando cheguei ao Hill Wings, fiquei surpreso com a fila de espera, porém, como estava sozinho, encaminharam-me para o bar. A casa estava cheia, o som feito por uma dupla animava os clientes que dançavam enquanto bebiam e comiam.

O *bartender* trabalhava rápido e parecia muito eficiente, porém, não me atendeu. Eu já ia anotar essa falha para destacar que o serviço era ruim, quando um garçom se aproximou com um celular na mão e me perguntou o que eu queria. Pedi para ver a carta de bebidas, escolhi um *single malte* de uma marca não muito boa, porém, confiável, infelizmente 12 anos, e, minutos depois, o *bartender* foi quem me serviu.

— O atendimento é feito apenas pelos garçons? — questionei.

— Sim — disse já preparando outro drinque. — Eu não mexo em comandas, apenas sigo os pedidos que aparecem no meu visor. — Ele apontou para uma pequena tela.

Gostei da organização, pois assim eles não se perdiam. O esquema com a cozinha devia ser o mesmo, ela devia apenas seguir os pedidos que apareciam, e tudo era feito de forma digital. Olhei para a enorme porta dupla, típica de restaurantes, e, no mesmo instante, um garçom entrou e depois saiu com uma badeja.

— O sistema da cozinha é o mesmo?

— É, sim. — Ele digitou algo e, em instantes, outro garçom apareceu. — Cada aparelho possui uma senha, então, assim que o pedido é feito, sabemos quem está atendendo, qual é a mesa e o que já foi servido. Quando o drinque ou o tira-gosto está pronto, apenas digitamos o número da mesa, e o garçom que fez o pedido recebe a notificação de que está pronto.

— Muito interessante e rápido!

— É, sim! — disse orgulhoso, já pegando mais ingredientes. — Você tem um leve sotaque, não é daqui de São Paulo?

Ergui a sobrancelha por causa da pergunta pessoal, mas relevei. Estava em um bar, conversando com um *bartender*, era claro que ele faria perguntas! Além de tudo, o homem era muito observador, já que meu sotaque é tão leve que

parece ser apenas de algum brasileiro que não seja paulistano.

— Não, nasci na Grécia — respondi sem entrar em detalhes. — Este lugar é sempre tão movimentado assim?

— Amanhã é pior. — Riu. — Hoje eu ainda consigo conversar.

Ele se afastou para pegar algo do outro lado do bar, enquanto vários outros que trabalhavam com ele iam enchendo canecas de chope sem parar, fazendo outros drinques ou mesmo os distribuindo entre os garçons: *longnecks* de cerveja, latas de refrigerante ou sucos.

Uma mulher se sentou ao meu lado e, a princípio, chamou minha atenção pelo perfume gostoso e sexy. Olhei-a de esguelha e confirmei que, além do cheiro, era muito bonita, maquiada, estava com um vestido colado e sexy e tinha um belo sorriso.

Cumprimentei-a com o copo de uísque, e ela me perguntou o que eu estava bebendo. Ofereci a bebida a ela, e, claro, aceitou, aproveitando para puxar assunto – cheia de perguntas – e deixar claro que estava disponível.

Não vou mentir, gostei da conversa com ela, era engraçada, jovial, mas não passou disso. Bebemos uísque juntos, mantivemos o assunto por algum tempo, então ela deve ter percebido que eu não ia tomar a iniciativa e se despediu.

O *bartender*, realmente muito observador, ficou dando umas risadinhas quando ela saiu do balcão e foi se juntar a um grupo no fundo do pub. Dei de ombros, e ele continuou seu trabalho, enquanto eu ficava tomando conta da porta da maldita cozinha.

Ela nunca sai de lá?!, pensava a todo instante, virando-me para a porta a cada vez que ouvia o som dela.

Já estava sentado ao balcão havia quase duas horas quando ele perguntou sobre bebidas da Grécia e eu comentei sobre o *ouzo*.

— Ah, sim, parecido com a *raki* turca.

— Sim, ambos destilados de uva com anis — concordei. — Ficam diferentes apenas por causa das especiarias misturadas na bebida.

— Sim. — Ele parecia contente. — Tenho uma *raki* aqui, mas *ouzo*, não.

Não sou muito fã de *ouzo*, mas é o único destilado que Millos bebe com gosto, aprendeu com *pappoús*. Meu primo, louco por cervejas, prefere o sabor do licor ao de um uísque. É quase inacreditável.

— Há muito tempo não tomo nem um, nem outro.

— Gostaria de uma dose? Fica ótimo feito como caipirinha, com limão siciliano e...

— Pode ser. — Achei a ideia interessante, embora eu nunca misture bebidas. — Nunca experimentei assim.

Vi-o preparar a bebida, cheio de técnica e empolgação, fazendo um drinque

um tanto “afrescalhado” para meu gosto, ainda que muito saboroso. Começamos a conversar sobre bebidas em geral, ele, claro, demonstrando ter muito conhecimento da maioria dos destilados, e eu restrito apenas ao uísque.

No meio de nossa conversa, um homem muito bêbado, dançando como um ganso entalado, acabou esbarrando em um dos alambiques de vidro que ficava em uma parte do balcão, talvez mais como decoração do que para consumo, e quase me deu um banho de aguardente. Meu reflexo ainda estava bom, mesmo com a quantidade de álcool que eu já tinha ingerido, e segurei o outro, evitando, assim, o desperdício de mais 10 litros da bebida.

Kiko, como se apresentou o *bartender*, sumiu para dentro da cozinha, e eu esperançosamente achei que Maria Eduarda iria sair da toca para resolver a questão, mas não. Vi os funcionários dela limparem a bagunça causada pelo bêbado, pedi outra dose de uísque e me assustei quando a dupla de cantores se despediu, encerrando a noite.

Puta que pariu!

Fiquei puto quando me dei conta de que tinha passado a noite inteira bebendo à espera dela, coisa que nunca fiz por mulher nenhuma. E o pior! Ela nem fazia ideia de que eu estava lá!

Pedi mais uma dose, disposto a só levantar meu traseiro dali quando Duda aparecesse. E então...

Bufo debaixo da água fria, lembrando-me de toda a tensão sexual que existe entre nós, já entregando completamente os pontos. Não adianta de nada eu ficar indo atrás de Valentina, ou mesmo ficar comparando o tesão que sinto pela Duda ao que sinto pela moça. Não tem comparação!

Enquanto minha racionalidade tenta me convencer de que devo deixar isso de lado e me ater ao que realmente importa, a vontade do meu avô, meu corpo clama pelo de Maria Eduarda de uma forma indescritível, quase metafísica. É impossível não viver isso, não sentir de verdade cada sensação anunciada quando estamos no mesmo ambiente. Seria absurdo me negar esse prazer.

Não quero Maria Eduarda na minha cama apenas para expurgar esse desejo, pelo contrário, quero saboreá-lo, intoxicar-me, fartar-me dele. Sei que estou brincando com fogo e que um envolvimento entre nós é sinônimo de confusão, mas, sinceramente, estou pouco me importando com isso.

Saio do banho, seco-me precariamente, aproveitando as gotas d’água em mim para me manter resfriado e me deito na cama, buscando dormir. Os pensamentos estão acelerados, o tesão não some, e, mesmo depois de uma punheta e de outro banho, meu corpo não relaxa.

Confiro as horas e me lembro de que ela disse que iria fazer compras em algum lugar da cidade. Pego o celular, pesquiso sobre centros de abastecimento e

reconheço o nome CEAGESP.

— O que eu estou fazendo aqui? — resmungo pela décima vez.

São 5h da manhã, eu deveria estar em casa, na minha cama *king*, dormindo com o ar em 16 graus, nu e tranquilo. Contudo, em vez disso, estou vestido com calça jeans, tênis e camisa, num calor já de derreter mesmo sendo madrugada, dentro de um enorme lugar com milhares de pessoas vendendo e comprando.

Os cheiros chegam até minhas narinas e me fazem lembrar um pouco de uma época que prefiro não ter na memória, mas que é acordada pelo odor dos peixes e frutos do mar.

Fico um bom tempo parado, olhando um vendedor mostrando seu produto a um cliente, abrindo as guelras dos peixes para provar que estão frescos, mostrando as escamas, seu peso e tamanho. Eu conheço bem esse ritual, embora não o veja há anos.

O cliente olha peixe por peixe da caixa, mas não parece satisfeito. Talvez não seja qualidade que esteja procurando, mas sim preço, pois os produtos parecem muito bons, e tenho experiência suficiente para garantir isso.

Eles começam a negociar, mas não fecham um valor satisfatório para nenhum dos dois. O cliente vai embora, e o vendedor começa tudo de novo, anunciando seu produto e – como eu mesmo fazia – torcendo para fazer a venda, pois cada hora e cada dia que se passa com os peixes na caixa é sinônimo de queda no preço e prejuízo.

Confiro as horas e desisto de tentar achar Maria Eduarda sem ajuda.

Ligo para o seu telefone, que gravei na minha agenda há poucas horas.

— Alô? — estremeço ao ouvir sua voz e, pelo barulho, tenho certeza de que ela ainda está por aqui.

— Fiquei sem sono — disparo.

— Theo? — Ela parece confusa.

— Não salvou meu número? — Rio, mas confesso estar decepcionado.

— Onde você está? Quase não consigo te ouvir por causa do barulho.

Olho para um enorme ventilador perto de mim e me afasto para ver se a ligação melhora.

— Você ainda está fazendo compras? — ignoro sua pergunta e faço outra.

— Sim. — Escuto uma voz falar, e logo ela responde: — Eu preciso de duas caixas. Sim. Tem lula? Onde? — Suspira. — Oi. Desculpa, mas estou

terminando aqui de comprar as coisas. O que você quer mesmo?

Sorrio ante a pergunta, caminhando entre as caixas de peixes e seus vendedores barulhentos.

— Você — respondo e a escuto puxar o ar. — Tentei dormir, tomei banho frio, me masturbei, mas não consegui tirar você da cabeça.

— Theo... — ela geme.

— Minhas mãos queimam de vontade de tocar sua pele de novo, o contorno dos seus seios está marcado nelas. — Procuro-a por todos os cantos, tentando vê-la entre as pessoas e alimentos. — Minha saliva ainda está com o gosto da sua, e minha língua está desesperada para sentir seu sabor, para penetrar você e provar a sua boceta.

— Theo, eu... — Duda parece nervosa. — Eu estou no meio de um monte de pessoas e...

— Fica nervosa? Eu fico louco quando você sorri sem jeito, quando enrubesce e mesmo assim não tira os olhos dos meus e digladia contra meu tesão, mesmo sentindo o mesmo. — Vejo-a finalmente, longe das outras pessoas, com o telefone na orelha. Abro um sorriso satisfeito e noto cada detalhe seu. — Você fica ainda mais gostosa com essas calças apertadas.

— O quê? — ela parece não entender.

— É *legging* que chama, não é? Sua bunda fica perfeita nela!

Imagino-a na academia comigo, usando uma dessas calças e apenas um top, sua barriga de fora e a bunda redonda e firme livre aos meus olhos, nós dois suados, cansados dos exercícios e mesmo assim loucos de tesão, trepando sobre o tatame.

Porra!

Tento esfriar os pensamentos, agradecendo pela roupa mais folgada e pela camisa comprida que tampa a frente da calça e disfarça o volume causado pelo meu pau. Basta pensar nela, fantasiar e pronto: “efeito Duda Hill”.

— Onde você está? — Ela começa a olhar para os lados e, quando me vê, arregala os olhos. — O que está fazendo aqui?

Sorrio e vou em sua direção, mas sem encerrar a ligação.

— Vim te convidar para um café. — Ela franze a testa, e tenho vontade de beijá-la até que volte a relaxar. — Preciso de um bem forte, porque seu *bartender* é bom e me fez misturar uísque com *raki*.

Ela dá uma risada de leve, um tanto nervosa, e meu pau se contorce na cueca.

— Você é... — Duda desliga o telefone quando chego bem perto — louco.

— Sou. — Sorrio, guardando o celular no bolso. — Estou... — puxo-a pela cintura — totalmente louco por... um café.

Quando ela gargalha, sinto-me perdido, atraído por ela de uma maneira irresistível. Beijo-a, calando suas risadas e sugando seu fôlego de forma profunda e inapropriada para o local.

Foda-se!

— Ei, Duda, vai levar ou...

O vendedor se cala, mas sua intromissão causa o efeito esperado. Separamo-nos. Duda suspira e olha para o homem, um senhor nipônico que nos olha contendo uma risada.

— Vou levar, senhor Hyamashita. — Olha-me de soslaio. — Separou meus camarões?

— Sim, sim! — Ele aponta para uma caixa. — Quer ajuda para levar até seu carro?

Um enorme sorriso, um tanto malvado, abre-se em seu rosto perfeito.

— Não, tenho ajuda hoje, obrigada.

Gargalho ao notar que a "ajuda" sou eu.

Tudo bem, Maria Eduarda, vamos carregar caixas cheias de crustáceos, escorrendo água fedida. Não me importo, dede que possa te beijar depois e, quem sabe, tomar um banho com você!

Fico surpreso ao notar que não é somente essa caixa que vou carregar. Vejo um dos ajudantes do homem empilhá-la em um carrinho de carga, enquanto Duda confere os moluscos que pediu e separa alguns para levar.

Quando, enfim, ela paga as compras e se despede do homem como se fossem velhos amigos, eu empurro o carrinho repleto dos cheiros que trazem tantas lembranças, mas sem que elas – ainda bem – me causem qualquer desconforto. Minha atenção é totalmente de Maria Eduarda.

— Onde está seu carro? — indago.

— No estacionamento. — Aponta. — Você me ajuda a carregar as compras nele?

— Por um preço... — Pisco.

Ela sorri e balança a cabeça, sem me olhar.

— Um café?

— Um café. Uma carona para que eu possa resgatar meu carro...

— Tem certeza? Ainda não está bêbado?

— Não estava bêbado, apenas um pouco "alto".

Ela faz uma expressão de quem não acredita.

— Só isso? Um café e uma carona?

Gargalho.

— Você sabe que não. — Ela me dá uma olhada rápida, mas não responde. — Vou precisar de um banho depois de carregar essas caixas. Vou cheirar pior

que um peixeiro.

Ela rola os olhos.

— Não seja exagerado! — Ri. — Em todo caso, tenho certeza de que em sua casa tem um chuveiro excelente.

— A sua não tem?

Duda não responde de imediato, desativando o alarme de um utilitário branco adesivado com a *logo* do bar. Ela abre a parte de trás do Doblò Cargo, e eu a ajudo a acomodar cada uma das caixas de pescado que comprou.

Sim, estou mesmo cheirando a peixe agora!

— Bom, vou pagar um pouco da minha dívida agora — ela diz e se aproxima, deixando-me na expectativa de mais um beijo. — Entra no carro, vou te dar carona!

Antes que eu a alcance com as mãos e a puxe para mim, a danada dá a volta, entra no carro e se senta atrás do volante. Sorrio, contrariado, balançando a cabeça.

— E meu café? — questiono.

— Te faço um no Hill... — abro um sorriso satisfeito — depois que me ajudar a descarregar tudo.

Faço careta.

— Que exploradora! — acuso-a.

Ela liga o carro e dá de ombros.

— Não mandei vir atrás de mim!

Gargalho com sua provocação e apoio minha mão em sua coxa enquanto ela dirige para fora do estacionamento.

— Está certo, mas o preço do meu trabalho começou a subir. — Faço carinho em sua perna e a escuto gemer.

Ah, isso, sim, que é saber negociar!

23

Duda

Dirijo um tanto tensa com Theodoros Karamanlis sentado no banco do carona do carro. Ainda é difícil acreditar que ele está aqui comigo, que apareceu de surpresa no meio do galpão do pescado do CEAGESP em plena madrugada.

O som do carro está sintonizado na rádio, que já cobre o trânsito da cidade. Nem amanheceu totalmente, vai dar 6h da manhã de sábado, e o paulistano já está na correria. Meu dia vai ser intenso como sempre, pois assim que terminar de descarregar o pescado e já os deixar na câmara fria esperando que Arnaldo chegue para limpá-los, terei que levar tia Do Carmo e Tessa para o terminal rodoviário.

A mão de Theodoros se move mais uma vez sobre minha coxa direita, e prendo o ar por um momento, sentindo as deliciosas sensações de seu toque, mesmo sobre o tecido grosso da *legging* que uso. O cheiro dele já tomou conta do carro, inebriando-me de vontade de abraçá-lo e aspirar bem em cima do ponto onde ele colocou seu perfume, perto da nuca.

Esse homem me enlouqueceu ontem à noite, foi difícil acalmar o fogo que me acendeu depois daqueles beijos na porta do bar. Definitivamente, ele sabe beijar, sabe levar uma mulher à loucura! A forma como meu corpo reage ao dele tão instantaneamente aumenta ainda mais o tesão que sinto. Tive que tomar um banho frio às 3h da manhã, mas, ainda assim, pensei nele e nas reações que me causava durante todo o percurso até o centro de abastecimento.

Nunca poderia imaginar que ele viria atrás de mim!

Um leve sorriso brota em meus lábios, e olho de soslaio para o homem sentado ao meu lado, mão repousada em minha coxa, cabeça para trás e olhos fechados. Ele também não dormiu, deve estar tão cansado quanto eu, e mesmo assim tomou um táxi e foi para um local que nada tinha a ver com ele. Seguro uma risada com a lembrança de Theo no meio dos pescados. Ele parecia um peixe fora d'água. Ainda bem que não está de terno!

Analiso a roupa simples, embora aposto que seja de grife, e gosto do que vejo. Toda vez que nos encontramos, ele estava vestido formalmente. Contudo, assim, descontraído, ficou ainda mais gostoso! Suspiro um pouco, encantada com a visão dele tão relaxado, sua expressão suave, o perfil perfeito com o nariz mais bonito que já vi em um homem e...

Calma, Duda, vai devagar com o andor!

Por mais que a atração existente entre nós seja irresistível, não posso baixar totalmente a guarda para ele, afinal, não sei se há outras intenções além das que me disse. Não devo ficar divagando sobre o quanto ele é lindo e perfeito e, muito menos, criar qualquer tipo de ilusão acerca do que está acontecendo entre nós. Devo sempre lembrar que Theodoros é um empresário acima de tudo, o diretor executivo de uma empresa que tem interesse no meu imóvel e que está há anos tentando obtê-lo.

Posso me entregar à paixão, ir para a cama com ele – só de pensar nisso, sinto um frio gostoso na barriga –, mas não posso me entregar a ele como se essa fosse uma relação com possibilidade de um futuro. Além disso, tenho que ter cuidado com o que digo sobre o Hill, não misturar negócios com prazer de jeito algum.

Theodoros me quer, e eu a ele, isso é inegável, então vamos só curtir isso durante essa trégua, sem nada mais.

Estaciono o carro do outro lado da rua onde fica o Hill, e ele parece despertar, olhando em volta para se situar.

— Eu dormi? — pergunta com um sorriso sem jeito.

— Um leve cochilo. — Resolvo sacanear um pouco: — Mas como roncou!

Ele fica sério.

— Mesmo? — Vejo-o franzir o cenho. — Eu devo estar muito mais

cansado do que imaginei. — Não consigo segurar a risada, e ele cruza os braços. — Eu não ronquei, não foi?

— Não, mas foi legal saber que você dá a mesma desculpa que meu pai dava! — Theo sorri. — Papai podia ficar duas semanas descansando que, se roncasse – o que fazia sempre, por sinal –, dizia que era por causa do cansaço.

Continuo a rir, agora mais por causa da lembrança que a resposta dele me trouxe do que da brincadeira, mas Theo resolve calar minhas risadas de uma só vez.

Sou puxada pela nuca e mal tenho tempo de fechar os olhos quando ele invade minha boca. Demoro um pouco a realizar o movimento, gostando de poder encará-lo tão de perto, tão entregue. Quando me entrego ao beijo, fechando minhas pálpebras, correspondo-lhe movendo meus lábios com a mesma rapidez e vontade.

Sinto-me seduzida pela forma como ele puxa de leve meus cabelos, entranhando seus dedos longos entre os fios até atingir a raiz para me manter colada à sua boca. A outra mão não está mais na minha coxa, mas entre minhas pernas, tocando-me intimamente sobre a *legging*, excitando-me, fazendo minha calcinha ficar molhada e um enorme calor se acender nessa região.

— Eu quero te tocar sem a calça... — geme enquanto mordisca meus lábios. — Eu quero te comer aqui mesmo no carro, no meio da rua, tamanha urgência. — Abro os olhos e o encaro, seu olhar azul revelando a verdade no que acaba de dizer. — Eu não aguento mais esperar, Maria Eduarda.

Suspiro, buscando controle, porque eu também não aguento mais. No entanto, não posso e nem vou fazer a vontade dele sempre quando quiser.

— Preciso descarregar os peixes — lembro-lhe. — Vou abrir a garagem.

Theo se afasta, e eu aciono o controle-remoto do portão onde está escrito “carga e descarga”. Faço a manobra para colocar o pequeno utilitário na garagem e desligo o carro.

— Agora eu...

Sou pega de surpresa, meu banco é afastado para trás, e Theo me puxa para seu colo, colocando-me de frente para ele. Eu sou alta, não foi uma manobra fácil, e a desenvoltura dele me surpreende. Nossos corpos agora estão encaixados. Sinto sua ereção contra minha bunda, e suas mãos avançam sobre meu corpo puxando minha blusa para cima a fim de expor meus seios.

Não lembro qual sutiã coloquei hoje, mas isso é o que menos importa no momento. Levanto os braços para o alto para facilitar a retirada da peça e o escuto gemer ao me olhar.

— Você é linda! — declara, absorvendo cada detalhe do que vê.

Sutiã nude! Olho para baixo. Nunca seria minha escolha para fazer sexo

com ele, mas, como não planejei, dane-se!

— Você me enlouquece — rebato.

Theodoros se aproxima dos meus seios e encosta a cabeça no meio deles, aspirando fundo, esfregando o nariz no vale que se forma entre ambos.

— Tira para mim — pede ainda no local. — Eu já os senti, mas agora quero vê-los.

— Theo, aqui não é...

— Foda-se! — Lambe o contorno de cada um deles, passando pela borda do bojo do sutiã. — Eu preciso apenas vê-los.

Ergo uma sobrancelha.

— Só isso?

Encosta-se ao assento e sorri muito maliciosamente.

— Não, mas me contento por agora. — Seus longos dedos percorrem minha barriga até o cós da *legging*. — Não vou foder você todo torto dentro de um carro. — Sua mão entra na minha calça, e o sinto alisando minha calcinha. — Não sem poder te ver toda nua, chupar sua boceta até te fazer gozar e te ver de joelhos engolindo meu pau.

Caramba! Contorço-me sobre ele, rebolando involuntariamente por causa das palavras. Alcanço o fecho do sutiã, que é estilo nadador com abertura frontal, e o abro, mas não afasto os bojos. Ele sorri, entendendo que, se quiser ver, terá que tirar ele mesmo, e não se faz nenhum pouco de rogado.

Seguro o ar quando ele os afasta e retira as alças, passa-as pelos meus ombros, braços e as deixa penduradas nos meus punhos.

— Porra, Duda, você é muito gostosa!

Sinto seu pau pulsar assim que diz isso, seu olhar fixo nos meus seios, deixando meus mamilos completamente eriçados e minha calcinha encharcada. Ele não me toca nos seios, mas segura meus quadris e os mói contra seu corpo, fazendo movimentos de vai e vem, usando-me descaradamente para se masturbar.

Continuo a me movimentar mesmo depois que ele retira as mãos e toma meus seios, segurando-os juntos, apertando-os de leve, para então abocanhar um mamilo sem nenhuma cerimônia.

Theodoros é guloso, faminto, insaciável. Gemo em desespero dentro do carro, estimulada pela fricção dos nossos corpos e por ele, que chupa, morde e lambe cada um dos seios como se fossem iguarias.

É muito bom! Jogo a cabeça para trás, olhos fechados, meu corpo em ebulição. Sinto vontade de pedir que ele tire a calça e me foda do jeito que der. A mulher fogosa que há muito tempo andava adormecida está totalmente desperta, completamente louca para ser saciada e...

— Seus peitos são perfeitos para serem fodidos — sinto seu hálito quente em cima do meu mamilo esquerdo quando diz isso. — Seu corpo todo merece ser bem fodido, Maria Eduarda.

Abro um sorriso ao olhar para ele, sentindo uma pontinha de poder por notar o desespero em sua voz, a admiração em seus olhos, o desejo emanando dele quase de forma visível.

— Você quer me foder? — inquiro aumentando os movimentos, adorando o seu gemido dolorido. — Me diz como!

— Duda... — geme, negando.

Esfrego-me com mais força contra ele, e Theo fecha os olhos.

— Diz, Theodoros. — Seguro-o pelo rosto com as duas mãos. — Como você gostaria de me comer?

— De qualquer jeito... — Fico séria e nego, então ele revela sua fantasia: — Sobre o balcão do seu bar. — Isso me surpreende. Ele nota e sorri, bem safado. — Vou colocar você de quatro sobre ele, sentar naquela banqueta giratória e comer sua boceta com a boca, beber sua excitação como quem bebe uma dose de uísque 26 anos. — Theo se aproxima do meu rosto e diz baixinho: — Tenho certeza de que sua boceta é mais saborosa do que qualquer puro malte que já provei!

No exato momento em que me beija, sinto meu corpo todo estremecer e gozo como uma louca, apertando-me contra ele como se fosse morrer.

— Goza, safada! — Theo manda ainda com a boca na minha. — Deixa minha calça com seu cheiro, marca esse território como seu.

Desmorono contra ele, surpresa demais com isso tudo, deliciada com as sensações, louca para entender como esse homem consegue me excitar tanto desse jeito.

Escuto sua risada grave ecoar pelo carro. Suas mãos alisam minhas costas sem parar, em uma carícia deliciosa. Sinto minhas pernas bambas, os músculos trêmulos e o coração disparado. *Que loucura foi essa?* Eu nunca gozei assim, sem nem mesmo tirar a roupa ou me tocar!

— Isso foi... — murmuro, tentando encontrar palavras.

— Delicioso! — Ele afasta uma mecha de cabelo do meu rosto. — A sarrada mais foda de todos os tempos!

Rio, concordando.

— Precisamos descarregar o carro — ele me lembra.

Respiro fundo e assinto.

— Teve seu pagamento pela ajuda? — provoco-o, saindo de cima dele e voltando para o banco do motorista.

— É claro que não, sua dívida apenas aumentou! — Aponta para sua calça,

e a evidência de sua insatisfação está lá, volumosa e levemente úmida. Olho-o indignada com a cobrança. — Sou um bom negociador, Maria Eduarda. — Pisca. — Caralho... — Passa a mão sobre sua calça, sentindo-a molhada. — Sua dívida aumentou astronomicamente!

Rio e saio do carro após vestir a blusa.

— Você ainda precisa terminar esse serviço. — Aponto para o pequeno baú de carga.

— *Oui, chef!* — sua voz em francês me causa um arrepio por todo o corpo. Seu sorriso iluminado e divertido agita tudo dentro de mim.

Theodoros sai do carro e abre o compartimento de carga, pegando as primeiras caixas.

— Por onde?

— Não tem acesso ao restaurante por aqui, vou ter que abrir a porta principal.

— Sério? — Ri de si mesmo. — Vou ter que sair daqui com o pau duro e carregando pescado como um tarado gastronômico?

Gargalho.

— Vai. — Olho o relógio. — E, para sua informação, já tem coisa aberta.

Ele faz careta e geme, abaixando as caixas de modo a tampar o volume que nem o jeans, nem a camisa comprida conseguem disfarçar. Meu coração se aquece de um jeito estranho, e tento lembrar que esse mesmo homem que me fez gozar e que me faz rir com muita facilidade é aquele que me irrita e que quer tomar o que é meu.

Theo caminha para fora da garagem e dá uma espiada para conferir se a rua já tem movimento. Vira-se para mim e faz uma expressão de alívio, piscando o olho.

— A barra está limpa! — Sai para a calçada.

Rio dele e não resisto.

— Ei — chamo-o. Ele para e me olha. — Segunda-feira o Hill não abre, estou de folga. Vem jantar comigo.

Theo não responde de imediato, e penso que ele possa ter já algum compromisso nesse dia e por isso...

— Não vai abrir a porta? — Faz um gesto na direção da entrada. Saio da garagem, um pouco decepcionada por ter tido o convite ignorado, mas, quando passo por ele, escuto-o dizer: — Não. — Paro ante a resposta. — Não virei jantar com você, Maria Eduarda. — Sorri. — Virei jantar *você*!

Fico sem fôlego, congelada no meio da rua, e as imagens de ele me comendo no balcão de bebidas como descreveu enchem minha mente, fazendo-me viajar.

— Ei, chef, está pesado aqui!

Balanço a cabeça, sorrio sem jeito e corro para abrir a porta, ansiosa pela minha folga como uma adolescente esperando os pais saírem para receber o namorado em casa.

Menos, Duda!, meu cérebro implora.

Sim, eu não sou uma adolescente há muito tempo, e Theodoros Karamanlis não é e nem nunca será um namorado.

Theo me ajudou a colocar todas as caixas de pescado na câmara fria, sempre provocando, tocando-me em todas as oportunidades, até que me envolveu em um abraço gostoso dentro do compartimento gelado.

Rio ao lembrar que, naquele momento, não senti nenhum pouco de frio, muito menos me incomodei com o forte cheiro de camarão que flutuava à nossa volta. Meus sentidos estava todos ligados nele, era impossível que outra coisa chamasse mais a minha atenção do que seu beijo molhado e seu corpo quente junto ao meu.

Estava pensando no quão grave, sanitariamente falando, seria uma trepada rápida dentro de um local de acondicionamento de alimentos, porém, antes mesmo que eu avaliasse os prós e contras, ele se afastou alegando ter ouvido barulhos.

Saí da câmara e dei de cara com tia Do Carmo na cozinha. Dei um pulo de susto ao vê-la e pus a mão no coração.

— Tia! — Ri sem jeito. — Não sabia que a senhora estava aí!

Ela franziu o cenho.

— Eu ouvi o portão da garagem abrir, mas você não subiu, então vim ver se precisa de ajuda. — Ela tentou olhar para dentro da câmara, onde eu mantinha cativo um certo CEO grego. — Algum problema aí dentro?

Eita, porra!, pensei, pois sempre fui péssima com mentiras.

— Não, nenhum problema! — Sorri. — Trouxe um peixão bem bonito lá do CEAGESP e estava... — dei uma engasgada ao lembrar do que estava fazendo — conferindo melhor o produto.

Ela não pareceu convencida e começou a andar em minha direção.

— Que tipo de peixe?

— Grego — respondi sem pensar e depois tentei emendar: — Pescado no mediterrâneo, coisa fina!

Tia Do Carmo para.

— Para servir em iscas empanadas? — Ela começou a gargalhar, e eu pensei que tinha sido descoberta. *Será que o filho da mãe apareceu na escotilha da porta?* — Acho que você ficou um tanto empolgada depois do jantar com seu amigo francês.

Ela balançou a cabeça, mas deu meia-volta.

— Não demore muito aí. O Naldo vem limpar o pescado, não vem? — Assenti, sentindo-me aliviada, embora seriamente preocupada com o homem dentro do freezer. — Estamos te esperando para o café da manhã antes de partirmos.

— Já vou subir, tia! — gritei quando ela saiu da cozinha e abri a porta da câmara, encontrando Theo de olhos fechados, meio que jogado em cima de uma prateleira. Senti o coração disparar e saí correndo até ele.

— Ah, meu Deus, Theo! — Cheguei bem perto para saber se ainda estava respirando e para conferir os batimentos cardíacos, afinal, eles diminuem muito com a hipotermia. — Theo!

— Bu! — Ele abriu os olhos e me agarrou, gargalhando, enquanto eu tentava socá-lo por ter me dado um susto. *Filho da puta!* — Seu peixão grego ainda está em boa qualidade, chef!

Rolei os olhos diante do deboche, mas minha indignação durou pouco, pois logo ele me beijou de novo, saindo agarrado a mim da câmara.

Tive praticamente que expulsá-lo do bar e fiquei um tempão na porta do Hill observando-o entrar no carro, abandonado ali durante a bebedeira da madrugada, e ir embora.

Ainda suspirava quando senti os bracinhos da Tessa me rodearem pela cintura.

— Eu queria que você fosse com a gente! — disse me apertando.

Ah, aquela vozinha cortou meu coração.

Virei-me para ela, erguendo-a nos braços, mesmo já pesada demais para isso, e cheirei seus cabelos como fazia desde que era recém-nascida.

— Meu amor, mamãe vai trabalhar, mas prometo tirar uns dias para visitar vocês na praia. Conversei com tia Manola, e ela vai ficar no comando da cozinha.

Tessa começou a rir.

— Ela é doida, mãe! — Coloquei-a no chão, apertando sua bochecha, achando graça. — Mas cozinha bem! Faz uns bolos...

Ri quando ela lambeu os lábios.

— Por falar em bolos, vamos subir para o café? Eu estou morrendo de fome e ainda quero descansar antes de levar vocês para a rodoviária. — Pus a mão em

sua testa, conferindo se a temperatura continuava normal. — Não sentiu mais nada, nem tossiu?

— Estou ótima, mãe! — Rodopiou. — Vem!

Ela saiu saltitante da cozinha, cheia de vida e saúde com sempre foi, e a segui para o andar de cima. Suspirei, sentindo-me bem, afinal, tinha uma filha linda, um negócio que prosperava a cada dia e ainda um belo corpo masculino para usar e abusar.

Olho para o relógio da cozinha, deixando de lado as lembranças daquela manhã tão diferente. Depois que as deixei no terminal rodoviário, dediquei-me 100% ao trabalho e mal vi o tempo passar. Hoje, segunda-feira, acordei próximo ao meio-dia, esticando-me na cama, feliz por estar de folga, até que meu celular apitou uma mensagem e me sentei apressada.

Rio ao recordar como pulei igual louca ao me lembrar de que precisava ir ao Mercado Municipal buscar umas coisinhas para o jantar do Theo.

Respiro fundo, coloco o creme de leite fresco na tigela de inox e começo a batê-lo. Chegou a hora! Sinto meu coração disparado. Daqui a pouco ele estará aqui, jantaremos e ...

O telefone vibra em cima da bancada da cozinha, e uma mensagem de Theo aparece na tela:

Já estou aqui!

Arregalo os olhos.

Puta merda, que homem pontual!

24

Theo

— Theo?! — escuto a voz de Viviane de longe, mas não consigo focar no que ela fala.

Além do cansaço, sinto como se não estivesse realmente aqui, neste jantar tão sofisticado em uma casa cheia de objetos de arte e com pessoas que entendem do assunto, tudo o que sempre apreciei. No entanto, nada disso importa.

O assunto não me prende, as obras não me deslumbram e as mulheres aqui comigo não me excitam, e, depois das horas intensas que passei nessa madrugada e manhã, eu não quero outra coisa senão o frisson causado por Maria Eduarda Hill.

Bebo um gole de uísque – do primeiro copo da noite, ainda –, recriminando-me por não ter sido sincero com Valentina e cancelado o compromisso. Eu nunca faria isso; além de ser deselegante, é completamente babaca. Olho para ela, muito animada conversando com Marco Perrutti, o tal

mecenas que Vivi está traçando.

Valentina é linda, tenho que admitir, e, se eu a tivesse conhecido em outro momento – sem o “efeito Duda Hill”, por exemplo –, talvez a coisa entre nós tivesse engatado de forma mais satisfatória.

Não entendam errado, não estou desistindo dela, não mesmo! Ainda acho que é a melhor opção que eu já tive até hoje e, vale ressaltar, casamentos são bem-sucedidos quando firmados com a razão, sem a interferência de qualquer outra baboseira romântica.

Fato é que o tesão ainda é um ponto crucial para dar certo. Eu nunca vou me apaixonar como meu pai o fazia – sempre é bom ressaltar. Contudo, espero sentir tesão por minha parceira, pela mulher que será a mãe dos meus filhos.

Os cabelos claros de Valentina brilham com as luzes especiais que há no teto, artisticamente concebidas para dar a iluminação correta a cada pintura nas paredes da casa. A pele dela é alva, sedosa e com leves sardas nos ombros. Seu corpo é... Olho detalhadamente para a roupa que usa, uma blusa de seda fininha, terminada acima do umbigo, com uma calça dessas largas e elegantes, parecendo ser do mesmo tecido. Não tem grandes estampados, apenas desenhos abstratos como uma boa obra de arte, e nem brilho, pois o tecido é fosco, mas faz minha imaginação viajar por suas curvas, imaginando-a nua.

Fecho os olhos a fim de curtir o momento fantasioso na esperança de acender o tesão. Nunca tive problema em sair com mais de uma mulher ao mesmo tempo, sempre levei isso bem. Nunca fiquei fissurado em alguém a ponto de não conseguir mais olhar para outras, então não será agora, a essa altura da minha vida, que isso irá acontecer.

As imagens do conjunto de seda caindo no chão me excitam. O esvoaçar suave do tecido, a forma como as pinturas nele se misturam criando uma miríade de cores, até deixá-la nua. Sigo meu olhar por suas pernas, com coxas firmes e bem torneadas, uma lingerie... cor de pele? Franzo o cenho, ainda divagando. Estranho a cor, pois nunca me deu tesão, e continuo a descobrir, mentalmente, como é o corpo da mulher que cogito ser minha esposa.

O abdômen plano, com uma pinta marrom bem redondinha do lado esquerdo da cintura, os peitos seguros dentro de um sutiã... cor de pele de novo? As mãos de unhas curtas e sem esmalte, bem diferentes das de Valentina, avançam sobre o fecho da peça, e ela se expõe para mim, mostrando seios firmes, de bicos rosa-escuro que são perfeitos.

O rosto provocador de Duda Hill, com um sorriso malicioso, cabelos castanhos longos jogados para trás, queixo para cima e braços abertos em um claro convite para que eu tome...

— Theo? — Sinto-me ser sacodido. — Ei, você está dormindo?

Abro os olhos, assustado, e demoro a sair da fantasia na qual estava, ainda esperando ver Maria Eduarda entre as pessoas na sala.

— Cansado? — Valentina se aproxima e me abraça pelo pescoço, acariciando minha nuca. — Se quiser podemos ir embora, levo você até meu apartamento.

Uma trepada com ela para resolver de vez esse empasse na minha mente? Considero a ideia.

— Acho melhor vocês ficarem aqui, Valentina — Vivi interfere. — Nunca vi o Theo tão disperso e cansado. — Aproxima-se. — Está se sentindo bem?

— Estou, sim. — Balanço a cabeça. — Quase não dormi ontem à noite e hoje acordei muito cedo...

— Ah, você treina de manhã! Onde é sua academia? — Valentina questiona, bastante interessada.

— Em casa. Não tenho tempo de ir até uma academia, perderia muito no percurso.

— Te entendo perfeitamente! — Sorri e se esfrega de leve em mim. — Vamos aceitar o convite e ficar por aqui esta noite?

— São muito bem-vindos! — Marco ratifica o oferecimento de Vivi.

— Não, eu vou para casa. — Solto as mãos de Valentina do meu pescoço. — Você pode ficar, aproveitar mais a noite. Eu estou bem cansado mesmo!

— Como vai dirigir?

— Eu vim com o Dionísio, Vivi. — Dou um sorriso de desculpas. — Perdoem-me. Na próxima tentarei ser uma companhia melhor.

— Tem certeza de que não quer que eu vá contigo? — Valentina pergunta.

— Não, obrigado. — Beijo sua testa. — Pode ficar com seus amigos. Outro dia nos falamos.

Despeço-me com um aceno e sigo em direção à porta, mandando mensagem para o Dionísio, que deve estar na cozinha ou em algum canto conhecendo o pessoal da casa.

Mal saio na calçada, e Vivi me chama:

— Theo!

— Viviane, não insista...

— Não. — Ela ri. — Te conheço há muito tempo para saber que, quando toma uma decisão, não volta atrás. — Concordo com ela; conhecemo-nos há alguns anos já. — Eu achei que as coisas entre Valentina e você estivessem evoluindo.

Ergo uma sobrancelha.

— Qual seu interesse nesse assunto, Vivi?

— Acho que vocês dois combinam, além de serem meus amigos. — Dá de

ombros. — Ela me disse que você mandou rosas e tudo. O que está havendo?

— Nada de mais, apenas cansaço — respondo seco, continuando a andar até onde o carro me deixou quando cheguei.

— Ficou chateado por ela ter vindo comigo ao invés de vir contigo?

Rio da pergunta.

— Não sou desse tipo, Vivi, deveria saber, já que me conhece há anos.

— Encontrou outra mulher melhor que ela?

Dessa vez paro e a encaro.

— Você se ouviu perguntando isso? Porra, Vivi, não estou comprando um carro ou mesmo uma obra de arte! Você chega a denegrir seu gênero fazendo esse tipo de pergunta!

Ela ri de mim.

— Ora, ora... Como se você não nos achasse meros objetos! Pelo menos, algumas de nós. — Abraça-me e me dá um beijo estalado na bochecha. — Você confia no meu faro para achar novos artistas, não confia? — Assinto. — Então me dê sua confiança com relação a Valentina. Ela é perfeita para você!

— Pode ser...

Vejo o carro parar e me afasto dela, despedindo-me antes de entrar quase correndo dentro do veículo. Talvez eu tenha cometido um erro de julgamento ao contar para Vivi sobre o pedido do meu avô e minha busca por uma mulher que se encaixe tanto no que ele quer como esposa de seu neto mais velho quanto no que eu gostaria de ter como companheira. Achei que ela poderia ajudar, mas nunca que fosse interferir e me empurrar para uma de suas amigas.

Recosto a cabeça contra o encosto, aliviado por não ter vindo dirigindo.

— Cansado, chefe? — Dionísio questiona.

— Bastante, Dio. — Confiro as horas no Constantin[23] que uso hoje. — Queria que esse final de semana passasse rápido! — resmungo, pegando o celular e conferindo se há mensagens da Duda. Nenhuma! Claro que ela deve estar ocupada no pub a essa hora e seria ridículo mandar mensagem, quando nos vimos de manhã.

Soco o telefone no bolso com uma força desnecessária e bufo de tédio.

— Sentindo falta da empresa já? — Dionísio ri, atento ao trânsito. — Fique calmo, chefe, segunda-feira chega rápido.

— Tomara que sim!

Fecho os olhos novamente e penso em quantas punhetas toquei ao longo do dia. Espero que o domingo passe bem depressa, porque, senão, vou jantar com Duda com uma parte importante um tanto esfolada.

Você está patético!, meu ego grita quando toco a maçaneta da porta do carro pela enésima vez. Recuo e tento me controlar para não parecer tão desesperado, mesmo estando há pelo menos uma hora dentro do automóvel, igual a um bobo, esperando dar o horário que Maria Eduarda marcou comigo.

É, eu mal consegui trabalhar hoje pensando nessa noite, em tê-la nua pela primeira vez, seu corpo no meu, sua boca na minha, nós dois embolados e suados, cheios de tesão e prazer.

Porra, Theo!, repreendo-me, arrumando novamente meu pau na cueca.

Passei o final de semana em um estado constante de excitação. Cada vez que eu precisava trocar de roupa e esbarrava no pênis, pronto, lá estava ele todo empolgado. Tive de me masturbar em todos os banhos, porque era impossível segurar meu pau sem gozar, e cada vez que a cozinheira vinha à minha mente, lá ia eu de novo, com o membro em riste, aliviar-me ou tentar acalmar a situação.

Vocês hão de convir que não sou mais nenhum adolescente para ficar passando por essa situação! Há muito tempo isso não acontece comigo, talvez a única vez tenha sido...

Não! Me recuso a comparar as situações!

Eu era jovem e imaturo demais, virgem e completamente manipulável. Arrependo-me todos os dias por ter me deixado guiar pelos hormônios, pensando que estava apaixonado, sofrendo e gemendo como um cão sarnento, só pensando em minha dor.

Não, as coisas são diferentes agora!

Respiro fundo e saio do carro de uma vez, levando comigo a mala que trouxe com um item especial que achei que seria indispensável nesta noite. Sorrio, melhorando meu humor ao imaginar o que a Duda vai pensar quando vir.

Chego à porta do bar, mas não a vejo entre as mesas vazias e o salão escuro, porém, consigo avistar o balcão de bebidas, e isso já quebra a fantasia de comê-la ali esta noite. As luzes das chopeiras e dos LEDs com as *logo* de bebidas deixam aquela área bem iluminada, sendo possível ver daqui de fora.

Será que ela curte a possibilidade de ser vista trepando? Meu pau se contorce com o pensamento. Há quem goste de assistir e de se mostrar, então, caso ela seja uma adepta do exibicionismo sexual, estarei à sua disposição!

Pego o celular e envio uma mensagem lhe avisando que já estou à espera, e no mesmo momento ela a visualiza.

A ponta do meu pé bate no chão, impaciente. Olho para os lados a todo

instante, porque a maioria do comércio está fechada e, embora passe um carro ou outro, não há transeuntes na calçada.

Tomo um susto ao ouvir barulho na porta de madeira e vidro, mas o sentimento é instantaneamente substituído pelo desejo quando a vejo.

Foda-se o controle!

Não dou tempo nem mesmo que ela me cumprimente e vou logo atacando sua boca. É, não foi sutil e descontraído como treinei – sim, porra, eu treinei! – lá no carro enquanto esperava dar a hora marcada. Não teve uma piadinha, um sorriso safado ou uma provocação para preparar o terreno.

O beijo não tem nada de sutil.

Devoro sua boca macia e com um leve sabor de vinho, degusto seus lábios molhados, saborosos, enquanto roço sem parar minha língua na dela. Minha mão livre segura os cabelos de Maria Eduarda pela nuca, pois estão presos no coque que usa quando cozinha.

Nossos corpos colados, movo meus quadris sem parar, esfregando-me nela como um louco, aumentando a tortura em que ela tem mantido meu pau durante todos esses dias. Quero devorá-la toda, fundir-me a ela, transformá-la numa extensão do meu tesão.

O barulho de algo caindo nos separa, e eu olho um par de óculos caído no chão. *Merda! Controle-se!* Duda se abaixa para resgatá-lo, e fecho os olhos, tentando voltar à razão e parecer civilizado e não um tipo de homem das cavernas doido para foder.

Mesmo estando doido para foder!

— Desculpe-me. — Sorrio. — Boa noite, Maria Eduarda.

Ela sorri e põe os óculos no rosto, surpreendendo-me porque nunca a imaginei os usando. Confesso que adoro o que vejo!

— Boa noite, Theo! — Fecha a porta do bar. — Você é pontual!

Franzo o cenho.

— Não era para ser?

Ela gargalha.

— Era, claro, mas vai ter que esperar uns minutos até eu finalizar lá na cozinha e arrumar nossa mesa. — Aponta para uma no fundo do salão. — Você quer uma bebida?

— O que está bebendo? — pergunto, passando a língua nos lábios como se ainda pudesse sentir o leve sabor de vinho de sua boca. — Vinho branco?

Ela assente.

— Sauvignon Blanc de uma garrafa que Thierry trouxe da França. — Duda faz um gesto, beijando as pontas dos dedos fechados sobre os lábios e abrindo a mão. Rio. — Isso aí não são milhares de garrafas de uísque 26 anos, não é?

— Não! — Levanto a mala. — Isso aqui é algo que só uso em ocasiões especiais.

Duda arregala os olhos.

— Trouxe um smoking? — Ri. — Olha, você fica delicioso em um, devo admitir, mas não vou colocar vestido de gala, não!

Caminho até ela e abro um pouco do fecho da mala para que espie.

— O que é isso?

Aproximo-me do seu ouvido.

— Música! — Vejo sua pele arrepiar com o sopro da minha voz e deposito um beijo na curva do seu pescoço. — Posso ir até a cozinha te ver trabalhar ou tenho que ficar aqui?

— Pode ir! — Encara-me. — Vou adorar a companhia.

Pisca e entra, enquanto fico congelado no lugar sem poder me mover, tamanho o incômodo entre minhas pernas. Era para eu a estar seduzindo e não o contrário!

Entro na industrial, funcional, embora pequena cozinha onde ela trabalha todas as noites. Já estive aqui na manhã de sábado, mas estava tão vidrado nela, além de quase ter morrido de hipotermia, que não me atentei aos detalhes.

A cozinha é dividida em estações de trabalho, parecida com a do Villazza, claro que com menos divisões e com utensílios mais simples. Há um enorme fogão em um canto, enquanto, nas bancadas, vejo fritadeiras e grelhas. No fundo da cozinha há uma espécie de torre com vários fornos embutidos. Em outra parede vejo freezers, e uma porta, que está aberta, mostra um depósito de bebidas.

Coloco a mala sobre o balcão principal, onde há várias luminárias penduradas, e procuro uma tomada.

— Do outro lado, embaixo. — Duda me ajuda, sabendo o que estou procurando. — Cuidado, que todas são 220 volts!

— Meu aparelho também! — Retiro meu material precioso, que até hoje só foi até a casa do Millos, e o coloco sobre o granito. — Você vai se...

— Uma vitrola! — Duda me interrompe, olhando para o equipamento com olhos arregalados, vidrados no equipamento, como os de uma criança em uma loja de brinquedos. A admiração e curiosidade são evidentes em seu rosto, e isso me anima.

— Não é *uma* vitrola! — explico com paciência. — É *a* vitrola! — Passo a mão sobre ela. — O som mais perfeito que você vai ouvir! Onde fica seu sistema de som?

— Lá perto do palco. Já deixei ligado para quando...

— Ele conecta por wi-fi? — Duda assente, e eu busco pelo equipamento,

dou meu telefone a ela, que põe a senha, e um som anuncia que a conexão foi bem-sucedida. — Suas caixas são boas?

— Acho que sim, são profissionais.

Ergo a sobrancelha e pego um disco da Aretha Franklin, escolhendo a *soul music* ao invés do meu jazz clássico, achando que ela irá gostar mais. Ponho o disco no aparelho, movo a agulha de diamante até tocar de leve o vinil e deixo a mágica acontecer.

A interpretação forte de *Respect* começa a tocar no salão.

— Não tem caixas aqui dentro? — Ela assente, deixa a tigela na qual estava trabalhando sobre o balcão e vai até perto da porta da câmara fria. Segundos depois, o som enche o ambiente.

Duda abre um sorriso e levanta a sobrancelha, vindo até onde estou com os olhos brilhando com promessas safadas. Pertinho lhe assisto, de queixo caído, seguir a música com os lábios, dublando enquanto dança.

— Eu devia saber! — Gargalho. — Empoderamento feminino!

— Ei, respeita! — Ela ri e se pendura no meu pescoço.

Beijo-a ainda sentindo seus lábios abertos pelo sorriso, adorando absorver essa energia contagiante que ela irradia quando está assim, brincando, relaxada em seu ambiente, sob controle.

É, Maria Eduarda tem o controle de suas emoções, enquanto eu me sinto tremendo de vontade de mandar o jantar para a puta que pariu e já começar a comê-la nesse clima descontraído.

Ela se afasta e pega a tigela.

— Não posso parar de bater. — Volta para a bancada onde estava. — Quer uma taça de vinho?

Quase faço careta, mas vou até a garrafa e encho a taça ao lado. Hoje não trouxe uísque, vim disposto a me pôr totalmente em suas mãos. Caminho por entre as panelas e utensílios sentindo seus olhos sempre sobre mim.

— Sua cozinha é bem equipada — comento, provando o vinho. — Uau, é bom mesmo!

— Thierry é um enófilo de carteirinha. — Ela dá risadas. — Tentou ser sommelier antes de estudar gastronomia, mas gostava muito de beber, e ninguém iria querer um profissional bêbado.

— Vocês são bem amigos, pelo que vejo.

— Somos, sim. — Um apito soa, e ela vai até um dos freezers e tira uma vasilha de dentro dele, levando-a até a câmara fria. — Pronto! Vou só carregar o sifão com o chantilly para colocar na sobremesa quando servir.

Ponho minha taça sobre a bancada e vou até ela enquanto enche uma espécie de garrafa de inox.

— Hummmm... — gemo em seu ouvido, segurando-a por trás. — Vou ter direito a sobremesa.

— É claro que...

Subo as mãos e aperto de leve seus seios, lambendo sua nuca.

— Eu quero a sobremesa agora, Duda. — Abro os botões da blusa de chef que usa. — Preciso da sobremesa agora.

— Theo, é...

— Psiu... — interrompo-a. — Sou o convidado de honra da noite, então posso escolher por onde quero começar.

Ela deixa o que está fazendo, e eu tiro sua blusa, deixando-a apenas com um vestido preto e branco de alças finas e – sorrio – fecho nas costas. Continuo a beijar sua nuca, passando a ponta da língua pela coluna cervical, mordiscando o encontro do pescoço com o ombro, enquanto abaixo o fecho da roupa.

Massageio seus ombros, ouvindo-a gemer, e enfio as mãos por baixo das alças do vestido, afastando-o de seu corpo, levando-o para os braços e o soltando. O tecido, leve e rodado, vai ao chão, e eu tenho a visão completa da sedutora cozinheira de costas, usando uma pequena calcinha rendada toda preta.

— Porra, Duda! — gemo e me ajoelho no chão. Fico na altura de sua bunda linda e seguro seus quadris. — Eu estou morrendo de fome!

— É? — sua voz está ofegante. — Então come!

Caralho!

Não preciso de nenhum incentivo mais. Beijo as nádegas perfeitas conforme continuo a segurando firme pelos quadris. Contorno a calcinha com a língua, entrando no meio das bochechas empinadas de sua bunda.

— Apoie as mãos sobre o balcão — peço, e ela o faz. — Agora abra um pouco as pernas.

O gemido dela quase me faz gozar quando a abocanho por trás, ainda sobre a calcinha. Aspiro profundamente o cheiro de sua boceta, deliciando-me com o aroma de mulher, salivando de vontade de provar o seu néctar. Esfrego a língua sobre o tecido fino da renda, capturo seus lábios protegidos pela peça e os chupo sem dó, sentindo um leve sabor em minha boca.

Seguro suas nádegas e as afasto o máximo que consigo, lambendo-a totalmente, de frente para trás, subindo pela coluna. Ponho-me de pé, sem fôlego como se tivesse acabado de correr uma maratona, e a abraço.

— Você é incrível! — sussurro ao mesmo tempo em que busco algum controle. — Quero te beijar inteira, Duda.

— Eu quero te ver! — suplica, mas sem se mover. — Preciso te ver!

Afasto-me, e ela se vira.

Solto outro xingamento ao tê-la quase nua para meu total deleite. Meus

olhos percorrem cada curva de seu corpo com avidez.

Duda avança sobre mim, abrindo os botões da camisa que uso, e, quando sinto suas mãos sobre meu peito e abdômen, é necessário fechar os olhos para sentir sem que eu a agarre. Um toque leve, explorativo, a fim de conhecer cada parte de mim, fazendo meus músculos se retesarem e tremerem de antecipação.

Abro os olhos e sorrio de leve ao ver os dela brilhando de apreciação, sem que ela consiga tirar as mãos do meu abdômen.

— Gosta? — pergunto.

— Uau! — Ri sem jeito. — Você malha firme.

— Malho. — Seguro sua mão e a levo até meu pau ainda coberto. — Gosta?

Seus dedos percorrem a extensão dura do meu pênis, e o sinto pulsar. Maria Eduarda não responde, abre a braguilha da calça, em seguida o botão e a puxa para baixo, deixando-a caída sobre meus sapatos. Suas mãos agora alisam meus quadris, apertam minha bunda e sempre voltam para meu pau, ainda contido pela cueca boxer cinza.

— Gosto muito! Você é...

Puxo-a para um beijo, achando impossível que ela continue a me explorar com as mãos, a falar com tanto tesão sem que eu exploda em minha cueca. É difícil andar com a calça presa nos sapatos, mas consigo encostá-la ao balcão e a erguer a fim de colocá-la sobre ele.

Duda parece um tanto assustada, olhando seus materiais de trabalho, enquanto tiro sua calcinha, revelando sua pequena e rosada boceta. Ela cora desse jeito que eu sempre gostei, e sorrio malicioso.

— Sabe de uma sobremesa que eu gosto desde criança? — Ela nega, e puxo a tigela na qual esteve trabalhando desde que cheguei. — Morangos com chantilly.

Passo os dedos no creme gelado e espumoso e os mostro para ela. Encosto-me mais ao balcão, meu corpo entre suas coxas deliciosas, e passo o creme sobre o bico de seus peitos.

— Theo...

Duda geme quando lambo um, depois o outro, voltando a colocar o doce sobre eles.

— Melhor do que morangos! — falo antes de abocanhá-los novamente, chupando-os com força dessa vez.

Minha mão livre vai ao encontro de sua boceta e a encontra quente, molhada, pulsando de tesão, com o clitóris já exposto e duro, implorando para ser instigado. Molho meus dedos com sua própria lubrificação, brinco com os lábios, volto a esfregar a entrada de sua vagina e, então, dedico-me ao ponto

sensível que tanto quero acariciar.

Passo a língua por cima de suas costelas, indo em direção à barriga plana que tem aquele sinalzinho lindo na cintura e o beijo demoradamente. Minha mão não para de tocar seu clitóris. Duda geme e ofega, e faço um caminho molhado até seu umbigo.

Penetro o orifício com a língua, metendo nele como irei fazer com sua boceta e seu rabo. Ela parece entender a mensagem e se deita de vez sobre a bancada de inox, contorcendo-se e falando meu nome entre gemidos.

Isso é foda demais!

O tesão que sinto por essa mulher não tem limites, beira a insanidade, é como um vício que precisa ser saciado com urgência.

Com um rosnado baixo, apoio minhas mãos em suas coxas e as separo, abaixando-me para ficar na direção que preciso para chupá-la até que me implore para parar.

Foda-se se minha língua ficar dormente, meus lábios ficarem inchados e eu tiver câimbras na mandíbula. Eu só quero Maria Eduarda gritando meu nome enquanto goza uma vez seguida da outra!

25

Theo

O primeiro gemido que ela emite assim que minha língua toca sua boceta suculenta é responsável por causar inúmeros espasmos em meus músculos, contraindo meu abdômen e enrijecendo ainda mais meu pau.

O sabor, a textura, a forma como ela se encaixa perfeitamente na minha boca é incrível. Não me faço nem um pouco de comedido ao puxar o máximo dela, sugar seus lábios, inserir toda a língua em sua caverna úmida e quente. Adoro isso, adoro saber que seu sexo está em minha boca, sendo degustado devagar enquanto sou embalado por gemidos contidos e desesperados.

Ajoelho-me no chão da cozinha e a puxo mais para a beirada. Sorrio ao ver todo o conjunto perfeito de locais para foder molhados de saliva e tesão. Passo os dedos, colhendo um pouco desse néctar íntimo e o espalho por sobre seu sexo sem nenhuma cerimônia, encarando-o, percebendo cada detalhe com o qual venho fantasiando há muito tempo.

É ainda melhor do que imaginei.

Passo o dedo médio ao longo da fenda e sinto Duda estremecer em meus braços, retesando-se quando brinco na porta de seu cuzinho. Sorrio feito um doido por causa dos gemidos dela, sem perceber a princípio que estou gemendo também.

— Você é uma delícia, Maria Eduarda! — Aproximo-me dela de novo. — Quero sentir o sabor do seu gozo jorrando na minha boca. — Chupo exatamente em cima do clitóris, ainda massageando seu rabo com o dedo. — Goza, gostosa!

Volto a sugar, intercalando com movimentos certeiros da língua. Sinto meus cabelos sendo puxados e o peso de seus pés sobre meus ombros. Ela rebola na minha cara sem parar, ofegante, excitada, buscando a liberação do prazer que minha boca está proporcionando.

Estou tão excitado quanto ela, bufando contra sua boceta como um touro nervoso, contraindo meus músculos a fim de controlar meu próprio tesão e não a acompanhar no momento em que gozar.

Adoro sexo oral, sou completamente viciado em chupar uma boceta molhada, gosto da sensação dos sabores em minha língua, da maciez, da textura dos lábios, da virilha, das dobras que escondem o clitóris e, principalmente, deliro ao balançar um grelo com a língua, sentindo-o duro de excitação.

Não há como fingir um orgasmo em um sexo oral. O homem tem que ser muito inexperiente para ser enganado nisso ou ser um fodedor relapso, que não presta atenção à parceira, o que, de forma alguma, é o meu caso.

Cada movimento de Duda me excita, desde a rebolada discreta até quando se esfrega sem pudor na minha cara, usando todo o meu rosto para obter prazer. Ela faz muito isso! A diaba se movimenta forte e rápido, usufruindo do toque do meu nariz, da aspereza da minha barba crescida e da maciez dos meus lábios.

Eu deliro. Meu pau chega a doer na cueca – que já se encontra ensopada onde alberga a cabeça do membro – tamanho o tesão que ela me proporciona apenas por reagir dessa forma a mim: entregue, com luxúria, buscando seu prazer e me usando para isso.

Acelero a língua e aprofundo a sucção sobre seu clitóris, e ela goza em desespero. Escuto o barulho de algo metálico caindo, e a pressão no meu couro cabeludo some quando ela desmorona para trás, deitando-se sobre a bancada. Duda se contorce, rebola, para e volta a se contorcer em claro frenesi. Seus gemidos – quase gritos, na verdade – disputam lugar com a voz da Rainha do Soul, formando um delicioso dueto que nunca mais poderei esquecer.

Aretha Franklin daqui por diante me remeterá a esta noite e a Duda.

Sinto sua boceta, que já estava quente e molhada, ficar ainda mais úmida durante o orgasmo e não me satisfaço apenas em beber seu gozo; movo meu dedo e a penetro a fim de sentir as contrações dos músculos de sua vagina,

sentindo quão apertada ela se mostra e em como meu pau ficará deliciosamente acomodado nessa maciez de veludo encharcado.

— Meu Deus! — ela exclama quando o corpo relaxa. — O que foi isso?

Sorrio ainda entre suas pernas, porém apenas a tocando de leve, reverente. Imagino que, assim como acontece com meu pênis, ela fique sensível depois do orgasmo, por isso sou muito sutil no toque, roçando seus lábios e entrada, evitando o clitóris duro e aparente.

— A melhor sobremesa que já provei! — digo com sinceridade.

Ela ri e balança a cabeça em negativa. Ergo-me e encaixo meus quadris entre suas pernas, inclinando-me sobre ela. Imediatamente fica séria, seus olhos brilhando de satisfação, seu rosto corado pelo orgasmo.

— Quero mais, chef! — sussurro, beijando seu pescoço levemente melado do chantilly, sentindo o pulsar forte em sua veia e seus suspiros de prazer. — Ainda estou faminto!

Os dedos dela deslizam sobre meus cabelos, sem puxar dessa vez, apenas em um carinho gostoso, quase um cafuné. Nunca fui adepto a esse tipo de toque durante uma trepada, sempre fui do tipo que curte mais as safadezas, as porradas, do que os carinhos. Contudo, acho que isso combina tanto com ela que apenas me deixo ser acarinhado.

— Estou à disposição para alimentá-lo esta noite — ela brinca, e eu rio diante da resposta. — Basta me dizer o que quer agora...

— Eu só quero você! — Olho-a. — Apenas você desde que a conheci.

Maria Eduarda prende a respiração com o que digo, e eu também, pois nunca pensei em admitir algo assim para ela. Entreguei-me em suas mãos agora, dei-lhe todo o poder que uma mulher precisa para fazer de um homem gato e sapato. Não é mentira, não quis trepar com mais ninguém desde que a cozinheira cruzou meu caminho, porém, eu não precisava ter confessado isso, nem mesmo ter me exposto dessa forma.

Duda olha para o lado e abre um sorriso estranho. Ergo uma sobrancelha e me afasto levemente quando vejo dedos cheios de chantilly, pensando que ela irá me sujar com o creme, mas não, a diaba só quer me torturar!

Chupa dedo por dedo com a desenvoltura de uma atriz pornô de requinte, seduzindo-me, enviando uma mensagem direta sobre o que deseja fazer agora, e meu pau pulsa contra ela em expectativa.

Ela se ergue, e eu a puxo pela cintura, dividindo com ela a doçura do chantilly em sua boca. Tenho vontade de devorá-la inteira. Aperto-a, esmago-a contra mim, enquanto nossas bocas estão consumindo uma a outra.

Quando sou empurrado para longe, oponho pouca – ou nenhuma – resistência e a vejo descer da bancada (*linda da porra!*) e pegar a tal garrafinha

que estava enchendo de chantilly minutos atrás. Ela aponta o objeto em direção ao meu peito e o aperta, despejando um creme mais espumoso, mais consistente e muito mais gelado do que o que estava na tigela.

— Isso está gela...

Calo minha boca assim que sinto sua língua quente retirar o doce bocado por bocado. Coloca mais, agora sobre minha barriga, em linhas horizontais sobre cada gominho do meu abdômen. Gemo alto quando lambe tudo, esfregando a boca sobre meu corpo.

Antes de remover minha cueca, Duda explora a extensão do meu pau com a boca, usando os dentes para mordê-lo de leve por sobre o tecido. Crispo as mãos e urro, enlouquecido pela mulher aos meus pés.

O estado de tesão em que me encontro faz de mim um homem impaciente. Coloco a mão sobre o cós da cueca e recebo um tapa tão forte que a afasto rindo. *Mandona, gostosa!* Meu riso é silenciado por um soluço quando sinto meu pau sendo engolido por uma boca tão quente e molhada quanto sua boceta, com a vantagem de uma língua roçando e leves sucções.

— Porra, Duda! — gemo e a seguro pelo coque, entranhando meus dedos abaixo dele, mantendo meu pau um tempo no fundo da sua garganta. — Chupa forte, engole tudo!

Deliro quando ela volta para a ponta e afunda novamente em direção à base, devagar, mas com força, do jeito que pedi. Travo a mão livre, fechando meu punho, buscando controle para não explodir em sua boca tão cedo, mesmo já morrendo de vontade.

Ela para de me chupar, e a sensação gelada do chantilly sobre meu pau fumegante causa um arrepio delicioso sobre meu corpo, deixando meus mamilos duros e os músculos instáveis. Bambeio para trás, mas ela me segura com a boca, sugando meu pênis cheio do doce.

Rosno como um louco, já não respiro normalmente, mas bufo, travo os dentes e aperto os olhos fechados. Suas mãos fazem pressão em minhas bolas, e ela golpeia meu membro com a língua, brinca com ele batendo-o em sua bochecha e volta a engoli-lo como se pudesse realmente comê-lo.

Sim! É isso! Estou sendo comido, e é maravilhoso!

— Duda, eu não vou aguentar mais! — decido ser sincero. Tento afastá-la, mas ela não deixa. — Eu vou gozar em breve... — Ela para de se mover, mas sua língua safada continua a me estimular. — Ah, foda-se!

Seguro-a pelos cabelos com ambas as mãos, travo sua cabeça e começo a mover os quadris, fodendo sua boca, a cabeça do meu pau batendo em sua garganta a ponto de eu senti-la se contraindo.

O prazer é indescritível, as sensações são novas e inusitadas, mesmo para

um homem vivido como eu. Tudo com Maria Eduarda tem um *plus*, tudo é mais intenso, profundo e sensível.

A leve contração nas minhas bolas indica que estou pronto. Retiro o pau de sua boca e a olho, parecendo um tanto surpresa, antes de derramar meu gozo sobre seus peitos, urrando como um bicho, mas sem tirar meus olhos dos seus.

Desabo na sua frente, ficando de joelhos a princípio, até apoiar minhas mãos no chão, ofegante e suado. Meus músculos tremem, pulam em espasmos de prazer, minha mandíbula está tensa, meu pau parecendo um vulcão escorrendo lava. Gemo alto quando ela me toca e a encaro sorrindo.

— Você me destruiu! — brinco, piscando.

— Já? — Duda sorri. — Nem comecei ainda!

Porra, mulher!

Puxo-a para um beijo, sentindo-me a porra do homem mais sortudo deste planeta.

— Prova esse. — Ela estende um talo de aipo coberto com um molho, e eu fecho os olhos e gemo ao mordê-lo. — É bom, não é?

Assinto ainda mastigando o vegetal, notando o quanto ela se orgulha de suas criações.

Estamos sentados nas banquetas do bar, à boqueta – confesso que ri desse nome, não consegui não maldar – da cozinha, ambos trajando apenas as peças íntimas. Desistimos de ir para o salão, o que eu adorei, porque lá nunca teríamos essa liberdade, e arrumamos tudo por aqui mesmo.

Duda preparou como aperitivo uns palitos de vegetais e molhos variados, então depois serviu a entrada: carpaccio de salmão com molho de ervas. Estava tudo incrível, mas fiquei louco pelos molhos.

— Eu trabalhei como *saucier* no L'Amande, em Paris — disse quando eu quis voltar para os palitos e provar os molhos que ainda não tinha comido. — Adoro inventar, incrementar ou mesmo transformar uma receita de molho.

— Talvez seja por isso o sucesso dos seus quitutes aqui no Hill? — perguntei descontraído, mas percebi que ela ficou tensa. *Merda!* — Tudo bem, não vamos falar sobre os negócios.

— Desculpa — disse ao morder uma cenoura com *dip*[24] de atum. — Não sei se o "sucesso" do bar vem de uma coisa isolada, Theo, acho que é uma reunião de muitas coisas.

— Sim, deve ser. — Limpei a beiradinha de sua boca com o dedo e depois o chupei. — Comi seus bolinhos aqui e uma vez com Millos. São espetaculares, embora eu não tenha provado os molhos. — Ela sorriu ante o elogio. — Você tem talento, Maria Eduarda, não só para trabalhar em cozinha francesa, mas para qualquer tipo de cozinha.

Ela aceitou o elogio com um sorriso e foi buscar o prato principal: risoto de arroz selvagem com frutos do mar. Comentei sobre a surpresa de um jantar todo italiano, já que esperava comer algo francês, e ela disse que eu já tinha experimentado sua culinária francesa no baile e que quisera variar.

— Não gostou? — indagou.

— Está tudo delicioso!

E realmente estava! A comida, o vinho, o blues ao fundo, a mulher que me fazia companhia. Perfeito!

Como tínhamos comido o chantilly antes da refeição – e bem comido, diga-se de passagem –, optamos por deixar a sobremesa para mais tarde e ficamos conversando. Narrei a ela algumas experiências gastronômicas que tive em viagens, e ela me contou algumas histórias do restaurante onde trabalhara com o chef Angelot.

Acabamos voltando para os aperitivos, e por isso estou aqui, comendo talos de aipo com um molho de *blue cheese* incrível!

— Vou poder passar a noite com você hoje? — disparo a pergunta, enquanto ela mastiga um palito de pepino.

— Aqui?

— No seu apartamento. — Aproximo-me e passo a mão em seu rosto. — Quero foder você em alguma superfície que não seja de preparação de alimentos.

Ela fecha os olhos, geme, e meu pau, já acordado desde o prato de entrada, dá uma pulsada na cueca.

— Sim...

Abro um sorriso por causa da resposta.

— E sua tia? — Duda me encara com a testa franzida. — Ela quase nos pegou no flagra no sábado de manhã, então deduzi que mora com você.

— Mora, mas está viajando de férias.

A notícia não poderia ser mais perfeita! Não disfarço minha satisfação e a beijo.

— Podemos subir com a sobremesa?

Ela gargalha.

— Podemos, sim! — Levanta-se. — E o seu som?

Olho para a vitrola ao nosso lado, já tocando a última faixa do lado b do disco, e dou de ombros.

— O único som que me interessa agora são seus gemidos enquanto goza no meu pau.

Maria Eduarda respira fundo, cora levemente e sorri.

— Vou pegar a sobremesa!

Sai apressada em direção à câmara fria, e eu também me apresso em desligar o toca-discos, guardar o LP dentro da capa e pegar a garrafa de vinho – a segunda da noite – e as taças, pronto para subir.

— Não vai vestir nada? — ela questiona, colando a torta sobre a bancada e recolhendo seu vestido. — Não tem acesso por dentro, teremos que sair.

Faço careta.

— Vou sair de cueca, você se importa? — Ele ri e nega. — Ótimo, só vou recolher minhas roupas para não descer amanhã pelado.

Duda para.

— Vai ficar até amanhã? — sua pergunta é cheia de surpresa.

— Era o que pretendia. Não posso?

Ela suspira.

— Pode, sim. — Ela não parece tão segura disso. — Eu só não imaginei você ficando a noite toda.

É, Duda, nem eu!

A programação era vir jantar, trepar aqui no bar mesmo e voltar para casa satisfeito e exorcizado da cozinheira. Todavia, percebi que estava tentando enganar a mim mesmo. Uma trepada com ela nunca será o bastante para tirá-la do meu sistema, eu preciso de mais!

— Eu vou ficar se você quiser — respondo firme.

Ela sorri, vestido posto – sem calcinha, eu notei – e doce na mão.

— Eu quero!

Puta que pariu!

Um frisson transpassa meu corpo ante a expectativa de fodê-la a noite toda.

Quem sabe assim não consigo...

Rio de mim mesmo, interrompendo a linha de pensamento. Não quero me enganar de novo, e algo me diz que, depois desta noite, vou querê-la mais e mais!

26

Duda

Abro a porta do apartamento e respiro fundo. Nunca tive um homem na minha casa, nunca ninguém dormiu na minha cama ou fez sexo comigo por aqui. Este era o lar que eu dividia com minha família, nunca quis misturar as coisas, nem mesmo cheguei a pensar nessa possibilidade.

Além disso tudo, a presença de Theo aqui é estranha. Eu sei que fizemos um acordo implícito de não falar dos negócios, de esquecer que ele é o CEO da Karamanlis e que eles têm lutado durante anos para destruir tudo isto aqui, mas dentro de mim há uma voz insistente que martela isso o tempo todo.

Fecho os olhos quando sinto as mãos dele enlaçando minha cintura e me puxando para perto do seu corpo. Fiz com que colocasse as calças, pelo menos, mas seu dorso continuou nu, e o contato entre nossas peles é suficiente para me agitar. Não entendo essa química existente entre nós! Desde que nos encontramos naquele restaurante, parece que o ar vibra a nossa volta.

— Relaxa — ele murmura em meus ouvidos, seus braços firmes na minha

cintura. — Esquece tudo, Maria Eduarda, pensa só em nós dois.

Assinto e dou um sorriso leve.

— É um pouco estranho você aqui — confesso.

— Eu sei, senti isso desde que colocou a chave na fechadura. — Beija minha nuca. — Vamos direto para seu quarto, nem precisa acender as luzes se se sentir melhor assim.

Faço o que ele pede, gostando da sua sensibilidade com relação à intimidade da minha família. Sei que será inevitável que ele olhe todo o ambiente, afinal, disse que irá embora de manhã, mas esse tempo que está me dando é muito precioso para que eu me acostume à sua presença aqui.

Abro a porta do quarto e acendo uma luminária. Coloco a *tarte tatin* em cima da cômoda do quarto e, ao lado, o sifão com chantilly. Theo faz o mesmo com a garrafa de vinho e as taças em sua mão, em seguida põe sua camisa sobre a poltrona de leitura do papai.

Olho para ele sem jeito.

— Você quer comer...

— Você. — Desliza as alças do meu vestido pelos ombros. — Agora!

Suspiro quando ele esfrega sua boca no meu ombro direito, indo em direção ao pescoço, subindo até a orelha, onde posso ouvir sua respiração entrecortada, quente, arrepiando todo os pelos do meu corpo.

A ponta de sua língua brinca na minha orelha, contorna, balança o lóbulo, até lambê-la completamente. Meu corpo se esquenta ainda mais, sinto as coxas meladas e escorregadias, o coração pulsa forte, assim como meu sexo. As mãos de Theo seguram firme os meus seios, estimulam os mamilos, enquanto sua boca devora minha orelha e pescoço.

— Estou louco para sentir você — sussurra, e sinto seu toque no meio das minhas pernas, afastando-as um pouco para ter melhor acesso. — Porra, Duda, você está encharcada!

— E melada também. — Lembro que ainda não tomamos banho.

— Você se importa? — Theo me encara. — Quer tomar um banho...

Coloco a mão sobre sua boca e nego.

— Quero você!

Ele geme e abre a boca, sugando meus dedos para dentro dela, chupando-os com força.

— Pega meu pau — ordena.

Uso a mão molhada com sua saliva para fazer o que me pediu, invadindo sua calça aberta e a cueca. Fecho os olhos e estremeço ao pegar o membro duro e muito, muito quente, deslizo por seu comprimento e encontro a ponta tão molhada quanto eu estou.

Theo me beija, e eu uso de sua própria lubrificação para masturbá-lo bem gostoso, com movimentos firmes e rápidos. Ele, claro, retribui o carinho, fodendo-me com os dedos e estimulando meu clitóris com o polegar.

— Caralho! — Afasta-se, jogando a cabeça para trás, gemendo enquanto eu toco seu pênis com mais força.

Theo retira os dedos de dentro de mim e espalha a umidade de dentro da minha boceta por sobre ela, estimulando-a inteira com a mão espalmada, mexendo com os lábios, clitóris e entrada.

Nossos movimentos são frenéticos, e, quanto mais ele me atiça, mais o castigo com a mão. Sinto que posso gozar em breve se continuar assim, mas ele tem outros planos. Assusto-me quando me segura pela cintura, carregando-me até a cama e me põe de quatro sobre a beirada do colchão.

— Abaixa o tronco. — Faço o que ele pede. — Porra!

Geme, e eu me preparo para a invasão de seu pênis, porém mais uma vez sou surpreendida com sua boca me comendo como um desesperado. Ele mantém minhas nádegas separadas e sorve toda a lubrificação, lambendo de forma abrangente, desde o ânus até o clitóris e voltando em direção contrária.

Rebolo involuntariamente, e ele desfere um tapa no meu bumbum.

— Gostosa!

Volta a me chupar, fazendo movimento de mastigação com os lábios, estimulando meu sexo de uma forma que ninguém nunca fez antes. Sinto-me sendo verdadeiramente degustada, devorada, comida por ele.

A sensação é incrível, minha cabeça está leve, meus olhos não focalizam nada, sinto-me inebriada de tesão, como se houvesse uma nuvem densa envolvendo meu corpo, deixando minha pele molhada, meus sentidos alertas e cada parte de mim no mais alto grau de sensibilidade.

Tudo me excita!

Meus mamilos roçam na colcha da cama, eriçando minha pele. A barba de Theo arranha o local sensível onde fica meu clitóris, mesmo quando ele se dedica à minha entrada, deixando-me em estado constante de estimulação e desejo.

O quarto está quente, meus cabelos grudam no rosto, minha pele está toda pegajosa por causa do chantilly que ele usou sobre mim, e o cheiro de sexo já domina todo o ambiente, deixando tudo ainda mais imoral, decadente e terrivelmente sexy. Gemo alto quando sinto sua língua penetrar minha vagina e seus dedos se agitarem sobre a carne molhada onde meu clitóris se encontra duro e pulsante.

Agarro a colcha com força e grito quando sinto o orgasmo me tomando de novo, músculos retesando, fôlego suspenso, um líquido quente saindo de mim e

sendo absorvido por ele.

Que loucura é essa?

Não consigo parar de tremer e sinto pequenos choques em minha área íntima. Desabo na cama, enrolando-me com uma bola, abraçando minhas pernas e escuto a risada arrogante de Theo. Ele sabe que o gozo foi muito forte e que estou até agora sentindo os efeitos dele.

Uma sombra me encobre, quente, suada e cheirosa. Theo está sobre mim, mãos apoiadas no colchão, sorriso malicioso e olhos brilhando. Começo a sentir meu corpo relaxando, e ele beija meus braços, seguindo para minhas pernas e depois volta até minha orelha.

— Posso te chupar assim uma noite toda se quiser, mas agora preciso te foder.

De repente sou puxada pelas pernas, encaixada contra os seus quadris e tenho meus braços presos contra a cama, acima de minha cabeça.

Theo me olha de um jeito muito intenso, libera uma das suas mãos e segura seu pau, apontando-o, já devidamente vestido com uma camisinha, para a minha entrada.

— Fiquei dias tentando imaginar o sabor da sua boceta. — Sorri. — É muito mais gostosa do que eu poderia sonhar. — Esfrega seu pau na minha entrada, e eu arfo de tesão. — Imaginei como seria sua boca no meu pau e nem cheguei perto das sensações que isso me causou. — Ele se esfrega novamente e geme. — Agora só preciso sentir meu pau sendo sugado para dentro de você, sufocado na maciez de sua vagina, afogado em seus caldos deliciosos.

Mal termina de falar e, com uma estocada firme, penetra-me.

Gemo e me contorço, trêmula, necessitada dele de tal forma que nunca me senti antes. Preciso que ele se mova, por isso o estimulo rebolando os quadris. Theo solta minha mão e me segura pelas nádegas, fazendo-me parar.

Olhos fechados, dentes trincados, é assim que ele se encontra. Posso ver uma veia do pescoço pulsando, mas ele não se move. Nossos corpos estão ligados, seu pau está bem fundo dentro de mim, sinto-o pulsar estimulando os músculos da minha vagina, mas ele não se mexe.

— Por favor... — imploro.

Theo abre os olhos.

— Por favor o quê? — fala entredentes.

— Me fode!

O som que ele emite ao me ouvir falar isso é como um doloroso urro. Segura firme minhas coxas, erguendo-as e as afastando ao mesmo tempo e então começa a socar dentro de mim como um louco.

O ritmo é intenso. Eu sinto tudo girar enquanto ele entra e arremete com

força, em ritmo cadenciado. Já não presto atenção a mais nada, apenas ao que sinto, ao poder de suas estocadas, ao seu pau em meu interior.

Theo se deita sobre mim, e aproveito para enlaçá-lo com as pernas, o que o permite ir mais fundo. Gemo.

— Isso! — Já não respondo por mim, sou apenas uma chama ardente, um misto de sensações. — Mais, Theo, mais!

Ele aumenta o ritmo, e o sigo com os quadris.

— Rebola comigo! — pede. — Sente meu pau batendo bem lá no fundo! — Sinto, e ele geme. — Foda! Você é gostosa pra caralho!

Desaba sobre mim e gira, pondo-me por cima.

Eu me ergo e sento nele, rebolando empalada no seu pênis. Theo segura meus seios. Jogo a cabeça para trás e continuo a me movimentar.

— Me come, Duda! — sua voz é desesperada. — Me engole inteiro, cavalga no meu pau até que ele exploda dentro de você!

Mudo a posição, apoiando meus pés sobre a cama e começo a quicar sobre ele. Inclino-me para trás, seguro em seus joelhos e o escuto xingar com a visão do meu corpo aberto para ele, seu pênis entrando e saindo de mim, meus seios pulando e eu enlouquecida, gemendo sem parar.

— Porra, Duda! — Ele se senta e me abraça forte. — Goza comigo! — Trava meus quadris e mete como um louco. — Goza comigo, porra!

Assim que sinto seu pau pulsando forte, liberando o gozo, explodo junto. Meus joelhos não aguentam meu peso, e me sento por completo sobre seus quadris, agarrando-me a ele como se estivesse me afogando em meu próprio prazer.

Theo também não se controla e geme alto, apertando meu corpo contra o seu, tremendo todo e molhado de suor.

Ficamos assim por muito tempo, tanto que nem sei precisar. Nós nos movemos apenas quando a respiração de ambos começa a normalizar e os músculos param de tremer.

— Isso foi foda! — afirma passando a mão no meu cabelo.

Assinto ainda com a cabeça deitada em seu ombro.

Puta merda, que homem é esse?

Abro os olhos sentindo a claridade do sol bem no meu rosto. Viro-me na direção oposta à janela, porém, bato em um corpo quente e suado ao lado do

meu. Abro um sorriso ao ver Theo com o rosto colado no travesseiro, completamente apagado depois da intensa noite que tivemos.

Ah, foi tudo tão bom!

Subo a mão até seus cabelos, notando os fios brancos, principalmente nas têmporas, mas recuo antes de fazer o carinho pretendido, pois isso não cabe entre nós. Apesar de ele ser um amante atencioso, carinhoso, estávamos no meio do ato sexual; agora, não. Um carinho neste momento seria fora de propósito.

Como se percebesse que está sendo observado, ele abre os olhos e me encara. Sinto-me impactada pela cor magnífica de suas íris, mas não mais do que pelo sorriso preguiçoso e o carinho em minha cintura nua.

— Bom dia! — sua voz é ainda mais grave pela manhã.

— Bom dia! — Sorrio de volta. — Esqueci de fechar as cortinas e o sol me acordou.

Ele franze o cenho e levanta o braço a fim de ver as horas em seu relógio. Bufa e balança a cabeça.

— Foi providencial, já estou atrasado. — Gira na cama, ficando de costas e me puxa para seu peito. Gosto que ele seja assim, dependente de contato, porque eu sou, mas talvez nunca tomasse a iniciativa com ele. — Tinha treino hoje de manhã, mas acho que todo o exercício da noite supriu essa necessidade.

Rio, concordando. Estou me sentindo um pouco dolorida, confesso, afinal, quase não faço nenhuma atividade física por falta de tempo. A noite foi maravilhosa, intensa e muito sensual.

Depois que desabamos cansados na primeira vez, tomamos banho, bebemos vinho e comemos a torta na cama. Mais uma vez a comida se tornou um brinquedo nas mãos dele, que se divertiu com o sifão de chantilly, colocando o creme gelado sobre meu corpo todo. Tomamos um segundo banho juntos, de água gelada, porque meu ar ainda está quebrado e estava um calor dos infernos.

Ficamos um tempão no chuveiro, beijando, tocando, e novamente ele estava duro e dentro de mim, comendo-me contra o azulejo. Nunca vi tanta disposição, preciso dizer, e uma recuperação tão rápida depois de um orgasmo. Acabamos fazendo sexo na cama, ambos molhados, porque estávamos sem camisinha no chuveiro e nenhum dos dois achou prudente isso.

— Ei! Voltou a dormir? — ele me chama, e eu abro os olhos, deixando as lembranças da noite anterior para trás.

— Não. Vamos levantar, né? — Faço o movimento para me sentar, mas ele me detém, segura minha mão e a leva até seu pau. — É sério?

Ele ri e me encara.

— Parece brincadeira? — Geme quando movo meus dedos sobre seu membro duro. — Esse é um estado constante quando você está perto.

— Hummmm... — gemo e me levanto. — Muito interessante, doutor.

— Não me chama assim. — Geme. — Não com sua mão no meu pau.

— É mesmo? — Abaixo-me e passo a língua em sua glande. — E se eu estiver com a boca nele? Do que devo te chamar?

Abocanho-o e tento descer o máximo que consigo, engolindo-o. Os gemidos despudorados dele ressoam no quarto. Simplesmente adoro o jeito como ele geme! Theo não é nada silencioso fazendo sexo. Ele fala, geme, rosna e, quando goza, emite um som muito sexy e tem uma reação violenta, ficando trêmulo e sensível.

Eu achava exagerado quando lia algum livro que descrevia as cenas de sexo assim, com toda essa sonoplastia extraordinária, afinal meus parceiros – ou a maioria deles – foram muito silenciosos.

Tiro o pênis da minha boca e abro um sorriso pensando que essa é outra coisa que sempre achei boba nos livros. Os paus dos caras sempre são perfeitos, grandes e grossos e estão sempre duros. Seguro-o firme pela base e reparo o belo exemplo na minha mão. Sim, existem! Não tenho como precisar os centímetros, afinal, não sou uma régua ambulante, mas é um dos – ou mesmo o – maiores que já vi. Minha mão mal se fecha em sua circunferência, e sobra muito acima dela.

Escuto a risada rouca do Theo.

— Você está analisando meu pau?

Sinto as faces corarem, mas admito.

— Ele é bonito! — Toco a ponta com o indicador da mão livre. — A ponta é bem mais vermelha que o resto, e ele tem esse formato tão...

— De pênis? — debocha.

— É, mas desses de plástico, feitos em formas, perfeitos!

— Hum... — Sua mão afasta a minha, e ele o segura com força. — Então você o acha perfeito? — sua voz soa arrogante, mas sexy. — Então ele merece mais agrado, não?

Rio.

— Você não vale nada!

— Nunca disse o contrário! — responde rindo e balança o membro em meu rosto antes de puxar minha cabeça até ele. Imponho um pouco de resistência, desviando-me, rindo, dando só umas linguadinhas, mas então ele perde a paciência e manda:

— Chupa, Maria Eduarda!

Engulo-o de uma só vez, com força, chupando firme e não paro até o ouvir gemer forte. Theo implora para eu parar, tentando me deter para trepar comigo, mas não consigo. Tê-lo em minha boca, tão desesperado assim, dá-me uma sensação de poder inebriante, e tudo o que quero é levá-lo à loucura.

Ele insiste que eu pare, mas então xinga e segura minha cabeça, mantendo-me fixa com seu pau na minha garganta e goza como um louco.

Sinceramente eu não tinha pensando nisso e fico meio sem saber o que fazer com seu esperma na minha boca, então me levanto correndo e cuspo na pia do banheiro, sob as risadas dele ainda na cama. Acabo rindo junto, pegando a escova de dentes e o enxaguante bucal.

— Isso é um ótimo jeito de acordar! — diz ao entrar no banheiro. — Mas eu queria te foder mais um pouco.

Rolo os olhos e entrego uma escova novinha para ele.

— Não cansou ainda? — pergunto brincando, mas ele fica sério.

— Você já? — Encaro-o pelo espelho e nego. — Nem eu! Se pudesse, ficaria aqui nesse quarto, preso o dia todo, descobrindo mais e mais formas de te fazer gozar.

— A ideia não é ruim. — Pisco. — Manola já se encarregou das compras, posso ficar aqui até às 14h.

Ele beija meu ombro.

— Tenho reunião daqui uma hora. — Suspira parecendo chateado. — Vou tomar um banho. Você vem?

— Não, acho melhor preparar um café. Aceita?

Ele entra no chuveiro, e eu fico olhando maravilhada para o seu corpo perfeito, cheio de músculos trabalhados, lembrando como ele o usa bem, como se movimenta, como mete fundo dentro de mim e rebola gostoso.

— Essa pergunta é como perguntar para o macaco se quer banana!

Sua resposta bem-humorada me faz sair do transe contemplativo, e vou para a cozinha correndo, pensando onde coloquei o pó especial que ganhei e se ele prefere expresso ou filtrado.

Acabo fazendo o café na prensa francesa – coisa que adoro. Por sorte, achei o pacote lacrado a vácuo do café orgânico que quero que ele experimente. Sirvo uma caneca para mim e outra para ele e entro no quarto.

Theo já está vestido, cabelos úmidos e penteados, o cheiro de lima da Pérsia do meu sabonete se juntando ao do café.

— Ah, agora, sim! — Toma um gole da bebida. — Delicioso!

— Prensa francesa. — Rio. — Eu nem sei onde minha tia escondeu a máquina de expresso, mas ela é de cápsula, então não adiantaria, pois não tenho mais nenhuma.

— Está perfeito. — Beija-me. — Obrigado!

Fico sem jeito e tomo um gole do café, observando-o se sentar na beirada da minha cama para calçar os sapatos, colocando a caneca na frente da foto de Tessa.

— Nem perguntei se você quer algo para comer... — Ele me olha com a sobrancelha levantada e um sorriso malicioso. — Não, sério! Quer um pedaço de torta?

— Não, Duda. — Pega a caneca e fica um tempo olhando a foto. — Eu só tomo café pela manhã. — Espero vir a pergunta sobre quem é a menina, mas ela não vem, e ele se levanta. — E ontem já fizemos uma orgia... alimentar com essa torta. — Abraça-me. — A noite foi incrível. Obrigado pelo jantar e pelas sobremesas, antes e depois. — Sinto uma sensação estranha, como se ele já tivesse conseguido o que queria e agora... *Não, Duda, não siga por aí! Vocês dois não têm nada um com o outro, foi só sexo!* — Eu preciso ir.

Assinto, pego a caneca, parcialmente vazia, e o acompanho até a porta principal. Ele passa pela sala sem nem mesmo olhar para os lados e espera que eu abra a porta antes de se despedir.

— Posso te ligar? — pergunta, e eu me surpreendo.

— Pode.

Sorri e me beija, lambendo meus lábios antes de se separar.

— O café fica ainda mais gostoso nos seus lábios. — Pisca safado e sai.

Fico observando-o descer as escadas, abrir a porta da rua e desaparecer com uma sensação esquisita, como se ele nunca mais fosse voltar. Rio de mim mesma e fecho a porta, encostando-me a ela. Não seria nada de mais se não voltasse a me procurar ou mesmo se só retornasse para tentar comprar o Hill de novo.

O simples pensamento causa um aperto em meu peito, e eu gemo.

Ai, merda, Duda, o que você está fazendo?

27

Theo

Maria Eduarda desce devagar sobre meu pau, e sinto na minha pele a quentura de seus líquidos enquanto vejo meu membro, centímetro por centímetro, ser engolido por sua boceta. Gemo sentindo tamanha delícia, querendo que nunca termine...

— Tudo bem, doutor?

A voz de Rômulo me faz pular na cadeira, e eu limpo a garganta antes de responder:

— Tudo, só dormi pouco essa noite!

Ele franze o cenho.

— Parece que ouvi o doutor gemer de dor. Se quiser, tenho analgésicos e...

— Não, tudo bem. — Abro o arquivo que deveria estar lendo em vez de ficar cochilando e sonhando com a cozinheira. — A dor é suportável.

Ô, se é!

Sinto os cantos da minha boca se repuxarem para um sorriso, mas o

contenho, tentando focar no trabalho. Já tive muitas fodas que duraram a noite inteira e nem por isso me senti disperso no dia seguinte. Eu devo estar mesmo ficando velho!

Concentro-me no relatório de venda de um lote de apartamentos que recém-inauguramos, satisfeito por ser o último projeto residencial que fazemos. A Karamanlis agora só irá se concentrar em empresas, deixando a parte de moradias com outras empresas. Nós ofereceremos os locais, e as grandes construtoras, como a Novak, executarão os projetos.

Alex e a K-Eng ficarão responsáveis pelos projetos de multinacionais que se instalarão no Brasil de agora em diante, entraremos em concorrências públicas para grandes obras e seremos reconhecidos como a maior montadora de estruturas empresariais do Brasil.

É um enorme alívio deixar de me preocupar com o lar alheio, essa é a verdade. A Karamanlis não faz isso na Grécia, lá nós montamos hotéis, parques, resorts e até navios – na parte de estaleiro –, mas não mexemos com residências. Montar a casa de alguém é algo que tem um significado muito grande, e sempre havia conflito entre a empresa e a divisão dirigida pelo Alex.

Meu irmão é muito idealista e sempre acreditou que, mesmo a um apartamento de 40 metros quadrados, precisávamos dar a mesma atenção que a de um de 800. Ele queria usar os mesmos materiais nobres, acabamentos de primeira linha e cobrar preços populares, alegando que todos têm direito a moradia digna. Sempre ficou puto por vendermos esqueletos e por, além da dívida para comprar o imóvel, o proprietário ainda precisasse reformar o apartamento.

Concordo com ele em como isso é ilógico, reformar algo que acabou de ser construído, mas para esse tipo de negócio não dá para entregar algo de alto padrão e cobrar como popular. O mundo não é justo, principalmente nos negócios, e ele precisa entender isso.

O que fiz que o agradou muito, diferente da gestão do meu pai, foi prezar por uma estrutura de qualidade, que não apresentasse qualquer problema ao longo dos anos. Nikkós foi um grande babaca que, se pudesse, construiria os prédios populares com areia de praia, como já aconteceu aqui no Brasil uma vez.

Termino de ler a última folha com o certificado de conclusão da obra emitido pela prefeitura – conhecido como “habite-se” – liberando os imóveis para serem ocupados. O passo agora é nossa área de corretagem começar a entregar a chaves para cada comprador e finalizar os registros – em nome de cada um ou do banco financiador. A Karamanlis ainda ficará alguns anos respondendo por qualquer dano estrutural, tendo que fazer manutenções quando for verificado que o problema foi na execução da obra.

No entanto, isso, ainda bem, não é comigo!

Assino a última folha e sinto um alívio enorme, pensando que entregamos as últimas unidades domiciliares da Karamanlis. Agora cada família pode se mudar – ou alugar – seu apartamento e seguir a vida.

Imediatamente pequenas lembranças sobre o local onde dormi – ou quase – na noite passada vêm à minha mente. Duda estava muito à vontade na cozinha do Hill, mas ficou um tanto tensa quando adentramos em seu apartamento.

Não notei muita coisa quando cheguei, na verdade, minha concentração estava toda na mulher comigo, mas hoje de manhã percebi que o local parecia bem antigo, que a reforma feita no andar debaixo não se estendeu à casa. Os móveis da suíte dela são antigos, embora funcionais, o acabamento do banheiro me remete há pelo menos vinte anos, e isso me surpreendeu.

Eu esperava, assim como aconteceu com o antigo boteco do pai, que o apartamento estivesse reformado, afinal, o Hill já está dando lucro suficiente para isso. O que será...

Ah, merda! Claro! O agiota!

Lembro-me da promissória da qual temos posse e da fala de Millos sobre o tal agiota ter recebido juros altíssimos de Duda durante todos esses anos. Provavelmente ela só quis investir nos negócios, afinal, é o que a mantém, e deixou seu próprio conforto e o da tia para depois.

A imagem da foto em sua cabeceira me faz questionar quem é a menina.

Tive vontade de perguntar, mas não quis me intrometer tanto em sua vida pessoal. Talvez seja uma prima, a filha da tia que mora com ela, ou mesmo uma afilhada. Mesmo eu, que nunca pensei em ter filhos, tenho um pequeno afilhado de quase três anos, o pequeno Andreas Villazza, filho caçula do Frank.

O fato é que a menina me impressionou com sua beleza, sorriso e espontaneidade na foto. Com certeza a garota daria uma ótima modelo infantil com seus cabelos longos e claros, quase loiros, olhos enormes e verdes em um rosto redondinho e com covinhas nas bochechas.

Rômulo aparece em meu campo de visão, tirando-me dos pensamentos sobre Duda Hill e me entregando uma xícara de café.

— Acho que pode melhorar seu ânimo.

— Obrigado, Rômulo. — Estendo-lhe a pasta com os papéis que já assinei. — Encaminhe ao setor competente.

Meu assistente volta para sua mesa e começa a mexer no sistema interno da Karamanlis, enquanto eu saboreio o café que tanto adoro. É impossível não me lembrar do que eu tomei hoje de manhã: delicioso!

Nunca gostei de prensa francesa. Essa coisa de cozinhar o pó e depois separá-lo da água não me enchia os olhos, mas tive que engolir meus

preconceitos e me render à deliciosa bebida feita pela Maria Eduarda. O pó – um excelente grão, se meu paladar não me enganou – fez muita diferença, claro. Contudo, Duda já me provou o quanto é habilidosa na cozinha.

E na cama também!

Chego a sentir um frio na barriga e meu pau dá uma acordada. Emito um grunhido baixo, tomo o café expresso que Rômulo me entregou e tento tirar de vez a mulher da minha mente. Foi uma foda deliciosa, um clima muito gostoso e tudo o mais, porém, foi só isso!

A ideia original era aproveitar ao máximo a noite com ela, desfrutarmos juntos do prazer na hora do sexo e depois cada um seguir com sua vida, como geralmente ocorre comigo. É verdade que nunca fui homem de uma transa só. Já aconteceu, mas, na maioria das vezes, ainda fico um tempo, repito mais vezes e, invariavelmente, acaba. Por causa do meu compromisso de achar uma mulher para me estabelecer e ter um filho, não penso em manter nenhuma relação – ainda que sexual – com a cozinheira. Depois da noite juntos, esse tesão frustrado irá embora, e eu voltarei a ser o homem racional de sempre.

Rio de mim mesmo, girando a cadeira para a vista da Paulista. Eu vou voltar ao Hill, é inevitável, pois, na saída, acabei deixando minha vitrola e discos lá na cozinha do restaurante, então terei que voltar. Não que eu esteja ansioso para isso ou tenha esquecido lá propositalmente para ter uma desculpa. Apenas aconteceu, e terei de ir.

Não precisa ser hoje, nem mesmo amanhã. Dou de ombros, sentindo-me no domínio da situação, senhor dos meus desejos. Posso ir, quem sabe, na próxima segunda-feira para não atrapalhar o trabalho da Duda ou mesmo ter de esperar que ela feche o bar.

Uma batida à minha porta me traz de volta à realidade. Eu estou na Karamanlis, em pleno horário de expediente!

— Entra! — grito e espero um dos meus irmãos colocar a fuça na porta. Se não foi anunciado pela Luíza, só pode ser Kostas ou Alex. Millos também nunca o é, mas meu primo está de férias, então é óbvio que não é ele.

Kostas aparece, entrando na sala se achando o próprio rei da Inglaterra, com seu terno inglês – que ele faz questão de usar completo, inclusive com colete – e se senta na cadeira em frente à minha mesa. Não o cumprimento, afinal, foi ele quem entrou na *minha* sala, apenas o encaro com minha sobrancelha erguida.

— Millos me pediu ajuda, antes de viajar, para dar andamento à papelada do Village — informa despreocupadamente, como se tivesse passado a noite comigo e com Rômulo.

— Já estava enviando para seu setor, doutor — Rômulo comunica.

Kostas o ignora, e franzo o cenho, cruzando os braços na altura do peito.

— Fiquei responsável pela locação das lojas no entorno do boteco dos Hills. — O assunto me desperta. — Fiz uma reunião com os corretores, e alguns já tinham pedido de locação em aberto e...

— Ainda não estou convencido sobre isso — interrompo-o.

— Millos e eu concordamos. — Dá de ombros. — Se precisarmos levar isso até o conselho para ser decidido com a razão e não por uma competição idiota que você tem com Nikkós, eu mesmo pedirei a pauta! — Ele ri e se aproxima, falando baixinho: — Nunca se cansa disso?

Crispo as mãos, pronto para mandá-lo à puta que o pariu, mas noto que Rômulo está atento à conversa.

— Rômulo, o doutor Konstantinos vai levar os documentos. Não é necessário que você chame o pessoal da correspondência.

Kostas ri em deboche, seus olhos azuis um tanto cerrados. Odeio quando ele faz isso!

— Eu só vou incluir aqui no nosso sistema...

Kostas ri, interrompendo-o.

— Em plena era da tecnologia digital, você vai me fazer assinar algum tipo de caderninho? — debocha. — Onde foi que você achou essa peça de museu, *querido irmão*?

— Rômulo, entregue o documento ao doutor Karamanlis. Eu mesmo me responsabilizo. — Levanto-me. — Se era só isso, Kostas — Rômulo deixa a pasta em cima da minha mesa; pego-a e a estendo a meu irmão —, pode ir agora.

— Está me dispensando? — Põe-se de pé.

— Acho que isso foi óbvio demais até para você. — Ele pega a pasta, e meu telefone toca, aparecendo o nome de Viviane na tela. Rejeito a ligação e volto a encará-lo. — Algo mais?

— Sua sócia pode ter algo importante para falar contigo — a arrogância retorna, e eu me surpreendo por ele saber de Viviane. — Não seria melhor atender?

— Eu não tenho sócia, ela é uma amiga — respondo sério, dando uma olhada na direção do Rômulo. Tudo o que eu não preciso é de boatos sobre eu ter uma empresa paralela circulando nos corredores da empresa. — Kostas, eu estou ocupado...

— Amiga? — Ri. — Isso é uma espécie de título honorífico? — *O quê?!* Bufo impaciente. — Não entendeu? Funciona assim: você fode com a mulher por um tempão, mas aí se cansa e lhe dá o título de amiga para ela não se sentir mal e ainda achar você um cara legal.

— Vá se foder, Kostas! — Irrito-me e caminho em direção à porta. — Sai.

Ele finge não me ouvir.

— Eu fiquei bem curioso com a ascensão dessa mulher. Trabalhava em galeria de artes e agora é uma grande investidora, descobridora de talentos, respeitada no *métier*. — Encara-me sério. — Ou será que ela tem um *amigo* por trás dela?

Sorrio, parecendo frio, embora esteja com vontade de socar essa cara grande.

— Pelo que eu sei, ela tem *muitos* amigos. — Dou de ombros. — Suas insinuações não o levarão a lugar algum.

— Imagino que não. — Vem em minha direção. — Você é esperto e conhece bem o estatuto, não iria arriscar seu tão pleiteado posto de CEO por um hobby. — Ele acena para o Rômulo. — Quando eu assumir a diretoria executiva, Rômulo, te ponho para reciclar os papéis da empresa, já que gosta tanto deles!

Meu assistente arregala os olhos, e Kostas sai da sala do mesmo jeito que entrou, sem me cumprimentar ou mesmo fazer um gesto de cortesia. *Babaca!*

— I-isso p-pode acontecer? — Rômulo questiona.

Fico com ainda mais raiva de Kostas por isso. Rômulo só gagueja quando está com alto nível de estresse, e, para deixá-lo assim, precisa ser algo muito sério. Balanço a cabeça em negativa. Sei que posso até perder o cargo, mas tenho certeza de que Kostas nunca seria escolhido para dirigir a empresa.

Trinco os dentes para não demonstrar minha exaltação na frente de Rômulo. Como foi que Kostas descobriu tanta coisa sobre minha vida? Porque ele estava muito seguro do que estava falando! Ele sabe que sou eu quem injeta dinheiro na empresa da Vivi. Preocupante? Não, ele nunca teria como provar nada, mas ainda assim não gosto de suas insinuações e penso na repercussão que podem ter na empresa e no conselho.

Pego o celular e retorno a ligação de Viviane.

— Oi, Theo! — atende. — Desculpa ter ligado, estava em reunião?

— Quase isso. — Sento-me. — O que houve?

— Marco liberou o galpão dele para que possamos visitá-lo para avaliar uma possível exposição do Valente por lá. — Emito apenas um ruído, sem responder nada, porque é ela quem decide locais, datas e outros pormenores. Eu apenas avalio os gastos e os aprovo. — O local é lindo e tem uma área externa que se liga ao jardim dos fundos da casa dele. — Vivi parece realmente empolgada. — Eu fiquei tão apaixonada que minha festa de aniversário vai ser lá.

Puta merda! Que mancada!

— Feliz aniversário, Vivi! — cumprimento-a, sabendo que ela irá jogar meu esquecimento na cara. — Eu estava ocupado aqui com umas coisas chatas, por isso nem me atentei.

— É a idade! — debocha. — Estou ligando para todos os amigos informando que minha festa será na sexta e feita no jardim da propriedade do Marco e não mais no meu apartamento.

— A coisa está evoluindo entre vocês, então! — brinco com ela. — Já está até fazendo festa na casa dele!

Vivi fica muda um tempo.

— A gente tem que seguir em frente, não é? — franzo o cenho ante a resposta, sem entendê-la. — Mas é isso! Festa, sexta, no jardim do Marco.

— Estarei lá! Feliz aniversário novamente.

— Traga-me um belo presente na sexta, que eu perdoo seu esquecimento! — Ri. — Espero vocês lá, então!

Vocês!

Bufo ao entender que ela confia que irei com Valentina. Preciso decidir essa situação de uma vez por todas. Não dá para ficar em cima do muro, independentemente do que aconteceu entre mim e Duda. Valentina é uma moça doce, inteligente e aparentemente espera que eu assuma algo entre nós.

Bom, a fantasia com a cozinheira já se tornou real, já foi satisfeita. Quem sabe agora eu consiga levar um relacionamento normal com Valentina?

— Para onde, doutor? — Dionísio me pergunta assim que entro no carro.

— Só um minuto, Dio, estou com um pouco de dor de cabeça.

Deito a cabeça no encosto do banco de trás do carro e respiro fundo. A semana foi bem mais corrida do que imaginei, principalmente com eventos bons e ruins que ocorreram.

Na terça-feira, depois do episódio com o Kostas, tive o prazer de comprovar o quanto Wilka Maria é amada e querida por seus companheiros de trabalho. Rômulo me avisou, pouco depois do almoço, que Leonardo – um dos *hunters* – queria falar comigo, e eu o recebi em minha sala.

Eles estavam programando uma festa de boas-vindas para ela com direito a café da manhã – tudo bancado pelo pessoal do setor –, e Leonardo foi me comunicar e convidar para o “evento”. É claro que aceitei.

À noite, já em casa, vi uma mensagem da Duda informando sobre o esquecimento do meu aparelho e se eu iria mandar alguém buscar. Só essa mensagem dela já foi suficiente para me provocar um sorriso e uma ereção monstruosa.

“Muito obrigado por guardar. Mandarei buscar em breve. Como você está?”

Esperei a resposta dela, porém, só a vi de manhã, já que ela a enviou de madrugada.

“Estou bem, trabalhando feito louca. Ouvi seus discos, espero que não se importe.”

Minha mente – nada normal em se tratando de Maria Eduarda – já criou imagens de ela ouvindo Nina Simone e se masturbando, gozando forte e gemendo meu nome. Tive que tocar uma também e saí para o trabalho me sentindo um pouco mais leve.

Respondi a mensagem dela dizendo que poderia ficar à vontade com o aparelho e os discos e lhe desejei um bom dia. Esperei retorno, mas não veio.

Esqueci um pouco essa obsessão pela cozinheira quando cheguei à Karamanlis e já fui logo arrastado para a gerência de *hunter*, onde Wilka Maria abraçava, xingava e segurava o choro ao cumprimentar seus amigos de trabalho.

— Bem-vinda de volta, senhorita Reinol! — cumprimentei-a.

— Para com isso de senhorita Reinol! — brincou comigo. — É Kika! Obrigada por me trazer de volta, eu sei que teve sua interferência nessa questão.

Gosto do jeito despojado dela, principalmente porque conheço sua competência e sei que isso mais agrega ao bom andamento do trabalho do que distrai os outros.

— Já perdi uma gerente excepcional, não poderia perder outra. — Ela abriu um enorme sorriso com o elogio indireto. — Além do mais, meu irmão é um babaca.

— Nisso concordamos plenamente! — Kika levantou sua taça de champanhe – de plástico dourado – cheia de refrigerante. — Espero que ele fique na dele de agora em diante.

— Eu também, embora ainda ache que você poderia se mudar com sua equipe para...

— Os incomodados que se mudem, conhece o ditado, chefe? — Levantou uma sobrancelha, e reconheci a minha própria teimosia nela. — Não vou conceder esse prazer a ele a não ser que seja obrigada.

— Não será — garanti. — Bom, preciso ir. Seja bem-vinda novamente.

— Obrigada!

Virei as costas para ir embora e dei de cara com Kostas na entrada da sala.

— Não se atreva! — comentei ao passar por ele.

— Só vou fazer a política da boa vizinhança. — Riu, e não gostei nada dessa risada. — Fui eu quem a convenceu a voltar; por que não iria cumprimentá-la?

— Tente não ser um babaca! — adverti-o. — Embora isso seja inerente à

sua pessoa.

Kostas gargalhou do meu comentário, e segui para o elevador, sem querer me meter mais nessa tensão entre ele e a *hunter*. Os dois eram adultos; que se resolvessem!

À tarde, entrei em um jatinho alugado e fui para uma reunião no Rio de Janeiro, onde me esperava o presidente geral de uma montadora de veículos francesa. Fiquei o resto do dia em reunião com ele e seus assessores, depois fomos jantar, e segui para o Villazza Barra da Tijuca, onde passei a noite.

Conferi o celular mais uma vez, esperando alguma mensagem de Duda Hill, mas não havia nada. Decidi que também não iria procurar. Em contrapartida, havia várias de Valentina, e acabamos engatando em uma conversa sobre uma exposição que iria começar na galeria de uma amiga dela em Nova Iorque.

Vivi te convidou para o aniversário dela?

Perguntou em certo momento da conversa.

Sim. Você irá?

Respondi sem me comprometer a levá-la.

Sim, claro, somos amigas há muitos anos!
Nos veremos lá, então! Boa noite, Theo.

Fiquei aliviado por ela não ter feito qualquer insinuação sobre irmos juntos. Respondi seu cumprimento, bebi mais umas doses de uísque e dormi.

Quinta-feira de manhã cedo já estava voando de volta para São Paulo, atrasado para uma videoconferência com o pessoal da Karamanlis na Grécia.

Mais uma vez busquei mensagens de Maria Eduarda, mas não tinha nenhuma.

— Melhor assim! — murmurei para mim mesmo antes de entrar no carro e pedir a Dionísio que fosse para a empresa o mais rápido possível.

Só voltei a pensar em Duda à noite, quando um tesão súbito me atacou durante o banho. Aliviei a pressão e comecei a questionar o motivo pelo qual ela não me mandara mais nenhuma mensagem. Nunca estive nessa posição de ficar à espera. Na verdade, acho que já deixei algumas mulheres assim, só com algumas poucas palavras depois da transa e nada mais.

Não é algo bacana de se fazer!, pensei frustrado após o banho, ao piano, tocando *A natural woman* de Aretha Franklin e me lembrando do orgasmo de Duda e do sabor delicioso na minha boca.

— Acho que estou precisando trepar de novo. — Ri de mim mesmo, olhando para minha calça do pijama levantada na virilha.

Voltei a tocar outras músicas tão sexy quanto aquela, sempre me lembrando de momentos com Maria Eduarda. É engraçado analisar quão descontraído e leve eu fiquei com ela, mais do que o normal, em termos de sexo. Obviamente, na hora da transa, eu dispo a frieza do homem de negócios junto com a roupa. Contudo, com Duda foi mais intenso. Eu me entreguei ao momento, e isso não é algo comum, porque, mesmo durante as transas, sempre mantive uma distância segura.

Prova disso foi ter levado o toca-discos para o jantar. Meus discos, minha música, são coisas muito íntimas e a que poucas pessoas tiveram acesso. Eu não toco em público e não fico ouvindo discos com mulheres com quem trepo. Foi inusitado, sem falar que causou uma marca: nunca mais poderei ouvir Aretha sem me lembrar de Duda.

Hoje, sexta-feira, acordei um tanto mal-humorado e cansado. Encomendei o presente da Vivi em uma joalheria de minha confiança, acompanhei duas apresentações de projetos, fechei balanço com o pessoal do Millos – da área contábil da empresa –, mandei mensagem para ele informando o fechamento das contas em ótimo estado, mas não obtive retorno, e troquei uma ou outra mensagem com Valentina.

Pouco antes de sair da empresa para ir à casa me aprontar para a festa da Vivi, recebi o presente dela, um par de brincos com diamante amarelo que eu sei que ela adora. Estava no caminho quando senti o telefone vibrar e o peguei distraído, não esperando mais encontrar uma mensagem da Duda. Fiquei surpreso ao ver que era.

Esqueceu seu equipamento de vez? Já ouvi todos os discos! É presente?

Ri da sua última pergunta.

Não esqueci, só não tive tempo de pegar. Minha semana foi um caos. Gostou do que ouviu?

Achei que ia demorar a responder, mas não, ela estava online.

Muito! Fiz até uma playlist no aplicativo de música do celular e estou obrigando todos da cozinha a ouvir comigo.

Abri um enorme sorriso, o primeiro do dia.

Baixou Aretha também?

Esperei que ela entendesse a referência.

Claro! Tinham umas músicas que eu não conhecia, e estou amando!

Aproveitei o gancho para provocá-la:

Quando toca aí na sua cozinha, você se lembra de estar deitada em uma dessas bancadas, com minha cabeça entre suas coxas e minha língua dentro de você?

Daquela vez, Duda demorou mais a responder. Apenas quando cheguei ao apartamento é que o celular apitou uma mensagem. Já estava entrando no chuveiro, então voltei correndo até o quarto e peguei o aparelho.

Não só quando toca na minha cozinha, Theo. Você estragou Aretha Franklin para mim, sabia? Agora, cada vez que escuto sua música, já quero gozar.

Porra!

Fiquei um tempo segurando o celular, tentando controlar a vontade de ir até o bar com mais meia dúzia de discos, colocá-los para tocar enquanto a fazia gozar de todas as formas possíveis, "estragando" todos os bons cantores para ela.

Respirei fundo e digitei mais uma provocação:

Hum, você tem usado meus discos para se masturbar?

Duda não respondeu, mesmo depois de eu ficar sentado, nu, na minha cama por mais de dez minutos esperando alguma resposta. Nada! Levei o celular comigo para o banheiro, tomei banho, aparei a barba, coloquei a roupa que escolhi para ir ao aniversário de Vivi, e nada!

Desisti de ficar igual a um idiota esperando e silenciei o telefone, enfiando-o no bolso, disposto a curtir a festa da minha sócia, dançar e me divertir – até mesmo trepar – com Valentina.

Como ia beber, Dionísio iria me levar e buscar – se eu o chamasse para tal fim – do aniversário e, por isso, entrei no carro na garagem do prédio. Contudo, assim que ele me perguntou o endereço, senti-me sem ânimo algum, e é assim que ainda me encontro.

— Chefe? — Dionísio me chama, e eu abro os olhos. — O senhor está bem?

— Estou, sim. — Ajeito-me no banco, e meu celular cai do bolso. — Vamos para o mesmo local de sábado passado, você se lembra?

— Claro! — Dá a partida no carro.

Escuto meu celular vibrar em cima do banco de couro e vejo o nome de Millos aparecer na notificação. Abro o app, mas, assim que o faço, o nome de Duda aparece logo abaixo com a indicação de uma nova mensagem.

Abro-a correndo, ignorando meu primo.

Todos os dias!

— Porra! — assim que xingo, Dionísio me dá uma olhada pelo retrovisor.

— Algum problema?

— Não. — Sorrio já com os dedos sobre o teclado virtual, pronto para

responder, mas desisto de mandar a mensagem. — Mudança de rota, Dionísio! — Confiro as horas. — Deixe-me no Hill.

28

O som do telefone tocando me acordou hoje pela manhã, e eu o peguei ainda meio sem noção do tempo e do espaço e o atendi no automático, sem conferir quem estava ligando.

— Alô?

— Bom dia, mamãe! — a voz de Tessa, toda animada e feliz, fez-me acordar de vez.

— Bom dia, princesa! — Olhei para o relógio e confirmei ser 9h da manhã. — Como estão as coisas aí?

Sentei-me, coloquei o telefone no viva voz e alonguei meu corpo.

— Muito boas! Cássia e eu já fomos à cachoeira e estamos indo para a piscina natural, mas tia Consuelo disse que está tarde e que vamos aproveitar pouco, mesmo assim queremos ir. Tia Do Carmo fez caranguejada ontem, eca! Mãe, aquilo cheira a cocô! — Caí na gargalhada. — Comemos moqueca, fomos na pizzaria e ontem visitamos Paraty e eu comprei uma bolsa de palha para você!

Ah, era segredo! — sua voz murchou por apenas dois segundos. — Bom, agora você já sabe. Adivinha o que eu fiz? — Nem tive tempo de dar um palpite. — Tererê! Tem uns hippies na praia, e a tia Consuelo pagou para que eles fizessem as tranças em mim e na Cássia. Eles fumam um cigarro fedido, sabe? Ah, se bem que todo cigarro é fedido. Ainda bem que não pode fumar no Hill, não é, mamãe? Eu tenho feito...

— Tessa, filha, eu acabei de acordar e estou ficando zonza com tanta informação, vá devagar. — Ela deu risadinhas. — Pelo jeito você está se divertindo muito!

— Sim! — Ela gritou pela amiga, chamando-a para alguma coisa. — Mãe, vou dar o telefone para a tia, porque a Cássia está indo na minha frente, e eu quero chegar lá primeiro. Tchau!

Nem abri a boca e já ouvi a voz de tia Do Carmo.

— Oi, minha filha — cumprimentou-me rindo. — A menina está que é pura energia.

— Estou notando! Como está tudo aí?

— Muito bem! Desculpa quase não darmos notícia, mas é que temos saído bastante, e daqui a pouco fico sem sinal de celular quando entrar na trilha.

— Tudo bem. — Estiquei minha coluna. — Como está sua cervical? E Tessa, parou de tossir?

— Eu estou ótima! As caminhadas ajudam a prevenir as dores, e Tessa melhorou também. Você falou com a pediatra?

— Sim, marquei consulta para assim que voltarem.

— Que bom! Ela tem andado muito estabanada ultimamente, esbarrando nas coisas, cheia de manchas roxas.

Isso me preocupou.

— Você tem visto esses esbarrões, tia?

— Sim, ontem ela caiu correndo na praia e hoje já está com um enorme roxo no joelho. Ela é bem branquinha, então tudo aparece.

— Ela tem comido direito? Tessa estava andando meio preguiçosa para comer.

— Tem, sim, Duda, não se preocupe, que eu estou de olho nela.

Conversamos mais alguns momentos, e, assim que desliguei, levantei-me para tomar um banho e iniciar a sexta-feira, o primeiro dia de trabalho intenso do final de semana.

Passei pela vitrola de Theo, instalada aqui no meu quarto agora, e coloquei um disco da Nina Simone, levei a caixinha de som comigo para o banheiro e me despi ao som de *Feeling good*. Foi impossível não me mover ao som da melodia, encontrar Theo em cada palavra da letra, nos momentos que tivemos juntos no

começo desta semana.

Tenho feito esse ritual todos os dias desde que descobri que ele esqueceu o aparelho no Hill. Relembrei, dando risada, de entrar no pub de tarde no dia seguinte à noite com Theo e ouvir a voz de Manola:

— Mas que velharia é essa aqui?

Saí correndo antes que ela fizesse alguma loucura com o equipamento, que, tenho certeza, é caro. Encontrei-a a olhar os discos um por um com o cenho franzido. As compras estavam em sacolas – esse não era um dia de compras grandes – abandonadas em cima da boqueta.

— Bom dia! — cumprimentei-a.

Manola me olhou desconfiada.

— O que diabos aconteceu aqui ontem? — Virou-se a apontou para a louça na pia e a bancada suja de chantilly. — Além da bagunça, encontrei essa coisa mais velha que a mãe do Papa! — Fez um gesto para a vitrola como se ela fosse um ET. — Não vejo uma dessas desde que era garota, graças à fita cassete!

Gargalhei de suas lembranças.

— Eu gosto do som dela. — Dei de ombros, conferindo o equipamento, fechando-o no *case* e procurando pela mala no qual viera. — E os discos são de colecionador, então cuidado para não os arranhar.

— Eu sei disso! — sua voz soou um tanto indignada. — Tem um selo no plástico das capas, sabia?

Parei de procurar e a encarei curiosa.

— Selo?

Manola pôs o disco junto aos outros e cruzou os braços.

— Fiquei surpresa com sua mensagem, no meio da noite, pedindo que eu fosse fazer as compras no seu lugar hoje. Estranhei, porque hoje nem é dia de madrugar por lá, então imaginei que você deveria ter se lembrado de algum compromisso pela manhã. — Deu uma olhada em volta de novo. — Pelo visto, o compromisso foi ontem à noite e se estendeu mais do que você tinha previsto.

— Manola...

— Relaxa, Duda! — interrompeu-me. — Acho mesmo que você tem que se divertir por aí, colocar a perereca no brejo de novo, se você me entende. — Piscou, e eu tive que segurar a risada. — O problema é quando esse brejo é perigoso. — Aponta para o disco. — Acervo pessoal de Theodoros Karamanlis.

Fechei os olhos e fiz careta. Não por ela ter descoberto sobre a noite, mas por saber que era o Theo ali comigo. Não era algo que eu planejava compartilhar com amigos, nunca nem passara pela minha cabeça fazer isso. Entretanto, não podia esconder ou mentir para Manola.

— Jantamos juntos ontem — confessei. — É complicado explicar, Manola.

— Eu sei que é, Duda! — Ela sorriu. — Tesão é um treco fodido de explicar quando acontece mesmo quando não queremos. — Concordei com ela. — Eu não estou aqui para te julgar ou te dar conselhos sobre o que fazer, já fiz bastante burrada nessa vida por causa de fogo na periquita. A única coisa que peço é: proteja seu coração. A perseguida, a gente lava e está nova, mas ele é mais difícil de renovar e, quando quebra, então...

— Eu vou protegê-lo, Manola. Eu sei que Theo não é o homem por quem deveria me apaixonar, não se preocupe.

— Ah, me preocupo, Duda! Tenho experiência o suficiente para saber que a razão e o coração divergem na maioria das vezes e que um não controla o outro de jeito algum. Se você tiver que se apaixonar por ele, mesmo consciente de todos os motivos para não o fazer, acontecerá.

— Não sei nem se vai acontecer de novo. — Dei de ombros.

Ela gargalhou.

— O homem trouxe um toca-discos e vinis raros para jantar você. — Fiquei vermelha com o que ela disse, mas não emendei, pois era verdade. — Ele voltará, sim!

— Para pegar o aparelho, claro!

— Não, para repetir a comida, bobinha! — Rolou os olhos.

Achei a mala debaixo de um dos armários de utensílios e guardei todo o caríssimo equipamento, vendo Manola ir até a pia e conferir o que eu tinha preparado para o jantar.

— Oba! — ouvi-a exclamar e ir até o refrigerador. — Não sobrou *tarte tatin*? — Comecei a rir sem jeito, e ela cruzou os braços. — O grego filho da puta fez uma quentinha com minha torta favorita?

Neguei.

— Está lá em cima. — Apontei para meu apartamento. — Mas digamos que não esteja apta para o consumo.

Manola arregalou os olhos e depois se dobrou de tanto rir.

— Mas que safados! Ninguém ensinou que é feio fazer a comida de brinquedo?

Depois disso, subi com a vitrola, mandei mensagem para ele informando do esquecimento, mas ele não a visualizou, e só vi sua resposta quando estava fechando o Hill. Ele não disse que viria buscar, mas sim que mandaria alguém vir pegar, como se não quisesse mais contato. Perguntou como eu estava, e resolvi ser sincera, tanto no trabalho, quanto com relação aos discos, que passei a tarde toda ouvindo.

Esperei que alguém aparecesse em nome de Theo, provavelmente o motorista, para buscar a mala, mas ninguém veio. Todos os dias venho dormindo

e acordando ouvindo cada um dos discos que ele deixou para trás, álbuns de Nina Simone, Ray Charles, Billie Holliday e o da Aretha Franklin, cuja sequência das músicas já até decorei.

Fiz uma playlist e, durante a preparação dos alimentos para as noites, venho ouvindo as músicas na cozinha, ouvindo reclamações de Arnaldo e recebendo olhares estranhos de Manola.

— Abra as pernas, mas não o coração, mana! — ela passou falando comigo no começo desta noite de sexta. — Fica ligada!

Ignorei-a e continuei a picar temperos para meus molhos.

— Ele já mandou alguém buscar a velharia? — Quase dou um pulo quando Manola fala atrás de mim, tirando-me das lembranças da semana. Olho para o fogo e puxo a panela rapidamente antes de queimar o molho que estou preparando.

— Não, ainda está lá em cima — informo, provando o molho para saber se ficou com sabor de queimado. — Ah, só grudou no fundo! — digo aliviada, trocando de panela. — Deve ter ficado ocupado esses dias todos.

— Não entrou em contato? — Nego como se isso não tivesse importância, mesmo tendo passado dias à espera de uma mensagem. — E você?

Franzo a testa ante a pergunta.

— O que tem eu?

— Entrou em contato? — Abre as mãos.

— Claro que não!

— Por que não? — Ela bufa. — Depois fala de empoderamento feminino! O que foi? Acha que ele é quem sempre tem que tomar a iniciativa? E se ele só estiver esperando um movimento seu?

Considero o que ela diz.

— Não sei como começar o assunto, Manola!

— É sério? Com a porra de uma vitrola cara e uma porrada de vinis raros do homem em seu poder e não sabe como puxar assunto? — Faz careta. — Não se fazem mais vadias como antigamente!

— Manola! — Começo a rir de seu jeito de se referir às amigas. — Não sei se quero puxar assunto com ele!

Ela segura a risada.

— Tá bom, Duda, se engana mais um pouco.

Ela vai para a dispensa, e eu pego o celular no bolso da calça e envio uma mensagem:

Esqueceu seu equipamento de vez? Já ouvi todos os discos! É presente?

Estou para guardar o celular de volta para que Manola não o veja e fique se sentindo, quando o status dele muda para “online” e a notificação de digitação aparece.

Não esqueci, só não tive tempo de pegar. Minha semana foi um caos. Gostou do que ouviu?

Sorrio por ele ter puxado assunto e me encosto à bancada, esquecendo o molho mais uma vez.

Muito! Fiz até uma playlist no aplicativo de música do celular e estou obrigando todos da cozinha a ouvir comigo.

Ele não demora nada a responder:

Baixou Aretha também?

Um arrepio percorre meu corpo ao me lembrar da voz da Rainha do Soul ecoando pela cozinha enquanto ele me chupava loucamente. Começo a escrever algo assim, mas mudo de ideia, deixando o assunto em aberto. Quero ver até onde ele vai!

Claro! Tinham umas músicas que não eu conhecia, e estou amando!

— Duda, seu molho está queimando! — Arnaldo fala ao passar por mim, e retiro a panela do fogo de novo, desistindo de trabalhar de vez, atenta ao celular.

— Ai, meu Deus! — exclamo ao ler a pergunta dele:

Quando toca aí na sua cozinha, você se lembra de estar deitada em uma dessas bancadas, com minha cabeça entre suas coxas e minha língua dentro de você?

Com certeza meu rosto está vermelho, assim como minha calcinha já demonstra certa umidade. Penso em algo divertido para responder, mas então Manola entra na cozinha e me dá uma olhada desconfiada, depois ri, balançando a cabeça.

Deixo o celular de lado e volto a preparar meu molho, agora prestando

atenção ao que estou fazendo. A cozinha está movimentada, os pedidos não param de chegar, e em mais uma hora encerraremos os pedidos, então não posso atrasar a equipe.

Quando começo o preparo de um molho frio, decido responder ao Theo, sendo o mais sincera possível com ele e, ao mesmo tempo, retribuindo a provocação.

Não só quando toca na minha cozinha, Theo. Você estragou Aretha Franklin para mim, sabia? Agora, cada vez que escuto sua música, já quero gozar.

— Duda, preciso de barbecue! — Arnaldo solicita, colocando um belo assado de costelinha de porco sobre a boqueta. Arrumo um pouco mais a apresentação do prato e despejo o molho sobre a carne, verificando o código do pedido e chamando o garçom para buscá-lo.

Depois mais e mais pratos vão ficando prontos, e, como sou eu a responsável pelos molhos e distribuição hoje, fico um bom tempo ocupada com isso, até que tenho uma folguinha e posso pegar o celular para ver o que Theo respondeu.

Chego a arfar com a pergunta direta. Ele sempre me deixa sem jeito com essa objetividade!

Hum, você tem usado meus discos para se masturbar?

Não perco tempo em responder:

Todos os dias!

Dou risada ao imaginá-lo lendo isso, mas não fico esperando retorno, pois já recebo mais e mais pedidos prontos para distribuir.

— Odeio ser a boqueteira! — resmungo. Já fechamos a cozinha, mas os pedidos não param de sair. A casa hoje está particularmente cheia, o que demonstra que o pessoal já conseguiu esquecer a comilança das festas de final de ano e voltou a sair.

— Duvido! — Manola debocha, maliciosa. — Desculpa, mas esse nome pede uma piada!

Concordo com ela, rindo também, embora esteja a ponto de proibir qualquer porção de passar por mim de novo.

— E você nem está sendo uma boqueteira de verdade, pare de reclamar. Está finalizando pratos e chamando os garçons!

— Eu gosto de cozinhar! — reclamo. — E quem foi que disse que tínhamos que ter rodízio na boqueta?

— Você! — todos respondem em uníssono.

— Merda! — Rio. — Que ideia idiota!

— Aquele empresário que esteve aqui na quinta-feira voltou a fazer contato? — Manola inquire.

— Sabe que eu nem estava mais me lembrando dele? — Dou de ombros. — Não quero vender o Hill para ninguém!

— Esse povo parece um bando de abutres, não pode ver ninguém fazendo sucesso, que já quer comprar! — Arnaldo dá seu pitaco, colocando mais porções de asas de frango na boqueta.

— Pelo menos eles querem só o negócio e não a propriedade! — Manola dá de ombros. — A proposta foi boa, Duda?

Assinto, pois realmente foi.

Quinta-feira fui surpreendida com a visita de um homem todo engravatado que se apresentou como representante de uma empresa do ramo alimentício que compra bares que se destacam nas cidades do país e põe o selo deles. Eu

realmente já ouvi falar de tal coisa, que forma uma cadeia de empreendimentos diversos no setor de bares.

Aqui em São Paulo essa empresa já possui três pubs, todos em zonas de alta classe. Ela os compra, reforma para deixar no padrão, mas mantém o cardápio e todo o pessoal – se assim desejar. Os bares pequenos viram enormes e famosos pubs com o selo de qualidade Dominus – o nome da rede que interliga todos esses empreendimentos.

André deixou o portfólio, bem como a proposta de compra – que inclui a compra de "porteira fechada" do bar, do nome Hill Wings, do cardápio, além do aluguel do imóvel – e se despediu educadamente, elogiando meu trabalho.

— Foi, sim, daria para eu montar um pequeno bistrô em algum shopping ou galeria, pagar o maldito agiota e ainda ter a renda do aluguel. — Respiro fundo. — Ele me mostrou o quanto poderiam fazer o Hill se tornar famoso, o quanto iriam investir nisso.

— É uma proposta interessante. Tem certeza de que não quer aceitar?

Nego.

— Meu pai tinha orgulho de ter construído isso aqui, de trabalhar no próprio negócio. — Ela assente. — Seu pai também amava cozinhar aqui no Hill, Manola! Crescemos aqui!

— Eu sei, Duda, mas eram os sonhos dele, não os seus!

Encaro-a.

— Você acha que eu deveria aceitar?

— Não sei, isso é com você. A única coisa que sei é que, se você quiser, vou contigo para onde for!

Abraço-a, agradecendo por tê-la como amiga.

— Duda! — Kiko entra na cozinha.

— Ah, não! — Manola me solta, toda puta, já fazendo sinal para o Kiko sair. — Já fechamos. Daqui não sai nem ovo cru para seus amiguinhos pinguços!

Ele faz careta para ela.

— Theodoros Karamanlis está lá no bar de novo. Chegou tem uns dez minutos. — Ri. — Ficou puxando assunto comigo até falar realmente o que queria.

Meu coração dispara.

— Como se eu não soubesse o que é! — Manola rola os olhos. — Diga ao homem que nossa chefe está ocupada! Ele que venha até aqui. — Ela puxa uma touca descartável debaixo da boqueta. — Mande que coloque isso!

Arregalo os olhos, e ela começa a rir, pegando o celular no bolso.

— O que você vai fazer, sua louca?

— Vou guardar esse momento para a posteridade!

Fico imaginando o que Manola fará com uma foto de Theo usando aquela touca na cabeça e tiro o avental, saindo da cozinha.

Vejo-o em pé, segurando a touca, enquanto Kiko fala algo. Theo olha em minha direção e parece aliviado.

— Já estava começando a achar que você me usaria como ajudante de novo! — Balança a touca na mão.

— Não é má ideia, tem um monte de louça suja para ser lavada! Qual sua experiência no assunto? — pergunto, e ele ri.

— Nenhuma, chef!

— Hum... não sabe cozinhar, não sabe lavar! Não há nada de útil que saiba fazer em uma cozinha?

O sorriso dele aumenta, os olhos brilham. Theo se aproxima e fala baixinho em meu ouvido:

— Sei te fazer gozar em cima do balcão!

Estremeço inteira com o tom de voz e seu hálito morno tocando minha orelha. Fecho os olhos, lembrando-me de todas as sensações que me causou naquela noite, despertadas ainda mais pelo cheiro de seu perfume e o calor de seu corpo tão próximo ao meu.

— Quero mais sobremesa, Duda!

Abro os olhos.

— Ainda não fechei o bar.

— Foda-se! Eu espero o tempo que for preciso. — Como prova disso, senta-se na banqueta do bar e pega seu copo de uísque. — Bebendo devagar e sem misturar! — Pisca.

— Theo, devo ainda demorar mais de uma hora para fechar.

Ele sorri.

— Peço mais uma dose. — Dá de ombros. — Espero o que for preciso, mas quero você hoje!

Tento não sorrir como uma boba por causa dessa declaração, então apenas assinto e volto para a cozinha, deixando-o para trás, mesmo querendo me pendurar nele e provar seus beijos e abraços deliciosos.

— Ele vai ficar lá? — Manola me assusta ao perguntar isso assim que entro.

— Vai esperar que eu feche — informo como se fosse nada.

— Para pegar a vitrola? — Aperta os olhos. — Não, né? — Rio e nego. Ela olha pela escotilha da porta e suspira. — Não posso te condenar! Vá embora, eu seguro as coisas por aqui hoje e vou fazer as compras de madrugada.

— Não, Mano...

— Vá logo! — fala alto, chamando a atenção do resto do pessoal. — Gente, aquele homão tá esperando a Duda. Quem acha que ela deve ir embora com ele

levanta a mão.

Vejo todos levantarem – Arnaldo inclusive levanta as duas. Suspiro, achando-me a mulher mais sortuda do mundo por trabalhar com pessoas que são verdadeiros amigos.

— Você é louca! — digo para Manola, desabotoando a dolma. — Mas te adoro!

— Eu sei! — Ela pega meu uniforme. — Divirta-se, mas se lembre do que te disse hoje cedo!

— Pode deixar!

Saio da cozinha tentando controlar meus passos e meu sorriso, e Theo se surpreende quando me vê sem o uniforme, levantando-se rapidamente da banqueta.

— Já acabou?

— Fiquei com pena de você! — Pisco, e ele ri. — Vou lá em cima pegar sua mala.

— Posso te acompanhar?

Seus olhos dizem exatamente o que quer fazer na verdade.

— Claro! Aquilo é pesado!

Saímos juntos do pub na calçada cheia de clientes que também estão indo embora. Cumprimento alguns que já conheço e abro a porta que dá acesso ao apartamento, esperando Theo entrar e seguindo logo atrás.

Mal fecho a porta e sou agarrada, jogada contra ela e assaltada por um beijo delicioso. As mãos de Theo apertam minha cintura, enquanto ele me espreme contra a madeira e roça seu quadril contra o meu sem deixar dúvidas do quanto me quer.

Levanto uma perna e a prendo em seu quadril, facilitando o acesso de sua ereção contra meu ventre, esfregando-me nele descaradamente, sentindo o líquido quente da minha excitação umedecer minha calcinha. Gemo descontrolada contra sua boca, o sabor do uísque inebriando meus sentidos, minhas mãos puxando seus cabelos.

Theo prende meu lábio inferior com seus dentes, abre os olhos ao mesmo tempo em que eu e rebola forte contra meu corpo, realizando os mesmos movimentos que fez quando estava dentro de mim. Posso sentir seu pênis pulsando contra meu clitóris, mesmo sob os tecidos, e um arrepio percorre minha coluna. Um frio delicioso faz minha barriga contrair e minha vagina pulsar de vontade.

Todo o cansaço, a dor nas pernas que sinto todo final de expediente, a tensão no pescoço por ficar abaixada na boqueta finalizando os pratos, tudo isso é esquecido, e eu apenas tenho consciência do calor do seu corpo junto ao meu,

das suas mãos firmes, que apertam minha bunda, da respiração quente contra meu rosto.

Theo começa a chupar o lábio anteriormente preso em seus dentes ao mesmo tempo em que sua língua brinca com ele como brincou com meu clitóris. Volto a fechar os olhos, meus mamilos duros esmagados contra o sutiã, meu corpo ondulando com o dele, sendo estimulado a cada movimento.

— Não teve um só dia em que não pensei em vir aqui e repetir aquela noite — Theo confessa. — Nem um só dia!

— Eu também. Ouvi seus discos todas as noites ao ir dormir.

— E se masturbou — completa, sorrindo. Eu assinto, um tanto sem jeito ainda, embora excitada. — Chamou meu nome enquanto gozava?

— Chamei — digo baixinho e emito um gemido quando ele rebola.

— Você deve estar cansada do trabalho...

Franzo a testa, mas confirmo:

— Estou.

Theo esfrega a boca contra meu pescoço.

— Posso te fazer uma massagem gostosa na banheira e...

Começo a rir.

— Theo, eu não tenho banheira!

Ele se afasta, olha-me sério e assente.

— Mas eu tenho! — arregalo os olhos ao ouvir isso. — Prometo te levar no CEAGESP no horário!

Ai, meu Deus! Ele quer que eu vá até o apartamento dele?!

Fico um pouco tensa, mesmo tendo adorado o convite, principalmente por ele ter se lembrado que vou até o centro de abastecimento na madrugada de sábado.

— A Manola vai no meu lugar. — Ele sorri, ainda mais satisfeito com a notícia. — Isso foi mesmo um convite?

— Foi! Eu quero você, Maria Eduarda Hill, e dessa vez quero na minha cama!

29

Que loucura é essa?!

Esse pensamento vai se repetindo em looping em minha mente dentro do elevador. Começou ainda nas escadas de acesso ao apartamento de Maria Eduarda, quando fiz o convite para que passasse a noite em minha cama.

Subimos as escadas juntos, ela entrou, entregou-me a mala com meu aparelho de som e disse que iria pegar umas coisas pessoais. Acho que meu espanto na hora não passou despercebido, porque ela começou a rir e tentou me “acalmar”:

— Theo, não estou de mudança, só preciso de uma muda de roupas limpas para voltar para casa amanhã. — Riu. — Aposto que você tem escova de dentes reserva por lá. — Piscou. — Nem vou levar a minha!

Foi para seu quarto ainda rindo da minha reação, e eu tentei descongelar da porta da sala e entrar para esperar decentemente na sala de estar. Não consegui.

Eu sei o que vocês devem estar pensando: “que babaca, apavorado só

porque ela poderia levar umas coisas para seu apartamento!”. Vocês não poderiam estar mais errados! Minha reação nada teve a ver com isso, mas sim com o fato de eu ter pensado em sua escova de dente na pia junto à minha. Sim, eu visualizei essa cena, e o pior, gostei dela!

Sinceramente, acho que estou muito solitário no meu espaço sem a Vanda. Preciso da minha funcionária de volta o mais rápido possível para me salvar dessas elucubrações!

Olho para o lado e vejo a Duda em seu smartphone aprovando uma lista de compras – pescados de novo – que sua funcionária – temo ser aquela da vassoura – mandou ainda durante o percurso para meu prédio. Ela me pediu desculpas por mexer no celular e não conversar comigo, mas confesso que a interrupção de uma conversa estranha foi providencial.

A verdade é que meu cérebro virou gelatina, completamente fundido, transformado em massa cinzenta inútil de tanto que o mantra se repete nele. Eu preciso pensar e me acalmar.

Duda não é a primeira mulher que levo para o meu apartamento – talvez seja a primeira a dormir e só sair de manhã, porque eu e as outras geralmente fodemos, fodemos e fodemos, e depois a moça em questão pega um Uber – ou táxi, ou seu próprio carro – e vai dormir em casa. Já tive casos, relacionamentos estáveis – embora abertos –, então não é novidade que eu tenha voltado a procurar Maria Eduarda.

Olho para a pequena mochila de couro toda enfeitadinha em seu ombro e assumo que realmente ela deve estar levando apenas roupa limpa, afinal, esteve trabalhando com essa que usa a noite inteira e cheira a fritura.

Aspiro fundo, e meu pau reage.

Sou louco pelos cheiros dela! Lembro-me do perfume suave e sedutor que usava no dia em que nos encontramos no bar do restaurante, o mesmo que senti depois na varanda do Vincenzo’s; de como ele se misturou bem com os aromas no dia do baile; e como, mesmo com cheiro de bolinhos e asas de frango, ainda consigo distingui-lo nela.

Arrumo a alça da mala da vitrola em minhas mãos, olhando para Duda de esguelha conforme ela digita sem parar. *Caralho, vai comprar todo o pescado do CEAGESP ou está fofocando?!* O elevador para no meu hall, as portas se abrem, e só aí é que ela deixa o celular no bolso.

— Chegamos! — anuncio. — Conseguiu resolver tudo?

— Sim, desculpe por isso! — responde sem jeito. — Aproveitei para responder minha tia, que está na praia.

Rio ao me lembrar da tal tia.

— A mesma que quase me flagrou na câmara fria?

— A mesma... — Sorri sem jeito, bochechas coradas.

Adoro a ambiguidade dela! Lembro-me da mulher sedutora em minha cama, da vulnerável quando a abracei à noite para dormir e da teimosa e orgulhosa dona do Hill. Essa mistura é que traz todo o charme dela, é o que me atrai sobremaneira, mais do que apenas seu físico.

Duda olha para cada detalhe do hall, a mesa de ferro fundido no centro com um enorme vaso esculpido em Carrara – sem flores porque Vanda é quem cuida disso – e com uma pilha de correspondência que eu vou colocando nela toda vez que passo na portaria e o porteiro me entrega.

A maioria está aberta, mas nem todas lidas, e é só por isso que não joguei fora.

— Isso já faz parte do seu apartamento?

— Já. Só tem ele neste andar.

— E só dá para acessar com sua chave... — Assinto. — E quando alguém chega? Uma visita?

— O elevador é liberado daqui ou o porteiro libera.

Duda sorri, assentindo.

— Sua vista é... — Chega perto da janela, vendo as luzes da cidade, dos prédios e casas. — Uau!

Rio.

— Essa foi a melhor definição que tive até hoje! — digo bem-humorado, coloco a mala com o equipamento em cima da mesa e caminho até ela, abraçando-a pela cintura. — De dia é ainda mais bonito, mas lá da varanda. — Aponto para o teto.

— Hum, não me tente, senão vou querer ver! — brinca, e eu mordo sua orelha de leve. — Theo, eu preciso de um banho...

Dou uma longa lambida em seu pescoço.

— Seu pedido é uma ordem, chef! — Ergo-a nos braços, arrancando risadas dela. — Vou mostrar que não é só você que tem habilidades manuais.

Ela respira fundo.

— Não vejo a hora de descobrir as suas!

Levo-a, com mochila e tudo, para a suíte máster e a coloco sobre a calçadeira aos pés da minha cama. Vou até o banheiro e abro a água quente da banheira, retornando até onde ela está.

A mochila está no chão, sobre o tapete, encostada no pé da cama, e Duda descalça os tênis. Tiro a camisa, deixando-a sobre a poltrona que tenho no closet e a olho pelo espelho, de pé, apenas de sutiã – hoje é branco – e já removendo a calça social preta.

— Não! — Aproximo-me dela. — Deixe que eu faço isso.

Maria Eduarda levanta as mãos em sinal de rendição, e eu termino de abrir os botões de sua calça, abaixando-me com ela até seus pés, tirando a peça e a jogando em cima do móvel. A calcinha simples, de algodão, não esfria nem um pouco meu tesão, principalmente porque sei o que ela esconde, e isso é o que mais importa para mim.

Deslizo as mãos sobre suas pernas. Sinto os músculos tensos de suas panturrilhas, os contornos dos joelhos, a maciez de suas coxas e a delicadeza de sua pele no interior delas. Olho-a, ajoelhado aos seus pés, dedos explorando o elástico da calcinha em sua virilha, puxando-o, invadindo um pouco, mas sem tirá-la.

Ergo-me e a giro, deixando-a de costas para mim.

Procuro o fecho do sutiã e o abro, retirando a peça por completo. Duda está de olhos fechados. Ainda não percebeu que uma das paredes do quarto é toda coberta com espelho e que posso ver, além de sentir, seus peitos deliciosos. Desfiro beijos na curva do seu pescoço e seguro essa parte feminina que adoro, estimulando seus bicos a ficarem tensos, duros como meu pau está.

Ela abre os olhos e, quando se vê, suas bochechas ficam levemente rosadas.

— Você é linda! — declaro com a boca colada em sua orelha. — Sedutora. — Seguro-a pela cintura. — Dona do meu tesão. — Esfrego-me contra sua bunda gostosa. — Eu penso em te foder o tempo todo, Maria Eduarda.

Seguro sua calcinha pelo cós e vou retirando-a devagar, levando-a comigo quando me abaixo, até sentir a peça solta e deixar que caia sobre seus pés. Encaramo-nos no espelho. É impossível não detalhar cada parte de seu corpo, como tudo combina perfeitamente, o tamanho dos seus seios, os mamilos escuros, a cintura marcada, os quadris na proporção certa e – ah... o que eu mais gosto – sua pélvis inteira depilada, exposta, guardando entre as coxas sua parte mais suculenta.

Emito um grunhido e a ergo no colo, assustando-a.

— Você me deixa louco!

Maria Eduarda se agarra no meu pescoço, e a beijo transmitindo todo o tesão que sinto por ela. Sinto vontade de engoli-la, tamanho desespero e vontade que tenho.

A banheira já está quase cheia. Testo a tepidez da água antes de colocá-la dentro e preciso crispar as mãos quando Duda emite um gemido de apreciação. Ela se encosta na almofada na borda e fecha os olhos, desfrutando da água quente. Sorrio e vou até o armário, escolho uma esfera dos produtos que Vanda compra para meu banho e abro a embalagem, despertando-a.

— O que é isso? — Aponta para a bola lilás em minha mão.

— *Bomb Bath.* — Rio. — É coisa da Vanda. — Maria Eduarda franze o

cenho ao ouvir o nome. — Minha governanta. Ela está no Rio, não se preocupe.

Maria Eduarda ergue uma sobrancelha, mas assente.

— O que isso faz?

Jogo a esfera dentro da banheira, e, instantes depois, a água começa a fervilhar e a desprender um delicioso aroma de lilases – eu sei porque é o que estava escrito na embalagem –, perfumando o banheiro.

— Ah, meu Deus! — Duda sorri feito criança e fecha os olhos. — Eu sinto como se algo estivesse sendo esfregado na minha pele, e o cheiro... hum, é maravilhoso.

— Aqui diz que tem propriedades relaxantes e que remove células mortas. — Dou de ombros, jogando a embalagem no lixo.

— Nunca usou? — Olha-me como se fosse louco.

Nego, abrindo o cinto.

— Mas vou, agora, com você.

Tiro a calça sob o olhar atento dela, acompanhando cada movimento e cada peça que tiro. Ouço um arfar quando a cueca sai, deixando meu pau exposto. Seguro-o e dou de ombros, rindo maliciosamente.

— É impossível ter você nua e não estar duro, mesmo com toda essa conversa sobre produtos para banheiras. Chegue para frente. — Duda faz o que peço, e me sento na banheira com ela entre minhas pernas. — Isso... agora vamos começar!

Molho bem os seu ombros e começo a massageá-los com força e precisão. Gosto tanto de massagem que acabei aprendendo um pouco com Lavínia, embora nunca tenho exercido meus conhecimentos em ninguém. Geralmente o massageado sou eu, porém, sabendo o quanto ela trabalhou esta noite – em pé, tenho certeza –, acho que esse tempo de relaxamento a deixará mais solta quando treparmos.

Bom, pelo menos eu imaginei que isso fosse dar certo, porém, ao primeiro gemido dela, sinto como uma tortura direto no meu pau, e a vontade de estar com a boca em sua boceta quase me enlouquece.

Contenha-se, Theo!

A cada novo gemido, quanto mais ela relaxa e se encosta em mim, mas a vontade de fodê-la aumenta. Estou sem fôlego, minhas bolas doem, meu corpo está sensível e tenso de puro tesão.

— Sabe onde mais eu gostaria de uma massagem agora? — a voz sonolenta de Duda me desperta do transe sexual.

— Onde? — pergunto torcendo para que seja entre suas coxas.

— Nos pés!

Travo os dentes para não xingar e demonstrar minha frustração, afinal, a

ideia da massagem foi minha. Respiro fundo para manter a voz natural e não uma espécie de rosnado:

— Vire, que eu faço.

Ela se levanta, e eu fecho os olhos, ganindo como um cão sarnento com a visão de sua bunda deliciosa, segurando-me para não mandar a massagem para a casa do caralho e me enterrar nela, buscando o alívio que preciso.

Sinto uma pressão gostosa no meu pau e abro os olhos. Duda está encostada no outro lado da banheira, sorriso no rosto, enquanto seus pés me masturbam. Olho para meu colo e, mesmo com o restante das bolhas e espuma do produto que coloquei na água, posso ver meu membro encaixado na curva dos pés dela, sendo movimentado para cima e para baixo.

— Duda... — minha voz sai como um gemido. — Você disse que queria massagem. Estou tentando ser um cavalheiro atencioso.

O sorriso dela aumenta.

— Estou fazendo automassagem usando seu pênis para relaxar meus pés. — A danada aumenta a velocidade, e eu seguro as bordas da banheira. — É uma pena que não esteja fazendo muito efeito.

— Não? — minha voz é sofrida.

— Meus pés até estão relaxados, mas tem uma parte em mim bem tensa...

Sorrio, gostando da brincadeira.

— É mesmo? Que parte?

Maria Eduarda passa a mão pelos seios, depois segue para a barriga e, enfim, atinge sua boceta, gemendo, esfregando-a descaradamente para que eu veja. Já não respiro, bufo feito um touro prestes a ser solto na arena de uma tourada, provocado, preso e louco para ir atrás do meu alvo.

— Aqui... — geme. — Aqui está muito tenso...

Arrasto-me até perto dela e a puxo pelos quadris, fazendo-a se sentar em meu colo. Duda gargalha, e a calo com minha boca, chupando sua língua safada, impelindo-a a rebolar sobre meu pau, usando-o para massagear seu clitóris tenso.

— Eu quero você! — Duda fala ainda com minha boca na sua.

Não preciso ouvir mais nada, ergo-a um pouco e encaixo meu pênis em sua entrada, mas não avanço. Duda entende o que eu quero e sorri, descendo devagar, engolindo meu pau lentamente. Estremeço com o contato pele com pele, sem barreiras, mesmo sabendo que isso é loucura.

Ela também não está imune a isso, sua pele arrepiada mesmo na água quente, seus músculos trementes, sua respiração falha em cada avanço mais profundo, preenchendo-a de maneira perfeita até a ponta do meu pau chegar ao limite. Não nos movemos, nem mesmo nos olhamos, cada um perdido nas sensações incríveis que estamos sentindo.

— Isso é... — começo.
— ...maravilhoso! — ela completa.
Sim, incrível! Beijo-a devagar, roçando meus lábios nos dela, dedicando-me a cada um em separado, lambendo o superior e sugando o inferior, indo em seguida para seus olhos fechados. Beijo cada uma das pálpebras cerradas, segurando sua cabeça, e sinto um leve gosto salgado em seus cílios.
Maria Eduarda está chorando? Fico tenso, com medo de que algo errado tenha acontecido, de tê-la machucado, mas todos os temores se vão quando ela abre os olhos, brilhantes por causa das lágrimas contidas e sorri.
— Isso foi intenso, Theo! — sua voz baixinha e rouca sai tremida. — Pensei que fosse gozar só por ter você dentro de mim.
Porra!
Gemo alto, e meu quadril se move, metendo mais fundo dentro dela, instigando-a a cavalgar meu pau como uma verdadeira amazona. Duda ainda parece meio bamba, talvez por ter controlado o prazer e segurado o gozo. *Ah, por que não o deixou vir? Eu ia adorar tê-la se derretendo enquanto meu pau a invadia!* Quando ela começa a se mover, mesmo dentro da água, posso sentir quão encharcado está seu sexo.
Duda se move como uma deusa, espalhando água a nossa volta, segurando-se nas bordas da banheira de louça, rebolando, sentando, quicando em mim como se não conseguisse parar mais. Sinto-me sendo comido por ela, devorado, utilizado para seu prazer e encontrando o meu próprio no percurso. Seguro-a contra mim pela nuca, encaro-a e me movimento junto a ela, potencializando a intensidade dos movimentos.
Não consigo mais me conter aqui, sentado nesta banheira. Preciso de liberdade para estocar, para dar a ela tudo o que posso, extrair cada gota de excitação até fazê-la jorrar sobre mim. Dobro as pernas, preparando-me para uma ação arriscada.
— Segura firme em mim — Peço, e ela o faz sem titubear.
Com uma das mãos, seguro logo acima de sua bunda e com a outra me apoio na borda da banheira, tomando impulso, ficando de pé ainda todo enterrado nela. Amaldiçoo a design de interiores que projetou meu apartamento por ter escolhido esse tipo de banheira e não uma hidro no chão.
Saio devagar, equilibrando-me com ela encarrapichada em mim. O chão molhado escorrega, não vou conseguir chegar até a cama, então a levo até a pia do banheiro – que é feita de mármore e com dois lavatórios longe um do outro – e a apoio na pedra gelada, com as costas esmagadas contra o espelho e, sem nem mesmo tomar fôlego, começo a meter sem parar.
Estou fora de mim, totalmente perdido nas sensações da boceta perfeita de

Maria Eduarda. Abro bem suas pernas para poder ir mais fundo e aumento os movimentos dos quadris. Duda geme em desespero, segura-me pelos cabelos e puxa meu rosto para perto do seu a fim de me beijar.

Sinto dor e um leve gosto de sangue quando morde meu lábio, porém, não me importo o mínimo. Tudo o que eu preciso é fodê-la até perder a razão, até sentir sua vagina se contraindo contra meu pau, ordenhando-o, buscando meu gozo para se misturar ao seu.

Não demora muito!

Duda finca os pés em minhas nádegas e goza enlouquecida, gemendo alto, apertando meus braços, contorcendo-se toda sobre a bancada de mármore. O modo como seus músculos internos me apertam é demais para mim, e, no último segundo, tenho a força de vontade de me retirar de seu interior e explodir o gozo em sua barriga e peitos.

Apoio as mãos no espelho, Duda entre meus braços, os dois resfolegados, molhados, sem saber de onde veio o furacão que nos arrebatou o juízo. Olho para ela, toda desconfortável, espremida entre mim e o espelho.

— Machuquei você? — indago preocupado, saindo de perto dela, ajudando-a a descer.

— Não. — Sorri. — Foi... — Seguro-a quando ela perde o equilíbrio e quase cai. — Minhas pernas estão bambas, coração acelerado e sem conseguir pensar direito.

— Acontece o mesmo comigo. — Abraço-a para guiá-la até o chuveiro. — Você é perigosa para a saúde, Duda. — Ela franze a testa. — Não tenho mais 30 anos para ficar fazendo essas peripécias.

Ela gargalha, o som ecoando no banheiro, deixando tudo mais vívido e aconchegante, iluminado.

São 8h da manhã de um sábado, e eu ainda estou de roupão, na varanda da minha suíte, olhando para a cidade, que já acordou há horas, com a cabeça a um milhão por hora. Estou um caco, confesso, cansado, porém, totalmente satisfeito, e o pior: querendo mais.

Depois do sexo muito louco no banheiro, dei banho em Maria Eduarda enquanto conversávamos sobre meu hobby por artes, sua semana no bar, e ela me contou sobre como sua amiga Manola reagiu à vitrola e também da saudade que estava da tia e de Tessa.

— Minha filha — respondeu quando questionei quem era. — Você não viu a foto dela em cima do meu criado?

Nem preciso contar a vocês que fiquei em choque ao saber que a menina do porta-retratos é filha da Maria Eduarda. *Filha!* Eu nunca me envolvi com mulheres com filhos, sempre achei trabalhoso demais e, bem... pensei que era melhor não entrar por esse caminho. Uma mulher com filhos é alguém que talvez busque uma relação além da que eu posso oferecer, então nunca me aproximei.

Eu nunca poderia supor que Duda tivesse uma criança, mas também não poderia acusá-la de esconder informações, só nunca falamos sobre isso. Acho que Duda notou que o assunto me desconsertou e fez um desvio para falar das músicas que ouvira, comentar acerca de meus álbuns e perguntar sobre o piano que vira na sala.

— Eu toco — informei, e vi seus olhos brilharem. — Mas só quando estou sozinho ou quando a Vanda está dormindo.

— Hum. É uma pena, gostaria de te ouvir tocar.

Abracei-a pela cintura, já enrolada na tolha, e disse em seu ouvido:

— Só posso pensar em tocar uma coisa para você! — Ela riu. — E não é o que está pensando. — Afastei a toalha e segui para seu clitóris. — Posso tocar aqui a noite inteira para você, Duda. Com os dedos... — Ela arfou. — Com a mão toda... — A toalha caiu no chão. — Ou com a língua.

Ajoelhei-me aos seus pés, apoiei um deles sobre a poltrona no meu closet e só parei de chupá-la quando gozou pela terceira vez seguida. Trepamos no chão acarpetado do armário, e, quando acabamos, ela me perguntou quantos cômodos mais teríamos que atravessar para chegar à cama.

— É o próximo, mas sabe de uma coisa que fantasiei fazer com você? — Ela me olhou assustada. — Te comer lá na varanda, a cidade inteira aos nossos pés, você segurando no guarda-corpo, em pé, e eu atrás, metendo em você lentamente, sem poder gemer para o som não chegar aos apartamentos vizinhos, mas enlouquecido por sua boceta molhada.

Rio ao me lembrar da cara espantada dela. Pensei que fosse negar, mas não. Antes de dormirmos, com o dia clareando sobre São Paulo, nós transamos quietos em um local visível como dois adolescentes no cio querendo ser pegos.

Foi bom *pra caralho*!

Deitamos na cama faltavam apenas dez minutos para às 6h da manhã. Duda dormiu, e eu fiquei olhando-a, tentando decifrar o que estava acontecendo, o motivo pelo qual tudo era diferente quando ela estava por perto, inclusive eu.

O barulho da porta de correr me faz olhar para trás, e ela surge vestida com a roupa extra que trouxe e com um sorriso nos lábios.

— Bom dia!

— Bom dia! — Caminho até ela e a abraço. É impossível não a tocar. — Eu fiz café, aceita?

— Com certeza!

Descemos juntos para a cozinha. Não ignoro a mochila em suas costas, porém, não digo nada. Vejo seu rosto se iluminar ao ver o espaço planejado, com uma ilha no meio onde ficam o fogão e uma pequena pia, além do espaço na bancada, os armários em volta, com fornos, lava-louça e outros utensílios que nunca são usados sem a Vanda por perto.

— Uau! Sua cozinha é linda!

Entrego-lhe uma xícara com um *espresso ristretto* – como o meu – e admiro o elogio.

— Entre todos os cômodos, eu esperava para saber o que você diria desse.

— Sou muito óbvia, não é? — Dá de ombros.

— Não, você não é. — Cheiro seus cabelos e gosto do aroma do meu xampu neles. — Por que você não fica mais um pouco? — Toco a mochila. — Podemos almoçar juntos. Não vou à empresa, e você, pelo que sei, só começa o trabalho à tarde.

Duda parece considerar, mas nega.

— Preciso ir e ajudar Manola com tudo o que comprou.

Assinto, embora lamente, mas não forço a barra para que ela aceite. Poderia! Neste momento o que mais quero fazer é relembrar nosso primeiro jantar, colocá-la sobre o balcão da cozinha e fodê-la com minha língua até que goze e depois me enterrar nela como aconteceu no banheiro.

Não o faço! Acompanho-a até o elevador, despedimo-nos com um beijo gostoso e escuto a notificação do telefone avisando que o Uber já está à espera, sinal de que ela o chamou antes mesmo de ir falar comigo na varanda.

Fico um tempo no hall, mexendo nas correspondências, mas sem realmente ler nada. O apartamento de repente me parece mais vazio que o normal, e essa é uma sensação que nunca esperava ter depois de uma noite de trepada.

30

Duda

O trajeto de volta para a Vila Madalena não é fácil para mim. Eu estou em guerra, dividida entre a satisfação de ter dito não e imposto limite e a inconformação de não passar mais tempo com Theo. Seria maravilhoso almoçar com ele, claro, passar a manhã toda naquela cobertura incrível fazendo sexo e recebendo massagens.

Droga, por que ele tem de ser tão bom massagista?!

Porém, e depois? Como eu ficaria depois? Não era nem para eu ter aceitado passar a noite em seu reduto, quanto mais ficar por lá como se tivéssemos algum tipo de relacionamento além do sexual. Não! Fiz bem! Agi como ele, acordei, aceitei o café da manhã e me despedi.

Eu não precisava criar mais nenhum estreitamento com Theo, não precisava de seus carinhos, de sua conversa gostosa sobre arte, não precisava me deslumbrar ainda mais com o homem que ele é mesmo fora da cama.

Isso nunca esteve nem nas minhas fantasias!

Só queria matar a curiosidade, aproveitar a atração como a antiga Duda Hill faria e seguir em frente, mas as coisas entre nós fluem tão naturalmente que às vezes me esqueço até da nossa rixa e que ele é um Karamanlis!

Não devo baixar a guarda, preciso me manter distante emocionalmente desse homem, coração fechado, como disse bem a Manola.

O Uber me deixa em frente ao bar, e eu subo correndo para casa, sem querer ver minha amiga, que deve estar acondicionando todos os materiais que pedi a ela que comprasse.

Paro bem no meio da sala do lugar onde passei a vida toda, junto à maioria dos móveis ali, e fico imaginando o que Theo pensou daqui na noite que passamos juntos no meu quarto com ar-condicionado quebrado e cama de casal comum, tão diferentes de tudo no seu apartamento.

Mal concluo o pensamento e me chamo à razão:

— Essa é a sua vida, Duda, e você tem orgulho dela!

A cobertura de Theo é espetacular. Fiquei deslumbrada com cada detalhe, mas tenho que admitir que meu fascínio pelo grego nada tem a ver com suas posses. É ele, apenas ele! Eu gostaria bem mais que ele não fosse endinheirado, nascido em berço de ouro, com todas as regalias de sua classe. Por mim, Theo poderia ser um comerciante, um vendedor ou um funcionário de uma grande empresa, mas nunca um CEO, muito menos um dos herdeiros da Karamanlis.

Sigo até meu quarto – um forno já a essa hora da manhã – e desfaço a mochila, pegando minha roupa suja da noite anterior e a levando para a área de serviço. Cheiro a blusa, e, em meio a todos os aromas da cozinha, há um perfume diferente, o mesmo que ficou no meu travesseiro na noite em que ele dormiu aqui.

Cheiro do Theo! Sorrio, aspirando mais fundo, querendo guardar essa memória olfativa para sempre. Sacudo a cabeça e jogo a roupa na máquina, programo a lavagem e vou para a suíte, onde tomo um longo banho. Demoro uns bons minutos deixando a água cair sobre minha cabeça, rememorando nossa noite, as conversas, os beijos e como eu me sinto perfeita com seu pênis dentro de mim.

O tesão reacende. Sinto falta da música que me acompanhou ao longo da semana. Encosto a cabeça no azulejo, repetindo para mim mesma que tenho de me controlar.

Duas noites!

Duas noites, e ele bagunçou minha cabeça. O homem é um perigo!

Estou secando os cabelos quando ouço a campainha soar. Fico tentada a deixá-la tocar, mas acabo deixando Manola subir. Preciso de companhia, conversar e me distrair.

— Bom dia! — ela me cumprimenta maliciosamente. — Espero que não tenha dormido bem!

— Não dormi — respondo, e ela pula no meu sofá, esperando ouvir detalhes.

— Ah, como queria ser um mosquitinho! — Faz careta. — Não, sou muito foda só para ser um mosquitinho! Eu queria ser a lua iluminando a noite, refletindo minha luz sobre a cama ardente de vocês, morrendo de inveja!

As expressões de Manola são as melhoras enquanto viaja em seu poema de motel, fazendo gestos com as mãos – alguns obscenos demais para serem mencionados – e finalizando com um sorriso de quem está satisfeita com sua atuação.

— Não viaja! — repreendo-a. — Foi uma noite repleta de trepadas deliciosamente malvadas, gozei como uma louca varrida, e só. Você mesma me disse, lembra?

— Abra as pernas, mas não o coração! — falamos juntas.

— Sinto-me a Julia Roberts naquele filme “Uma linda mulher”, recebendo conselhos da outra prostituta — divago, e Manola quase chora de rir.

— Porra! E eu sou a Kit Deluca? Que merda! Sou azarada até como prostituta!

Não aguento e rio de chorar com ela, esquecendo por completo todas as neuras que estavam povoando minha mente.

Decidimos almoçar juntas. Manola faz estrogonofe de camarão com arroz branco, abrimos uma garrafa de vinho e emendamos o almoço com o trabalho em clima de descontração, falando muita sacanagem e fazendo piada da vida.

Bip-bip-bip-bip.

Há um sino em cima da grama onde estou deitada, e ele balança perigosamente sobre minha cabeça. Vejo-o badalar sem parar, seu pêndulo pesado batendo contra o interior com força, extraindo um som reverberante e dolorido aos meus ouvidos.

Semicerro os olhos, a atenção redobrada no movimento, que parece um tanto instável. A cadência se perde, o som muda, um arrepio cruza minha espinha segundos antes de o pesado objeto de bronze se soltar e vir com tudo para...

Pulo da cama e acabo escorregando, caindo no chão e batendo a cabeça

contra o assoalho de madeira.

Olho para todos os lados, desnorteada, segurando a testa como se pudesse impedir o nascer de um belo galo ali. Não entendo o que aconteceu para que eu tivesse um sonho tão bizarro como aquele, mas foi tão real que sinto minha pele fria e meu coração acelerado.

O som volta com tudo, e reconheço a campainha da chamada de voz do aplicativo de mensagem.

— Alô? — atendo sem fôlego ainda, olhando para o teto a fim de confirmar não ter nenhum sino sobre minha cabeça.

— Duda? — a voz de tia Do Carmo me tira do transe ainda efeito do pesadelo.

— Tia, que telefone é esse? — Puxo o relógio na minha direção. — São 6h da manhã! O que houve?

Levanto-me assustada.

— Desculpe por ligar tão cedo, mas eu queria conversar com você antes que Tessa acorde. Meu telefone está impossibilitado no momento, por isso estou usando o da Suelo. — Arregalo os olhos, preocupada com a urgência do assunto e o sigilo. — Minha filha, ela implorou que eu não contasse....

— O quê?! — Meu coração se aperta no peito, pensando que pode ter acontecido algo com minha menina. — Tia, fale de uma vez!

— Ontem ela desmaiou na praia. — Sento-me na cama. — Só acordou em casa e, quando eu disse que ia ligar para você, me implorou para não estragar as férias.

Fecho os olhos, e um tremor me percorre dos pés à cabeça. Sei o quanto Tessa esperou por esse momento, para sair de São Paulo, poder brincar à vontade, curtir com os amigos e ser uma criança normal, porém, não posso ignorar o que está acontecendo.

— Tia, volte com ela. Vou falar com a pediatra e tentar antecipar...

— Filha, eu prometi que iríamos ficar. — Fecho os olhos, sem entender. — Ela estava ótima depois. Provavelmente foi porque ultimamente ela tem comido pouco. Falamos da perda de peso com a pediatra, mas ela disse que Tessa estava crescendo, lembra? Acho que ela precisa tomar vitaminas, está fraca demais!

Minha vontade é exigir que as duas voltem imediatamente, mas não posso estragar esse momento nem de uma, nem da outra. Não é fácil passar o ano todo praticamente trancada dentro de um apartamento em cima de um bar. Tessa quase não tem espaço para brincar, e ela adora esportes e correr ao ar livre, por isso vamos ao parque quando dá. Por tomar conta da minha filha, acabo prendendo minha tia aqui também.

— Se mais alguma coisa acontecer, voltem! — determino, mas sem me

sentir completamente segura em deixá-las lá. — Eu estou pensando em me juntar a vocês nessa semana, o que acha?

— Duda, é uma ótima notícia! Tessa vai amar!

Sim, eu também, para falar a verdade. Poder estar na praia com minha filha, descansar, dormir e acordar cedo, ver o sol pela manhã e ouvir o mar! Ah, há quanto tempo eu não vejo o mar!

— Vou conversar com Manola hoje e ver se consigo ir no máximo até quarta-feira, então voltaremos juntas no domingo.

— Virá de ônibus? Terá que ir até Paraty e depois voltar para Trindade.

Sim, ela acaba de me lembrar que eu não tenho carro de passeio e não posso levar o do bar comigo. Faço algumas contas rápidas e depois dou de ombros.

Dane-se!

— Vou alugar um carro, assim vocês voltam comigo direto para casa!

— Ah, minha filha, tem certeza? — tia Do Carmo parece preocupada com os gastos. — Eu sei que esse mês é a última parcela que deve ao Leonan, mas ainda temos que nos preocupar com o agiota. — Respiramos fundo juntas. — Ele deu alguma notícia?

— Nada ainda, tia. Esse sumiço me preocupa, a senhora sabe, porém, não há nada que eu possa fazer. E não fica caro eu alugar um carro por uns dias! Pego um pequeno, popular e vou.

— Desculpa trazer mais essa preocupação para você, minha filha. Eu realmente acho que não foi nada de mais, mas sabia que você ia ficar chateada se eu não lhe informasse.

— Eu agradeço, tia. Fique de olho nela para mim, tente fazê-la se alimentar direito e, qualquer coisa, por mais corriqueira que seja, ligue para mim.

Despedimo-nos, e eu volto a me deitar na pequena cama de solteiro de Tessa, aproveitando o ar-condicionado para dormir mais algumas horas nesta manhã. Dessa vez o sono vem sem sonhos, mas é novamente interrompido por notificações de mensagens.

Puxo o celular, amaldiçoando-me por não o ter colocado no silencioso. Contudo, o coração dispara quando leio seu conteúdo:

Acordei pensando em você! É incrível que, mesmo depois dessa maratona de sexo que fizemos na madrugada de sábado, eu ainda consiga ficar duro apenas com o seu cheiro aqui no roupão que usou ou no travesseiro.

Sento-me, agitada, sorriso bobo e coração disparado.

Que feitiço é esse, Maria Eduarda? Por que quero tanto sua boceta quanto um viciado, uma dose? Por que o sabor dela me vem à boca cada vez que eu penso em algo prazeroso? Vou confessar algo (não se acostume com isso!): eu sempre fui louco por fazer sexo oral, mas ter você em minha boca mudou o nível da minha loucura. Agora é uma questão de necessidade!

Caramba!

Resfolego, suando mesmo no fresco do ar-refrigerado, mamilos duros contra a seda do baby-doll e uma umidade latente entre minhas coxas. Sinto vontade de me tocar, gozar pelas palavras dele, imaginando-o aqui, suas mãos

segurando-me pelos joelhos, mantendo-os separados, aqueles olhos azuis lindíssimos perscrutando cada detalhe da minha anatomia como um felino olhando sua presa.

Começo a digitar uma mensagem em resposta, porém, paro algumas vezes durante a ação para sentir meu corpo, estimular meu clitóris, gemendo e me contorcendo na cama.

> Bom dia! Esse é um ótimo jeito de despertar... Meu corpo inteiro acordou com suas mensagens. Agora estou aqui, molhada, sentindo minha boceta úmida e pulsando de vontade, necessitando você!

Dou uma risada antes de apertar o botão de enviar e, quando recebo as confirmações de envio e recebimento, fecho os olhos de nervosismo, sem saber como ele irá responder a isso.

Quase derrubo o celular quando ele volta a apitar na minha mão e paro de me tocar, atenta ao que ele me escreveu.

Porra, Maria Eduarda! Eu achava que estava sozinho em minhas fantasias matinais de domingo, sentado aqui de frente para o espelho do quarto, tocando uma punheta como um adolescente, mandando mensagens safadas para você. Mas não!

Agora meu tormento aumentou ao te imaginar nua, suada, tocando sua boceta encharcada, desejando a mesma coisa que eu. Caralho, não tem nada mais afrodisíaco do que saber que você e eu estamos fazendo isso juntos!

Aumento a velocidade dos movimentos dos meus dedos, deslizando em minha própria lubrificação, gostando disso, sentindo a maciez do meu sexo, seu calor e todo o desejo transbordando pelos poros do corpo.

Mais uma mensagem chega, e eu sorrio, atenta, adorando essa nova interação entre nós.

Quero um presente além do seu gozo!

Mordo o lábio, sentindo-me poderosa e desejada.

O que quer?

Dessa vez fico olhando o visor do telefone, acompanhando a sinalização da sua digitação, curiosa e ansiosa para saber o que ele quer de mim.

Quero aquela calcinha que usou no jantar.

Isso me surpreende.

Quero algo seu, com seu cheiro, para que, quando eu for tocar uma, possa esporrar sobre ela e imaginar sua boceta, sua boca, sua bunda...

Explodo em um orgasmo inesperado e completamente arrebatador, sem me

tocar, apenas com a contração das coxas e o pulsar do clitóris. Gemo feito louca, chamando o nome dele, enquanto outra mensagem entra.

Vista-a para mim amanhã! Deixe-me te fazer gozar ainda com ela. Depois vou tirá-la e a guardar com seu cheiro, com o sabor da sua boceta doce. Ah, Maria Eduarda, a tratarei como um tesouro!

Amanhã?!

Digito sem fôlego, ainda tremendo, mas curiosa sobre isso. Ele virá aqui ou está me fazendo algum tipo de convite?

Acabei de gozar! Que delícia!

Ele não demora a responder, mesmo enquanto eu digito mais.

Porra! Meu espelho está todo escorrido! É um verdadeiro desperdício de porra. Ela ficaria muito melhor em cima dos seus peitos!

Leio a mensagem depois de enviar a minha e abro um enorme sorriso ao pensar que gozamos juntos.

Vestir amanhã? O que você tem em mente?

Theo demora um pouco mais para digitar dessa vez.

Era para ser um convite. Quero retribuir o jantar de segunda passada. Amanhã, 20h, no meu apartamento.

Ergo a sobrancelha, mas rio quando ele convida com mais humildade (pelo menos, no mundo de Theodoros Karamanlis):

Aceita?

Estico meu corpo, antecipando mais uma maratona de mãos, bocas e safadezas.

Sim!

31

— Ei! Como vão as coisas por aí? — falo ao telefone, ouvindo o barulho de pessoas falando ao fundo e uma música qualquer.

— Uma merda, Theo! — Millos me surpreende ao parecer bem irritado. — Tive um problema com a moto. Estou numa cidade do interior de Minas esperando o parecer da oficina mecânica sobre a peça que encomendaram via internet. Sinceramente, se não fosse a Susanna, eu já teria voltado para casa de carro.

Gargalho ao ouvir o nome da moto. Sim, meu primo nomeia suas máquinas, todas com nomes de mulheres, claro, e cuida delas como se fossem realmente pessoas. Já nem contabilizo a quantidade que ele tem naquele galpão, mas sei alguns nomes de cor, as favoritas! Susanna, Layla, Roxanne e Jolene. Vê algo em comum nos nomes? São todas mulheres citadas em músicas, de Stephen Foster, Eric Clapton, The Police e Dolly Parton, respectivamente. As outras seguem no mesmo ritmo, e eu sempre me perguntei como ele chega à conclusão

de qual moto combina com qual nome.

Enfim, pobre Susanna, corre o risco de ser abandonada em uma oficina no interior de Minas e ter de voltar em cima da prancha de um guincho.

Rio um pouco do infortúnio do meu primo.

— Você já fez rotas bem maiores sem nenhum problema, parece até proposital passar por essa situação justo em uma rota de poucos dias!

— Nem fala, porra! Estou muito puto, muito mesmo! — Bufa. — Já era para eu estar terminando a viagem, e não tenho nem certeza mais se vou concluir a rota. Já cancelei dois hotéis do percurso. Só saio daqui com a Susanna! Provavelmente eu demore para voltar mais do que o previsto.

É impossível não debochar um pouco dele, principalmente por senti-lo tão frustrado.

— Oh, Susanna, não chores por mim...

Gargalho quando ele me manda tomar no cu. Escuto vozes alteradas ao fundo, e Millos fica um tempo quieto. Um som alto faz com que eu afaste o telefone da minha orelha, e depois vem o silêncio novamente.

— Millos? — chamo-o.

— Desculpe, estou aqui. Estava tendo uma briga de casal, e eu me afastei. — Respiro fundo, entendendo a sua atitude, mesmo sem emitir nenhuma palavra sobre o assunto. — Sobre seu deboche com minha situação, eu queria que você estivesse em meu lugar, com seus amados discos de vinil, que, por sinal, ninguém pode tocar, nas mãos de outra pessoa.

Imediatamente penso em Maria Eduarda ouvindo meus discos, usando meu estimado aparelho de som para embalar suas noites de prazer solitário. A mulher saiu há poucas horas do meu apartamento, e eu já me pego pensando nela. Definitivamente não estou normal!

— Theo? Está aí?

— Sim. Só um pouco cansado, nada de mais.

— Eu também vou desligar e seguir para o hotel. — Geme frustrado. — Talvez faça algum turismo fora da rota, não sei. Porra, desanimei!

Tenho vontade de rir e ao mesmo tempo sinto pena por ele. Conheço meu primo, sei que é muito organizado com tudo, planejou essa viagem em cada detalhe com antecedência, e é muito frustrante não conseguir realizá-la.

— Boa sorte com a Susanna, Millos!

— Valeu!

Ele desliga no exato momento em que o porteiro interfona para avisar que a comida chinesa que encomendei chegou. Pego os pacotinhos com frango agridoce e arroz yakimeshi para uma refeição solitária na sala de TV, colocando em dia os filmes que ainda não vi.

Tinha pensado em sair de casa, aproveitar o sábado, pensei em ligar para a Valentina e, além de me desculpar pelo "bolo" de ontem – coisa que já fiz com Vivi ao enviar os brincos e um cartão de desculpas –, chamá-la para jantarmos e depois irmos para alguma boate.

Independentemente do que está acontecendo entre mim e Duda, não abdiquei do plano de conhecer Valentina melhor e da ideia de que ela é – de longe – a melhor candidata ao posto de minha esposa e mãe dos meus filhos. O único empecilho até o momento é a falta de química, mas acho que isso está havendo por eu estar desnorteado com a forte atração que sinto pela cozinheira.

Cheguei a pegar o celular para lhe enviar uma mensagem, mas meu telefone residencial tocou, e fui sugado por um mundo de lamentações direto de Atenas. Meu avô, depois de meses, resolveu se comunicar comigo. O velho Geórgios detesta ficar nostálgico, por isso evita ligar para os que estão longe.

Ouvi suas reclamações de como estão tentando matá-lo, que meus tios o estão impedindo de ir até a empresa e que precisa de mim na sede da companhia, onde é meu lugar.

— Você deveria assumir o cargo do imprestável do Vasillis, voltar para sua terra, casar-se com uma grega de boa família e me dar a única coisa que te pedi a vida toda: meu bisneto!

Respirei fundo, pedindo paciência, pois sinto um respeito enorme por ele, mas tem sido cada vez mais difícil conviver com seu gênio e sua irritabilidade.

— *Pappoús*, nós já falamos sobre isso! Não vou deixar o Brasil e, quando chegar o momento, tenho certeza de que um dos meus primos ou mesmo meus irmãos poderão assumir a Karamanlis.

— Bobagem! — Bufou. — Você é o melhor preparado, fui eu quem cuidou disso. Millos também poderia, mas é covarde demais para assumir qualquer coisa, sempre preferiu ficar à sua sombra. — Ele tossiu, e eu esperei seu acesso passar. — Eu já disse, Theodoros, volte e case com uma ateniense! Foda à vontade com as brasileiras, elas são boas nisso, mas se case com uma igual a você.

— Vovô...

— Não discuta comigo, Theodoros! Você tem o exemplo do seu pai, aquele idiota! — Fiquei tenso com o rumo da conversa. — Primeiro, sua mãe, a filha de um pescador! — Segurei o fôlego para não o mandar se foder e limpar a boca para falar do meu avô materno. — Era grega, mas não uma igual, e deu no que deu! Depois a mãe do Konstantinos! — Ele gargalhou. — Bonita, rica, inteligente e nova demais... logo se cansou do imbecil do meu filho, foi para os Estados Unidos estudar e se formou cientista. Uma mulher de carreira! Seca até hoje, sem marido e sem filhos, porque seu irmão não suporta nem ouvir o nome

dela. — debochou. — Depois as duas brasileiras... — Ele estalou a língua e riu alto, tendo um novo acesso de tosse. — Uma puta de profissão e uma puta amadora!

— *Pappoús*, chega! — falei alto, e ele entendeu que eu não queria de maneira alguma ser comparado ao meu pai, muito menos remexer no nosso passado.

— Ele se casou de novo, você ficou sabendo? — continuou. Suspirei impaciente. Eu estava ligando o foda-se para meu pai. — Com uma executiva da minha empresa. Pelo menos é mais velha, vem de boa família, e nenhum dos dois tem condições de gerar mais rebentos para serem traumatizados como vocês!

— Agora é minha vez, não? — já estava puto demais e não segurei a língua. — Agora é minha vez de ser um pai de merda como todos na nossa família são? — Ele tentou me interromper, provavelmente para se defender, mas não deixei: — Eu não queria casar e muito menos pensava em ter filhos, mas vou fazer sua vontade. Só que do meu jeito!

— Eu não vou aceitar qualquer mulher, Theodoros!

— Eu sei, ela não será uma qualquer. — Pensei em Valentina. — Virá de família com prestígio no país, tradicional, antiga e de influência.

— Hum... Bom, pode ajudar a empresa aí. Mas certifique-se de que ela preste mesmo! Já vi muita "garota de família" daí não passar de uma puta enrustida.

Minha vontade de sair de casa e ter uma noite descontraída acabara de ir para o brejo. Meu avô e eu sempre tivemos essa relação estranha. Eu faço tudo por ele. Sei que poderia ter me virado as costas, mas me acolheu no pior momento da minha vida, então ouvi-lo, fazer sua vontade é o mínimo que posso fazer para retribuir. E, ao mesmo tempo, seu jeito preconceituoso, racista e debochado me incomodam demais.

— *Pappoús*, eu tenho que desligar — resolvi cortar o assunto.

— Eu também, já fiquei tempo demais com essa merda no ouvido. Venha me ver, Theodoros, antes do meu aniversário, antes que o bando de puxa-saco chegue e não tenhamos tempo para conversar a sós.

De jeito algum! Eu só iria na data marcada, nem um só dia antes.

— Vou ver, *pappoús*. *Kalinychta!!*[25]

— *Tóso kairó!*[26]

Foi depois dessa ligação que decidi pedir a comida chinesa, selecionei um filme muito bem avaliado pela crítica cinematográfica e refiz meus planos com relação a sair para estar aqui, neste momento, sentado no tapete da sala de TV, rodeado de caixas, com dois biscoitos da sorte ignorados e um filme que não me

prende de jeito algum.

Oh, noite de sábado decadente!

O interfone toca, e eu deixo a agenda de Vanda – que tem o nome e número de todos os restaurantes aprovados por ela – e atendo o aparelho sentindo já a excitação me rodeando.

— Doutor Karamanlis, Maria Eduarda Braga Hill está aqui.

Sorrio ao pensar que ele deve estar com a identidade dela nas mãos, vendo que é mais nova do que eu uma década e me invejando por saber que ela passará a noite comigo de novo.

É, eu sou um filho da puta muito sortudo!

— Pode deixar subir!

Desligo o aparelho e me preparo para recebê-la. Estou nesse frisson desde ontem de manhã, domingo, quando acordei sentindo o cheiro dela no meu quarto, de pau duro e cheio de tesão.

O roupão que ela usou carregava sua fragrância, e meus lençóis também estavam cheirando a ela. Mesmo depois dos banhos, de ter usado meu sabonete, meu xampu, eu ainda conseguia discernir o cheiro de sua pele entre os outros aromas. Comecei a me masturbar ainda deitado, mas algo me impeliu a deixá-la saber como eu estava.

Peguei o celular e, mesmo sendo cedo para o horário dela, mandei uma mensagem bem safada.

> Acordei pensando em você!
> É incrível que, mesmo depois dessa maratona de sexo que fizemos na madrugada de sábado, eu ainda consiga ficar duro apenas com o seu cheiro aqui no roupão que usou ou no travesseiro.

Descobri que escrever como estava me sentindo me causava ainda mais desejo e deixava a punheta extremante deliciosa. Acabei me empolgando com a novidade e continuei, mesmo sem que ela visualizasse.

> Que feitiço é esse, Maria Eduarda? Por que quero tanto sua boceta quanto um viciado, uma dose? Por que o sabor dela me vem à boca cada vez que eu penso em algo prazeroso?

Ri do desespero em que saiu a mensagem, mas não a apaguei, pelo contrário, complementei:

> Vou confessar algo (não se acostume com isso!): eu sempre fui louco por fazer sexo oral, mas ter você em minha boca mudou o nível da minha loucura. Agora é uma questão de necessidade!

Gemi como um louco, subindo e descendo a mão sobre meu pau lentamente, curtindo a sensação do sangue enchendo cada parte dele, deixando-o cada vez mais duro, causando um formigamento delicioso a ponto de a cabeça ficar toda molhada com a lubrificação.

Já ia deixar o celular de lado quando vi o status mudar e ela começar a digitar. Fiquei tenso esperando a resposta, sem saber como viria. Ela, para piorar, digitava, depois parava e voltava, torturando-me. Entretanto, a tortura acabou, e eu quase gozei só de ler o que me escreveu:

Bom dia! Esse é um ótimo jeito de despertar... Meu corpo inteiro acordou com suas mensagens. Agora estou aqui, molhada, sentindo minha boceta úmida e pulsando de vontade, necessitando você!

Não demorei nada a replicar a mensagem, escrevendo exatamente o que eu diria se ela estivesse ali. Imagens dela se tocando, pernas abertas e os dedos já melados de tesão se esfregando em sua carne deliciosa me invadiram a ponto de eu me sentar de frente para o espelho e começar a me tocar para ela. Não era eu quem eu via em meus movimentos refletidos no espelho, mas tão somente ela.

Essa fantasia foi foda!

Fiquei imaginando como seria poder gozar sobre seus peitos de novo. Ah, também pensei que gostaria de algo dela, com seu cheiro íntimo, algo que eu pudesse usar cada vez que quisesse o prazer que ela me proporcionava mesmo longe.

Uma ideia encheu minha cabeça e, mesmo achando que não estava racionando direito, levei-a adiante:

Quero um presente além do seu gozo!

Ela não tardou a perguntar:

O que quer?

Sorri para o visor do telefone como se fosse ela, como se pudesse me ver. Lembrei-me da nossa primeira noite juntos, de tê-la visto só de calcinha e ter chupado o tecido macio da renda como um louco.

Quero aquela calcinha que usou no jantar.

Ela não respondeu, e eu justifiquei meu pedido:

Quero algo seu, com seu cheiro, para que, quando eu for tocar uma, possa esporrar sobre ela e imaginar sua boceta, sua boca, sua bunda...

Fechei os olhos e deixei para o telefone me notificar quando ela mandasse algo, porque a simples ideia de ter uma calcinha com o cheiro do gozo de Maria Eduarda foi o suficiente para que eu sentisse o meu.

Levantei-me instantes antes, jorrando sobre meu espelho, imaginando que era ela recebendo minha porra. Puxei o lençol da cama, limpei minhas mãos com ele e voltei a me sentar, tremendo e suado, mas não tão satisfeito do que quando gozo com ela.

Precisava dela de novo!

Vista-a para mim amanhã! Deixe-me te fazer gozar ainda com ela. Depois vou tirá-la e a guardar com seu cheiro, com o sabor da sua boceta doce. Ah, Maria Eduarda, a tratarei como um tesouro!

Ela voltou a digitar, e me senti aliviado por ela ainda estar online.

Acabei de gozar! Que delícia!

O quê?!

Estremeci por completo e saí digitando feito um doido, o efeito do gozo dela aumentando o meu. Estávamos digitando ao mesmo tempo, porém, minha mensagem foi primeiro.

Porra! Meu espelho está todo escorrido! É um verdadeiro desperdício de porra. Ela ficaria muito melhor em cima dos seus peitos!

Vestir amanhã? O que você tem em mente?

Essa foi uma boa questão!

Não pensei em mais nada a não ser no tesão entre nós, porém, eu tinha um

compromisso com o conselho na noite de segunda. Millos também não estava. Eu não poderia simplesmente não aparecer e...

Foda-se!

Era para ser um convite. Quero retribuir o jantar de segunda passada. Amanhã, 20h, no meu apartamento.

Ela não respondeu, e achei que tinha sido um tanto arrogante, então, como se faz em um verdadeiro convite, perguntei:

Aceita?

Sim!

As portas do elevador se abrem, dissipando minhas memórias de como Duda veio parar aqui mais uma vez. O vestido branco que usa a deixa com aspecto inocente e jovial, o sorriso iluminando o rosto, mesmo com os braços cheios de sacolas.

Eita, porra, sacolas?!

Vou até ela para a ajudar ainda sem entender o que significa tudo isso.

— Boa noite! — cumprimenta-me. — Obrigada!

— Boa noite! — Pego a sacola que parece mais pesada. — O que é isso?

Ela sorri, e sinto meu corpo inteiro tremer por esse simples gesto. Como ela é linda!

— Comida!

Espio dentro da sacola de papel, vendo alguns ingredientes.

— Pensei em pedir de algum restaurante esta noite. É minha retribuição. Você não deveria cozinhar.

Ela levanta uma sobrancelha.
— Eu não vou! Você vai!
O quê?! Ela só pode ter ficado doida!

32

— Eu não sei nem ferver água, Maria Eduarda! — Gargalho.

— Besteira, você nunca tentou! — Ela coloca a sacola que carrega sobre a ilha da cozinha e olha em volta. — Onde estão as panelas?

Começo a rir, pois isso vai ser muito engraçado.

— Não faço a mínima ideia! — Tiro tomates, alguns temperos e queijo de dentro da sacola que carreguei. — Acho melhor pedirmos...

— Não! — Ela abre armário por armário à procura dos utensílios, separando-os quando os encontra. — Tenho certeza de que você deve ter uma... Ahá! — Ergue uma panela grande com quatro alças.

Não demoro muito a descobrir que, na verdade, são *duas* panelas – o que quer que seja aquilo –, uma dentro da outra. A de dentro é cheia de furos, e Duda enche a outra com água e em seguida a coloca no fogo. Ainda não faço ideia de como ela acha que irei fazer nossa refeição, pois nem ao menos sei o nome das coisas que está pegando!

— Duda, eu acho melhor... — tento, mas ela nega e retira um saco de papel menor da sua sacola.

— Eu fiz ontem exatamente para ser usada hoje. — Abre a embalagem, e vejo a massa de espaguete dentro. — Massa caseira, receita de um antigo cozinheiro do Hill, pai da minha amiga Manola.

Ela parece bem orgulhosa do seu feito, enquanto eu acho que é só macarrão, afinal, qual diferença há de ter entre uma massa e outra?

— Você tem certeza disso? — pergunto pela última vez.

— Tenho! — Ela abre várias gavetas até sorrir vitoriosa. — Veste.

Joga um avental para mim, um dos que a Vanda às vezes usa, e fico olhando-a abismado.

— Não vou vestir isso! — retruco.

Porra, eu me arrumei, escolhi uma roupa casual, confortável, mas elegante e cara, e ela quer que eu a cubra com um avental xadrez? É isso mesmo? A mulher chega aqui cheia de ordens, dizendo que eu vou cozinhar mesmo sem saber, abrindo meus armários e ainda quer me deixar...

— Proponho um jogo, então!

Opa... isso me interessa!

— Qual jogo?

— Se você conseguir cozinhar... — caminha até onde estou — te pago com um boquete delicioso!

Sorrio, mas nego. *Ah, Duda, não sabe brincar, nem aperte o play!*

— Não... Eu vou usar o avental. — Ponho a peça no balcão e tiro a camisa. — Mas somente ele. — Duda arregala os olhos. — E você também!

Vejo o dela, desses de amarrar na cintura, e sorrio malicioso.

— O máximo que posso fazer é trocar o meu pelo seu. Aceita?

Temo que ela diga não, pois parece um tanto assustada com a sugestão, mas então estende seu avental para mim e, assim que eu o pego, tira o vestido pela cabeça.

— Porra! — gemo ao vê-la usar somente a calcinha que pedi, colocar o avental no pescoço, amarrá-lo na cintura e prender os cabelos no alto da cabeça.

— Sua vez!

Mal consigo respirar. Olho para baixo e vejo a bermuda que uso com volume extra na frente e a tiro, ficando apenas com a cueca preta. Duda volta para a bancada, e eu vejo sua bunda perfeita, a calcinha pequena enterrada no meio de suas nádegas e não me contenho. Abraço-a pelas costas, beijo seu pescoço e espalmo minhas mãos sobre sua bunda.

— Sem a calcinha — digo no seu ouvido.

Ela respira fundo.

— Tire-a você, então.

Não espero mais nada, abaixo-me aos seus pés, abro bem as pernas dela e a abocanho sobre a peça, beijando sua boceta sem nem mesmo termos trocado um beijo na boca. Ela se apoia na bancada de mármore enquanto eu puxo o tecido delicado devagar. Sinto muita vontade de rasgá-la, mas prometi que trataria da calcinha como um tesouro e o farei.

Duda ainda vai voltar a vesti-la esta noite. Vou fazê-la gozar usando-a e depois irei guardar essa pequena e delicada relíquia.

A peça se desprende de seus quadris, e a vou puxando com a boca até deixá-las aos seus pés. Já me levanto tirando a cueca, notando seu olhar de esguelha para cima do meu pau, então coloco o avental na cintura, amarrando-o bem, praticamente cobrindo-me inteiro, enquanto ela está quase toda exposta.

— Pronto, chef, podemos começar!

Duda ri, livra-se da calcinha enganchada em seus pés, que eu pego e deixo em um canto e me estende uma faca e uma tábua de madeira enorme.

— Comece a picar os temperos, e eu vou tirar a pele dos tomates.

Pego os utensílios e os coloco na bancada, agarrando um pimentão e o colocando na tábua.

— Tem que higienizar primeiro! — Duda avisa antes que eu corte o legume. — Tem que lavar tudo antes, Theo, inclusive suas mãos.

Abro a torneira da pequena pia da ilha e faço o que ela manda. Quando ela passa ao meu lado a fim de buscar algo na geladeira, espirro água nela com meus dedos e recebo um olhar mortal.

— Não me provoque!

Isso é todo o incentivo que eu precisava para fazer exatamente isso! Quando ela volta, dou um tapa em sua bunda gostosa com a mão molhada. Ela pula e ri, mas depois me olha parecendo brava.

— Concentre-se no trabalho!

— Eu não sei nem como começar. — Faço uma cara de coitado, ou tento. — Preciso da sua ajuda.

Duda de aproxima e pega a faca, colocando o pimentão na tábua.

— Corte assim primeiro, para tirar as sementes e... — Posiciono-me atrás dela e esmago meus quadris contra sua bunda. Sua pele se arrepia, e eu abro um sorriso. — Depois, para facilitar, você faz tiras e... — dou algumas lambidas na sua nuca, e ela geme — junta todas elas e pica...

— Hum... pica... interessante! — Esfrego-me nela descaradamente, e ela solta a faca, virando-se para mim e me abraçando pelo pescoço. — Olá, Maria Eduarda, bem-vinda ao nosso jantar.

Ela fica corada.

— Olá, Theo. — Dá risada. — Cheguei aqui tão empolgada que nem cumprimentei você direito.

— Ainda estou esperando...

Ela me beija, sensual, lambendo o cantinho dos meus lábios, depois o inferior e o superior, até que põe toda a sua boca sobre a minha, juntando nossas línguas em um beijo quente e molhado de boas-vindas.

Seguro-a pela coxa esquerda, erguendo-a um pouco, travando nossos quadris juntos, rebolando enquanto nossas bocas se devoram em frenesi. Senti falta desses beijos. Gosto muito de sua boca na minha, do sabor de sua saliva e de quando ela me arranha com seus dentes.

Minha vontade é erguê-la e a foder aqui mesmo, porém, afasto-me, depositando um selinho nela antes de dizer:

— Vamos jantar primeiro dessa vez! — Ela assente com um enorme sorriso. — E sou eu quem vai cozinhar! — Faço careta. — Ainda está em tempo de pedir uma pizza!

Ela me segura pelas laterais do rosto e me dá um beijo rápido.

— Confio em suas habilidades manuais! — Gargalho, e ela volta a escaldar os tomates. — Continue a cortar os temperos!

— Mandona! — implico com ela antes de pegar a faca.

— Resposta errada. — Ela bate na minha bunda com o pano de prato. — Você diz *“oui, chef!”* quando eu falar com você.

Hummm... Meu pau se contorce com essa faceta dominadora.

Gosto disso!

— *Oui, chef!*

Bebo um gole de uísque ainda com um sorriso, ouvindo a Duda cantando baixinho na cozinha enquanto lava os pratos. Quem diria?! Uma mulher que não a Vanda lavando pratos em meu apartamento!

Ultimamente nem tenho usado a louça, pois, quando como aqui, uso os descartáveis e como direto na embalagem, depois só tenho o trabalho de tirar o lixo. O apartamento tem sido limpo três vezes por semana por uma faxineira que um dos porteiros do prédio me recomendou. Ela vem enquanto estou no trabalho, limpa tudo, separa as roupas, leva-as para a lavanderia e, depois de limpas, guarda-as no armário. Facilita muito, mas ela não cozinha, infelizmente.

A experiência hoje foi muito interessante. Confesso que nunca em minha

vida me imaginei cozinhando e, o mais surpreendente, gostando disso! Claro, não foi uma preparação de comida normal, mas cheia de sacanagem com minha chef mandona!

Sento-me no banco do piano, na sala principal, e coloco o copo do uísque em cima do tampo. Começo a dedilhar a esmo as teclas, lembrando-me de como foi divertida nossa interação desta noite.

Duda é uma chef exigente, reclamou de tudo o que eu fiz! Gargalho ao me lembrar de como criticou o pimentão que cortei, dizendo que estava grosseiro e enorme.

— Sou grosseiro e enorme! — murmurei em seu ouvido, e ela pegou meu pau por sobre o tecido do avental como se o estivesse avaliando.

— Não parece tão enorme!

— Fique com a mão aí mais uns instantes e terá a prova.

Ela rolou os olhos, bateu-me com o pano de prato de novo e me mandou trabalhar direito. Depois, quando reclamei cortando cebola e alho, ela riu e me chamou de fresco! Fiquei tão indignado com isso que a encostei contra a pia da outra bancada e lhe mostrei o quanto eu era quente!

Sou louco por aquela boceta, e a comer sobre minha pia da cozinha foi delicioso, porém, eu só queria provar um ponto e, quando vi que ela começou a ficar próxima do gozo, simplesmente reuni todo o meu autocontrole – que é quase inexistente com ela – e me retirei, lavei as mãos e voltei a cortar aquela porra que ardia os olhos.

— É sério, isso? — ouvia-a reclamar.

— Você me mandou trabalhar, chef! — Dei de ombros, sorrindo.

Instantes depois, ela estava de volta à bancada, mexendo o molho que estava fazendo com os tomates que descascou, mas seus olhos soltavam dardos na minha direção.

Foi uma boa vingança, mas confesso que sofri bastante também, porque nem mesmo a ardência nos olhos aplacou meu pau, e tive que terminar o serviço com ele duro e batendo na bancada. Quando, enfim, terminei de cortar tudo, ela me ensinou o ponto certo da massa, e eu vi que a tal panela com furos tinha uma utilidade incrível. Quem a inventou foi um gênio, devo admitir!

Deixei o macarrão escorrendo e fui até a adega pegar um vinho tinto para harmonizar com a comida, mas já voltei tomando esporro.

— Não lavou a massa?!

Arregalei os olhos e neguei.

— Tem que interromper o cozimento! — Ela pegou a panela e a colocou debaixo da água fria da pia.

— Achei que, só a tirando da água quente, isso já acontecia!

Duda bufou e não escondeu o sorriso.

— Amadores! — Depois que deixou a água fria escorrer, apontou para mim com seu jeito mandão. — Prepare-se para empratar!

— Já cozinhei e ainda terei que servir?

— Cozinhou! — Riu em deboche. — Está se achando o chef já, não é? — Aproximou-se de mim. — Você no máximo é um ajudante de cozinha e daqueles em início de carreira. — Alisou meu pênis. — Mas posso te ajudar se você fizer algo por mim...

— Isso é assédio, viu, chef?! — Agarrei-a enquanto gargalhava com a brincadeira. — O que você quer pela ajuda?

O molho quase queimou, e o macarrão ficou todo grudado, porém, deitei-a em cima da mesinha da cozinha e a fiz gozar em minha boca, puxando meus cabelos e se esfregando em minha cara.

A comida estava uma delícia. Ela me ensinou a fazer um ninho com o espaguete, colocar o molho no meio e decorar o prato com manjericão e tomates uvas (eu nem sabia que essa coisa existia!). Jantamos acompanhados de uma garrafa de vinho italiano que eu já tinha havia alguns anos na minha adega, conversando bastante sobre as experiências dela nas cozinhas onde trabalhou e dividindo o macarrão.

— Porra, eu cozinho bem! — disse todo orgulhoso da *pasta nel sugo* que fiz, e ela concordou pela primeira vez. — Mas fiz uma bagunça lá na cozinha.

— Fizemos — piscou ao se referir aos utensílios que tinham ido parar no chão quando eu a chupara. — Deixe a louça comigo; aposto que sou bem mais rápida que você.

— Obrigado, chef! — Levantei-me. — Eu tiro a mesa.

Desde então ela está lá, arrumando tudo, enquanto eu me servi uma dose da minha bebida preferida e estou aqui, sentado ao piano, tocando a esmo.

Tenho de admitir que estar com Duda é uma delícia. O jeito como me excita, a fluência que temos nas conversas, e como me faz rir e ser mais relaxado.

A introdução de uma música da Nina Simone me faz sorrir, pois saiu completamente sem intenção. Arrumo-me para tocá-la como se deve, mesmo não gostando de audiência quando faço isso, esperando que Maria Eduarda a escute da cozinha.

— Hum... — escuto sua voz e olho para trás. Ela está parada entre a sala de estar e a de jantar, taça de vinho na mão e um enorme sorriso. — Eu reconheço isso!

Sim, é uma das músicas que está no álbum que ficou com ela um tempo. Acho que é uma das músicas mais sexy da Nina Simone e combina

completamente com o clima entre nós.

Concentro-me em tocar a canção e quase erro uma nota quando Duda entra no meu campo de visão balançando o corpo no ritmo da música, completamente nua. Respiro fundo, e ela me olha.

— Atrapalhei você? — Bebe um gole do vinho. — Eu gosto de dançar. Continue!

Porra, ela gosta de me torturar, isso, sim!

Volto a colocar as mãos sobre as teclas, emitindo as primeiras notas, mas dessa vez decido surpreendê-la também:

Do I move you? Is it thrillin?
Do I groove you? Are you willin'?
Do I soothe you? Tell the truth now!
Do I move you? Are you loose now?
The answer better be (Yes, yes)
That pleases me![27]

Duda para de dançar e abre um enorme sorriso de satisfação ao ouvir minha voz, olhando-me com olhos brilhantes, parada contra a luz que entra pelas janelas da sala, parecendo uma ninfa.

— Não vai continuar a dançar? — pergunto antes de entrar na outra parte da música.

— Sua voz é sexy! — elogia.

— Eu sou sexy! — Dou de ombros com convencimento. — Quer ouvir mais?

Ela caminha até onde estou.

— Só se realizar um sonho antes.

Nem tenho tempo de perguntar do que se trata, e ela se senta na cauda do piano e cruza as pernas. Gargalho com a cara que faz, como se estivesse em um filme antigo de Hollywood, mas o sorriso morre quando a vejo se deitar sobre o instrumento.

Porra!

Erro outra nota, e ela me dá um olhar zangado. Como eu posso me concentrar a tendo assim? Como continuar tocando e cantando quando tudo o que quero é ir até ela, puxá-la para a beirada e fodê-la até liberar o gozo que estou guardando desde cedo?

— Foda-se!

Ela se assusta com meu xingamento e arregala os olhos quando faço exatamente o que queria. Ela se senta, e eu ataco sua boca com fúria, cheio de

tesão reprimido, adorando a mistura do vinho que sinto na língua dela e do puro malte na minha. Ela enlaça meu corpo com as pernas, mantendo-me bem próximo ao seu sexo, agarra meus ombros, e eu prendo os seus cabelos, segurando-os com firmeza demais.

— Estou louco para te foder desde que chegou — confesso descendo a boca para sugar seus mamilos. — Me deixa te ter toda esta noite, Maria Eduarda.

— Você tem! — geme em resposta. — Sou toda sua!

A resposta é tudo o que eu esperava para descer até o meio de suas pernas e provar o doce néctar de sua boceta. Não me canso disso, é impossível tocá-la sem provar sua intimidade, sem me fartar em sua carne quente e pulsante, brincar com seus lábios, traçar caminho entre eles com minha língua para explorá-la por completo.

Eu tenho fome dessa mulher, essa é a verdade!

Maria Eduarda se deita sobre a cauda do piano novamente conforme a fodo com a língua. Mantenho o órgão esticado e tenso, penetrando-o o máximo que posso. Intercalo os movimentos com leves sucções, lambidas amplas e chicotadas de língua em seu clitóris, e ela geme, contorcendo-se sobre o instrumento, em avançado estado de excitação.

O prazer que sinto é monstruoso também. Não me toco, mas sinto meu pau melando a ponto de gotejar em minha coxa. Sinto um arrepio ao imaginar como seria se Duda estivesse me chupando também, nós dois agradando um ao outro com a boca até gozarmos juntos.

Pego-a no colo, surpreendendo-a, sento-me sobre o tapete e, em seguida, deito-me com ela sentada sobre minha cintura.

— Vem aqui! — rosno o pedido, enlouquecido de tesão.

Duda se levanta e se ajoelha com meu rosto entre suas pernas, afogando-me em seu sexo molhado. Seguro-a pelos quadris, impelindo-a a rebolar, enquanto minha língua se move entre suas dobras. O gemido dela é algo espetacular, e o jeito como se move sobre meu rosto demonstra o quanto está gostando disso.

Desfiro um tapa em sua bunda, e ela joga a cabeça para trás, inclinando de leve o corpo, deixando seus peitos mais empinados e em uma posição privilegiada para que eu os veja de onde estou. Vê-la se entregando dessa maneira me traz uma satisfação enorme, não por eu estar lhe proporcionando isso, mas por nós termos esse nível de intimidade a ponto de nada ser constrangedor ou estranho. Nós nos entregamos um ao outro sem pudor, sem melindres, sem jogos, apenas ela e eu usufruindo do prazer e do desejo que temos juntos.

Deslizo a mãos por suas nádegas e molho os dedos em sua boceta encharcada, indo estimular seu rabo. Os gemidos aumentam, e os movimentos

ficam mais duros e rápidos. Insiro um dedo devagar, apenas para sentir a pressão de seu cu apertado, gemendo como um animal apenas por me imaginar seguindo esse caminho.

Quando afundo mais o dedo e dou leves estocadas, Maria Eduarda goza intensamente. Sorvo tudo o que consigo, em frenesi, até que a sinto relaxar e começar a rir.

— Posso me viciar nisso! — avisa-me, olhando-me entre suas coxas.

— Será um prazer. — Ela se ergue mais, e a seguro. — Fica de quatro sobre mim e mama meu pau.

Não questiona, apenas se vira e pega meu membro com gula, socando-o dentro de sua boca quente e macia, engolindo-o até onde é possível.

— Porra, chef!

Dou outro tapa em sua bunda e a faço se sentar no meu rosto para lhe presentear com um delicioso beijo grego. Ela tira a boca do meu pau e geme alto quando sente minha língua penetrando seu ânus, socando dentro dele, abrindo-o lentamente.

— Theo... — geme.

— Continua! — minha voz soa abafada entre suas nádegas.

Xingo alto quando sua boca volta a me chupar com sofreguidão, levando-me à beira do precipício do prazer, o frisson do pré-orgasmo tomando conta do meu corpo.

Levanto-a e saio debaixo dela, e Duda tenta fazer o mesmo.

— Não! — Impeço-a. — Fique assim.

Abro uma gaveta do aparador da sala e pego um pacote com camisinhas, usando uma para nossa proteção. Posto-me atrás dela, de joelhos sobre o tapete, seguro suas nádegas, afasto-as, tendo uma visão lindíssima e a penetro devagar, sentindo sua vagina me recebendo, ajustando-se ao meu tamanho, envolvendo-me com seu calor.

Os gemidos que damos são quase dolorosos. Sei que ela sente a mesma coisa quando nossos corpos se unem, é uma espécie de conexão estranha, um prazer que não dá para descrever e que nem mesmo a camisinha diminui.

Não tenho pressa, movo-me devagar, curtindo essas sensações, alongando o tempo de cada uma delas, saboreando a mulher incrível que geme a cada estocada. Fecho os olhos e não penso em mais nada a não ser nela, no seu corpo, no seu sorriso, em como nos encaixamos à perfeição.

Afundo meu pênis a ponto de senti-lo batendo no fundo dela. Vou devagar para não a machucar, mesmo tremendo com a vontade de foder duro, de me perder nela e deixar o gozo vir.

Fico um tempo no fundo e saio devagar, voltando a penetrar

profundamente. Nunca tive muita paciência para sexo parado, lento, quase como o tântrico, mas preciso desse tempinho para desacelerar e não fazer loucura. Travo a mandíbula, trinco os dentes, sinto o suor escorrer nas minhas costas, mesmo com o ar ligado, e meus músculos ficam mais e mais instáveis.

— Caralho! — exclamo quando ela rebola contra mim, acabando com o resto de controle que eu estava tentando manter.

Seguro-a firme pelos quadris e me soco contra ela alucinado, em estocadas rápidas e profundas, rebolando, metendo, rosnando, libertando a vontade de fodê-la com pressão. Escuto seus gritos de prazer, palavras de incentivo, gemidos desesperados, e, por fim, sua boceta se contrai e aperta meu pau, ordenhando-o intensamente.

Gozo sem limites, sentindo quase dor física em minhas bolas, expulsando sêmen contido desde quando amanheci hoje com a perspectiva de tê-la esta noite.

Desabo sobre ela sem conseguir respirar, sem poder me mover, mesmo esmagando-a contra o tapete da sala. Meu coração nunca esteve tão disparado, e olha que está acostumado a atividades físicas pesadas.

— Theo? — Duda me chama. — Ei, Theo...

Abro os olhos e a encaro, com o rosto de lado sobre o tapete.

— É melhor você sair de dentro, a camisinha pode vazar...

— Um minuto... — Estou completamente sem fôlego. — Só necessito de um minuto.

Ela ri, move-se, e eu rolo para o lado, sem coragem para me mexer.

— Se a noite continuar assim, não vou conseguir nem andar amanhã!

Rio ao perceber a sinceridade nas palavras dela e a puxo para meu abraço.

— Você está preocupada com o amanhã, e eu, se vou sobreviver a esta noite! — Ela ri, e eu a beijo. — Não quero esperar quase uma semana para ter você aqui de novo — confesso e a pego de surpresa. — Eu sei que sua agenda é complicada, que temos um problema, pois eu trabalho de dia, e você, de noite, mas eu poderia pegar você depois do...

— Eu vou tirar uns dias de férias. — Abro um sorriso ao ouvir isso, todo animado. Ela me encara. — Vou me encontrar com minha tia e minha filha em Paraty.

O sorriso morre, mas tento mantê-lo e fingir que não fiquei decepcionado.

— Muitos dias?

— Vou na quarta-feira de manhã e volto no domingo à noite. — Hum, pouco tempo, menos de uma semana, e ela já estará de volta. — Mas vai ficar complicado vir para cá depois que Tessa voltar para casa, pois as segundas são dela. É o único tempo que tenho para lhe dar atenção.

Mais uma vez me esforço para manter o sorriso congelado na cara, sem demonstrar o quanto isso me desagradou. É claro que ela tem que dar atenção à filha, e o único dia que tem livre para isso é nas minhas segundas-feiras.

Minhas segundas-feiras! Que ridículo pensar assim.

Maria Eduarda é apenas um caso que teria um fim cedo ou tarde. Infelizmente, ao que parece, está sendo mais cedo do que planejei.

33

Duda

— Mamãe! — a voz de Tessa chega até meus ouvidos, arrancando um enorme sorriso.

Minha menina vem correndo de braços abertos em minha direção, e eu a aperto com força contra mim, cheia de saudades, preocupada e feliz ao mesmo tempo. Esses momentos com ela são tão raros que, quando tenho essa oportunidade, quero compensar todo o tempo que passo longe.

Sei que ela já entende, tem crescido de uma forma assustadora e já consegue ajudar tia Do Carmo em casa fazendo suas próprias coisas sozinha, como arrumar a cama, lavar o prato que comeu e etc. Só tenho a agradecer por ela ser tão especial, tão compreensiva e organizada, um verdadeiro presente que recebi.

— Oi, meu amor! — Beijo sua bochecha. — Eu estava louca para ter você comigo de novo! — Agarro-a mais forte, e ela gargalha. — Como estão as coisas por aí? Se divertindo muito?

— Sim! — Ela pula. — Quando a titia disse que você vinha, eu fiquei muito ansiosa, mamãe! Os dias, mesmo divertidos, demoraram a passar. — Ela volta a me abraçar. — Mas você chegou, e vamos poder brincar muito juntas! Eu quero fazer um castelo de areia na praia, te mostrar que aprendi a virar estrela, te ensinar a pegar jacaré lá na praia do Rancho, fazer as trilhas com você. — Ela bate palmas, pulando animada. — Podemos fazer piquenique lá na praia do Cachadaço! Lá tem umas árvores, e podemos ficar nas sombras e...

— Ei, Tetê, respira! — rio dela, chamando-a pelo apelido de quando era bebê. — Teremos tempo para planejar todos esses passeios, mas agora só penso em comer algo.

Ela arregala os olhos e me puxa pelas mãos, arrastando-me para dentro da casa de tia Consuelo.

Saí de São Paulo às 7h da manhã já com o carro que aluguei na terça-feira, assim que saí do apartamento do Theo. Passei na locadora, loquei um carro popular pequeno e agendei a entrega dele para mais tarde, no Hill. Mesmo cansada, depois da intensa noite com o grego, ajudei o pessoal da cozinha na preparação para a noite e somente à 1h da manhã é que me deitei, pois tive que arrumar as malas.

Recebi mais cedo uma mensagem do Theo perguntando se eu tinha chegado bem em casa, e, antes de eu dormir, chegou mais uma me desejando boa noite.

Obrigada! Acabei de fazer as malas e não consigo dormir.

Ele estava online e logo respondeu:

Eu também estou na cama, exausto, para ser sincero, meu dia foi tenso. Como está vestida?

Gargalhei ao ler a pergunta e fui bem sincera:

Uma camisola bem feia de malha, toda larga e com a estampa do Bob Esponja na frente. Nada sexy!

Em você tudo fica sexy!

Hum... Gostei que ele me visse assim, sexy até nos meus piores momentos.

Você se masturba bastante antes de dormir?

Quase engasguei com minha própria saliva, senti o rosto queimar, mas digitei uma resposta:

Não muito. Chego tão cansada e com as pernas tão doloridas de ficar em pé a noite toda que só penso em desabar na cama e dormir.

Você precisa de uma banheira.

Ia digitar que tinha outras prioridades, mas ele complementou:

Ou de alguém que massageie seus pés.”

A segunda opção era muito melhor.

Eu ia adorar alguém para me massagear.

Eu ia adorar massagear sua boceta agora!

Resultado disso? Acabei dormindo muito depois das 2h da manhã, toda relaxada por gozar com as mensagens dele. Rio ao lembrar, sentindo-me adolescente de novo. Gosto dessa sensação de novidade que tenho com Theo, faz-me esquecer os problemas e preocupações, pensar mais em mim e me sentir feliz como há muito tempo não me sentia.

Sinto-me menos sozinha, essa é a verdade. Sei que isso é loucura e que não é prudente deixá-lo aquecer meu coração da forma como o faz, porém, é gostoso demais o que ele me faz sentir, mesmo com suas mensagens sacanas, com nossos encontros para apenas sexo. Theo me completa, e eu nem tinha me dado conta, antes dele, que tinha esse vazio.

— Ah, minha linda! — tia Consuelo me cumprimenta. — Que bom que você resolveu se juntar a nós!

— Obrigada por me receber, tia! — Abraço-a.

— Você é da família! A casa é pequena e simples, mas sempre cabe mais um da família!

Tia Do Carmo aparece, vinda da área dos quartos e abre um enorme sorriso ao me ver. Abraça-me forte e me dá beijinhos como quando eu era criança.

— Minha filha, que bom que veio!

Olho de soslaio para Tessa e aproveito que está conversando animadamente com tia Consuelo para falar sobre sua saúde com tia Do Carmo.

— Ela está bem, não teve mais nenhum problema e passou a comer melhor desde que soube que você viria.

— Que bom, tia, é um alívio enorme!
— Cadê sua mala? — ela pergunta.
— No carro! — Gargalho. — Tessa começou a falar sem parar, e eu acabei esquecendo. Além disso — faço um biquinho —, estou verde de fome!
— Consuelo fez um peixe ensopado com banana da terra verde. — Gemo só em imaginar o sabor. — Está lá fora no fogão a lenha.
— Diz que foi feito na panela de barro, por favor!
— Claro que sim, minha linda! — é a própria dona da casa quem responde. — Não sou uma chef de cozinha talentosa como você, mas sei uns truques ou outros.
Sorrio para Tessa e esfrego a barriga, lambendo os lábios, fazendo-a rir de minha gulodice. Saímos todas da casa para o almoço na pequena, mas arrumada área de lazer, um espaço com churrasqueira e fogão a lenha, além de um chuveirão para refrescar.
O sol está inclemente neste começo de ano, e a tão esperada chuva de janeiro ainda não veio, nem mesmo as famosas pancadas de verão. O clima aqui é gostoso, a vila é pequena, tem pouco comércio, muitas pousadas, campings e pequenos hotéis. Os moradores locais devem ficar loucos com a quantidade de gringos e turistas que aparece nesta época do ano e a maioria tem algum tipo de negócio para ganhar dinheiro.
A casa da tia Consuelo é uma das poucas que ainda não virou pousada ou hostel, talvez pelo tamanho, porém, é engolida por esses empreendimentos no entorno. Quando desci a serrinha – saindo da Rio-Santos e pegando o acesso a Trindade –, fiquei deslumbrada já com a vista da primeira praia, onde uns surfistas treinavam. As ondas batiam fortes, e não tinham banhistas, só praticantes de esportes.
Entrei na rua que o GPS me indicou e, distanciando-me da segunda praia – do Rancho –, encontrei a casa da tia Consuelo. Eu nunca vim aqui, mas já ouvi Tessa falar tanto sobre o lugar, das férias passadas, que parece que conheço cada canto.
— É uma pena você ter chegado na hora do almoço, senão poderia ter ido com o Lucas e a Francielle até a piscina natural — a dona da casa diz, servindo-me o peixe. — Eles já devem estar chegando.
— Nossa, tem muito tempo que não vejo o Luquinha! — Rio do apelido do moleque. — Ele já tem quantos anos?
— 23, e ninguém mais consegue chamá-lo de Luquinha! — Ouço um barulho na casa, e tia Consuelo ri. — Chegaram!
Francielle, a filha mais nova dela, arregala os olhos quando me vê e vem me abraçar. Ela já está uma moça; na última vez em que a vi, era um pouco

maior que a Tessa.

— Você veio mesmo, Duda! — exclama animada. — Quanto tempo!

— Pois é, você está uma moça linda!

— Faço 16 no mês que vem. — Ela vai até a panela da mãe e olha para o conteúdo com cara de nojo. — Tessa, “bora” fazer batata frita?

Minha filha salta como se tivesse molas nos pés e segue a garota maior para a cozinha de dentro de casa.

— Lucas, olha só quem chegou! — ouço Francielle falando dentro da casa.

Um homem alto, barbudo e malhado aparece, e eu franzo o cenho, não acreditando que é o “Luquinha”. Gente, quanto tempo tem que eu não vejo esse moleque?!

— Ei, Duda! — ele vem me cumprimentar, e me sinto sem jeito, porque sempre brinquei com ele apertando sua bunda e falando: “Ei, Luquinha Bundinha!”. Não dá mais para fazer isso!

— Oi! — Cumprimento-o com um beijo na face. — Você cresceu, hein, moço? O que estão te dando para tomar no Rio de Janeiro?

— Bomba! — Francielle grita de dentro da casa.

— Palhaça! — ele grita de volta, e ela gargalha. — Ah, o tempo passou, né, Duda? Tem uns cinco anos que a gente não se vê. Foi quando eu fui estudar no Rio.

— Isso! Como estão as coisas? Não volta mais para São Paulo, não?

Ele ri.

— Acho que não, viu? Meu chefe é um cara todo bacana, tá sempre promovendo internamente...

— Ele já recebeu duas promoções, e olha que acabou de se formar — a mãe o interrompe orgulhosa.

— É uma empresa de tecnologia? — Ele assente. — Eu lembro de alguém ter comentado.

— Sim, trabalho na TR3S Tecnologia. — Eu me surpreendo, pois conheço a empresa. E ele ri. — Sim, é a desenvolvedora do Fantasy!

— Fantasy? O que é isso?

Escuto tia Consuelo rir.

— Duda é a única moça solteira que não tem uma conta no Fantasy! — Ela ri muito, e continuo sem entender.

— Você conhece o Tinder? — tia Consuelo pergunta, e assinto. — Então, é parecido...

— Mas é somente para realizações de fantasias sexuais. — Arregalo os olhos e sinto o rosto queimar. — Não é um app de encontros, nem de namoro, é único e exclusivo para isso, separado por tipo de fantasia, orientação sexual – se

a pessoa quiser colocar – e etc.

— Isso é mesmo sério? — Sinto-me estarrecida.

— É, e é o app mais baixado e usado no momento para esse tipo de interação. Era uma rede social antes, um site, mas, desde que virou aplicativo, há uns dois anos, o pessoal ficou enlouquecido. Ele trabalha com algoritmos, e é minha divisão quem ajuda a desenvolvê-lo.

— Eu conhecia a TR3S porque adquiri todo o sistema de pedidos do Hill com eles.

— Fazemos coisas sérias também! — ele mesmo debocha. — Softwares para empresas, sistemas de segurança, hospedagem de sites, enfim, a maioria das coisas relacionadas a TI.

— Nossa, parabéns! Deve ser muito legal se formar e já trabalhar em uma empresa grande assim.

— Ah, não, esquece esse negócio de empresa grande! Meu chefe resolveu fazer uma *co-working* no prédio onde funciona a TR3S, e tem várias pequenas empresas dentro da nossa. Tudo muito despojado, a galera vai trabalhar de bermuda e chinelo, sai para surfar no meio do expediente e depois volta para fazer a meta do dia. Esquece esse negócio de CEO engravatado. — Ri. — O Gustavo vai trabalhar de camiseta!

Acho tudo tão fantástico que entendo o fascínio dele e a vontade de permanecer na empresa. Tento imaginar isso acontecendo em São Paulo e, sinceramente, não consigo visualizar. Claro que deve haver empresas modernas assim por lá, mas imaginar Theo de camiseta, bermuda e Havaianas indo para a Karamanlis é impossível!

Continuamos a conversar durante o almoço, todos reunidos em volta da mesa de madeira rústica com bancos sem encosto. O peixe da tia Consuelo está tão divino que repito a refeição, acompanhada de cerveja gelada.

À tarde coloco meu biquíni e posso finalmente conhecer as praias deste lugar encantador. Vamos à lotada Praia do Meio, onde nos sentamos a uma mesinha de um quiosque, comemos deliciosos camarões fritos e tomamos mais cerveja.

Finalmente conheço a Cássia, amiguinha da Tessa, e seus pais, Roberto e Thaís. O casal fica conosco até escurecer na praia. Gosto muito deles, pessoas muito simpáticas e de carisma enorme. Moram em Guarulhos e são advogados, trabalham juntos, conheceram-se na faculdade, e a menina é a única filha do casal, embora eles estejam pensando em ter mais um filho.

À noite vejo Tessa desabar de sono depois do banho e a coloco na cama, adorando fazer isso sem pressa, ficar alisando o rosto lindo da minha princesa, seus cabelos lisos e fininhos, claros como mel, seus enormes cílios curvados de

dar inveja a quaisquer postiços, que, além de espetaculares, protegem um par de olhos de um verde exuberante!

Cheiro seu pescoço antes de sair da cama dela, tentando ainda captar o cheirinho de neném que ela tinha, mas já não o encontro mais. Minha menina cresceu, daqui a pouco estará do tamanho de Francielle, indo para a faculdade e saindo de casa como o Luquinha. O tempo passa tão depressa, ainda mais com uma vida corrida como a minha.

Eu deveria priorizar mais minha família. Tia Do Carmo precisa de mim, Tessa vai crescer, e estou perdendo os melhores momentos de sua vida. Talvez devesse aceitar a proposta da Dominus e vender o Hill, pagar as dívidas que me tiram o sono, investir em um pequeno e aconchegante bistrô, trabalhar durante o dia e fechar antes da meia-noite. *Um sonho!*

Sinto um aperto no peito ao pensar em abandonar o Hill, o bar onde meu pai passou a vida toda, onde mamãe cozinhava e fazia porções incríveis sempre com bom-humor. Aquele boteco ajudou a nos criar, bancou nossos estudos – meu e de meu irmão – e é onde tenho as últimas lembranças de JP ainda saudável e feliz.

Aquele bar é mais do que meu ganha-pão, é o legado da minha família.

Os dias preguiçosos, de manhãs sonolentas na praia, de tardes relaxadas na rede, estão acabando. O final de semana chegou, e, com ele, o gostinho amargo de ter de retornar à rotina e voltar para São Paulo depois de amanhã. Tessa já está aqui há 15 dias, e daqui a pouco as férias acabarão. Precisamos comprar uniforme, mochila e material escolar novos e organizar tudo para a volta às aulas.

Eu gostaria de ficar aqui por, pelo menos, uma semana, mas, se eu não voltar para São Paulo, não poderei aproveitar o restante das minhas “férias” e ir às compras com a Tessa. Tia Do Carmo e tia Consuelo têm uma viagem programada com o clube de costura da qual fazem parte e, por isso, preciso ter tudo sob controle no Hill para ficar à disposição da minha filha.

— Mãe, joga a bola! — Tessa me grita, e eu desperto dos pensamentos, dando um tapa na enorme bola colorida, vendo as duas meninas saírem atrás dela gritando e pulando.

Francielle não sai do celular, tentando conversar com algum boy pelo WhatsApp e reclamando do sinal instável, enquanto Luquinha lê um livro muito

estranho sobre ficção científica.

Junto-me a ele debaixo do guarda-sol, deitando-me na canga que estendi mais cedo, quando chegamos aqui na praia do Cachadaço para o piquenique. Ontem assamos frango, fizemos uma salada bem sortida e fiz torta de limão. Colocamos tudo em caixas térmicas e trouxemos para a praia. Sim, eu sei que isso parece coisa de “farofeiro”, mas quem nunca fez algo assim?! Além do mais, as crianças adoram!

— Sua torta estava divina, Duda! — ouço Lucas elogiar.

— Obrigada! — Suspiro ao fechar os olhos.

Tem sido tão bom poder descansar esses dias! Eu nem tinha percebido quão precisada estava desse tempinho. As últimas semanas foram intensas demais, final de ano, cozinhar no baile, o dia a dia no Hill e mais as noites com Theodoros...

Suspiro de novo ao pensar no homem. Sinto falta dele, das mensagens safadas, do humor contagiante e, claro, de seu corpo enlouquecedor. Desde a madrugada de quarta-feira, quando fizemos sexo por mensagens, não tenho notícias dele.

Não vou mentir que não esperava que ele mantivesse contato. Fiquei decepcionada ontem, mas acordei resignada hoje. Não temos nada sério um com o outro, então não tem mesmo nenhum sentido ficarmos trocando mensagens, ele perguntando das minhas férias, da minha família. Não, isso não combina com Theo!

Acabo adormecendo e só volto a acordar depois que meu celular dispara notificações sem parar.

— Ei, Duda, tem alguém desesperado querendo falar com você! Aproveita que o sinal acabou de voltar! — Lucas aponta para o aparelho, caído com o visor para baixo em cima da canga.

— Nossa, que susto! — Sento-me ainda um pouco zonza. — Cochilei sem querer.

— Acontece. — Sorri, dando de ombros. — Aproveita enquanto pode, está aqui para isso!

Concordo com ele e pego o maldito aparelho que perturbou meu sono. Quase caio para trás ao ver que Theo resolveu dar o ar da graça e me mandou um monte de mensagens.

Boa tarde, Maria Eduarda, como estão as férias?

Como é o nome do lugar onde você está mesmo?

Ei, tudo bem por aí?

Deve estar na praia! Quando puder, me responde!

A primeira mensagem chegou faz mais de uma hora, e a última, agora, e ele continua online.

Oi!

Respondo.

Minhas férias estão boas, obrigada! Estou em Trindade, fica em Paraty. Tudo bem por aqui. Estou na praia, sim!

Pronto! Todas as perguntas respondidas.

— Eita, pela sua cara, a pessoa está encrencada. — Lucas parece divertido.

— Que cara eu fiz? — pergunto divertida.

— De quem não estava satisfeita com o contato.

Nego.

— Ele só demorou demais para fazer algum.

Lucas ri, e tento relaxar meu pescoço, um pouco dolorido por ter cochilado na areia.

— Quer ajuda aí? — ele se prontifica a massagear meus ombros, levantando-se da cadeira de praia e se posicionando às minhas costas.

— Aproveita e passa o filtro solar? — peço estendendo o vidro para trás.

— Pode deixar que eu faço isso!

Quase quebro o pescoço ao me virar para ter certeza de que não estou tendo algum tipo de fantasia proveniente de insolação e arregalo os olhos ao ver chinelos, uma bermuda preta, uma barriga tanquinho que já conheço e, finalmente, os olhos azuis e brilhantes de Theodoros Karamanlis.

34

Theo

— Theo? — Duda parece mais do que surpresa. Assustada seria uma palavra boa para defini-la neste momento.

Cheguei aqui a essa pequena vila há mais de uma hora. Tentei falar com ela, saber onde estava, mas, como não visualizou as mensagens, decidi andar pelas praias, atento às areias, procurando por ela. Não foi tão simples quanto imaginei! A primeira praia estava ligeiramente vazia, mas a outra – a que parece ser a principal, principalmente por causa dos quiosques e mesas – estava lotada.

Passei olhando, mas ainda esperando que ela me desse a dica por mensagem. Nem pude admirar o local, saber se as praias eram bonitas mesmo, pois tinha uma missão e, enquanto não a cumprisse, não iria conseguir pensar em outra coisa.

Entrei numa pequena trilha no meio da mata e parei em uma praia praticamente vazia, e o som de risadas de crianças me chamou a atenção. Naquele mesmo instante meu celular tocou uma notificação. Li o “oi” de Duda e

em seguida uma mensagem curta e grossa, apenas respondendo minhas perguntas.

Novamente o riso das crianças chamou minha atenção, e o nome gritado por uma delas me fez ter certeza de que minha "presa" estava por aqui.

— Tessa!

A menina de cabelos claros na foto no quarto da Duda e que tanto me deixou admirado passou por mim correndo de outra garota, e a segui com os olhos para ver se me levava até onde sua mãe estava.

Quando vi Duda Hill de biquíni, sentada sobre uma canga ao lado de um tipo barbudo, segurei a respiração. Ela sorria para ele, divertida com algo que lhe disse e respondeu a ele dando de ombros. Pensei em ir embora e deixá-la em paz, porém, antes mesmo que me desse conta, já estava andando em sua direção.

Eu estava bem perto quando o rapaz se levantou e se ajoelhou atrás de Maria Eduarda com o claro propósito de massagear suas costas. *Porra!* Fiquei puto na hora, lembrando-me da massagem que lhe fiz na banheira, querendo pegar o moleque e o jogar para longe dela.

Desviei-me a fim de alcançá-los por trás e a escutei pedir a ele para passar filtro solar enquanto estendia o frasco para trás. Quase corri para chegar a tempo e tomar o produto, pegando os dois de surpresa.

— Quem é ele? — O barbudinho me encara e se levanta, ficando cara a cara comigo.

— Baixa a bola, moleque! — aviso-lhe. — Duda e eu nos conhecemos bem, não é?

Ela franze o cenho e também se levanta.

— Sim. — Dá um sorriso forçado para o garotão. — Só não entendi o que você está fazendo aqui.

Porra!

Eu deveria ter dado meia-volta quando a vi acompanhada e não ter me colocado nesta situação ridícula na qual estou agora. Confesso que nunca imaginei que ela gostasse de homens mais jovens, porém, *ela* é nova e linda, então, não me admira que um *garotão* fique de quatro.

Não tenho desculpas para estar aqui. Minha única saída é ser sincero, encarar a situação e aguardar o resultado.

— Vim te ver — respondo, e, por mais estranho que possa parecer, o tipo, que eu achava que era concorrência, abre um sorriso gigante e se afasta. *Bom sinal, muito bom sinal!* — Não consegui tirar você da cabeça. Cancelei minhas reuniões hoje, peguei estrada e vim parar neste lugar sem saber nem mesmo se te acharia.

— Podia ter mandado alguma mensagem antes — responde com os braços

cruzados sobre os seios. — Manter algum contato poderia ter te poupado o trabalho de vir até aqui.

Caralho, ela está brava por causa do meu sumiço nesses dias!

É verdade, eu evitei entrar em contato com ela, e, como Duda também não tentou nenhum, aproveitei para tentar colocar a cabeça no lugar, longe do fascínio que ela exerce sobre mim.

Como vocês podem perceber, não deu certo!

— Foi um impulso, Duda — tenho que jogar limpo com ela para tentar contornar a situação. — Eu realmente queria te dar espaço, queria pensar também, por isso não entrei em contato antes.

— E pensou?

Abro um sorriso.

— Pensei. — Aproximo-me dela. — Quero você como um louco! Não pude parar de pensar na gente, nas nossas noites, nas conversas. Tentei até cozinhar.

Sim. Vanda, que chegou na terça-feira à tarde, surpreendeu-se quando tentei cozinhar na quinta-feira à noite e fodi tudo, causando uma enorme pilha de vasilhas sujas e nada comestível. Acabamos pedindo pizza!

Todavia, apesar do insucesso, essa atitude foi a que eu precisava para entender que queria Maria Eduarda, que estava sentindo falta dela e que, naquele momento, era a única mulher em quem eu conseguia pensar.

— Você está diferente! — Vanda comentou enquanto comíamos. — Eu nuca te vi assim, tão relaxado, querendo cozinhar, tocando mesmo quando ainda estou acordada. — Dei de ombros, mas parecia que ela me conhecia bem demais. — Alguma coisa aconteceu durante esse tempo em que estive fora.

— Impressão sua! — Tentei esconder, mas o telefone apitou uma notificação e eu, esperando ser notícias de Duda, corri para pegá-lo e fiquei – visivelmente – desapontado ao ver que era o Millos.

— Uma mulher nova! — Ela riu. — Ela deve ser muito especial para mexer assim com você. A futura senhora Karamanlis?

Arregalei os olhos e neguei.

Maria Eduarda Hill casada comigo? Nunca! Ela não se encaixa no perfil que busco para uma esposa. Quer dizer, não no que concerne ao meu avô, porque química nós temos de sobra, porém, ela nunca seria aceita pelo *pappoús*. E nem penso só em sua falta de berço e dinheiro, mas na pequena menina da foto de sua cabeceira. Uma mãe solteira? Jamais!

Vanda não teceu mais nenhum comentário depois disso, mas me fez pensar em Duda, em como eu gostaria de mais algumas noites desfrutando desse tesão todo que temos e da perspectiva de não conseguir mais isso quando a filha dela voltasse das férias em Paraty.

Franzi o cenho e abri meu e-mail, lendo o comprovante do leilão dos Villazzas, um final de semana em Angra dos Reis, cidade vizinha à que Duda estava com a filha. Tentei tirar a ideia da cabeça alegando que estava muito em cima para me hospedar na ilha, que o meu final de semana seria cheio, pois pretendia trabalhar. Sabia que Duda estava em Paraty, mas não exatamente onde.

Tentei ligar para ela, mas o celular caiu várias vezes na caixa postal, então tive a brilhante ideia de ligar para o Hill e pedir ajuda à tal amiga que me ameaçou com a vassoura.

Não foi fácil! A tal Manola foi osso duro de roer comigo. Eu pensei que pudesse jogar qualquer conversa fiada que ela cairia, mas a mulher se revelou sagaz demais.

— Olha só, *Theozudo*... — quase engasguei quando ela me chamou disso, mas tentei me manter sério, afinal, precisava de ajuda. — Ou você para de inventar histórias para saber onde minha amiga está, ou vou desligar na sua cara.

Imagina minha frustração por conseguir negociar com vários homens e mulheres de negócios do mundo e não dobrar na lábia uma ruiva miúda metida a cão de guarda da Duda.

— Está certo, Manola. — Resolvi ser sincero com ela. — Preciso do endereço porque pretendo convidá-la para conhecer uma ilha comigo.

— Hum... — Ela ficou um tempo muda. — Sabe que ela não está sozinha por lá, não?

Logo pensei em algum homem.

— Não?!

— Claro que não, abestado! Está com a filha e a tia!

Ah, sim, eu sabia, mas ainda assim senti um alívio enorme por não ser outro homem. Não que eu fosse ciumento, nem que ela não pudesse sair com alguém enquanto... *Ah, merda! Ela não pode sair com outro, claro que não! Assim como não consigo pensar em tocar outra mulher, não quero que ela pense em outro homem!*, pensei em desespero, pois era a primeira vez que eu vivenciava algo assim.

— Eu sei que ela está com a família e uns amigos por lá, não me importo.

— Eu não sei o endereço.

Preciso de uma pausa no flashback para dizer que xinguei mentalmente aquela mulher louca, muito mesmo! Ela estava de onda com minha cara? Querendo saber o que eu pretendia, fez com que eu revelasse meus planos a ela e não tinha a porra do endereço?!

— Mas sei o local onde está — continuou. — Em Trindade, uma vila de Paraty. Tenho certeza de que você tem um carrão com um bom GPS. O lugar é pequeno, e você, se tiver sorte, poderá encontrá-la. — Rolei os olhos para ela

ouvindo suas risadas, mas lhe agradeci. Porém, antes que eu desligasse, ouvi suas palavras sombrias: — Eu sou muito boa em desossar, sabe? Manipulo uma faca como ninguém, e meu pai, ele nasceu no Ceará e me ensinou desde pequena a fazer testículos de bode recheados. — Fiz careta ao sentir a ameaça implícita. — Há muito tempo não faço isso, mas, caso seja necessário, posso resolver testar minha memória. — Ela riu e falou baixinho: — Então não seja um bode, e seus bagos estarão a salvo.

Emiti apenas um ruído estranho e desliguei. Involuntariamente conferi minhas bolas por sobre o tecido da calça que uso para dormir e respirei aliviado. A mulher é louca, e isso fez com que eu pensasse no que falam sobre ruivas serem geniosas.

Logo em seguida mandei um e-mail para o administrador da ilha, marquei a estada e comecei a procurar informações sobre lancha ou iate para nos levar até lá. Antes de dormir, conferi o itinerário até Trindade e me senti muito bem quando o sono chegou.

Hoje de manhã, sexta-feira, cheguei à empresa, pedi ao Rômulo para que desmarcasse todas as minhas reuniões, neguei os convites para festas e jantares nesse final de semana, inclusive de Valentina, com quem estive rapidamente na quarta-feira à noite, pois nos encontramos em uma exposição, mas só trocamos cumprimentos.

A verdade é que eu deveria estar traçando planos com ela, convidando-a para passar esses dias na ilha comigo, para que dormíssemos juntos, nos entendêssemos, e eu pudesse tomar uma decisão sobre o que fazer, avançar ou retroceder com relação a ela. Odeio ficar em cima do muro, e é exatamente como me sinto!

Entretanto, ao invés de seguir com o plano para agradar meu avô, saí de São Paulo disposto a achar a cozinheira e a arrastar comigo para uma ilha particular em Angra dos Reis.

— Você tentou cozinhar? — Ela ri de mim. — Sério mesmo?

— Fracassei terrivelmente, chef. Acho que não estou apto nem para auxiliar de cozinha! — Ela sorri, e eu a abraço pela cintura. — Preciso de você!

— Theo... — Ela olha para o lado, na direção onde outras pessoas estão, inclusive as meninas. — O que você tem em mente?

— Raptar você. — Ela nega, mas continuo: — Comprei um final de semana em uma ilha particular de Angra dos Reis no baile dos Villazzas e ela estará disponível para mim neste final de semana. Não é uma coincidência incrível?

Duda ergue uma sobrancelha.

— Coincidência, é?

— Não, mas podemos fingir que foi para que eu não pareça tão

desesperado?

Ela ri, e eu avanço para beijar sua boca deliciosa, mas somos interrompidos.

— Mamãe, a Cássia e eu queremos...

A menina me encara, e eu fico completamente deslumbrado por seus olhos. Duda se desvencilha de mim com as faces coradas e se aproxima da filha.

— Tessa, esse é um amigo da mamãe, o Theo. — Aponta para mim. — Ele é lá de São Paulo.

— Oi! — Ela sorri, e duas covinhas nas bochechas aparecem. Sinto um frio na barriga, uma sensação estranha que não sei explicar, pois tenho a impressão de já tê-la visto antes. — Eu quero mais um pedaço de torta!

Duda me olha, divertida, e eu saio do transe estranho causado pela menina.

— Você também quer? É de limão, com merengue e...

— Não, obrigado, prefiro a *tarte tatin* com bastante chantilly.

Ela fica vermelha, provavelmente se lembrando de como comemos essa torta em questão, e abro um enorme sorriso.

— A Manola também adora essa torta! — Tessa fala animada, e faço careta ao me lembrar da amiga ruiva e muito brava de Duda. — Viu só, mamãe? Você pode fazer uma e dividir entre a Manola e seu amigo Theo!

Engasgo com minha própria saliva, e Maria Eduarda gargalha.

— Acho que a Manola vai adorar dividir essa torta com ele, filha.

Nego, fazendo cara de assustado, e Duda ri mais ainda. A menina também ri, esperando seu pedaço de torta e me avaliando disfarçadamente. Surge-me uma ideia. Sei que é golpe sujo, mas não vim até aqui para morrer na praia.

— Já passeou em um iate, Tessa? — indago.

— Não. — Encara-me interessada. — É aquela lancha bem grande, né? — Assinto. — Você tem um?

— Não, mas aluguei um.

Duda arregala os olhos com a informação, e Tessa abre um enorme sorriso.

— Theo... — Duda me adverte, mas não paro:

— Já pensou em dormir no meio do mar?

— Dentro do barco? — Ela parece assustada. — É legal?

— Não, em uma casa, numa ilha. — O sorriso da garota aumenta, e novamente tenho a sensação estranha, mas tento não pensar nisso. — Então, tenho um iate para passear e uma ilha com uma casa enorme para dormir. O que acha de conhecer?

— Sério?! — reconheço o deslumbre na sua voz. — Eu ia amar!

— Tessa! — Duda se aproxima com dois pedaços de torta e os entrega para a criança. — Leve para a Cássia enquanto está geladinha.

A menina sai correndo com a sobremesa nas mãos, gritando pela amiga,

falando em passear de iate e dormir em uma ilha.

— Isso é golpe baixo! — acusa-me, apontando o dedo para o meu rosto. — Eu não posso abandonar minha tia aqui e ir com você para lá.

— Leve sua tia! — digo sem pensar, querendo que ela vá comigo de qualquer jeito. — Já convidei sua filha. Tenho certeza de que a casa é grande para todos.

— Você só pode estar doido!

Concordo com ela. Estou tão doido por essa mulher que acabei de me envolver com toda sua família e ainda a convidei a ficar comigo como se tivéssemos algum tipo de relacionamento sério.

Quer merda você está fazendo, Theodoros?

— Tem certeza disso? — Duda faz a pergunta ideal para que eu escape dessa loucura, mas não aproveito a brecha.

— Tenho. Vai ser divertido para sua filha, uma distração legal para sua tia e... um prazer para mim.

— Tessa estava chateada porque a Cássia vai embora amanhã cedo. — Pondera por um tempo. — Voltaremos no domingo?

Já posso sentir o frisson de tê-la convencido e vislumbrar a noite que preparei para nós dois. Reprimo o sorriso de vitória, ainda achando cedo demais.

— Depois do almoço — confirmo.

Duda solta o ar em rendição, e aí, sim, tenho o sorriso mais fodido e enorme do mundo estampado na cara.

— Está certo. Preciso só saber se minha tia aceita ir, porque estamos hospedados na casa de sua melhor amiga.

Isso me lembra do *bombadinho* que estava cheio de sorrisos para o lado dela e que iria tocá-la para passar filtro solar. Fecho as mãos para controlar a vontade que tive – e que voltou agora só por imaginá-lo tocando nela – de bater nele e o busco com os olhos. O garoto não tira os olhos de nós dois enquanto conversa com duas senhoras mais velhas e uma adolescente.

Não quero perguntar a Duda quem é ele e que relevância tem na sua vida, afinal, ela irá perceber que isso me enciumou, mas a vontade de saber quem é o homem fala mais alto.

— O garotão que ia passar filtro solar em você é parente seu?

Ela ri, levanta uma sobrancelha e cruza os braços, notando que fiquei com ciúmes.

Paguei para ver, então não tenho do que me queixar!

— O Lucas? Não. — Fecho ainda mais a cara, e ela gargalha. — Mas é como se fosse! Conheço-o desde que usava fralda! — Aproxima-se de mim e fala em meu ouvido: — Pode deixar, que eu não conto para ninguém que

Theodoros Karamanlis é ciumento!

Ela pisca para mim e volta a se sentar na canga, levantando o frasco do filtro solar.

— Ainda preciso de proteção!

Pego o produto e me ajoelho atrás dela com um sorriso maldoso.

— Não se preocupe com isso. — Coloco o creme nas mãos e começo a massagear seus ombros e nuca, aproximando-me dela. — Eu trouxe bastante proteção, Duda. Poderemos foder à vontade.

Sinto sua pele se arrepiar e fico satisfeito.

Olho novamente para as outras pessoas ao longe. As crianças já comeram a sobremesa e brincam de bola, as duas senhoras conversam com a menina adolescente, e o garoto – Lucas – parece divertido ao me ver assim, de joelhos, servindo-a, e ergue sua latinha de cerveja em minha direção.

Sorrio de modo frio, mas por dentro mostro a língua para ele feito uma criança malcriada enquanto penso: *Olha só, "bombadinho", ela te conhece desde que você usava fralda! Sem chances! Maria Eduarda é minha!*

35

Duda

Ainda não acredito que isso está acontecendo!, penso ao dobrar a esquina, seguindo o carro do Theo e entrando em um condomínio de luxo. Olho pelo retrovisor, vejo Tessa falando animada com minha tia e reflito sobre a loucura que foi eu ter aceitado o convite dele.

Um final de semana com minha família em uma ilha particular! Eu nunca poderia esperar algo assim.

Abro um pequeno – e disfarçado – sorriso ao pensar em como Theodoros chegou até mim, no modo como olhou para o Luquinha e sua pergunta sobre o homem depois. *Ciúmes!* Theo sentiu ciúmes e não escondeu isso de mim. O que significa? Foi apenas demarcação de território? Ou há algo mais?

Suspiro, resignada a ser sempre uma confusão ambulante em matéria de relacionamentos. Não sou do tipo que entende as nuances da pessoa para perceber o que se passa em sua cabeça. E, convenhamos, Theo é um tanto contraditório em algumas atitudes.

Nós nunca conversamos sobre o que está acontecendo, apenas deixamos acontecer. Ele não me fez promessas. Nosso único acordo era não misturar negócios com prazer, então, na minha cabeça, estamos nos conhecendo melhor.... apesar de que Theo não é muito aberto com sua vida pessoal para que eu possa chegar a conhecê-lo.

Eu já falei tantas coisas para ele! Sobre Tessa, minha tia, meu tempo na França, os sonhos que tive... E ele falou de música, um pouco do estresse do trabalho e do uísque. Nenhuma menção à família, a qualquer lembrança do passado, nada! Não sei se isso é o normal dele com todos ou apenas uma forma de me manter distante, de me mostrar que não quer que eu me envolva além do sexo em sua vida.

É por isso que esse convite foi tão estranho!

Apresentei-o à minha tia como um amigo – embora ela soubesse exatamente quem ele era e tenha ficado branca de susto ao vê-lo – e comentei sobre a ideia de irmos para a ilha.

— Filha... — Ela me chamou em um canto. — O que é isso tudo? Ele é da Karamanlis, o homem que fez você voltar para casa soltando fogo pelas ventas no final do ano passado. Quando vocês se tornaram amigos a ponto de ele vir até aqui e nos convidar para uma ilha?

Ri sem jeito, e ela logo entendeu o que estava acontecendo.

— Nós não controlamos essas coisas e... — comecei a me justificar, porém, ela me parou.

— Ele está forçando você a isso de alguma forma?

— O quê?! — O susto foi meu. — Não! Só... Vou te contar tudo do início.

Foi assim que expliquei que não sabíamos quem éramos naquele restaurante e que nos sentimos atraídos e que, mesmo depois da nossa identidade revelada, o desejo não fora embora. Disse a ela que eu tentei lutar contra, esquecer, mas que perdi a luta no momento em que ele revelou para mim que também não pensava em outra coisa. Perdi a batalha no primeiro dia do ano, quando ele me beijou pela primeira vez.

— E o Hill? E a insistência dele em comprar o imóvel e pôr tudo no chão?

Respirei fundo e dei de ombros.

— Fizemos uma trégua e não falamos dos negócios.

Tia Do Carmo pegou minhas mãos.

— Filha, você quer ficar com ele neste final de semana?

— Eu quero ficar com vocês! — fui sincera. No entanto, ela me conhecia bem demais.

— E com ele também. — Assenti. — Não sou eu quem vai te atrapalhar a ter o que você quer, Duda. Pode confirmar! — Beijou-me a testa. — Só não o

deixe machucá-la, está certo?

— Não vou!

Olhei-o de longe e o vi conversando com as crianças e Francielle – que parecia hipnotizada pelo Theo, assim como sua mãe, que não conseguia tirar os olhos dele e fechar a boca.

Deus do Céu! Todas as mulheres – dos 16 aos 60 anos – reagem ao homem dessa forma? Disfarcei o riso, ainda surpreendida demais por ele ter vindo atrás de mim sem avisar.

— Mamãe, ainda vamos demorar muito? — Tessa pergunta, tirando-me das lembranças.

— Não, acho que já estamos chegando aonde ele marcou de embarcarmos no iate.

Rio, nervosa, ao me dar conta do que acabei de falar.

Um iate!

Quando eu me imaginei viajando em um negócio desses? Já vi muitos e entrei em alguns – no sul da França, principalmente –, mas nunca naveguei. Deve ser uma sensação maravilhosa poder passar a noite no mar, sob as estrelas, dentro de um barco assim.

Suspiro alto e ouço as risadinhas de minha tia e de Tessa. Olho pelo retrovisor.

— O que foi?

— Você tem suspirado sem parar desde a hora em que o moço apareceu, Duda! — Minha tia ri, e Tessa confirma.

— Ele é seu *crush*, mãe?

Arregalo os olhos e fico vermelha imediatamente com a pergunta. Como explicar o que Theo é para mim? Com certeza não posso dizer para ela que ele é somente o homem com quem estou transando!

Encontro os olhos divertidos de minha tia no retrovisor e peço ajuda a ela sem falar nada, apenas com uma expressão de desespero.

— É amigo de sua mãe, filha.

Tessa cruza os braços e ri.

— Sei... — Estica-se para falar baixinho para tia Do Carmo: — *Crush*, tia, tenho certeza!

Acabo rindo e vejo o carro de Theo entrar em uma vaga demarcada de estacionamento e me preparo para fazer o mesmo.

— O que você sabe sobre *crushes*, Tessa? — inquiro, e é a vez de minha filha ficar vermelha igual a um pimentão.

— Eu... eu... — Olha desesperada para a tia. — Todo mundo fala disso na escola, e tem no seriado que ...

— Muito normal, Tessa, não dê bola para sua mãe! — tia Do Carmo a defende. — Ela sempre foi assim, sabe? Quando se sente acuada, sem saber o que fazer, tenta desviar a atenção...

— Tia! — repreendo-a assim que estaciono. — Claro que não é isso!

Theo desce do carro, vestindo uma camisa de listras horizontais azuis e brancas e fala algo com o homem que o recepciona, agradecendo-lhe com um sorriso. Suspiro de novo e ouço as gargalhadas das minhas companheiras dentro do automóvel.

— Está tão na cara assim? — Decido não negar mais.

— Sim, mamãe. Você devia disfarçar um pouco, os meninos não gostam de meninas que se derretem fácil! — Eu me viro para encará-la, apavorada com esse conselho. *Como é que é?* — Tem que fazer com que eles corram atrás!

Tia Do Carmo parece tão pasma quanto eu. Comento:

— Eu estou pagando esse colégio caro para ensinar isso para uma menina de...

Pulo ao ouvir batidas no vidro e vejo Theo nos chamando para sair do carro.

— Meninas, acho que é aqui mesmo. Podemos descer! — aviso-lhes.

— Obaaaa! — Tessa se solta do cinto, animada.

Desço do veículo, e Theo toca minha cintura, soltando-a assim que minhas companhias aparecem.

— O iate já está à nossa espera. Só estou esperando alguns detalhes serem... — ele para de falar e faz um gesto afirmativo para longe. — Pronto! Podemos embarcar. — Em uma atitude de cortesia, estende a mão para pegar a mala da minha tia. — Senhora?

— Ah, não, pode deixar que eu mesma levo, obrigada!

Tia Do Carmo dispensa a ajuda, mas Tessa não se faz de rogada e praticamente joga a mochila rosa cheia de paetês nas mãos dele. Theo dá uma gargalhada quando eu a repreendo, e ela dá de ombros.

— Ele ofereceu!

Subimos no enorme ancoradouro e seguimos em direção ao – *Meu Deus do Céu!* – barco que está à nossa espera.

— Parece até o barco da Polly! — Tessa comenta.

— Quem é Polly? Uma amiga? — Theo questiona, e eu não seguro a risada.

— Não, uma boneca! — explico e o vejo franzir o cenho. — É tipo a Barbie, só que menor.

— Ah, Barbie eu conheço, minha irmã tinha muitas! — Ele sorri para Tessa. — E essa Polly, então, é tão rica quanto a Barbie? Tem mansão, carro e um namorado fortão?

— Não! — Tessa faz careta. — A Polly ainda é uma menina, não tem namorado!

Ele me olha como se tivesse cometido um enorme furo, e dou de ombros.

— Como ela já tem um iate? — cochicha para mim.

— É um brinquedo, sabia?

A risada da minha tia é tão alta e contagiante que nós dois começamos a rir também. Tenho de admitir que foi uma conversa louca, mesmo que ele tenha entrado nessa furada para manter algum diálogo com minha filha, o que foi muito fofo da sua parte.

O iate é um espetáculo aos olhos, grande e luxuoso. Um dos tripulantes – são dois – nos ajuda a entrar na embarcação, onde, lá dentro, encontra-se o capitão a nos recepcionar, falando sobre o passeio que iremos fazer pela baía da Ilha Grande antes de seguirmos para a Ilha Raj, onde ficaremos hospedados.

— Chegaremos lá com as estrelas já despontando no céu, e, como é noite de lua cheia, esperem para ver a beleza do mar de Angra em sua plenitude.

Tessa, que sempre foi muito curiosa, parece muda tamanho deslumbre e olha cada detalhe, cada cadeira e mesa, além do enorme lanche montado para nós no convés da popa.

— Vamos? — Theo me chama assim que a tripulação entra com nossas malas. — Se quiserem se refrescar, as suítes estão todas arrumadas para nos atender.

— Vamos dormir aqui? — Minha filha parece sair do transe direto para a empolgação, pulando em volta do Theo como uma cabrita.

— Não. — Ele bagunça os cabelos dela, arrancando-lhe gargalhadas. — Mas o barco ficará ancorado na ilha, então, eles estão preparados.

Tessa sai correndo atrás do tripulante que carrega nossas coisas, e Theo puxa minha mão para que eu diminua os passos, deixando minha tia ir atrás dela.

— Gostou? — ele indaga assim que ficamos a sós.

— Sim, é lindo! — Sorrio para ele. — Desculpe por minha filha estar tão...

Ele silencia minhas escusas com um beijo, puxando minha cintura para que nossos corpos fiquem juntos, segurando forte em minha nuca, explorando minha boca com a língua. Entrego-me ao carinho, seguro seus ombros e percebo o quanto estava com saudades do contato com seu corpo.

— Queria fazer isso desde quando te vi naquela praia! — revela sem me soltar.

— Eu também. — Dessa vez, sou eu quem toma a iniciativa de outro beijo. — Até agora ainda não acredito que você está aqui.

Ele fica sério.

— Nem eu!

Fecho os olhos novamente quando os seus lábios se esfregam devagar nos meus, roçando suavemente, estimulando-os até que eu os abra e a ponta de sua língua se instale entre eles, lambendo, entrando e saindo da minha boca, afetando diretamente meu sexo, deixando-o molhado e pulsante.

Abro a boca completamente, e ele aproveita para aprofundar o beijo. Esfrega a língua na minha, chupa meu lábio inferior e roça seu corpo no meu descaradamente para que eu sinta como está excitado. Nossas bocas se devoram sem nenhum pudor. Eu gemo a cada movimento de seus quadris, querendo mais, lamentando toda a roupa que me impede de sentir sua pele quente.

Eu desejo demais esse homem!

— Mamãe, vem ver só...

Theo se afasta de mim tão rápido que eu quase caio. Por sorte, consigo me segurar ao balcão do bar interno do iate e encaro Tessa, que parece alheia ao que estávamos fazendo e não para de falar sobre as suítes.

— São quatro quartos, mamãe, e todos têm banheiro como o seu lá de casa. — Ela encontra a enorme TV da sala e me olha encantada. — Será que pega?

— Pega, sim — Theo responde, e noto que ele está um tanto curvado. — Chame o outro tripulante, que ele te explica como funciona. Enquanto isso, vou ver onde colocaram minhas coisas.

Franzo o cenho pelo jeito como ele está andando, como se estivesse com problema na coluna e, assim que vejo Tessa sair à procura do outro funcionário, vou até ele.

— Se machucou?

Ele ri.

— Não! — Ergue-se, e eu contemplo um enorme volume na frente da sua bermuda. — Estou usando uma samba-canção, e elas não seguram muito a ereção.

— Por que está usando isso? — Estranho, pois sempre o vi de cueca boxer.

— São mais confortáveis para dirigir. — Dá de ombros. — Lembre-me de nunca mais fazer isso para me encontrar com você!

Rio, mas então escuto a voz da minha filha ao longe.

— É melhor você ir antes que tenha que andar daquele jeito de novo. — Olho novamente para a bermuda. — Ele não volta ao normal?

— Com você por perto? — A voz de Tessa fica mais alta. — Ai, porra, vou para o quarto.

Theo sai correndo, e eu rio com vontade, adorando tudo isso.

Olho Tessa dormindo calmamente depois de um dia tão agitado quanto este e só penso em agradecer a Deus pela oportunidade de minha filha poder ter essas férias tão memoráveis. Aposto que, quando voltar ao colégio, irá descrever cada detalhe deste passeio para as amigas.

Sorrio ao lembrar que, antes de eu colocá-la na cama, ela fez questão de frisar que ainda teríamos o dia seguinte inteiro, mais uma noite e uma manhã aqui. Ela está completamente encantada com a ilha, e não é para menos!

O passeio de iate pela baía foi incrível. Não paramos em nenhuma praia, pois estava entardecendo, mas tivemos uma visão geral da beleza esplendorosa de Angra dos Reis. Tomamos o melhor lanche da vida de Tessa – minha filha fez questão de falar isso o tempo todo –, com uma variedade enorme de frutas, pães, bolos e sucos. O negócio estava tão chique que tínhamos até uma garrafa de Möet-Chandon no balde de gelo, mas não a abrimos.

Foi divertido, acima de tudo, ver Theo se soltando com tia Do Carmo, gostando de como ela sabia sobre seu círculo de pessoas através das revistas que lia. Em dado momento, ela comentou sobre a irmã dele, Kyra, lamentando o término do noivado dela com um empresário, e eu o vi completamente surpreso pela notícia.

Desviei o assunto para gastronomia, coisa que minha tia também sabe bastante por causa da minha avó e da minha mãe, que eram exímias cozinheiras. Nessa conversa tão inocente, descobri algumas preferências de Theo pela comida e me surpreendi ao saber que ele come em casa todos os dias, pois gosta de comida caseira e simples.

— Enquanto Vanda esteve fora, almocei no restaurante da empresa, mas já conversei com o pessoal responsável que precisaremos modificar o cardápio, ter opções para quem não come proteína animal ou quem tem restrições de qualquer tipo.

— Isso é muito legal de sua parte! — minha tia comentou. — Duda sabe que eu sou intolerante a lactose, então tudo tem que ser sem ela ou sem o leite, e é tão difícil conseguir comer fora! Tenho que sempre perguntar, e até um salgadinho na rua é difícil, pois a maioria dos lugares põe leite na massa.

Depois disso eles ficaram conversando um bom tempo sobre o restaurante da empresa. Titia contou sobre o da confecção na qual ela trabalhara e citou alguns em que suas amigas trabalhavam. Tessa e eu ficamos acompanhando o diálogo, até que minha filha resolveu entrar na conversa.

— Eu odeio vieiras! — quase engasguei ao ouvir isso. — Mamãe diz que elas são o suprassumo da cozinha francesa, mas eu odeio!

— Confesso que também não gosto muito — ele respondeu. Arregalei os olhos de espanto. — E nem de trufas. Elas tiram o sabor dos outros alimentos se colocadas demais e estão sempre em muita quantidade nos pratos.

— Sim, eu também detesto trufas! — Ela pôs a língua para fora. — Minha comida preferida é o macarrão da mamãe! — Lambeu os lábios e ainda fez barulho, levando Theo a gargalhar.

— Passou a ser a minha também — ele disse, e eu prendi o fôlego, lembrando-me do dia em que o fizemos juntos em sua cozinha. — O macarrão da sua mãe é espetacular.

Quase caí para trás quando ele lambeu os lábios também e me deu uma piscada de olho.

Puta que pariu, minha calcinha já era!

O sol já estava se pondo quando desembarcamos na ilha. Ajudei minha tia a descer enquanto Theo pegava Tessa e os dois marinheiros desciam com nossas coisas.

— Já viu o sol se pôr no mar? — Theo perguntou à minha filha.

— Não! É bonito?

— É lindo! E dizem que, se ficarmos em silêncio, podemos ouvir o barulho da água fervendo.

Ela o olhou desconfiada.

— Isso é mentira!

Ele gargalhou e deu de ombros.

— Podemos ir ver. — Apontou para o outro lado da ilha. — Mas temos que ser rápidos!

Os dois saíram correndo, mas, na subida, Tessa ficou para trás, e eu vi, com o coração palpitante, ele retornar, pegá-la no colo, depois colocá-la sobre os ombros e sair correndo.

— Quem diria! — minha tia comentou. — Acho que Tessa fisgou o grego!

— Você acha? — inquiri em um sussurro, com uma sensação de medo e esperança ao mesmo tempo.

Eu não quero misturar as coisas, pois dessa vez Tessa não é mais um bebê e pode se apegar a ele e depois ficar chateada quando minha relação com ele terminar. Esse sempre foi um dos principais motivos pelos quais eu nunca assumi ninguém nesses anos todos, mesmo quando eu ainda tinha tempo para namorar. Não quero que minha filha se sinta rejeitada de maneira alguma e sei que ela tem uma carência afetiva paterna muito forte e que isso pode fazê-la desenvolver carinho e consideração por algum namorado meu.

— Isso te preocupa, não é? — minha tia indagou, e eu concordei. — Bom, nós já percebemos hoje que Tessa não é mais um bebê, então o que você deve fazer é conversar com ela, minha filha. Explicar que você é adulta, solteira e que pode namorar sem compromisso.

— Eu não sei se consigo explicar algo assim para ela, mas acho que, para sua própria proteção, terei de fazê-lo. — Ela assentiu, e caminhamos em direção à casa. — Principalmente em relação ao Theo! Tenho medo de que isso tudo — apontei para os arredores — e a atenção que ele está dispensando a ela a confundam.

— Sim, acho sua preocupação válida.

Terminamos o caminho em silêncio, e tive de me segurar para não chorar como uma boba ao ver a imagem à minha frente. Theo com Tessa nos ombros contra a luz alaranjada de um sol poente no mar.

— Meu Deus, que quadro isso não daria! — tia Do Carmo comentou.

— Ou uma foto. — Sem pensar, peguei o celular e cliquei aquele momento, registrando-o para sempre.

Instantes depois, o pessoal do serviço da casa veio nos cumprimentar. Paulo, o responsável pela ilha, parente dos donos, como mais tarde averiguamos, é um senhor bem simpático e ficou encantado com Tessa.

— Eu tenho duas bisnetinhas gêmeas, são pequenas ainda — comentou com minha menina. — Mas já adoram pescar na ilha. Se você quiser, podemos marcar com seus pais.

O sorriso de Tessa ao ouvir essa última palavra me assustou muito, e olhei para Theo, que parecia alheio a essa conversa, pois estava falando com o pessoal da casa, as senhoras Rita e Marisa. Respirei aliviada, mas fiquei com uma sensação estranha, como se estivesse pisando em ovos apenas por ser uma mãe solteira.

Eu nunca imporia minha filha a qualquer pessoa! Tessa é minha, e tenho muito orgulho disso. Não preciso de ninguém mais, sou a família dela. Tento ser pai e mãe ao mesmo tempo e tenho certeza de que, quando crescer, ela vai entender que tudo o que fiz foi para o seu bem e por amá-la demais.

Não há nada que eu não faria por ela!

Fomos encaminhados para os quartos, e Tessa, embora tenha recebido um só para ela, decidiu que queria dormir com minha tia, pois era o único quarto que tinha duas camas de solteiro. Ela não disse, mas eu tive certeza de que sentiu medo de dormir sozinha em uma casa estranha no meio do mar.

— Não quer dormir com a mamãe? — questionei, porém, ela negou.

— Você mexe muito à noite, mãe! — reclamou. — E, além disso, gosto de dormir sozinha!

Minha suíte é uma beleza, tem uma vista esplendorosa e um banheiro espaçoso. A cama *queen size* com dossel é extremamente romântica, mas eu não estou muito animada por dormir ali, enquanto Theo dorme em outro quarto, longe de mim. Está certo que fui eu quem pediu isso, principalmente por causa de Tessa, e ele aceitou, mas o arrependimento bateu assim que me vi sozinha no cômodo.

Dois quartos – a suíte principal e outra menor – estão trancados, pois são da família dona da ilha. Vi algumas fotos do casal com suas duas menininhas e logo reconheci o homem, lembrando-me de sua história trágica que virou livro de romance.

Jantamos na sala principal da casa, e eu elogiei demais o tempero e a execução da deliciosa moqueca que comemos. Marisa, a cozinheira, ficou bastante lisonjeada, ainda mais depois que Theo exagerou sobre mim, dizendo que sou uma chef brilhante.

— Duda, ela já dormiu! — tia Do Carmo me chama. — Pode ir.

Balanço a cabeça, expurgando os pensamentos, beijo minha menina na testa e me despeço.

Sigo em direção ao meu quarto, mas penso melhor e passo direto, indo até o do Theo. Não tem sentido algum estarmos aqui juntos e ficarmos longe um do outro, e eu preciso saber como ele se sente estando aqui com minha família, pois não quero passar os dias fingindo que nada acontece entre a gente.

Bato à porta, mas não tenho resposta.

— Theo? — chamo-o baixinho, e nada. Giro a maçaneta e entro no cômodo. — Theo?

Tudo está escuro, a porta do banheiro aberta, e nenhum só som. Ele não deve ter subido ainda! Em vez de sair, vou até a cama e pego a calça de pijama que ele já separou de sua mala.

Sorrio ao reconhecê-la da manhã em que ele me serviu café depois da primeira noite em que dormi em seu apartamento e a cheiro, tentando encontrar seu perfume na peça. Sorrio, achando tão infantil e romântico o gesto, e a devolvo ao lugar onde estava antes de sair do quarto.

— Puta merda! — exclamo quando abro a porta da suíte onde irei dormir e encontro Theo sentado na beirada da cama. — Quer me matar de susto?

Acendo a luz, e ele sorri bem maldoso.

— Quero te matar de prazer, mas confesso que está sendo bem complicado.

— Eu sei, desculpa. — Ele nega e vem até onde estou. — Eu queria falar sobre isso com você e...

— Amanhã. — Toca meus lábios. — Agora temos que sair.

Arregalo os olhos.

— Sair? A essa hora?

O sorriso dele é cheio de promessas sujas e cheias de luxúria.

— Vamos dormir a bordo. — Coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, causando-me arrepios, e completa: — Melhor dizendo: vamos trepar a bordo.

36

— Eu não estou enxergando nada! — Duda ri conforme seguimos a trilha até o píer onde o iate nos espera.

— Vamos mais devagar, então, e...

— Não! — ela praticamente grita e logo tampa a boca com a mão livre. — Vamos rápido.

— Safada! — Paro e a puxo para mim, mergulhando a língua em sua boca e sorvendo sua saliva deliciosa e fresca. — Também não vê a hora de balançar o barco comigo!

— Cala a boca e continua indo!

Rio e sigo o caminho, descendo a pequena colina e já avistando as luzes do iate. Não teremos tripulação interna esta noite, apenas o capitão irá conduzir o barco, porque não conheço nada por aqui. Não fosse isso, eu mesmo poderia pilotar.

Não iremos muito longe, para falar a verdade. Eu nem tinha pensado em

dormir fora da ilha, mas, quando fui alugar o barco, a agência perguntou se eu iria ancorar no mar para passar a noite e sugeriu alguns pontos. Um deles me chamou a atenção, e logo pensei na reação de Maria Eduarda ao local.

— Boa noite! — saúdo o capitão. — Tudo pronto?

— Sim, senhor Karamanlis. — Ele olha para Duda. — Boa noite, senhorita Hill.

— Boa noite!

Noto que ela está um pouco envergonhada e aperto sua mão para que saiba que está tudo bem, que não precisa ficar assim e recebo um sorriso.

Ajudo-a a subir a bordo e já de cara a escuto suspirar ao ver a mesa com velas, frutas e champanhe.

— Em que hora você preparou isso tudo? — questiona deslumbrada. — Nós nos vimos o dia todo!

— Em São Paulo, quando aluguei o barco.

Ela levanta uma sobrancelha.

— E se eu não tivesse vindo?

Dou de ombros.

— Eu também não viria, teria cancelado. — Abraço-a. — Eu estou aqui e programei tudo isso para curtir com você. Não teria sentido algum se você não estivesse aqui comigo.

O sorriso que ela me dá e o brilho de seu olhar fazem valer a pena todo esse planejamento em cima da hora que fiz e cada centavo do dinheiro dispendido nisso. Não era para ser uma noite romântica – acho que eles exageraram um pouco –, mas uma em que ela se sentisse bem, que a deixasse solta e relaxada.

O barco começa a se mover lentamente, saindo do píer da ilha, indo em direção ao local onde passaremos a noite. No meu imaginário, eu a levaria até a mesa, abriria o champanhe, conversaríamos um pouco e então passaríamos a noite toda fodendo como coelhos endiabrados.

Só não esperava que ela tivesse outra ideia!

Duda me puxa pela camisa e me beija de uma forma que nunca pensei que fosse fazer. Não, ela não me ataca abrindo a boca e metendo a língua em minha garganta! Sua língua contorna meus lábios apenas com a ponta, brincando nos cantos e voltando ao contorno.

Não consigo me mover. Meu corpo todo responde a essa carícia singela. Maria Eduarda sacode tudo dentro de mim com apenas um leve toque de sua língua. Fechos os olhos e me entrego às sensações, deixando-me em suas mãos, adorando que ela tenha o controle da situação e me conduza ao que pretende fazer.

Seus lábios prendem os meus, sugando-os de leve e depois seguem em

direção ao meu queixo, sobem pelo rosto recém-barbeado até a orelha direita. Seus dentes se cravam de leve no lóbulo, e, ao mesmo tempo, sua língua se esfrega na pontinha dele. *Caralho!* Um arrepio desce pela minha coluna, e meu pau, já duro há algum tempo, parece que vai estourar dentro da bermuda.

Duda solta a orelha, mas faz o mesmo gesto de contorno, lambendo dessa vez e não só com a ponta da língua. Consigo sentir o sangue se concentrando cada vez mais no meu pênis, enchendo-o, endurecendo-o a tal ponto que chega a doer.

Minha mente fantasia a cada açoite da sua língua – que agora desce pelo meu pescoço até perto da gola da camisa. Abro os olhos assim que sinto algo mexendo na frente da minha bermuda e a flagro abrindo os botões com um sorriso safado e poderoso. Sim, ela se sente poderosa fazendo isso, enlouquecendo-me, e isso só me causa mais tesão!

Pensei que, por causa do capitão lá em cima na cabine, ela não iria se sentir à vontade para trepar no convés, mas – felizmente – estava redondamente enganado. A bermuda cai aos meus pés, e eu a chuto para longe, surpreendendo-a por estar sem cueca.

— Nem uma samba-canção? — questiona segurando meu pau com força e me puxando para bem perto de si. — Você é um garoto mau, Theodoros!

Sei que a sua intenção foi brincar com isso, e, sim, tem gente que acha bem excitante, mas, assim que ouço as palavras, é como se um balde de água fria me encharcasse, e ela percebe que minha ereção diminui.

Porra! Fecho os olhos para me concentrar, lembrando que quem está aqui comigo é a Maria Eduarda e nenhuma outra!

— Theo? — sua voz exprime preocupação. — Tudo bem? Aconteceu algo?

Nego e abro os olhos, focalizando seu rosto bonito, os cabelos castanhos e longos, os olhos cor de avelã e começo a relaxar. Preciso tocá-la, sentir seu corpo e deixar que a química que temos possa tirar da minha mente qualquer amarga lembrança que uma simples frase brincalhona possa ter evocado.

Seguro seu rosto e a beijo como um náufrago se apoiando em uma tábua de salvação. Sorvo seu sabor, deliro na textura da sua língua, do céu de sua boca, misturo-me a ela de tal forma, criando um sabor só nosso, e, aos poucos, todas as lembranças ruins se vão e só permanece o tesão cru que sinto por essa mulher.

Ela me abraça forte, talvez sentindo a diferença no beijo, percebendo que não é só por tesão, mas também por confiança. Eu confio nela. Muito embora a tenha conhecido há tão pouco tempo, sei que posso confiar nela. Duda jamais agiria com dissimulação ou tentaria me manipular de alguma forma. Não! Ela não tem ardis, é sincera, é clara e perfeita.

O tesão volta ainda mais potente que antes, e eu a ergo em meus braços,

levando-a até uma das espreguiçadeiras e a coloco no local. Maria Eduarda é linda! Quero adorá-la por inteiro hoje, mostrar a ela como eu a vejo, uma deusa, a dona do meu desejo.

Tiro a camisa e fico completamente nu à sua frente. O iate vai cortando as ondas do mar em meio à escuridão da noite, e ela consegue me ver graças às velas e algumas luminárias que estão acesas no convés. Ouço um suspiro de apreciação e pego um dos seus pés, calçados com sandálias baixas e confortáveis. Tiro a primeira e beijo seus dedos, seguro-a pelo calcanhar para beijar sua panturrilha, arrasto a língua e os lábios, beijo com vontade o seu joelho e, antes de sequer tocar a coxa, pego a outra perna e faço o mesmo.

— Gosta disso? — pergunto ainda esfregando minha boca em sua perna, e ela assente. — E disso? — Arrasto a língua pela parte interna de sua coxa, indo em direção à sua virilha.

— Theo... — geme. — O capitão...

— Está ocupado conduzindo o barco — respondo, ajoelhando-me ao lado da espreguiçadeira. — É só você tentar não fazer muito barulho quando gozar na minha boca.

Levanto o vestido e encontro a calcinha de seu biquíni. Nem perco tempo em tirá-la, pois sei que o caminho até o local onde ancoraremos é rápido, apenas a afasto para o lado e aspiro profundamente o cheiro de Maria Eduarda antes de lambê-la lentamente, saboreando sua carne, sentindo seu sabor único e viciante.

Escuto-a arfar e me afasto de sua boceta.

— Psiu! — Ela sorri e assente. — Sem barulho!

— Você sabe que o motor não vai deixar que ele...

Abro a boca e abocanho seu sexo por inteiro, fechando-a sobre o clitóris, que sugo ritmicamente, intercalo com passadas de língua e volto a chupar, destruindo a vontade de Maria Eduarda de argumentar. Ela não exprime som algum, seguindo o que pedi, mas se contorce como louca, desesperada, sentindo minha língua enfiada ao máximo dentro de si.

Seus calcanhares batem forte em minhas costas, e a vejo segurando a beirada da cadeira como se fosse cair. Sinto o barco perdendo velocidade e intensifico as lambidas até que a sinto se retesar inteira, cravar os pés em mim e se convulsionar num gozo silencioso.

Ou quase!

Sua respiração é audível e, vagarosamente, transforma-se em gemidos.

— Theo... — Adoro quando ela diz meu nome em meio ao orgasmo. É foda e me descontrola totalmente. — Ai, meu Deus!

Sorrio, levantando-me e colocando a bermuda de volta para que meu pau – dolorosamente duro – não me atrapalhe a fazer o que eu pretendia ao trazê-la até

aqui.

Estendo a mão para ela, notando com gosto seu peito subir e descer rapidamente, além de pequenas gotas de suor em seu rosto. Ela sorri, suspira alto como se estivesse enfim se liberando do pacto de silêncio – mesmo já tendo chamado meu nome – e se põe de pé no exato momento em que paramos.

— Bem-vinda ao céu!

Duda arregala os olhos e olha em volta para a noite estrelada refletida na baía calma e espetacular. A impressão é de que realmente estamos flutuando, pois o céu e a água do mar se encontram, e o reflexo das estrelas dá a sensação de que é tudo uma coisa só.

— Que lugar é esse?

— É o Saco do Céu. — Pego o champanhe. — É maravilhoso, não é? — Olho em volta, encantado, pois as fotos que vi não fazem jus ao lugar. — Parece Navagio à noite, uma praia na ilha de...

— Zante — Duda complementa, e eu a olho surpreso por ela conhecer o local. — Eu estive lá na ilha há alguns anos, mas não conheci Navagio.

Franzo o cenho.

— Já esteve na Grécia? — Sorrio.

— Sim, em Atenas, e depois fui para... Zakynthos? É assim que vocês chamam a ilha?

— Isso! — Aproximo-me dela, deslumbrado por ser uma caixinha de surpresas. — Gostou do meu país?

— Conheci pouco, foram apenas alguns dias, e a maioria deles, passamos na ilha. — Duda dá um enorme sorriso. — Mas conheci a Caretta Caretta.

Rio pela menção da enorme tartaruga protegida pelo Parque Nacional de Zakynthos, nossas “Cabeçudas”, que podem chegar a 160 quilos e são consideradas as maiores tartarugas do mundo. Elas nunca me interessaram muito, confesso, mas, sempre que há turistas na ilha, eles correm para as praias onde elas desovam para tentar ver algumas, bem como vão a locais onde é possível mergulhar para vê-las. Há muito tempo estão ameaçadas de extinção, então todas as praias são controladas pelo parque marinho e cheias de regras.

Abro o champanhe, sirvo-o nas taças e entrego uma para Duda.

— A ilha tem as praias mais belas do mundo, sendo Navagio a mais bela de todas. Por que não a conheceu?

— Não conseguimos barco. — Dá de ombros. — Não tínhamos muita grana, éramos só estudantes em férias.

— Quando...

— Senhor Karamanlis — o capitão me chama, interrompendo minha indagação, e vou até ele. — Já estamos ancorados, seguros. Estarei lá em cima

na cabine. Qualquer problema, é só chamar.

— Obrigado!

Ele se despede, e eu volto para Duda, que come algumas frutas da mesa.

— Tem coragem de nadar em um mar estrelado desses? — pergunto.

Ela olha para a água e depois para mim e vejo insegurança em seu rosto.

— É seguro?

— É, sim. Não podemos nos afastar do barco, mas...

Ela retira o vestido e fica somente de biquíni. Perco a racionalidade no mesmo instante e já não sei o que ia falar. Duda sorri.

— Vamos?

O sol está quente, o céu, azul límpido e sem nenhuma nuvem, e no ar há o delicioso aroma de churrasco. Gosto disso, de estar ao ar livre, desfrutando de um momento de lazer. É bem diferente de nadar sozinho na piscina do meu apartamento, e, claro, estar tão próximo do mar me traz lembranças dos verões na Grécia quando eu ainda era um menino.

Escuto as risadas de Tessa e me é impossível não rir. A garota é energia pura, tanto que chego até a ter um tanto de pena da Maria Eduarda, imaginando o que ela faz para conter a criança dentro de seu apartamento o ano todo. Por trás das lentes escuras dos meus óculos, acompanho a brincadeira da menina com a mãe na água.

Achamos uma rede de vôlei aquático e a instalamos na piscina. Tessa ficou com o lado mais raso, e Duda, no fundo, com água quase em seu pescoço. Não achamos a bola, então improvisamos uma com a enorme bola de inflar, dessas típicas de piscina, e as duas começaram a disputa. A menina é esperta, ágil e tem uma risada incrível que contagia todos.

No momento, está ganhando fácil da mãe, mas se mantém concentrada para continuar o massacre.

Sem que eu possa impedir, lembranças de mais de 20 anos surgem em minha mente. No lugar de Tessa, vejo Kyra, com a mesma risada alta, olhos verdes, porém, seus cabelos eram escuros e cortados na altura do queixo. Minha irmã era um pouco mais nova que Tessa, mas tão obstinada nos jogos de piscina quanto a filha de Duda.

Sorrio com a lembrança de uma disputa de briga de galo que fizemos. Kyra estava em meus ombros, e Alex, nos ombros do Kostas, todos rindo muito,

festejando estarmos juntos, os quatro, como uma família deveria ser. Minha irmã, bem mais leve que Alex, estava perdendo a disputa, quase caindo dos meus ombros. Eu a segurava pelos joelhos, mas Kostas tentava me dar rasteiras por debaixo d'água a fim de desestabilizar nós dois. Foi então que a danada me pediu para abaixar o máximo que pudesse na água bem rápido. Eu não tinha entendido o pedido, mas o fiz, e, quando levantamos, Kyra levantou a água, espirrando tanto nos olhos de Kostas quanto nos de Alex e deu o golpe final, vencendo o jogo.

Os dois ainda tentaram protestar, mas tiveram que nos pagar um lanche naquela noite como prêmio. Eu era louco por aquela pequena Karamanlis e tinha a esperança de que ela fosse a mais normal de todos nós, porém, naquelas mesmas férias, comecei a acabar com a vida dela e sua chance de um futuro normal.

— Theo! — escuto Duda me chamar e deixo as lembranças dolorosas de lado. — Vem brincar com a gente!

Dona Do Carmo, a tia da Duda, já está na borda da piscina, esperando para entrar na brincadeira, e eu compreendo que sou necessário para igualar os times. Caminho até elas, mesmo não querendo ficar pulando na piscina, e encaro a mulher que me presenteou com a noite mais gostosa de que tenho lembrança.

— De qual lado vou ficar? — indago.

— Eu jogo com Tessa, e você pode jogar com...

— Não, eu quero o Theo na minha equipe! — Tessa interrompe.

— Vamos tirar pedra, papel e tesoura. — Duda nada até a rede e joga com a filha.

Gargalho quando ela põe tesoura, e a filha, pedra. A menina é demais!

— Theo me pertence! — Ela faz um gesto para que eu entre. — Agora somos imbatíveis!

— Não tenha tantas expectativas, eu mal lembro como é brincar na piscina — aviso-a.

— Não se preocupe. Só preciso da sua altura; a estratégia, eu monto!

Gargalho mais uma vez, pensando que isso seria exatamente a mesma coisa que eu diria se estivesse em seu lugar. *Deus do Céu*, a menina daria uma diretora de empresa incrível!

Começamos a jogar, e ela, cheia de gestos, conduz nossa vitória triunfante até o fim. Comemoramos juntos, e mais uma vez – como fazia com Kyra – a coloco sobre meus ombros, e gritamos "é campeão" como se tivéssemos acabado de ganhar uma medalha olímpica.

Pronto! Dois competidores natos juntos! Levamos a brincadeira a sério!

Sentamo-nos para almoçar ainda nesse clima gostoso de vitória. Minha

companheira de equipe se senta ao meu lado, demonstrando que, mesmo tão pequena, é uma carnívora desmedida, devorando vários pedaços de picanha e muitos corações de galinha. Fico surpreendido quando, mais tarde, ela se prontifica a ajudar com a louça suja e vai toda saltitante até a pia, mesmo sob protestos de dona Rita.

— Ela é uma menina muito divertida, Maria Eduarda! — elogio-a, e Duda me encara com um sorriso orgulhoso.

— É, sim! Tessa tem essa energia, mas é muito carinhosa, preocupada e prestativa. Eu tenho muito orgulho da minha menina.

Uau!

Não é normal para um homem com uma família tão torta quanto a minha ouvir isso. Os Karamanlis entendem de orgulho, mas não esse tipo que vejo e sinto nas palavras dela; entendemos quase nada sobre afeto e, certamente, não sabemos nada sobre amor. Nunca ouvi nenhum membro da família se dirigir a um filho ou mesmo irmão com esse sentimento transbordando nos olhos.

De certa forma, isso mexe comigo, a tal ponto de eu imaginar como seria um Karamanlis se gerado, criado e amado por Maria Eduarda. Meu coração palpita, e arregalo os olhos ante o pensamento.

De onde veio isso? Não! Ver Duda no papel de mãe mexeu com minha imaginação, e pensar em um filho tendo uma infância diferente da que tive fez com que eu enlouquecesse de vez! Maria Eduarda nunca seria aceita pelo meu avô, e, como estou seguindo esse caminho – casamento e filhos – para agradar ao velho Geórgios, não tem sentido algum pensar nela.

— Tudo bem? — Ela pega minha mão.

Sorrio e assinto, gostando do contato dela, sentindo o frisson que sua pele causa na minha, nessa conexão tão foda que temos.

— Ontem à noite foi... — As bochechas dela ficam vermelhas ante minhas palavras, e abro um sorriso maldoso. — Não me peça para dormir no meu quarto essa noite, Maria Eduarda.

— Não vou — responde e me encara. — A noite de ontem foi perfeita.

Nego.

— Você é perfeita!

Só de pensar nisso, já sinto meu corpo acordando, ansiando por ela. Nem se eu tivesse tido um sonho erótico com ela teria sido tão gostoso como foi nossa noite ontem. E não digo pela surpresa, pelo banho de mar em plena madrugada ou mesmo pelo gozo dela naquela espreguiçadeira, mas pelo que aconteceu depois, o sexo mais foda dos meus 41 anos de existência.

Tudo começou quando voltamos para o iate depois de algum tempo na água, nadando e beijando. Eu estava louco para foder no mar, mas senti que ela

estava tensa – nadar no escuro é uma experiência para poucos –, então não insisti. Subimos a bordo, e, assim que chegamos ao convés da popa, abracei-a por trás e provei sua pele com o sabor salgado do mar.

— Hum... você fica uma delícia temperada — disse em seu ouvido, invadindo a parte de cima de seu biquíni com as mãos.

Maria Eduarda arfou ao sentir minhas palmas sobre seus seios e se encostou mais em mim. Seus cabelos cheiravam a maresia, seu corpo estava quente, e as estrelas à nossa volta deixavam aquele momento inebriante como o champanhe que tínhamos bebido antes.

Duda é minha Afrodite, minha deusa da sensualidade, aquela que me tira do eixo, leva-me a fazer coisas que nunca pensei em fazer e a querer cultuar uma mulher com meu corpo inteiro, entregando-me inteiramente ao seu prazer.

Ontem, sua pele reagia à minha, seus sons complementavam os meus, e seu sabor era tudo o que minha boca queria provar. Eu respirava aquela mulher naquele momento. Não havia nada mais importante do que realizar todas as suas vontades e fantasias, perder-me em cada recôndito de seu corpo, insinuar-me entre suas carnes de mulher e me encontrar dentro dela.

Soltei o laço que prendia o sutiã do traje de banho e tive mais liberdade para sentir seus seios em minhas mãos, seu encaixe perfeito em minhas palmas, o roçar duro e extasiado de seus bicos entrando no vão dos meus dedos, acelerando meus batimentos cardíacos e a deixando completamente arrepiada.

Respirei pesado em seus ouvidos, seguindo-a em sua dança instintiva contra meu corpo, ondulando seus quadris em perfeita harmonia com o toque das minhas mãos sobre sua pele.

— Eu quero você inteira hoje — sussurrei. — Quero me entranhar em você de tal forma que não tenha noção de onde eu começo e onde você termina. — Gememos juntos. — Seu prazer é minha prioridade, mas todos os gemidos do seu orgasmo falarão meu nome e serão meus.

— Theo...

— Fala, Maria Eduarda. — Tirei uma das mãos do seu corpo e puxei minha bermuda para baixo, saindo do tecido molhado e deixando meu pau livre para se encontrar com a pele dela. — Diz para mim o que quer.

— Você — não pensou duas vezes em responder. — Eu quero só você.

— Já tem!

Virei-a antes que pudesse dizer algo e cobri sua boca com a minha, meus dedos embolados em seus cabelos úmidos, nossos corpos colados. Enquanto minha língua ia fundo em sua boca, eu podia sentir os mamilos túrgidos raspando em meu tronco e meu pênis roçando a entrada de seu umbigo.

— Porra! — gemi ao senti-la pegar meu membro com força. — Toca para

mim, Duda!

Afastei-me um pouco para ver como ela agitava meu pau, fazendo-o ainda mais duro com suas carícias, indo até a ponta e descendo até a base. Fechei os olhos em dado momento, deliciando-me com o toque de sua mão em mim, querendo mais, insaciável, desesperado por ela.

— Mama meu pau, Maria Eduarda! — pedi, louco de tesão.

— Ainda não — negou, espalhando minha própria lubrificação sobre a glande.

— Porra! Chupa esse caralho agora! — Perdi a paciência, e ela só riu de mim, ignorando-me completamente. — Por favor!

Ela gargalhou quando implorei.

Eu imploraria até de joelhos se fosse necessário! Já não aguentava mais a tortura de estar com ela sem tocá-la, sem beijá-la, sem fodê-la. O dia todo sentindo seu perfume, ouvindo suas risadas, vendo sua boca e só pensando em me afogar nela, penetrar nessa espécie de nuvem de tesão que nos envolve em todos os momentos juntos.

Já havia comido sua boceta suculenta com a boca assim que havíamos chegado. Naquele momento, só pensava em sua boca em mim, na retribuição do prazer e em fazê-la engolir minha porra com gosto.

Rosnei de desejo só com o pensamento, e ela riu de novo, poderosa, segura de si, desafiadora.

— Foda-se! — disse antes de erguê-la nos braços e levá-la, ao som de gargalhadas deliciosas, para a suíte principal.

Mal entrei com ela no cômodo e já quis devolver a provocação. Mudei sua posição no meu colo, ela me abraçou com as pernas, e eu apenas afastei seu biquíni e entrei com tudo, afundando meu pau no paraíso que era sua vagina.

Gememos alto, boca com boca. Duda rebolava no meu colo, e eu a segurava com força, apoiado na parede e sustentando nosso peso com minhas pernas. Embora estivéssemos de pé, era ela quem me comia, tal qual uma amazona, apoiada em meus ombros e rebolando os quadris contra meu corpo.

Ah, porra, a sensação do meu pau se mexendo dentro dela, de suas paredes macias, quentes, úmidas e apertadas o engolindo cada vez mais, foi tudo muito gostoso!

Em dado momento – eu não sou de ferro – minhas pernas cansaram, e isso poderia afetar minha ereção, então caminhei com ela até a cama, deitei-a de costas, e foi minha vez de balançar contra ela.

Fodi feito um louco, sem nenhuma pena, sem nenhum limite. Fazia-a tremer a cada estocada, seus peitos balançavam abusados, impressionantes, sedutores. Levantei suas pernas e as segurei, esticadas e abertas, e ganhei a visão

mais sacana de todas quando ela começou a se tocar para mim.

Parei um momento para acompanhar os dedos em movimentos circulares sobre seu clitóris. Duda me olhava enquanto se dava prazer descaradamente, com meu pau enfiado dentro de si. Eu podia sentir a agitação da masturbação dela causando um carinho involuntário, bem como leves contrações em sua vagina. Era como se ela estivesse me comendo de verdade, mastigando meu pau devagar.

— Porra, Maria Eduarda, que tesão!

Saí dela e me pus de joelhos no chão, louco para prová-la novamente. A safada enfiou dois dedos onde eu estivera e me deu para prová-los. Chupei-os com gosto, segurando-os com a sucção, impedindo-a de tirá-los da minha boca.

— Safado! — ela gemeu.

— Mais! — pedi, e ela riu, voltando a fazer o movimento, alimentando-me devagar com seu sabor íntimo.

Não aguentei mais e fui buscar eu mesmo direto da fonte, lambendo-a lentamente, do cu até o clitóris, adorando ouvir os seus gritos.

— Ergue as pernas — mandei, e ela atendeu. — Agora as segure juntas e puxe para você. — Sorri maldoso, deslumbrado pela visão ampla que isso me proporcionou. — Perfeita!

Separei as bochechas de sua bunda e chupei seu rabo como um bicho no cio. A textura do contorno maravilhoso, a pressão que senti quando invadi seu cuzinho com a língua, tudo isso contribuiu para me levar à loucura e me fazer desejar estar ali, dentro dele.

— Duda, eu preciso...

— Eu também!

Não titubeei e me pus ali, esfregando meu pau em sua entrada, usando sua lubrificação para que eu conseguisse deslizar sem dificuldade naquele buraquinho tão apertado.

— Abre as pernas e continua se masturbando para mim.

Duda não pensou duas vezes e, conforme eu ia, aos poucos, adentrando-a atrás, gemia e se contorcia, massageando seu clitóris. Fui cuidadoso o máximo que consegui, visando não a machucar, mas, quando me senti todo dentro dela, não pude mais controlar a vontade e comecei a me mover sem freio.

Ela agitava a mão sobre sua carne, e segurei suas pernas no ar, ondulando meus quadris, indo fundo em sua bunda. Pude sentir quando ela se aproximou do gozo. Meus movimentos ficaram frenéticos, sua respiração, mais rápida, e tudo se contraiu dentro dela.

Os gemidos me atingiram como um apertão nas bolas, e senti a dor física de segurar meu próprio orgasmo para assistir ao dela. Sua boceta escorrendo, uma

delícia de se ver, em um gozo feminino inigualável. Seu corpo tremia todo quando eu me puxei para fora e, apertando os dentes, gozei sobre ela, espalhando esperma sobre sua pele, desmontando em cima dela, suado, tendo espasmos musculares e com os dentes travados para não baterem um no outro, tamanho prazer.

Ela sorriu e me tocou.

— Obrigada!

Franzi a testa com o agradecimento, mas respondi:

— O prazer foi todo meu!

Então ela me beijou, e senti algo tão diferente naquele beijo que isso ainda não saiu da minha cabeça. Que sensação foi aquela?

Encaro-a sorrindo para mim, nossos dedos se roçando sobre a mesa.

— Você me tira do chão! — declaro.

Ela fica séria, respira fundo e olha para baixo.

— Espero que isso seja bom.

Aperto sua mão.

— É ótimo!

37

Duda

— Ei, Theo, vamos apostar corrida? — Tessa grita e sai correndo, e Theo a persegue pela areia da pequena praia da ilha.

O sol está se pondo devagar, mas a luminosidade é espetacular, mesmo já sendo quase 7h da noite, pelo horário de verão. O mar desse lado é tão calmo que minha filha se divertiu como nunca, criando castelos de areia com minha tia, jogando bola comigo e nadando com Theo.

É surpreendente o quanto os dois se dão bem! Lá no cais, assim que descemos do carro, senti uma certa animosidade da parte de Tessa, mas isso logo passou, e minha filha se soltou com ele. Porém, não é Tessa que me deixa estarrecida, mas sim Theo. Eu nunca poderia esperar que ele gostasse de crianças e lhe disse isso em uma de nossas conversas dentro do iate, enquanto descansávamos abraçados na cama.

— Eu gosto. Tenho um afilhado pequeno, e me dava muito bem com minha irmã caçula quando era do tamanho de Tessa ou menor — ele se explicou.

— Ah, eu conheci sua irmã. É Kara?

— Kyra — corrigiu com um sorriso triste. — Conheceu-a no baile dos Villazzas?

— Foi! — Aconcheguei-me nos braços dele. — Ela é belíssima, muito exótica!

Theo gargalhou.

— Ela é a cara da *giagiá* e sempre ficou puta quando dissemos isso.

— Quem é *giagiá*?

— Minha avó, Dorothea Karamanlis. — Abri um enorme sorriso por ele estar falando da família e com a voz bem carinhosa, demonstrando que sente afeto por eles. Theo por vezes me pareceu tão frio com relação aos seus parentes que eu me questionava qual era o relacionamento entre eles. — Alexios e Kyra são os que mais se parecem com ela.

— Alexios?

— Mais irmãos... — Suspirou, e eu imaginei que ia mudar de assunto. No entanto, continuou: — Tenho três: Konstantinos, Alexios e Kyra.

— Família grande! — Senti uma pontadinha no coração ao pensar em meu próprio irmão. — Eu tinha um também... — Não tinha a intenção de ficar com a voz tremida, mas acabou acontecendo. — Morreu um pouco antes do papai.

— Sinto muito. — Theo beijou minha testa. — Família é um tema sempre complicado. Eu quase nunca falo sobre isso com alguém. A não ser com Millos, que é meu primo, e com Frank, que é um grande amigo.

Ergui-me na cama e o encarei.

— Já posso ser considerada sua amiga também, então?

Theo ficou um tempo me olhando, sério, como se buscando uma resposta para a pergunta que fiz. Não era minha intenção colocá-lo contra a parede, e, juro, tentei rir e desviar a pergunta, mas a sua resposta me surpreendeu:

— Não, você é mais que isso! — Deslizou os dedos pelos meus cabelos. — Eu confio em você, Maria Eduarda, sinto uma cumplicidade que nunca tive com nenhuma outra pessoa. Eu não sei o que somos, nem quero me arriscar a rotular isso, mas posso garantir que você já é alguém importante para mim.

Não sei como não desmoronei naquele momento! Meus olhos arderam por causa das lágrimas que segurei, e meu coração parecia um peixe brigador, lutando para não ser fisgado.

Rio de mim mesma ao me lembrar disso e do quanto tentei me iludir na noite passada. Eu estou fisgada, irremediavelmente fisgada por ele. Apaixonada de um jeito tão forte, mas ao mesmo tempo tão natural. Como eu conseguiria não abrir meu coração para esse homem? Sei que é burrice – das grandes, diga-se de passagem –, porém, foi humanamente impossível seguir o conselho da Manola.

Estou apaixonada por Theodoros Karamanlis!

— Se der mais um suspiro desse, eu juro que arranjo um arpão com o senhor Paulo e obrigo aquele grego a se casar com você!

Abraço minha tia.

— Eles se deram tão bem e são tão bonitos juntos...

— Filha, você me prometeu que não iria deixar que ele a machucasse!

— Mas ele não está!

— Mas vai, principalmente se você começar a ver vocês três como uma família. — Assinto, dando razão a ela. — Theo não demonstrou nenhum indício de querer assumir algo mais sério com você...

— Estamos saindo há apenas algumas semanas!

— Eu sei, mas, quando se tem uma criança no meio, é necessário o dobro de cautela num relacionamento, e não vou mentir para você, eu esperava que vocês a protegessem acima de tudo. Tessa está criando essas mesmas fantasias, minha filha — olho-a assustada ao ouvir isso. — Ontem à noite ela acordou no meio da madrugada e perguntou a mim se ele poderia ser pai dela se vocês dois se casassem.

— Ai, *merde*!

Tia Do Carmo pegou minha mão.

— Converse com sua filha, Duda.

— Eu vou — garanto. — Obrigada pelo conselho.

A noite de ontem – sábado – foi bem mais silenciosa e tranquila que a anterior, pois Tessa, cansada das atividades do dia, acabou adormecendo cedo, sem nem mesmo jantar, e minha tia resolveu fazer o mesmo.

Fui para meu quarto, entrei no banho e estava passando um pouco de hidratante quando Theo apareceu e ficou parado na porta do banheiro apenas me vendo passar o creme pelas pernas. Eu estava vestindo um pijama levinho de verão – camiseta e short –, e meus cabelos se encontravam presos no coque que costumo usar quando cozinho.

Ele se aproximou, retirou grampo por grampo e espalhou as madeixas sobre minhas costas. Inusitadamente, cheirou meus fios longamente, sem encostar em mim, apenas sentindo meu cheiro. É claro que isso já foi o suficiente para que eu ficasse na expectativa de seu toque, sentindo o ar todo vibrando à nossa volta.

Theo deu a volta completa em mim, encarou-me com um meio sorriso

muito sexy e acariciou meu rosto suavemente, sem falar nada. Não sei precisar quanto tempo ficamos assim, parados no centro do banheiro, um de frente para o outro, olhando-nos, e as pontas dos dedos dele roçando minha face.

Foi, com certeza, o sexo mais carinhoso que fizemos desde que começamos a dormir juntos. Não houve grandes malabarismos, nem posições diferentes, muito menos frases safadas e brincadeiras. Estávamos tão sensíveis que nossos toques falavam tudo o que precisávamos saber. Nossas bocas se encontraram em todos os momentos, silenciando gemidos, dividindo o prazer, e nossos corpos se encaixaram tão perfeitamente que não tínhamos vontade de parar.

Theo me penetrou devagar, indo profundamente e parando por lá, sem se mexer, olhos nos meus, então voltava a sair quase por completo, beijava-me e mergulhava dentro de mim. Nossas mãos estiveram entrelaçadas durante todo o sexo, minhas pernas abraçadas em seus quadris, recebendo-o por completo, dando-lhe espaço para que me amasse como quisesse.

E foi assim que me senti, sendo amada, sendo degustada, apreciada lentamente como quem desfruta de algo especial. O orgasmo foi tão intenso que Theo precisou tampar minha boca para que o som não saísse do quarto. Ele não quis gozar dentro de mim – mesmo estando de camisinha – e pediu para que eu o chupasse e recebesse seu esperma na boca. Adoro o jeito que ele goza, os sons que faz.

Tomamos banho juntos depois, conversamos e rimos no boxe e nos deitamos juntos. Nós dois estávamos tão cansados – da noite anterior insone e do dia agitado – que acabamos pegando no sono, e eu só acordei agora.

Abro os olhos e olho para o lado, para o homem deitado na cama comigo, e sorrio. Beijo devagar a ponta do seu nariz, mas Theo não esboça nenhum som ou indicação de que está acordado. Sua mão está repousada em cima da minha barriga, e ele ressona baixinho, perdido em seus sonhos noturnos.

Ajeito-me melhor na cama, ficando mais perto dele, sentindo seu corpo nu junto ao meu e fecho os olhos, agradecida por me sentir tão completa e feliz. Eu já era feliz sozinha, tendo minha filha e minha tia comigo, mas o jeito como ele me trata, como faz amor comigo e me abraça quando vai dormir, fortalece essa felicidade.

A mente sonolenta começa a viajar desconexa, relaxando meu corpo, mas, antes que eu mergulhe em sono profundo, uma luz me incomoda e escuto meu nome sendo chamado:

— Duda! — Tento ignorar e voltar a dormir. — Duda, por favor, acorda!

O tom de voz apavorado de tia Do Carmo me faz despertar, e eu pisco antes de entender onde estamos. Theo se remexe ao meu lado e também desperta.

— O que houve? — é ele quem pergunta, e minha tia fica sem jeito,

olhando para mim.

Sento-me na cama segurando o lençol sobre os seios.

— Cadê a Tessa?

— Ela acordou há pouco se queixando de dor de cabeça. E...

Theo acende um abajur, e eu solto um grito ao ver a camisola de minha tia cheia de sangue. Sinto meu corpo inteiro gelar, mas, antes que eu me mova, ele salta da cama, agarrando sua calça de pijama e a vestindo como um louco, indo em direção ao corredor.

— É o nariz dela... — Minha tia, que parece em choque, aponta para a porta. — Melhor ir com ele.

Assinto e me levanto, procurando meu pijama, tremendo de susto. Tessa passou o dia todo no sol, e eu fui muito irresponsável por não ter pensado que isso poderia ser prejudicial a ela.

Droga!

Corro até o quarto que ela divide com minha tia e encontro minha menina com uma toalha no nariz, de cabeça curvada para trás, no colo do Theo.

— Sua tia foi buscar gelo — ele informa parecendo bem controlado. — Eu expliquei para Tessa que isso pode acontecer mesmo, depois de um dia agitado e com muita exposição ao sol.

Concordo e olho minha filha com um sorriso de consolo no rosto, tentando disfarçar o medo que estou sentindo. A cama dela está totalmente ensopada de sangue, bem como o chão ao lado, e até a calça do Theo tem respingos.

— O gelo! — Minha tia o entrega para o Theo, embrulhado em um tecido, e ele tira a toalha e a substitui pela bolsa térmica improvisada.

Vou até o banheiro dela, encharco outra toalha com água bem fria e a coloco sobre a testa de Tessa.

— Já está estancando — Theo me acalma. — O gelo fecha os vasos sanguíneos.

Chego a soluçar, e Tessa me olha preocupada.

— Eu estou bem, mamãe! — Sinto sua mãozinha tocar a minha. — Já passou!

Theo sorri por ela estar me consolando, e eu tento um sorriso para acalmá-la.

— Um banho seria bom agora, não? — pergunto.

— Sim, pode deixar comigo! — Tia Do Carmo ajuda minha filha a chegar ao chuveiro.

Espero as duas entrarem e, só quando escuto a água cair, é que deixo de segurar as lágrimas e soluço feito criança assustada, recebendo um abraço carinhoso.

— Ei, fica calma, está tudo bem!

— Eu fiquei em choque quando vi o sangue, não consegui me mover... — Soluço novamente. — Obrigada!

— Tudo bem! Acontecia muito isso comigo quando era criança, é bem comum — explica. — Às vezes eu ficava jogando futebol ou polo aquático ao sol, e sempre à noite o nariz sangrava.

— Tessa não é assim, Theo. — Seco as lágrimas. — Ela tem andado frágil demais.

— Já consultou um médico?

— Na semana que vem. — Olho para o quarto. — Vou limpar isso tudo aqui, porque ela deve sair do banho e voltar a dormir.

— Eu te ajudo! — oferece e já arranca a roupa de cama suja.

Pego os lençóis e fronha e o encaro.

— Se importa se voltarmos amanhã antes do almoço? Eu fico receosa de estar em um local tão isolado quanto este...

— Tem razão. — Beija minha testa. — Assim que amanhecer, vou chamar o pessoal do barco para nos levar de volta.

— Obrigada!

Ele sai do quarto, e eu limpo todo o sangue, coloco lençol e fronha limpos na cama e aguardo minha menina sair do banho.

— Sente-se melhor? — inquiro, abraçando-a assim que aparece.

— Com sono. — Boceja. — Você deita comigo, mamãe?

Faço o que ela pede e a abraço bem apertado, cantando “Se essa rua fosse minha” bem baixinho para ela, igual quando era bebê.

— Mãe? — Tessa se vira para me olhar. — Viu só como o Theo cuidou de mim? — Assinto, mesmo que preocupada com o brilho nos seus olhos. — Um pai cuidaria assim de mim, não é?

— Tessa... Theo não é seu pai, e nós estamos apenas nos conhecendo melhor. Não crie expectativas, minha filha.

Ela fica séria, depois vejo seus olhos se entristecerem, e ela os fecha, adormecendo. Choro baixinho, apertando-a contra mim, querendo que as coisas para ela fossem diferentes, desejando poder suprir toda a falta que ela sente de uma figura paterna. Sempre pensei que isso não acontecia, que ela estava feliz apenas comigo, mas, ao que parece, não é assim. Contudo, não posso deixar que ela se iluda sobre Theo, bem como não posso me iludir sobre ele.

— Duda — minha tia chama. — Pode ir dormir. Eu fico de olho nela.

— Tem certeza?

— Qualquer coisa, te chamo novamente.

Abraço tia Do Carmo e volto para o meu quarto. Theo está no banho, e

aproveito esse tempo para pensar um pouco nessa situação toda na qual me meti e, o pior, envolvi minha família também. Para Theodoros Karamanlis, eu sou apenas sua aventura da vez. Daqui a pouco ele irá se acostumar, entediar-se e partir em busca de uma nova companhia.

O telefone dele vibra em cima do criado-mudo, e vejo o nome “Valentina” aparecer e, em seguida, quando a ligação cai, a notificação de oito chamadas dessa mesma pessoa não atendidas.

Tento me manter à margem, não me importar ou mesmo não questionar quem é a tal Valentina que liga para ele às 3h da manhã, mas então o telefone toca novamente, e ele vem correndo do banheiro e o desliga, olhando sem jeito para mim.

— Desculpe por isso. — Coloca o aparelho de volta no móvel.

— Tudo bem. — Forço um sorriso. — Não é da minha conta!

Dou de ombros e me levanto, passando por ele para ir ao banheiro.

— Ela é uma amiga — Theo começa, e eu paro. — Na verdade, já saí com ela algumas vezes, mas não passou disso e...

— Tudo bem, Theo, você não me deve explicações. — Ele parece aliviado por não ter de explicar, e isso só confirma que há mais nessa situação do que ele está me contando. — Vou tomar um banho e tentar voltar a dormir.

— Tessa já está melhor? — Aquiesço. — Que bom!

— Eu lhe agradeço demais por ter cuidado dela.

— Foi um prazer, Maria Eduarda! Ela é uma menina incrível!

Concordo com ele e, por isso mesmo, tenho que protegê-la de uma decepção. Se alguém tiver que sofrer, que seja eu, afinal, a escolha foi minha nesse envolvimento com Theo, então, que eu arque com as consequências disso. Tessa é minha prioridade, e não há nada que eu não faça por sua felicidade.

38

Theo

— Boa noite, doutor! — Vanda me saúda assim que as portas do elevador se abrem e estende a mão para pegar minha pasta.

Entrego-lhe o objeto, paro diante da mesa do hall, com os envelopes todos separados por assunto e examino a correspondência. Separo dois convites para ler depois e responder, e o resto, junto em uma pilha só para jogar no lixo: anúncios, contas – que, mesmo eu tendo autorizado o envio digital, ainda estão vindo em papel – e uma pesquisa da empresa na qual aluguei o iate para o final de semana.

Eles foram rápidos em mandar a correspondência, afinal, faz três dias que cheguei de Angra e devolvi o iate à marina. Abro o envelope, leio as perguntas e decido ignorá-lo, colocando-o junto aos outros que irão para o lixo.

— Como foi seu dia? — Vanda me pergunta assim que entramos na sala principal. — O jantar já está pronto. Vai comer agora ou depois do banho?

— Depois. — Sorrio, pois essa é sempre minha resposta.

Vanda leva minha pasta para o escritório e segue em direção à cozinha. Fico um tempo parado no meio da sala, olhando para a direção em que ela foi, pensando em como minha vida é rotineira e chata. Isso nunca me incomodou antes, mas agora... me sinto um velho solteirão, só faltando Vanda trazer meus chinelos e o pijama de flanela.

Sempre considerei esse padrão, essa solidão como uma coisa favorável. Contudo, algo mudou essa percepção, e isso já não me satisfaz mais. Acho que, finalmente, estou pronto para dividir a vida com alguém, ter filhos e uma família.

A imagem de Tessa aparece em minha mente.

Eu me diverti com a companhia dela, com suas perguntas curiosas, sua gana por aprender e a risada contagiante que parecia capaz de preencher qualquer vazio. Nunca tinha pensando em ter uma filha, uma menina. Toda vez que aventava a ideia de ter um filho, era um homem, um herdeiro para continuar o trabalho de *pappoús*.

Ainda quero isso, mas também quero uma menina!

Sorrio ao me lembrar das covinhas no rosto de Tessa e na forma como seus olhos se fecham quando sorri largo. A menina me encantou, temo admitir. Vi tantas características dela que penso que um filho meu teria – não no aspecto físico, mas na personalidade. A menina sabe o que quer, é inteligente, astuta e boa negociadora.

— Achei uma biblioteca! — no sábado, durante a viagem, em certo momento ela entrou na sala onde eu estava com sua mãe e anunciou. — Os livros estão em inglês, e eu ainda não aprendi muita coisa. — Deu de ombros. — Ah, tem uma academia também!

— Mesmo? — Interessei-me, pois já havia visto a biblioteca, mas não esse outro local. — Onde?

— Aqui dentro da casa! — disse empolgada. — Tem até piscina!

— Duda, Rita quer falar com você sobre o jantar — dona Maria do Carmo chamou a sobrinha.

— Pode ir lá. — Pisquei para ela. — Vou explorar a tal academia com a Tessa.

— Não deixe que ela mexa nas coisas!

Assenti, e ela seguiu a tia para a cozinha.

— Vamos lá? — Segui a menina por um enorme corredor e entrei em uma magnífica sala de treino, maior e mais equipada que a minha na cobertura. — É uma puta academia!

— Você me deve cinco reais! — anunciou. Olhei-a sem entender, e a malandrinha colocou as mãos na cintura e ergueu uma de suas sobrancelhas. —

Disse um palavrão, põe cinco reais no meu cofrinho. É a regra!

— De quem? — Cruzei os braços.

— Da mamãe! — Riu. — Eu ganho muitas notas da tia Manola, mas ainda falta muito até eu conseguir dinheiro para pagar meus estudos.

Bati a mão nos bolsos da calça.

— Minha carteira não está comigo...

— Tudo bem, eu anoto para você me pagar no futuro — ri muito do jeito como ela falou isso.

— E você? — questionei. — Quando você perde seu precioso dinheirinho? Ou não têm regras para você?

— Claro que têm! Você acha que mamãe é boba? — Neguei, pois tinha certeza de que Duda não era. — Quando falo palavrão, perco cinco reais e, quando deixo de executar alguma tarefa, perco dez.

— Entendi. É um bom acordo!

— É, sim! Mamãe diz que isso me ensina a ter responsabilidade, principalmente com o dinheiro, mesmo porque não tenho mesada, como minhas amigas.

— Não tem? — Ela negou. — Então você usa esse dinheiro para comprar coisas para si?

— Não! Eu guardo para estudar — disse tão séria e convicta que senti orgulho dela. — Eu quero estudar belas artes na França um dia...

— Ah, como sua mãe fez indo estudar em Paris.

Tessa assentiu animada.

— Isso! — Seus olhinhos brilharam com o sonho.

Senti uma enorme vontade de ajudá-la na realização desse desejo de alguma forma. Eu poderia investir nela, fazer uma poupança, ainda mais se ela quisesse se tornar uma artista na área na qual eu já trabalho – pintura e escultura. Entretanto, sabia que Duda nunca aceitaria.

— Eu falei um palavrão do cacete! — Tessa arregalou os olhos. — Eita! Falei outro, né? Merda!

Pensei que ela já estava contabilizando quanto eu lhe estava devendo, mas não, começou a rir desenfreadamente a ponto de saírem lágrimas de seus olhos. Por algum motivo estranho, isso me causou um *déjà vu*, e voltei no tempo, vendo Kyra rindo desse mesmo jeito, com seus olhos verdes rasos d’água e covinhas nas bochechas.

— Você está burlando as regras! — acusou-me. — Não pode ficar xingando somente para me dar dinheiro!

— Eu?! — fingi-me de santo. — Que absurdo, Tessa, eu nunca faria isso!

— Vou fingir que não ouvi, tá bom?

Pôs as mãos na cintura e me encarou toda cheia de si, dona da verdade, uma pose totalmente igual à da minha irmã. *Caramba! Acho que vejo muito da Kyra nela por causa dos olhos. A tonalidade deles é muito parecida.*

— Você tem olhos de um verde muito incomum — comentei.

— Acho que puxei ao meu pai. Pelo menos, mamãe diz que sim.

A menina não conhece o pai?

Eu queria perguntar mais coisas, saber de sua história, conhecer melhor a Maria Eduarda através de sua filha. Contudo, não o fiz, porque não achei certo interrogar uma menina. Talvez mexesse em algo doloroso para ela mesma, e eu não queria apagar o brilho de felicidade em seu rosto.

Duda chegou à academia em seguida, enquanto Tessa e eu ainda discutíamos sobre o dinheiro dos palavrões e logo quis saber do que estávamos falando. Tomei uma reprimenda por tentar dar dinheiro a ela burlando regras que deveriam ser educativas. Desculpei-me e abracei a cozinheira, ouvindo as risadas da menina.

Naquela mesma noite tomei um susto enorme ao ser acordado com a garota se esvaindo em sangue. Tentei o mais rápido possível estancar o vazamento no nariz – provavelmente algum vaso sanguíneo que se rompera – e acalmar a Duda.

Desperto das lembranças e pego o celular, abro o aplicativo de mensagens e mando uma para Maria Eduarda:

Boa noite, como estão as coisas por aí?

Deixo o aparelho no quarto enquanto tomo banho, ainda preocupado com a menina. Desde que chegamos, tenho me comunicado com a Duda todos os dias. Na segunda-feira, ela levou Tessa ao médico, que passou muitos exames e algumas vitaminas. Elas aproveitaram o dia de folga e foram comprar material escolar.

Ontem, terça-feira, Tessa passou o dia bem, embora Duda ainda estivesse preocupada com dores de cabeça, sonolência e uma tosse insistente que tinha voltado. Conversamos bastante por telefone, uma experiência nova, pois sempre trocamos mensagens, e acabamos fazendo sexo via ligação, um falando para o outro o que queria fazer, às 3h da manhã!

Desligo o chuveiro quando meu telefone começa a tocar, sabendo que não é

Maria Eduarda, pois a essa hora ela está trabalhando.

— Oi, Vivi! — atendo minha amiga.

— Boa noite, Theo! Anda sumido. O que está acontecendo?

Deito-me na cama.

— Tirei uns dias de folga e fui para a praia. Como você está?

— Praia? Sozinho?

Rio com a pergunta invasiva, mesmo já acostumado ao jeito dela.

— Não, não fui sozinho. — Ela fica muda. — O que, além de perscrutar minha vida, você quer?

— Nossa, Theo, somos amigos, pelo amor de Dadá! — Ela parece indignada. — Só quis saber mais de você! Não posso?

— Pode, sim, claro. Agora já sabe! E aí, o que houve?

— Vai ter um evento na sexta-feira naquele clube de jazz a que você me levou uma vez, lembra? — Concordo, pois, apesar de não me lembrar de quando a levei lá, o Bebop é o lugar onde tem os melhores músicos de jazz de São Paulo e o único que frequento. — Marcus e eu vamos dar uma passada lá antes de irmos para o aniversário da Alicinha. Você vai?

Eu nem mesmo sabia sobre tal evento, mas confesso que é um ótimo programa para sexta-feira à noite.

— Talvez — respondo com sinceridade. — Há muito tempo não vou até lá. Pode ser bom.

— Está certo! Vai convidar a Valentina?

— Você ainda não a convidou por mim? — minha voz sai mais sarcástica do que eu pretendia, mas dou de ombros.

— Claro que não! Eu não vou mais interferir nesse assunto entre vocês. Ela ficou bem chateada com seu bolo no meu aniversário e seu sumiço durante esses dias, e, se você ainda pretender investir nela para uma relação, acho que deveria começar a correr atrás!

— Obrigado pelo conselho, minha *wingman*[28]!

— Ah, vai para a puta que te pariu, Theo!

Gargalho ao telefone e a escuto me xingar mais vezes antes de desligar na minha cara. É certo que pedi a ajuda de Viviane para encontrar uma esposa, mas ela está intervindo demais. Agradeço por ter me apresentado Valentina e acredito que outra candidata mais perfeita não há, mas quero fazer as coisas ao meu jeito.

No momento, não posso me concentrar ainda na jovem neta de diplomatas. Espero que consiga em breve, pois sinto que tenho pouco tempo, porém, quero aproveitar um pouco mais essa atração que sinto por Maria Eduarda.

Levo o telefone comigo quando vou jantar, esperando que Duda visualize e responda minha mensagem. Somente quando estou tomando café é que ela vem:

Muito bem! Tessa tem estado mais disposta, e o trabalho voltou ao normal. Semana que vem começam as aulas, e, nesse final de semana, tia Do Carmo vai viajar, então deixei que ela venha me auxiliar no Hill. Está empolgada! Como foi seu dia?

Fico feliz por tudo estar entrando nos eixos na vida dela.

Normal. Finalmente os funcionários voltaram ao ritmo e se tocaram de que um novo ano começou. Vanda está de volta, como lhe disse, e acabei de jantar. Posso dizer que sinto falta da sua comida sem parecer mal-agradecido?

Duda responde em seguida:

Pode, sim, ela vai entender, afinal, eu sou novidade, e todo tempero novo empolga. Rs.

Eu nunca entendo o que significa esse "rs", mas acho que deve ser algo bom. Mesmo teclando em tom de brincadeira, eu realmente sinto falta de Duda –

da comida também, mas principalmente da sua companhia. Tenho uma ideia e resolvo arriscar, mesmo achando que é muito difícil que ela aceite meu convite.

Já foi a um clube de jazz?

Estaciono o carro, ajudo minha companheira a descer do veículo e entrego as chaves para o manobrista. Abro um sorriso para ela, linda, maquiada, em um vestido de encher a boca d´água por ser muito sensual. Ofereço o braço para que se apoie e entro no salão.

— Boa noite, doutor Karamanlis! — A recepcionista já me conhece. — Ficamos muito felizes com sua confirmação para esta noite. — Entrega-me o cartão de consumo. — Divirtam-se.

Olha para a minha companhia e sorri admirada.

Sim, ela está linda, e eu sou um cara de sorte!

Assim que passamos pelas portas duplas à prova de som, o delicioso ritmo do jazz me envolve, e abro um enorme sorriso ao reconhecer *Georgia on my mind*[29] sendo brilhantemente cantada por uma bela mulher negra de voz poderosa e sensualidade indiscutível.

Ah, eu amo este lugar!

Olho em volta, notando as mesas com seus abajures acesos no centro, as paredes de tijolos de cerâmica cheias de quadros de grandes lendas do jazz, soul, gospel e R&B. É tudo muito retrô, e eu gosto disso!

— Este lugar parece cenário de filme antigo! — Maria Eduarda parece deslumbrada. — E essa mulher canta lindamente!

— Valeu a pena perder esta noite na cozinha do Hill para vir comigo?

Ela ergue a sobrancelha e sorri.

— Ainda não sei, a noite mal começou. — Ela se aproxima do meu ouvido. — Talvez se você me levar para sentar a alguma dessas mesas lindas, pedir um champanhe e cantar no meu ouvido, possa já começar a ganhar uns pontos.

Gargalho e aperto sua mão, deliciado com o humor dela.

— Só não prometo cantar. — Ela faz um beicinho, e eu a agarro pela cintura, provando sua boca. — Pelo menos, não aqui, mas quem sabe depois,

quando estivermos a sós.

— Esperarei ansiosa! — sua voz soa rouca, sensual.

— Você é linda!

Suas bochechas ficam rosadas, e ela sorri sem jeito. Não consigo entender como essa mulher ainda não está acostumada a elogios! É sensual, linda, inteligente, fode absurdamente bem – respiro fundo ao pensar nisso – e cozinha como uma deusa!

Nós nos encaminhamos para uma das mesinhas reservadas mais ao fundo do clube, mas, antes de conseguirmos chegar lá, escuto meu nome sendo chamado:

— Theo! — Viviane aparece, encarando Duda descaradamente. — Oi, meu lindo, você veio!

Cumprimento-a.

— Decidi vir ver a tal artista da qual todos estavam falando empolgados. — Olho para o palco. — Ela é maravilhosa!

— É, sim. — Concorda, mas não tira os olhos de Maria Eduarda. — Marcus a tem ajudado a alavancar a carreira. — Emito apenas um som de total desinteresse ante o que ela está me dizendo. — Você e sua amiga não querem se juntar ao nosso grupo? — Aponta para uma mesa maior, lotada.

— Não, obrigado — corto-a. — Maria Eduarda e eu vamos nos sentar sozinhos. — Olho para Duda. — A propósito, essa é Viviane Lamour, uma amiga de muitos anos.

— É um prazer — Duda a cumprimenta.

— Maria Eduarda? — Sorri. — Belo nome! Trabalha com artes plásticas ou com música?

Duda franze o cenho e nega com a cabeça.

— Comida.

Viviane arregala os olhos, sem entender, e decido acabar com a interação.

— Duda é chef de cozinha — respondo por ela, encerrando a especulação de Viviane. Ou quase. — Vamos...

— Ah... qual restaurante? — Viviane me ignora e foca em minha companhia.

— Eu não...

— Vivi, nós queremos nos sentar, beber e curtir a música — interrompo Maria Eduarda, bem irritado com minha amiga e sócia. — Foi um prazer vê-la esta noite. Desculpe-me com Alicinha por não ir até a festa dela.

— E para Valentina, o que eu digo?

Decido pôr um fim à sua interferência e inconveniência e saio de perto dela, levando Duda comigo, sem nem mesmo nos despedir. Novamente me sinto

incomodado pelo nome de Valentina ter surgido enquanto estou com Maria Eduarda. Ela não diz nada, mas sei que, em sua cabeça, deve estar se perguntando o que eu tenho com a outra mulher, afinal, além de ela ter me ligado à madrugada, fui inquirido sobre ela por uma amiga.

— Aqui está bom? — Aponto para uma das mesas, e ela assente.

— Eu realmente gostei muito daqui! — sua voz apreciativa me faz sorrir, e relaxo, deixando o "emputecimento" com Viviane de lado.

Preciso conversar com minha sócia e lhe impor alguns limites. O jeito como me abordou esta noite, em companhia da Maria Eduarda, não me agradou nada, principalmente ao final, pois ter citado Valentina foi pura provocação com a Duda.

— Fico feliz que tenha gostado. — Esfrego o nariz em sua orelha e pergunto baixinho: — Quer dançar?

Maria Eduarda suspira gostoso, e vejo sua pele eriçada. Percebo que a proximidade não afeta somente a mim, mesmo que minha evidência seja mais visível – o volume em minhas calças –, ainda que sob a luz bruxuleante do clube.

A incrível cantora interpreta *All the way*[30], e estendo a mão para Duda. Quando ela toca minha palma, um frisson perpassa meu corpo, sacudindo tudo dentro de mim. Talvez seja o efeito da música combinado ao clima do local, quem sabe até a expectativa de uma noite intensa com Maria Eduarda. O fato é que não tenho explicação racional para o que ela me faz sentir.

Nossos corpos se juntam, ajustam-se, completam-se maravilhosamente bem. O leve perfume que Duda usa é inebriante e me faz aspirar bem fundo para capturá-lo. Sinto o calor que emana dela em minha medula, entranhado em mim, agitando meu sangue e o drenando para a extremidade do meu pênis, deixando-o tão duro e sensível que o simples roçar dela enquanto dançamos me faz gemer.

— Eu quero você — sussurro, e ela me encara.

— Eu também quero você. — Sorri. — Adorei o convite.

Faço um leve carinho em suas costas.

— Pensei que ia ter que implorar para você vir comigo.

Ela respira fundo, fecha os olhos, desfrutando das carícias enquanto dançamos devagar sob a luz baixa do salão.

— É difícil deixar o Hill...

— Eu sei, Maria Eduarda. — Colo minha boca em sua orelha. — Ter você aqui é tudo o que eu queria esta noite. Obrigado por isso. — Sugo seu lóbulo devagar, disfarçadamente, e ela estremece em meus braços. — Tento ter um encontro normal com você, beber, conversar, mas tudo o que eu quero é me fundir a você. Essa química que temos vibra à nossa volta, encontra lugar em

minha voz quando falo o quanto te quero. — Ela geme. — Na minha língua, quando te chupo em busca dos seus orgasmos intensos. E na cabeça do meu pau, quando fodo você.

— Theo, você está me deixando louca com essas coisas que está dizendo! — sua voz está tremente.

— Faz parte desse tesão que nos envolve. — Minha mão alcança sua nuca, e os dedos resvalam pela raiz de seus cabelos. — Quando falo o que me faz sentir, deixo tudo o que não é carne para poder ser mais carne do que qualquer outra coisa quando estou dentro de você.

Ela suspira e encosta a cabeça no meu ombro, e eu avanço com os dedos entre suas madeixas, puxando-as devagar, acarinhando, dançando com ela sem deixar de ter contato com sua pele. Concentro-me no ritmo, no som da voz da cantora para baixar um pouco a temperatura entre nós. Convidei-a para uma noite fora do quarto, e é isso que irei fazer. Vamos conversar, ouvir essa ótima banda que está se apresentando aqui hoje e depois iremos para a cobertura trepar até o amanhecer.

A música troca para *I put a spell on you*[31], e Duda ri sobre meus ombros, seu corpo sacudindo levemente, provavelmente reconhecendo a canção de um dos discos que ficaram em sua posse. Ela gostou mesmo dos tesouros – a vitrola e os discos –, e isso é muito gostoso, ter essa afinidade com ela, dividir essa particularidade minha que poucos conhecem.

Uma ideia se forma em minha cabeça e fica cada vez mais insistente, ganhando corpo, e abro um sorriso ao imaginar a reação dela se eu lhe der um equipamento semelhante e discos de presente. A imagem de Duda com olhos brilhantes e sorriso enorme, dando-me abraços e beijos de agradecimento me congela no lugar.

Que merda eu estou pensando?!

Nada disso cabe aqui, no que nós temos! Não quero imaginá-la emocionada com um presente meu, nem mesmo compartilhar com ela as coisas de que gosto. Não é para ser assim.

Duda me olha questionadora por eu ter perdido o ritmo no meio da dança, e começo a questionar minha sabedoria ao ter vindo aqui com ela.

Certo é que saí com inúmeras mulheres, já fui a boates, restaurantes, eventos, e nunca senti esse frio na espinha que me acometeu agora. Talvez por ser Maria Eduarda comigo, e eu, pelo que conheci dela até hoje, imaginar que isso que estamos fazendo – sexo sem compromisso – não é muito a cara dela.

Essa questão me preocupa, pois não quero magoá-la, não quero que tenha ilusões e que se apegue mais do que deveria a mim. Ela não merece isso! Infelizmente, Maria Eduarda não se encaixa nos meus planos, mas é uma mulher

incrível, não merece sofrer de jeito algum.

— Algum problema? — questiona-me.

Nego com a cabeça e toco seus lábios com os meus bem devagar, saboreando a maciez de sua boca, o sabor gostoso de sua língua em busca da minha. Ainda não entendo esse elo que me liga a ela.

Sim! É como na música que está sendo cantada agora! Maria Eduarda colocou um feitiço em mim e me fez ser seu.

39

Theo

Nossa noite começou um pouco tumultuada por conta das sensações que tive ao dançar com Maria Eduarda, mas, depois que nos sentamos à mesa e começamos a conversar e a beber, consegui relaxar novamente e curtir.

Devo admitir que a companhia dela se mostrou deliciosamente perfeita. Além de todo o tesão que permeia nossa interação, conseguimos rir juntos, comentar sobre músicas. Ela falou um pouco dos pais, da morte triste de sua mãe e a tragédia que aconteceu com seu irmão envolvido com drogas.

Foi nesse momento que descobri de onde vinha a tenacidade que noto nela, sua teimosia em não vender o bar, e, mesmo sendo muito contraditório, admirei-a por isso. Pois é, peguei-me torcendo por ela contra mim mesmo! Entendi a importância que aquele imóvel tem em sua vida. É mais do que o negócio, é o receptáculo de suas lembranças.

Venho de uma família toda fodida, toda torta e nunca entendi bem como uma família que se apoia, que se ama, convive. Maria Eduarda, mesmo sobrando

apenas sua tia e sua filha, mostrou-me como é isso.

— Quando voltei para o Brasil, estava tudo uma loucura! Meu pai precisava de mim, e eu, dele — bebeu mais um gole de seu vinho ao me contar isso. — Eu precisava de apoio para criar minha filha, apoiar meu pai na luta com meu irmão e ainda tentar erguer o Hill.

— Por isso você desistiu do seu sonho.

Ela negou.

— Eu remodelei o meu sonho. — Sorriu como se isso tivesse sido bom. — Eu não era mais a mesma, não tinha que cuidar apenas de mim. Tessa era o mais importante. Meu pai e meu irmão precisavam de mim, e eu faria tudo por eles. Tia Do Carmo já morava aqui e me ajudou muito, principalmente quando o JP morreu e meu pai desmoronou.

— Ele fez tudo o que podia.

— E o que não podia também! — Deu de ombros. — Depois, ele também se foi, e ficamos as três mulheres da família apenas e...

Eu já não ouvia o que ela dizia, pois tive um esclarecimento sobre as dívidas do pai dela. E se não eram só dívidas de jogos? E se ele pegou emprestado para tentar salvar o filho? E se tivessem outras dívidas e por isso Maria Eduarda economizava e trabalhava tanto?

Tudo recaiu sobre os ombros dela, sozinha com uma tia doente e uma criança. Meu coração se apertou ao imaginá-la abrindo mão da vida maravilhosa que teria – porque eu não tenho dúvidas da sua competência – e caindo nesse emaranhado de problemas. Não foi pena o que senti, mas sim um puta orgulho! Que mulher especial era Maria Eduarda Braga Hill!

Peguei sua mão com força e sorri para ela.

— Você é incrível! A mulher mais foda que eu já conheci. — Beijei sua mão, e ela ficou tão sem jeito que não sabia o que fazer.

— Não! Sabe o ditado que diz que a necessidade faz o sapo pular? Foi isso!

— Não foi, Maria Eduarda, e você sabe disso! — Ela sorriu, agradecendo o elogio, e meu pau ficou duro no mesmo instante. — Eu queria te comer agora!

— O quê?! — Riu nervosa. — Ainda tem bastante gente aqui!

Porra, ela pensou que eu quero fazer sexo com ela aqui no clube?, pensei entre surpreso e muito tentado. Obviamente a tentação ganhou, e eu já a imaginei gemendo e gozando no meu pau aqui, sentada no meu colo.

Tentei dissipar o pensamento, mas, a cada pessoa que ia embora, mais eu me sentia tentado. A turma que estava com Viviane saiu do salão, e ele ficou terrivelmente vazio, suscitando-me a vontade de agarrar Duda e a foder o mais rápido possível.

Perdi o controle quando a banda começou a tocar umas músicas mais

dançantes e os clientes que ainda restavam se levantaram para dançar. Duda e eu, na mesa do fundo, próxima ao corredor que levava aos banheiros, ficamos esquecidos com nossas bebidas. Não pensei duas vezes; segurei-a pela cintura e a coloquei sobre mim.

— Theo, o que...

Perscrutei seu corpo, tateando-o devagar por sobre o vestido levinho que usava e descobri que a safada estava sem calcinha. Ela riu quando percebeu que eu havia descoberto sua transgressão e me beijou.

Não foi um beijo como os outros que trocamos a noite inteira, mas um esfomeado, molhado, que me dizia que ela estava tão excitada quanto eu. Eu só pensava em abrir o zíper da minha calça e me enterrar em sua boceta molhada, mas a cadeira era desconfortável, e Duda não tinha onde se apoiar para rebolar empalada no meu pênis.

Merda! Tentei pensar rápido, mas meu cérebro parecia liquefeito. Eu era todo sentidos, apenas tinha noção do quanto nos queríamos e que não iríamos esperar chegar até a cobertura. Tinha que ser naquele momento!

E foi!

Em um ataque louco, levantei-me com ela no colo, olhei todos bebendo e dançando, os garçons parados perto do bar, e a carreguei rumos aos banheiros, entrando na primeira porta que achei.

Era o armário onde havia os produtos de limpeza do bar, que alguém, por acidente, deixara aberto. Passei o trinco na porta enquanto ela se agarrava a mim e a apoiei contra a parede, liberando meu pau com uma mão só. Sem nem ao menos tirar a calça, penetrei-a como um doido varrido, mexendo rápido e forte, gemendo alto, delirando com a sensação de alívio, dor, desejo, com a adrenalina lá no alto por causa do local público.

Há muitos anos que eu não faço isso!, lembrei-me saboreando o sexo proibido, sentindo as mãos de Maria Eduarda apertarem meus ombros. Muito, muito tempo se passara desde que eu tinha comido uma mulher dentro de um estabelecimento comercial, sentindo a apreensão de sermos pegos misturada à adrenalina de trepar em local inadequado.

A vaga lembrança nem persistiu, pois Duda tomou conta de todos os meus sentidos, seu cheiro, seus sons e suas reações. Não estávamos usando camisinha, e eu deveria ter sido mais responsável com isso, mas foi impossível raciocinar ou mesmo parar de comê-la com desespero.

Duda gozou deliciosamente no meu pau, molhando-o, deixando-o patinando em sua excitação, e a contração de sua vagina foi todo o estímulo que eu precisava para me derramar dentro dela em uma loucura sem fim e deliciosa.

Ficamos um tempo parados, eu ainda dentro dela, amolecendo devagar,

sentindo o reverberar do orgasmo ainda impactando meu corpo. A consciência me tomou assim que o sangue esfriou e me dei conta da irresponsabilidade que havíamos cometido. Não falamos nada. O ar ainda vibrava, o aroma de sexo recendia por todo o ambiente, e continuávamos mudos, agarrados um ao outro.

Foi Duda quem se moveu primeiro, empurrando levemente meus ombros.

— Estou começando a ter câimbras nas pernas. — Sorriu sem jeito, e eu finalmente me afastei de seu corpo.

Duda se arrumou, mas seus olhos se arregalaram logo depois, e a vi ficar branca de susto.

— Oh, meu Deus! — Ela fechou as pernas rapidamente. — Oh, meu Deus!

Sim, as expressões foram suficientes para eu entender duas coisas: ela sentira minha porra escorrer e se dera conta de que eu tinha gozado dentro dela. *Caralho!*

— Eu sinto muito — desculpei-me. — Eu não consegui... — Estava bem sem jeito. — Eu sei que não é desculpa e que devia ter sido mais responsável...

— Nós dois! — disse baixinho. — Sabíamos que estávamos desprotegidos, e nenhum dos dois quis parar. — Neguei e quis assumir toda a responsabilidade pelo que acontecera, afinal, já havíamos feito sexo sem camisinha, e, em nenhuma das vezes anteriores, eu fora até o fim. No entanto, ela não me permitiu falar: — Eu preciso passar numa farmácia.

Arregalei os olhos.

— Eu te machuquei?

— Não. — Suas faces coraram. — Eu preciso de pílula do dia seguinte. — Foi minha vez de ficar branco. — Sei que elas foram inventadas para possíveis acidentes e que não se deve tomar como forma de prevenção à gravidez, mas, no nosso caso, acho que eu devo usar.

Pílula do dia seguinte, gravidez, nosso caso... Eu tentava raciocinar como ela, mas tudo no que conseguia pensar era em Maria Eduarda gerando um filho meu. *Porra!* Era assustador, principalmente porque as imagens me agradavam muito! Tentei voltar à razão várias vezes, lembrando que eu só queria ter um filho para agradar meu avô e que, por isso, deveria também escolher uma mulher que ele aprovasse, e Duda não se enquadrava no que Geórgios Karamanlis queria.

Eu tentei! Juro que tentei! Porém, a imagem em minha mente, o que ela me fez sentir não se desvaneceu de forma alguma. Um filho com Maria Eduarda, um irmão para Tessa com, talvez, os mesmos olhos verdes que a menina tinha, iguais aos de Alex, Kyra e de Dorothea Karamanlis, minha avó.

— Theo, eu preciso ir até o banheiro. — Duda me trouxe de volta da maravilhosa visão que eu estava tendo, e aí, sim, consegui pensar com clareza.

— Não é perigoso tomar algo assim? — questionei.

— É uma carga hormonal enorme, não me agrada, mas não, não é perigoso e não pretendo fazer isso sempre. — Respirou fundo. — Vou marcar uma consulta com um ginecologista e pensar em algum método contraceptivo.

— Não seria melhor não tomar, então? — Certamente ela não esperava por isso, pois arregalou os olhos e ficou um pouco boquiaberta. Emendei uma justificativa: — Não me agrada que você tenha que assumir sozinha a responsabilidade de "consertar" algo que eu fiz.

— Theo, eu posso ficar grávida! — ela falou lentamente, talvez imaginando que eu fosse um tanto burro demais para entender.

— E pode também não ficar! — Dei de ombros. — Têm pessoas que tentam por anos e não conseguem.

— E têm algumas que basta uma rapidinha no meio de uma balada para engravidar. — Sorriu e negou. — Não quero arriscar. Não se preocupe comigo, ok?

— Eu sinto muito. — Beijei sua testa. — Não pela transa, que foi especular, mas por ter te levado a fazer algo de que não gosta.

— Tudo bem, de verdade. — Apontou para a porta. — Eu preciso *realmente* ir ao banheiro.

Arrumei minha calça, abri a porta, comprovei que não havia ninguém no corredor e a deixei sair primeiro. Assim que Duda entrou – correndo – no banheiro, encostei a cabeça na parede do depósito e tentei entender que merda estava acontecendo comigo, por que eu me sentia tão decepcionado pelo fato de ela não querer arriscar ter um filho meu.

Porra, Theodoros!

— Eu posso ficar muito acostumada com isso! — Duda fala, tirando-me das lembranças do início desta noite. Acompanho-a erguendo a perna cheia de espuma e vejo a unha pintada de vermelho aparecer entre o sabão. — É muito relaxante.

Chegamos do clube de jazz há pouco mais de uma hora e, claro, fizemos sexo. Diferentemente do que aconteceu no clube, não tínhamos pressa e pudemos saborear cada detalhe um do outro. Gozei dentro dela de novo, pois Duda irá tomar a tal da pílula, e ela me explicou o prazo e como funcionava a coisa toda.

Compreendo que não devo pensar em estender esse caso além do que já o fiz. Contudo, questionei-a sobre a consulta ao ginecologista, mostrei-lhe – podem rir e dizer que foi um pouco tarde – meus exames de saúde em dia, e ela me disse que também os faria antes de começar a tomar um anticoncepcional.

Droga!, pensei naquele momento. *Se eu a pedisse em casamento, ela não*

precisaria de anticoncepcional algum! E, pela primeira vez desde que comecei a sair com ela, senti o peso de ter de agradar ao meu avô. Talvez, se eu não estivesse sendo quase obrigado a me casar, pudesse conhecê-la melhor, ter um relacionamento normal com ela e a pedir em casamento tão somente por querê-la, não por um filho ou por uma promessa, mas apenas por querer tê-la para sempre ao meu lado.

Sim, aperto-me a ela e a escuto suspirar, Maria Eduarda seria alguém com quem eu dividiria minha vida. Infelizmente, o mundo nunca foi justo ou fácil com minhas escolhas, e é por esse motivo que não posso dar as costas ao que prometi ao *pappoús*.

— Terei que ir para casa em breve — solto antes mesmo de me dar conta de que não é um assunto que eu queira conversar.

— Você já não está em casa agora? — Ela ri.

— Sim, me expressei mal. — Ela se encosta melhor em mim. — Terei que ir visitar meu avô.

— Ah, na Grécia. — Assinto, e ela me vê pelo espelho do banheiro. — Eu esqueço que você é grego, Theo.

— Por quase não ter sotaque?

Ela ri.

— Você tem sotaque. Não percebe, mas tem! Não é por isso, mas não te vejo como um grego, pelo menos, não como os que conheci.

— Isso é bom ou ruim? — Ela faz careta, e eu jogo um pouco de água em seu rosto como provocação. — Você só esteve lá daquela vez em que foi a Zante?

— Sim! — Duda abre um enorme sorriso. — Tínhamos acabado de concluir o curso, e a maioria já possuía algum emprego em vista, então, antes de começarmos, decidimos viajar juntas.

— Foi com um grupo grande, tipo excursão?

— Sim, erámos seis *chefs de cuisine* dispostas a curtir antes de entrar na loucura da profissão e não ter mais tempo nem para respirar. — Sua face está alegre, e ela parece emotiva. — Sinto falta de todas elas!

— Foram no verão, pelo menos? Ir até a Grécia apenas uma vez só vale se puder conhecer todo seu esplendor turístico, que inclui as praias, e isso é melhor no verão.

— Ah, sim. Fomos em junho. Fez oito anos ano passado.

— Hum... — Cheiro seu pescoço. — Já está na hora de voltar!

— É um convite?

Eu sorrio e nego, mesmo querendo dizer que sim, por mais impossível e idiota que isso seja. Maria Eduarda me faz querer jogar tudo para o alto,

esquecer quem sou e tudo o que prometi. Se eu tivesse menos experiência e nenhuma noção do quanto isso é prejudicial, certamente o faria.

— Infelizmente, não dessa vez. É uma reunião de família.

— Eu estava brincando. — Sorri e mostra a língua, bem divertida. — Fico imaginando a repercussão que daria você chegando comigo por lá, com seus irmão e primos sabendo de nossa briga épica por causa do Hill. — O sorriso morre. — Assunto delicado, desculpa. Não deveria brincar com isso.

— É... — Beijo seu pescoço. — Esse assunto é um campo minado.

— Mas você ainda pensa nisso? — Duda insiste. — Ainda pensa em comprar a propriedade? Eu sei que combinamos não misturar os negócios com o que estamos vivendo...

— Não — sou sincero em responder, e ela se surpreende. — Não quero mais comprar o Hill, mas talvez não tenha mais escolha quanto a isso.

— Por que não?

— Sou o diretor, mas, acima de mim, há um conselho administrativo e... — Titubeio, pois ela não sabe sobre a promissória que compramos e não sei como reagirá quando souber. — Não depende só de mim.

— Entendi. — Sorri um pouco triste, mas ainda assim é um belo sorriso. — Ainda que não possa fazê-los desistir de tentar comprar – o que certamente não irão fazer, porque não venderei –, fico feliz em saber que *você* não quer mais seguir com isso. — Duda se vira para mim, e o que vejo em seus olhos me tira o fôlego. — Muito obrigada!

Ai, caralho!

Beijo-a antes que esse clima nos envolva em algo mais sério e profundo, levando esse clima para um lugar seguro que nós já conhecemos e desfrutamos muito: o sexo.

40

— Tem certeza de que vocês duas ficarão bem? — tia Do Carmo pergunta antes de entrar no carro de uma de suas amigas do clube de costura.

Rio e praticamente a empurro para dentro do veículo.

— Vamos, sim! Vai logo!

— Está querendo se livrar de mim, é? — Cruza os braços sobre os seios. — O grego combinou de vir te ver nesse final de semana?

— Tia, eu acabei de chegar do apartamento dele! — Rio. — Vamos com calma!

— Eu gostei dele, de verdade, apesar de ser daquela empresa detestável. — Faz careta, e eu rio. — Gostei de como ele agiu com nossa menina. Me surpreendeu.

— A mim também. — Sorrio, soltando um suspiro. — Ele perguntou como ela estava quase todos os dias desta semana. Tomamos um susto lá na ilha.

— Sim! Eu nem gosto de lembrar. — Ela me abraça. — Não estarei muito

longe, então, se precisar, me ligue, que venho em minutos...

— Tia, pode ir despreocupada, Tessa e eu ficaremos bem. Vamos na 25 comprar o restante do material escolar que ficou faltando. Ela irá ficar essa noite comigo no Hill, e amanhã à noite a senhora estará de volta!

— Está certo, então. — Finalmente entra no carro. — Quando minha princesa acordar, diga-lhe que deixei beijos.

— Pode deixar.

Aceno por um tempo na calçada e logo subo para o apartamento, conferindo Tessa ainda dormindo. Bocejo e me espreguiço, sentindo todo o cansaço de uma noite inteira sem dormir. Theo e eu não tivemos tempo para isso!

Olho para a cartela com a segunda pílula do dia seguinte que irei tomar daqui umas horas, pois tomei a primeira antes de sair do apartamento dele, bem cedo. É a primeira vez que tomo esse medicamento e não conheço os efeitos colaterais – se tiver algum. Não quis arriscar e fiquei surpresa quando ele disse que não era para eu o tomar. Theo conseguiu me deixar confusa naquele momento, pois achei que ele seria o primeiro a propor que eu o tomasse.

O que aconteceu naquele clube foi uma loucura total, e não cometo esse tipo de doideira há alguns anos. Sem dúvida, nada se compara ao que senti, ao que Theo me fez sentir com seu desespero e falta de freio. Nunca me senti tão desejada e poderosa como na noite passada.

Suspiro e balanço a cabeça.

É incontestável que eu estou apaixonada por ele e, talvez, tenha tido a certeza disso quando me disse que, se fosse por sua vontade, ele não tentaria mais comprar o Hill. Pode parecer bobagem, mas foi o momento mais incrível que já tivemos juntos, porque ali, mesmo de um jeito estranho, eu soube que ele se importa comigo e que não sou apenas uma trepada ocasional. Talvez ele ainda não esteja apaixonado por mim como eu estou por ele, mas certamente sente algo.

Lembro-me do sexo detalhista que fizemos assim que chegamos do clube, dos momentos na banheira, no sofá da sala, debaixo do chuveiro e de novo na cama. O homem tem fogo e muito fôlego, devo admitir.

De manhã, realizei o sonho mais clichê da minha vida e fui preparar o café – na cozinha dele – usando a camisa que vestiu para ir ao clube comigo e tão-somente ela. Ganhei um sexo oral *de-li-ci-o-so* sobre a bancada da cozinha, tomei meu café e vim embora render a tia Do Carmo e liberá-la para seu final de semana no interior com o clube de costura.

— Ei, mamãe! — Tessa me chama da porta do seu quarto. — Eu acho que tem algo errado...

Assusto-me com sua palidez e as olheiras evidentes em seu rosto. Fomos até a pediatra esta semana, e a doutora Maria Lúcia me passou pedidos de exames e já prescreveu algumas vitaminas.

Corro até ela e, quando encosto em sua pele, constato a febre. Está muito, muito quente!

— Tessa, volte para a cama, eu vou pegar um termômetro e...

Não termino de falar, pois ela desaba no chão, e eu mal tenho tempo de segurá-la.

Odeio essa espera! Olho para o relógio e bufo, aguardando o resultado do exame de sangue que fizeram em minha filha há alguns minutos. Tessa dorme, já com a temperatura do corpo normalizada, ainda com o soro preso em seu braço.

Foi desesperador o que aconteceu mais cedo hoje. Não pensei duas vezes e a coloquei no carro, vindo direto para a emergência. Ela foi atendida ainda desacordada, medicada, colocada no soro e só acordou quando a temperatura corporal começou a baixar. Estava fraca demais, e o soro a ajudou muito.

Há quase uma hora colheram urina e sangue dela, e Tessa dormiu logo após isso. Minha menina está tão pálida que seus lábios parecem ressecados e arroxeados, e as olheiras estão fundas e muito escuras.

Seguro sua mão, nervosa, sem saber o que está havendo.

— Boa tarde. — Um médico entra no quarto. — A senhora é a mãe?

— Sou, sim. — Levanto-me. — Já sabem o que ela tem?

— Precisamente, não. Mas os exames indicam que seu corpo está combatendo uma infecção bem forte. Suas hemácias estão muito baixas, e o exame de urina retornou com nenhuma anormalidade.

— Então não tem um diagnóstico?

— Não com esses exames, precisaremos de mais alguns, mas não temos como fazer aqui.

Assinto, pois já tinha imaginado.

— A médica dela passou vários pedidos, e Tessa irá fazê-los na segunda-feira de manhã.

— Ah, que bom, então. — Ele sorriu e foi até ela, examinando-a. — A febre cedeu. Vamos mantê-la aqui por mais algumas horas em observação e depois liberá-la para voltar para casa. Não acho recomendável que ela permaneça aqui com suas defesas tão baixas.

— Está certo. E obrigada pelo rápido atendimento.

— É o meu trabalho. — Sorri agradecido e se despede.

Sento-me novamente ao lado dela, e o meu celular vibra com notificação de mensagem.

“Oi! Conseguiu descansar? Acordei há pouco. Você me desmontou essa noite!”

Mesmo achando legal, não consigo sorrir nem relaxar com a mensagem de Theo. Não respondo, e ele envia outra.

“Já ocupada com os preparativos para hoje à noite?”

Respiro fundo e digito a resposta:

“Não. Tessa passou mal de novo. Estamos na emergência.”

No mesmo instante ele me liga, e eu vou para o canto da sala de recuperação onde estou com minha filha.

— Oi, Theo.

— O que houve? Sangramento nasal de novo? — Ele parece preocupado.

— Não, febre alta — tento manter a voz firme para não desmoronar. — Quando cheguei aqui na emergência, ela já estava com 40 graus e desacordada.

— Me passa o endereço.

— Não precisa — respondo rapidamente, embora meu coração tenha falhado uma batida com a ideia de ter alguém aqui comigo. — Ela já deve ser liberada e...

— Sua tia está com você? — Nego. — Então me passa o endereço, que vou buscar vocês.

— Eu vim de carro.

— Dionísio pode levá-lo de volta ao Hill. Sua amiga ficou no comando do bar?

— Sim. — Lembro-me da preocupação de Manola. — Eu quase tive que obrigá-la a ficar por lá, pois queria vir para cá também.

— O endereço, Duda. Não quero vocês sozinhas aí.

Cedo e informo o local da unidade onde estamos, e ele desliga.

Não vou mentir que não me sinto consolada com a preocupação e emocionada com o apoio que ele está disposto a nos dar. Estou acostumada a não contar com muita gente para me auxiliar com Tessa. Tia Do Carmo é incrível, e Manola – mesmo com um parafuso a menos – adora minha menina. Além delas,

nunca tive mais ninguém.

Tessa acorda, e corro até ela, querendo saber como se sente.

— Com fome...

Sorrio ante a resposta, aliviada – ao menos por hora – ao vê-la ganhando cor e mais força.

— Para onde estamos indo? — pergunto assim que Theo entra em uma rua que não conheço.

— Minha cobertura — informa parando em um farol. — Sei que Tessa deve estar acostumada, mas não acho conveniente que ela fique sobre o bar hoje. O som pode atrapalhar seu sono e recuperação.

Rolo os olhos.

— Temos acústica, sabia?

— Eu sei, mas ainda assim deve vazar um pouco para cima.

— Vaza um pouco — Tessa é quem revela. — Mas estou acostumada.

Ele volta a prestar atenção na estrada e não muda a rota.

— Theo, não temos como dormir na sua cobertura! Não temos nada conosco e...

— Pedi ao Dionísio que falasse com sua amiga Manola, e ela fez uma pequena mala para vocês duas. — Arregalo os olhos. — Por favor, eu ficarei mais tranquilo com vocês comigo.

Bufo com sua teimosia, mas concordo.

Pelo visto, estou conhecendo a teimosia, arbitrariedade e o controle de Theodoros Karamanlis, o CEO. Esse era um lado dele que ainda não tinha dissecado em meio a tantas camadas que esse homem parece ter.

Tessa tem um sorriso no rosto, provavelmente por poder conhecer a casa dele. Confiro sua temperatura novamente e relaxo por a febre não ter voltado, mas sei que, assim que passar o efeito dos remédios, ela deve voltar, afinal, há uma infecção sendo combatida.

Penso na infecção de garganta e que ela não deve ter sido curada a contento, por isso voltou mais forte. Precisamos fazer os exames o mais rápido possível, pois não quero ter em mente nenhuma doença grave, pois o simples pensamento me causa verdadeiro pavor. Minha filha é tudo para mim, tudo!

Entramos na garagem do prédio onde Theo mora, e Tessa, que passou a viagem toda deitada no meu colo, levanta-se com olhar curioso sobre o local

onde ele vive. Retiro o cinto de segurança e saio a fim de ajudar minha filha a descer do veículo, mas Theo se adianta e pega a menina no colo.

— Obrigada! — agradeço emocionada.

— Tudo bem, essa mocinha aqui pesa igual a um passarinho! — Balança a cabeça. — Acho que você está precisando se exercitar mais e comer melhor.

Tessa arregala os olhos.

— Exercitar? Mas isso não é para emagrecer?

Theo ri a caminho do elevador.

— Bobagem, existe o exercício certo para cada coisa. Eu era tão magro que, se você me olhasse de lado, só enxergava uma linha com cabeça. — Tessa ri bastante imaginando o que ele descreveu, e eu seguro meu próprio riso, achando impossível que Theo já tenha sido assim. — Mas sabe por quê? Não gostava de fazer exercícios e ficava no meu tempo livre enfiado no quarto jogando videogame. Ah, saudade do Atari!

— Oh, meu Deus, meu irmão tinha um! — intrometo-me na conversa, já dentro do elevador. — Era uma briga feia lá em casa para jogarmos Pacman!

— Do que vocês estão falando?! — Tessa nos olha como se fôssemos E.T.s.

Theo e eu rimos juntos, e ele explica à minha filha que se tratava de um jogo.

— Mas, Duda, você não tem idade para ter conhecido um Atari!

— Desfrutei pouco, é verdade, porém, meu irmão amargou aquele Atari por muitos anos, pois papai não podia comprar um mais moderno. Eu já tinha uns oito anos quando ele ganhou um Nintendo. Gostaria de ter ficado com o antigo jogo. Tenho boas lembranças.

— Por que não ficou?

Suspiro triste e dou de ombros. A verdade é que, sim, guardei o videogame, mas, quando retornei da França, soube que meu irmão, no afã de conseguir dinheiro para alimentar o vício, vendeu-o a um colecionador, pois o nosso ainda funcionava e tinha os cartuchos. São marcas tão agridoces que carrego comigo, de lembranças boas e ruins sobre o mesmo objeto, que evito pensar nelas.

— E o que você fez para ficar assim tão forte? — Tessa volta ao assunto do corpo de Theo, e sorrio, gostando do *timing* dela.

— Comi muita proteína para crescer. Frango, bife, porco, cordeiro e muito peixe! Lá onde eu morava, comíamos peixe todo dia, além disso, eu devorava os vegetais no meu prato!

— Até brócolis? — Põe a língua para fora.

— Até brócolis! — Ele abre um sorriso tão afetuoso para ela que meu coração falha uma batida.

Sinto essa coisa totalmente estranha quando Theo interage assim com

minha filha. Os dois juntos são tão lindos e se dão tão bem como nunca imaginei que pudesse acontecer. Sei que deveria estar sendo muito mais protetiva com relação a ela, não a deixar se envolver tanto, mas não consigo não adorar a amizade que os dois estão criando.

A porta do elevador se abre, e dou de cara com uma senhora de cabelos grisalhos presos em um coque e um sorriso caloroso.

— Bem-vindos! — ela nos cumprimenta.

— Vanda, essas são nossas hóspedes. — Tessa tem os olhos fixos na mulher, curiosa como ninguém. — Tessa e sua mãe, Maria Eduarda.

— Muito prazer! — Ela estende a mão para mim, mas eu a abraço.

— Eu amei a organização da sua cozinha, parabéns! — elogio-a, e Vanda sorri sem jeito. — É um prazer enorme conhecê-la, Theo disse que não consegue fazer nada sem a senhora por perto.

— Ah, ele disse, é? — Pisca para o patrão, que faz uma careta engraçada.

— Duda, você acaba de entregar o ouro ao bandido! — Faz cara de desolado para Tessa, e minha menina ainda comenta, com voz de reprimenda, que eu falo demais. *Como é que é?* — Já posso colocar essa *prinkípissa*[32] aqui para descansar?

Ah, puta merda! Não sei do que ele chamou minha filha, mas nunca o ouvi falar em grego, e é totalmente sexy!

— Claro que sim! Dio acabou de entregar as malas delas.

Arregalo os olhos com a informação de Vanda. Então Manola arrumou mesmo nossas roupas!

Seguimos para um dos quartos do piso debaixo, e Theo acomoda Tessa na enorme cama já preparada, inclusive com travesseiros recém-afofados e um edredom muito fofinho. O ar-condicionado mantém a temperatura – que lá fora está comparável à do inferno – muito amena.

— Mamãe, eu quero tomar um banho — Tessa me pede assim que chego ao seu lado.

— Já tomou banho de banheira, Tessa? — Theo pergunta, e meu coração dispara.

Não sei como irei reagir ao ver minha menina dentro da mesma banheira na qual fizemos tantas sacanagens, mas relaxo quando ele abre a porta do banheiro da suíte, e uma versão mais simples da que ele tem na suíte máster aparece.

— Eu posso? — O sorriso dela é enorme.

— Claro! — ele responde. — E a Vanda ainda tem umas surpresas de colocar na água. — O filho da mãe me encara rindo. — É bem divertido.

— É como tomar banho em água com gás! — A governanta de Theo aparece portando uma daquelas bombas de banho. — Vou preparar seu banho.

Quando Vanda volta para o banheiro, Theo se aproxima de mim, abraça-me pela cintura e diz na minha orelha:

— Essa noite vou preparar seu banho também!

— Theo... — repreendo-o.

Ele me dá um selinho e depois fala com minha filha:

— Eu espero que você esteja se sentindo melhor, *prinkípissa mou.*

Tessa sorri e assente, e ele se despede dela com um beijo na testa.

— Estarei no meu quarto.

Suspiro assim que ele sai e escuto as risadas de Tessa e Vanda.

É, não consigo disfarçar, mas quem pode me julgar?

Saio do banheiro, após o banho, já com meu pijama posto e escuto uma leve batida à porta. Theo entra no quarto e sorri de leve ao ver Tessa dormindo.

— A febre voltou a ceder?

— Sim. — Dou de ombros. — Será assim até acharmos a infecção e administrarmos os antibióticos corretamente. O médico me passou um bem forte, e isso está ajudando, pois a temperatura não tem se elevado muito, mas ainda assim...

— Você precisa levá-la a um especialista.

— Sim, liguei para a médica dela, que me pediu para fazer os exames o mais rápido possível. Segunda-feira, quando o laboratório abrir...

— Posso pedir que venham amanhã. — Ele pega o celular. — Tenho conhecidos que são donos de um grande laboratório, e eu sempre colho minhas amostras em casa. — Cruzo os braços e levanto as sobrancelhas, e ele entende que eu o acho um esnobe. — Não, é mais por falta de tempo mesmo.

— Eles viriam até aqui em pleno domingo? — Ele assente. — Então, por favor, peça para que venham, eu agradeço. A doutora Maria Lúcia já havia me advertido que a maioria dos exames que passou não seria coberta pelo meu plano de saúde, então eu posso pagar todos de uma vez e fazer mais rápido.

— Não se preocupe com isso, Duda.

— Não! — Toco seu braço. — Theo, é minha filha, minha responsabilidade.

— Eu sei disso, mas quero fazer isso pela pequena. — Ele me abraça forte. — Eu gostaria de poder te ajudar mais, Maria Eduarda. Sei o quanto está preocupada com a saúde de Tessa, então me deixe fazer ao menos isso.

— Você tem ajudado muito já ficando ao nosso lado.

— Eu sei. — Bufa. — Hoje de manhã meu tio me ligou da Grécia. Meu avô piorou de uns dias para cá, e eu terei que ir para casa mais cedo do que imaginei.

Balanço a cabeça, compreendendo a situação dele, mas não deixo de sentir uma pontada de tristeza. Theo tem sido muito presente em minha vida durante todo esse mês e, principalmente nos dois graves incidentes com Tessa, foi meu apoiador.

Concordo em deixar que ele pague pelos exames e, depois de ver o nome do laboratório, sinto-me até aliviada, pois é um dos mais modernos e caros do país. Eu faria qualquer coisa pela minha filha, ainda mais nesses casos, mas como não sei como serão as coisas daqui para frente, manter minha pequena poupança é o sensato a se fazer.

— Quanto tempo você ficará fora? — inquiro, mesmo não tendo nada a ver com a vida dele.

— Três semanas, talvez mais — pela sua expressão e voz, percebo que ele não está muito contente com a viagem. — Não queria deixar vocês sozinhas durante todo esse tempo, mas quero que saiba que o que precisar, Duda, conte comigo.

— Obrigada!

Theo me beija cheio de carinho, passando a mão pelos meus cabelos, e eu me apoio nele, cansada depois de uma noite sem dormir seguida de um dia agitado e tenso como foi o de hoje.

— Você precisa dormir — ele constata. — Vá descansar, que eu fico aqui tomando conta dela. — Nego, mas ele insiste. — Eu ainda dormi nessa manhã e acordei perto do almoço, você, nem isso! Pode ir.

Mais uma vez escuto uma batida à porta, e Theo se separa de mim, pedindo para Vanda entrar.

— Tudo bem? — a governanta questiona olhando para Tessa.

— Sim, ela dormiu agora, sem febre.

A senhora entra no quarto.

— Graças a Deus! — Olha para mim e em seguida para o Theo. — Por que vocês dois não vão descansar e eu fico aqui com a Tessa?

— Não, eu estou...

— É uma ótima ideia! Duda não dorme há mais de 24 horas e deve estar exausta.

— Eu estou bem! — insisto.

— Maria Eduarda, quando Tessa acordar amanhã já estará bem melhor e com muita energia por ter passado o dia na cama — ela diz. Concordo. — Você precisará estar descansada para ficar com ela.

— Viu, só? — Theo aponta para mim. — Vanda criou duas crianças, sabe o que diz!

— E estão todos aí! Continuam me dando dor de cabeça, porque isso nunca passa nem quando elas crescem, mas estão cheias de saúde! — Pega minhas mãos. — Pode confiar em mim. Qualquer alteração, chamarei vocês dois.

O gesto dela me emociona, e eu a abraço de novo, agradecendo sua consideração.

Sigo para a suíte de Theo e o vejo desfazer a cama na qual passei a noite passada inteira acordada com ele, depois me deito. Ele se encosta em mim tempos depois, abraçando-me com força na posição conhecida como "conchinha".

— Descansa, *agapi mou.* — Eu me aconchego melhor a ele. — Tudo vai ficar bem com a *mikrí prinkípissa*[33].

— O que é isso que você a tem chamado? — pergunto sonolenta.

— Princesinha. — Ri. — Minha princesa.

Meu coração dispara ao ouvir suas palavras carinhosas.

— Eu amo você, Theo — declaro e adormeço sentindo um beijo no topo da minha cabeça.

41

“Eu amo você, Theo”

A voz sonolenta de Maria Eduarda ressoa na minha cabeça enquanto faço abdominais sem parar. Não costumo treinar no domingo, mas, depois da noite intensa que tive com ela, foi impossível me concentrar em qualquer coisa aqui no apartamento sem parar de pensar em tudo o que ocorreu durante as horas em que ela e Tessa ficaram aqui.

Depois da declaração de Duda, não consegui pregar os olhos. Fiquei na cama, imóvel, abraçado a ela, com a cabeça a mil por hora. No meio da noite, levantei-me, fiquei um tempo na varanda olhando para a vista de São Paulo, depois fui até o quarto de Tessa.

Vanda estava acordada e tinha acabado de aferir a temperatura da pequena.

— Está normal. — Ela suspirou. — Theodoros, não gosto disso. Essa menina tem algo.

Senti um frio cruzar minha coluna de cima a baixo.

— Por que você acha isso? Duda me disse que ela esteve doente antes de viajar para a praia, infecção na garganta.

Ela negou.

— Não parecem ser casos isolados, as infecções, o sangramento, o desmaio...

— Que desmaio? — perguntei surpreso.

— Duda me contou que Tessa desmaiou na praia e que por isso decidiu ir para lá. — Ela aponta para uma pasta. — E esses exames... Eu criei duas crianças, e nunca nenhum médico me passou exames tão específicos assim.

Olhei para Tessa, preocupado. A menina e dona Do Carmo eram o que restara da família de Maria Eduarda, e eu já tinha notado a importância que elas tinham em sua vida. Nada de mal podia acontecer com Tessa, porque eu não sabia como Duda se recuperaria.

— Amanhã o pessoal do laboratório que faz minhas análises virá aqui para colher as amostras da menina — informei a Vanda, que abriu um enorme sorriso. — Vamos torcer para que seja apenas uma virose.

— O senhor gosta muito delas. É uma novidade ter uma criança aqui, uma boa novidade.

Não respondi, apenas refleti sobre o que ela disse e tive de concordar. As coisas estavam ficando cada vez mais diferentes comigo. Primeiro, a obsessão pela Maria Eduarda, a falta de libido com outras mulheres, então viera o carinho pela Tessa, a preocupação com sua saúde.

Eu nem me lembrava mais como era ter uma criança por perto, mas Tessa me fazia recordar tanto de Kyra, de como eu a adorava, a única neta Karamanlis, a princesinha da família já tão torta naquela época, que pensei ser esse o motivo de eu gostar tanto dela.

Dispensei a Vanda para que dormisse e fiquei velando o sono de Tessa. Acabei adormecendo em algum momento e, quando acordei, dei de cara com um rosto redondo, risonho, com covinhas e olhos verdes.

Meu sorriso se abriu involuntariamente ao vê-la, olhinhos brilhantes e um rosto mais corado.

— Bom dia! — ela me cumprimentou com sua voz doce e sonolenta.

Não resisti e beijei sua testa, sentindo o cheiro doce do perfume dos seus cabelos, e ela me abraçou apertado.

— Bom dia, *mikrí prinkípissa!* — Ela gargalhou e perguntou do que eu a havia chamado. — Princesinha.

— Ah... Gostei disso. Me ensina a falar?

Passei alguns minutos me divertindo com as tentativas dela de acertar o sotaque grego, e, quando Duda apareceu para informar que o pessoal do

laboratório havia chegado, encontrou-nos em meio a risadas.

— Do que vocês estavam rindo? — perguntou quando Tessa foi ao banheiro.

— Sua filha queria aprender grego. — Abracei-a e lhe dei um beijo na testa, ainda com sua voz e a declaração que me fizera ressoando em meus ouvidos, agitando meu coração.

— Não lhe ensinou palavrões, não é?

Ela acertara em cheio, mas neguei, ou melhor, tentei negar que estava ensinando a pequena a driblar a mãe e evitar perder dinheiro do seu cofrinho do palavrão. Obviamente não fui muito convincente, e ela pôs as mãos na cintura e me repreendeu com o olhar.

Foi um começo de manhã muito divertido, porém, depois, senti toda a tensão e dor ao acompanhar a realização dos exames da menina.

Nunca vi tantos tubos de sangue em minha vida. Eles mal enchiam um e já colocavam outro para encher e assim foram formando uma pilha de tubinhos, todos etiquetados, enquanto eu sentia meu coração apertado por causa de Tessa. A menina se mostrou muito corajosa, apenas olhava para a mãe com os olhos rasos de água, mas não chorava, mesmo com a demora e o acesso doloroso em sua veia.

Depois Duda, quando eles saíram do quarto, abraçou-a forte, e eu acompanhei o consolo oferecido para a menina como se tivesse levado um soco na boca do estômago. As palavras doces de Duda, garantindo a ela que tudo ficaria bem, as lágrimas silenciosas que escorreram dos olhos verdinhos de Tessa e o olhar que ela me deu, de soslaio, cheio de medo, causaram-me um enorme nó na garganta.

Lembranças da minha infância me acertaram em cheio, e percebi que nunca tive isso! Nunca vi de tão perto essa relação familiar saudável e “normal”.

Foi naquele instante que eu soube que queria que meus filhos fossem criados assim, sabendo que tinham amor, apoio, consolo em seus pais. Nunca colocaria uma criança neste mundo para passar o que meus irmãos e eu passamos na infância. Não é exagero; claro que nunca nos faltaram coisas materiais, dinheiro e tudo o que ele pode proporcionar, mas não tínhamos a mínima noção de afeto.

Fiquei vendo as duas ali, juntas, dividindo a dor, a apreensão, mas cheias de esperança. Duda afagava os cabelos de Tessa e tentava segurar as lágrimas para não assustar a criança. Foi então que eu notei que aquela mesma mulher que estava ali, cuidando e amparando sua filha de forma emocionante, dissera que me amava.

Compreendi, naquele momento, que não eram palavras de agradecimento

ou jogadas no calor de um momento. Maria Eduarda não era assim, nunca diria algo que não estivesse sentindo. Ela realmente me amava, e eu não sabia o que fazer!

Depois de tomarmos o café juntos, levei-as até o Hill, onde Manola as aguardava. Antes de sair do carro, porém, Maria Eduarda resolveu tocar no assunto:

— Sobre o que eu te disse ontem... — Parecia sem jeito. — É o que sinto, mas não te obriga a nada, apenas aconteceu. Desculpe se...

— Não faça isso — interrompi-a. — Não peça desculpas por me amar. Realmente acho que não mereço isso, mas é a melhor coisa que já me aconteceu! — Ela sorriu. — Só não quero vê-la machucada.

O sorriso morreu.

— Bom... ninguém pode prever o que o futuro reserva.

Tentei lhe explicar que eu pouco sabia sobre esse sentimento, mas ela logo se despediu agradecendo por tudo e saiu do carro, seguindo a filha e Manola.

Voltei para a cobertura e dei tantas voltas dentro do meu quarto que poderia ter deixado marcas no assoalho de madeira. Passei a me exercitar e, enquanto isso, tentei avaliar esse mês que passamos juntos, vendo-nos, nossas noites, os dias com Duda e Tessa e tudo o que isso significa para mim. Claro que ainda tinha a promessa ao meu avô, o herdeiro que ele tanto me pede e Valentina.

— Merda! — xingo alto, tentando expurgar esses sentimentos e pensamentos, e abraço minhas pernas, completamente exausto do exercício.

— Acho que a idade está pesando para você de verdade! — escuto a voz debochada de Frank Villazza e levanto a cabeça.

O carcamano está parado na entrada da academia, com uma xícara de café na mão e o maldito sorriso debochado na cara.

— Começou a invadir propriedades, Frank?

Ele gargalha.

— Poderia ser um bom divertimento, mas não. Sua governanta autorizou minha entrada. — Toma mais um gole do café. — *Madonna Santa*, que café saboroso!

— É, eu sei... é o meu café! — resmungo ao ficar de pé.

— Que humor azedo, Karamanlis! O que foi? Acabou seu *whey*?

— Vá se foder, Frank! — rio assim que falo isso. — O que você veio fazer aqui?

— Isabella saiu com a irmã e as crianças, então fiquei à toa e...

— Sozinho. — Cruzo os braços. — O solteirão Frank Villazza não consegue mais ficar sozinho!

— É, não consigo, mas, se soubesse que você estaria tão babaca, teria ido

até a casa do Hal, afinal, ele tem mulher e filhos como eu, seria mais solidário!

Não respondo, sentindo pela primeira vez a cutucada dele no local certo. Antes, eu agradeceria por não ter sido domesticado, mas agora...

— Eu não sei se seria um bom pai — revelo, e Frank arregala os olhos. — Não sei se seria um bom marido.

— O que aconteceu no passado não pode definir para sempre quem você é — Frank não titubeia em dizer, pois sabe de toda minha história. — Ninguém é obrigado a cometer os mesmos erros e a repetir histórias de vida que não são suas. Você não é seu avô, nem seu pai, tem sua própria escolha, pode decidir o que quer ser e como.

Não é a primeira vez que conversamos sobre isso. Eu vi a mudança acontecer na vida dele, tudo o que sua família sofreu nos últimos anos e como eles se amaram e se apoiaram a cada momento. Sempre usei essa justificativa, de que Frank conseguiu amar e ser um bom pai e companheiro porque tinha o exemplo certo.

Será possível uma pessoa zerar seu histórico familiar ruim e ser diferente daquilo que teve como exemplo a vida toda? Será que eu conseguiria ser assim?

— Vai me contar o que está acontecendo? É seu avô ainda colocando pressão?

Dou de ombros e seco um pouco do suor com a toalha.

— Isso deveria ser o que me preocupa, mas a verdade é que estou confuso.

Frank perde o semblante debochado e suspira.

— Quem é ela?

Balanço a cabeça.

— Maria Eduarda Hill. — Meu amigo arregala os olhos. — Eu sei, completamente inadequada para...

— *Vaffanculo!* Quem aqui falou em adequação ou inadequação?! Você acha que eu era adequado para Isabella? Ou que Nicholas era para... — Faz careta. — Exemplo ruim. — Gargalho com a implicância costumeira dele com o cunhado. — Enfim... a questão não é essa. O que você precisa saber é o motivo pelo qual, mesmo a achando inadequada, não consegue deixar de querê-la.

— Eu não sei, porra! — digo exasperado, encostando-me contra um aparelho de musculação. — Eu já tive parceiras incríveis, com afinidade, amizade e sexo bom. Já tive fodas loucas, memoráveis, do tipo que você lembra delas quando quer se excitar ou apimentar uma mais ou menos. — Frank concorda. — Mas isso que eu tenho com Maria Eduarda é muito mais do que isso tudo junto.

— *Dio Santo!* — Ele ri. — Você já contou a ela sobre a promissória?

Nego.

— Vou desistir disso. Já não faz mais sentido, mesmo eu ficando ou não com ela. — Bufo. — Mandei um memorando para o jurídico interromper a ação de execução.

— Isso não pode gerar algum problema? Afinal, era uma das grandes metas da Karamanlis conseguir aquela quadra toda, e desistir sem mais nem menos...

— Dei algumas justificativas, mas é claro que nenhuma delas é consistente o suficiente. Não posso fazer isso com a Duda.

— É melhor contar, Theo — aconselha-me. — Conseguindo ou não, conte.

— Sim, devo isso a ela! Duda é tão sincera e transparente em tudo o que faz que, mesmo não indo em frente, preciso dizer que temos a promissória.

— É o certo a fazer, e se prepare, vai ter que implorar muito seu perdão por ter omitido isso dela. — O canalha ri. — Quem diria! A mosca do amor picou um Karamanlis!

Não respondo nem que sim, nem que não, mesmo porque nem mesmo sei se é esse o caso. Sim, eu gosto dela, adoro estar com ela e não quero que isso acabe agora, mesmo correndo o risco de não conseguir cumprir a promessa ao meu avô. Duda é uma mulher muito diferente de todas as outras que já conheci. Não temos jogos um com o outro, sou direto ao dizer tudo o que quero, e ela faz o mesmo. Ontem ela disse que me amava, mas nem por isso tentou forçar algo, pelo contrário, tomou a responsabilidade do que sente para si mesma para me tranquilizar.

Não estou tranquilo. Não quero que ela sofra e, mesmo sentindo por ela o mesmo que sente por mim, acho que ainda posso foder com tudo e acabar magoando-a. *Ai, caralho, como assim sinto por ela o mesmo que sente por mim?!*

Arregalo os olhos, e Frank começa a gargalhar, percebendo que eu me dei conta de que amo a cozinheira. *Não é possível!* Como isso foi acontecer? Como não vi isso chegar? Eu já estive apaixonado antes – ou pensei estar –, e nada se compara ao que sinto pela Duda.

— É, meu amigo! — Frank cruza os braços e sorri. — Lembro-me bem quando me dei conta de que estava de quatro pela Bella. — Balança a cabeça. — No meu caso foi depois de um pé na bunda, então espero sinceramente que você tenha mais sorte que eu nisso.

— Você entende a confusão que isso vai trazer para minha vida? *Pappoús*...

— Ah, Theo, quantos anos você tem, *stronzo*? Eu entendo o compromisso familiar, entendo muito, mas é a sua vida, não é um negócio. Não seria justo com você e muito menos com Maria Eduarda que outra pessoa decidisse o destino de vocês.

— Eu sei... — Ponho a mão na cabeça. — Preciso resolver tudo isso: a

promissória, Valentina — Frank faz careta —, a promessa ao meu avô.

— Boa sorte! — Frank sorri de lado. — Que tal agora, que já te fiz o enorme favor de te clarear as ideias, você ir tomar um banho e me convidar para almoçar?

— Você se acha, Frank! — Jogo a toalha no cesto de roupa suja. Ele ri e se afasta quando passo perto dele. — Naquele seu hotel não tem comida, não?

— Tem, sim, *caspita*[34]*!* — Fica sério. — Mas eu não quero almoçar sozinho.

Paro e abro um enorme sorriso.

— Está carente! — Abro os braços e avanço até onde ele está.

Frank recua de meu abraço suado e xinga todo o repertório italiano antes de começar o português. Gargalho e apenas bato em suas costas.

— Vou para o banho. Pelo menos prepara uma boa dose de uísque para compensar o almoço — provoco-o.

Ele ri.

— Te trouxe uma garrafa de presente.

— Ah, eu gosto muito da sua companhia!

Frank fica sério, mas vejo que segura o riso.

— *Bugiardo*[35]*!*

42

Theo

A segunda-feira sempre foi meu dia favorito da semana. Era quando eu ia para o escritório e não pensava em mais nada, só no trabalho. Pensava assim desde quando comecei a frequentar a empresa, ainda na Grécia, durante a adolescência. Eu podia ver mais pessoas, conversar, aprender e me sentir útil, não mais aquele peso morto deixado para trás pelos pais.

Agora as segundas têm outro significado ótimo! Folga de Maria Eduarda e a possibilidade de eu estar com ela. Sei que falamos que iria ficar difícil depois da volta de Tessa das férias, mas não, agora eu já a conheço e quero também estar com a menina, então continuo adorando esse dia da semana.

Hoje, antes de vir para a empresa, mandei mensagem para Duda perguntando sobre a saúde de sua filha e como foi a noite de ontem no Hill. Recebi a resposta em seguida. Ela não trabalhou para tomar conta da menina. A tia dela voltou do passeio que estava fazendo, mas ainda assim Maria Eduarda preferiu tomar conta de Tessa pessoalmente, e hoje é seu dia de folga do bar.

“Vou levar o jantar dessa vez, não precisa cozinhar.”

Ela, teimosa como ninguém, respondeu em seguida:

“Eu gosto de cozinhar! Não precisa trazer comida desses restaurantes caros que frequenta.”

Ri, pois não era isso que eu tinha em mente.

“Vou levar pizzas da cantina dos pais do Vincenzo no Bixiga. Não cozinhe, descanse!”

“Tessa adora pizza! Está bem. Espero que sejam boas, minha menina é uma crítica gastronômica como nenhuma outra!”

Gargalhei ao me lembrar do dia em que ficamos falando de comida e Tessa se mostrou uma conhecedora nata da área.

“São as melhores do mundo!”

Rio ao recordar essa troca de mensagens e desligo meu notebook, preparando-me para ir para casa, trocar de roupa e passar pelo Bixiga antes de ir encontrar Duda e Tessa. Estou bem surpreso com essa vontade de ter uma noite familiar. Nunca pensei que isso aconteceria, porém, não me vejo mais sem interagir com a pequena Tessa. A menina conquistou meu coração tanto quanto sua mãe.

— Chefe, chegou um memorando do jurídico. — Rômulo põe o impresso em minha mesa, fazendo meu sorriso de satisfação morrer imediatamente. — Coloco na pauta da próxima reunião?

Leio o documento e travo o maxilar, apertando os dentes de raiva. Sabia que Kostas não ia aceitar cancelar o processo da promissória sem briga, só não esperava que ele fosse tão rápido em acionar os membros do conselho e conseguir uma indicação para a pauta da próxima reunião sobre o assunto.

— Não. Como vou tirar férias e gostaria de estar presente nessa discussão, faça um memorando para todos os membros explicando que, depois de minha volta, faremos uma extraordinária para que eu apresente explicações.

— Certo. — Rômulo parece tenso. — Eu posso adiar minhas férias? Não gostaria de sair da Karamanlis neste momento e...

— Não. — Levanto-me. — Tire suas férias e relaxe, Rômulo. Nada vai acontecer!

Pelo seu semblante, posso perceber que não o convenci.

— Mas... e se eles ficarem tramando contra o doutor? Eu poderia ficar e ir informando...

— Não! Fodam-se eles, Rômulo. — Meu assistente arregala os olhos. — Não vamos alterar nossos planos por causa do meu irmão babaca. Você tire suas férias, e eu tirarei as minhas. Quando voltarmos, nos inteiraremos do que está acontecendo.

— Está certo! Espero que o doutor faça boa viagem! Não virá à empresa amanhã, não é?

— Não, amanhã vou resolver umas coisas antes de embarcar à noite para Atenas. Não se preocupe, Rômulo, vai ficar tudo bem por aqui em nossa ausência. Millos irá garantir isso.

Saio da sala parecendo confiante, mas a verdade é que sei o quanto Kostas poder ser ardiloso. Ele quer me tirar da presidência, isso já ficou claro, mesmo sabendo que não irá ser indicado para ocupar o cargo, e acabei de fornecer munição para que ele conquiste seu intento.

Ligo para Millos, mas meu primo não atende.

— Millos, quando pegar esse recado, me liga. Preciso falar com você antes de viajar.

Merda!

— Uno! — Tessa grita e mostra sua única carta na mão.

Eu rio, e Maria Eduarda geme, com as mãos repletas de cartas.

Cheguei com duas caixas de pizzas – as maiores que já vi na vida – com seis recheios diferentes, como fui instruído pela Duda. A salgada foi dividida entre marguerita, portuguesa, pepperoni e quatro queijos; já a doce, entre banana com canela e brigadeiro.

Não foi nada surpresa eu chegar ao apartamento dela e encontrar, além de Tessa e dona Do Carmo, a tal Manola – a amiga ameaçadora de Duda –, mas confesso não ter me preparado para encontrar o Dionísio aqui.

Meu motorista – de folga, porque eu o liberei para vir até a casa da Maria Eduarda – estava todo arrumado e perfumado para sair com a Manola. O homem de quase 2m de altura, grande e forte como um armário, ficou sem jeito quando me viu, mas todo derretido enquanto a ruiva bravinha falava com ele.

— O que eu perdi? — perguntei a Duda quando eles saíram para o encontro.

— Sábado, quando você o enviou para pegar roupas minhas e de Tessa, ele conheceu a Manola. — Deu de ombros rindo. — Ontem à noite ele veio ao Hill e a convidou para sair.

— E hoje o Hill não funciona...

— Sim! Você vê problema no seu motorista sair com minha amiga?

Arregalei os olhos e neguei.

— Não, só fiquei surpresa. Manola é um tanto intimidadora, e Dio, além de motorista, é um segurança daqueles bem sisudos. — Ri. — Ele foi fuzileiro naval, é todo certinho e engessado, não sei se combina com sua amiga. — Sussurrei no seu ouvido: — Ela parece meio doida.

Duda me deu um tapa no ombro.

— Ele pode ser certinho e sisudo no trabalho, mas, convenhamos, não está saindo com ela para dirigir ou protegê-la. — Ela ergueu aquela sexy sobrancelha, e tive uma ereção instantânea. — Além dos mais, acho que eles combinam, sim. Manola é linda, ruiva, delicada e tem muita personalidade, e ele é todo grandão, mas os olhos brilham quando fala com ela.

— Os olhos de Dio brilham? — Gargalhei e tomei outro tapa. — Tudo bem, não tenho nada a ver com o que ele faz nas folgas... mas espero que saiba onde está entrando, porque ela já me disse que sabe manipular uma faca muito bem.

— Ela disse, foi? — Aproximou-se de mim. — Eu também sei, Theodoros Karamanlis. — Olhou para trás para conferir Tessa e sua tia arrumando a mesa e segurou meu pau descaradamente. — Mas prefiro manipular outra coisa agora...

— Safadinha... — Beijei-a, e ela me abraçou apertado.

Depois disso ficamos concentrados em detonar toda a quantidade de pizza que eu trouxe. Duda e eu dividimos uma garrafa de vinho, enquanto Tessa e dona Do Carmo tomavam Coca-Cola.

Ouvi, divertido, as histórias do passeio da tia dela com seu clube de costura, permeadas de fofocas picantes de artistas e muitas aventuras. Tessa lamentou ter perdido o primeiro dia de aula, mas me contou que uma amiga foi visitá-la e contou todas as novidades da turma.

O tempo todo eu estive aqui à vontade, curtindo um programa que nunca poderia imaginar que gostaria de fazer, sem glamour, sem exposições, uísque ou música clássica tocando ao fundo. Nessa casa tão simples, com essas pessoas, eu me senti em família.

Volto à realidade quando Duda coloca sua carta sobre o monte e me dá a opção perfeita de virar o jogo. Segundo o que me explicaram das regras, posso combater uma carta que manda o próximo jogador comprar mais duas jogando uma igual – não importa a cor – e, além de não precisar comprar, ainda obrigo o próximo jogador a comprar mais quatro cartas (a soma da carta que combati e da

minha). Tessa é a jogadora que vem depois de mim, e ela, que só tem uma carta, ainda tem os olhos brilhantes de quem não consegue esconder a vitória iminente.

Olho para minha mão, ainda procurando saber o que fazer, se devo deixá-la ganhar ou estender o jogo por mais algum tempo, gritando eu mesmo o "uno" dessa vez. Minha decisão é tomada por causa de um bocejo. Dou de ombros e compro as duas cartas, fingindo que estou chateado por isso. Dona Do Carmo volta a bocejar e toma um susto quando Tessa põe sua última carta na pilha e comemora a vitória.

— Eu venci! — Ela puxa a caixa da pizza. — Sou a dona do último pedaço de pizza!

— Filha, tem certeza que aguenta? — Duda pergunta, rindo de sua alegria ao pegar o prêmio.

— Não. — Faz careta. — Mas é minha, e posso fazer o que eu quiser, não é? — Todos concordam, e Tessa estende o pedaço de pizza para mim. — Eu quero dar meu prêmio para o Theo!

Ah, merda!

Pego a pizza com um nó na garganta, emocionado por ela ter me escolhido para receber seu prêmio, e dou uma mordida na fatia, mesmo sem nenhuma vontade de comer mais.

— Obrigado, Tessa! É minha favorita! — Mastigo devagar, e ela me dá um abraço.

— Eu sabia que você queria mais! — diz baixinho no meu ouvido.

Ah, porra!

Como resistir a isso? Abraço-a de volta bem forte, sentindo como se alguém espremesse meu coração e o aquecesse ao mesmo tempo. Eu adoro essa menina! Ela me conquistou totalmente!

— Tessa, você está deixando o Theo roxo por falta de ar. — Maria Eduarda ri. — E não o está deixando comer.

— Ah, é mesmo! — Ela salta para longe e bebe mais um gole de seu refrigerante. — Come tudo, Theo!

Rio sem jeito e tiro mais um pedaço da pizza, obrigando-me a mastigar para que ela fique feliz comigo. *É... já estou fazendo tudo por ela!*

— Acho melhor irmos dormir — dona Do Carmo diz para Tessa. — Amanhã você retorna ao colégio.

— Theo pode me pôr na cama hoje?

Duda, que está bebendo um gole de seu vinho, tem um pequeno engasgo.

— Tessa, ele ainda está come...

— Tudo bem — interrompo-a. — Termino de comer enquanto ela escova os dentes e depois a coloco para dormir. Pode ser?

Duda abre um enorme sorriso e assente, e Tessa vai correndo até o banheiro.

— Bom, eu também já vou! — dona Do Carmo se despede. — Boa noite, crianças, não façam muito barulho ao jogar... — Maria Eduarda fica vermelha, e eu sinto a pizza agarrar na garganta. — Eu me referia ao Uno! — Aponta para as cartas. — Mas, pelo visto, vocês não querem mais jogar cartas...

—Tia! — Maria Eduarda soa mortificada.

A senhora ri e acena um tchau antes de entrar em seu quarto e fechar a porta. Duda tampa o rosto com as mãos, e eu me levanto para ir até ela e beijá-la, mas Tessa sai do banheiro e me pega pelas mãos.

— Vamos lá, Theo! — Puxa-me. — Você sabe cantar alguma coisa? Há muito tempo mamãe não canta para eu dormir, mas, como é sua primeira vez hoje, eu acho que seria um bom jeito de começar, porque você não deve saber contar histórias, não é? — Ela toma fôlego rapidamente. — Você não tem filhos? Nem sobrinhos?

— Tessa! — Duda a repreende.

— Não, Tessa — respondo-lhe assim que entramos em seu quarto em tons de rosa e azul. — Ainda não tenho filhos, mas estou pensando em ter alguns.

Ela fica séria e me encara.

— Com a mamãe?

Ai, porra!

Respiro fundo.

— Talvez. — Sorrio. — Ainda estamos nos conhecendo melhor.

Ela olha para suas mãos.

— E eu? — sua voz temerosa corta meu coração.

— Você já é *prinkípissa mou*, lembra? — Ela sorri e aquiesce. — Pronta para dormir?

Ela pula na cama, e eu a cubro com o lençol. O ar-condicionado do quarto dela funciona, e o ambiente está fresco. Tessa agarra um bichinho velho e surrado, e eu imagino que ele deva estar há muitos anos com ela, que talvez a tenha acompanhado desde bebê até os dias de hoje.

— Vai cantar o quê?

Boa pergunta! Nunca conheci nenhuma cantiga de ninar. Não tenho lembrança alguma sobre como é cantar para alguém dormir, mas penso que deva cantar algo relaxante e doce.

— *I see tree of green, red roses too, I seem the bloom for me and you. And I think to myself: what a wonderful world!*[36] — Tessa sorri, ajeitando-se no travesseiro, e eu suavizo ainda mais a voz: — *I see skies of blue and clouds of white, the bright blessed days and dark sacred nights, and I think to myself: what*

a wonderful world![37]

Continuo a canção interpretada por Louis Armstrong, e, antes que eu chegue ao final dela, Tessa já está ressonando baixinho.

— É uma bela escolha de canção de ninar! — Duda comenta, encostada ao batente.

Sorrio sem graça e me levanto da banqueta em que me sentei há pouco, enquanto cantava.

— Estive em dúvida entre essa e *Somewhere over the rainbow*. — Ela ri, e eu olho em volta, notando as dezenas de quadros com fotos da menina. — Achei que talvez ela conhecesse essa última e que por isso a atrapalharia a dormir.

— Provavelmente ela conhece. No curso de inglês, ensinam muitas músicas.

Começo a caminhar para a porta, mas algo sobre a escrivaninha de Tessa chama minha atenção. Pego o porta-retratos na mão, sentindo meu corpo inteiro gelar. Tessa, ainda bebê, mama tranquila em Duda, que está de costas para a câmera, e vejo poderosos cabelos cor-de-rosa presos em um coque

Pego a moldura seguinte e a vejo nitidamente agora, de frente, rindo muito com uma pequena Tessa também usando cabelos coloridos. A história que ela me contou sobre a visita à Grécia com um grupo de amigas começa a se misturar com a de uma mulher sexy dançando em uma boate de Zakynthos, cabelos pintados de rosa ondulando junto ao seu corpo.

Não!

Ponho o porta-retratos com força sobre o móvel e encaro Duda, tentando puxar alguma lembrança de anos atrás, algum reconhecimento de seu rosto.

— Cabelos cor-de-rosa? — pergunto, tentando me conter.

Ela ri, divertida.

— Pois é, de tempos em tempos Tessa e eu colorimos os cabelos e...

— Por que você não disse? — Duda arregala os olhos como se não tivesse entendido. Olho para a menina, dormindo tranquila em sua cama, e, para não a acordar, caminho até sua mãe e a pego pelo braço, levando-a para seu próprio quarto.

— Theo? — Duda questiona.

— Porra, Duda, que merda de jogo é esse?! — Perco a paciência.

— Jogo? Do que você está falando, pelo amor de Deus?

Não acredito que não descobri a verdade antes! Porra, estava na minha cara o tempo todo! Ela deu várias dicas durante esse tempo que ficamos juntos. Claro! Falou de Zakynthos, do grupo de amigas, dos gregos... *Merda!*

— Por que não me disse que nós já nos conhecíamos!? — Ela fica séria. — A boate, Duda, na Grécia, lembra-se? Frank e eu nos juntamos ao seu grupo,

você dançou comigo, e nós trepamos como doidos dentro da porra de um banheiro!

Maria Eduarda fica branca como cera e se apoia contra o aparador do quarto.

— Não... — ela nega, mas, pelo seu rosto, vejo que é verdade.

— Por que o jogo? Por que não me disse que era você? — Ando de um lado para o outro, confuso, sem entender como essa coincidência aconteceu. — Nós estávamos bêbados demais, eu me lembro pouco da noite, tenho flashes do que fizemos no banheiro e...

— Eu não sei do que você está falando... — sua voz está trêmula e nervosa.

De repente uma ideia passa pela minha cabeça. Quando nos conhecemos na Grécia, eu já estava assumindo a Karamanlis, acompanhando o final da transição sob a direção do meu pai e assumindo suas contas. Talvez, na época, ela não soubesse quem eu era, mas, quando me reencontrou naquele restaurante...

Paro de andar e a encaro.

— Você se lembra, não é? — Vou até ela. — Se lembrou quando nos reencontramos. — Mais uma vez ela nega com a cabeça. — Naquele restaurante, você já sabia que eu era o homem da boate, por isso puxou assunto.

— Theo...

Rio.

— Eu só não entendo por que não disse! Achou mais fácil fazer essa encenação de “eu detesto você!” a me dizer a verdade? Para quê? Fodemos gostoso daquela vez, poderíamos repetir a dose novamente! Mas você queria mais, não é? Não queria somente uma noite, queria me ter nas mãos... — Rosno de raiva. — Como eu caí como um pato! — Rio e não me sensibilizo com as lágrimas dela. Achava que Duda era sincera, mas percebo que é só mais uma manipuladora! — Esse jogo de gato e rato comigo funcionou bem, não é?

— Sai daqui... — Ela limpa as lágrimas.

Duda caminha para fora do quarto, mas a seguro pelos braços antes que chegue à porta da sala.

— O quê? — Rio. — Achou que fazendo um joguinho de moça recatada, fugindo de mim, ficando vermelha quando eu dizia que queria te foder, iria me conquistar? — minha voz soa baixa e irritada, mas não transmite nem mesmo um pouco do que sinto. — Fala alguma coisa! Explica alguma coisa!

Ela se solta e se afasta de mim.

— Eu não sei do que você está falando! — Ela treme inteira. — Vai embora, Theodoros!

Xingo e abaixo a cabeça, tentando me controlar para não a sacudir e a obrigar a falar a verdade. Eu não entendo nada! Não compreendo qual era o

jogo, o porquê de ter escondido isso de mim e de ainda estar negando.

Duda caminha até a porta e a abre.

— Sai.

— Eu só quero entender, Duda. Só preciso saber por que não me disse a verdade!

— Não tenho nada a te dizer. — Ela ainda continua pálida, mas tem algo em seu rosto, uma expressão determinada que nunca vi antes. — Saia.

Faço o que ela pede, tremendo de raiva, sentindo-me usado, ultrajado, sabendo que há algo nessa história toda que ela não está me contando. Tenho certeza de que Duda é a mulher da boate; a história e a foto comprovam.

— Sinto informar... — encaro-a antes de sair — mas o jogo acabou.

Ela não diz nada, e o único som que escuto ao sair do apartamento é o da porta batendo com força.

43

Isso só pode ser um pesadelo!

Minhas pernas trêmulas não conseguem sustentar meu corpo, e eu me abaixo devagar, arrastando as costas contra a porta de madeira, ainda ouvindo os passos de Theo descendo as escadas correndo.

Que brincadeira é essa?

Uma conversa que deve ter durado cinco minutos, mas que destruiu tudo e me deixou em pânico total. Como uma noite tão perfeita pôde acabar desse jeito?!

Theo se mostrou um homem completamente diferente do que eu havia imaginado. Nunca poderia supor que ele teria tanta intimidade e carinho com a minha filha, que conviveria com minha tia e se integraria à nossa família como o fez.

No sábado, quando ele nos levou até sua cobertura, cuidou de nós duas com preocupação e zelo, incluindo-nos em sua vida. Foi tão especial que eu tive que

dizer a ele como me sentia. Não foi por gratidão ou qualquer coisa do tipo, eu realmente estou apaixonada por ele, de forma que nunca senti com mais ninguém, nem mesmo com Jean-Pierre, o homem com quem pensei em me casar na França.

Soluço ao pensar em todos os sonhos que já estava, mesmo não o devendo fazer, cultivando acerca de nossa relação. Eu sentia que Theo também não era indiferente a mim, não só no sentido carnal, mas em suas emoções. Por vezes notei seu olhar perdido, tentando entender o que estava acontecendo.

Amor! Era o que estava acontecendo conosco.

Agora já não importa. Ele acha que eu o enredei em alguma espécie de jogo, que eu sabia quem ele era desde o começo, que usei a atração que sentíamos um pelo outro para conseguir fazê-lo desistir do Hill. Rio, desgostosa, ao pensar que, nesse momento, ele me compara a uma puta que vende seu corpo em troca de algo.

— Minha filha... — Tia Do Carmo toca meu ombro, e eu a encaro.

Sua expressão preocupada não me passa despercebida, e tento juntar o resto de forças que tenho e me colocar de pé. Seco as lágrimas, mesmo querendo chorar muito mais, consciente de que tenho algo muito mais importante para proteger do que os cacos do meu coração.

— Ele foi embora. — Minha tia arregala os olhos. — Acabou.

— O que houve? — sua voz demonstra surpresa e apreensão. — O que ele fez para deixá-la assim?

— Não era para ser, tia. — Dou de ombros. — Estou chateada, mas vai passar.

— Duda... Minha filha, eu te conheço. E posso não entender nada de relacionamentos, afinal, nunca tive um, mas posso ver como vocês dois estão apaixonados, é nítido!

Seguro um soluço e engulo o choro.

— Não importa. Isso agora não importa mais.

Sigo para o quarto, e ela fica parada no meio da sala, sem entender o que está acontecendo. Pois bem, também não entendo muita coisa, mas a decisão já está tomada: ficar longe de Theodoros Karamanlis.

Acordei bem cedo hoje e fiz questão de acompanhar Tessa até o colégio, conversar com a professora e deixar todos os meus telefones para que entre em

contato comigo caso algo aconteça.

Ainda vai demorar um tempo para saírem os resultados dos exames, e por isso mesmo estamos todos com muita atenção a qualquer alteração que ela possa ter.

Voltei da escola, dispensei o almoço que minha tia preparou e fui adiantar as coisas no Hill. Por conta das férias e da saúde de Tessa, fiquei pouco no restaurante, então preciso me inteirar de tudo. Permaneci em minha sala, onde estou até agora, vendo os balanços de caixa, pagamento de fornecedores, e, com orgulho, li o bilhete do Leonan informando que não há mais nenhum débito com ele e que eu posso ficar tranquila, que tudo está certo, “no comando”.

O alívio foi gigante!

Eu sei que pode parecer loucura, mas vi aquele menino brincando com meu irmão, conheço os pais dele. Sei que tomou o caminho errado, o do crime, e eu realmente gostaria de que ele se emendasse, mas, apesar de tudo, sei que posso confiar nele. Foi um bom amigo para meu irmão na hora mais difícil, arriscou-se para o ajudar, e isso, eu nunca esquecerei. Não obstante, é um alívio não dever mais nada aos “chefes” dele.

Consulto meu saldo no banco e penso no dinheiro que tenho guardado para pagar o agiota que sumiu. Todo mês deposito a quantia, mas não tenho a quem entregá-la. Há meses não tenho notícias, o que é muito estranho, pois o homem é um escroto vigarista.

— Duda! — Manola me chama.

— No escritório! — Ela aparece ao batente da porta com um vestido vermelho, os cabelos presos em um coque e o sorriso de quem não dormiu a noite toda. Sorrio. — Achei que não fosse te ver hoje!

Ela gargalha e dá de ombros.

— Dionísio tem que levar o poderoso chefão para o aeroporto hoje à noite, então resolvi deixar o pobre descansar. — Senta-se ao meu lado. — Você está bem com essa viagem dele para a Grécia?

Respiro fundo e não respondo. Fico um tempo pensando no que fazer enquanto ele está longe, porque certamente não vai esquecer essa história de que me conhece e, quando começar a ligar as datas...

— Duda? — a voz de Manola soa preocupada. — O que aconteceu? Você está pálida.

Olho para ela e não suporto mais, desmorono chorando contra seu abraço.

— Ah, porra, o que aquele grego filho de uma vadia fez contigo?

Não consigo dizer nada, só choro, deixando as lágrimas que mantive presas desde a noite passada fluírem sem freio sobre meu rosto.

— Duda? Ele terminou contigo? Te machucou? Pelo amor de Deus, me

conta!

Tento me controlar, seco o rosto, e Manola vai até o filtro pegar água. Bebo devagar, soluçando feito criança, e tento explicar a ela toda a história.

— Lembra que te contei sobre uma viagem a uma ilha grega?

— Sim, quando terminou o curso, não foi?

Assinto.

— Dois homens se juntaram ao nosso grupo. Os dois eram incríveis. Eu me lembro de ter ficado impressionada com um deles, o que tinha olhos azuis.

— Ah, meu Deus! — Manola põe a mão no coração.

— É, era o Theo. Eu nunca soube o nome de nenhum deles, mas agora entendo por que o Frank Villazza me pareceu tão familiar. Foi ele quem saiu com a Ally e com a Èlene.

Manola balança a cabeça, rindo ao se lembrar da história que lhe contei. Foi uma verdadeira guerra para convencer as meninas a voltarem conosco, porque as duas cismaram em ficar com o italiano, pois ele prometera mandá-las de volta em outro voo, no dia seguinte. Era loucura, ninguém conhecia o homem, e nós as tiramos do iate dele.

— Duda... isso significa que ele pode ser o pai da Tessa? — ela diz em voz alta todos os meus temores.

Choro novamente e aquiesço.

— Puta que pariu! Mas que destino mais vadio! — Ela me abraça. — O que você vai fazer?

— Ele acha que eu sabia de tudo o tempo todo. Que o reconheci... — Manola arregala os olhos. — Que me aproveitei do “tesão” que tínhamos desde aquela época para usá-lo e convencê-lo a não continuar tentando comprar o Hill.

— Ele é louco? Isso não faz nenhum sentido!

— Eu sei! Mas estávamos todos bêbados, e ele não se lembra de muita coisa.

Manola franze o cenho.

— Então como ele ligou uma história à outra?

— Ele viu as fotos no quarto da Tessa. — Manola xinga. — Eu não posso arriscar perdê-la, Manola, não posso! Se ela for filha dele, Theo com certeza tentará tirá-la de mim.

— Você não tem ideia mesmo de quem é o pai? — Nego. — Eu nunca achei que o francês fosse o pai, Tessa nada lembra a ele! — Ela pega o celular e depois me mostra uma foto. — Sabe quem é?

Um homem com olhos do mesmo tom dos da minha filha, cabelos lisos e claros como os dela e traços muito semelhantes aparece na foto. Meu coração dispara, e eu nego.

— Alexios Karamanlis. — Tampo o rosto com as mãos. — É um dos caçulas. Tem uma irmã também...

— Com os mesmos olhos. — Manola assente. — O que a difere da minha filha é a cor dos cabelos, que é mais parecida com os de Theo.

— Aquele outro que vinha aqui direto também tem os cabelos mais claros e olhos verdes. É um traço de família, aparentemente. — Minha amiga pega minhas mãos. — Não é melhor abrir o jogo com ele? — Nego. — Duda, e se ele fizer as contas e...

— Ele nunca vai supor que uma transa com camisinha possa ter gerado um filho. Eu pensei muito nessa noite, quase não dormi e acho que a melhor solução é mantê-lo longe de nós. — Manola nega, mas minha decisão está tomada. — Ele já pensa que eu sabia de tudo e que o usei. Imagina se souber que Tessa é filha dele, o que irá pensar?

Ficamos um tempo em silêncio, digerindo todas essas informações.

Não quero perder minha filha, e Theo tem dinheiro e influência para fazer isso se quiser. Não posso arriscar. Mesmo que isso me rasgue por dentro, não posso arriscar!

— Como você está com essa história toda?

Rio conforme as lágrimas escorrem.

— Destruída. Esse passado é como uma sombra sobre mim, você sabe. — Ela assente. — Tantas mentiras criadas, tantas verdades que eu gostaria de esquecer. E agora ele volta com tudo e da pior maneira possível.

Deus do Céu! Por que isso tinha que acontecer agora? Por que ele?

Tessa é a pessoa mais importante da minha vida, é minha filha, meu coração. Nada está acima dela, e por isso mesmo não posso perdê-la. Não sei se o que faço é justo, mas não tenho ideia de como será a reação de Theodoros ao saber a verdade e não posso correr o risco de ele tirar a menina de mim.

— O que você está pensando em fazer? — Manola aponta para os documentos sobre a mesa.

Respiro fundo, armo-me de coragem, ignoro a dor em meu peito e respondo:

— Vou vender o Hill para a Dominus.

— Você tem certeza disso? — Assinto, e ela sorri. — Estarei contigo! Onde quer que você for trabalhar, conte comigo!

Abraço-a, agradecida e emocionada pelo apoio.

— Ainda não sei para onde vou, mas não quero mais ficar em São Paulo. Eu...

Meu telefone celular toca, e reconheço o número da escola de Tessa.

— O que houve?! — atendo apavorada.

— Maria Eduarda Hill? — a mulher do outro lado da linha questiona, e eu confirmo. — É Patrícia Avellar, da escola de Tessa. Estou entrando em contato para avisar que sua filha teve um desmaio em sala de aula e que nós chamamos uma ambulância...

— Ambulância?! — Levanto-me. — Como ela está?

Manola também se põe de pé e pega a chave do utilitário do restaurante, pronta para me levar aonde for preciso.

— Desacordada ainda — sua voz está preocupada. — Estamos indo para o hospital...

Saio correndo com Manola atrás de mim para a garagem do Hill, tremendo e chorando, pegando o nome do hospital, sem saber o que está acontecendo com minha menina.

Meu Deus do Céu, o que é isso tudo?!

44

Duda

O desespero toma conta de mim, pois sinto que algo de muito sério aconteceu com Tessa. Não consigo parar de tremer dentro do carro, agitada, impaciente a cada farol vermelho que temos que esperar abrir para podermos prosseguir até a emergência para a qual Tessa foi levada pela ambulância.

Deve ter sido algo muito sério, sei disso!

Olho para Manola na direção do veículo, porém, tão tensa quanto eu, e tento segurar o choro. Parece que o céu resolver cair sobre minha cabeça de uma só vez!

— Vai dar tudo certo, Duda! Ela estará bem, você vai ver!

Não respondo, apenas fecho os olhos e vou rezando todas as orações que me foram ensinadas na infância, clamando a Deus para que não me tire Tessa, que me leve em seu lugar se preciso.

Mal Manola encosta o carro na guia da calçada, eu já pulo para fora, indo correndo até a recepção e pedindo informações sobre o quadro da minha filha.

Avisto a professora que me ligou. Imagino que seja ela, pois seu rosto é de pura aflição, e isso não me parece ser boa coisa.

— Duda Hill? — ela questiona, pois não nos conhecemos. — Que bom que chegou!

— Como está minha filha? O que houve? — pergunto olhando para todos os lados, esperando que alguém do hospital venha com as informações que pedi.

— Acho que está bem agora, mas levamos um susto tão grande! — A mulher chora. — Eu estava dando aula de artes quando de repente ouvi gritos. Tessa estava sangrando e pálida, muito pálida...

— Foi o nariz?

Patrícia nega.

— A boca. As gengivas... — Ela põe a mão no rosto. — Eu achei que ela tivesse batido em algo ou mesmo que algum colega a tivesse atingido, mas não, ela não parava de sangrar e de repente desfaleceu nos meus braços e...

— Maria Eduarda Hill? — uma médica chama meu nome. — A senhora é a mãe de Tessa Hill?

— Sim, sou eu. — Respiro fundo e indago: — Como ela está, doutora?

— Preparando-se para ser transferida. — Arregalo os olhos diante da informação. — Precisamos de sua assinatura em alguns documentos e...

— Espera! Transferida para onde e por quê?

A médica olha a recepção lotada e fecha os olhos.

— Desculpe, plantão tumultuado. — Eu assinto. — Ela chegou aqui ainda com muito sangramento e pressão sanguínea muito baixa. Contivemos a hemorragia, a colocamos no soro, e um dos meus colegas decidiu fazer um hemograma...

— Fizemos um no sábado. Ela estava com contagem de plaquetas baixa e...

— Sim, mas agora não são só as plaquetas. — Ela lê o prontuário em sua mão. — Foi constatada uma pancitopenia, diminuição de todas as células do sangue, o que indica que há algum problema na produção, direto na medula, ou estão sendo destruídas durante a circulação. — Sinto meu corpo inteiro gelar. — Como não temos especialista nem mesmo condições de realizar todos os exames aqui, decidimos transferi-la para um hospital de referência e estamos tentando uma vaga.

Eu me sinto tonta, perplexa demais, e, por sorte, Manola já está perto de mim e me segura com força para que eu não desabe. Preciso ser forte, preciso estar forte até que tudo esteja resolvido.

— É leucemia, doutora? — inquiro. Minha voz quase não sai, tamanho medo que sinto.

— Como disse, precisamos de mais exames, pode ser muita coisa! No

momento ela está recebendo uma transfusão sanguínea, e nós já a medicamos.

— Nós podemos vê-la? — Manola pergunta.

— Apenas uma pessoa. Não temos condições de receber mais lá dentro.

Olho para Manola, e ela assente, indo comigo até a porta da enfermaria, permanecendo na recepção enquanto sigo a médica.

Tessa está na cama, recebendo sangue enquanto dorme. Seu rosto está pálido, sua blusa de uniforme, ensopada de sangue. Ponho as mãos sobre o rosto e choro silenciosamente para que ela não escute, engolindo cada soluço de pânico. Não posso perder minha menina!

Manola me acorda lentamente, e eu abro os olhos esperando ver meu quarto ou mesmo a bancada do Hill, pois muitas vezes cochilei em pé durante um expediente. Infelizmente estou em um quarto de hospital, isolada, vendo minha filha dormindo em sua cama do outro lado do vidro que separa os cômodos.

Os dias não têm sido fáceis! Primeiro, acompanhei a transferência dela para cá e a acomodação dela no quarto. Comentei com o médico que tínhamos feito exames no domingo e lhe dei o nome do laboratório. Não queria que furassem minha pequena de novo, mas eles o fizeram, pois incluíram mais pedidos.

O laboratório de confiança de Theo enviou os resultados – em pedido de urgência – para o médico que nos atendeu, doutor Felipe, um hematologista. Tessa acordou no meio do dia, pouco antes de tirarem sangue novamente, e chorou bem assustada, o que cortou meu coração.

— Você vai ficar boa, minha filha, eu prometo! — disse a ela, querendo muito lhe tocar, mas, como suas defesas estavam muito baixas, eu estava usando luvas, uma roupa especial em cima da minha, touca e máscara.

Os médicos recomendaram que eu ficasse a maior parte do tempo do outro lado do quarto, na parte de espera e que a deixasse sozinha. Eu conseguia falar com ela de fora, mas não era a mesma coisa do que estar perto dela.

— Ela está numa fase bem aguda, então todo cuidado é pouco — explicou o médico. — Os exames não são bons, Maria Eduarda, mas excluímos algumas doenças e espero ter o diagnóstico em breve, aí poderemos iniciar o tratamento, pois o que estamos fazendo até o momento é apenas cuidando para que ela não piore.

Manola foi para o Hill, e eu percebi que estava certa em pensar em vender. Era o momento. Liguei para o número que o representante da Dominus deixou

comigo e negociei pelo telefone mesmo, marcando dia e horário para assinarmos os papéis.

Tia Do Carmo ficou com Tessa para que eu finalizasse tudo, e, com muito choro, despedi-me do pessoal do Hill. A Dominus iria manter os funcionários. Arrumei minhas coisas no apartamento e fiquei um bom tempo sentada na minha cama, lembrando-me de todos os momentos que passei dentro daquele lugar, desde meus primeiros anos de vida até hoje.

Lembranças da minha mãe, do meu pai e do meu irmão, minha família, que perdi aos poucos, calaram fundo dentro de mim, e pedi a eles que entendessem o que eu estava fazendo. Foi impossível não lembrar dos momentos com Theo aqui também, nossa primeira vez juntos, mas respirei fundo e foquei no que era mais importante, mesmo sentindo o coração doer por causa do que ainda sinto por ele. Não sei como será a luta daqui para frente. Eu não conseguiria dar conta do Hill – mesmo à distância – e cuidar de Tessa., além dos custos altos de seu tratamento. Viemos para um hospital de referência, e ele não era perto da minha casa.

Fechei o apartamento, levando comigo algumas das lembranças de toda a minha família e retornei ao hospital. Manola, que já tinha separado e visitado alguns imóveis no entorno do hospital, esperava-me para fechar negócio e tratar da mudança da minha família. Minha amiga decidiu não ficar com a Dominus e se dispôs a nos ajudar sempre que necessário. Nos visita direto e está com a vida em suspenso esperando o que vou fazer da minha quando tudo se resolver e eu puder pensar no futuro.

Os dias foram se transformando em noites e em novos dias, e eu nem percebia, pois não saía de dentro do hospital. Uma semana se passou até que o diagnóstico de Tessa fosse revelado. O último exame, uma biópsia da medula óssea, confirmou o diagnóstico tão temido pelo médico: anemia aplástica grave.

As três palavras mais doloridas da minha vida.

Eu tinha tanto medo de ser câncer que não fazia ideia de que essa doença é ainda mais dura do que a leucemia. Doutor Felipe tentou me explicar, amenizar e falar em sobrevida.

Sobrevida!

Não queria nem pensar em passar anos com medo de perdê-la, principalmente caso não achássemos um doador compatível, era uma perspectiva terrível demais.

Eu ia ao quarto dela todos os dias, e nós planejávamos sua festinha para comemorar seu aniversário no dia 2 de abril, e eu via o quanto ela estava esperançosa de já estar em casa. Como eu diria a ela que não seria possível? Que ela teria de ficar à espera de que um doador aparentado fosse compatível para

um transplante de medula? Doutor Felipe de pronto descartou a possibilidade de um doador alternativo, ou seja, fora do parentesco dela, explicando que as chances eram muito pequenas de compatibilidade, além da alta chance de rejeição.

Nossas opções eram: achar um parente compatível ou começar um tratamento severo e arriscado usando imunossupressores que a deixaria ainda mais exposta a infecções, mas que poderia impedir a lesão de compartimentos celulares importantes que causam a insuficiência da medula óssea.

Eu precisava entrar em contato com o Theo urgentemente. Nada mais importava, eu tinha que salvar a vida da minha filha.

Liguei para o celular dele, mas infelizmente caiu algumas vezes na caixa postal. Já estava ficando desesperada quando lembrei do Millos, o primo dele e meu primeiro contato com os Karamanlis. No entanto, também não consegui falar com ele no número que eu tinha.

Pensei em ir até a empresa, mas Theo estava de férias na Grécia. Pouco adiantaria se eu fosse até lá. Meu desespero só aumentava a cada dia que passava, e eu via minha filha usando bolsas e mais bolsas de concentrado plaquetário.

Há dois dias consegui completar uma ligação para o celular do Theo e quase chorei de alívio ao ouvir a resposta em português do outro lado da linha:

— Alô?

— Theo! Graças a Deus! Eu precisava muito falar com você...

— Quem fala? — a voz com forte sotaque e uma leve rouquidão típica de quem fuma me fez perceber que não era Theodoros quem me atendera.

— Eu gostaria de falar com Theo. É urgente. Diga a ele que Duda Hill ligou.

— Duda Hill? — O homem pareceu reconhecer meu nome. — No momento, Theodoros não pode atendê-la, pois ele está lambendo as bolas do meu pai, tratando de seu casamento. — Senti meu corpo inteiro gelar. — Então não acho que ele tenha interesse em alguma puta brasileira... Não que ele não goste, pelo contrário, ele gosta muito, mas...

Desliguei o telefone sem conseguir ouvir mais nada, tremendo, sem conseguir entender o que ele quisera dizer com essa conversa louca sobre casamento, puta brasileira e toda essa história. Eu precisava falar com ele sobre a possibilidade de ele ser pai da minha filha e por isso poder salvá-la. Nada mais me importava.

Há quase 15 dias, estou sem sair deste hospital, sem ver ninguém a não ser quem vem nos visitar, sem conseguir dormir ou comer direito, chorando todas as noites, velando o sono da minha pequena. Eu não tenho parentes, não sou

compatível, até mesmo minha tia e Manola testaram a compatibilidade para serem opção, mas nenhuma delas também é.

Estou entrando em desespero já. Leio vários estudos sobre o caso e cada vez mais sinto meu coração se quebrar ao perceber que, sem o transplante, as chances de Tessa são mínimas.

— Você cochilou aí toda torta. — Manola sorri sem jeito, despertando-me das lembranças dolorosas. — Não quer ir para o apartamento? Você mal esteve lá desde que o alugamos e...

Levanto-me e pego minha bolsa.

— Preciso ir à Karamanlis — digo determinada. — Não consegui falar com Theo, mas deve haver um maldito irmão dele que possa me ajudar, ou aquele desgraçado do primo que ficava nos rondando feito um abutre, mas que agora sumiu!

— Duda, você tem certeza? Eu posso ligar para o Dionísio e pedir a ele que...

— Não! Chega de recados. Dio disse que Theo tem previsão de voltar somente no final do mês ou mesmo durante o feriado de Carnaval. Não vou perder mais tempo, mesmo porque o doutor disse que pais raramente são compatíveis.

— Sim. — Manola me abraça. — Tenha fé, minha irmã, nossa menina vai sair dessa.

— Ela vai, eu tenho certeza!

Saio do hospital marchando feito uma doida e chamo um Uber assim que chego à calçada, tomando caminho para a Avenida Paulista, onde fica o prédio da empresa em que nunca achei que fosse pisar um dia.

— Não, infelizmente o doutor Millos não se encontra. A senhorita tem horário agendado?

— Não — digo à recepcionista, ainda no saguão do prédio.

Como fui idiota achando que conseguiria entrar assim, dizendo que queria falar com um dos diretores e pronto, ele iria me atender. Claro que não! Aqui não é uma imobiliária, pelo amor de Deus, é uma empresa de gestão e venda de patrimônio que faz negócios no mundo inteiro!

— Eu posso transferir para a secretária da diretoria e ver se ela consegue agendar algo.

— Por favor, faça isso, eu...

— Minha chave de acesso do elevador parou de funcionar novamente — um homem alto, com ombros muito largos, pele morena e olhos azuis me interrompe, visivelmente irritado. — Me dê uma nova, por favor, e abra um chamado de novo para esses incompetentes.

— Claro, doutor Karamanlis.

Encaro-o com mais atenção, tentando lembrar os nomes dos irmãos do Theo. Alexios é o louro, esse então é...

— Kostas! — lembro e falo em voz alta, chamando sua atenção. — Konstantinos, certo? — Ele arqueia sua sobrancelha e me olha de cima a baixo, abrindo um sorriso lentamente.

— Depende... Quem é você?

— Maria Eduarda Hill. Eu sou...

— Ah... — Ele ri e me analisa de novo. — Eu esperava coisa melhor.

Franzo o cenho, mas decido ignorá-lo, pois meu assunto é urgente.

— Eu preciso falar com um de vocês. Minha filha está muito doente... — explico a ele toda a situação de Tessa, inclusive digo o nome do hospital onde ela está, mas ele parece impassível. — Eu preciso falar com o Theo...

— Ah! Entendi! — Sorri malicioso. — Ele já enjoou de você, não foi? — respiro fundo ao ouvir a voz debochada. — Olha, você deve ter algo muito especial entre as pernas para ele ainda não ter cobrado a promissória.

Encaro-o surpresa.

— Que promissória?

— Ah, não sabia?! — Ele cruza os braços. — A promissória que seu pai, aquele viciado em jogo, assinou com o agiota para alimentar a farra.

Recebo mais esse baque e me escoro contra o balcão da recepção. Imagens do agiota asqueroso, suas ameaças, o medo que senti durante todo esse tempo sem notícias, todo o dinheiro que já entreguei a ele me assolam conforme penso que Theo estava com a maldita promissória!

Maldito mentiroso!

Ele disse para mim que iria tentar fazer a Karamanlis desistir do Hill, mas estava com a promissória enquanto eu sofria sem saber de notícias! Olho para o rosto do nojento e insensível Konstantinos Karamanlis, ponho minha bolsa sobre o ombro e saio da empresa, odiando-me por precisar deles, sabendo que terei de engolir meu orgulho e lhes pedir que testem compatibilidade com Tessa.

Fico um tempo andando sem rumo na Paulista, entro no Parque Trianon para pensar no que fazer e só depois volto para o hospital, chorando e recebendo lencinhos de papel da motorista do Uber, tentando estancar minhas lágrimas de desespero e decepção.

Quem são essas pessoas? Quem é Theodoros Karamanlis? Será que me enganei tanto assim com ele?

Desço do carro e avisto, na porta principal do hospital, um rosto levemente conhecido. A mulher bonita e morena, com cabelos platinados, roupa de grife e bom gosto se aproxima e me entrega um arranjo de flores.

— Soube de sua filha, sinto muito. — Ela percebe que eu não sei quem é. — Viviane Lamour. Nos conhecemos no clube de jazz.

— Ah...

Sorrio sem jeito, consciente do meu rosto inchado de chorar, nariz vermelho e roupa amarrotada de pelo menos dois dias sem trocar. *Foda-se!*

— Theo me disse que vocês estavam aqui, e eu quis fazer uma visita. — Dá de ombros como se isso não fosse nada, mas meu coração dispara. — Ele agora está ocupado com o noivado com a Valentina, então pensei que talvez você estivesse se sentindo um pouco rejeitada. — Devo ter ficado branca de susto, pois ela sorri. — Bem-vinda ao clube! Ele é assim, nos faz sentir especiais e depois simplesmente parte para outra, descartando sem dó e sem olhar para trás.

Theo noivo?! Valentina... onde eu ouvi esse nome?! Lembro-me dos telefonemas dela à madrugada e da noite em que saí com Theodoros e que encontramos Viviane no clube e ela fez questão de tocar nesse nome, o que incomodou Theo. Recordo-me ainda que ele me contou uma história sobre ter começado a sair com a moça, mas que o relacionamento não tinha vingado.

Noivos?!

Quase não consigo respirar. Não tenho reação, só vejo o sorriso cínico de Viviane. Minhas mãos apertam as flores que ela me entregou, sentindo-as queimarem minhas palmas como se fossem puro veneno.

Deus do Céu, essa mulher já tem ideia do inferno que estou passando, ainda precisava vir aqui para tripudiar de mim?

Tento respirar e encontrar minha voz para lhe responder e, mesmo tremendo inteira, sentindo uma dor horrível ao respirar, como se algo esmagasse meu peito, digo:

— Você não tem sentimentos? Minha filha corre o risco de morrer, e mesmo assim você acha que tem o direito de vir aqui me humilhar? — Jogo as flores contra ela. — Não me interessa o que Theo fez ou deixou de fazer "conosco", nem mesmo com quem ele está! Não me importa!

Viviane olha para os lados, visivelmente constrangida por eu estar falando alto.

— Ele vai se casar com Valentina, ela lhe dará o filho que ele tanto quer, então concentre-se em sua criança doente e nos deixe em paz!

Arregalo os olhos diante de sua insensibilidade. Sinto vontade de bater nela

e nunca senti isso antes, nunca quis tanto partir para a violência como agora. Acalmo-me lembrando que Tessa precisa de mim e que, se me deterem por agressão – porque, juro, se eu tocar nela, vai sair daqui quebrada –, não poderei estar ao lado da minha filha.

Saio de perto dela andando de cabeça erguida até sumir de sua vista. Tremo tanto que meus dentes batem, tamanha fúria, tamanha dor.

45

Theo

— Theodoros Geórgios Karamanlis, meu neto preferido! — *pappoús* me saúda assim que me vê entrar em sua sala privada na mansão da família em Atenas. O velho Geórgios Karamanlis está sentado em sua poltrona preferida, com um cobertor nas pernas e perto da lareira. Está frio em Atenas, é inverno, mas ainda assim eu sinto um enorme calor na saleta.

Estar de volta a essa casa sempre me traz lembranças agridoces. Passei boa parte da minha vida aqui, desde meu nascimento. Acho que nunca contei isso para vocês, não é? Bem, não é uma história muito longa.

Meu pai, Nikolaous Karamanlis, estava com 19 anos quando engravidou minha mãe, Rhea Matsoukas, com 17 anos e filha de pescadores que mantinham um negócio na cidade com a venda de pescado. Tenho muito dela fisicamente, o formato do rosto, dos olhos, do nariz e não sou tão corpulento quanto Nikkós e Kostas, por exemplo. Herança da família Matsoukas.

Os dois foram obrigados a se casar. Meu avô paterno concordou com isso

para dar “legitimidade” ao seu primeiro neto, mas bastou que ela me parisse e os casos do meu pai se tornassem públicos para que a jovem e bela moça aceitasse uma grana gorda de *pappoús* e sumisse do mapa, deixando documentos de divórcio e um filho recém-nascido para trás.

Não posso reclamar da minha criação na infância. Não tive muito carinho, mas tive atenção da minha *giagiá* Dorothea, e o pouco sobre “família”, aprendi com ela e depois, com a chegada de Millos para morar conosco, separado de seus pais por questão de sobrevivência e sanidade mental – mas essa não é minha história para contar.

Pois bem, aqui eu cresci com minha avó nos levando à Igreja da Grécia e com meu avô nos ensinando que Deus é ter poder, e o poder advém das posses de uma pessoa. Frequentávamos a escola e erámos tutoreados em casa também, com o próprio Geórgios a nos dar aulas de economia, mercado e transações financeiras diversas. Ainda me lembro de quando meu pai, recém-separado da mãe do Kostas, decidiu ir trabalhar com tio Sergios no Brasil.

Ele conseguiu derrubar o irmão mais novo em pouco tempo e assumiu a Karamanlis de São Paulo. A partir daí começou o desfile de secretárias, prostitutas, dívidas com drogas, escândalos atrás de escândalos.

Balanço a cabeça, determinado a não deixar que dessa vez tudo isso me atinja e eu sinta todas as dores do meu passado novamente. Já foi, é hora de superar!

— *Pappoús!* — Vou até ele e beijo sua mão, agachando-me aos seus pés. — A ligação do seu médico me assustou. O que houve?

A velha raposa sorri.

— Indigestão, mas parecia um ataque cardíaco.

Não acredito que viajei feito um louco, uma semana antes do prazo, por causa de uma maldita azia! Rio de mim mesmo, tão idiota e sempre fazendo as vontades do vovô.

— Eu abandonei a empresa antes mesmo de Millos voltar de férias, *pappoús!*

— Theodoros, eu sou a Karamanlis, nada é mais importante que seu avô. — Ele passa a mão em meus cabelos, principalmente na fronte, onde tenho a maior concentração de fios brancos. — Seus cabelos são escuros como os meus. — Ele levanta meu rosto. — Seus olhos são azuis, mas é só o que você tem dos Karamanlis. — Sorri triste. — Infelizmente, o mais parecido comigo é o Konstantinos, mas também herdou o caráter de seu pai.

— Alexios parece com tio Geórgios — provoco um pouco.

— Isso é o que vocês querem enxergar! Não posso assumir que o filho de uma prostituta seja meu neto.

— DNA resolve, sabia?

Ele dá de ombros.

— E Kyra? — pergunta-me, indo direto à ferida. — Minha única neta não vem me ver há anos!

— O senhor sabe que eu não posso ajudar quanto a isso.

— Eu sei, Theodoros, acompanhei e salvei você naquela época. Pobre menina...

— *Pappoús!* — Levanto-me. — Estava prevista mais uma sessão de tortura antes de seu aniversário? Foi para isso que vim mais cedo?

— Não seja dramático, Theodoros, não te criei um maricas! — Joga o cobertor de lado e se levanta, poderoso, postura ereta, e eu sinto meu sangue ferver.

Filho da puta, enganando a todos com uma aparência frágil, fazendo-nos acreditar que está às portas da morte, quando parece que ainda tem uns 70 anos e não os 90 que fará daqui uns dias!

— Por quê? — questiono o teatrinho enquanto ele diminui a potência da lareira.

— Conhece a máxima do "rei morto, rei posto"? — Assinto. — Quero saber como as coisas ficarão depois da minha morte, mas, como estarei morto... — Ri, e eu franzo o cenho, ainda sem entender. — Bastou um resfriado para seus tios começarem a brigar entre si, e eu quis ver onde ia dar.

— Se fingindo de moribundo para ver o circo pegar fogo. Típico! — Sento-me em uma das poltronas. — Não sei como ainda acredito nas suas doenças.

Ele ri.

— Você não é lá muito esperto, Theodoros — rio por ele me jogar isso na cara e nem faço mais questão de lhe lembrar que eu tinha só 18 anos quando tudo aconteceu. — Mas o que lhe pedi, independentemente de minha saúde, continua valendo.

Bufei.

— Já está sendo providenciado, não se preocupe com isso — corto o assunto.

— Não gosto disso, Theodoros! — Cruza os braços. — Não gosto mesmo!

Bom, nem eu, mas isso não me preocupa mais. Realmente já resolvi essa questão de casamento e filhos, então não vou me preocupar mais com isso. Não enquanto minha cabeça está fervilhando com a última descoberta que fiz.

Maria Eduarda Hill é a mulher com quem transei há quase nove anos em uma boate! É algo tão impossível de se crer que me parece totalmente surreal. Quase uma década depois, nós nos encontramos de novo, e isso me passou despercebido.

Eu sei, já transei com muitas mulheres. Algumas fodas foram bem marcantes devido às circunstâncias, como a da boate, por exemplo. Eu nunca tinha trepado em um banheiro daquela forma, e a adrenalina misturada ao álcool, além dos flashes de lembranças já distorcidas pelo tempo fizeram com que eu usasse essa fantasia por bastante tempo.

Foi realmente muito bom, e é por isso que eu não entendo como não reconheci a Duda em todo esse tempo em que dormimos juntos! Nada nela me fez lembrar aquele momento, nem seus beijos, seu corpo, o jeito como trepamos, nada! Sim, eu sentia um estranho reconhecimento, mas não ligado ao passado, pelo contrário, era algo que eu nunca consegui explicar e que só fez sentido quando me dei conta de que estava apaixonado por ela.

Era mais do que meu corpo que reconhecia aquela mulher.

Gemo, e meu avô me dá uma olhada desconfiada, porém, o ignoro. Nunca pensei em reencontrar a mulher da boate, nunca nem mesmo a procurei ou tentei. Poderia se quisesse. Frank sabia o nome das suas amigas e onde estudavam em Paris, bastava perguntar. Contudo, não, nada me puxou para ela a não ser a fantasia de um sexo etílico e bem diferente do que eu estava acostumado a fazer.

Ainda agora tenho certeza de que Duda é aquela mulher, mas não consigo vê-las como a mesma pessoa. Claro, muitos anos se passaram, Maria Eduarda era mais jovem, ainda não tinha a Tessa, podia estar em uma fase mais liberal e hoje ser mais comedida ou mesmo ter sido assim apenas com o propósito de jogar comigo.

Sinceramente, ainda estou muito confuso com isso tudo. Julgava Maria Eduarda como a pessoa mais sincera que já havia conhecido, e o fato de ela ter escondido de mim que já havíamos nos conhecido, bem como ter continuado a se fazer de desentendida quando descobri tudo mexeram demais comigo.

Ouço uma batida à porta da saleta. Assisto, rindo bastante, ao meu avô voltar à poltrona e cobrir as pernas com um cobertor antes de autorizar a entrada.

— Pai, eu... — Nikkós se interrompe ao me ver.

Olho para trás e o encaro, no alto dos seus quase 2m de altura, pele morena, nariz grande e com a ponta curvada para baixo e enormes olhos azuis. Os cabelos, antes escuros, já estão bem grisalhos, penteados para trás como Kostas os usa também.

— Ora, ora. — Cruza os braços. — Eis que o favorito do vovô retorna ao lar!

Ignoro a provocação dele e apenas o cumprimento com a cabeça. Não estou com o mínimo humor para os melindres de meu pai. Nós já nos resolvemos anos atrás, inclusive com punhos, então não me sinto devedor dele em nenhum momento, mas ele sempre se faz de vítima.

Levanto-me, sem querer estar no mesmo local que ele por muito tempo.

— Vou para meu quarto. Estou cansado da viagem e...

— Amanhã partiremos para Villa Dorothea — meu avô informa.

— Em Porto Cheli?

Ele assente, e eu suspiro cansado.

Nada animador pensar em ficar com meus tios, tias e primos – além do meu pai e sua nova esposa – em uma casa de praia isolada de tudo. Penso no iate, parado na marina há alguns anos e decido que é hora de tirá-lo de lá, prepará-lo e ficar mais tempo nele do que em terra.

Sigo até a saída da sala, mas meu pai me detém.

— Soube que finalmente conseguiram algo para comprar aquele boteco da Vila Madalena. — Ergo uma sobrancelha, mas não lhe respondo. — Você deve estar se sentindo muito satisfeito, não é? Tomou meu lugar, conseguiu avançar no negócio que foi responsável pela minha derrocada na empresa...

— O único responsável pela sua derrocada, em qualquer lugar, não só na Karamanlis, foi você mesmo.

Ele ri da minha resposta, e, antes que eu saia, escuto-o dizer:

— Sabrina está em Atenas, para sua informação.

Travo os punhos, olho para meu avô, que está visivelmente aborrecido com o filho, e sigo para meu quarto, já prevendo o tormento que será essa reunião de família. Meus irmãos e o Millos têm sorte de não estar aqui. É uma tortura equivalente à de Procusto![38]

— Theo! — Andrea me cumprimenta, e fico admirado ao ver o quanto ele cresceu nesses anos em que não vejo tantos da família reunidos.

Claro que, antes de partir com seu séquito para o Peloponeso, meu avô decidiu reunir os filhos e netos que já estão em Atenas para uma “confraternização” familiar. Confesso que nunca me acostumo com a multidão que é essa família, mas, para um homem com sete filhos – um morto sem herdeiros – e 22 netos, a casa pode se considerar vazia com 12 pessoas presentes.

Três dos meus primos mais velhos – filhos de tio Sergios – já se casaram, mas ainda não produziram um bisneto para o velho Karamanlis, por isso a expectativa está em cima de mim. Ano passado um dos meus primos, Ullysses, casou-se com o namorado com quem morava há anos, em Londres, e isso quase matou a velha raposa – inclusive soube que teve uma aposta sobre o assunto

entre os primos –, que acabou por renegar mais um neto apenas porque ele decidiu viver sua própria vida como lhe era de direito.

Fato é que estamos sempre à espera da próxima *persona non grata* da família, pois basta desagradar ao *pappoús* e ele já anuncia que a pessoa não faz parte mais de seus herdeiros. Alex, infelizmente, foi o primeiro a sentir isso, somente por ser filho de uma garota de programa com a qual Nikkós teve um caso por algum tempo, e agora Ullysses.

— Aí está o menino de ouro! — Ioannis, um dos meus primos mais brincalhões e um grande amigo de Millos, cumprimenta-me. — Phaedra e eu estávamos apostando se você viria ou não.

Eu aceno para sua namorada de longa data, levantando meu copo de uísque.

— Tive que vir. O doutor Pachalakis me ligou dizendo que *pappoús* estava nas últimas. — Dou de ombros, e Ioannis ri muito.

— Ele ligou para mim também. Cheguei aqui e fui informado que era refluxo.

Ficamos um tempo rindo e conversando sobre as coisas da empresa, pois ele também trabalha na Karamanlis, porém, na parte de estaleiro, pois é engenheiro naval, e toda a operação desse braço da empresa está a seu cargo.

— Soube que o velho está te cobrando um bisneto. — Assinto. — Por favor, o atenda; não pretendo ter filhos tão cedo!

— Estou providenciando isso.

— Isso é uma boa notícia! Até que enfim ouço falar de Theodoros Geórgios se amarrando a alguém.

Odeio quando falam meu nome todo, e, além do meu avô, ninguém mais o faz, apenas quando quer me encher a paciência.

— Boa noite! — meu pai passa por mim com sua nova esposa, uma senhora muito distinta e elegante, e cumprimenta Ioannis.

— Ainda em clima ruim com tio Nikkós? — Não respondo ao meu primo; não é preciso. — Por que não temos pais que prestem? É uma merda, isso!

É, sim. Não tem um só Karamanlis que não seja problemático.

Meu telefone toca, e o nome Valentina aparece na tela. Olho em volta. A “festa” mais parece um enterro ou uma praça de guerra, todos se medindo, avaliando o oponente.

— Com licença — peço a Ioannis e me afasto para atender o telefone.

46

— Duda?! — Manola se assusta ao me ver. — O que houve? Ele maltratou você? Eu vou matar aquele...

— Não! Nem estive com Millos. — Dou de ombros. — Eu me sinto dentro de um pesadelo! — Soluço. — Está tudo dando tão errado que eu acho que a qualquer hora vou acordar e perceber que tudo está no seu lugar, que eu continuo a trabalhar no Hill, que minha filha está saudável dentro de casa e que nunca um Karamanlis cruzou meu caminho!

Manola me abraça, e eu vejo o olhar preocupado que dá para o quarto onde está a Tessa, pois ela poderá nos ver pelo vidro caso acorde.

— Sente-se, que eu vou pegar um café para você.

Manola sai correndo da sala, e eu fico tentando ordenar os pensamentos para que não enlouqueça. Tento não pensar em Theo e em qualquer coisa relacionada a nós dois neste momento, pois minha prioridade é Tessa, mas as informações que recebi hoje tornam essa tarefa impossível de ser realizada.

Ele mentiu para mim o tempo todo sobre tudo!

Primeiro, nunca houve uma trégua sobre o Hill, pois ele já estava de posse da promissória, por isso o agiota sumiu. O desgraçado já tinha até iniciado o processo de execução dela e assim me obrigaria a levantar todo o dinheiro e a lhe vender o bar. É inacreditável o quanto ele foi ardiloso e cínico.

Lembro-me muito bem de ele falando que não tinha mais interesse em comparar minha propriedade, que iria tentar impedir que a Karamanlis a comprasse. Mentiras e mais mentiras. Ele tramou pelas minhas costas esse tempo todo enquanto fazia amor comigo... Não! Ele nunca disse nesses termos! Enquanto trepávamos, ele armava uma arapuca para que eu fosse obrigada a abrir mão do Hill.

E Valentina...

Manola volta com dois copos descartáveis cheios de café e se senta ao meu lado.

— Quero saber o que houve depois que você saiu daqui e o que aquele filho de uma puta do Theo fez contigo! — Abro a boca para dizer que não estive com ele, mas ela não permite: — Eu sei que ele não está aqui, mas alguma merda fez para ter te deixado nesse estado.

— Ele mentiu para mim — minha voz soa tão magoada e sentida que suspiro. — Ele mentiu sobre tudo! Estava com a promissória esse tempo todo e...

— A promissória do agiota? — Assinto. — Eu vou capar aquele filho de uma égua!

Arregalo os olhos com sua ameaça dita em voz alta, e ela tampa a boca, olhando para o quarto onde Tessa está e se desculpa por ter falado alto. Seu rosto cheio de indignação está vermelho como seus cabelos, e eu soluço, limpando a face com as costas das mãos.

— Sinto-me mal por estar chorando por ele neste momento. — Manola assente e me abraça. — Mas está doendo, Manola. Doendo muito!

— Chora, minha amiga. — Soluço em seus ombros, deixando sua blusa úmida com minhas lágrimas. — Deixe ir tudo para que, quando você se levantar dessa cadeira, possa estar com suas energias concentradas em Tessa.

— Você tem ideia do quanto é difícil? Eu preciso dele aqui, preciso da confirmação da paternidade para poder testar seus irmãos e... — Meus ombros sacodem com o choro ao pensar em Tessa. — Por mais que eu não queira nem olhar para ele nesse momento, eu preciso dele.

— Eu sei, minha amiga. Isso da promissória foi uma traição gigante...

— E tem Valentina. — Manola franze o cenho. — Theo me contou que estava saindo com essa tal Valentina antes de ficarmos juntos. Não sei, senti que havia algo mais que ele não estava me contando, porque nos encontramos com a

amiga dele no clube de jazz a que fomos, e ela fez questão de tocar no nome dessa mulher.

— E tem? — a voz de Manola transmite muito temor ao fazer essa pergunta.

— Noivado. — Ela arregala os olhos, e sinto meu coração doer mais uma vez. — A tal amiga fez questão de vir aqui hoje me visitar em nome dele, pois está muito ocupado com a noiva na Grécia.

Manola se põe de pé, andando de um lado para o outro, tentando se controlar. Seu rosto não está nem vermelho mais, mas quase roxo, tamanha sua raiva. Escuto-a bufar, começar a falar, parar e voltar a bufar.

Ponho as mãos sobre a cabeça, tentando parar de chorar, mas não consigo. Pensei que a vida já tivesse me dado todas as surras possíveis com a perda dos meus pais e irmão, mas, aparentemente, não.

Limpo o rosto e vou até o vidro que separa a cama de Tessa do restante do cômodo e a olho dormindo tranquilamente, pálida, mais magra e indefesa. Sinto um abraço pelas costas, e o perfume de Manola chega às minhas narinas. Choro silenciosamente, meu coração destroçado por tudo que está acontecendo.

Eu queria poder contar com Theo nesse momento, como aconteceu na ilha e no dia em que ele nos levou para sua cobertura. Torço para que ele seja realmente o pai de Tessa, mesmo que isso possa significar perdê-la para ele, mas que seja possível salvar sua vida e restaurar sua saúde.

Ele traiu minha confiança, brincou com meus sentimentos e quebrou meu coração, porém, ainda assim preciso dele.

— Mãe, o Theo já voltou da viagem? — a voz de Tessa é fraca, mas cheia de esperança.

Respiro fundo, abro um sorriso como se o assunto fosse algo bom e respondo:

— Ainda não consegui falar com ele, mas tenho certeza de que pegará o primeiro voo para te ver.

Seu rosto se ilumina, e ela volta a tomar seu café da manhã, sentada em sua cama com a bandeja sobre seu corpo.

— Tio Millos vai falar com ele, não é?

Tio Millos!

Ouvir isso de minha filha é a concretização de que Theo é realmente seu

pai. Eu já não tenho dúvidas disso, mas ainda preciso da confirmação do DNA e torço para que um dos seus irmãos ou o próprio Millos seja compatível com Tessa.

De qualquer forma foi um alívio ele ter vindo atrás de mim.

Eu estava olhando Tessa dormir, com Manola abraçada a mim. Nós duas chorávamos em silêncio não só pela minha menina, mas por tudo o que eu tinha descoberto sobre o Theo.

Uma batida à porta nos fez olhar para trás, e então eu vi Millos. Senti imediatamente a Manola ficar tensa e a segurei pela mão, pedindo-lhe calma com o olhar.

Eu preciso deles!

— Posso entrar? — Millos perguntou, e apenas assenti.

O homem alto e forte, vestindo terno, de óculos escuros e cabelos penteados para trás nada lembrava o tatuado vestido de jeans e camisa de malha que havia estado em minha casa e no bar várias vezes para conversar sobre a proposta de compra.

Nós nos conhecemos há muitos anos, e, mesmo que nunca tenhamos tido afinidade por conta da insistência da compra, aprendi a gostar dele, principalmente de sua simplicidade e simpatia. Millos me pareceu sempre ser sensato e calmo, o Karamanlis perfeito para me ajudar a salvar minha filha.

Ele tirou os óculos, e eu reparei em seus olhos verdes, um pouco mais escuros que os da minha filha. Era impossível não comparar seus traços com os dela, buscando alguma coisa que comprovasse que compartilhavam o mesmo sangue.

— Eu soube da Tessa — falou baixo, sem me olhar. — Cheguei à empresa e me encontrei com Kostas, meu primo, e ele me disse que você tinha ido até lá tentar um contato do Theo. — Suspirei, e ele me olhou

— Seu primo é um babaca! — Manola atacou, e ele riu, concordando.

— Ele é, não nego. — Encarou-me. — O que houve com a menina?

Olhei para Manola, que entendeu que eu gostaria de falar com ele a sós. Beijou meu rosto em despedida, olhou com a cara mais feia que conseguia fazer para o Millos e saiu do quarto.

— Tessa precisa de um transplante de medula — fui direto ao assunto, e ele arregalou os olhos. — Há algum tempo ela vinha apresentando sintomas de que não estava bem, mas só descobrimos há pouco o que tem. — Millos olhou para minha filha, ainda dormindo, dentro da área isolada. — Anemia aplástica grave.

— Não pode ser! — Ele fechou os olhos e encostou a testa no vidro. — Perdemos um tio com essa mesma doença — informou, e foi minha vez de ser tomada de surpresa. — Na época, não havia muito o que fazer. Tentaram o

transplante. Era algo bem rudimentar ainda, mas ele teve rejeição e...

— Oh, meu Deus!

Comecei a soluçar, e ele me puxou para seu abraço, segurando-me contra seu peito enquanto eu dava vazão ao meu desespero. *Eles tiveram uma morte na família com a mesma doença! Não posso perder minha menina!*

Podia ouvir o coração de Millos tão disparado quanto o meu, suas mãos me apertando, trêmulas. Senti a tensão e o nervosismo presentes nele ao mesmo tempo em que tentava me consolar.

— Vai dar tudo certo, Duda — sua voz, mesmo um tanto trêmula, era confiante. — Vamos mover céus e terras, você não a perderá.

— Eu preciso falar com o Theo... — Ele me soltou, e eu o encarei. — Vai parecer loucura, mas há a possibilidade de ele ser o pai da Tessa.

Millos ficou um tempo parado, olhando-me apenas, sem nenhuma expressão no rosto, mas eu podia apostar que sua cabeça estava dando voltas e mais voltas com o que eu tinha acabado de revelar.

— Você já contou a ele? — Neguei, e ele respirou fundo. — O que eu posso fazer por vocês neste momento, Duda?

— Eu tentei localizar o Theo, mas na única vez que tive resposta... — Fechei os olhos, tentando diminuir a dor que todas as palavras que ouvira tinham me causado. — Bem, não era ele ao telefone, e acho que, se ele viu minha ligação, não se importou em retornar.

Millos balançou a cabeça.

— Ele não viu a ligação, tenho certeza, senão retornaria. Theo não é assim, ele...

Tive vontade de gritar para ele que sabia da promissória, que sabia do maldito noivado com a tal Valentina, mas não o fiz. Não vinha ao caso. Millos não mentira para mim e talvez nem soubesse do meu envolvimento com seu primo.

— Não importa. Preciso confirmar a paternidade e testar todos vocês como possíveis doadores. — Ele assentiu, mas eu percebia uma inquietação, como se ele quisesse me dizer algo, questionar. — Você pode me ajudar nisso?

— Claro! Farei o que for possível. — Ele respirou fundo. — Você não tem mesmo certeza de que ele é o pai?

— Não. Foi há muito tempo. Eu nem reconheci o Theo, foi ele quem ligou uma coisa à outra e... — Eu realmente não queria entrar nesse assunto com Millos, por isso resumi: — Sempre tive dúvidas sobre a paternidade de Tessa, porque na época eu tinha um namorado e...

— Entendi — Millos cortou o assunto e voltou a olhar para Tessa. — Eu não tenho dúvidas de que ela é uma Karamanlis. — Meu coração pareceu saltar

do peito ao ouvir isso. — Ela é idêntica à minha avó quando menina. — Ele sorriu. — Se eu tivesse uma foto aqui comigo, você também não teria dúvidas.

Meu Deus do Céu, então é realmente verdade! Tessa é filha do Theo, uma Karamanlis! Que destino é esse que nos reuniu novamente?

— Eu preciso salvá-la, Millos! — disse em desespero.

— Nós vamos! — Olhou-me com determinação. — Nós vamos!

Naquele momento Tessa acordou, e eu estava tão emocionalmente abalada que Millos se dispôs a entrar, ficar uns momentos com ela enquanto eu me recompunha. Os dois já se conheciam das vezes em que ele tinha estado no Hill para conversar comigo, e minha filha abriu um enorme sorriso e o cumprimentou quando o viu ao meu lado.

Quando retornei do banheiro, já com Manola e tia Do Carmo – que acabara de chegar do nosso apartamento – junto a mim, encontrei os dois rindo e a mãozinha de Tessa na enorme mão de Millos.

— Ele vai ajudar? — Manola perguntou, e eu assenti.

Olhei para tia Do Carmo.

— Achou alguma coisa naquelas revistas que você assina? — Minha tia olhou para Manola, e eu soube que elas haviam achado. — Quero ver.

— Duda, acho melhor...

Estendi a mão, com o coração partido, querendo tomar o choque de ter a confirmação do que Viviane me dissera mais cedo. Tia Do Carmo colocou a revista em minha mão e me disse o número da página.

Por mais que eu achasse que estava forte para ver a notícia, não esperava encontrar o que vi: Theo e uma mulher loira muito bonita, abraçados, saindo de um hotel em Atenas, e o anúncio do casamento iminente dos dois.

— Parece que é verdade... — Minha tia lamentou.

— Essas revistas são muito sensacionalistas também! — Manola logo emendou. — Não podem ver um casal abraçado que já anunciam casamento.

Devolvi a publicação para minha tia e engoli as lágrimas.

— De qualquer forma, mesmo que não se casem, estão juntos na Grécia. — As duas concordaram. — Não muda o fato de que ele mentiu para mim.

Coloquei a roupa especial, as luvas e todo o material de proteção para não pôr Tessa em risco e entrei, despedindo-me de Millos, que prometeu trazer Theo de volta o mais rápido possível.

Na saída, vi Manola falando algo para ele, que negou, mas ela riu e jogou a revista em cima dele e saiu de perto. Não olhei mais nada; sentia-me magoada com tudo isso, apavorada com a possibilidade de perder minha filha e humilhada por ter me deixado usar e ser descartada por um Karamanlis.

Tessa me chama para dizer que já está satisfeita com seu desjejum, e eu

deixo para trás as lembranças do dia de ontem. Ainda não tenho notícias de Millos, nem de Theo, e o tempo está passando. Doutor Felipe diz que o tempo entre as transfusões diminuíram muito e que é necessário começar com o tratamento o mais rápido possível.

— Theo! — Tessa grita, olhando em direção ao vidro com um enorme sorriso de felicidade. Meu coração dispara. Sinto meu corpo inteiro gelar de antecipação e olho para ele.

47

Duda

Nada no mundo poderia me preparar para a emoção desse encontro, penso limpando as lágrimas, vendo Theo e Tessa conversarem dentro do quarto. A alegria de minha filha, seu ânimo ao vê-lo, a urgência e preocupação que ele demonstrou, tudo foi muito mais do que eu poderia ter sonhado.

No momento em que o vi, deixei de pensar em todo o mal que causou ao meu coração, deixei de lado como ele me traiu com a promissória e como mentiu para mim sobre Valentina. Naquele momento, só pensei que ele poderia salvar a vida da minha filha.

Não, não esqueci. Seria impossível o fazer com a ferida aberta e sangrando, mas deixei essa dor de lado, num canto, para poder reacender a esperança de curar minha menina. Eu sei que doutor Felipe disse que raramente pais são compatíveis, mas não posso deixar de pedir por essa raridade, não posso deixar de crer, mesmo contra a esperança, mesmo que tudo diga não. Não posso deixar minha fé fenecer.

Durante os dias em que estive aqui neste hospital, pensei muito na coincidência que foi esse reencontro e o motivo de o destino ter feito as coisas desse jeito. Depois do diagnóstico de Tessa, entendi que eu e Theo só nos reunimos de novo porque temos que salvar nossa filha. Esse é o propósito. Não sei como irá acontecer, mas não vamos perdê-la.

Daqui de onde estou, posso ver os olhos dele se repuxarem nos cantos, sorrindo para minha menina, bem como o brilho de seu olhar raso de lágrimas. Ele não esconde a emoção que sente, e eu nunca o vi tão aberto desse jeito. Tessa toca sua mão, e as lágrimas represadas por ele caem, molhando a máscara que recobre seu nariz e boca.

Nossos olhos se encontram, e a mesma fé que tenho dentro de mim, enxergo nele. *Nós vamos salvá-la!*

— Bom dia! — a voz do doutor Felipe corta o encantamento do momento. — Nós vamos ter que suspender o horário de visitas por enquanto. Vamos fazer alguns procedimentos com a Tessa.

Eu assinto, e ele bate no vidro, chamando Theo para fora da sala.

— Algum problema? — sua voz é temerosa, e ele se desfaz do avental, touca e máscara, porém, continua com as luvas.

— Theo, esse é o doutor Felipe Magalhães, o médico responsável pelo caso da Tessa. — Theodoros não estende a mão para cumprimentá-lo, apenas o encara. — Doutor, esse é Theodoros Karamanlis...

— O pai da Tessa — ele completa, e o médico me olha confuso.

Quando saiu o diagnóstico, a primeira coisa que o médico perguntou foi do histórico familiar, se ela tinha irmãos, avós, tios ou primos, e, quando ele viu que Tessa não possuía o nome do pai na certidão de nascimento, questionou-me se eu tinha condições de apontar quem ele era. Naquele momento eu disse que ainda tinha dúvidas, mas que poderia contatar os possíveis pais para realizar o exame de paternidade.

— Precisamos fazer um DNA para... — tento explicar, mas Theo me interrompe:

— Mera formalidade. Não tenho dúvida alguma de que ela é minha. — Ele se aproxima do doutor Felipe. — Eu gostaria de trazer uma junta médica para avaliar todos os procedimentos e tentarmos achar os melhores tratamentos e...

— Senhor Karamanlis, eu entendo o desespero, mas o senhor encontra-se em um hospital de referência, com todos os aparatos e equipe necessários para o tratamento, qual seja ele.

Theo respira fundo, assente, mas não parece muito convencido.

— Eu gostaria de realizar o teste de compatibilidade o mais rápido possível.

— Como expliquei a Maria Eduarda, pais raramente são compatíveis, mas

claro, podemos realizar os testes necessários. — Ele chama um membro de sua equipe. — Poderiam levar os pais de Tessa até a doutora Amália?

— Claro. — A moça, uma enfermeira muito simpática que vem sempre atender Tessa, dá-nos um sorriso. — Queiram me acompanhar por favor.

— Tessa ficará sozinha? — Theo questiona, mas em seguida tia Do Carmo entra no quarto e para em seco ao vê-lo, colocando sua mão sobre a boca e fechando os olhos. Tenho certeza de que ela está agradecendo por ele estar aqui, mesmo que, assim como eu, esteja muito magoada com ele.

Vou até ela para lhe explicar que irei com Theo até a doutora Amália a fim de realizarmos os exames – de compatibilidade e de paternidade –, e ela me abraça.

— Graças a Deus! — Suspira aliviada. — Como você está, minha filha?

— Estou bem, tia. — Sorrio. — Tessa é quem importa agora. As outras coisas, resolvemos depois.

Ela assente, e me despeço, seguindo a enfermeira e Theo até o laboratório.

— Por que você me escondeu que ela podia ser minha filha? — Theo dispara a pergunta e me pega de surpresa.

Respiro fundo.

— Eu não reconheci você, Theo. — Ele me encara. — De verdade, eu não fazia ideia!

— Mas, quando eu disse, você negou!

Assinto e tento controlar as lágrimas. Nunca pensei que iríamos ter essa conversa tão cedo e muito menos no corredor de um hospital.

— Eu tive medo — confesso. — Havia a possibilidade de Tessa ser sua filha, e eu fiquei com medo de você tentar tirá-la de mim.

Ele para no meio do corredor.

— Por que eu faria isso? Por que tiraria minha filha de sua mãe? — Aproxima-se. — Nós estávamos juntos. Você poderia ter confiado em mim e...

Rio, amarga.

— Confiado em você? — Limpo uma lágrima de meu rosto, com raiva. — Assim como fiz na questão do Hill? — Ele fica lívido, e eu percebo que sabe do que estou falando. — Sim, eu sei da promissória que a Karamanlis tem desde o ano passado e que, em nenhum momento, você citou durante o tempo em que "estávamos juntos".

Um pigarrear chama nossa atenção, e a enfermeira nos olha sem jeito.

— Vocês ainda vêm?

Assinto e caminho rapidamente ao seu lado sem nem mesmo olhar para Theo, embora sentindo sua presença atrás de mim. É risível ele me falar de confiança, quando o tempo todo esteve omitindo de mim uma informação

importante, e o pior, dizer que estávamos juntos, quando, na verdade, ele estava fazendo planos de casamento com outra!

Chegamos à sala de coleta de material para exames, e o instalam em uma confortável poltrona antes de começarem a fazer uma pesquisa de sua vida. Perguntam-lhe sobre saúde, histórico familiar, vícios, remédios e etc. O patologista colhe duas amostras de sangue e recomenda a ele que fique um tempo sentado.

— Eu ia te contar da promissória — ele volta ao assunto. — Ia contar naquela noite em que vi as fotos no quarto de Tessa.

— Ah, muito conveniente! Você teve quase um mês para me contar, Theo. Não o fez porque não quis.

— Eu pedi o cancelamento da ação de execução, Duda. Não queria mais que a Karamanlis comprasse sua propriedade. Eu disse a você.

— Assim como disse que saiu com Valentina antes de me conhecer. — Theo arregala os olhos e se levanta parcialmente da poltrona. — Você esteve o tempo todo comigo, mesmo fazendo planos de se casar e ter filhos com ela!

Ele fica pálido, e eu vejo a verdade em seus olhos. Sinto como se uma faca quente fosse enfiada em minha carne, cortando e queimando ao mesmo tempo, causando uma dor terrível. Eu sei que vi a confirmação na revista, mas saber que ele esteve o tempo todo com as duas é difícil demais.

Theo se levanta e tenta me tocar.

— Eu não tinha ideia de que ia me...

— Você ficou noivo, pelo amor de Deus! — Repudio seu toque.

— Do que você está falando?

Rio, não acreditando que ele ache mesmo que eu vou cair nesse jogo.

— Eu vi, Theo, o Brasil inteiro viu! — Dou de ombros. — Vou voltar para perto da minha filha. É isso o que importa no momento. O resto não tem mais sentido.

Saio da sala no exato momento em que a doutora Amália chega para conversar com Theo sobre o cadastro no banco de medula óssea.

Não impeço as lágrimas de caírem. Não me importo de receber olhares preocupados e cheios de pena das pessoas que cruzam comigo pelo corredor. Quero deixar ir. Foi bom conversar com ele, expor tudo o que eu sabia, deixar as coisas em pratos limpos para que pudéssemos nos concentrar apenas em Tessa.

Chego à sala, e o procedimento em minha menina ainda está sendo feito. Manola está com tia Do Carmo e corre até mim quando vê meu estado.

— Ah, meu Deus, o que aquele vadio aprontou agora?

— Nada, só conversamos um pouco. — Toco minha cabeça. — Estou com dor, cansada...

— Vá para o apartamento, tome um banho direito, descanse. Eu fico aqui com a tia, e a gente te informa de qualquer novidade.

— Não quero deixar a Tessa.

— Duda, só por umas horinhas. O doutor a está examinando, vai começar uma nova transfusão, e isso demora horas, então pode ir sem medo.

Olho para dentro do quarto e vejo Tessa sorrir para uma das médicas, que tem pintada no rosto uma enorme borboleta. Concordo em ir, afinal, mal tive tempo para comer e dormir nesses dias. Apenas cochilo, tomo banhos rápidos e engulo qualquer porcaria.

— Tente não criar caso com ele. — Manola faz careta para o meu pedido. — Eu também gostaria muito de lhe dar uns bons tapas, mas...

— Eu sei, vou me comportar, pelo menos até Tessa se restabelecer.

Rio dela e a abraço.

— Obrigada por tudo, minha amiga.

— Não precisa agradecer, somos uma família.

Sim, ela tem razão. Há muito tempo percebi que o que faz com que pessoas se sintam em família nada tem a ver com laços de sangue, mas sim com o amor e confiança que as unem.

48

Tessa é minha filha!

Não preciso de exame algum para comprovar o que, a todo tempo, algo dentro de mim insistiu para que me desse conta desse fato. As lembranças de Kyra a cada sorriso dela, a sensação de já tê-la visto. Como pude não notar? Minha filha é a imagem de *giagiá* Dorothea quando criança. Os cabelos, os olhos, o sorriso, em tudo ela lembra a matriarca dos Karamanlis.

Penso nas fotos espalhadas pelos porta-retratos no quarto de minha avó. Ela se orgulhava muito de ter sido tão linda na infância e juventude. Suas fotos de criança traziam muitas memórias importantes para ela, pois eram os únicos registros de seus dois irmãos mais velhos, mortos durante a Batalha da Grécia, quando a Alemanha nazista e a Itália fascista tentaram invadir o país em 1941.

Foi tudo tão estranho e ao mesmo tempo se encaixou tão perfeitamente que eu ainda estou surpreso, mas não em choque.

Os acontecimentos na Grécia foram decisivos para que eu entendesse que,

independentemente do que aconteceu no passado, eu me apaixonei pela Duda, não por causa da transa há mais de oito anos, mas sim pela mulher que conheci nesses últimos meses.

Estava disposto a entender o motivo pelo qual ela escondera de mim quem era, que já nos havíamos conhecido e a fazer me admitir a verdade. Não importava o passado, eu aprendera a amar a mulher que ela se mostrara para mim. Eu só não esperava que as mentiras – ou omissões – fossem tão sérias a ponto de ela esconder de mim que eu tinha uma filha.

Cheguei ao Brasil antes do dia previsto. Abri mão de participar da festa de *pappoús* depois da discussão que tivemos sobre a “futura senhora Theodoros Karamanlis”.

Depois dessa pequena, mas tão importante discussão, arrumei minhas malas, consegui um voo comercial para o Brasil e decidi que iria me dar a chance de ser feliz ao lado de quem eu amava. Só precisava esclarecer as coisas. Eu mesmo tinha muito a contar para ela!

Cheguei a São Paulo e encontrei Dionísio já à minha espera, pois havia mandado mensagem avisando do meu retorno assim que o avião começara a taxiar na pista, já imaginando que demoraria para o desembarque e para eu recuperar minhas malas. Eu não costumava usar voos comerciais, mas acertei na demora.

— Bom dia, doutor! Fez boa viagem? — ele me cumprimentou assim que abriu a porta para que eu entrasse no carro.

— Fiz, sim, Dio. — Não perdi tempo e disse logo meu destino. — Vamos para a casa da Maria Eduarda Hill.

Ele ficou com a porta aberta, parado, olhando-me como se tivesse ocorrido algo. Senti meu corpo inteiro gelar.

— Chefe... a senhorita Hill se mudou.

— O quê?! Como assim se mudou?! — não escondi meu tom de desespero.

— Pelo que a Nola me contou... — fiz careta, pois não sabia quem era “Nola” — ela vendeu o Hill e ia recomeçar a vida em outro lugar.

Foi como se todo o sangue do meu corpo tivesse sido drenado. Fiquei branco feito papel, frio, paralisado. O que acontecera durante os 15 dias em que eu estivera fora?! Não pensei duas vezes e liguei para o Millos.

Meu primo atendeu ao segundo toque:

— Porra, Theo, estou tentando...

— O que você fez, seu imbecil?! — interrompi-o aos berros. — Quem autorizou a Karamanlis a comprar o Hill na minha ausência?!

— Não fomos nós! — ele gritou de volta. — Ela precisou vender com urgência, Theo, e a rede Dominus comprou!

Dionísio entrou no carro e me olhou pelo retrovisor, esperando que eu lhe dissesse para onde iríamos. Não consegui racionar. Minha cabeça dava voltas, só pensava que Duda fugira de mim, que eu a apavorara quando tinha descoberto sobre ela ser a garota da boate, mas por quê?

— Preciso encontrá-la, Millos! — disse em desespero. — Preciso conversar com ela, entender, eu... — Comecei a chorar dentro do carro, sem me importar se Dio estivesse ali ou não. — Eu amo aquela mulher, Millos, não posso perdê-la.

— Theo, ela está no hospital com Tessa — Millos informou em tom grave. — A menina está gravemente doente, Theo, necessita de transplante.

Eu mal conseguia respirar naquele momento. Senti o corpo inteiro arrepiar, o coração parecia ter parado, e o rostinho alegre de Tessa apareceu nitidamente para mim.

— Em qual hospital, Millos?

— Eu sei onde, chefe — Dionísio se intrometeu na conversa e ligou o carro.

— Tem mais, Theo — Millos continuou. — Duda descobriu sobre a promissória e...

— Eu vim disposto a resolver tudo isso com ela, Millos, mas imagino como ela está apavorada por causa da filha. Não sei se...

— Theo, a menina pode ser sua.

Não entendi no primeiro momento o que ele quis dizer, pois, como expliquei várias e várias vezes a vocês, não via conexão entre a minha Duda e a garota dos cabelos rosa, mesmo com todas as evidências de que eram a mesma pessoa.

— Duda me contou sobre vocês terem se conhecido anos atrás e...

Puta que pariu!

Essa era a peça que não se encaixava na história toda, o motivo pelo qual ela ficara tão apavorada quando eu descobrira a verdade, o motivo pelo qual continuara a negar. Tessa poderia ser minha filha, mas como? Eu tinha usado camisinha e, quando a tirara... Não me lembrava de quando a tirara. Não olhara para ela, estava bêbado demais, tinha acabado de fazer um sexo muito louco e de gozar, não olhara a porra da camisinha!

Minha cabeça foi dando voltas até eu chegar ao hospital. A emoção se misturava à revolta por Duda ter escondido isso de mim durante todo esse tempo. Eu já não albergava dúvidas com relação à paternidade. Era claro como o dia que Tessa era minha, eu sentira isso a cada momento em que estivéramos juntos.

Entrei no hospital feito um louco. Demorei a descobrir onde ela estava internada e soube que só poderia ir até o quarto contíguo, pois Tessa estava em isolamento por conta de sua baixíssima imunidade.

Bati à porta do quarto, mas ninguém atendeu, então entrei e vi Tessa no leito do hospital, terminando de comer. Duda estava de costas para mim e recolhia a bandeja com o café da manhã da menina. Então Tessa me viu, e pude ouvir em minha mente, mesmo o som não passando pelo vidro que separava uma área da outra, o meu nome e vi a felicidade em seu rosto.

Minha menina!

Correspondi ao seu sorriso e a cumprimentei, sentindo meu peito explodindo de emoção, até Maria Eduarda se virar e nossos olhos se encontrarem. Fiquei sério, senti a revolta de só ter descoberto que era pai porque minha filha estava em um hospital. Duda me contaria a verdade se Tessa não estivesse doente? Pelo desespero dela naquela noite em que eu vira as fotos, acreditei que não.

Duda disse algo a Tessa e saiu para falar comigo, dispensando a roupa descartável que usava, colocando-a num cesto de lixo.

— Você veio.

Pude sentir a emoção em sua voz, em seus olhos brilhando com lágrimas. Tive vontade de abraçá-la, imaginando tudo o que tinha passado naqueles dias, mas não me aproximei. Tínhamos muito a conversar.

— Como ela está? — perguntei sem rodeios.

— Fazendo transfusões, mas muito fraca. Ela precisa de um doador e...

— Quero falar com ela — interrompi-a. — Por favor.

Duda assentiu, ajudou-me a colocar toda a proteção para que eu não prejudicasse o estado de Tessa e entrei com sérias recomendações de evitar tocá-la ao máximo, mesmo querendo segurá-la contra mim e nunca mais soltá-la.

— Que bom que você voltou, Theo! — Tessa falou cheia de emoção. — Mamãe disse que você viria assim que soubesse. Eu já estava com saudades!

— Meu coração soube, Tessa. — Sorri por detrás da máscara. — Eu sabia que tinha que voltar e agora nunca mais vou ficar longe de você, eu prometo.

Seu rosto se iluminou, as covinhas reaparecem e os olhos brilharam. Senti meus cílios cada vez mais úmidos. A emoção causou um nó em minha garganta tão grande que me impediu de engolir e de respirar direito. Queria muito abraçá-la, mas sabia que não era bom para ela, por isso me contive.

Olhei para fora do quarto e vi Duda contra o vidro que separa os cômodos, rosto inchado de chorar, mas um enorme sorriso. O nó em minha garganta só aumentou, meus olhos queimaram segurando as lágrimas e meu corpo inteiro tremeu com a emoção misturada ao medo.

— Theo... — Tessa me chamou e tocou minha mão por cima da luva. — Não precisa ter medo, eu vou ficar bem!

As lágrimas rolaram nesse exato momento, mas tentei sorrir. Olhei

novamente para Duda e a vi secar o rosto, mas ainda soluçando.

Minutos depois tivemos a conversa mais reveladora e misteriosa que eu já tive em minha vida. Ainda estou magoado por ela ter me escondido sobre Tessa, mas acredito no que disse sobre não saber até o momento em que vi as fotos. Acredito nela!

Ainda me sinto zonzo, talvez por causa dos exames e da enxurrada de perguntas para o cadastro no banco de medula. Fiquei muito feliz em poder contribuir com isso, em perceber o quanto é simples e como pode fazer diferença caso eu seja compatível com alguém.

Nunca pensei sobre doação de órgãos – ou mesmo de sangue ou medula –, e esse momento com minha filha me despertou essa consciência, que já deveria ser de todos nós. Podemos, sim, ajudar a salvar vidas!

Sorrio ao pensar em como me referi a Tessa: minha filha.

Eu tenho uma filha!

Vanda toma um susto ao me ver sentado à mesa da cozinha, xícara de café vazia, bem como meia garrafa de uísque. Sorrio sem jeito para ela, todo amarrotado e entendo sua surpresa, afinal, não tinha previsão de eu estar tão cedo no Brasil, quiçá desse jeito em que me encontro.

O dia ontem foi muito mais emocionante do que eu poderia ter sonhado. Voltei disposto a ter Maria Eduarda em minha vida para sempre, formar uma família com ela e Tessa e acabei descobrindo que a menina é minha filha. Sim, o resultado de DNA saiu no começo da noite e só comprovou aquilo que meus olhos e meu coração já sabiam: Tessa é minha!

Porém, junto à euforia de uma notícia tão boa, veio também a decepção por eu não ser compatível para a doação. No momento, o mais importante é conseguir um doador para que ela volte a ser a menina cheia de vida, aquela minimetralhadora de palavras que conquistou meu coração.

Queria muito dividir a notícia com Maria Eduarda, mas não a vi o resto do dia, nem mesmo quando voltei ao quarto para me despedir de Tessa e soube que minha filha estava dormindo enquanto recebia mais concentrado de hemácias e plaquetas e que Duda havia ido ao apartamento que alugara, a fim de descansar.

Dona Maria do Carmo me informou tudo isso friamente, sem o sorriso acolhedor que sempre me dera, então me despedi, garantindo minha volta no dia seguinte e saí do hospital com a intenção de ir para casa. Não fui.

Fiquei um bom tempo parado na frente do Hill, agora com assinatura da rede Dominus embaixo do nome do pub, olhando para as janelas do apartamento no qual dormi com Maria Eduarda pela primeira vez – ou segunda –, lembrando-me do seu cheiro, do sabor de sua pele, do som dos seus gemidos enquanto gozava.

Sinto falta dela. Queria poder estar comemorando com ela a descoberta de que temos uma filha juntos, mas tenho consciência de que ela nunca teria me contado caso Tessa não precisasse de um transplante urgente.

Deixei um recado para Hal Navega, um amigo que é advogado, adiantando o assunto de Tessa e já perguntando o que era preciso para fazer o reconhecimento de paternidade o mais rápido possível. Imagino que ele irá tomar um susto ao ler a mensagem, mas quero que minha filha tenha meu nome e que saiba quem eu sou o mais rápido possível.

Cheguei à cobertura já de madrugada, morto de fome por ter passado o dia todo dentro do hospital sem comer sequer uma refeição, preparei uns sanduíches, café, e, ainda sem conseguir dormir, tomei umas doses de uísque para tentar clarear as ideias. Duda me disse algumas coisas bem intrigantes, principalmente sobre Valentina, e isso vem martelando em minha cabeça desde então.

— Sou eu mesmo, não um fantasma — tento brincar com Vanda, mas ela ainda tem os olhos arregalados.

— Pois parece, viu? — Aponta para minha roupa. — Mais café?

Ela vai até a máquina, mas nego, levantando-me.

— Vou tomar um banho para ir até o hospital e...

— Quem está no hospital? — ela pergunta preocupada.

Respiro fundo, desejando que isso não fosse verdade.

— Tessa. — Ela põe a mão sobre o peito. — Você tinha razão, o que ela tem é sério.

Vanda para de fazer o café e me encara assustada.

— Como está Maria Eduarda? A menina vai ficar bem? O que ela tem?

Calmamente lhe explico o que aconteceu e termino dizendo que, por causa disso tudo, acabei descobrindo que Tessa é minha filha, que conheci Duda há anos, durante uma viagem para a Grécia enquanto ela ainda estudava na França.

— E vocês não se lembraram disso? — questiona sem acreditar na coincidência. — Nem mesmo tiveram a sensação de que já se conheciam?

— Só posso responder por mim, e não, nunca a associei àquela moça da boate, nunca!

Vanda enruga a testa como sempre faz quando está pensando.

— Um não lembrar, tudo bem, mas os dois? Ainda mais que desse encontro nasceu a menina!

Não digo a ela que Duda não sabia quem era o pai da criança, que ela tinha um namorado na época e que, pelo visto, ele não quis assumir a responsabilidade sem ter certeza de que era realmente o pai. Mais uma coisa que eu não consigo ver a Maria Eduarda que conheço hoje fazendo: trair. Porém, ela era jovem, estava em uma fase de euforia, curtindo um sonho e pode ter se permitido viver aquela experiência comigo.

Dou de ombros e sigo para meu quarto, tomo banho, visto uma roupa limpa e, ainda sem nenhuma vontade de dormir, decido voltar ao hospital para acompanhar minha filha.

Meu celular toca, e eu atendo Millos.

— Bom dia!

— Bom dia, Theo. Notícias da Tessa? — Ele parece preocupado, e eu sei que deve estar.

— Ontem, quando saí de lá, ela estava recebendo mais uma transfusão. — Suspiro e me sento na beirada da cama. — Meu teste deu incompatível.

— O meu também, soube hoje. — Xingo baixinho. — O pessoal do laboratório que você mandou ontem já colheu amostras de Kostas e Alex.

Isso me surpreende.

— Eles aceitaram doar caso sejam compatíveis?

Millos ri, dizendo:

— Alex aceitou assim que eu contei a situação. Kostas, você já conhece... — Bufo de raiva. — Ele faz essa cena de insensível, mas no fundo é só um imbecil tentando chamar a atenção.

— Espero que não banque o imbecil se for compatível.

— Não vai, vou garantir isso. Não se preocupe.

— E Kyra? — minha voz sai baixa ao perguntar por ela. Não sei se toda a mágoa que ela sente de mim permitirá que ela nos ajude nesse momento.

Millos suspira, e eu fecho os olhos.

— Deixei recado; não me respondeu.

— Está certo. Ela tem os motivos dela, e eu compreendo isso.

Eu a feri muito com o que fiz no passado, prejudiquei seu futuro, mexi com seu psicológico. Não tenho ideia do que ela passou depois de tudo aquilo, mas sei que, assim como em meus outros irmãos, deixou feridas profundas nela.

— E a Duda? Conseguiram conversar? — Millos muda de assunto.

Essa é outra questão difícil.

— Pouco. Eu estava de cabeça quente com essa história de ela ter escondido a menina de mim, e ela, magoada por ter descoberto sobre a promissória. Quem contou?

Millos demora um tempo a responder.

— Kostas. — Rio, imaginando o motivo pelo qual perguntei. — Duda esteve na empresa, e por algum motivo ele falou da promissória.

— O único motivo que ele tem: me ferrar! — Lembro da fúria de Maria Eduarda e do assunto estranho sobre Valentina. — Como ela soube de Valentina? Que eu saiba, Kostas não tinha essa informação.

— Era sobre isso que eu queria falar com você — Millos soa frustrado. — Vai mesmo fazer isso? Depois de ter dito que ama Maria Eduarda, vai mesmo se casar com Valentina só para agradar ao *pappoús*?

49

Theo

Não entendo a pergunta de Millos. Como ele acha que eu seria capaz de me casar com alguém que não a mulher que amo?

— Não, claro que não! — respondo indignado. — Inclusive disse ao vovô minha decisão de não me casar apenas para agradá-lo.

A conversa, que acabou por antecipar minha volta ao país, volta à minha memória, e eu acabo por revisitar cada momento dela, a sensação de libertação e, ao mesmo tempo, de dor.

— Já se entendeu com a futura senhora Karamanlis? — ele me questionou há dois dias. — Estou querendo saber se poderei anunciar seu casamento em minha festa. — Ele sorriu. — Você poderia ter trazido a moça para passar pelo meu crivo e...

Não pude aguentar mais e o interrompi, mesmo sabendo que ele odiava que eu fizesse isso.

— Não vou me casar para lhe agradar e dar a você um bisneto.

— Theo, você prometeu... — Ele tossiu. — Eu estou esperando que meu primeiro bisneto venha de você.

— Eu sei, mas o senhor não tem só a mim como neto. — Dei de ombros e vi a indignação em seus olhos. — Vou ser pai quando tiver que ser pai. Não vou me casar só por isso.

— Você já tem 41 anos, pelo amor de Deus, garoto!

Ri dele e de sua pressa para que eu procriasse. Os tempos mudaram, era o que eu gostaria de dizer a ele somente para provocá-lo, mas decidi ser sincero.

— Eu conheci uma mulher. — Ele ficou sério. — Nós nos envolvemos. Eu pensei que era só uma questão de sexo, mas não.

— Theodoros...

— Eu estou apaixonado por ela e, se tiver que me casar e ter filhos com alguém, será com Maria Eduarda, caso o senhor goste ou não.

Cruzei os braços, esperando uma reação tempestuosa, exigências para saber todo o “currículo” dela e recriminações por ela não ter “pedigree” segundo seus padrões.

— Você não aprendeu nada com o que houve anos atrás, Theodoros? — sua voz fria e debochada foi uma surpresa. Ele iria jogar pesado comigo. — Não percebeu que a paixão só te fodeu, acabou com o pouco que você tinha de família e ainda o humilhou a ponto de você cheirar a peixe?

Meu avô me conhecia muito bem, sabia exatamente onde me cutucar para ferir e sangrar, só que eu já não era mais um “garoto”, sabia muito bem a diferença do que acontecera no passado e do que sentia naquele momento. O que eu sentia por Maria Eduarda não era a paixão desenfreada de um adolescente carente, era amor de um homem experiente que já aprendera com seus erros.

— Não estou pedindo sua aprovação, *pappoús*. Só lhe informando que espero, sim, cumprir a promessa de me casar e ter filhos, mas nos meus termos, e o principal deles é a mulher ser Maria Eduarda.

Pus-me de pé a fim de encerrar o assunto, mas não seria tão fácil.

— Só espero que ela não seja mais uma p...

— Cuidado, vovô! — interrompi-o novamente. — Não a ofenda. — Ri. — Ela não vem de família rica, nem tradicional, eu não posso tirar qualquer proveito de suas conexões, mas é a mulher que eu amo, e é só o que importa.

Surpreendentemente isso foi o necessário para calar qualquer argumento do todo-poderoso Geórgios Karamanlis.

— Então como você explica o anúncio do noivado do CEO da Karamanlis do Brasil ter saído em uma revista da alta sociedade? — Millos interrompe minhas lembranças e me deixa branco.

— O quê? — Levanto-me, sem entender o que está acontecendo. — Como

assim anúncio de noivado? Com Valentina?

Millos ri, percebendo que não sei de nada.

— Isso só pode ser coisa daquele velho manipulador! — exclama, mas para de rir de repente. — Viviane...

— O que tem Viviane, Millos? — Paro de andar de um lado para o outro, sentindo já o gosto amargo da decepção.

— Quando fui atrás da Maria Eduarda no hospital, juro ter visto Viviane entrando em um táxi. Não me liguei muito nisso, estava preocupado com a Tessa, mas... — Ele respira fundo. — Por que Viviane estaria lá?

Ponho a mão na cabeça, lembrando-me da insistência de minha "sócia" com relação à amiga. Sim, pode ter sido tudo uma armação!

Eu estava no jantar na mansão do *pappoús* em Atenas quando recebi o telefonema de Valentina. Surpreendentemente, ela estava na Grécia também e queria me ver. Encontrei-a no dia seguinte à ligação no saguão do hotel onde estava hospedada. Ela parecia muito feliz, abraçou-me carinhosamente e até tentou me beijar, o que eu impedi a tempo.

— O que você está fazendo aqui, Valentina? — inquiri diretamente.

— Pensei em relaxar uns dias em Santorini e soube que você estaria aqui para uma comemoração familiar, então liguei. Fiz mal?

Respirei fundo.

— Não, claro que não! Quando vai para Santorini?

Ela titubeou, respirou fundo e então sorriu sem jeito.

— Pensei em mudar a rota se você me convidasse para ficarmos juntos. — Ela se grudou em mim. — Não tivemos essa oportunidade no Brasil, aqui poderia ser...

— Não, me desculpe. — Afastei-a. — Eu já devia ter dito isso de forma direta, como gosto de ser com tudo, mas não vai acontecer nada entre nós. Eu sinto muito se dei a entender que...

— Mas Viviane me disse que você precisava de uma esposa e...

Eu ri, na verdade gargalhei, ao ouvir isso. Tudo bem, imaginei que Viviane estaria conduzindo a situação, mas não dessa maneira, não que ela praticamente oferecesse minha mão a alguém.

— Sim, eu precisava, mas não desse jeito. Sinto muito se isso levou você a crer que iríamos nos casar. — Franzi o cenho, curioso ao ver sua expressão de decepção. — Por que uma mulher como você aceitaria uma proposta dessa? Você é jovem, linda, inteligente, rica... não tem por que se submeter a isso!

Naquele momento percebi que alguma coisa estava acontecendo pelas minhas costas. Valentina ficou vermelha, afastou-se de mim como se tivesse asco, mas ao mesmo tempo parecia aliviada e sorriu. Não entendi absolutamente

nada e fiquei pasmo quando ela me encarou antes de voltar ao seu quarto no hotel e disse:

— Por amor! — Sorriu triste. — A gente faz qualquer coisa por amor.

Fiquei parado, olhando-a se afastar, tendo certeza de que havia perdido algum detalhe muito importante daquela história, talvez por eu não ter me interessado tanto por ela, por estar enlouquecido pela Duda ou somente por ser burro demais para perceber algo além do óbvio.

De qualquer maneira, o assunto Valentina estava encerrado, ou eu pensei que estivesse, até descobrir, agora, que a história de um noivado que nunca existiu está circulando por aí.

— Viviane... — rosno baixo, sentindo a raiva tomar conta de mim.

Não entendo o motivo, mas sei que há algo por trás disso tudo, do interesse dela em que eu fique com Valentina. Não pode ser dinheiro. Viviane não precisa de mim para nada na empresa, sabe muito bem que, se quiser, pode ficar com tudo, pois não apareço na sociedade por conta do impedimento no estatuto da Karamanlis.

É por isso que sempre confiei nela para tudo! Sempre foi honesta, nunca tive motivo algum para desconfiar dela, pelo contrário! Então qual é a jogada?

— Millos, preciso ir — aviso pouco antes de desligar sem ao menos ouvir seus protestos.

Essa foi uma situação muito séria, não foi uma brincadeira ou qualquer coisa do tipo. Viviane jogou com minha vida e a de Valentina, e eu não entendo o porquê.

Desço para a garagem do prédio fazendo pesquisa para ver se encontro algo sobre o falso noivado e, quando encontro – no site da própria revista de fofocas –, sinto meu sangue ferver ao reconhecer a foto e o local onde foi tirada. Valentina foi parte nisso tudo também, foi até Atenas apenas para armar isso tudo com a amiga. Por quê?

Dirijo feito um doido até o apartamento de Vivi na Vila Mariana. Estaciono o carro de qualquer jeito e aceno para o porteiro, que já me conhece de longa data, e ele autoriza minha entrada no prédio.

Toco a campainha, e Viviane abre a porta, vestida apenas com um roupão de seda, totalmente surpresa com minha presença.

— Theo! — Sorri sem jeito. — Você já voltou? Que surpre...

— Que merda é essa, Vivi? — Mostro a foto na tela do meu celular e entro no apartamento. — O que vocês pretendiam afinal? Que armação mais esdrúxula é essa?

Viviane fica branca, parada no meio da sala.

— Eu não sei do que...

— Não, por favor! Não negue. — Aproximo-me dela. — Você foi atrás da Duda no hospital, Millus te viu saindo de lá. Por quê?

— Eu.. eu... — ela gagueja — queria saber da menina.

— Como você soube que Duda tem uma filha e que Tessa estava internada lá? — Bufo quando ela começa a chorar. — Porra, Viviane, abre o jogo de vez!

Ela soluça.

— Eu só não quero perder você! — sua voz desesperada me assusta. — Não posso perder você, Theo!

— Do que você está falando? — Meu corpo inteiro treme, e não reconheço a mulher desesperada à minha frente. Viviane nunca foi assim, nunca!

— Você nunca percebeu que eu amo você? — indaga baixinho, como se fosse um segredo muito bem guardado que ela tinha medo de revelar. — Como você nunca percebeu que eu amo você?

— Nós nunca falamos sobre isso. — Sinto-me um tanto perdido com essa revelação. — Nossa relação nunca foi sobre sentimentos, Viviane, e eu sempre achei que você sabia e gostava disso.

Ela dá de ombros.

— Eu me apaixonei, mas sabia que não podia mudar as regras do seu jogo, então decidi ser sua amiga. Eu estava satisfeita com isso, com nossa amizade. Me divertia te acompanhar, seu ser braço direito, ter sua confiança, porque sei que você não confia muito nas mulheres. — Ela funga e limpa o nariz. — Mas então seu avô decidiu que queria que você tivesse um filho. Eu pensei em me disponibilizar para fazer isso com você, mas veio essa história de ser uma mulher "de berço".

Balanço a cabeça, pensando na loucura do que estou ouvindo. Nunca a enganei, nunca sequer lhe dei esperanças ou a iludi com relação ao que tínhamos quando estávamos trepando. Era só sexo, só diversão, e nos divertimos muito! Viviane sempre guardou muito bem esse "amor" que sente por mim, pois nunca percebi, pelo contrário, achava que ela era uma versão feminina minha, pois erámos muito parecidos.

— Por que Valentina? O que você pretendia, afinal?

Viviane sorri.

— Conheci Valentina em uma festa e, já no primeiro contato, soube que a menina de ouro dos "de Sá e Campos" escondia algo da família, e isso a envergonhava muito. — Vivi anda até o aparador de bebidas e se serve de uma dose de uísque. — Ser lésbica era algo que eu sabia que a afastaria da família tão tradicional que esperava que ela seguisse os caminhos do pai ou do avô.

Arregalo os olhos com a revelação, e Viviane ri.

— Homens nunca percebem essas coisas! — debocha. — Precisei de 10

minutos conversando com ela para saber que não curtia os homens que estavam nos convidando para beber com eles. Convidei-a para ir a outro lugar, trepei com ela e pronto.

— Você a usou para continuar próxima a mim? — a ideia é tão revoltante que mal consigo preferir a pergunta, tamanho asco.

— Ela é tudo o que você queria! Tem berço, é jovem, bonita, gosta de artes e é apaixonada por mim. — Bebe um longo gole antes de continuar: — Te daria o tão sonhado herdeiro daquele velho misógino que você tem por avô e me proporcionaria estar perto, ser parte da família. — Ela fecha os olhos e abre um sorriso. Um frio perpassa minha coluna. — Eu conheço você. Sei que não iria se satisfazer com ela, então...

— Você seria nossa amante — completo em total assombro, e ela assente.

— Seria tudo perfeito, mas errei ao escolher uma lésbica e não uma bi. — Dá de ombros como se isso não fosse nada, como se ela não estivesse falando de uma pessoa. — Valentina não conseguia tocar você, sentia nojo dos seus beijos, e eu tinha que compensá-la bem para que continuasse a te ver. — Ri bastante. — A idiota ficava aliviada quando você não aparecia ou desmarcava algo, e eu não entendia o que estava errado, porque você nem ao menos tentou levá-la para a cama!

— Você está doente, Viviane — digo com sinceridade, sentindo pena dela. — Não percebe que tudo isso que fez foi errado?

— Meu querido, no amor e na guerra vale tudo! Eu só não contava com essa “Duda” atrapalhando tudo. — Ela gargalha. — Meu Deus, Theo, eu nunca poderia supor que uma cozinheira de bar cheirando a bolinho iria te atrair.

Respiro fundo antes de pôr um ponto final nessa loucura toda.

— Acabou, Viviane. — Ela concorda. — Conversei com Valentina em Atenas, resolvi essa situação toda e agora, depois de saber de tudo isso...

— Sente pena de mim — seus olhos estão vidrados ao dizer isso.

— Sinto. — Sou sincero. — Acho que você deveria buscar ajuda. Isso não é amor. Quem ama não age assim.

Ela ri.

— O que você sabe sobre isso, Theodoros? — Gargalha. — Você é podre, oco por dentro, um homem que só usa as mulheres e não sente nada por elas. Busca sexo para suprir a carência da merda de vida que tem, sem afeto, sem amigos, sem ninguém!

— Não vou mais investir na sua empresa — informo-lhe, e ela ri, cínica. — A partir de hoje, já não tenho mais nenhuma ligação contigo, nem profissional, nem pessoal. Espero que você entenda isso e que, para seu bem, busque ajuda.

— Foda-se, Theodoros Karamanlis!

— Eu me fodi, pode ter certeza. — Caminho para a saída, e ela se levanta, entrando na minha frente. — Viviane, não...

— Por favor... — Chora e segura minha camisa. — Eu não sei o que vou fazer sem você! Por favor!

Afasto-a de mim.

— Adeus. Espero que você fique bem.

Alcanço a porta e a escuto gritar:

— Isso não acabou, Theo! Você não vai ser feliz sem mim, não vai!

A sua voz fica ecoando em meus ouvidos por muito tempo, acompanha-me enquanto dirijo sem rumo, ainda digerindo tudo o que ouvi, tudo o que ela foi capaz de fazer por uma obsessão. Sinto pena de Valentina, tão enganada nessa história quanto eu, usada por conta de uma situação que já lhe é difícil – a aceitação de sua sexualidade – de maneira vil e cruel.

Pelo visto, Viviane iria pôr a culpa da publicação do falso noivado na moça e iria continuar bancando a amiga desinteressada enquanto tentaria minar meu relacionamento com Maria Eduarda.

Tenho que ter cuidado com ela, principalmente quando todos souberem de Tessa. Viviane não está bem, e uma pessoa assim pode ser capaz de tudo.

Dirijo por mais algum tempo, tentando baixar toda a tensão e me livrar da energia ruim causada por meu confronto com Viviane e sigo para o hospital para ver minha menina e, quem sabe, conseguir conversar com a mãe dela. Deixo o carro no estacionamento do hospital e entro ansioso para rever Tessa, mas, ainda na recepção, paro em seco ao ver Kyra.

50

Theo

Minha irmã tem os olhos e o nariz vermelhos, sinais claros de que andou chorando. Seus cabelos negros estão presos em um rabo de cavalo, suas íris verdes não escondem o espanto ao me ver. Ela mantém o braço esquerdo dobrado para cima, como é recomendado a quem acabou de retirar sangue.

Meu coração dispara, e um sorriso de gratidão preenche meu rosto. Kyra tem motivos para ignorar meu pedido de ajuda, mas não o fez, provavelmente não por minha causa, mas por minha filha, e isso me emociona.

— Obrigado — sussurro ainda com medo de ela passar por mim fingindo que não me vê ou escuta. — Muito obrigado por vir.

— Fiz isso pela menina.

Meus olhos se enchem de lágrimas ao ouvir sua resposta. Não, não estou triste por ela ter dito que fez isso por causa de Tessa, estou emocionado por ela ter me respondido depois de mais de 20 anos de total silêncio.

— Ela lembra você — confesso. — Mesmo antes de eu ter ideia de que era

minha filha, olhava para ela e me lembrava de você.

Kyra olha para os lados. Noto que está se esforçando para não chorar.

— Sim, ela mesma notou isso. Os olhos. — Sorri e me encara. — Eu espero poder ajudar, mas agora tenho que ir. — Aponta para a saída, e eu assinto, dando um passo para o lado.

Kyra passa por mim, mas algo me incomoda. Há um bolo em minha garganta, e sinto meu estômago fritar. É como se algo gritasse dentro de mim, mas não encontrasse voz para dizer o que preciso falar para ela.

Vejo-a se afastar, então começo a me mover rapidamente, e ela, percebendo que estou indo atrás de si, para e me encara curiosa.

— Me perdoe! — peço antes de voltar a ser o covarde de sempre. — Eu sei que te causei muito danos, sei que acabei com sua infância, não imagino o que você sofreu, mas creio que não deva ter sido fácil, e você era só uma menininha...

— Theodoros, não...

— Por favor, me escuta! — Soluço, e uma lágrima cai sobre minha camisa. — Eu fui um covarde esses anos todos, achando que era melhor me manter longe, consumido pela culpa de ter destruído o mínimo de família que tínhamos. Não quero mais ser assim, não quero há muito tempo. — Kyra seca o rosto, e eu a puxo para um abraço, apertando-a contra meu corpo. — Não sei se consigo fazer com que você me veja como seu irmão de novo, mas eu morro de orgulho de você, de quem se tornou, da mulher bem-sucedida, independente e linda. Eu sinto muito por não fazer parte da sua vida! Eu quero, Kyra, mas entendo que você não possa me perdoar.

— Theo... — Ela chora copiosamente e não consegue falar.

— Eu amo você, *mikrí adelfí*[39]! Nunca deixei de amá-la, e, nesses anos todos, tudo o que eu mais sonhei foi isso! — Aperto-a mais contra mim. — Te abraçar, pedir perdão e dizer o quanto te amo!

Solto-a, e ela tampa o rosto com as mãos, seus ombros trêmulos de chorar. As pessoas passam por nós dois, parados chorando na porta do hospital, e nos olham com pena e curiosidade. Eu não trocaria esse momento por nada. Foi ensaiado há anos de maneira diferente, racional, sem lágrimas, mas aconteceu como deveria ter acontecido.

Kyra arruma sua bolsa no ombro, vira as costas e caminha em direção à calçada. Suspiro resignado, aliviado por ter pedido o perdão que há anos está preso dentro de mim, mesmo sabendo que esse pedido não apaga tudo o que a fiz sofrer.

— Theo. — Ergo os olhos e a vejo parada, um pouco mais distante de mim. — Eu perdoo você.

Kyra se vira e passa as portas de vidro do hospital, indo para longe, mas suas palavras aquecem meu coração como o abraço que acabamos de trocar.

— Caso algum teste retorne positivo, precisaremos começar a quimioterapia com urgência e...

— Quimioterapia? — Entro na sala onde estão reunidos o doutor Felipe e Maria Eduarda.

Depois do encontro com a Kyra na entrada do hospital, precisei de uns minutos para me reestabelecer, então fui ao banheiro lavar o rosto antes de subir para ver Tessa.

Cheguei ao quarto e só encontrei dona Do Carmo, que me informou que minha filha tinha acabado de dormir depois de ter se alimentado e que Duda estava em reunião com os médicos que estão cuidando do caso de Tessa para saber os próximos passos, já que as transfusões estão ficando cada vez mais perto uma da outra, e isso não é bom.

— A senhora sabe onde estão?

Ela me explicou como chegar à sala, e vim correndo até aqui, pois quero acompanhar cada passo do tratamento da minha filha. Dei leves batidas na porta, porém, ninguém respondeu, então entrei e encontrei o tal doutor Felipe com a mão em cima da mão de Maria Eduarda, explicando a ela algo sobre quimioterapia.

O médico me olha assustado assim que entro, mas não retira a mão de cima da dela. É Maria Eduarda quem retira a sua antes de respirar fundo e me cumprimentar.

— Que bom que chegou. Doutor Felipe estava explicando o que teremos de fazer caso um dos testes dos seus irmãos dê positivo.

Ela está calma, o doutor tem um sorriso simpático, mas eu ainda estou processando aquela mão grande sobre a delicada de Maria Eduarda. A vontade que tive ao entrar na sala foi, ao invés de perguntar sobre a quimioterapia, gritar para ele tirar a mão dela.

Maria Eduarda é minha!

— Senhor Karamanlis? — O médico me aponta uma das cadeiras em volta da mesa redonda, em frente a Maria Eduarda e ao seu lado direito, mas eu tomo assento ao lado dela.

— Vocês estavam falando de quimioterapia. Por que Tessa precisa de

quimio se não tem câncer? — volto ao assunto e depois olho de soslaio para Duda, que parece segurar um sorriso. Por causa da minha pergunta ou pelo olhar raivoso que dirigi ao médico quando ele a estava tocando? Será que ela percebeu que, mesmo tendo estado longe por todos esses dias, nossos corpos vibram por estarem próximos de novo? Será que ela sente, assim como eu, a mesma vontade de abraçar, beijar e me fundir a ela?

— Bom, a quimioterapia é necessária para reduzirmos ao máximo a medula com problemas para que receba as células que irão reconstruí-la. — Assinto, entendendo o que ele diz. — Como estava dizendo a Maria Eduarda, nesse período de quimio, devemos ser mais cautelosos, restringir ainda mais o contato com visitantes, adotaremos uma dieta diferenciada e temos que ficar atentos aos efeitos colaterais da medicação.

Fico preocupado e busco os olhos de Duda. Vejo a mesma preocupação espelhada neles. A medicação da quimio é bem pesada, pode causar muita náusea, diarreia, queda de cabelo, entre outros efeitos já conhecidos. Não será fácil, mesmo que por um período bem pequeno, prepará-la para o transplante.

— Caso o transplante não seja possível entre os familiares, teremos que começar a introduzir os imunossupressores combinados com outras medicações para tentar driblar as infecções que poderão ocorrer por mantermos sua defesa muito baixa. — Ele pega um folheto explicativo. — Como a AAG não é muito comum, temos apenas dois tipos de tratamento com essa medicação, mas somente um está disponível aqui no país.

— Vamos conseguir o transplante — digo confiante. — Quando teremos todos os resultados?

— No final do dia, no máximo. O pessoal do laboratório está empenhado nisso. Vocês fizeram o cadastro no banco do REDOME? Mesmo que não sejam compatíveis com Tessa, podem ser com outras pessoas, e o transplante de medula é algo bem simples de ser feito e pode curar muitas pessoas.

— Fizemos, sim — Duda é quem responde. — Obrigada pelos esclarecimentos, doutor.

Ela se põe de pé, e eu a acompanho.

— Estarei sempre à disposição. — Ele a cumprimenta e depois, a mim.

Saímos juntos, em silêncio, pelo corredor até o elevador. Mal espero as portas se fecharem e disparo:

— Eu nunca estive noivo. — Maria Eduarda balança a cabeça e não me olha. — Duda, olha para mim. — Ela o faz. — Não existe noivado algum!

— Eu vi, Theo, naquela revista, e sua amiga fez questão de vir...

— Ela armou isso! — Maria Eduarda arregala os olhos. — Eu soube do noivado agora pela manhã, Millos me contou. Viviane armou isso.

— Por quê?

O elevador para, e nós dois seguimos andando pelo corredor até o quarto de Tessa, porém, antes de entrarmos, quero deixar esse assunto bem claro para ela.

— Eu fiz uma promessa ao meu avô. Ele queria, como presente de aniversário de 90 anos, um bisneto, e, para isso, eu precisaria me casar. — Maria Eduarda parece surpresa e curiosa com a história. — Viviane estava me ajudando a escolher uma candidata a mãe do meu filho.

— O quê? — Ela ri, nervosa.

— É, eu achei que pudesse me casar em um acordo, sem grandes complicações, cada um sabendo até onde poderia ir na relação. — Abaixo a cabeça, envergonhado. — Valentina me foi apresentada como uma possibilidade. Nós saímos algumas vezes, mas nunca tivemos química suficiente para... — Fico sem jeito. — Então conheci você e não consegui pensar em qualquer outra mulher. Por mais que eu visse Valentina como uma candidata perfeita para o que meu avô queria, *eu* não a queria.

— Então ela foi para a Grécia atrás de você?

— Sim, a mando de Viviane e com o firme propósito de fabricar a notícia que você viu. — Toco-a. — Não houve noivado algum!

— Você continuou pensando em se casar com ela mesmo depois de estarmos juntos?

A pergunta que eu mais temi durante todo o tempo em que pensei em lhe contar, chegou, e eu não tenho muita escolha a não ser usar de toda a sinceridade do mundo.

— Sim, continuei. — Ela se afasta de mim. — Eu prometi ao meu avô e...

— Não podia decepcioná-lo, mesmo correndo o risco de magoar várias pessoas ao longo do caminho. Você tem noção do quanto isso é frio? Você nem mesmo me considerou, não foi? Nem mesmo pensou em um relacionamento mais profundo entre nós e...

— Até pouco tempo, não. — Tenho vontade de me dar um soco, mas preciso ser sincero. — Confesso que só pensei em me casar por causa desse pedido do *pappoús*, porque, se não fosse por isso, eu não estaria procurando ninguém. — O semblante de Maria Eduarda endurece. — Na minha cabeça, só faria sentido se me casasse com alguém que ele aprovaria e...

— Eu nunca seria aprovada, não é? — sua voz é firme, mas sinto mágoa nela. — Não sei o que seu avô queria, mas certamente não era a dona de um bar, cheirando a frituras e com uma filha a tiracolo.

— Isso já não importa. O que ele quer, se aprova ou não, já não tem nenhum sentido agora.

— Por causa de Tessa? Porque você descobriu que eu sou aquela mulher

que te enlouqueceu e atraiu a ponto de você não enxergar mais nada naquela noite? — Abro a boca para falar, mas ela me silencia com um gesto. — Você é o pai da minha filha, mas isso não muda o resto. Continuo a ser a mulher que não se enquadra no que você procura.

Ela se afasta andando sem olhar para trás, e eu percebo que talvez a tenha perdido para sempre. Foram muitas omissões, e o fato de eu não ter tomado uma decisão sobre Valentina antes mesmo que tudo isso acontecesse não ajudou em nada.

Duda não sabe o que sinto por ela. Nunca pude dizer, e talvez agora já não tenha tanta importância, ou ela pense que estou dizendo isso por causa de Tessa.

Respiro fundo e apoio a cabeça contra a parede do corredor, tentando achar uma solução para provar a ela que a amo, que me apaixonei por ela ao longo desse tempo em que ficamos juntos e nada tem a ver com meu avô, com nossa filha ou com o fato de já termos nos conhecido antes.

Meu celular vibra no bolso, e eu atendo uma ligação de Hamilton Navega.

— Oi, Hal.

— Você deve estar querendo me causar um infarto, só pode! — Ele ri. — Estive em reunião a manhã toda e nem tinha olhado meu celular pessoal até esse momento. Como assim fez um DNA e tem uma filha de oito anos?

Olho na direção do quarto onde Tessa está e me afasto, indo em direção ao elevador para resolver mais esse assunto antes de vê-la.

— O nome dela é Tessa Hill, faz oito anos agora no começo de março e está doente. — Engulo saliva com dificuldade, o temor voltando a me assolar. — Está internada à espera de um transplante, e eu gostaria de dizer a ela que sou seu pai, de colocar meu nome e sobrenome em seus documentos o mais rápido possível.

— Tão grave assim ela está, Theo?

Bufo.

— Sim. Estamos em busca de um doador, senão ela começará um tratamento severo e que... — eu não gostaria de estar admitindo isso em voz alta — pode não funcionar.

— Oh, meu Deus! Eu sinto muito, Theo. Sei bem o que você está sentindo, meu amigo.

Sim, ele sabe, pois sua esposa lutou contra o câncer de mama durante algum tempo e eles estiravam prestes a perdê-la antes que a doença entrasse em remissão.

— Eu gostaria de conversar com você. Tenho outras questões, além do reconhecimento de paternidade, e...

— Estarei livre daqui a pouco, não tenho nada marcado para o final da

tarde. Ia estudar um pouco, mas podemos nos encontrar.

— É uma boa ideia! Eu vou ficar um pouco com minha filha. As visitas estão mais restritas, mas quero pelo menos que ela me veja aqui perto dela. — Desço do elevador no piso térreo do hospital. — Assim que sair daqui, eu te mando uma mensagem, e nos encontramos.

— Está certo. Espero que tudo dê certo com sua filha.

— Vai dar. Tem que dar!

Desligo o telefone e vou em direção à cantina do hospital a fim de tomar um café, já que nem consegui almoçar, porém, antes que eu chegue lá, sou parado pela doutora Amália, uma das médicas responsáveis pelo caso de Tessa e a que tem acompanhado os exames de compatibilidade.

— Senhor Karamanlis! — ela me chama, e seu sorriso dispara meu coração.

Temos um doador!

51

Theo

A médica não para de falar, mas eu não consigo ouvir muito bem, pois meus ouvidos estão zunindo, e meu coração, saindo pela boca. Viemos até o seu consultório, onde, segundo ela, estão todos os resultados dos exames.

— É incrível a compatibilidade que achamos, é quase um milagre. Ah, como eu amo a ciência e a genética, é uma matéria quase divina! — Ela pega a pasta e estende para mim uma folha. — Olha essa perfeição!

Pego o resultado com as mãos tremendo. Ainda não sei quais dos meus irmãos será o doador, mas, neste momento, isso importa pouco. Meus olhos embaçados de lágrimas me impedem de ler o documento, e eu rio quando a doutora me estende um lencinho de papel.

— Obrigado. — Seco os olhos.

— Tessa é uma menina muito especial. Eu tenho certeza de que tudo vai dar certo agora. Ser de tipagem AB a ajudou muito, pois recebe qualquer tipo de sangue. Infelizmente, as pessoas não são conscientizadas da importância que é a

doação. São apenas 20 minutos que podem salvar muitas vidas.

Eu assinto e volto a pegar o resultado para o ler.

— A doadora é a Kyra! — exclamo com um nó na garganta.

— Sim! Vê. — Ela aponta. — Tipagem e RH iguais e compatibilidade altíssima. Ela é perfeita para a doação.

— Já informou a todos?

— Sim! Acabei de mandar mensagem para o doutor Felipe, e ele deve estar comunicando a Maria Eduarda. — Sorri. — Ela merece essa felicidade, é uma pessoa preocupada com os outros. — Assinto. — Mesmo com o problema da filha, ela fez questão de doar seu sangue para o banco. É uma raridade conseguir um doador universal, O negativo, sabe? Ela se prontificou a fazer da doação um compromisso para a vida.

A doutora continua a falar, mas minha cabeça não processa mais sua voz. Há muitos anos estudei genética, não me lembro dos pormenores, mas há algo aí nessa história que me incomoda.

— Eu entendo pouco do assunto, mas, se ela é doadora universal, por que não pôde doar a medula para a Tessa, que é receptora universal?

— Ah, para transplante isso muda. — Ela parece bem feliz em me explicar, o que demonstra que ama o que faz. — Não levamos em conta apenas a tipagem sanguínea. Como você não se lembra, vou exemplificar. — Ela pega um bloquinho a anota os tipos sanguíneos do gruo ABO. — Para transfusões, Tessa recebe sangue de qualquer um dos tipos com qualquer RH, mas ela só pode doar para A ou B, visto que seu sangue veio da junção desses dois tipos. Já a Maria Eduarda pode doar para qualquer tipo e qualquer RH, pois é doadora universal, o famoso O negativo. Para transplante, além dos fatores de tipagem e RH, nós levamos em conta outros fatores genéticos semelhantes, por isso o transplante alogênico (o que vem de outra pessoa) ideal é entre parentes, pois têm maior chance de ocorrer essas semelhanças genéticas.

Ela continua a explicar, falando de proteínas e células, mas meus olhos estão fixos no nome de minha filha com um baita AB+ ao lado e o de Maria Eduarda com sua tipagem O negativo.

Não, Theo, você não se lembra da matéria, está confundindo as coisas!

— O sangue de Tessa, a senhora disse que vem da junção de A e B? — interrompo-a.

— Sim! Como o da sua irmã, Kyra. — Ela olha as outras folhas. — Seu sangue e o de Konstantinos é A positivo e Alexios é B positivo.

Maria Eduarda é de tipagem O, então...

Olho para a doutora, prestes a perguntar a ela o que significa, então, a mãe da minha filha não ser A, nem B, muito menos AB, mas desisto da indagação,

com medo de confirmar o que estou pensando.

Devolvo a ela o resultado do exame de Kyra e agradeço a atenção.

— Nós já estamos entrando em contato com a doadora, e o doutor já vai iniciar os procedimentos para o transplante. — Ela me estende a mão. — Sua filha vai ficar bem!

Sorrio, aliviado, e mando uma mensagem para Millos assim que saio do consultório.

Kyra é compatível! Vamos salvar Tessa!

Imediatamente ele responde:

Que notícia foda! Muito feliz! Uau... Kyra!

É, eu também me senti assim quando li o resultado. A irmã que eu tanto magoei, que passou anos sem falar comigo ou me perdoar e que agora, além de ter me dado o perdão que eu tanto almejada, vai salvar minha filha.

Vou até aí para comemorarmos essa notícia!

Millos manda a mensagem seguida de várias canecas de chope. Balanço a cabeça, pois ainda teremos muitos desafios a vencer para a cura de Tessa, mas vê-lo será bom, porque preciso conversar com alguém.

Olho para o elevador e penso que estou há horas no hospital e ainda não consegui ir até minha menina. Queria estar ao lado de Maria Eduarda para comemorarmos a notícia da doação, mas não me sinto capaz de ir até ela sem questionar as coisas que acabei de ver. Preciso, antes, manter a calma, conversar com Millos e Hal e, aí sim, decidir o que fazer.

Encontre-me no bar do Villazza SP. O hospital é próximo de lá. Preciso conversar com um amigo.

Estou saindo daqui agora.

Assim que leio a mensagem dele, vou para o estacionamento. Nunca me senti tão cheio de sentimentos como agora. Tenho ainda medo pela minha filha, mas esperança de que ela se recupere; tenho vontade de ir até Maria Eduarda e dizer a ela o que sinto, mas acho que ela está com medo da minha proximidade, principalmente se o que estou pensando for verdade.

Não tem como não ser!, admito para mim mesmo. Não sei a história por trás disso tudo, mas uma coisa é certa: Duda não é mãe biológica de Tessa.

— Mas o que te faz pensar assim? — Millos questiona, com sua caneca de chope na mão. — Foi somente pela tipagem sanguínea diferente?

Nego, tomando já a segunda dose de uísque.

— Não. A tipagem veio só para confirmar algo que já estava me incomodando. — Suspiro. — Eu estava bêbado demais há nove anos, reconheço, mas ter feito ligação dela com a mulher da boate em nenhum momento foi algo estranho. Já trepei bêbado algumas vezes, talvez não tanto quanto estava daquela vez, mas, quando reencontrava a mulher com quem tinha transado, logo a reconhecia. — Millos assente. — Algo me despertaria lembranças, o beijo, o cheiro, o encaixe dos corpos, não sei, mas nada me despertou.

— Entendo. — Millos termina sua bebida e pede mais uma. — Você só assumiu que ela era a mulher da boate ao ver a foto?

— Sim, embora já tivesse informações suficientes antes. Ela me contou que esteve em Zakynthos com um grupo de amigas da época em que estudava

gastronomia em Paris, inclusive falou a época, mas não prestei atenção. Tudo se encaixou quando vi a foto.

Millos franze a testa.

— Mas era ela na foto dando de mamar para Tessa?

Theo dá de ombros.

— Estava de costas, a câmera focou a criança, parte do seio e umas mechas do cabelo colorido apareciam. — Bufo. — Mas tinha outra, e nela Duda aparecia com os cabelos pintados, bem como Tessa.

— Eu já a vi de cabelo colorido — Millos confessa, e eu arregalo os olhos. — Durante o tempo em que ia atrás dela para negociar o bar, a vi com cabelos pintados de rosa em duas ocasiões, sempre na mesma época do ano.

Contei a história do que aconteceu naquela boate para o Millos, e ele, na época, surpreendeu-se bastante. Nunca fui um homem de impulsos, era muito racional, então ter trepado com alguém sem saber o nome e no banheiro de uma boate o surpreendeu tanto quanto a mim. Porém, eu achava que a moça era francesa por causa de seu idioma perfeito, sem sotaque algum, e ele não tinha como fazer conexão entre Duda e essa tal mulher.

— Eu não sei o que fazer! — digo em desespero. — Não entendo essa história toda!

— Você tentou conversar com ela? — Millos pergunta, e eu nego. — Só Maria Eduarda pode te esclarecer tudo isso. Você ainda a quer?

Olho-o como se estivesse louco ao fazer essa pergunta.

— Ela ser ou não mãe de Tessa não muda o que sinto por ela. — Millos sorri ante minha resposta. — Eu me apaixonei pela mulher que encontrei em um bar de um restaurante, num encontro arranjado por você!

Millos levanta sua caneca de chope.

— Não esqueça isso, quero ser padrinho se ela ainda te quiser! — Gemo com a mera hipótese de ela não me querer mais, fazendo Millos rir. — Hal chegou.

Aponta para a entrada do bar, e vejo o elegante advogado adentrar o recinto.

— Ótimo local para uma reunião de trabalho. — Ele nos cumprimenta. — Alguém avisou ao carcamano que estamos aqui? Sabem como ele é quando se sente excluído pelos amigos.

— Ele e Vincenzo estão em reunião com os outros donos de estabelecimentos aqui do terraço do hotel — Millos responde.

Hal me abraça pelos ombros, sentado ao meu lado.

— Como você está?

— Melhor. Achamos um doador.

O rosto do meu amigo se ilumina.

— Ah, então estamos em uma comemoração! — Millos balança a cabeça afirmativamente, mas ele nota meu semblante preocupado. — Vai dar tudo certo agora, tenha fé!

— Eu tenho! — Aprumo meu corpo e bebo o resto do meu uísque. — Tenho uma pergunta estranha para fazer.

— Adoro perguntas estranhas! — Ele cruza os braços, assumindo sua pose de advogado competente. — Faça.

— Caso minha filha tenha sido adotada, o que significa meu reconhecimento de paternidade para essa adoção?

Hal arregala os olhos.

— Adoção legal ou “à brasileira”? — Millos xinga, e eu o olho como se estivesse falando japonês. — Houve um processo de adoção ou o homem apenas registrou a criança como se fosse o pai?

— Não. Ela não tem nome paterno na certidão. — Respiro fundo. — Eu acho que a mãe dela a adotou.

Hal faz careta, e Millos ri.

— Mas que coisa complicada! Você não sabe se a mãe de sua filha é realmente a mãe de sua filha?

Bufo.

— Hal, é uma história longa. Mas, caso ela tenha adotado a menina e eu peça o reconhecimento, corre o risco de essa adoção ser anulada?

Ele nega de pronto, e eu sinto um imenso alívio.

— Se a adoção correu dentro dos trâmites legais, não há por que ela ser anulada. O máximo que poderemos fazer é regularizar a questão da guarda compartilhada para que vocês dois possam decidir juntos os assuntos referentes à criança e discutir pensão alimentícia ou, caso tenha motivos para isso, pedir a reversão da guarda.

Sinto-me muito mais tranquilo agora para conversar com Maria Eduarda sabendo que não sou um risco para ela. Tessa não poderia ter sido criada por pessoa melhor. Eu tenho consciência de que, mesmo não sendo sua mãe biológica, Duda ama demais a minha filha.

— É, meu primo — Millos me chama a atenção. — Tem uma missão difícil pela frente. — Dá um tapinha nas minhas costas. — Convencê-la de seus sentimentos e dizer a ela que sabe sobre a menina.

— Eu entendo agora a reação dela quando vi as fotos e disse que era o homem da boate. Mesmo não tendo certeza da paternidade, teve medo de que eu lhe tirasse Tessa. — Respiro fundo e olho para Millos. — Não sei o que fazer para ela acreditar que o que sinto nada tem a ver com tudo isso.

— Ah, meu Deus! — Hal exclama e pede uma cerveja. — Você ainda está

apaixonado pela mulher?! — Balança a cabeça, rindo. — Que história! Que história!

52

Theo

Depois de ter contado tudo o que houve para Hal, continuei a beber enquanto recebia conselhos de como reconquistar Maria Eduarda. Acabei descobrindo que o advogado teve envolvimento direto na perda da minha gerente anterior, Malu Ruschel, pois ajudou que ela e o peão ficassem juntos.

Ah, o peão não era bem um peão!

Por causa desse feito e por ter praticamente apresentado Frank e sua esposa, Hal se sente sumidade em assuntos do coração. Millos, sempre muito reservado e misterioso, manteve-se calado na maioria do tempo, mas não deixei de notar que conferia as horas a todo momento, bem como mandava mensagens para alguém.

Já passava das 10h da noite quando, impossibilitado de dirigir por causa do álcool, os dois me puseram em um táxi – Hal subiria para o escritório do Frank no hotel e iria pegar carona com o carcamano, e Millos estava de moto – e me despacharam para casa.

Ainda estou dentro do carro, meio deitado, esperando chegar a minha casa, quando recebo mensagens de Maria Eduarda, falando do resultado do exame de Kyra e que minha irmã esteve lá com ela para conversar. Ela pergunta por mim, dizendo que Tessa quer me ver, e eu me sinto um lixo por não ter tido coragem de subir e participar desse momento com elas.

Aprumo meu corpo e digito uma pergunta direta:

Está no hospital?

Duda me responde de pronto:

Não, vim buscar umas coisas no apartamento. Tia Do Carmo está com ela, mas o doutor suspendeu as visitas hoje.

Fecho os olhos, não me sentindo em condições de conversar com ela, mas ansioso demais por isso. Não quero dizer que já sei a verdade, espero que ela me diga, pois a mulher por quem me apaixonei faria dessa forma.

Kyra é maravilhosa, Theo. Eu pude perceber o quanto estava emocionada por poder fazer isso pela Tessa.

Começo a chorar como um bebê dentro do carro, assustando o motorista. Não consigo parar de soluçar ao imaginar minha irmã conversando com Maria

Eduarda. A culpa pelo que fiz há anos ainda me consome, o senso de dívida que tenho para com meu avô, o motivo pelo qual achei que nunca iria encontrar alguém que me despertasse sentimentos novamente.

Estou aqui querendo sua sinceridade, quando nunca fui honesto com ela.

Posso ir até aí?

Aguardo ansioso a resposta e, quando ela vem juntamente ao endereço do apartamento, sinto o coração disparar e uma pontada de esperança surgir. Tremo dentro do carro, pois sei muito bem o que vou revelar a ela. Preciso que Maria Eduarda saiba quem eu sou de verdade, entenda os motivos que me fizeram ser como sou, conheça meus demônios e, se ainda assim me quiser, poderei me sentir o homem mais rico deste mundo.

O táxi para em frente ao prédio, eu pago a corrida e, um tanto trôpego, aperto o número do apartamento dela pelo interfone.

— É o Theo — digo assim que ela atende.

Entro na construção simples já à procura do elevador e aperto o andar onde ela está morando. Duda me espera na porta do apartamento e se surpreende com meu estado lamentável.

— Me desculpe por isso... — Encosto-me à porta. — Eu precisava vir conversar com você.

Ela assente e, sem dizer nada, afasta-se para eu entrar.

O apartamento deve ter sido alugado já mobiliado. Noto a sala completa, dois ambientes, mas sem nenhuma lembrança pessoal dela.

— O que houve? Por que você está assim?

Respiro fundo.

— Porque eu sou um merda, Maria Eduarda. — Ela arregala os olhos. — Porque estive esses anos todos pagando pelos meus pecados, afetando a vida dos outros ao meu redor e, hoje, com a notícia de que Kyra é compatível e que, mesmo eu a tendo feito sofrer durante anos, vai doar para Tessa, percebi o quanto sou um lixo.

— Theo, não estou entendendo nada! — Ela se aproxima de mim. — Kyra esteve comigo hoje, estava feliz e emocionada. É óbvio que ela te ama e...

— Eu fodi a vida dela, Duda! — falo mais alto do que gostaria, e isso a assusta. — Hoje ela falou comigo pela primeira vez depois de mais de vinte anos

de silêncio. — Duda arregala os olhos. — 24 anos para ser exato. — Engulo com dificuldade, sentindo meus olhos queimarem, a emoção transbordar. — Todos me odeiam e têm motivos para isso.

— Não, Theo, ela não...

— Eu fui criado pelo meu avô — começo antes que perca a coragem, e ela percebe que é importante. — Enquanto meu pai mudava de mulher de tempos em tempos, sempre abandonando seus filhos sem olhar para trás, eu crescia sendo educado por meu avô. — Duda se senta, e eu começo a andar pela sala. — Minha mãe era uma moça pobre, mas muito bonita e, quando teve a oportunidade de melhorar de vida e ser independente, não pensou duas vezes: aceitou o dinheiro de *pappoús* e foi morar na Itália, onde seguiu, por alguns anos, a carreira de modelo.

Lembranças de quando era menino e acompanhava escondido a carreira da mulher que me gerou voltam com tudo, quase me transportando de volta aos momentos e às emoções que eu sentia naquela época. Eu nutri a mesma pergunta por muitos anos: por que ela não me quis? Cresci sonhando em encontrá-la um dia e poder descobrir essa resposta, mas, infelizmente, não tive tempo, pois ela morreu em um acidente de carro quando eu tinha 12 anos de idade.

Deixo de lado a dor do menino que fui, a frustração do adolescente que queria conhecer a mãe e volto a lhe contar a minha história.

— Meu pai, mesmo recém-casado com ela, nunca deixou suas namoradas. — Rio sarcasticamente. — Era assim que ele se referia às amantes: namoradas. Foi de namorada em namorada, em períodos intercalados com esposas, que se formou a nossa família. Kostas, de um casamento relâmpago com uma inglesa, Alex, de uma garota de programa com quem ele teve um caso, e Kyra... — respiro fundo — de uma jovem estagiária da Karamanlis, a única mulher que conseguiu virar a cabeça dele a ponto de renunciar a todas as outras.

A imagem da exuberante Sabrina aparece vívida na minha memória. Ela se casou com Nikkós com apenas 19 anos, adotou Alex e logo engravidou da Kyra. De longe eu acompanhei a formação dessa família e me senti feliz por meus irmãos caçulas.

— Quando Kostas fez 12 anos, seu avô o enviou para morar com o pai, e eu vim junto com ele, de férias, pois em breve iria para os Estados Unidos estudar. — Paro de andar um pouco, já tonto por causa da bebida e de toda a emoção. Há anos não falo sobre isso, não ressuscito essas lembranças, mas sei que é necessário fazer isso. — Conhecia a todos por fotos, falava pouco o português e me encantei com meus irmãos. Eles eram tão felizes, tão diferentes de mim e do taciturno Kostas. Alex me via como um herói, seu irmão mais velho, tinha orgulho disso, e Kyra... — Tampo o rosto com as mãos e choro. Sinto a mão de

Maria Eduarda no meu ombro e a abraço forte. — Kyra era como a Tessa é hoje, sabe? Cheia de energia, iluminada, carinhosa, uma criança feliz.

— Theo, você não precisa fazer isso. — Encaro-a. — Não precisa remexer essas lembranças tão doloridas.

— Preciso. — Tomo coragem de me expor completamente para ela. — Eu vim aqui para dizer que eu amo você. — Duda fica imóvel, olhos arregalados e respiração suspensa. — Você disse que me amava uma vez, mas não conhecia o homem que eu sou. Eu não quero mais mentiras e omissões entre nós, por isso estou contando tudo. Se você ainda puder me amar depois de conhecer o verdadeiro Theodoros, nada mais ficará entre nós.

Ela assente, seca o rosto com as mãos – percebo que está tão emocionada quanto eu – e volta a se sentar.

— Meu pai trabalhava demais na época. Ele nunca ligou para os filhos, embora fosse muito mais presente com Alex e Kyra do que tentou ser comigo e com Kostas. Naquelas férias, nós ficávamos mais com nossa madrasta do que com ele. — A percepção do que aconteceu é visível no rosto de Duda. — É, eu não sabia quase nada da vida. Minha criação foi muito rígida, só estudava e estagiava na empresa, não tinha amigos ou mesmo namoradas, então me apaixonar pela mulher do meu pai não foi muita novidade.

Duda fecha os olhos, e eu sinto o choque da revelação.

Ainda me lembro de como eu ficava perto dela, extasiado, principalmente quando estávamos na piscina e a via de biquíni. Sabrina tinha 25 anos na época, e eu tinha completado 17, mas já era alto e, como sempre fiz muitos esportes, corpulento. Não me lembro de ter percebido minha libido antes dela. Nunca fui um adolescente punheteiro, mas acordava ereto todos os dias na casa do meu pai. Sonhava com ela, compunha e tocava músicas em sua homenagem.

Tudo, claro, era muito platônico, afinal, ela era a mulher do meu pai.

— Eu nunca teria dito nada, feito nada ou mesmo insinuado qualquer coisa que pudesse desrespeitá-la, mas ela já havia percebido e não só isso, gostava e alimentava minha adoração. — Duda balança a cabeça e seca novas lágrimas. — Isso começou a mudar quando, alegando “amor materno”, começou a me tocar, acariciando meus cabelos, elogiando meus olhos azuis, ressaltando que eu tinha um belo porte e que, mesmo com pouca idade, que era um homem grande.

Sofro ao me lembrar de como enlouquecia a cada dia, descontando toda a energia da frustração sexual debaixo do chuveiro, gozando com a imagem dela na mente. Durante aquele ano, lembro-me que o país estava em êxtase por ter conquistado o tetracampeonato mundial de futebol. Tudo à minha volta tinha as cores da bandeira do país, ou a imagem do ídolo de Fórmula 1 que tinha perdido a vida naquele ano e de quem eu gostava muito.

Lembro-me de estar usando uma camisa com a foto do famoso carro da McLaren quando ela me chamou em sua suíte. Era madrugada, eu tinha ido à cozinha para pegar água, as crianças estavam todas dormindo, e papai, como sempre, ainda não tinha chegado.

Fui até lá completamente tenso e, quando a vi com uma camisola transparente em cima da cama, soube que ali seria meu fim. Tentei lembrar quem eu era, o que tinha aprendido em casa sobre respeito, certo e errado, mas simplesmente não pude resistir. Ela tocou meu corpo como eu mesmo nem sabia que podia ser feito e me fez tocá-la como eu tinha feito apenas em meus sonhos.

A partir daquele dia, minha primeira transa, eu passei a buscar toda e qualquer oportunidade de estar dentro de Sabrina. As crianças iam para o playground, e eu ficava aprendendo com ela como chupar uma mulher. Meu pai programava uma ida ao cinema, ela e eu inventávamos uma desculpa e saíamos de carro juntos, trepando em motéis baratos da cidade.

No dia em que precisei voltar para casa, em Atenas, chorei como um bebê de colo, e todos se espantaram em como eu tinha, em tão pouco tempo, me apegado “ao meu pai”.

— Minha primeira experiência sexual e, como acreditava na época, meu primeiro amor, era a minha madrasta.

— Theo, você era um menino! — Duda tenta justificar.

Nego.

— Não terminou ali. Não foi somente naquelas férias. — Duda suspira. — Um ano depois, antes de eu começar o *college* nos Estados Unidos, quis novamente passar férias com meus irmãos. Alex, Kostas e Kyra ficaram felizes em me ver, mas eu só queria estar próximo de Sabrina. Mal cheguei ao país e já estava em alguma espelunca fodendo minha madrasta.

Continuo a contar a história para ela, excluindo alguns detalhes sórdidos desnecessários, mas que não posso deixar de revisitar neste momento.

As férias foram intensas, só que, daquela vez, a qualquer contato que Nikkós tinha com ela, eu enlouquecia de ciúmes. Pensava que a amava e não suportava dividi-la com mais ninguém.

Ele não me toca mais como mulher, ela alegava quando eu questionava seus sentimentos por meu pai. *Estamos juntos apenas por causa das crianças. Ah, Theo, eu queria muito poder ficar só com você, mas não posso abandonar seus irmãos, eles precisam de mim.*

Aquele argumento quebrava meu coração, e eu me obrigava a engolir o amor que sentia e a entender que eles precisavam mais dela do que qualquer coisa.

Nos Estados Unidos, fiquei uns meses tranquilo, estudava, confraternizava

com meus amigos de classe e cheguei até a sair com algumas garotas, ampliando minha experiência e tirando um pouco da “magia” de Sabrina de sobre mim. Até que ela me ligou, em desespero, pedindo para que eu fosse ao Brasil.

Eu estava no meio das provas, tinha entrado para o time de polo da universidade e estava começando a engatar um namoro na esperança de esquecer toda aquela história sórdida com a esposa do meu pai; não tinha como ir.

Foi então que ela revelou que estava grávida e que, como não transava mais com meu pai, o filho era meu. Eu senti o chão sumir com aquela revelação! Fiquei uns instantes mudo, sem saber como agir ou o que pensar, olhando fixamente para um ponto qualquer dentro do meu quarto, vendo, um a um, todos os sonhos e planos que meu avô traçara para mim ruírem.

Eu havia decepcionado minha família!

É seu filho, Theo! Ela soluçava. *Será que você se importa tão pouco com isso? Será que puxou ao seu pai?*

Aquelas duas perguntas dispararam lembranças e mágoas em mim de uma maneira que meu corpo inteiro sacudiu. Eu não podia agir como meu pai fizera comigo e com meus irmãos, não faria isso! A decisão estava tomada.

Vim para o Brasil, enfrentei a fúria de Nikolaous Karamanlis, vi a confusão e o horror nos olhos dos meus irmãos menores e levei Sabrina comigo para Atenas.

— Vocês tiveram um filho? — Duda me pergunta, interrompendo minhas lembranças, com a voz trêmula.

— Não. Pensamos que meu avô iria nos amparar na Grécia, mas estávamos enganados. Tive que recorrer à família de minha mãe, pessoas que eu não via há anos e que me deram apoio e emprego.

— Você estava disposto a deixar tudo para assumir a criança — Duda afirma, e eu concordo.

— Eu me sentia culpado, mas acreditava que estávamos apaixonados e que, com o nascimento do bebê, as coisas começariam a entrar nos eixos. — Rio em desespero. — Eu não conseguia enxergar nada, era um completo idiota.

— Não! — Duda segura minhas mãos e me puxa para me sentar junto a ela no sofá. — Eu repito: você era um menino! Mesmo com 18 anos, não sabia nada da vida! Foi errado o que fez, mas não pode carregar isso para sempre!

Nego, pois eu sabia o que estava fazendo, sim! Trabalhei de sol a sol, vendi pescado nas ruas e mercados de Atenas, tudo para provar que eu conseguia suprir e ser um pai melhor do que o meu tinha sido.

Claro que viver daquela forma não estava nos planos de Sabrina e, um belo dia, cheguei à casa onde estávamos hospedados com minha tia e soube que ela tinha fugido com um homem que estava com o iate atracado ali por perto.

Quando quis ir atrás dela, preocupado com meu filho, minha tia revelou que, dias antes, Sabrina teve um aborto depois de tomar um medicamento e pediu a ela que não me contasse, e ela decidiu não interferir, porque sentia que a relação não ia durar muito.

Eu fiquei quebrado depois disso, comecei a beber, deixei de trabalhar, e, quando *pappoús* me encontrou jogado na rua feito um maltrapilho, levou-me de volta para casa, arrumou minhas malas e me despachou de volta para os Estados Unidos.

— Os primeiros anos em Boston foram difíceis, principalmente porque as notícias do Brasil, dos meus irmãos, não eram boas. Eu havia destruído a vida de todos, deixando-os nas mãos de um homem louco, transtornado e que fez da infância de cada um deles um inferno.

— Theo, eu sinto muito que isso tenha acontecido com você, de verdade. — Ela limpa meu rosto, e eu seguro sua mão e a levo até meus lábios. — Você não é mais aquele garoto; eles não são mais crianças.

— Mas nunca puderam me perdoar.

— Não foi culpa sua, seu pai já não era um homem equilibrado — ela pondera, mas isso não tira de mim a sensação de que despertei o monstro dentro dele. — Kyra te perdoou, eu tenho certeza.

Assinto com um sorriso.

— Ela o fez. Eu não sei o que fiz para receber o perdão dela, muito menos para ter você e Tessa na minha vida, e é por isso que não posso perder vocês. Eu não mereço, mas não posso perder vocês.

Duda me olha sem saber o que responder, e eu sinto o corpo inteiro gelar. Ela olha para o alto, e eu posso sentir sua preocupação de onde estou. Minha cabeça dói, não dormi na noite passada e sinto os efeitos da bebida e da confissão que acabei de lhe fazer.

— Eu amo você, Maria Eduarda. — Ela me encara. — Não quero mais nenhum segredo do passado entre nós. Fui sincero com você, mesmo correndo o risco de te perder para sempre. — Encosto-me ao sofá, não consigo segurar um bocejo e fecho os olhos, falando lentamente: — Eu só espero que você possa confiar em mim.

53

Eu só espero que você possa confiar em mim!

As palavras que Theo disse antes de dormir ficaram reverberando em minha cabeça a noite inteira enquanto eu o observava dormir e andava de um lado para o outro dentro do apartamento que aluguei.

Eu só espero que você possa confiar em mim!

Ele me pediu confiança, abriu-se comigo, e eu pude entender muito do seu jeito fechado com relação à sua família, ao seu passado. O que ele passou não foi fácil, a culpa que carregou, e ainda carrega, deve consumi-lo ao extremo. Fiquei feliz ao saber que Kyra o perdoou e sei que foi um perdão verdadeiro, pois senti afeto toda vez que ela tocou no nome do irmão enquanto esteve comigo e com minha filha no hospital.

Tessa.

Minha filha é o centro do meu mundo desde o primeiro instante. Apaixonei-me por ela na primeira ultrassonografia em que pude ver sua silhueta, o nariz

arrebitadinho, as pernas longas e inquietas e a mãozinha sobre o rosto, como se estivesse envergonhada.

Eu faria qualquer coisa por ela, para protegê-la e vê-la feliz.

Ainda não lhe contei que Theo é seu pai e tenho certeza de que, o que foi um choque para mim, vai ser recebido com sorrisos e festa. Ela é totalmente apaixonada por ele e sentirá como se seu maior sonho tivesse se tornado real.

Hoje, pela primeira vez desde que descobri que Theo era o homem da boate, agradeci ao destino por ter nos reunido novamente. Se não tivéssemos nos encontrado, Tessa não teria um doador familiar, e a chance de eu perder minha menina seria palpável. Nós nos encontramos para que pudéssemos salvar sua vida.

E o amor? E o que sinto por ele, e ele por mim?

Eu só espero que você possa confiar em mim!

Eu amo Theo e devo a verdade a ele, mesmo correndo o risco de ele não querer mais nada comigo quando souber, afinal, eu não sou a mulher que ele escolheu naquela noite.

Eu quis ser, fui a primeira a vê-lo entrar, ao lado do amigo, sorrindo, com um copo de uísque na mão e olhando em volta como se procurasse algo. Nunca tinha sido atirada e já havia saído com Jean-Pierre duas vezes, então não fiz sinal algum de que ele me interessara, mesmo tendo interessado.

Eu lembro quando nossos olhares se cruzaram e como o brilho azul me encantou. Ele era perfeito, ainda que eu achasse que estava exagerando um pouco por causa do álcool. Comentei com minha amiga, Thereza, sobre os homens parados no meio da pista nos olhando, e ela, adepta da máxima "viva como se fosse o último dia", começou a dançar e a fazer gestos para eles.

Theo se aproximou e foi diretamente atraído para ela, enquanto o outro, italiano, conversa com o resto do grupo. Eu assisti, com inveja, admito, ao deslumbre do homem por minha amiga, a forma como ela o conduzia para onde queria, os sorrisos de puro poder que me dava por ter um homem daquele aos seus pés.

Ela amava sentir isso! Sexo, para ela, nada mais era do que um combustível para sua autoestima, mais nada. Não importava se o homem era bonito, feio, rico ou sem um euro no bolso, se a fizesse se sentir poderosa, ela ia para a cama. Ela amava quando eles se arrastavam aos seus pés, sofriam, choravam, imploravam por ela. Era aí que perdia o interesse. Gostava do desafio, da conquista, mas, quando a coisa parecia fácil demais, simplesmente dispensava a relação sem nem considerar os sentimentos de ninguém. Gostava de iludir no percurso. Lembro-me das cartas de amor que me pedia para escrever, dos doces que fazia para presentear algum affair que era mais resistente a se render a ela. Entretanto,

como todo o resto, assim que ela os fazia se apaixonarem, ficava entediada e se desinteressava.

Deixo os pensamentos e lembranças de lado quando Theo se remexe no sofá e abre os olhos assustado, mas se acalma quando me vê sentada na poltrona de frente para ele.

— Pensei que tivesse sido um sonho — diz sem jeito, sentando-se.

Vou até a cozinha, pego uma xícara de café que acabei de passar e a entrego a ele.

— Quer aspirinas?

— Não, foi mais cansaço do que bebedeira o que me derrubou ontem. — Sorri. —Tem notícias do hospital?

— Sim, Manola chegou lá agora. Tessa está bem, acordou, comeu, e o doutor já marcou a primeira sessão de quimio para hoje à tarde. Tia Do Carmo disse que ela dormiu a noite toda. — Sorrio. — Acho que está mais calma depois que soube que Kyra irá fazer a doação.

— Sim, graças a Deus. — Ele bebe um gole do café. — Me desculpe por ter desmaiado no seu sofá.

Não digo nada, apenas respiro fundo, esperando que ele termine de beber, tomando coragem para mostrar que confio nele e lhe contar toda a verdade sobre mim.

— Eu não sou a mãe biológica de Tessa — digo num só fôlego, sentindo minhas mãos trêmulas. — A mulher com quem você dançou e transou naquela boate não sou eu.

Espero ver em seu rosto a decepção de saber dessa verdade, mas não, Theo apenas assente, coloca a xícara vazia sobre a mesinha de centro da sala e me olha.

— Eu sei. — Isso me surpreende. — Nunca consegui ver você como se fosse ela. — Sorri. — Nem mesmo quando vi as fotos e o cabelo rosa conseguia me convencer de que vocês eram a mesma pessoa.

— Por quê? Por que não sou tão esfuziante como ela? — Ele parece não entender a pergunta. — Eu lembro como você ficou encantado, vidrado, não percebia mais ninguém. Eu estava lá naquele dia. — Isso, sim, o surpreende. — Fui eu quem a chamou para ir embora.

Nesse momento Theo parece se recordar de mim.

— Eu estava bêbado demais, e ela me atraiu, sim, não vou negar isso. — ouvir isso me faz sentir uma pontada no coração, mesmo sendo totalmente ridículo sentir ciúmes depois de tanto tempo. Theo se senta na beirada do sofá para ficar mais próximo de onde estou. — O que senti lá na Grécia há anos foi tesão misturado à bebida e ao clima da boate, à dança, tudo isso contribuiu para

aquela loucura toda, mas, creia-me, não se compara ao que senti desde que te conheci.

— Theo... — tento continuar falando, mas ele não deixa:

— Eu sinto por você a loucura, o desejo, a atração, mas não é só isso. Eu conheci você, Duda, admirei a mulher com quem estava, aprendi a amar você de verdade. Nenhuma fantasia, nenhuma loucura de fim de noite se comparam a isso, e eu espero que você acredite. — Assinto em meio às lágrimas, ouvindo sinceridade em suas palavras. — Eu não sei por que você está criando minha filha ou onde se encontra a mãe biológica dela, mas agradeço por Tessa ter você.

— O nome dela era Thereza, e ficou apavorada quando descobriu que estava grávida. Demorou a descobrir, por isso não pôde abortar. — Choro ao me lembrar de como ela ficou transtornada com isso. — Eu prometi ajudá-la com o bebê, pois ela dizia que não fazia ideia de quem era o pai.

Foi o momento mais difícil da nossa amizade já tão complicada. Não era fácil viver com Thereza, mas eu era grata por ela ter me acolhido em seu apartamento e ter se tornado minha amiga logo que cheguei a Paris. Ela me entendia porque era brasileira também, embora tenha se mudado para Paris muito pequena, quando foi adotada por um casal francês que vivera no Brasil e depois retornara ao seu país de origem levando-a com ele.

Tinha boas condições financeiras, pois seus pais haviam sido executivos de uma empresa de veículos multinacional e lhe deixado, quando morreram em um lapso de tempo de apenas um ano entre um e outro, investimentos rentáveis que permitiram que ela entrasse e saísse de vários cursos até se encontrar na gastronomia.

Mesmo grávida, Thereza não deixou de se divertir, saía todas as noites, enquanto eu trabalhava no L'Amande e dormia durante o dia. Ela fumava, bebia e transava como se não estivesse carregando outro ser dentro de si. Tessa demorou a nascer, duas semanas além do normal, e os médicos tiveram que fazer uma cesariana para retirar a criança, o que a deixou profundamente depressiva, pois marcou seu corpo para sempre.

Eu era apaixonada pela bebê, cuidava dela como se fosse minha desde então e, quando Thereza se recusou a dar de mamar – Tessa tinha três meses – passei a me incumbir, junto com a babá, da tarefa de alimentá-la, o que criou um vínculo ainda maior entre nós duas.

No quinto mês de nascida de Tessa, Thereza se cansou da vida de mãe e me avisou que iria viajar por um tempo, mas que continuaria a arcar com a babá e com o apartamento. Ela só voltou a aparecer quando Tessa tinha pouco mais de um ano. Estava magra, abatida, sem um dente e completamente nervosa.

Reconheci os sinais assim que a vi e chorei a noite toda por ver mais uma

pessoa que eu amava se afundando nas drogas. Tentei conversar, Jean-Pierre e Thierry tentaram convencê-la a se tratar, mas ela não reconhecia o que estava acontecendo a si mesma.

Olho para Theo, machucada por todas essas lembranças e continuo:

— Thereza foi achada morta no lixo de uma casa noturna. — Theo fecha os olhos, e eu vejo o espanto em seu semblante. — Além da dor de tê-la perdido, enfrentei o medo de ter de abrir mão de Tessa, afinal, não era minha filha e tinha acabado de ficar órfã. Então descobrimos que ela deixou registrado um documento dizendo que, se algo lhe acontecesse, Tessa ficaria comigo, pois vivíamos juntas. — Sorrio ao me lembrar disso, da sagacidade dela naquele momento. — Além do documento, havia uma carta, e nela Thereza me pedia para não me casar... — Theodoros franze o cenho. — Eu estava noiva de Jean-Pierre, um *chef pâtisserie* dono de uma padaria muito famosa na cidade.

— Por que ela escreveu isso?

— Porque, segundo ela, além de ele comer quase todas as funcionárias, eles tiveram um caso, e Tessa poderia ser filha dele.

Theodoros xinga e cerra os punhos como se pudesse bater no francês.

— Ele negou, claro, pelo menos por um tempo. — Respiro fundo e dou um sorriso triste. — Quando eu disse que estava disposta a perdoar o que quer que ele tivesse feito, mas que gostaria de que ele e eu adotássemos Tessa, Jean-Pierre simplesmente desapareceu. Vendeu a padaria e se estabeleceu na Suíça.

Theo fica um tempo mudo, olhando para o chão do apartamento, cabisbaixo.

— Foi por isso que voltou ao Brasil? — Encara-me. — Abriu mão de seus sonhos para criar Tessa?

Assinto, chorando, não por tristeza ou arrependimento, mas por sentir novamente o desespero por pensar que não conseguiria mantê-la. Eu ganhava pouco, mal pagava um aluguel, quanto mais uma babá para ficar com ela durante as 14 horas nas quais eu trabalhava.

Tive ajuda enquanto o processo de adoção não estava finalizado, mas foi tão extenuante que eu não me imaginava vivendo assim, sem poder acompanhar o crescimento dela, cansada demais para curtir e me alegrar com suas primeiras palavras. Não dava!

Liguei para casa, aqui no Brasil, contei a história ao papai, e ele me disse para voltar e nos recebeu de braços abertos.

— Ela é minha filha, Theo. Posso não a ter gerado, mas é minha, e eu faria qualquer coisa por ela. — Ele se levanta, ajoelha-se aos meus pés, segura minhas mãos e as beija. — Não a tire de mim! — peço aos prantos. — Mesmo que você não me queira mais, não a tire de mim!

— Eu amo você, Duda. Amo ainda mais depois de ouvir tudo isso, de saber que seu amor por nossa filha foi capaz disso tudo!

Abro um sorriso e sinto o coração disparado pelas palavras dele.

— Nossa filha?

— Sim, nossa filha! — Ele sorri. — Eu sou o pai dela, embora ainda precise aprender muito sobre paternidade, e você é a mãe independentemente se a concebemos juntos ou não. Você é a mãe, e Tessa tem muita sorte por isso!

Ele me puxa para um abraço, mas, antes, olhando dentro dos mesmos olhos azuis que chamaram minha atenção anos atrás, confesso:

— Amo você, Theo.

Ele me beija suavemente. Sinto o gosto salgado das nossas lágrimas se misturando ao doce beijo que trocamos. Suas mãos são carinhosas, deslizam pelos meus cabelos, tocam meu corpo com reverência saudosa de quem não o faz há semanas.

Mesmo em meio à emoção que passamos ontem e hoje, às lágrimas, o desejo nos alcança, nossos corpos despertam, e o sinto tremer de excitação.

— Eu sei que não é um momento para... — começa, mas coloco a mão sobre sua boca.

— Meu quarto é a terceira porta à esquerda do corredor.

Theo não diz mais nada, levanta-se rapidamente e me pega no colo, levando-me até o quarto onde ainda não dormi e me deita na cama devagar, erguendo o vestido que uso lentamente, deixando-o embolado na cintura.

— Eu sou louco pela sua pele. — Arrasta a ponta dos dedos pelas minhas coxas. — Por suas curvas, seu cheiro... — Abaixa-se e começa a aspirar meu perfume no pescoço. — Você é minha, Maria Eduarda.

— E você é meu, Theodoros.

Ele sorri.

— Eu sou! Só seu...

Beijamo-nos com toda a intensidade do momento, nossas línguas se tocando, corpos roçando um contra o outro, corações disparados e pele ardendo de desejo. Suas mãos puxam minha calcinha para baixo, ele geme contra minha boca, e, quando me toca intimamente, contorciono-me de prazer.

Seus dedos habilidosos estimulam meu sexo, brincam com minha lubrificação, exploram minha carne com conhecimento e perícia, deixando-me louca de tesão. Theo separa sua boca da minha e desce deslizando seus lábios sobre meu abdômen desnudo, parando exatamente entre minhas coxas.

— Theo... — gemo seu nome quando sua língua continua a estimulação antes realizada por seus dedos. Adoro o jeito como ele me lambe, a fome com que me suga até que eu goze em sua boca e mate minha sede de prazer.

Seguro-o pelos cabelos, forço-o a me penetrar com a língua o máximo que consegue e depois grito quando ele volta a açoitar meu clitóris. Ele não para, não cansa, chupa, lambe, mastiga até que eu sinta o corpo inteiro retesar e o orgasmo me tire o fôlego.

Ainda estou me recuperando das sensações quando ele, depois de ter arrancado a roupa, invade meu corpo, já muito molhado e quente, de uma só vez e se encaixa em mim perfeitamente.

Abraço seus quadris com minhas pernas e o acompanho em cada movimento, olhos nos olhos, boca resvalando uma na outra, mesmo sem beijar e todas as sensações maravilhosas que só ele me faz sentir, tomando conta de mim.

— Eu amo você... — diz quando estoca mais forte. — É uma delícia poder te amar assim... — Mais um estocada. — *S'agapo*[40]!

Beijo-o, e ele aumenta a velocidade, grudado em mim de um jeito em que nunca o fez antes. É palpável o amor que temos um pelo outro e como ele deixa o sexo ainda mais gostoso e sensível. Ouço sua declaração em cada movimento que seu corpo faz dentro do meu. Mesmo que ele esteja apenas gemendo de prazer, eu o escuto dizer que me ama.

Theo gira na cama, e eu fico sobre ele. Retiro o vestido e sinto imediatamente suas mãos sobre meus seios enquanto o cavalgo. Planto meus pés sobre a colchão e me inclino para trás a fim de ter maior mobilidade, imprimindo um ritmo mais acelerado, potencializando as sensações de prazer.

— Eu vou gozar, Theo! — aviso assim que os primeiros espasmos atingem meus músculos. — Goza comigo!

Mal acabo de falar, e ele se senta, segurando-me contra si enquanto gemo em desespero, o prazer intenso descontrolando meu corpo, e ele me acompanha, seus gemidos ecoando pelo quarto enquanto fala meu nome e repete que me ama.

54

Duda

Uma vez, ainda quando eu era criança, ouvi num comercial de TV que ser mãe é padecer no paraíso. Nunca tinha entendido essa frase, e hoje, analisando-a corretamente, discordo. Ser mãe não é padecer, ser mãe é desfrutar do maior dom existente no mundo: o dom da vida!

Como vocês sabem, Tessa não nasceu de mim, pelo menos, não do meu ventre, mas eu digo que a gerei, sim, dentro do coração desde o momento em que soube que minha amiga estava grávida. Ela nasceu do meu coração duas vezes: a primeira, no dia do seu nascimento propriamente dito; e a segunda, no dia em que recebeu o transplante de medula.

Não é à toa esse dia ser considerado pelos médicos como o dia zero. É a nova chance, é a esperança concreta de continuar vivendo, de restauração da saúde e vida normal.

Fevereiro foi um mês difícil com a doença dela e a falta de um diagnóstico preciso, a viagem de Theo e tudo o que descobri sobre a promissória, a promessa

dele ao avô e a *fake new* de seu noivado com Valentina. Não foi realmente um mês fácil, mas as coisas começaram a mudar no final dele. A começar, claro, pela notícia de que Kyra era compatível e iria doar para a sobrinha; em seguida, com minha reconciliação com Theo, sem mais carregar segredos do passado; e então, com o começo da preparação para que Tessa recebesse o transplante.

Suspiro ao me lembrar da madrugada em que contei ao Theo que não era a mulher da boate, mesmo temendo que isso fosse decepcionante para ele e que o afastasse de mim. Foi bom descobrir que o que temos é muito maior do que qualquer segredo entre nós. O sexo foi maravilhoso, mas a conversa enquanto nos arrumávamos para ir ao hospital foi linda.

— Eu não entendi até agora o motivo pelo qual você pinta seus cabelos de rosa todo ano — ele comentou enquanto secava minhas madeixas castanhas com uma toalha felpuda.

Sorri e dei de ombros.

— No aniversário de Thereza. — Ele parou de passar a toalha pelos meus cabelos e me olhou estarrecido. — Tessa sabe que é minha filha adotiva, do coração, mas não conhece a história da mãe totalmente. Eu não queria que minha menina se sentisse rejeitada, então, o que ela sabe é que a mãe morreu e a deixou sob meus cuidados porque sabia que eu a amava como filha e que cuidaria bem dela.

— O cabelo pintado, então, é um tipo de homenagem? — Assenti. — Você é incrível, Duda!

— Não, eu só amo Tessa demais e não tenho motivo para fazê-la sofrer com uma história que ficou para trás e só a faria infeliz. Eu optei por contar que não era sua mãe biológica porque ela tinha o direito de saber disso, então, quando ficou maiorzinha e viu fotos da Thereza com seus cabelos pink, quis fazer nos dela, e eu embarquei na homenagem.

— Eu amo você ainda mais por isso! — Ele me beijou.

Chegamos ao hospital de mãos dadas naquele dia. Nem preciso dizer que, além de olhares enviesados de Manola, minha tia resolveu conversar em particular com ele e, como minha única parente viva, deixou umas coisas bem claras para ele. E não, eu não sei o teor da conversa, pois nem ela, nem Theo me contaram.

Tessa fez a primeira sessão de quimo, e nós ficamos o tempo todo a observando depois, torcendo para que não tivesse efeitos colaterais e prontos para a assistir no que fosse necessário caso tivesse.

Sofremos um bocado com a febre e as náuseas durante o tratamento, até que o doutor Felipe marcasse o dia do transplante. Theo acompanhou Kyra durante todo o procedimento, que foi simples, mas delicado, pois foi feita uma pulsão e

aspirada a medula de dentro do osso da bacia.

Kyra ficou sob observação durante um tempo, e Tessa recebeu, igual a uma transfusão sanguínea, as células que formariam sua medula nova e sadia. Após o transplante, para evitar rejeição, Tessa começou a tomar os imunossupressores, e nós ficamos aguardando os resultados sobre a restauração da medula.

Durante o tratamento antirrejeição, ela ficou muito suscetível a doenças, por isso apenas Theo e eu entrávamos no quarto dela, e o cuidado dele com a filha me fez amá-lo ainda mais.

— Lembra da música que cantou pra mim antes de viajar? — Tessa perguntou a ele. — Eu acho que é uma boa canção de ninar.

Ele sorriu e perguntou se ela queria que ele cantasse para ela novamente, e, claro, era tudo o que ela estava esperando.

Fiquei parada no quarto o ouvindo cantar baixinho, acariciando seus cabelos e beijando, mesmo ainda usando a máscara, sua testa. Quando terminou a canção, Tessa já dormia tranquila segurando o primeiro bichinho de pelúcia que lhe dei. Vi Theo limpar as lágrimas dos olhos, fechá-los e fazer uma oração em sua língua natal.

Aquilo me desconcertou, porque nunca imaginei que ele fosse do tipo religioso. Questionei-lhe depois o que fizera, e ele me disse que era uma oração em agradecimento que aprendera com sua *giagiá* ainda menino. Pesquisara para relembrar as palavras e a recitara para agradecer a Deus por sua menina.

Nós pouco saíamos de perto de nossa filha, e, por isso, Millos assumiu interinamente a direção da empresa, e Theo só teve que ir até a Karamanlis para explicar o motivo pelo qual pedira o cancelamento da ação executória da promissória e decidira desistir do projeto de quase 10 anos de comprar a propriedade de minha família.

Ele me contou por alto o que aconteceu, mas percebi que seu cargo estava ameaçado.

— Não quer voltar para a empresa? Eu posso ficar com Tessa durante o dia, e você vem quando sair de lá.

Ele negou.

— Minha filha é minha prioridade. O que tiver que acontecer na Karamanlis acontecerá independentemente de eu estar lá ou não.

Eu não poderia estar mais feliz com o homem que amo e pai da minha filha!

Os dias foram passando, e acabei conhecendo mais um membro dessa família tão complicada. Alexios, um dos caçulas, esteve aqui para conhecer Tessa e, embora só pôde acenar para ela do outro lado do vidro, pareceu bem contente em ter uma sobrinha.

Notei a tensão entre ele e Theo e imaginei que isso se devia ao trauma que foi causado a todos no passado. Eles se falam, ao contrário do que aconteceu durante anos com Kyra, mas não têm muito jeito para conversar. Trocaram algumas poucas palavras, um distante do outro, e Alex se foi sem nenhum abraço ou mesmo aperto de mão.

Theo e eu não esperávamos mais nenhum membro da família Karamanlis por aqui, muito menos o tão temido Geórgios Karamanlis, de 90 anos, andando pelo hospital resmungando com seu português precário e uma enfermeira a tiracolo.

Contudo, o melhor vocês não sabem! Eu nem sabia que ele era o avô do Theo quando nos encontramos.

Eu estava voltando para o quarto de Tessa quando vi um velhinho bem-vestido, forte e aprumado tentando andar depressa para alcançar o elevador. Coloquei a perna e o braço nos sensores da porta para a impedir de fechar e o esperei entrar.

— Boa tarde — cumprimentei-o, e ele apenas sacudiu a cabeça de volta.

Parecia impaciente, olhava para o display que contava os andares o tempo todo e resmungava baixinho com sua enfermeira. Quando paramos no andar onde Tessa estava internada, a enfermeira se distraiu com o telefone celular, e ele quase caiu ao passar pelo piso molhado, sinalizado com placa, e eu o segurei pelo braço, impedindo a queda.

— Obrigado — disse com seu forte sotaque e enviou um olhar carrancudo para a mulher que o acompanhava.

— Tudo bem. Posso acompanhá-lo? — eu disse sorrindo. — Será um prazer levá-los até onde precisam ir. Sabem o número do apartamento?

Ele olhou para sua acompanhante, e ela olhou o celular de novo.

— Ala pediátrica, apartamento 42.

Enruguei a testa, pois era o número do quarto onde Tessa estava.

— É para onde estou indo. — Olhei para o velhinho e reconheci os mesmos olhos azuis lindos de Theo. — O senhor é Geórgios Karamanlis?

Primeiro ele me olhou desconfiado, depois me mediu de cima a baixo, até assentir.

— Quem é você? — perguntou sem rodeios.

Porém, antes que eu respondesse, Theo apareceu apressado e parou surpreso quando nos viu de braços dados.

— *Pappoús!* Millos acabou de me informar que o senhor estava vindo para cá. — Olhou para mim sem entender o que estávamos fazendo juntos, e eu apenas sorri. — Vejo que já conheceu Maria Eduarda.

O velhinho insolente voltou a me olhar desconfiado, mas não se

desvencilhou do meu apoio.

— Maria Eduarda — repetiu meu nome. — E minha bisneta?

— Tessa — assegurei que ele soubesse o nome da minha filha. — O nome dela é Tessa, senhor Karamanlis. É um prazer conhecê-lo.

Ele abriu um leve sorriso – se é que aquela careta podia ser considerada assim – e pediu ao Theo que o levasse até Tessa. Claro que ficou muito irritado por não poder entrar no quarto e só vê-la pelo vidro, mas, quando a viu, começou a chorar feito um bebê.

Eu não poderia nunca imaginar que algo assim aconteceria e só soube o motivo do choro quando Theo voltou do hotel onde o avô estava, depois de tê-lo deixado lá com a enfermeira.

— Tessa lembra demais a minha avó e também meu tio Geórgios, o filho mais velho dele, que morreu com a mesma doença que acometeu nossa filha.

Disse a ele que Millos já havia me contado sobre esse tio e que isso, na ocasião, deixara-me muito preocupada com Tessa.

— Eles mal sabiam sobre a doença e não tinham tantos recursos para tratá-la. Estamos falando dos anos 70, Duda. — Assenti. — Eu perguntei ao doutor Felipe se a doença pode ser hereditária ou familiar; ele não soube me informar, disse que os estudos nessa área são inconclusivos.

— Tomara que não seja.

— Sim, tomara que não. — Ele me abraçou. — Sabe que *pappoús* disse que a Karamanlis nunca teve uma mulher na diretoria, mas, se Tessa for igual à sua falecida esposa, será uma ótima diretora-executiva um dia?

Gargalhei disso.

— Ela será o que quiser ser, Theo. — Ele assentiu. — Sem pressão de ninguém.

— Sim, mas eu fiquei feliz ao ouvir isso. — Ele sorriu. — *Pappoús* é muito difícil, preconceituoso. Ter percebido que ele aceitou Tessa foi uma surpresa para mim.

— Faria diferença se ele não a aceitasse?

— Nenhuma! — garantiu. — Mas me liberou da promessa de lhe dar um bisneto.

Ergui a sobrancelha.

— Isso quer dizer que não pretende ter mais filhos?

Theo riu, negou e falou baixinho no meu ouvido:

— Se depender do nosso tesão, vamos ter muito filhos ainda.

Olhei-o assustada, e ele gargalhou.

— Ei, estou atrasada? — a voz de Kyra me traz de volta à realidade, e abro um sorriso.

— Não. Theo ainda está lá dentro enchendo o pobre doutor Felipe de perguntas. — Aponto para os dois homens conversando e para Tessa, no colo do pai, com a expressão mais entediada do mundo.

— Eu adorei essa máscara que ela está usando hoje!

Kyra ri do objeto que uma funcionária da Karamanlis – Kika – mandou para a Tessa. O presente foi todo esterilizado antes do uso e, infelizmente, irá para o lixo no fim do dia, mas minha menina amou usar algo tão divertido quanto uma máscara com estampa de beijinhos.

Minha filha terá que continuar por algum tempo ainda com os medicamentos antirrejeição, fazer visitas periódicas ao hospital, além de seguir uma série de recomendações médicas em casa, mas está feliz por poder deixar o hospital e conhecer seu novo quarto na cobertura de Theo.

Nós ainda não contamos para ela que ele é seu pai. Estávamos esperando que recebesse alta e estivesse estável para lhe darmos a notícia, e esse momento chegou. Olho para Kyra, ao meu lado, sentindo o coração transbordar de alegria, pois sei da importância que a presença dela em nossa família tem para Theo.

Sinceramente espero que ele consiga alcançar o perdão dos outros irmãos e que essa família se acerte. Gostei muito de Alex e Kyra, mas confesso não nutrir bons sentimentos com relação ao Kostas, que sequer veio ver a sobrinha.

— Ah, finalmente!

Theo sai com nossa filha, pela primeira vez depois de tanto tempo no isolamento, e ela dá pulinhos de felicidade em seu colo.

Cumprimento o médico brilhante que salvou a vida de Tessa com o diagnóstico preciso que deu de uma doença tão rara e lhe agradeço por todo o empenho no caso.

— Mamãe, quero logo ir para a casa do Theo!

— É nossa casa, Tessa — ele a corrige. — Vamos todos morar juntos, mamãe, tia Do Carmo, você e eu. Ah, e a Vanda!

— Oba! Vem também, tia Kyra! — a menina convida, e Kyra gargalha.

— Vou visitar tanto você que vai achar que me mudei para sua casa!

Theo abre um sorriso enorme ao ouvir isso, e sua irmã o olha sem jeito.

— Se quiser se mudar, a cobertura é grande — ele brinca com ela.

— Não, eu tenho dois meninos para cuidar, e Tessa não pode ficar perto deles por enquanto. — Theo arregala os olhos, surpreso com a informação. — Um cachorro e um gato, Theo, ambos resgatados de um abrigo. Eu fui para adotar um gatinho, mas me apaixonei pela história da gata que adotou um filhotinho de cachorro e, então, resgatei os dois.

— Ah, tia Kyra, tem fotos? Eu amo animaizinhos!

Os olhos de Tessa brilham quando Theo a instala no assento de elevação do

seu carro, todo preocupado com sua segurança.

— Tia Kyra mostra as fotos quando chegarmos em casa, minha filha — digo. Ela faz um bico de insatisfação, mas se despede da tia, que vai até seu próprio carro para nos seguir até em casa.

Casa! Abro um sorriso ao perceber que já penso na cobertura de Theo como sendo nossa casa.

— Qual o motivo do sorriso? — ele me pergunta, sentando-se atrás do volante do carro.

— Estava pensando em como é estranho pensar na sua cobertura como minha casa. — Sorrio. — Nós não fomos nada devagar nisso.

Ele ri.

— Nunca fomos devagar em quase nada, Maria Eduarda. — Gargalha. — E para que ir devagar? Eu amo você, você me ama, temos uma filha juntos. — Beija-me antes de ligar o carro e completar seu raciocínio. — Já somos uma família!

Ele tem razão! Olho para trás e vejo nossa filha com um livro nas mãos, entretida lendo a história. *Já somos uma família!*

55

Theo

Como é possível a vida dar uma guinada em apenas poucos meses? Sorrio, alisando o cabelo de Tessa enquanto ela dorme. Se alguém me contasse no fim do ano passado que eu iria passar pelo que passei nesses meses, eu iria rir bastante, além de chamar a pessoa de louca.

Beijo a testa da minha filha e saio sem fazer barulho do quarto, seguindo para a sala e me sentando no banco do piano. Não toco, não hoje. Nada de bebidas e músicas para uma noite solitária. Elas se foram. Agora tenho uma família.

Sinto um arrepio de antecipação e medo pelo futuro, mas sei que, com Maria Eduarda e Tessa ao meu lado, vou conseguir passar por qualquer situação. Eu não tive exemplos, nunca estive em uma família de verdade e por isso tenho medo de cometer alguma besteira e foder tudo.

Olho para o porta-retratos de prata recém-colocado sobre um móvel da sala e sorrio ante a beleza da foto. Nela, Tessa está sobre meus ombros e nós olhamos

o pôr do sol na Ilha Raj, no primeiro dia em que chegamos lá. Ali eu nunca poderia imaginar que nossos destinos já estavam ligados, mas sentia uma conexão tão forte com aquela criança que, por vezes, surpreendia-me.

Olho em volta do apartamento onde moro há pelo menos oito anos e vejo, pontualmente, cada detalhe diferente da decoração, antes tão fria, agora cheia de vida, calor e sentimentos. Nada aqui agora é sem propósito.

Caminho até uma pequena concha deixada perto do porta-retratos de prata e me lembro do dia que passei com Tessa na praia, onde brincamos de pique-pega e corremos muito. Sinto uma enorme vontade de levar minha menina para a Grécia, mas sei que precisarei esperar até que ela esteja bem para uma viagem como essa.

Em outro móvel, outra foto chama minha atenção. Dessa vez é de Duda, ainda criança, com seus pais e o irmão falecido. Abro um sorriso ao ver a menina linda que ela era e em como a família parecia feliz e harmoniosa. É isso que eu quero para mim! Amor, um lar, sentimento de pertencimento, segurança. É assim que Tessa irá crescer, e os outros filhos que virão.

Uma fotografia tirada no hospital no dia em que pude participar do primeiro aniversário de minha filha me traz lágrimas aos olhos, além das lembranças daquele momento. Foi pouco depois do transplante, e, como ela estava em tratamento e recuperação, suas visitas estavam restritas.

Maria Eduarda e eu ficamos dentro do quarto com ela, enquanto Kyra, Manola e tia Do Carmo seguravam balões e mensagens de aniversário do outro lado do vidro. Foi emocionante. Minha menina tinha acabado de receber outra oportunidade de crescer e se desenvolver, tínhamos motivos em dobro para comemorar sua chegada ao mundo.

Eu estava louco para poder contar a ela que era seu pai, mas sabia que no hospital não era o momento certo. Ainda assim, não deixei de me emocionar no dia em que pude incluir meu nome em sua certidão de nascimento.

Hal navega disse que o procedimento era simples, e realmente foi. Preenchi um formulário requerendo a inclusão do meu nome e do nome dos meus pais na certidão de nascimento de Tessa, que, embora tenha nascido na França, foi registrada no consulado brasileiro por ser filha de brasileira e teve uma nova certidão emitida quando Duda, já morando aqui no Brasil, conseguiu a adoção.

Ela, por ser mãe, precisou concordar com meu pedido em uma anuência expressa. Hal, então, juntou todas essas informações e as levou até o cartório competente, e, antes mesmo de Tessa ter alta, meu nome já constava em seus documentos. Oficialmente e sentimentalmente eu já era seu pai, mas ela ainda não sabia.

Maria Eduarda e eu decidimos que contaríamos a ela no dia da alta médica

e preparamos tudo para que ela pudesse já se acostumar à sua nova casa e família.

— Acho que já é hora de você se mudar para cá — eu disse para Duda em uma noite em que dormimos em casa e Tessa ficou com dona Do Carmo no hospital. — Ninguém mais vai naquele apartamento que você alugou, e o em cima do Hill também está vazio, apenas com suas coisas pessoais.

Ela sorriu e se aconchegou ao meu corpo na cama.

— Espero que isso não tenha sido seu pedido de casamento, porque, senão, ele é decepcionante.

Gargalhei.

— Não, não é. — Ela me olhou nos olhos. — No dia em que eu a pedir em casamento, não haverá dúvidas, e sim um belo par de alianças.

— Gostei disso! — Beijou-me. — Eu concordo em vir morar com você, mas não quero deixar tia Do Carmo sozinha. Você se importaria se ela...

— A cobertura é grande, e sua tia, mesmo sendo um tanto intimidadora, é uma pessoa maravilhosa.

Duda se ergueu na cama.

— Não vai mesmo me dizer o que ela te disse quando chegamos juntos no hospital?

Neguei, mas pude ouvir claramente a voz de dona Do Carmo.

— Nunca mais quero ver minha menina chorar por sua causa, está entendido? Ela tenta me proteger das coisas, não gosta de me preocupar, mas eu sabia que você tinha aprontado algo com ela e que ela estava muito triste. — Assenti sem jeito e baixei a cabeça. — Eu vou estar de olho em você, Theodoros, então se esforce ao máximo para ser o pai que Tessa merece e o homem que Duda ama, porque senão...

Senti o mesmo frio na barriga que sentira ao ver o olhar dela durante essa frase inacabada e abracei Maria Eduarda bem forte, prometendo em pensamento nunca a fazer infeliz. Claro que, em algum momento, posso deixá-la triste ou mesmo magoá-la. Não me iludo quanto a vida de casal ser um mar de rosas, mas vou sempre me esforçar para nunca a fazer infeliz.

A felicidade dela e de Tessa passou a ser minha prioridade, e nada no mundo é mais importante que isso.

Depois daquela noite, Vanda começou, junto com dona Do Carmo e Manola, a preparar o apartamento para receber minha família. Como Duda e eu estávamos sempre no hospital com Tessa, participamos pouco dessa transição e só fomos ver o quarto de Tessa, decorado como um presente de Kyra, um pouco antes da alta de nossa filha.

— Kyra, isso ficou perfeito! — elogiei-a emocionado.

— Tessa adora unicórnios, vai ficar deslumbrada! — informou Duda.

Minha irmã ficou emocionada e explicou o motivo pelo qual escolheu aquele tema específico:

— Unicórnios são seres mitológicos que possuem características de pureza e força. Além disso, passam uma mensagem de que tudo é possível, basta acreditar. Eu achei que é uma mensagem positiva para ela nesse momento.

— Sim, é muito sensível de sua parte. — Duda a abraçou.

Fiquei ali olhando as duas emocionadas e me lembrei do abraço que eu e Kyra trocamos depois de tantos anos. Não foi aquele em que a puxei no dia em que foi fazer o teste, mas o no dia em que doou a medula à minha filha. Kyra estava nervosa, apesar de saber bem o que aconteceria. Doutor Felipe a acompanhou em todos os momentos, conversou com ela, explicou detalhadamente como seria feito o processo, que doeria um pouco, que ela ficaria em observação e com o local dolorido depois, mas que não havia risco.

Acompanhei-a e estive ao seu lado durante todo o tempo, segurando sua mão, sorrindo e chorando junto a ela. Talvez eu nunca consiga externar tudo o que sinto por minha irmã, mas acredito que, quando ela olha em meus olhos, sente isso.

Quando Kyra foi encaminhada para o quarto a fim de descansar, velei seu sono, e tantas perguntas se fizeram em minha mente. Eu queria saber da vida dela, de todos esses anos que eu tinha perdido, de como foi sua adolescência, o começo da vida adulta, como foi que ela descobriu o gosto pela decoração e, por fim, por que escolheu trabalhar com eventos.

— Temos tempo. — Ela riu quando foi liberada e eu lhe perguntei tudo isso. — E eu quero o daqui para frente com você, Theo, não quero mais pensar e remexer o passado. — Respeitei esse pedido dela. — Quero ser parte da sua vida e estou feliz por ter você na minha.

— Para sempre! — Abracei-a. — Estarei sempre aqui contigo, sempre, *agapi mou*!

Sorrio sozinho no meio da sala, revisitando as memórias dessas seis semanas desde o transplante de Tessa até o dia de hoje.

Pego meu celular e passo as fotos que tiramos há poucas horas, na chegada de Tessa a nossa casa. Minha filha pôde receber a festa de aniversário que tanto esperava. Claro que, por causa dos medicamentos e de sua recuperação, ainda não pode comer de tudo, e Manola teve o cuidado ao preparar a comida segundo orientou a nutricionista.

Foi uma verdadeira festa, embora Tessa tenha podido participar pouco, pois não pode se cansar.

Pensam que ela ficou triste por ter de ir ao seu quarto? Absolutamente não!

Ficou encantada com a decoração que tia Kyra fez para ela, mexeu em cada objeto, olho seu closet cheio de roupas, sapatos e acessórios de menina e pulou ao descobrir que tinha um banheiro só seu.

Duda demorou a desacelerá-la para que dormisse. Ajudou-a no banho, colocou-lhe o pijama novinho cheio de arco-íris que brilhavam no escuro, e ela se deitou em sua cama de casal com os braços e pernas abertos, usufruindo de todo o enorme espaço só seu.

Eu ainda não tinha pensado em como abordaríamos o assunto da paternidade com ela, mas ele chegou sem que fizéssemos nenhum movimento para isso. Fui abaixar a luz do quarto para que ela pudesse dormir quando a ouvi sussurrar para sua mãe:

— Mamãe, será que agora, que vamos morar com Theo, vou poder chamar ele de papai?

Maria Eduarda me olhou, e eu prendi a respiração por um tempo, preparando-me para o grande momento, ansioso por sua reação e temeroso que ela não aceitasse bem toda a história.

— Tessa me fez uma pergunta, Theo — Duda começou, imaginando que eu não tivesse ouvido. — Queria saber se, agora que vai morar com você, pode te chamar de papai.

Sorri, aproximei-me da cama, sentei-me ao lado de Duda e baguncei o cabelo de Tessa antes de dizer:

— Não só porque você mora comigo, Tessa. — Minha menina sorriu. — Você pode me chamar de papai porque sou o seu papai — tremi ao falar essas palavras, e ela olhou para Duda sem entender. Respirei fundo e continuei, buscando uma explicação simples, sem muitos detalhes, e que ela pudesse entender: — Nós não sabíamos, mas eu conheci sua mãe biológica, tive um namoro rápido com ela, e você nasceu.

— Verdade? — ela me questionou, mas olhava para sua mãe.

— Sim — Duda respondeu. — Theo soube que era seu pai quando fez o exame para doar a medula, por isso tia Kyra foi quem doou, porque é irmã do seu pai. Não é incrível?

Os olhos de Tessa se encheram de lágrimas, e a abracei forte.

— Meu desejo de aniversário se realizou — Tessa me confidenciou baixinho. — Eu pedi isso de presente, lá no hospital. — Sequei suas lágrimas. — Que você fosse meu pai.

— Eu amo você, minha filha. — Ela sorriu quando Theo a chamou assim. — Prometo que farei de tudo para que consiga me amar também.

Foi nesse momento que ela me deu o sorriso mais lindo do mundo.

— Ah, bobinho, eu já te amava mesmo antes de saber que você era meu

pai!

Chorei, agarrado aos dois amores da minha vida, intercalando lágrimas e sorrisos, agradecido por ter a chance de ser feliz ao lado delas.

Sim, eu estou feliz demais!

— Ei. — Duda toca meu ombro e me dá um pequeno susto. — Não vai se deitar? Acordei agora há pouco sozinha na cama e fiquei intrigada sobre seu paradeiro.

— Fui ver Tessa e depois acabei ficando por aqui. — Beijo-a e ergo sua mão direita, enfeitada com a aliança de ouro que coloquei ali há menos de duas horas. — Como se sente, futura senhora Karamanlis?

Duda sorri largo, e eu a pego no colo a fim de colocá-la de volta na cama.

— Sabe o que eu pensei? — inquire assim que nos deitamos. — Amanhã, quando Manola chegar aqui e vir a aliança, vai ficar toda curiosa sobre o pedido...

Sua voz risonha me assusta.

— Duda, você não vai...

— Ah, eu vou! — Ela ri solto. — Ela fica me chocando ao falar detalhes do Dionísio! — Eu gemo, não querendo entrar no assunto. — Agora vai saber que fui pedida em casamento no meio do orgasmo, que só vi uma caixinha sendo levantada em minha direção enquanto você chupava minha...

— Duda! — Gargalho, e ela se vira de frente para mim. Ah, Maria Eduarda, minha chef, cozinheira, a irritante dona do Hill que se tornou dona do meu coração! — Eu amo você!

— Eu também! — fala bocejando.

— Que romântico... — Beijo sua testa.

Ela dorme abraçada comigo, e eu me sinto seguro, em casa, amado e feliz.

EPÍLOGO

Duda

Um ano depois.

Quem consegue enxergar os emaranhados do destino? Há algumas religiões que acreditam que a vida de uma pessoa é ligada à de outra por um fio que as prende desde o nascimento até a morte. Às vezes esse emaranhado de fiação se enrosca, embola e impede que um chegue ao outro, mas o fio nunca se parte, e, se um dia se encontrarem, nada poderá separá-los.

Acho que Theo e eu temos essa ligação, esse fio do destino nos ligando. Encontramo-nos pela primeira vez há dez anos, numa ilha no meio do mar Jônico, no final de uma noitada, numa boate cheia de jovens sonhadoras. Acho que, quando ele entrou lá, o fio que nos unia me puxou, e eu senti algo naquele olhar que não sabia explicar.

Entretanto, não era o momento ainda, nem para mim, muito menos para ele, reconhecermos isso. Tínhamos um propósito, mesmo sem saber disso, e os anos se passaram. Quando chegou a vez de cumprirmos nossa missão, algo puxou os

fios e nos uniu de novo. Percebemos um ao outro, envolvemo-nos mesmo sem ter noção do que enfrentaríamos juntos.

Nossa missão era garantir a vida de Tessa. Nosso reencontro foi orquestrado para que pudéssemos ser a família que nos tornamos. Eu não fazia ideia de que poderia ser feliz como vi meus pais serem, e Theo imaginava que, por nunca ter uma referência positiva, jamais teria uma família.

Ainda bem que estávamos enganados.

— Estamos atrasados! — escuto alguém gritar ao meu redor, mas, sinceramente, não me importo.

A agitação de uma cozinha me fez aprender a não ficar alvoroçada com a pressa alheia, a seguir o tempo de cada preparação, a desfrutar de cada etapa de um prato. Aprendi a ter respeito pelos alimentos e pela hora da refeição, então, a gritaria ao meu redor agora não me assusta.

Fecho os olhos e me concentro apenas na sensação de plenitude, de alegria e amor que sinto transbordando de mim. Ah, como sou feliz! Passei por muita coisa triste nesta vida, mas, nesses últimos meses – um ano, para ser precisa – só sinto felicidade.

Imagino que vocês estejam curiosos para saber o que aconteceu em minha vida nesse período de tempo, então – abro um sorriso preguiçoso –, como tenho um tempo aqui ainda, posso contar com detalhes.

Primeiro de tudo, adianto que minha filha está muito bem de saúde. Não foi fácil para a pequena Tessa a recuperação, mas ela foi brava, mostrando indícios da mulher forte e guerreira que se tornará. Retornamos ao hospital algumas vezes por conta dos medicamentos contra a rejeição que, por vezes, deixavam-na muito suscetível a doenças.

Tessa não pôde retornar à escola, então tomou aulas em casa, e penso que isso foi o mais frustrante de sua recuperação. Por vezes ficou triste, revoltada por não poder brincar com seus amigos, mas o que a consolava era o pai. Theo se tornou seu melhor amigo nesse período.

É, quem viu o CEO posudo, com seus ternos de grife, sua coleção de relógios e seu gosto refinado para uísque nunca poderia imaginá-lo brincando de Barbie, construindo barracas de lençol no meio da sala para passar a noite em um safári de bichinhos de pelúcia ou mesmo assando cookies para uma festa do chá.

Sim, podem acreditar, ele fez tudo isso pela filha!

Os dois passavam horas vendo filmes, e o preferido dele era Moana, porque alegava que ela era uma líder excelente e um bom exemplo de mulher empoderada para Tessa, principalmente por não ter um “par romântico” na história. Pasmem, mas eu tinha razão sobre ele ser ciumento!

Lembro quando recebemos a visita de Frank Villazza, sua esposa e os três filhos. Tessa, claro, ficou encantada com Laura, a filha mais velha do melhor amigo de seu pai, e as duas começaram a brincar sem conseguir parar. Lucca, o irmão gêmeo dela, começou uma guerra de implicância com minha filha, e Theo detectou imediatamente que era interesse.

Pronto, foi o que bastou para ele não tirar os olhos das crianças e ser massivamente ameaçado pelo italiano.

— Eu acho que os dois formarão um belo casal daqui uns anos — Frank dizia com o semblante mais cínico do mundo, sem esconder seu divertimento. — O que acha, Karamanlis? Seremos, além de compadres, parentes por casamento.

— Frank... — Isabella tentava parar as brincadeiras do marido, mas acabava rindo do olhar desesperado de Theo. — Eu ficaria feliz, mas acho que está cedo demais para isso.

Theo gemia enquanto todos nós ríamos. Acho que sentiu na pele pela primeira vez o que era ser pai de uma menina linda, e, claro, não passou despercebido a ele que Frank *também* tinha uma filha.

— Ah, Laura é linda também! Tenho certeza de que no colégio ela tem alguns admiradores.

— Claro que nã...

— Ah, esses dias ela voltou para casa com cartinha de amor — Isabella disse rindo.

O italiano quase engasgou com o vinho que estivera bebendo e cobrou explicações da esposa.

— Ela me mostrou rindo e ainda ressaltou que os meninos são muito “bobinhos”. — Isabella deu de ombros. — O homem que conseguir conquistar o coração de Laura será um verdadeiro guerreiro.

— Não, será um cadáver!

Eu ri muito da reação do Frank, e aí Theo percebeu que ambos tinham um calcanhar de Aquiles, e os dois acabaram chegando a um entendimento mudo de que não era legal entrar nesse assunto ainda.

Outro episódio que me marcou por causa de seu ciúme foi quando Kyra foi jantar conosco e apareceu com um namorado que mal falava. Eu já havia percebido que minha cunhada tinha um gênio bem forte, era muito decidida e não suportava que lhe ditassem regras, fazia seu próprio destino. Particularmente eu gostava demais do jeito dela, mas entendia que isso também inibia alguns homens e que, por esse motivo, ela preferia uns bem calmos e discretos, diferentes de sua personalidade. Os namoros nunca duravam muito, e isso incomodava Theo, que achava que sua irmã estava sendo usada pelos homens e ficava com o coração destruído a cada término.

— Já pensou que pode ser o contrário? — questionei-lhe uma vez. — Que pode ser ela que não aguenta ficar muito tempo com alguém, que se cansa e põe a fila para andar?

— O quê? Claro que não! Kyra é sensível, doce, não uma devoradora de homens! São eles que não prestam e não a merecem.

— Bom... Acho que você não está enxergando sua irmã muito bem. Ela não é mais uma menininha indefesa, Theo.

Ele não respondeu, apenas bufou e entrou no banheiro ameaçando qualquer um que magoasse “suas meninas”.

Eu me diverti bastante nesses episódios, até sentir em minha própria pele e ter de ser dura com ele.

Desde que nos mudamos para seu apartamento, Theo enfiou na cabeça que iria recomprar o Hill para mim. Tentou negociar várias vezes com o pessoal da Dominus, mas não obteve sucesso. Ficava frustrado por nunca conseguir comprar o lugar, mesmo que para me devolver, e só sossegou quando eu disse que não queria voltar a trabalhar no bar. As lembranças que eu tanto amava estavam espalhadas pelo meu lar e no meu coração; eu podia muito bem seguir meu próprio caminho.

A Karamanlis começou a alugar os imóveis no entorno do pub, e a área vinha se transformando em um point gastronômico, com todo tipo de restaurantes e bares.

Theo quase caiu para trás quando lhe informei que tinha alugado um local para mim na galeria na mesma rua do Hill e que iria abrir um bistrô. Manola foi quem achou o local, e ele era exatamente como eu havia sonhado, pequeno, aconchegante e bem localizado, pois a galeria dava acesso à rua do Hill e à de trás. Havia várias lojinhas já alugadas, e os empreendedores tinham bom gosto, fazendo com que um público seleto frequentasse o local. Um bistrô para servir almoço. Eu daria adeus às noites em claro, poderia trabalhar durante o dia e estar em casa à noite com minha família. Era perfeito, quer dizer, eu achei, mas ele, não.

— Tessa ainda precisa de você e em breve você não poderá...

— Theo, ainda vou reformar, adequar e praticamente vou só gerir o local, pois Manola assumirá a cozinha e montará a equipe.

Ele relutou, apresentou vários motivos para que eu não investisse naquele momento, mas depois o convenci, com muito carinho e amor, que não estava pedindo autorização, só lhe comunicando. Usei o dinheiro da venda do Hill para iniciar o negócio, e em breve será sua inauguração.

Sim, ainda não comecei a trabalhar mesmo depois de um ano desde que vendi o Hill. Vocês querem saber o motivo? Eu posso contar...

— Duda, acho que ele dormiu.

Abro os olhos de repente e olho para Helena, amiga e funcionária de Kyra, notando seu olhar completamente encantado.

Olho para baixo e confirmo que Petros soltou meu seio e dormiu quietinho em meu colo enquanto eu estava perdida em memórias. Levanto-o, encostando sua barriguinha em meu ombro, ouvindo seu arroto forte, mesmo em meio ao sono, e escuto a risada de Tessa.

— Ele é barulhento, mãe! — Ri e olha para Helena. — Solta cada "pum" alto igual ao de um adulto.

A assessora de casamentos cai na gargalhada e ajeita o vestido de dama de honra de Tessa.

— Posso fechar seu vestido agora? — uma das suas ajudantes me pergunta.

Agora que meu filho já se alimentou, podemos seguir com o casamento.

— Pode, sim! — Sorrio quando ela começa a fechar botão por botão nas minhas costas e passa um outro tecido por cima do meu ombro. — Ah, obrigada! — Coloco Petros no *sling* desenhado junto ao vestido de noiva. — Está pronto para encontrar o papai?

Tessa dá voltas para que eu veja o balanço de seu vestido e, antes de se posicionar à minha frente, dá um beijo na cabeça de seu irmão, que dorme calmamente.

Descobri a gravidez uma semana depois da alta de Tessa. Theo e eu estávamos em uma semana intensa de discussões sobre o casamento: ele queria algo grandioso, e eu, íntimo. Quando passei mal, fui socorrida pela enfermeira de Tessa e obrigada a fazer uma desnecessária bateria de exames para acalmar meu futuro marido.

Foi o momento mais emocionante do mundo quando peguei o exame de sangue e a confirmação da gravidez. Theo não sabia se ria, chorava ou me beijava, então fez tudo ao mesmo tempo.

Contamos para Tessa – confesso que ele estava uma pilha, com medo de nossa filha se ressentir por deixar de ser filha única –, e sua reação foi lindíssima, beijando minha barriga e dando boas-vindas ao bebê.

Foi a gestação mais tranquila deste mundo. Não tive problema algum, nem desejos absurdos – o que gerou certa frustração em Theo, pois esperava por isso –, mas aumentou minha libido ao extremo, o que o deixou satisfeito e extenuado. Meu desejo era ele o tempo todo! Eu chegava a ligar para a empresa para dizer que estava com vontade de fazer amor, e ele, com medo de me deixar "aguada", saía como um doido para me ver no meio do dia e me satisfazer. É, eu comi meu marido de todos os jeitos possíveis, em todos os locais – privados ou não – e misturei muita comida ao nosso sexo.

A torta com chantilly que usamos na primeira vez que ficamos juntos? Parecia coisa de amador diante do que fizemos. Imaginem que eu blindei seu pau com goiabada derretida e depois me deliciei com o doce! Passei doce de leite em seus gominhos do abdômen, chupei sorvete em seu umbigo e – que ele nunca descubra que contei isso para vocês – lhe dei um delicioso beijo grego com a boca cheia de gelo.

Só paramos de fazer sexo alguns dias antes do parto e por insistência dele!

Petros nasceu depois de 40 semanas de gestação, com quase quatro quilos e 52 centímetros. Revelou ao mundo que era um guloso já nas primeiras horas, pois estava sempre exigindo meu seio com um choro alto e forte.

— Sabe o que quer e como pedir! — Theo dizia encantado, tocando a pequena cabecinha cheia de cabelos negros. — É direto e objetivo como o pai.

Eu rolava os olhos, mas me sentia derreter com suas palavras cheias de orgulho e amor.

— Acho que chegou a hora de oficializarmos nosso casamento, não? — ele sugeriu assim que voltei para casa com o bebê.

— *Pappoús* está reclamando que Petros nasceu sem a bênção do casamento? — debochei, pois conhecia bem o pensamento de Geórgios Karamanlis.

— Está, sim, mas há meses fala do assunto, e eu já nem lhe dou ouvidos. — Theo deu de ombros. — Sou eu quem quer trocar essa aliança de lugar e unir meu nome ao seu como já uni minha vida.

Ah, tinha como eu resistir a um pedido desse?

Kyra ficou responsável pela organização do casamento e fez isso em tempo recorde: três meses. E bem, aqui estou eu, vestida de branco como manda a tradição, mas com um grande e importante detalhe diferente: ao invés de levar nas mãos um buquê de flores, decidi levar meu filho no colo junto comigo ao encontro de seu pai.

— Todos prontos? — Helena pergunta, pronta para abrir as portas do salão nobre do Villazza SP. — É hora do show!

Estranho quando noto que a música que ecoa no salão não é a que ensaiamos ontem, mas o sorriso encantado de Helena me faz prosseguir mesmo que eu não entenda o que está havendo.

Procuro por Theo no altar, mas tudo o que vejo é um enorme piano onde ele deveria estar. Meu coração dispara quando sua voz ecoa nos autofalantes. Paro devido a surpresa, então sorrio sem acreditar que ele está tocando e cantando em público, coisa que não faz de jeito algum.

A canção também é uma surpresa, diferente do gosto musical dele, mas tão perfeita para este momento que sinto meus olhos marejarem.

Vieste de olhos fechados, num dia marcado, sagrado para mim.
Vieste com a cara e coragem, com malas, viagem, pra dentro de mim,
Meu amor[41]

Quando chego perto do piano, ele se levanta, deixando que a banda que o acompanha continue a tocar a música apenas no instrumental. Primeiro, Theo beija a testa de Tessa antes que ela fique ao lado de Manola no altar. Depois, vem com um enorme sorriso e olhos brilhantes de lágrimas até onde estou, toca nosso filho, que dorme tranquilo em meu colo, e beija minha testa.

— Obrigado por confiar em mim — diz, e eu me lembro do dia em que apareceu bêbado, contou sua história e me pediu para que confiasse nele. — Obrigado por me fazer feliz.

Não resisto ao amor que vejo em seus lindos olhos azuis, então o beijo arrancando risadas dos convidados por ter quebrado o protocolo. Rimos juntos disso, e dessa vez é ele quem me beija, fazendo o juiz de paz clarear a garganta para que continuemos a caminhada até o altar.

Olho para Kyra, no altar, e percebo seu nervosismo por termos quebrado seu cronograma perfeitamente planejado. Minha cunhada percebe o quanto estamos felizes, principalmente pela visão que tenho dos nossos padrinhos nos esperando, e relaxa.

É, a vida não foi feita para seguir roteiros!

Fim

BÔNUS

Theo

A noite está sendo um sucesso, e eu não caibo em mim de orgulho da minha esposa. É a primeira e única vez em que o Chez Hill irá servir um jantar, pois abrirá somente de segunda a sábado, no horário do almoço.

Minha chef de cozinha brilha, vestida com sua dolma com seu nome bordado, bem como as bandeiras do Brasil e da França. Olho em volta e reconheço o trabalho primoroso da equipe do meu irmão Alex na reforma e decoração do empreendimento. Está do jeito que minha esposa sempre sonhou, e é um privilégio poder acompanhar essa realização pessoal dela, ainda mais porque sei que abriu mão de tudo, há anos, para cuidar de nossa filha.

Sinto muito orgulho, sim, mas sou completamente apaixonado por ela. Cada dia mais eu a admiro, desejo-a e sou grato por tê-la ao meu lado. Duda é uma mulher especial. Eu não merecia tamanha sorte e me esforço a cada dia para ser o homem que ela me vê, o que ela aprendeu a amar.

Nós nos casamos há um mês e ainda não pudemos ter nossa lua de mel. Em

parte, claro, por causa do nosso pequeno Petros, que está com apenas quatro meses e depende dela exclusivamente para seu sustento. O outro motivo para adiarmos a viagem que planejamos foi a inauguração do bistrô.

Maria Eduarda viveu, mesmo grávida, cada momento da montagem deste lugar. Escolheu a dedo cada equipamento, mobília e itens de decoração. Manola e ela passaram meses discutindo cardápio, marketing e escolhendo a equipe que a ruiva brava comandará com o chicote na mão.

É, a mulher é uma pimenta e conseguiu a proeza de deixar meu motorista de quatro, obediente e caseiro, totalmente domado. Os dois estão morando juntos há algum tempo, e Dio parece estar muito feliz.

Eu implico com a Manola – principalmente porque não começamos muito bem –, mas tenho muito carinho e admiração por ela e vejo a amizade sincera que sente por minha esposa, e isso já seria o suficiente para ela ter minha admiração.

Tessa passa correndo por mim, seguida por Laura e Lucca, e faço sinal para o garoto de que estou de olho nele. O filho de Frank ri e dá de ombros, uma atitude que me lembra muito o seu pai, e continua a seguir minha menina. Sorrio achando graça, mas o sorriso morre quando reconheço o doutor Felipe cumprimentando Maria Eduarda.

O médico tem a mão em seu braço e fala com ela cheio de sorrisos, o que me faz cruzar o salão com passadas largas e determinadas e a segurar pela cintura antes de cumprimentar o médico alto e bonitão.

— Boa noite! — ele me saúda de volta. — Estava elogiando o bistrô e parabenizando a Maria Eduarda pelo bebê.

Fecho a cara.

— É meu filho também. Agradeço os parabéns.

O corpo de Duda dá leves sacudidas contra o meu e vejo sua boca apertada, impedindo o sorriso. Ela sabe que estou com ciúmes! Encaro o médico.

— Espero que tenha desfrutado do jantar. — Ele assente. — Agora preciso mostrar algo para minha esposa...

— Claro! — Ele sorri e se despede.

— O que você quer me mostrar?

Não respondo, apenas arrasto Duda para dentro da cozinha, cumprimentando o pessoal que está cuidado da limpeza do local, e sigo para a parte de trás, onde ficam o depósito e a câmara fria.

— Theo? — ela questiona quando abro a porta de metal.

Sinto o frio nos atingir assim que fecho a porta e a encaro. Duda tem a testa franzida e os braços cruzados.

— O que significa...

Impeço-a de falar qualquer coisa, atacando sua boca, fervendo de tesão. *Você é minha!*, demonstro essa verdade com minha boca, esfregando a língua contra a dela. *Você é minha!*, minhas mãos cantam essa frase enquanto exploram seu corpo. *Eu sou seu!*, meu coração responde quando ela se agarra em mim, correspondendo com sofreguidão ao beijo.

Encosto-me contra uma prateleira e a seguro por baixo das nádegas, erguendo-a levemente, encaixando-a contra meu pau latejando de desejo, duro de vontade, desesperado para estar dentro dela mais uma vez.

Trepamos durante o banho, antes de vir para cá, mas minha vontade nunca passa, nem diminui, pelo contrário, cada vez que estou dentro dela, mais me desperta a fome, mais incendeia meu tesão. Somos a mesma carne, somos o mesmo fogo e necessitamos um do toque do outro, da pele e das sensações causadas por essa mistura perfeita de desejo e amor.

Maria Eduarda me completa em todos os aspectos, e eu sei que ela se sente da mesma forma com relação a mim. Somos amigos, companheiros, cúmplices, amantes e pais de duas crianças que nos enchem de orgulho.

— Theo... — ela diz com a boca colada na minha. — Nós vamos congelar aqui dentro.

Rio, esfregando-me a ela, mostrando quanto estou longe de congelar.

— Você é minha! — resmungo.

— Isso tudo é ciúme do doutor Felipe? — Tento negar, mas ela ri. — Eu sou louca por você. Ele tem que ser muito cego para não enxergar isso.

— Homem geralmente é burro, então, mesmo que enxergue, acaba fazendo bobagem. — Balanço a cabeça, segurando em seus peitos. — E você ficou ainda mais linda depois da maternidade. Adoro o volume deles, a textura...

— Estão cheios de leite. — Ela ri. — Nada sexy!

Levanto a sobrancelha.

— Tudo em você é sexy! — Eu a viro de costas, beijo sua nuca, mas não tiro as mãos de seus peitos, pois estão realmente muito gostosos. — Ah, Maria Eduarda... — Afasto-me, e ela me encara curiosa, não deixando de notar meu sorriso safado de quem está cheio de ideias mirabolantes na cabeça. — Acho melhor voltarmos para o salão.

— Não vai me dizer o motivo desse sorriso de gato que comeu o canário?

Gargalho, mas gosto muito da comparação.

— Esse gato aqui ainda vai comer esse canário... — Pisco. — Aguarde-me.

Voltamos para o salão recebendo olhares intrigados do staff, que ainda limpa a cozinha. Deixo-a com um beijo na testa, perto de Manola e seus amigos Lara e Cadu, e sigo ao encontro de Frank, Nicholas e Bernardo, junto às suas respectivas esposas.

— Algum problema? — Frank questiona assim que pego o celular.

— Não, só ansioso para ir para casa descansar.

O carcamano me conhece há muitos anos, por isso dá um sorriso torto e entendido e fala algo no ouvido de Isabella, que ri sem jeito. É, meu amigo, cada um ataca com as armas que tem! Você no ouvido, e eu...

Envio a primeira mensagem e fico observando Duda pegar seu telefone, suas bochechas se tingirem de vermelho e um sorriso aparecer em seu rosto.

A inauguração que eu queria fazer hoje é da sua nova bancada de inox. Será que seus gemidos de prazer ecoarão por essa cozinha como ecoaram na do antigo Hill?

Ela me procura com os olhos, balança a cabeça, mas responde:

Não me lembro de terem ecoado, mas recordo a música gostosa ao fundo. Natural Woman se tornou a música do meu orgasmo!

Gosto da resposta provocativa.

Gostei do crème brûlèe que comi hoje de sobremesa, mas, enquanto eu o engolia, sentindo a textura em minha língua, fiquei pensando em como seria comer seu rabo untado dessa sobremesa, pois tem bastante manteiga e deve deslizar bem.

Ela está bebendo água quando lê a mensagem, e eu rio quando engasga e Manola a socorre com um guardanapo, pois babou um pouco o líquido. Sua amiga enxerida acaba por espiar o telefone e rola os olhos, comentando algo para minha esposa, que digita uma mensagem.

Manola disse que fica melado e que agarra um pouco, não recomenda!

Faço careta ante a cena que se desenha em minha mente, com meu motorista brincando com a sobremesa no quarto, e decido parar a brincadeira.

Manola acabou com minha diversão, mas pelo menos deixei o recado que queria!

Que recado?

Ficamos nos encarando de longe, Duda com sua sobrancelha erguida, desafiando-me a continuar o jogo, e eu deslumbrado, tentando entender como foi possível que eu recebesse tamanho presente em minha vida. Essa mulher é mais do que perfeita; ela foi feita para mim.

Esse ano que vivemos juntos foi inesquecível, repleto de emoções, pois descobri e aprendi como ser pai da minha filha, participar de sua vida, fazer com que ela sentisse que eu estava ali para ficar em sua vida para sempre. E nisso, Duda me ajudou o tempo todo. Enquanto eu aprendia com Tessa, nosso filho se desenvolvia em seu ventre, e nós pudemos, os três, preparar-nos para sua chegada.

Nunca nesses meus 42 anos de vida, eu poderia imaginar experiência semelhante a que tive nos nascimentos dos meus filhos. O de Tessa quando recebeu a medula, e o de Petros quando meu meninão veio ao mundo e o peguei pela primeira vez.

Sorrio ao lembrar que Duda me perguntava como ele era, se estava bem, mas eu não conseguia falar nada, engasgado de sentimentos que nunca havia conhecido, transbordando de amor e cuidado que me deixavam imobilizado. Ouvi a risada da médica que acompanhou o parto e os comentários das enfermeiras sobre eu chorar mais do que o bebê, mas não me importei; meu filho estava em meus braços.

Ah, tanta coisa passou pela minha cabeça naquele momento! O menino carente que eu fui, sonhando em encontrar uma mãe que só veria em revistas, desejando que o pai o notasse e se alegrasse com sua existência, pôde finalmente sorrir. Eu tinha uma família e podia fazer tudo diferente do que tinha sido a minha história.

Tessa e Petros – e os outros que ainda virão, porque não desisti de ter uma família bem grande – significaram um renascimento para mim também, e eu só pude ter esse privilégio por causa de Maria Eduarda Braga Hill Karamanlis.

Pego o celular e respondo sua questão:

Você será minha esta noite!

Ela sorri encantada, e leio a declaração de amor em seus lábios, mesmo sem emitirem nenhum som.

O som da risada alta e grave do meu avô me faz olhar em sua direção, para

a mesa onde está sentado ao lado de dona Do Carmo e de Petros, que dorme tranquilo no carrinho. Tessa e ele estão fazendo algum tipo de jogo, e os dois se divertem bastante em um duelo em que um tenta capturar o dedão do outro.

Definitivamente, meu avô fica irreconhecível perto da minha filha!

A verdade é que ele se apaixonou por Tessa, e eu vi um lado dele que nunca tinha enxergado antes. Não entendam mal, ainda continua o velho rabugento e preconceituoso de sempre, conservador até a raiz dos cabelos, mas algo forte o ligou a minha menina – talvez a lembrança do filho preferido que perdeu para a mesma doença que Tessa conseguiu vencer – e o fez ser um avô que eu nunca imaginaria que fosse.

Lembro-me de sua visita quando Petros nasceu. Ele aproveitou que outro bisneto nascera e já veio para o Brasil a fim de ficar para o casamento. Ao longo desse ano, ele veio algumas vezes para o país, e a maioria delas foi surpreendente, mas essas são outras histórias. A que quero compartilhar é a do dia em que Tessa o desafiou no jogo de xadrez.

Eu havia comentado com ela o quanto meu avô era apaixonado pelo jogo, então minha filha passou meses estudando, vendo vídeos de estratégias e treinando comigo, até se sentir pronta para desafiar o velho Geórgios Karamanlis. Nem preciso dizer que, depois de horas de partida, minha menina o venceu com um xeque-mate surpreendente, olhou-me vitoriosa, depois beijou a testa do *pappoús* como se nada demais tivesse acontecido e foi brincar com suas bonecas.

— Theodoros... — ele me chamou, ainda olhando para o tabuleiro. — Sei que, por algum milagre, você engendrou outro herdeiro, agora um varão, mas...

— Eu sei, *pappoús*, ela é incrível!

— Não! Ela é uma Karamanlis como nenhum de vocês jamais foi! — Isso me surpreendeu, mesmo que tenha sido rude. — Eu confiaria a minha empresa a essa menina agora mesmo e tenho certeza de que ela faria um trabalho melhor que o de todos vocês juntos.

— *Pappoús,* nós já falamos sobre isso. Tessa gosta de artes, é sensível. Não vamos pressioná-la a nada, por favor.

Ele assentiu, mas eu reconhecia aquele olhar.

— Eu vejo, Theodoros, como eu via em Geórgios II, como vi em você. — Ele me encarou. — A menina nasceu para dirigir a empresa. — Pôs-se de pé. — Você já cumpriu sua missão comigo.

Abri um sorriso, mesmo ainda não concordando com as expectativas dele.

— Já posso morrer, então? — brinquei e, claro, recebi o olhar que ele sempre fazia quando algo o desagradava. — Desculpe, vovô.

As risadas dos dois voltam a ecoar pelo salão, agora seguida das de Laura e

Lucca, então sorrio também. Eu acho que quem cumpriu uma missão foi Tessa! Não, não foi a de uma herdeira para a empresa, mas sim a de alegrar os últimos anos de um taciturno grego.

É, respiro fundo e olho ao redor, ainda nem posso acreditar que estão todos aqui!

Agradecimentos

A Deus, sempre!

Aos meus familiares, que torcem, vibram e entendem minha loucura, a falta de tempo, meus horários doidos e minha irritação (às vezes a falta de sono deixa meu humor péssimo) e ainda assim me suportam! Amo vocês!

À minha amiga e revisora Analine Borges Cirne pelo trabalho maravilhoso sempre! Desculpe a pressão, Ana, te amo!

À minha amiga/conselheira/carrasca/dona da porra toda Wilka Maria, mais conhecida entre as Jujubets como Kika! Xu, você não tem ideia de como me sinto mais segura tendo você ao meu lado durante a criação de cada história. Obrigada por você existir na minha vida, pelos puxões de orelhas, pelas “viagens” junto comigo e por ser essa pessoa linda e iluminada que encanta a todos. Amo você demais!

Às pessoas diretamente ligadas a essa história, com ajuda de conteúdo ou divulgações, minha eterna gratidão. Especialmente à doutora Thais Magnabosco

Spinola Silva, a maravilhosa pediatra que me assistiu com a parte médica deste livro; a Jaqueline Queiroz, que me conquistou com sua personalidade marcante e me inspirou a criar a Manola; e às Jujubas que agitaram as redes sociais em busca de disseminar o “Theozudo” para o maior número de pessoas possíveis: Francijane Nogueira, Rosilene Rocha, Erica Macedo, Ana Carolina Rangel e Rosiane Conrado. Obrigada demais! Sem vocês, este livro não teria conquistado tantos corações.

Aos leitores do Wattpad, pela incrível interação com nosso grego e pela aceitação do próximo livro da série, *Kostas*, a começar em breve por lá. Vamos fazer o mauzinho virar cordeiro?! Adorooooo!

Às amigas e parceiras blogueiras que estão sempre me ajudando nos lançamentos ou fazendo resenhas lindas de morrer! Obrigada pelo apoio. O trabalho de vocês é muito importante!

E, claro, a você, leitor, que prestigia mais uma vez meu trabalho! Estou ansiosa para que descubram todos os segredos dessa família tão singular!

#gratidãoSEMPRE

Ju.

Sobre a autora

J. MARQUESI é uma faz-tudo de 34 anos que começou a escrever na adolescência, em cadernos pautados. Acha-se uma metamorfose ambulante, pois já quis ser cantora, atriz, artesã, locutora de rádio, musicista, escritora e chef de cozinha. Atualmente é advogada, mãe e esposa, mas nunca deixou para trás seu sonho de um dia poder mostrar suas histórias a alguém.

Outras obras

NEGÓCIO FECHADO

Série *Família Villazza*, livro 1

Disponível em e-Book

Compre aqui!

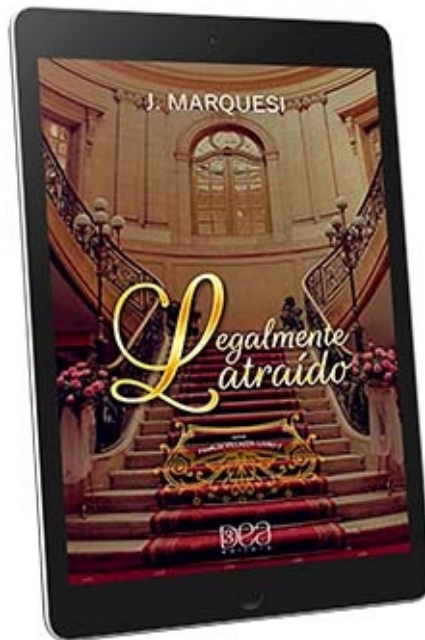
Disponível em formato impresso

Compre aqui!

SINOPSE

Marina, com apenas 24 anos, carrega marcas profundas causadas pela perda dos pais e pela saudade. Sozinha, sem formação e experiência, vê a oportunidade de reconstruir sua vida trabalhando como camareira em um luxuoso hotel do Rio de Janeiro. Porém, a chegada de um misterioso hóspede e a atração irresistível entre eles, desperta nela sentimentos nunca antes conhecidos.

Antonio é um italiano que mora no Brasil desde criança e já se considera um brasileiro. Ele carrega dentro de si um sofrimento que esconde de todos, embora essa dor norteie a sua vida, e nem todo o dinheiro que tem é capaz de amenizá-la.

Poderiam pessoas de mundos tão distantes viverem uma grande paixão?

LEGALMENTE ATRAÍDO

Série *Família Villazza*, livro 2

Disponível em e-Book
Compre aqui!
Disponível em formato impresso
Compre aqui!

SINOPSE

Frank Villazza é conhecido como o CEO playboy. Homem charmoso e rico, muito satisfeito com a vida que leva sem compromissos. As únicas coisas que lhe importam são: sua família, sua guitarra e suas amadas motos... e, claro, todas as mulheres gostosas que como ele, querem apenas diversão. O que o playboy não sabe é que ninguém pode controlar o destino – ou o coração.

Isabella Romanza é uma advogada determinada que sempre batalhou para se tornar a melhor em sua área. Mas, atrás dessa mulher independente, esconde-se uma garota que foi magoada pela rejeição do homem que amava e por um segredo que envolve a sua família.

O destino – que não conspira a favor de ninguém – coloca a advogada sexy e temperamental para trabalhar com o playboy, deixando-o louco. Levar a mulher para cama era o desafio de Frank. Não entregar o coração para o Frank “Galinha” Villazza era o desafio de Isabella.

DUAS VIDAS

Série *Recomeço*, livro 1

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

Dois homens iguais, duas vidas marcadas por um jogo do destino.

Eric e Thomas Palmer são gêmeos e possuem uma relação conturbada. Após um grave acidente a vida dos dois é colocada em xeque e um só tem uma segunda chance. O sobrevivente precisa reaprender a viver, a lidar com sentimentos confusos, culpa e com as limitações físicas que o acidente lhe deixou.

Analiz Castro é uma mulher independente e segura. Ela batalhou até se formar em fisioterapia, o que ama de paixão, e após ser despedida do hospital onde trabalhava, Liz recebe a oportunidade de cuidar da reabilitação do homem que, no passado, a machucou muito, fazendo-a voltar à ilha que prometeu nunca mais pisar.

O destino os reúne novamente, dando a possibilidade de um recomeço para ambos. Um romance sobre perdão, recomeço e segunda chance.

DOIS CORAÇÕES

Série *Recomeço*, livro 2

Disponível em e-Book
Compre aqui!

SINOPSE

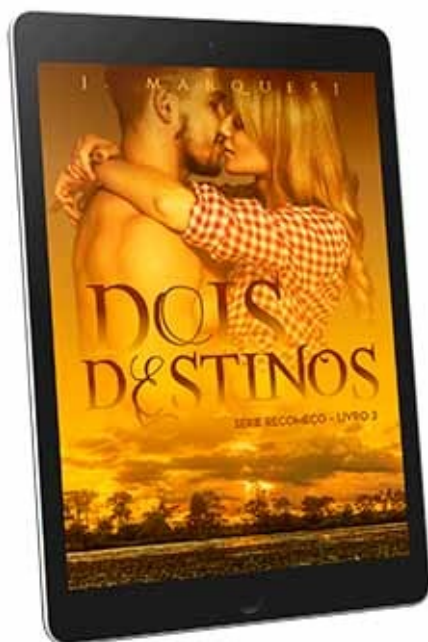
Cadu Fontenelles tem fama, dinheiro e mulheres, mas trocaria isso tudo por apenas uma coisa: a oportunidade de criar sua filha.

Depois de perder a mulher que amava, ele se vê totalmente perdido, afundando em drogas e álcool, sendo impedido de ficar com Amanda, que está sendo criada por seus ex-sogros. Decidido a mudar de vida para ter a menina, ele enfrentará uma enorme batalha contra o vício. Contudo, irá descobrir que o destino ainda guarda muitas surpresas para o seu coração.

Lara Martins mudou-se para São Paulo para estudar e acabou se tornando babá de Amanda Kaufmann, uma menina solitária e infeliz que perdeu a mãe ainda bebê e cujo pai é limitado a vê-la sob supervisão. Lara entende o que é uma infância triste, pois nasceu com um problema cardíaco que a restringiu de ser como as outras meninas e cresceu sob a superproteção de seus pais. Disposta a tudo para fazer sua pupila feliz, ela bola um plano para aproximar pai e filha e, no percurso, acaba se apaixonando por Cadu.

Ele, um homem quebrado, cheio de marcas do passado, que insiste em viver um eterno luto sentimental. Ela, querendo viver intensamente, aberta a sentir o

amor pela primeira vez. A paixão entre os dois é intensa, mas Lara sabe que Cadu não pode amá-la, uma vez que continua ligado à falecida mãe de Amanda.

Há chance de dois corações tão sofridos serem finalmente felizes?

DOIS DESTINOS

Série *Recomeço*, livro 3

Disponível em e-Book

Compre aqui!

SINOPSE

No coração do Pantanal, dois destinos tão diferentes se encontram...

Guilherme é peão pantaneiro que gosta das coisas simples: seu cavalo, sua viola, um bom churrasco e um tereré após o trabalho duro. A verdade é que nem sempre sua vida foi assim. Misterioso, o peão guarda dentro de si uma dor que tenta esquecer, mas a culpa o impede. A fazenda e os tios são tudo o que mais preza, seu porto seguro, e ele não deixará ninguém atrapalhar isso.

Até que uma dondoquinha da cidade grande aparece...

Malu Ruschel é uma executiva de sucesso disposta a trabalhar sem parar para atingir seu objetivo: ser a primeira mulher na diretoria da Karamanlis. Sua obsessão pelo trabalho a faz ficar doente, e ela é obrigada a tirar férias (acumuladas há 10 anos) e, assim, embarca para um SPA no Mato Grosso do Sul. Acontece que o tal SPA nunca existiu, e Malu se vê no meio de uma fazenda de gado no coração do Pantanal Sul, sem nenhum meio de se conectar com a civilização, com apenas uma ordem: descansar!

Como ela conseguiria relaxar com um peão xucro – e muito gostoso – provocando-a a todo momento, levando-a ao limite da raiva e do desejo?

Guilherme não gosta dela por trazer de volta lembranças amargas de seu passado e Malu não entende por que esse homem a atrai tanto. Os dois resolvem curtir uma aventura de férias sem saber que isso é apenas o início de um verdadeiro recomeço.

DOIS DESTINOS, o terceiro livro da série RECOMEÇO, vem recheado com humor, erotismo e, claro, um segredo de tirar o fôlego!

Notas

[←1]

Nota da autora: *Você terá que me matar primeiro, maldito!*

[←2]

Nota da autora: Avô em grego.

[←3]

Nota da autora: *Eu e sra. Jones, sra. Jones, sra. Jones, sra. Jones, sra. Jones, temos algo acontecendo entre nós/ Nós ambos sabemos que isto é errado, mas é muito forte para deixar passar agora.* (tradução literal). **Me and Mrs. Jones. Kenny Gamble, Leon Huff and Cary Gilbert. Intérprete: Billy Paul.**

[←4]

Nota da autora: *Minha namorada engraçada/Doce, namorada cômica/Você me faz sorrir com o meu coração/Suas caras são cômicas, infotografáveis/Ainda assim você é a minha obra de arte favorita.*

[←5]

Nota da autora: Romancista brasileiro do século XIX. A expressão está citada na obra “O Cortiço”, de 1890.

[←6]

Nota da autora: Deus, em grego.

[← 7]

Nota da autora: Avó em grego.

[←8]

Nota da autora: *Please, take me back to toyland (Por favor, leve-me de volta à terra dos brinquedos).* **Nat King Cole, 1955.**

[←9]

Nota da autora: *Unforgettable (Inesquecível)*. **Irving Gordon, 1951. Intérprete: Nat King Cole.**

[←10]

Nota da autora: *Duda, tudo pronto, podemos pedir o café...*

[←11]

Nota da autora: Babaca, imbecil (em grego).

[←12]

Nota da autora: *Algum problema?*

[←13]

Nota da autora: *Não, meu amigo. Tudo bem!*

[←14]

Nota da autora: *Não quero café. Podemos ir?*

[←15]

Nota da autora: *Três estrelas, meu Deus!*

[←16]

Nota da autora: Chefe de partida.

[←17]

Nota da autora: *Ele disse que é um prazer receber um chef tão talentoso e prestigioso quanto você.*

[←18]

Nota da autora: Chefe especializado nas sobremesas.

[←19]

Nota da autora: Nome dado ao profissional que faz a ponte entre a cozinha e o salão, organizando os pedidos.

[←20]

Nota da autora: Ágape (amor), em grego.

[←21]

Nota da autora: *Duda, minha pequena, eu preciso que você me acompanhe.*

[←22]

Nota da autora: Um tipo de coxinha de camarão com catupiry em que o rabo do crustáceo fica para fora.

[←23]

Nota da autora: Vacheron Constantin – marca suíça de relógios fundada em 1755.

[←24]

Nota da autora: Patê.

[←25]

Nota da autora: *Kalinychta* – Boa noite, em grego.

[←26]

Nota da autora: *Tóso kairó* – Até logo, em grego.

[←27]

Nota da autora: *Eu mexo com você? Isso é excitante?/Eu fissuro você? Você está preparado?/Eu acalmo você? Me diga a verdade agora!/Eu mexo com você? Você está relaxado agora?/É melhor que a resposta seja (sim, sim)/Aquela que me satisfaz!*

[←28]

Nota da autora: O termo *wingman* se refere ao amigo (braço direito) que sai junto ao outro para ajudar a conseguir mulheres. Geralmente os *wingmen* se ocupam das menos atrativas de um grupo, deixando o caminho livro para o amigo conquistar a mais bela (ou a que mais lhe atraia).

[←29]

Nota da autora: *Georgia on my mind.* 1930. **Hoagy Carmichael e Stuart Gorrell.** Intérprete: Ray Charles (1960).

[←30]

Nota da autora: *All the way*. 1957. **Frank Sinatra.** Intérprete: Billie Holliday, 1959.

[←31]

Nota da autora: *I put a spell on you*. 1956. **Jalacy "Screamin' Jay" Hawkins.** Intérprete: Nina Simone. 1965.

[← 32]

Nota da autora: *Prinkípissa* – princesa, em grego.

[←33]

Nota da autora: *Mikrí prinkípissa* – princesinha, em grego.

[←34]

Nota da autora: *Céus!*

[←35]

Nota da autora: Mentiroso.

[←36]

Nota da autora: *Eu vejo as árvores verdes, rosas vermelhas também/Eu as vejo florescer para mim e você/E penso comigo mesmo, que mundo maravilhoso.*

[←37]

Nota da autora: *Eu vejo os céus tão azuis e as nuvens tão brancas/O brilho abençoado do dia, e a escuridão sagrada da noite/E eu penso comigo mesmo, que mundo maravilhoso.* **What a wonderful world. Louis Armstrong.**

[←38]

Nota da autora: Procusto é uma figura da mitologia grega. De acordo com a lenda, era um bandido cujo pai era Poseidon. Reza a lenda que ele tinha uma cama de ferro do seu tamanho exato. Todos aqueles que albergava em sua casa eram obrigados a deitar-se na sua cama. Se os viajantes não coubessem nela, eram cortados ou esticados, consoante fossem altos ou baixos demais. Nunca nenhum viajante se adaptava à cama, porque secretamente Procusto possuía duas camas de tamanho diferente. Manteve este terror por muito tempo até ser capturado pelo herói Teseu, que o condenou ao mesmo terror que ele aplicava aos seus hóspedes - prendeu-o à sua própria cama e lhe cortou a cabeça e os pés.

[←39]

Nota da autora: Irmãzinha (grego).

[←40]

Nota da autora: Eu te amo – em russo.

[←41]

Nota da autora: *Vieste*. **Ivan Lins e Victor Martins. 1987.**

Table of Contents